COLEÇÃO FÉ EVANGÉLICA



O SER DE DEUS

e os seus atributos

Heber Carlos de Campos

O Ser de Deus © 1999, Editora Cultura Cristã. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 1999 – 3.000 exemplares
2ª edição – 2002 – 3.000 exemplares

Revisão
Alderi de Souza Matos
João Alves
Nilza Água
Tarcízio José Freitas de Carvalho
Alzira Maria Muniz Joaquim

Editoração
Eline Alves Martins

Capa
Expressão Exata

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste e Sebastião Bueno Olinto.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Dedicatória

À Zeli, minha amada esposa e amiga,
dedico os primeiros frutos do meu labor.

Índice

Apresentação 7

Prefácio 9

Introdução
O SER DE DEUS 12

Capítulo 1
A EXISTÊNCIA DE DEUS 27

Capítulo 2
O DEUS CONHECÍVEL 57

Capítulo 3
DEUS É INCOMPREENSÍVEL 70

Capítulo 4
OS NOMES DE DEUS 84

Capítulo 5
A TRINDADE DE DEUS 104

Capítulo 6
OS ATRIBUTOS DE DEUS 162

Parte 1
ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS 169

Capítulo 7
A ESPIRITUALIDADE DE DEUS 171

Capítulo 8
A INDEPENDÊNCIA DE DEUS 179

Capítulo 9
A IMUTABILIDADE DE DEUS 188

Capítulo 10
A INFINIDADE DE DEUS 202

Parte 2
ATRIBUTOS COMUNICÁVEIS 218

Capítulo 11
O CONHECIMENTO DE DEUS 221

CAPÍTULO 12
A SABEDORIA DE DEUS 233
CAPÍTULO 13
A VERACIDADE E A FIDELIDADE DE DEUS 247
CAPÍTULO 14
A BONDADE DE DEUS 255
CAPÍTULO 15
O AMOR DE DEUS 262
CAPÍTULO 16
A PACIÊNCIA DE DEUS 275
CAPÍTULO 17
A MISERICÓRDIA DE DEUS 289
CAPÍTULO 18
A GRAÇA DE DEUS 303
CAPÍTULO 19
A SANTIDADE DE DEUS 323
CAPÍTULO 20
A JUSTIÇA DE DEUS 340
CAPÍTULO 21
A VONTADE SOBERANA DE DEUS 367
CAPÍTULO 22
O PODER SOBERANO DE DEUS 400

ÍNDICE REMISSIVO DE TEXTOS 425
BIBLIOGRAFIA 432

Apresentação

A lacuna no mercado evangélico brasileiro de um livro que tratasse do ser de Deus de forma acadêmica e teologicamente correta acaba de ser preenchida com a publicação dessa obra de Heber Carlos de Campos. Comprometido com a veracidade e a autoridade das Escrituras, profundo sem ser ininteligível, acadêmico sem ser pedante, conservador sem ser surdo, pastoral sem ser superficial, Heber Campos reuniu nesse volume os conhecimentos de quem pesquisa e ensina sobre esse assunto já por muitos anos. Os que já conheciam e apreciavam a obra clássica de J. I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, certamente receberão com entusiasmo o trabalho de Heber, que segue na mesma tradição calvinista, além de abordar mais exaustivamente o assunto e interagir com correntes e pensamentos de autores mais modernos.

Heber explora nessa obra os principais temas relacionados com o ser de Deus. Na parte introdutória, ele trata da existência de Deus, da possibilidade de conhecermos a Deus, de sua transcendência e incompreensibilidade, dos nomes de Deus e da sua triunidade. Na Parte I, Heber aborda de forma competente os atributos incomunicáveis de Deus, analisando e discutindo a independência de Deus, questões relacionadas com o conceito da imutabilidade do ser divino e a infinidade de Deus. Na Parte II é a vez da doutrina dos atributos comunicáveis passar pela análise meticulosa do autor, que examina o conhecimento, a sabedoria, a veracidade e a fidelidade de Deus, fazendo cuidadosa distinção teológica entre a bondade, o amor, a paciência, a misericórdia e a graça de Deus. A santidade e a justiça de Deus são tratadas em seguida, encerrando-se a obra com uma discussão sobre a vontade e o poder soberanos de Deus. Os índices remissivos de textos e assuntos e uma bibliografia selecionada enriquecem o livro.

Numa época de tanta superficialidade doutrinária e afastamento das doutrinas bíblicas, livros como este são bem-vindos, não somente para os estudantes de seminários e institutos bíblicos, como também para todos os que desejarem, biblicamente, adquirir um conhecimento profundo sobre o Deus das Escrituras Sagradas.

Heber é doutor em Teologia Sistemática, mas é antes de tudo um intérprete das Escrituras. É a elas que ele recorre insistentemente para argumentar e definir um ponto, muito embora conheça o pensamento e as idéias de outras autoridades em teologia. Além disto, cada capítulo encerra-se com diversas aplicações práticas para os conceitos discutidos, revelando a preocupação pastoral do autor.

É essa combinação de exegese bíblica, sensibilidade teológica, compromisso com as Escrituras, desenvolvimento lógico e preocupação pastoral que fará com que *O Ser de Deus* seja contado entre as obras mais importantes e relevantes produzidas hoje pela academia evangélica reformada brasileira.

Augustus Nicodemus Lopes
São Paulo, Junho de 1999

Prefácio

Desde há muito venho trabalhando para produzir alguma obra que falasse de Deus de uma forma que todos os crentes pudessem entender, uma obra que fosse uma espécie de teologia coloquial. Todavia, isto é muito difícil de conseguir. Não pude fugir a certos termos clássicos, a algumas citações em grego (com tradução) e umas poucas expressões técnicas em latim, mas de tal forma que o leitor não precise ser um erudito para compreender o texto.

A doutrina de Deus, seu ser e seus atributos, praticamente não aparece nas publicações em português, exceto em menor porção na tradução da *Teologia Sistemática* de Louis Berkhof. Esta é uma tentativa de preencher uma lacuna na literatura evangélica brasileira nesta área. Todas as outras publicações afins, disponíveis em nossa língua, não tratam da doutrina de Deus com a extensão que procurei dar. É também uma tentativa no sentido de ajudar os ministros da Palavra, sejam eles ordenados ou não, professores de Escola Dominical e outros que se interessam no aprendizado do Deus em que crêem, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus que as Escrituras apresentam. Tentei ser leal em tudo que pude à Revelação Divina e aos princípios de fé reformados que esposo.

Este trabalho começa com o estudo do ser divino triunitário e termina com o estudo dos seus atributos. São duas seções que englobam muitas coisas de Deus que merecem e devem ser conhecidas por todos aqueles que o amam. Para mim sempre foi uma alegria imensa ensinar o que aprendi sobre Deus, tanto nos livros como na experiência cristã. O estudo do ser divino e seus atributos tem sido de grande consolação para a minha vida devocional. Cada vez que levanto a minha voz para transmitir o que aprendi de Deus na sala de aula, na Escola Dominical ou no púlpito da minha igreja tenho emoções profundas, pois esse assunto é mais do que uma série de meras informações sobre Deus. É consolo para a minha alma, esperança para o meu coração, delícia para a minha mente, energia para o meu corpo. Deus tem sido a minha esperança desde a minha meninice, quando fui educado na fé evangélica. Oro a Deus para que estas mesmas sensações sejam provocadas na vida do leitor que se apropria das verdades

infalíveis de Deus que estão registradas nas Escrituras Sagradas e que as observações deste livro sejam úteis e abençoadoras para todo leitor atento ao que Deus é e faz.

Este livro é o primeiro fruto resultante de muitos labores, o resumo de muitas aulas ministradas no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e de pesquisas feitas onde trabalhei – o Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. O meu desejo é que o leitor conheça o Deus que as Escrituras apresentam, e que não tenha uma idéia distorcida dele. Muitos há que ensinam sobre um Deus que não reflete o Deus das Escrituras, um Deus criado pela imaginação ou pelo desejo dos homens, uma projeção melhorada daquilo que eles próprios são. O meu intuito é dar informações importantes sobre o Deus Criador, Redentor e Senhor dos senhores com base nas informações que ele próprio dá de si.

Tomara Deus ajude o leitor a *conhecer* o que dele pode ser conhecido, a *crer* no que ele diz de si e a *ensinar* e a *proclamar* o que ele ordena, a fim de que a sua igreja cresça sadia e forte, e seja livre de enganos. Esse é meu desejo e oração em favor de todos os que buscam o conhecimento de Deus.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO – O SER DE DEUS

A. A Singularidade de Deus 13

B. A Imanência e a Transcendência de Deus 13

1. Imanência 14

a. Perigos da Imanência 15

a.1. Identificar Deus com Satanás 15

a.2. Identificar Deus com o Universo Criado 16

b. Importância da Doutrina da Imanência 16

b.1. Da Parte de Deus 17

b.2. Da Nossa Parte 17

2. Transcendência 17

a. Um Perigo a Ser Evitado 20

b. A Necessidade da Transcendência 20

c. Resultantes da Transcendência 20

3. Imanência e Transcendência Lado a Lado 21

C. O Impacto do Estudo do Caráter de Deus em Nossa Vida 22

1. O Único Modo de Se Conhecer a Deus Hoje É Através do Estudo do Seu Caráter Conforme Revelado nas Ecrituras 22

2. O Caráter de Deus Deve Ser Usado como Fonte para Toda a Moralidade Humana 23

3. A Ausência do Conhecimento do Caráter de Deus Conduz à Idolatria e a Outros Pecados Odiosos 23

4. Conhecendo o Caráter de Deus Haveremos de Desfrutar de um Melhor Relacionamento com Ele 24

5. Conhecendo o Caráter de Deus Vamos Melhorar em Muito a Nossa Adoração Corporativa 24

6. O Conhecimento do Caráter de Deus Faz-nos Ver a Vida e o Universo que nos Cerca de uma Nova Perspectiva 25

INTRODUÇÃO

O SER DE DEUS

As doutrinas da revelação e da inspiração das Escrituras, geralmente consideradas sob o título "Prolegômenos à Teologia", que devem ser estudadas antes do assunto deste livro, preparam-nos para o estudo da doutrina de Deus, que é a teologia propriamente dita. Não poderíamos conhecer a Deus se ele não se revelasse nas obras da natureza, no desenrolar da História, na constituição da natureza humana e, especialmente, no que diz a sua Palavra. As primeiras são uma revelação não-verbal, sem qualquer conotação redentora. A última, esta sim, é verbal e possui, na sua grande porção, uma conotação eminentemente redentora. É esta revelação verbal que nos fornece todo o material para o estudo proposto neste trabalho. O ser divino deve ser objeto do nosso estudo mediante pesquisa que fazemos de sua revelação. Não podemos ter qualquer noção da divindade a não ser pela sua própria revelação. Portanto, o objeto de estudo não é propriamente Deus, mas Deus através da sua revelação.

Quando estudamos o conjunto da revelação divina, formulamos conceitos que, após serem devidamente organizados, são chamados de "teologia" ou o corpo de doutrina que aceitamos.

Infelizmente, muitas pessoas em nossa época têm tomado aversão pela palavra "doutrina" ou "teologia". Para essas pessoas, doutrina significa uma coisa árida e teologia simplesmente o pensamento ou a opinião dos homens a respeito de Deus. É verdade que a teologia é uma elaboração humana, mas a teologia sadia é uma tentativa séria e justa de entender corretamente a revelação que Deus faz de si mesmo nas Escrituras. É verdade também que, em alguns círculos, a doutrina tem sido apresentada como alguma coisa árida e a teologia como simples pensamento de homens, mas este trabalho tem a finalidade de mostrar que tanto uma coisa quanto a outra são perfeitamente legítimas e utilíssimas para a vida saudável da igreja de Jesus Cristo, se devidamente formuladas.

A teologia cristã não é um amontoado de pensamentos dos teólogos sobre

Deus, mas antes é uma teologia formulada com base na revelação divina, que implica num Deus que houve por bem dar-se a conhecer aos homens. Portanto, a tarefa do estudante da teologia é conhecer aquilo que Deus disse de si mesmo na sua revelação especial, mediante a pesquisa das Santas Escrituras e da revelação da criação, também conhecida como revelação geral. Todavia, no estudo da teologia, não se deve eliminar a opinião dos teólogos no decorrer da História, pois esta é a maneira de Deus mostrar como conduziu o pensamento dos cristãos durante os séculos. Não podemos ignorar o que eles pensaram, inclusive para não incorrermos nos mesmos erros que alguns deles cometeram.

Contudo, a força da teologia não está no pensamento dos homens, mas no resultado da análise – cada vez mais apurada – que eles e nós fazemos daquilo que Deus revelou de si mesmo.

As noções que tivermos do Ser Divino e de suas obras serão o fundamento para todas as outras doutrinas da fé cristã. Tudo o que estudarmos em teologia estará associado à nossa concepção de Deus. O que cremos sobre Deus determinará os nossos padrões de moralidade, porque a Palavra de Deus é o padrão da moralidade. Tudo o que viermos a saber sobre Deus determinará todos os outros relacionamentos nos vários campos da teologia.

A. A SINGULARIDADE DE DEUS

A teologia chama este aspecto de Deus de *Unitas Singularitatis*. Essa unidade diz respeito à singularidade de Deus, isto é, ele é único, sem par. Ele é um, não há nenhum outro além dele. Todos os outros seres têm existência por causa dele, e nele.

Há muitos textos da Escritura que mostram esse aspecto singular de Deus. Ele é um – Dt 6.4; 32.39; 1Rs 8.60; portanto, só a ele devemos adoração – 1Rs 8.61; Is 37.16; 43.10, 11; 44.6, 8; Mc 12.29-32; 1Co 8.4, 6; Gl 3.20; Ef 4.6; 1Tm 2.5.

Se houvesse mais de um Deus, não haveria Deus de fato. O politeísmo nega o Absoluto, nega a Última Causa, nega a independência de Deus, nega a imutabilidade de Deus, nega a eternidade de Deus. A unidade de Deus singulariza a religião revelada. Nenhuma outra religião afirma categoricamente a unidade de Deus.

B. A IMANÊNCIA E A TRANSCENDÊNCIA DE DEUS

O Deus das Escrituras é o Deus do teísmo, aquele que ao mesmo tempo é imanente (se relaciona com a criação) e transcendente (está acima e sobre a criação).

Estas duas idéias teístas devem estar em equilíbrio na mente de todo estudioso das Escrituras. Se houver uma ênfase exagerada numa das duas idéias, a crença teísta fica prejudicada. Se, por um lado, enfatiza-se exageradamente a imanência, perde-se a noção de um Deus pessoal, porque há o perigo de se cair quase que na identificação de Deus com a sua criação, como acontece com os que possuem tendência panteísta. Se, por outro lado, houver ênfase excessiva na transcendência, incorre-se no erro de se perder a noção de um Deus ativo na História, como é o caso daqueles que possuem tendências deístas.

A noção que tivermos da imanência e da transcendência de Deus afetará muitos outros aspectos de nossa crença, inclusive a nossa vida prática.

Imanência e transcendência, diz Millard Erickson,

> não deveriam ser consideradas como atributos de Deus. Antes, esses dois conceitos atravessam os vários atributos da grandeza e da bondade de Deus. Alguns dos atributos são, para ser exato, inerentemente mais expressivos da transcendência de Deus, e outros mais expressivos de sua imanência; mas, em geral, a transcendência e a imanência deveriam ser consideradas como indicações de como Deus, em todos os seus atributos, está relacionado com este mundo.[1]

1. IMANÊNCIA

A imanência de Deus diz respeito ao seu relacionamento com o mundo criado, especialmente com o ser humano e sua história. Deus está profundamente envolvido com a história humana. Ele age de maneira ordinária, direta e indiretamente, e até mesmo intervém de modo especial na vida dos seres humanos que criou, especialmente na vida daqueles com os quais tem uma relação pactual, aqueles a quem Jesus Cristo veio remir.

Há alguns versos das Escrituras que denotam a preocupação de Deus com o universo criado, e isto é imanência:

> Jr 23.24 – Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? – diz o Senhor; porventura, *não encho eu os céus e a terra*? – diz o Senhor.

Embora este verso enfatize uma certa noção da grandeza de Deus, de sua imensidão, na verdade ele fala da preocupação de Deus com os seres humanos. Isto é, ele está envolvido com eles de tal modo que ninguém escapa de suas vistas.

> Êx 3.7, 8 – Disse ainda o Senhor: *Certamente, vi a aflição do meu povo*, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofri-

[1] Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids: Baker, 1990), 302.

mento; *por isso, desci* a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel...

Deus mostra aqui o seu envolvimento afetivo com as pessoas que eram parte do povo de Israel, em suas necessidades, mostrando-se interessado nelas, a despeito da sua imensa grandeza.

Jó 34.14, 15 – Se Deus pensasse apenas em si mesmo e para si recolhesse o seu espírito e o seu sopro, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó.

Se Deus ficasse voltado apenas para si mesmo, sem se preocupar com os seres humanos, todos haveriam de perecer, porque todos dependem da ação imanente de Deus. Em geral, podemos dizer que, sem Deus, os homens e a natureza são semelhantes a nada. Todos são dependentes de Deus.

Sl 104.27-30 – Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. Se ocultas o rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra.

A ausência de Deus deste mundo seria a morte de todos os viventes. A vida e a renovação da mesma dependem inteiramente do envolvimento de Deus com o mundo. Todas as obras de Deus, na criação, na providência e na redenção, mostram como Deus está diretamente relacionado conosco. Deus age de acordo com os padrões regulares da natureza, estando ativo tanto nos organismos como nas organizações.

a. PERIGOS DA IMANÊNCIA

As Escrituras afirmam a imanência de Deus, mas dentro de certos limites. Quando esses limites são ultrapassados, pode haver a geração de distorções teológicas.

a.1. Identificar Deus com Satanás

Se ensinamos um imanentismo exagerado em nossa teologia, corremos o risco de não distinguir, de maneira correta, a ação de Deus da de Satanás, e haveremos de enfrentar grandes distorções de teoria e de conduta.

Quem trabalhou bastante com esse assunto foi Karl Barth. Ele mencionou dois casos na história da Alemanha que evidenciam os erros de um imanentismo exacerbado. O primeiro teve conexão com a Primeira Guerra Mundial, quando certos cristãos alemães identificaram a política de guerra do Kaiser Wilhelm

como a obra de Deus cumprindo os seus propósitos. O segundo caso surgiu nos anos trinta, quando alguns cristãos consideraram as políticas de Adolf Hitler e do Nazismo como uma atividade de Deus no mundo.[2] Em ambos os casos,

> a suposição de que qualquer coisa que ocorre é a vontade de Deus levou cristãos sinceros a endossarem e a darem suporte ao que era realmente mau e anticristão. Este é um dos perigos de afirmar exageradamente a imanência de Deus... Quando enfatizamos demasiadamente a imanência em prejuízo da transcendência, Deus se torna, virtualmente, um rótulo para as aspirações, os ideais e os valores mais altos dos homens.[3]

Portanto, devemos ter uma noção correta da imanência de Deus, sem levantar problemas para a ética cristã.

a.2. Identificar Deus com o Universo Criado

Se não possuímos um entendimento correto da imanência de Deus, podemos cair no sério erro do panteísmo, que identifica Deus com o mundo. Este é uma extensão de Deus e Deus passa a possuir uma substância física. A energia física presente no mundo é Deus. Este veio a ser identificado com o mundo físico. Quando se aceita um Deus assim, ele perde a sua própria personalidade, manifestando-se na existência de todas as coisas.

Muitos no passado trabalharam com o panteísmo de várias formas. Presentemente, existem defensores da idéia de que Deus está dentro de nós. Os adeptos da Nova Era e alguns círculos do neo-pentecostalismo têm assimilado esse pensamento herético.

b. IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA DA IMANÊNCIA

Essa doutrina é essencial para o cristianismo, pois se Deus não fosse imanente, ele não poderia relacionar-se conosco, nem o Verbo poderia encarnar-se para realizar a nossa redenção. É necessário que creiamos em um Deus separado dos homens, santo, distinto dos pecadores, mas também em um Deus que se revela e se envolve com o universo por ele criado.

Se negamos a imanência de Deus, negamos a doutrina da providência divina, negamos a doutrina da personalidade divina, negamos a doutrina do amor de Deus. Portanto, como cristãos teístas que somos, temos que afirmar a doutrina da imanência de Deus, sem, contudo, cair nos múltiplos erros do panteísmo.

---

[2] Karl Barth, *The Church and the Political Problem of Our Day* (Nova York: Scribner, 1939), citado por Erickson, 310.

[3] Erickson, *Christian Theology*, 310.

Além das idéias acima, há algumas coisas que precisamos deduzir da correta doutrina da imanência de Deus:

b.1. Da Parte de Deus

• Deus não precisa necessariamente trabalhar de maneira imediata (isto é, sem o uso de meios) para cumprir os seus propósitos. A criação e todos os seres racionais estão a serviço de Deus. Por exemplo: ele pode usar os elementos da natureza ou a própria medicina para curar alguém. Ele pode usar as causas secundárias ou causas naturais para levar a cabo os seus fins.

• Deus, em virtude do seu envolvimento com a criação, pode usar pessoas ou organizações não-cristãs para cumprir seus planos. Foi assim que Deus fez com a Assíria e com a Babilônia para tratar com Israel.

b.2. Da Nossa Parte

• Deveríamos ter uma apreciação por tudo o que Deus criou e tem preservado, pois a criação pertence a Deus e ele está ativo nela. Por essa razão, devemos usá-la para nossas necessidades legítimas, sem explorá-la indevidamente. Portanto, "a doutrina da imanência de Deus tem uma aplicação ecológica".[4] Precisamos tratar respeitosamente a criação de Deus e aqueles que são feitos à sua imagem e semelhança.

• Devemos aprender algo sobre Deus na sua criação. Ela nos dá uma boa idéia de quem é Deus. Observemos como a natureza funciona e meditemos nas perfeições de Deus.

2. TRANSCENDÊNCIA

A doutrina da transcendência de Deus está presente em todas as religiões teístas. Essa noção é saliente no judaísmo, no islamismo e, de um modo especial, em todas as manifestações do cristianismo. É a doutrina que fala que Deus está assentado nas alturas, no seu trono, sendo um Deus separado da sua criação e independente dela.

Sendo separado e independente da sua criação, Deus está além dela e sobre ela. As Escrituras referem-se a Deus como o "altíssimo", como aquele que está sobre todas as coisas, "elevado", indicando a sua superioridade sobre todas as coisas que vemos e das quais sabemos. Deus não está preso às mesmas categorias que os seres humanos, isto é, tempo e espaço, por isso não deve ser medido por elas.

[4] Erickson, *Christian Theology*, 311.

As Escrituras têm algumas informações preciosas a respeito da transcendência de Deus. Sua transcendência pode ser observada na grandeza de seus pensamentos, do seu poder e dos seus conhecimentos.

> Is 55.8, 9 – Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.

Estes versos nos dizem que o Senhor está acima do nosso conhecimento e da nossa capacidade de compreendê-lo, pois ele está acima das nossas relações e do nosso nível. Por essa razão, Zofar disse a Jó: "Porventura, desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até à perfeição do Todo-poderoso?" (Jó 11.7).

Deus é um ser absolutamente distinto de sua criação e de todas as outras pessoas. Deus é infinitamente superior em tudo a todas as coisas que podemos perceber ou imaginar. A. A. Hodge diz que se

> Deus não fosse extramundano, se não fosse uma pessoa transcendente e separada, revelando-se a si mesmo objetivamente, ordenando tudo de cima e trabalhando com suas criaturas de fora, seguir-se-ia que ele não pode suster-se tanto nas relações governamentais como sociais conosco.[5]

A transcendência é uma necessidade absoluta em Deus. Negar a sua transcendência é retirar dele o que lhe é essencial, confundindo-o com a sua criação e tornando-o semelhante a nós. Quem nega a transcendência em Deus, humaniza-o. De necessidade, ele tem que ser de fora, extramundano, a fim de que possa entrar em relações com os seres deste mundo criado.

Karl Barth é o teólogo contemporâneo que mais enfatiza a transcendência de Deus. Em sua teologia, Deus é o "totalmente outro", o "desconhecido", o "escondido", e a separação entre ele e a criatura é expressa na *distinção qualitativa e infinita* que há entre ambos, um conceito que Barth[6] tomou emprestado da teologia de Kierkegaard.

A ênfase de Barth à transcendência de Deus é uma reação ao liberalismo em que foi formado, que enfatizava um imanentismo perigoso em que Deus se confundia com o processo natural das coisas, sem haver qualquer manifestação sobrenatural de sua parte. Para Barth, o "Totalmente Outro" invade o mundo, sem, contudo, fazer parte dele. Barth levou a transcendência ao extremo, ao

[5] A. A. Hodge, *Evangelical Theology* (Banner of Truth, 1976), 17.

[6] Karl Barth em seu *Comentário aos Romanos*, versão original alemã, 315.

negar qualquer possibilidade de revelação natural, pois Deus não pode ser confundido com qualquer coisa que não ele próprio. Nada revela Deus senão ele próprio, pensava Barth.

Todavia, esse transcendentalismo exagerado de Barth pode levar a um caminho sem saída para a teologia e para a religião. Erickson diz que

> se, à semelhança de Barth, considerássemos o conceito de Kierkegaard da distinção qualitativa entre Deus e os homens como infinita no seu escopo, a religião e a teologia seriam impossíveis. Pois, se a diferença entre Deus e o homem é infinita, se Deus é infinitamente diferente do homem em sua natureza, então nem mesmo Deus poderia transpor esse abismo para alcançar o homem.[7]

Como haveríamos de estabelecer algum conceito sobre Alguém que é totalmente estranho e diferente de nós? A crítica que se faz ao transcendentalismo de Barth é a seguinte: Se Deus é o "Totalmente Outro", "o Desconhecido", como Barth pode falar tanto dele?

Kierkegaard tem algumas idéias interessantes que nos ajudam a entender a transcendência de Deus. Para ele, a noção da distinção qualitativa e infinita entre Deus e os homens é muito mais do que simplesmente uma diferença de grau. Deus não é simplesmente maior do que o homem, mas trata-se de dois seres total e fundamentalmente diferentes. As qualidades que Deus tem não são meras qualidades do homem amplificadas.

> Sendo qualitativamente distinto, Deus não pode ser extrapolado das idéias que o homem tem nem das qualidades da personalidade ou do caráter do homem... Não é o acúmulo de quantidade adicional que pode dar uma nova qualidade.[8]

Em Kierkegaard, Deus está dimensionalmente muito além de nós, não no sentido de outra medida espacial, mas por causa da diferença qualitativa. Esse conceito de que Deus está dimensionalmente muito além de nós capacita-nos a pensar na transcendência e na imanência conjuntamente. Deus está no mesmo lugar onde estamos; todavia, ele não é acessível a nós de um modo simples, porque tem uma dimensão diferente. Ele está num nível diferente, mesmo estando junto de nós, de tal forma que não pode ser percebido, a menos que ele se faça percebido. A transcendência de Deus tem muito a ver com a sua natureza diferente que o capacita a estar conosco, porém numa dimensão muitíssimo diferente e superior.

[7] Erickson, *Christian Theology*, 315-16.
[8] Ibid., 315.

a. UM PERIGO A SER EVITADO

Devemos ter o cuidado de, crendo na doutrina da transcendência de Deus, não cair no ensino errôneo dos deístas que, enfatizando exageradamente essa doutrina, vieram a crer num Deus distante e sem qualquer relacionamento com o mundo criado, negando a doutrina da providência divina ou a doutrina da revelação geral, como aconteceu com Karl Barth. Também devemos evitar levar a extremos o pensamento de Kierkegaard a respeito da "distinção qualitativa e infinita entre Deus e os homens", porque, fazendo isto, negaríamos qualquer possibilidade de haver religião. Esta indica que pode haver comunicação entre Deus e os homens.

b. A NECESSIDADE DA TRANSCENDÊNCIA

Essa característica de Deus é absolutamente necessária. Deus é um espírito infinito que possui existência necessária. Faz parte de sua essência. O Criador tem que estar acima e sobre a sua criação. Ainda mais: antes de haver criação, ele já existia. Isso tem a ver com a sua transcendência. Portanto, se Deus não é transcendente, ele é um ser dependente e possui necessidades, sendo igual às suas criaturas. O estudo da transcendência de Deus é absolutamente necessário para que compreendamos alguns de seus atributos que haveremos de estudar posteriormente. A transcendência de Deus ajuda-nos a ver claramente a sua superioridade sobre o universo e a dependência de todo o universo em relação a ele.

c. RESULTANTES DA TRANSCENDÊNCIA

A crença na transcendência de Deus produz certas influências em nossa atitude religiosa-comportamental. Há algumas coisas que reconhecemos:

• Existe algo muito acima de nós. O homem não é o mais alto bem do universo, nem a medida mais alta de verdade ou de valor.[9] A crença na transcendência é um golpe no orgulho do humanismo.

• Esse Deus que está acima de nós não pode ser captado, a menos que ele se deixe achar, ou que se revele. Os conceitos humanos não podem expressar o que ele é, a menos que os conceitos emitidos pelos homens tenham base na própria revelação que Deus faz de si mesmo. Deus vai além do nosso entendimento, mas aquilo que podemos saber sobre ele adapta-se à nossa capacidade de conhecimento, o que espelha de algum modo que ele nos fez, em algum sentido, parecidos com ele. Por isso podemos saber algo dele.

[9] Erickson, *Christian Theology*, 317.

• O abismo que existe entre nós e Deus não é meramente moral ou espiritual, mas metafísico. Mesmo após a nossa redenção, continuaremos homens, e não seremos iguais a ele. Seremos sempre homens, enquanto ele será sempre Deus. A salvação que Deus nos dá restaura-nos à condição original em que fomos criados, mas nunca nos iguala a ele.

• A idéia da transcendência de Deus deve levar-nos a uma enorme reverência para com ele. Essa reverência deve ser manifesta inclusive em nossa adoração, porque quando o adoramos, não o fazemos como filhos do Pai Celestial, mas como criaturas diante do Deus altíssimo e tremendo!

3. IMANÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA LADO A LADO

As Escrituras contêm algumas passagens onde esses dois importantes aspectos da divindade estão juntos.

O texto de Isaías 6.1-5 fala de Deus como aquele que está em "um alto e sublime trono", indicando o fato de Deus estar numa posição elevada, acima da sua criação, sendo o soberano altíssimo e inefável. Ao mesmo tempo, o texto diz que "toda a terra está cheia da sua glória", indicando o caráter imanente desse Deus que se faz presente de maneira gloriosa na plenitude da sua criação.

O texto do Salmo 113.5-7 demonstra como aquele que habita as alturas, o transcendente, tem preocupação com o que acontece no mundo dos homens. Observe o texto: "Quem há semelhante ao Senhor, nosso Deus, cujo trono está nas alturas, que se inclina para ver o que se passa no céu e sobre a terra? Ele ergue do pó o desvalido e do monturo, o necessitado". Perceba que a palavra "alturas" (v. 5) excede aquilo que conhecemos como "céus" (v. 6). Estes são criados, e as "alturas" não. O termo "alturas" não é designativo de lugar, pois Deus habita a eternidade, mas é significativo daquilo que está além do que está criado, pois Deus já estava lá antes que houvesse céus e terra. O seu trono existe desde sempre. No entanto, a despeito de ser elevado acima de toda a criação, e separado dela, preocupa-se com o que acontece aqui e está envolvido em todos os acontecimentos da história, socorrendo de um modo especial aqueles que são parte do "seu povo", que neste texto são chamados de "desvalidos" e "necessitados".

O texto de Isaías 57.15 é ainda mais claro na demonstração das duas verdades em conjunto. A primeira verdade, a da transcendência, é mostrada logo no começo do verso: "Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar...". Esta parte evidencia a grandeza, a elevação e a sublimidade de Deus que está fora da esfera espacial e temporal, as duas categorias próprias das coisas criadas. Na segunda parte

do verso, podemos ver o caráter imanente de Deus relacionando-se com o mundo criado, especialmente com os seres humanos carentes da sua assistência: "...mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos".

Jesus Cristo deixa claro que há um grande abismo entre o que pertence à esfera das coisas criadas e o das coisas incriadas, entre as coisas temporais e as coisas eternas, pois disse: "Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou" (Jo 8.23). No entanto, a despeito de haver uma grande distância entre essas duas esferas, Deus, no Verbo divino, cruzou o abismo que havia entre a esfera da eternidade e a do tempo, tornando-se um de nós e envolvendo-se com o nosso mundo. Tendo compaixão de nós, uniu-se para sempre com esta esfera temporal e finita, a fim de que pudéssemos ser remidos e o céu pudesse ser ligado à terra.

Esse é o Deus que vamos estudar neste livro: o ser que é transcendente e imanente (sua existência, seus nomes, seu caráter tripessoal e seus atributos).

C. O IMPACTO DO ESTUDO DO CARÁTER DE DEUS EM NOSSA VIDA

Quando estudarmos o ser de Deus e os seus atributos, estaremos estudando sobre o caráter de Deus. Enquanto estivermos estudando os atributos de Deus, veremos algumas coisas acontecerem em nós, pelo impacto que o conhecimento do ser divino nos traz.

1. O ÚNICO MODO DE SE CONHECER A DEUS HOJE É ATRAVÉS DO ESTUDO DO SEU CARÁTER CONFORME REVELADO NAS ESCRITURAS

Hoje ninguém pode ter outro tipo de conhecimento. É verdade que há muitos que proclamam um conhecimento vindo diretamente de Deus, através das "palavras fresquinhas vindas do céu" e que a "doutrina da suficiência das Escrituras é demoníaca".[10] Mas isto não é o que as próprias Escrituras dizem. Esta afirma que "nestes últimos dias Deus nos tem falado através do Filho" (Hb 1.1, 2). E o próprio Filho diz que "quem crê em mim crê nas minhas palavras" ou "quem não me ama, não guarda as minhas palavras" (Jo 14.24). Logo, o único modo de se conhecer o caráter de Deus é conhecer o que dele está revelado nas Escrituras, que nos mostram a mente de Deus. Devemos crer na suficiência das

[10] Expressões usadas por Jack Deere (um ex-professor do Seminário Teológico de Dallas) numa conferência do Vineyard Movement, na Austrália, em 1990, citadas por John H. Armstrong no livro editado por Michael Scott Horton, *Power Religion* (Moody Press, 1992), 77.

Escrituras e na revelação da natureza para nos mostrar tudo o que se pode conhecer do caráter de Deus. O que passar disso, certamente vem de fonte maligna.

2. O CARÁTER DE DEUS DEVE SER USADO COMO FONTE PARA TODA A MORALIDADE HUMANA

Todas as coisas que forem ditas neste estudo devem servir para que as pessoas conheçam Deus e sejam influenciadas em sua conduta pelo que ele revelou de si. Os homens do nosso tempo andam vivendo mais ou menos da mesma forma como no tempo dos juízes em Israel: "Cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21.25). Não havia norma, não havia padrão fixo de comportamento, porque não havia um rei que lhes apontasse o caminho. Hoje, com o advento do pós-modernismo, os padrões morais historicamente estabelecidos para a conduta humana são questionados. O relativismo moral tomou conta da sociedade de tal forma que cada um faz como quer porque não se crê que deva haver uma lei moral externa a nós mesmos. A sociedade contemporânea anda perdida moralmente, sem parâmetros. Por essa razão, se faz extremamente necessário um estudo sério dos atributos de Deus. O caráter de Deus, ao ser conhecido das pessoas, pode influenciá-las em sua conduta. E é por isso que oramos a Deus: para que os seus filhos aprendam dele, e para que os ímpios sejam influenciados pelo santo comportamento dos filhos de Deus que conhecem o caráter do seu Deus.

3. A AUSÊNCIA DO CONHECIMENTO DO CARÁTER DE DEUS CONDUZ À IDOLATRIA E A OUTROS PECADOS ODIOSOS

Porque as pessoas não conhecem o Deus verdadeiro, elas acabam adorando falsos deuses, deidades da sua própria imaginação. O coração do idólatra projeta os seus deuses como acha que eles devem ser. Quando isto acontece, pecados maiores afloram a vida das pessoas. A ignorância de Deus freqüentemente é a raiz de muitos outros males. Tozer disse: "Eu creio que raramente há um erro em doutrina ou uma falha na aplicação da ética cristã que não possam ser atribuídos finalmente aos pensamentos imperfeitos e ignóbeis a respeito de Deus".[11] Se há muitos ignorantes a respeito de Deus dentro da igreja cristã, imagine fora dela! Essa ignorância leva os seres humanos a praticarem abusos e a viverem em impiedade ainda maior. Portanto, é muito importante ensinar sobre o caráter de Deus, a fim de que as pessoas, conhecendo a Deus, deixem a idolatria e os seus pecados conseqüentes.

[11] A. W. Tozer, *The Knowledge of the Holy* (Nova York: Harper & Row, 1961), 10.

4. Conhecendo o Caráter de Deus Haveremos de Desfrutar de um Melhor Relacionamento com Ele

Quando conhecermos quem Deus realmente é, desfrutaremos, com muito mais fervor e alegria, de nosso relacionamento com ele. À medida que conhecemos o Deus das Escrituras, é mais fácil termos um relacionamento pessoal com ele. O conhecimento que temos de uma pessoa facilita para nós o modo como devemos nos relacionar com ela. Com Deus, que é um ser pessoal por excelência (aliás, um ser tripessoal!), não é diferente. Aprenderemos a desfrutar de sua companhia à medida que melhor soubermos quem ele é.

Quando estudarmos os seus atributos, vamos nos regozijar naquilo que ele é e certamente haveremos de querer conhecê-lo ainda mais. Pelo menos essa tem sido a minha experiência pessoal. O estudo dos atributos de Deus tem me ajudado no meu relacionamento com ele. Enriqueço-me cada vez que sou confrontado com o seu caráter pleno de belas características.

5. Conhecendo o Caráter de Deus Vamos Melhorar em Muito a Nossa Adoração Corporativa

Um dos grandes males de nosso tempo é o modo como prestamos culto a Deus, em decorrência da nossa ignorância do seu caráter. Muitas pessoas que lideram o culto em suas igrejas não possuem um conhecimento devido do Deus das Escrituras. Se o possuíssem, não cometeriam tamanhas distorções no culto. A ignorância de Deus leva a outros erros. E talvez o mais evidente em nossos dias seja o da adoração.

Por essa razão, é extremamente necessário que estudemos o caráter de Deus – a fim de que lhe prestemos um culto que lhe seja aceitável e que esteja de acordo com aquilo que ele próprio prescreveu. A natureza de Deus é que determina o culto que lhe devemos. Quanto mais conhecermos a sua natureza, o seu caráter, melhor lhe prestaremos culto! "Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos ("cultuemos") a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor" (Hb 12.28, 29). Esses dois versos, por si sós, são suficientes para mostrar quão ignorantes somos do Deus das Escrituras, pois o modo como lhe prestamos culto não combina com a sua natureza. O nosso culto tem que ser agradável a ele, com reverência, porque ele é fogo consumidor. Não é essa a idéia que temos dele quando lhe prestamos culto.

6. O CONHECIMENTO DO CARÁTER DE DEUS FAZ-NOS VER A VIDA E O UNIVERSO QUE NOS CERCA DE UMA NOVA PERSPECTIVA

Deus nos ensina a ver tudo o que nos cerca do seu ponto de vista. A ignorância de Deus afeta a nossa cosmovisão. Quanto mais conhecemos Deus, mais enxergamos as coisas como elas realmente são!

Enquanto Asafe (no Salmo 73) encarou a vida sem a perspectiva de Deus, ele viu as circunstâncias da sua vida de um modo irreal. Ele viu tudo distorcido. As lentes que usava para ver o mundo eram defeituosas e a sua visão não era correta. Quando ele foi confrontado com Deus, então a sua cosmovisão mudou. Ele passou a ver as coisas da perspectiva divina. Ele passou a enxergar a Deus de um modo diferente e também as situações da vida. Quando penetrou o santuário de Deus (que foi a sua confrontação com Deus), então ele percebeu qual era o real destino dos ímpios, daqueles que zombam de Deus e do seu povo (v. 17). A visão correta das coisas advém do nosso conhecimento do caráter de Deus.

Quanto mais conhecemos o seu caráter, melhor conhecemos os homens, as conseqüências dos seus atos e o mundo que nos rodeia. A nossa cosmovisão é alterada, as lentes através das quais olhamos o mundo ao nosso redor tornam-se cristalinas e passamos a ver as coisas como elas realmente são!

Por essa razão, o estudo do caráter de Deus é muito necessário nos tempos em que vivemos. Passemos, pois, ao estudo do ser de Deus e, posteriormente, dos atributos que revelam quem Deus realmente é.

Índice

Capítulo 1– A EXISTÊNCIA DE DEUS

A. A Afirmação da Existência de Deus nas Escrituras 28

B. A Afirmação da Existência de Deus na Constituição do Ser Humano 29
1. Idéias Inatas sobre a Existência de Deus 29
a. *Semen Religionis* 30
b. *Sensus Divinitatis* 31
b.1. Os Pagãos mais Antigos Demonstraram um Monoteísmo 33
b.2. O Monoteísmo Natural dos Pagãos É Provado por Dados Bíblicos 34

C. A Afirmação da Existência de Deus nos Argumentos Racionais 35
1. Argumento Ontológico 36
2. Argumento Moral 38
3. Argumento Teleológico 39
4. Argumento Cosmológico 39
5. Argumento do Consenso Universal 41
6. Argumento Estético 42
7. Crítica 42

D. A Negação da Existência de Deus 42
1. A Negação da Existência de Deus no Ateísmo 42
a. O Nascedouro do Ateísmo 43
b. A Universalidade do Ateísmo 43
c. A Inevitabilidade do Ateísmo 44
d. Tipos de Ateísmo 44
d.1. Ateus Teóricos 44
d.2. Ateus Práticos 46
e. Conseqüências do Ateísmo Teórico 48
e.1. Os Ateus Ficam sem Padrões Éticos Confiáveis 48
e.2. Os Ateus Criam a Ética da Independência Moral 48
e.3. Os Ateus Cultuam a si Mesmos 49
e.4. Os Ateus Caem em Grande Impiedade 49
f. Conseqüências do Ateísmo Prático 50
f.1. Todos os Pecados São Fundamentados Nesse Ateísmo 50
f.2. Os Seus Atos Acabam por Negar as Suas Palavras 50
f.3. Todo Pecado Destrói a Idéia de Deus 51
f.4. Todo Pecado Aponta para Deus como um Ser Tolo 51
g. Julgamento sobre o Ateísmo Prático 52
g.1. Ele é Pior que a Idolatria 52
g.2. Ele é Pior que o Ateísmo Teórico 52
h. Advertência contra o Ateísmo em Nós 52
2. A Negação da Existência de Deus no Deísmo 53
Um Deus Transcendente e Impessoal 53
3. A Negação da Existência de Deus no Panteísmo 54
Um Deus Imanente e Impessoal 54
4. A Negação da Existência de Deus no Politeísmo 54
Um Deus Finito e Pessoal 54

Capítulo 1

A EXISTÊNCIA DE DEUS

As Escrituras trabalham com algumas pressuposições básicas das quais não abrem mão: a de que Deus existe, que ele é criador e que ele é soberano. Elas não têm a preocupação de prová-las, mas simplesmente as afirmam. Neste capítulo trataremos apenas da primeira delas, que é a mais importante para os nossos propósitos aqui.

A primeira grande pressuposição das Escrituras e da teologia cristã é que Deus existe.

A Bíblia foi escrita com a perspectiva de que Deus existe e que ele é vivo e ativo no mundo que criou. Esta perspectiva combina plenamente com a idéia generalizada da consciência humana sobre a existência da divindade.

Não precisa haver na teologia cristã a preocupação de provar a existência de Deus, porque as próprias Escrituras não a possuem. Todavia, sempre houve na igreja, no decorrer dos séculos, a tentativa de provar a sua existência, em razão daqueles que a procuraram negar. A existência de Deus é o ponto crucial de toda manifestação religiosa. Se não existe a noção da existência da divindade, não há a noção de religião, de culto e de relacionamento com ela. Toda manifestação religiosa seria destituída de significado se não houvesse a noção da existência da divindade. As manifestações religiosas sempre aparecem como produto das idéias que os homens têm da divindade e como resultado do impacto que a revelação da natureza lhes causa. Como existe o pecado no mais íntimo dos seres humanos, as idéias que têm da divindade não refletem exatamente como é o verdadeiro Deus. É por isso que as idéias sobre Deus são muitíssimo diferentes nas várias religiões existentes no mundo. As noções sobre o ser divino são produto da natureza religiosa do homem, sem que este pense necessariamente na adoração ao Deus verdadeiro. Contudo, ao contrário de todas as outras religiões não monoteístas, o cristianismo fala da existência de um Deus que se revela, dando-se a conhecer aos seres humanos.

Na verdade, não podemos provar a existência de Deus, apenas crer na sua revelação. Deus não pode ser detectado pela experiência laboratorial, nem por qualquer outro tipo de demonstração científica. Deus não é passível de verificação. Admite e tem convicção da sua existência aquele que nele crê.

A teologia cristã crê naquilo que o próprio Deus informa acerca de si mesmo. É por isso que, em nossa vida, todas as coisas relacionadas com Deus têm que ser pela fé, "porque sem fé é impossível agradar a Deus" (Hb11.6).

O teólogo holandês Abraham Kuyper disse com muita propriedade:

> O intento de provar a existência de Deus pode ter um resultado inútil ou desnecessário. Inútil, se o investigador crê que Deus é galardoador dos que o buscam; desnecessário, se se procura forçar uma pessoa que não tem fé, fazendo com que, através de argumentos, chegue ao convencimento no sentido lógico.[12]

Embora a existência de Deus não possa ser demonstrada científica e logicamente para produzir fé nas pessoas, não se pode dizer que o cristão crê cegamente, isto é, sem alguma evidência da fonte de informação que, para ele, é confiável. Esta é outra matéria de fé. Parte-se da pressuposição de que as Escrituras são fonte de autoridade, a Palavra de Deus.

Este capítulo trata da afirmação da existência de Deus em três partes: 1) A afirmação da existência de Deus nas Escrituras; 2) A afirmação da existência de Deus na constituição da natureza humana; e 3) A afirmação da existência de Deus nos argumentos racionais. Em seguida, irá tratar da negação da existência de Deus entre os ateus teóricos e práticos.

A. A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NAS ESCRITURAS

Como já foi observado, as Escrituras não se propõem a provar a existência de Deus. Aliás, a existência de Deus não pode ser provada como se prova alguma coisa laboratorialmente, através da observação das experiências. A sua grande pressuposição é a de que Deus existe. Assim começam as Escrituras: "No princípio criou Deus os céus e a terra".[13] A Bíblia foi escrita por pessoas que criam inquestionavelmente na existência de Deus. Todavia, elas fizeram questão de mostrar que Deus se revela. A revelação que Deus fez de si mesmo tornou-se o fundamento de tudo aquilo que cremos a respeito dele e é a base para a formulação da teologia cristã.

[12] Citado por Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, 5ª ed. espanhol (Grand Rapids: T.E.L.L., 1981), 21.

[13] Gn 1.1 (ver também Salmo 19; Rm 1.18ss; At 14.14ss; 17.16ss; Hb 11.6; Mt 11.27; 1Jo 2.23; Gl 4.8, 9).

Não há nada tão evidente nas Escrituras quanto a existência de Deus. Nas Escrituras isso é um fato consumado, simplesmente porque elas iniciam com a afirmação categórica da existência de Deus. Em nenhum lugar das mesmas há qualquer sugestão em contrário. Qual é a razão disso? A razão é a abundante evidência acerca da existência de Deus encontrada no próprio universo, o fato de que os céus "proclamam a glória de Deus e anunciam as obras das suas mãos" (Sl 19.1). As Escrituras também acentuam a existência de Deus ao mostrarem que os homens têm o dever de crer em Deus da forma como ele se revela. A fé é requerida do ser humano para que ele se aproxime de Deus. É por essa razão que o autor de Hebreus disse:

> Hb 11.6 – "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam."

A evidência bíblica mais forte da existência de Deus vem através de Jesus Cristo. Ele afirma de maneira categórica quem é Deus. Aliás, a sua missão principal foi revelar o seu Pai celestial. O Filho unigênito é o revelador supremo de Deus. Ele é a expressão exata do Ser divino. Negar a existência de Deus é repudiar o Cristo revelado nas Santas Escrituras. Infelizmente, é exatamente isso o que muitos têm feito. Quem afirma o Filho tem o Pai e quem nega o Filho também rejeita o Pai (1Jo 2.23). Essa afirmação de João é absolutamente verdadeira.

Além da evidência trazida por Jesus Cristo, existe a grande evidência proporcionada pelo Espírito Santo. Pessoalmente, ele comunica ao nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.16). A função do Espírito Santo é trazer-nos convicção, não somente da existência de Deus, mas de que lhe pertencemos por direito de filiação.

B. A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

Existe uma idéia generalizada na humanidade a respeito da existência da Divindade, de um Ser superior do qual nenhum dos seres humanos pode escapar devido ao modo como o Criador os fez. Essas idéias são chamadas em teologia de "idéias inatas", porque todos os seres humanos nascem com elas.

1. Idéias Inatas sobre a Existência de Deus

A idéia da Divindade é praticamente uma crença de toda a raça humana no

seu estado natural. Todos os seres humanos que vêm ao mundo nascem com a idéia de um Ser superior, mesmo que não saibam formular corretamente conceitos sobre ele. Há certas coisas sobre a Divindade implantadas na alma dos homens que são comuns a todas as raças, por mais distantes e isoladas que estejam umas das outras e daquilo que chamamos de "civilização cristã", ou "mundo ocidental". Quando Deus criou o homem, este ficou com a imagem de Deus estampada em si. Até mesmo a queda no Éden não destruiu completamente as coisas que Deus colocou no coração dos seres humanos, pois as suas leis morais básicas estão implantadas dentro deles, e serão julgados por elas, segundo o ensinamento das Santas Escrituras (ver Rm 2.11-16).

A perspectiva da existência de Deus pode ser ilustrada pela referência à criação do homem (Gn 2.7, 8). Esses dois versos nos dizem algo muito importante a respeito da experiência humana com Deus. O primeiro homem, Adão, teve uma consciência absolutamente clara da existência de Deus, porque este se lhe revelou proposicionalmente, isto é, em palavras, conversando com ele no lugar onde fora criado e colocado. Desde o começo de sua existência, Adão possuía uma consciência de Deus. Esta era inescapável em Adão, por causa da constituição da sua natureza. Ele não podia fugir da presença de Deus nem relacionar-se no Éden sem a forte noção da presença divina.

Mesmo depois da queda, a idéia da consciência de Deus não desapareceu do ser humano. Com a queda houve a quebra do relacionamento espiritual. O homem ficou separado de Deus, morto espiritualmente, mas a consciência divina permaneceu dentro dele.

Calvino usa duas expressões elucidativas a respeito da idéia de Deus que até os pagãos possuem. Ele atribui essas idéias inatas a duas coisas naturais no homem, coisas que a Queda não destruiu porque Deus as plantou de forma indelével no coração humano: *semen religionis* e *sensus divinitatis*.

a. "SEMEN RELIGIONIS"[14]

A semente da religião foi plantada no coração do homem quando Deus o criou. Nenhum homem é ateu por natureza. Nenhum homem vem ao mundo sem essa semente da religião. Calvino disse que "como a experiência mostra, Deus plantou uma semente de religião em todos os homens".[15]

[14] Essa expressão é usada por Calvino em vários lugares de seus escritos. Em seu comentário de I João 1.5, Calvino afirma: "Há duas partes principais da luz que ainda permanecem na natureza corrupta: primeiramente, a *semente da religião* que é plantada em todos os homens; em segundo lugar, a distinção entre o bem e o mal, que está gravada nas suas consciências."

[15] *Institutas*, 1.4. 1.

Todos têm uma religião natural como resultado da idéia inata de Deus. Mas essa religião não é suficiente para as necessidades do homem no estado de pecado em que se encontra. Nesse tipo de religião o homem tem medo, porque conhece somente a justiça de Deus. Ele não tem noção alguma de sua misericórdia. Daí a idéia de oferecer sacrifícios, em todas as religiões de povos primitivos, para aplacar a ira dos deuses. A religião natural inspira medo, não esperança e confiança.

A religião natural mostra que há um Deus com atributos como poder, divindade, justiça, como é ensinado em Romanos 1. Esses são atributos que Deus manifesta na natureza, mas a sua misericórdia, amor, graça, etc., são expressões da sua vontade, e ele as manifesta quando quer. Embora esses atributos sejam parte da essência de Deus, a sua manifestação depende do exercício da sua vontade. Isto não faz parte das idéias inatas de Deus que a religião natural traz.

b. "SENSUS DIVINITATIS"[16]

A semente da religião existe porque o ser humano nasce com o senso de que existe um Ser divino por detrás de tudo o que ele vê e sente. A idéia de Deus está plantada na alma humana, mesmo que, por causa da perversão do coração humano, não haja um relacionamento de harmonia com o Deus verdadeiro.

Calvino disse que essa "consciência de divindade" foi implantada por Deus em todos os homens "para evitar que alguém se refugie numa pretensa ignorância".[17] Ele continua: "Os homens de juízo sadio sempre estarão certos de que o senso de divindade, que jamais pode ser apagado, está gravado na mente dos homens".[18] Concluindo sua idéia sobre o *sensus divinitatis*, Calvino diz:

> Portanto, visto que desde o começo do mundo não tem havido nenhuma região, nenhuma cidade, em resumo, nenhuma família que pudesse viver sem religião, nisto descansa a tácita confissão de que o *sensus divinitatis* está inscrito no coração de todos os homens.[19]

O texto de Atos 17, no episódio do Areópago de Atenas, mostra que todos os homens, sem terem a luz da revelação especial, possuem o senso de que há um Ser maior do que eles, ao qual adoram, mesmo que essa semente da religião e o senso de divindade sejam prejudicados devido aos efeitos do pecado. Por causa

[16] Calvino diz: "Existe dentro da mente humana, e, de fato, por instinto natural, uma *consciência da divindade* (*Institutas*, 1.3. 1).
[17] *Institutas*, 1.2. 1.
[18] *Institutas*, 1.3. 3.
[19] *Institutas*, 1.3. 1.

da corrupção do coração, eles perderam os dados precisos a respeito de Deus, mas ainda possuem a consciência de divindade e a expressam nos cultos que lhe prestam, mesmo sem conhecê-lo devidamente.

O texto de Romanos 1.18-22 mostra o *semen religionis* e o *sensus divinitatis* de maneira inequívoca. Nele, Paulo afirma claramente que o homem "*suprime a verdade* de Deus e a troca pela injustiça" (v. 18).[20] Os homens caídos são culpados por suprimirem a verdade. O que Paulo quis dizer com isso? Ele está afirmando que a verdade suprimida é o conhecimento de Deus que lhes foi manifesto (v. 19). Deus se lhes revelou, mas eles não quiseram a verdade de Deus, preferindo a injustiça (ou a mentira) deles próprios. É esse conhecimento de Deus que o homem suprime. Esse conhecimento de Deus, que é a consciência de sua existência, o homem procura negar. Todo homem possui essa consciência de Deus, muito embora lute desesperadamente para negá-la.

Na versão Almeida Revista e Atualizada, o verso 18 fala que a perversão dos homens "*detém* a verdade". A palavra grega usada para "deter" (*katecho*) deve ser mais bem traduzida como *suprimir*. Ela dá a idéia de que o homem possui alguma coisa, mas algo o leva a lutar contra o que é natural nele – o conhecimento de Deus. A depravação humana conduz o homem à supressão daquilo que é próprio dele: a consciência da existência de Deus, que o leva a ser um ser religioso. Por mais que o homem lute, esse conhecimento de Deus não pode ser apagado. Essa noção da existência de Deus é inescapável nele. Todavia, o homem é condenado porque tenta negar o que não pode ser negado: a existência de Deus. A corrupção do seu coração o leva a inverter a ordem das coisas, mas não apaga nele a consciência de divindade e a semente da religião. O homem não pode escapar da consciência de Deus. Ele só suprime o conhecimento verdadeiro de Deus, mas não foge da consciência de Deus.

Todos os homens vivem num ambiente que revela a existência de Deus, e não podem escapar dessa presença de Deus que lhes impacta o ser. Eles podem até suprimir o conhecimento verdadeiro de Deus e podem batalhar contra a idéia do Deus verdadeiro, mas não podem fugir da consciência da sua existência.

Portanto, com o estudo do *semen religionis* e do *sensus divinitatis*, não é difícil entender por que há certas idéias inatas a respeito da Divindade. Elas são naturais num ser criado. Por definição, um ser criado não pode funcionar como se não fora criado. Portanto, a existência de Deus, mesmo que não possamos prová-la, deve ser pressuposta e assumida.

[20] Segundo vários autores, esta tradução é mais fiel ao original do que aquela que encontramos em nossas traduções mais comuns, como a Almeida Revista e Atualizada.

Essa idéia inata da existência de Deus é o resultado da constituição da natureza humana, daquilo que Deus nela plantou. Essa idéia é inata como inatas são as idéias de espaço e tempo na mente humana. A intensidade dessa idéia varia de acordo com as raças e civilizações, mas são idéias universais.

Os atributos invisíveis de Deus, que não podem ser percebidos pelos sentidos humanos, são claramente vistos pela mente humana na revelação da natureza.

O ensino de Paulo a respeito da idéia inata de Deus é confirmado e ilustrado no pensamento monoteísta de filósofos pagãos:

O monoteísmo dos pagãos prova o ensino sobre as idéias inatas a respeito de Deus

Mesmo depois da queda o monoteísmo não desapareceu da religião humana. O monoteísmo não é propriedade exclusiva da religião revelada, que é o judaísmo e o cristianismo. Ela existe mesmo entre pagãos. Portanto, a existência do monoteísmo na alma dos homens ainda é uma evidência de que há idéias inatas sobre Deus.

b.1. Os Pagãos mais Antigos Demonstraram um Monoteísmo

Muitos dos filósofos pagãos foram "teístas", monoteístas e reconheceram apenas um Ser supremo. A multiplicidade de deuses em muitas culturas não denota a crença em divindades auto-existentes, mas todas elas, como divindades inferiores, foram criadas por um deus maior e mais poderoso. A palavra "deuses" muitas vezes foi empregada pelos pagãos da mesma forma como é usada na Bíblia (Jo 10.34), denotando anjos, príncipes e autoridades humanas.

O monoteísmo é a religião original de todos os homens. O politeísmo, como veremos adiante, é uma corruptela do panteísmo. A natureza do homem reclama a existência de um único Deus. Apenas a pecaminosidade voluntária faz o ser humano sair dessa condição de monoteísta, um posicionamento contra o qual ele, do modo como Deus o fez, luta freneticamente. Calvino disse:

> O nome de um Deus Supremo tem sido universalmente reconhecido e celebrado. Porque aqueles que costumavam adorar uma multidão de deuses, onde quer que falassem de acordo com o sentido genuíno da natureza, usaram simplesmente o nome de Deus no número singular, como se estivessem contendendo com o próprio Deus.[21]

Sem citar o nome, mas referindo-se claramente a Cícero (106 a.C.-43 a.C.), diz Calvino:

[21] *Institutas*, 1.10.

> Todavia não há, como diz o eminente pagão, nenhuma nação tão bárbara, nenhum povo tão selvagem, que não tenha uma convicção profunda de que há *um* Deus. E eles, que em outros aspectos da vida parecem ao menos diferir dos animais, ainda continuam retendo alguma semente de religião.[22]

Em sua obra *De Legibus*, I, 8, Cícero escreveu:

> Não há nenhum animal, exceto o homem, que tenha qualquer noção de Deus; e entre os homens não há nenhuma tribo tão selvagem que, mesmo que não conheça que espécie de Deus deve ter, não saiba que deve ter um.[23]

Os apologistas cristãos dos primeiros séculos, Tertuliano e Clemente de Alexandria, sustentaram universalmente a posição de que a mente humana é naturalmente e por criação monoteísta.

b.2. O Monoteísmo Natural dos Pagãos É Provado por Dados Bíblicos

Além dos hebreus, outros povos mencionados na Bíblia dão claros indícios de seu monoteísmo. Os exemplos estão em Hagar, que era egípcia (Gn 16.1-13), em Abimeleque, o rei filisteu (Gn 20.3-8), e em Faraó, rei do Egito (Gn 41.38).

A idéia de Deus não é exatamente a mesma em duas culturas ou em duas pessoas distintas de uma mesma nação. Todavia, a sua constituição mental é a mesma. Um homem tem um senso da justiça de Deus mais marcante do que outro, enquanto o outro pode ter uma idéia maior do poder de Deus, ou de sua sabedoria. Depende com que olhos ele observa os fenômenos da criação que estão ao seu redor.

É importante observar que a apostasia e o ateísmo são uma tentativa de esconder essa idéia inata de Deus. A condição embrutecida do mundo idólatra não contradiz a existência da idéia inata de Deus. A idéia fundamental existente na mente humana pode não ser desenvolvida, ou pode ser viciada pelo pecado, mas ela ainda existe no homem, mesmo depois da queda.

O *monoteísmo* foi a forma original de religião; o panteísmo e o politeísmo foram formas subseqüentes. Segundo as Escrituras, o homem foi criado monoteísta. Seu primeiro estado foi o seu melhor estado. Ele caiu de um estado mais alto para um mais baixo no que diz respeito ao caráter e ao conhecimento.

O primeiro estágio da corrupção do monoteísmo primitivo é o *panteísmo*. Aqui a unidade de Deus permanece, mas a diferença entre ele e o universo criado é negada, porque o panteísmo crê que o universo é uma extensão de Deus. O

[22] *Institutas*, 1.3.1 (itálico acrescido).

[23] Citado por W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1971), vol. I, 200 (ver Atos 17.24-28).

fato de que a unidade de Deus é preservada prova que esta idéia é natural à mente humana. Nesse estágio o sol, a lua e as estrelas passaram a ser adorados como uma extensão da divindade. Tudo era Deus. Esse foi o primeiro estágio.

• O segundo estágio no declínio do monoteísmo primitivo é o *politeísmo*. Nesse caso, a unidade ou a substância única do panteísmo é subdividida, e as subdivisões são personificadas. A personalidade de Deus perdida no panteísmo é devolvida no politeísmo, só que numa multiplicidade de deuses. Nesse estágio, os homens começaram a fazer representações de Deus. Como os planetas, ou outros corpos celestes, eram visíveis somente durante a noite, eles inventaram imagens para representá-los. Isto produziu a adoração de imagens. Eles fizeram imagens de Júpiter, Saturno, Marte, Apolo, etc. Este é o estágio final, a idolatria.

C. A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS NOS ARGUMENTOS RACIONAIS

Mesmo sabendo da grande pressuposição das Escrituras de que Deus existe, e sabendo também das idéias inatas de Deus na alma humana, apareceram na História da igreja aqueles que tentaram elaborar provas sobre a existência de Deus, por causa da tentativa de alguns de negá-la. Estes argumentos ficaram sendo conhecidos como "provas racionais da existência de Deus". Na verdade, esses argumentos são desnecessários para os cristãos e também desnecessários (além de ineficazes) para os incrédulos, pois não há nenhum argumento lógico que os faça crer em Deus. Todavia, é prudente que não ignoremos esses argumentos, pois eles ainda são importantes para uma grande parcela dos cristãos.

Os Argumentos da Filosofia

As tentativas de provar a existência de Deus são muito antigas. As provas sobre a existência derivaram da filosofia. Em Anaxágoras, Platão, Aristóteles, Plutarco, Sêneca e Cícero podemos encontrar argumentos racionais na tentativa de demonstrar a existência de Deus.[24] Nesse sentido, podemos dizer, inquestionavelmente, que a teologia cristã sofreu fortemente a influência do pensamento grego.

Os Argumentos da História da Teologia

Embora alguns pais da igreja tenham negado a possibilidade de os pagãos possuírem um conhecimento próprio de Deus pela luz da natureza, com o uso devido da razão, não sendo, portanto, possível provar a existência de Deus, com

[24] Herman Bavinck, *The Doctrine of God* (Banner of Truth, 1991), 65.

o passar dos séculos, esses argumentos gradualmente vieram a fazer parte da teologia cristã e passaram a possuir um caráter religioso. Já na época da patrística houve a assimilação de alguns dos argumentos.[25] Na Idade Média, os argumentos racionais foram incorporados à teologia cristã de maneira muito forte.[26] Logo após a Reforma, no Escolasticismo Protestante não houve a rejeição desses argumentos lógicos, embora eles tenham se tornado menos importantes do que no tempo do escolasticismo da Idade Média. Alguns teólogos reformados vieram a usar esses argumentos lógicos para combater o ateísmo.[27] A teologia cristã tornou-se mais e mais convencida de que as verdades acerca da religião natural podiam ser demonstradas da mesma maneira que as verdades da lógica e da matemática.[28] Esse raciocínio deu-se mais fortemente no tempo do Iluminismo, que atribuiu grande importância às provas racionais da existência de Deus. Todavia, pouco a pouco, já no século XIX, a força desses argumentos veio a diminuir na teologia evangélica, ao passo que permaneceu forte dentro dos círculos católicos romanos.

Esses argumentos usados por alguns cristãos são produto da observação de dados fornecidos pela revelação natural que mostram que Deus existe. Quando olhamos para o mundo ao nosso redor, para a História e para a nossa própria natureza constitucional, encontramos evidências naturais sobre a existência de Deus.

Há vários argumentos que são considerados como provas naturais da existência de Deus. De todos eles, usaremos apenas seis: Ontológico, Moral, Teleológico, Cosmológico, Consenso Universal e Estético.

Os dois primeiros argumentos, o ontológico e o moral, estão baseados na natureza da alma humana:

1. ARGUMENTO ONTOLÓGICO

Este argumento parte do pressuposto de que a existência real de Deus advém de sua existência necessária em nosso pensamento. Se temos a idéia dele em nossa mente, é prova de que ele existe. Foi Anselmo quem produziu a sua formulação mais clássica.[29]

[25] Diodoro de Tarso (que morreu em torno de 390) adotou o argumento cosmológico; João de Damasco (675-749) também o usou em sua obra *Exposição da Fé Ortodoxa*, I, 3 (citada por Otto Weber, *Foundations of Dogmatics*, vol. 1 [Eerdmans, 1988], 218.

[26] Ver Tomás de Aquino, *Suma Teológica* (I, ii, 2 e 3, vol. 1).

[27] Weber, *Foundations of Dogmatics*, vol. 1, 219.

[28] Herman Bavinck, *The Doctrine of God* (Edimburgo: Banner of Truth, 1991), 65.

[29] No seu *Proslogion*, II-IV.

Os seres humanos não somente têm em sua consciência a idéia de um Deus, mas eles gostam da idéia de um Ser Supremo. Eles não se contentam com um Deus, mas tem que ser um grande Deus. A tendência de todos os seres humanos é ter um Deus maior e mais poderoso do que o dos outros povos. De onde vem a idéia de um ser supremo, poderoso, altíssimo? Segundo os defensores do argumento ontológico, a idéia de um Deus absoluto está presente inerentemente na alma humana. Certamente, essa idéia mostra que realmente existe um Deus assim. Da constituição da natureza da alma humana podemos concluir que Deus realmente existe.

Esse tipo de comportamento é comum em todas as civilizações. Essa crença num Deus maior é típica até mesmo nas civilizações mais primitivas. Mais de 90% das religiões do mundo reconhecem a existência de um ser supremo. Historicamente pode ser provado que as religiões mais antigas foram monoteístas.

Como essas idéias podem vir aos homens se não existe um Deus? Há sempre algo para satisfazer os desejos comuns da raça humana. Se quiséssemos afirmar este argumento em forma de silogismo, usaríamos as seguintes premissas:

Premissa maior	– Uma crença intuitiva universal entre os homens deve ser verdadeira.
Premissa menor	– A crença de que há um Deus é universal e intuitiva entre os homens.
Conclusão	– A crença de que há um Deus é verdadeira.

Contudo, não podemos admitir que o simples fato de as pessoas crerem universalmente que há um Deus todo-poderoso prove que ele realmente exista. A existência de Deus no *pensamento* das pessoas é diferente de sua existência na *realidade*. "A existência no *pensamento* e a existência em *realidade* são duas categorias distintas e diferentes."[30] O fato de alguém pensar num objeto ou imaginá-lo não significa que ele exista na realidade. O fato de as pessoas crerem em alguma coisa não traz à existência essa coisa. Por exemplo, mesmo que todos os homens concebam um cavalo alado, isso não significa que ele existe. Portanto, o argumento ontológico, não importa quão lógico seja, não prova a existência de Deus. Contudo, é admirável que o homem necessariamente possua uma idéia de Deus e pense em Deus como realmente existente. Ainda assim, isso não é prova de que Deus realmente existe, pelo menos para aquele que nele não crê.

[30] Bavinck, *The Doctrine of God*, 72.

2. Argumento Moral

O argumento moral deriva da existência de um Legislador supremo, que é Deus, e do fato de haver a presença de uma lei moral no universo.

O ser humano possui uma natureza intelectual e moral que pressupõe a existência de um Criador e Legislador. Algumas pessoas dão ênfase ao fato de haver uma voz da consciência agindo em cada ser humano, da qual ninguém pode libertar-se. Essa consciência, que é a lei dos seres humanos, exige que haja um doador dessa lei. Outros colocam ênfase na capacidade que as pessoas têm de fazer distinção entre o certo e o errado, entre o pecado e a punição, e acabam concluindo que existe Alguém que dá ordem e harmonia a toda a criação, agora e no futuro. A nossa constituição moral, que nos faz saber o que é certo e o que é errado, leva-nos a entender que nenhum governo moral seria possível se não houvesse Alguém que imprimiu essas leis em nós.

A natureza constitucional do homem (ou seja, a sua mente, emoções e vontade) requer alguém superior que tenha, no mínimo, essas mesmas coisas, mas em grau maior. Esse alguém é Deus.

Embora os seres humanos possam ter a sua consciência cauterizada (1Tm 4.2 e Tt 1.15), em alguma medida todos eles possuem essa faculdade com a capacidade de distinguir entre o certo e o errado. Até mesmo os governos mais corruptos possuem a consciência comum do que é justo, embora quase nunca procedam corretamente. De onde provém a capacidade dessa distinção? A única explicação lógica é a de que há um Governador moral do universo que criou os seres humanos com uma constituição moral.

Portanto, o argumento moral é derivado da observação dos fenômenos éticos do universo. Entretanto, há algumas observações que devem ser feitas quando analisamos o argumento moral.

Pode-se dizer aqui o mesmo que foi dito do argumento ontológico: o argumento moral para a existência de Deus não possui o valor de uma *prova*. Como afirma Bavinck: "Quando, entretanto, este argumento é tratado com tanto respeito por Kant e por muitos outros depois dele... isto não é devido à sua força lógica, mas ao testemunho irresistível da consciência moral do homem".[31] O argumento da consciência humana não tem força lógica suficiente para levar alguém a reconhecer a existência de Deus. Todavia, não se pode negar a força desse testemunho da consciência humana, o que pode levar à convicção de que haverá uma vitória moral do bem sobre o mal. De qualquer modo, mesmo con-

[31] Ibid., 75.

tra todas as objeções que possam ser levantadas pela ciência ou pelo evolucionismo, o homem sempre permanecerá um ser moral. Se isso prova a existência de Deus é algo que pode ser discutido, mas é um argumento sobremodo interessante.

Os dois argumentos seguintes, o teleológico e o cosmológico, estão baseados na natureza do universo:

3. Argumento Teleológico

O argumento teleológico afirma que há um propósito no universo. Portanto, deve haver alguém que estabeleceu o propósito, que é Deus.

A palavra "teleológico" tem a ver com desígnio ou fim (*telos*). O universo tem um propósito. Ele não é caótico. Ele foi feito para um determinado fim, o que implica que há um designador desse fim. Se entendemos que todas as coisas existem para determinados fins, é lógico e correto pensar que existe alguém que determinou esses fins. Se esse mundo é perfeito nos seus fins e propósitos, deve haver alguém maior do que ele que o trouxe à existência. Se quiséssemos formular um silogismo para mostrar esse argumento, usaríamos as seguintes premissas corretas, para chegar a uma conclusão razoável:

Premissa maior	– A ordem e a harmonia do universo somente podem ser explicadas quando pressupomos um arquiteto inteligente, ou uma causa maior inteligente.
Premissa menor	– O universo como um todo e em todas as suas partes é um grande projeto que demonstra ordem e simetria.
Conclusão	– O mundo tem um arquiteto ou projetista inteligente que é Deus.

Esse argumento teleológico é forte porque as Escrituras nos mostram que existe um propósito em todas as coisas, sobretudo na criação.

4. Argumento Cosmológico

A palavra grega *kosmos* significa um "arranjo ordenado". Esse argumento remonta ao tempo de Aristóteles e também é encontrado em outros escritores antigos, como Cícero, por exemplo. No tempo do escolasticismo, esse argumento foi desenvolvido por Anselmo[32] e por Tomás de Aquino.[33]

[32] *Monologion*, I-VII.

[33] *Suma Contra os Gentios*, I, xiii.

Tomás de Aquino lista cinco modos dessa prova cosmológica, mas passo a citar apenas quatro delas:[34]

1) Todo movimento está num processo de transição de poder para ato (*potentia* para *actus*). Tudo que encontramos como um ato é derivado de um motor ou poder que, por sua vez, é um ato derivado de um outro poder por detrás dele. Esse pensamento leva à idéia do Primeiro Motor, que é Deus, idéia que remonta ao tempo de Aristóteles, de quem Aquino tomou muitos conceitos.

2) O segundo modo tem a ver com a causa eficiente: todas as coisas na realidade se voltam para uma causa, uma longa cadeia de relacionamentos entre causa e efeito. Mas essa cadeia não é infinita. Ela termina em Deus, a causa eficiente, que é a Causa Primeira. Cada efeito deve possuir uma causa adequada. A única causa adequada do universo é Deus. De onde veio o universo, senão de um Criador? Se quiséssemos afirmar esse argumento na forma de um silogismo, usaríamos as seguintes premissas:

Premissa maior – "Cada nova existência ou mudança em qualquer coisa previamente existente deve ter tido uma causa preexistente e adequada."[35] Em outras palavras, cada efeito tem uma *causa* adequada.

Premissa menor – "O universo como um todo e em todas as suas partes é um sistema de mudanças."[36] Ou seja, o mundo é um *efeito*.

Conclusão – "O universo deve ter tido uma causa exterior a si próprio; a causa última ou absoluta deve ser externa, não-causada e imutável."[37] Portanto, o mundo tem uma causa adequada, fora de si mesmo, que o produziu – Deus.

3) O terceiro modo usa a distinção entre existência necessária e possível. Toda coisa sujeita ao processo de mudança e de decadência (isto é, nossa realidade presente) tem fundamentalmente mera existência possível: ela pode existir, mas pode também não existir. Em outras palavras, tudo o que é meramente possível de existência, em algum ponto do tempo veio à existência. Isso quer dizer que todas as coisas que vieram a existir, porque sua existência era

[34] Alguns aspectos desses argumentos de Tomás de Aquino estão na obra de Weber, *Foundations of Dogmatics*, vol. 1, 219-20.

[35] Formulada por A. A. Hodge, *Outlines of Theology* (Edimburgo: Banner of Truth, 1983), 33.

[36] Ibid.

[37] Ibid.

mera possibilidade, não vem à existência por necessidade. Deus é a existência necessária. Todas as coisas necessárias se voltam para a existência necessária, que é Deus.

4) O quarto modo é totalmente dominado pelo terceiro: em todas as coisas há graus de excelência. Todas as coisas que existem num grau menor tem como causa aquilo que existe em grau maior. Em outras palavras, os homens e tudo o que existe têm a sua causa naquilo que existe mais excelentemente – Deus! O grau de excelência maior dá origem aos de excelência menor.

Basicamente, os princípios elaborados por Tomás de Aquino são os mesmos. Todos têm a ver, em última instância, com o princípio da causa e do efeito, do Primeiro Motor ou da Causa Última.

obs: *Os dois últimos argumentos têm a ver com a história:*

5. Argumento do Consenso Universal

Este argumento deriva a existência de Deus da universalidade da religião. Não há notícia de que tenha havido qualquer tribo no mundo, por mais remota que fosse, que não tenha tido uma religião. O fator religião está inserido na alma humana e nenhum ser humano escapa do fenômeno religioso. A religião é inescapável no ser humano. Cícero, o grande pagão admirado por Calvino, considerou este argumento de grande valor, e o estudo da religião tem fortalecido a relevância desse argumento.[38] A. A. Hodge afirma:

> A história total da raça humana revela uma ordem moral e um propósito que não podem ser explicados pela inteligência ou propósito dos agentes humanos. Estas coisas existentes revelam a unidade de um plano que inclui todas as raças em todas as épocas. Os fenômenos da vida nacional e da distribuição etnológica, do desenvolvimento e da difusão das civilizações e religiões podem ser explicados somente pela existência de um governador e educador sábio, justo e benevolente da raça humana.[39]

Todavia, o fato de se considerar a religião como fator universal não significa que todas as pessoas possuam um conceito correto sobre Deus nem que a divindade que elas adoram seja verdadeira. Todavia, o argumento do "consenso universal" é um argumento que não pode ser desprezado, pois uma vez mais mostra *o semen religionis* e o *sensus divinitatis* presentes na alma humana, apontando para um ser superior.

[38] Bavinck, *The Doctrine of God*, 76.
[39] A. A. Hodge, *Outlines of Theology*, 42.

6. Argumento Estético

Há beleza no universo. Os seres humanos são criados com a grande capacidade de apreciar a beleza da criação. Ora, se há tanto uma coisa como a outra, só pode haver uma inteligência e uma sabedoria para fazer algo tão belo, a saber, Deus.

7. Crítica

Pessoalmente, creio que essas provas racionais da existência de Deus somente funcionam para aqueles que, por graça, já crêem que ele existe. Esse exercício racional é sempre feito pelos teólogos que já crêem no Deus das Escrituras. Dificilmente encontramos pessoas completamente alienadas da fé cristã fazendo tais exercícios. Se os fizessem, todas as pessoas que exercitam sua razão de maneira razoável haveriam de crer nele. Além disso, acho-as desnecessárias para que creiamos em Deus, mas a exposição desses argumentos é razoável e salutar para que vejamos como se creu num determinado período da história, e como muitos ainda hoje crêem, sobre essa matéria. Ao invés de considerar esses argumentos como provas racionais da existência de Deus, seria muito mais plausível e justo considerá-los como fortes testemunhos da existência de Deus.

D. A NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS

A existência de Deus pode ser negada de diversas formas, pois não envolve simplesmente o ateísmo. A questão do ateísmo em si mesma já é complicada. Torna-se ainda pior quando encontramos a negação da existência de Deus de forma disfarçada tanto no deísmo como no panteísmo. Essas são as formas mais importantes que vamos tratar neste capítulo.

1. A Negação da Existência de Deus no Ateísmo

A tentativa de negar a existência de Deus é algo muito comum, especialmente numa sociedade que é permeada pelos efeitos do Iluminismo, que procurou primeiramente minar a idéia de que o sobrenatural se envolve com o mundo dos homens. Essa tentativa advém da corrupção, da alienação, da ignorância, da rebelião e da perspectiva distorcida que o homem possui de Deus e do mundo, como resultado da sua incapacidade de raciocinar conforme os ditames da sua criação.

Com essa perspectiva distorcida de Deus e do mundo, veio a cosmovisão assimilada dos tempos do Iluminismo, que facilitou, em muitos seres huma-

nos, a tentativa de negar a existência de Deus, especialmente o Deus dos cristãos.

Todavia, a negação da existência de Deus não é algo originário da sociedade contemporânea, e sim uma preocupação muito antiga, como veremos adiante.

a. O Nascedouro do Ateísmo

O ateísmo não veio do ser humano como Deus o fez, mas do coração pecaminoso que o homem passou a ter. Eclesiastes 8.11 diz que "o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal". É como se o veneno da Serpente tivesse sido injetado no coração dos homens, capacitando-os, assim, para todo tipo de maldade. O *coração*, no singular, parece indicar que a humanidade toda tem um só coração, como se agisse debaixo dos impulsos de um só coração regente. A lepra do ateísmo tem infectado toda a massa da natureza humana.

Mesmo existindo o *semen religionis* ou o *sensus divinitatis* no coração humano, pode haver disposição interior, por causa do pecado, que leva os homens a ignorarem Deus ou a negarem a sua existência. O ateísmo existe devido à perversão do coração humano. Não existe ateu de nascença, mas os homens se tornam ateus por um processo de raciocínio logicamente pernicioso. O seu desejo (que não lhes é natural, mas é produto do pecado que neles há) é escapar de Deus e viver independentemente dele. A grande luta da alma do ateu é contra a própria semente de divindade que nele foi implantada.

b. A Universalidade do Ateísmo

Nenhum homem, seja judeu ou gentio, tem por si mesmo qualquer interesse em Deus. O ateísmo está presente seminal e fundamentalmente em todos os seres humanos. A inclinação da natureza pecaminosa de todos os seres humanos os leva a pensar na inexistência de Deus e a ignorá-lo. O câncer do ateísmo infectou todos os membros da raça humana. Ele é como um veneno que causa a infecção generalizada em todos aqueles que ainda não foram atingidos pela graça reveladora de Deus. Somente a bondade de Deus é que pode livrar os seres humanos dessa enfermidade maldita. Todos os seres humanos, em alguma medida, foram mordidos pela serpente do ateísmo. Por isso diz deles o escritor bíblico: "Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus" (Rm 3.10, 11).

> Ninguém busca a Deus como sua regra, como seu fim, como sua alegria, que é um débito que a criatura naturalmente tem para com Deus. Ninguém deseja comunhão com Deus, mas a alegria do ateu está em algo inferior a Deus; ele prefere tudo antes que o próprio

> Deus, e glorifica tudo acima dele... Ele ama a sua própria imundície antes que a santidade de Deus; suas ações são tingidas com o seu próprio eu e vazias daquele respeito que é devido a Deus.[40]

c. A INEVITABILIDADE DO ATEÍSMO

Nenhum ser humano escapa de alguma espécie de ateísmo, mesmo que disfarçadamente. Por ateísmo, não me refiro aqui ao ateísmo clássico dos séculos XVIII e XIX, produto do racionalismo iluminista, mas da indisposição espiritual que há no homem, por causa da Queda, tentando negar tudo quanto tem a ver com Deus. Temos que nos lembrar que essa inevitabilidade não se deve à natureza constitucional do homem (pois esta o leva à idéia de que Deus existe), mas à sua natureza pecaminosa. O pensamento da inexistência de Deus é uma inclinação pecaminosamente voluntária.

Geralmente, o ateísmo é secreto e quase nunca confessado.

d. TIPOS DE ATEÍSMO

O ateísmo tem várias formas de manifestação. Para os nossos propósitos didáticos, discutiremos apenas as duas mais importantes, porque abrangem todas as outras formas. Dividiremos os ateus em duas categorias: ateus teóricos e ateus práticos.

d.1. Ateus Teóricos

São os que negam a existência de Deus, mas têm um nível intelectual mais elevado. Estes têm sido produto da influência da cosmovisão iluminista desde o século XVIII. O racionalismo alemão produziu muitos homens e mulheres que ficaram avessos à idéia da existência de Deus. Eles usam argumentos racionais para justificar a sua negação de Deus. Estes ateus são também chamados de "ateus dogmáticos", pois negam que haja um Ser divino. Eles afirmam categoricamente que Deus não existe. Diz Berkhof:

> Essa afirmação significará uma de duas coisas: Que não reconhece Deus de espécie alguma, nem levanta ídolos para si mesmo, ou que não reconhece o Deus da Bíblia. Existem na realidade, se é que os há, muito poucos ateus que não criem alguma espécie de Deus para si mesmos. Há um número muito grande que teoricamente recusa toda espécie de Deus e, todavia, há outro número muito maior que não quer nada com o Deus da Bíblia.[41]

---

[40] Stephen Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, 2 vols. (Grand Rapids: Baker, 1990), vol. 1, 91.
[41] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 24.

O ateísmo não é natural no homem, mas é produto de sua natureza pecaminosa. O ateísmo nasce de uma rebelião do coração que procura fugir da idéia de dobrar-se diante de alguém superior.

Contudo, o ateísmo não é produto unicamente destes últimos dois séculos de nossa história, mas é muito antigo. Não é de hoje que o homem tem negado a existência de Deus. O salmista faz referência a pessoas que fizeram isso desde tempos imemoriais. O Salmo 14.1 afirma: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus".

Este salmo trata da corrupção das faculdades da alma humana que já não funcionam da mesma maneira como antes da Queda. Por causa de seus raciocínios falazes, o ser humano chega a dizer o que está transcrito acima. Analisemos o verso:

"*Insensato*" é um termo usado para descrever o ímpio. O insensato é aquele que perdeu a sua sabedoria, a noção correta dos valores espirituais que foram comunicados ao homem na sua criação. Essa perda de valores é devida ao uso incorreto da razão humana que, por sua vez, é produto da corrupção do ser mais interior, o coração. A sua insensatez está vinculada à sua negação da existência de Deus. É uma grande estultícia negar a Deus.

De fato, o ateu é um grande tolo. Se não fosse um tolo, não imaginaria uma coisa tão contrária ao que todo mundo crê. A idéia da divindade está tão claramente impressa na alma humana que não pode ser ignorada. Deus não pode ser compreendido na sua essência, mas não se pode negar a sua existência, sem que seja através de um processo de raciocínio falaz e perverso. De fato o ateu é um grande tolo, pois o próprio diabo crê na existência de Deus e treme (Tg 2.19).

"*Diz no seu coração*" – É possível que o autor do salmo tenha mencionado o "coração" porque, na sua mentalidade hebraica, o coração é o centro da personalidade humana. Do coração procedem todas as inclinações morais do homem. Todos os homens têm algum tipo de ateísmo secreto no coração, que é a fonte de todos os males na sua vida. Observe que o ímpio não disse com a boca, mas trata-se de um movimento do coração, algo secreto. Ele cogita secretamente sobre a não-existência de Deus. Por causa da sua natureza depravada, nenhum homem está livre de ter pensamentos sobre a negação da existência de Deus. O pensamento da inexistência de Deus já passou pelo coração de todos os mortais alguma vez, justamente por causa da pecaminosidade que permeia o coração humano.

Na sua natureza pecaminosa o homem sempre desejou que não houvesse Deus. O homem não pode apagar a idéia de Deus do coração, pois Deus a implantou, mas ele tenta convencer-se de que Deus não existe.

"*Não há Deus*" – Esta é a afirmação categórica de todo ateu teórico, freqüentemente o produto de um raciocínio falaz e enganoso. Fazer essa afirmação categoricamente é lutar contra a natureza constitucional do ser humano, em quem foi implantado o *semen religionis* e o *sensus divinitatis*. Essa afirmação revela o impulso da natureza pecaminosa que tenta evadir-se de Deus.

A negação de Deus é uma manifestação da decisão de Adão de esconder-se de Deus, como produto da sua transgressão. Adão sabia que Deus existia, mas procurou fugir da sua presença, em meio ao medo e à vergonha. Por causa de seus pecados é que os descendentes de Adão, por um processo falaz de suas mentes, tentam eliminar Deus de seus corações. A negação de Deus é um meio de esconder-se dele; é um meio de procrastinar o encontro com Deus; é um meio de suprimir o conhecimento de Deus, que é parte da herança da nossa constituição original e da observação das obras da natureza. Mesmo com toda a sua argumentação cheia de falácia, o ateu não pode fugir do conhecimento de Deus, porque a sua preocupação maior é Deus. A idéia da existência de Deus o incomoda e, por isso, é o assunto de que mais fala. Ele vive tentando provar para si mesmo o contrário daquilo que está impresso em sua alma: a consciência da existência de Deus. É inevitável a idéia de Deus na alma humana. Mesmo os ateus teóricos dificilmente conseguem evadir-se dela! Todavia, a sua luta desesperada é provar para si próprios e para os outros que Deus não existe.

Quando os ateus teóricos afirmam que "não há Deus", eles estão mostrando o desejo pecaminoso da autonomia humana. Eles tentam mostrar que se bastam a si próprios. Não aceitam a ingerência de nenhum soberano sobre eles. A monarquia divina é-lhes algo absolutamente detestável. Eles preferem a democracia onde Deus fica de fora das suas decisões. Em alguns círculos, a democracia tem sido para os ateus um elemento que favorece o ateísmo. Afinal de contas, eles preferem escolher o seu próprio destino sem possuir alguém que esteja no controle do universo e da história.

d.2. Ateus Práticos

Este é o tipo mais comum de ateísmo. Ele é produto do estado corrompido do ser humano. O ateísmo prático sempre foi uma tônica no mundo. Aliás, a única vez no Novo Testamento em que a palavra grega *ateus* (que literalmente significa "sem Deus") aparece tem a ver com o ateísmo prático. Paulo está se dirigindo aos gentios que não haviam sido participantes de vários aspectos soteriológicos de que os judeus participavam. Então, lhes diz:

Ef 2.12 – "Naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e

estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e *sem Deus* (atheoi) no mundo."

Esta expressão grega atheoi ("sem Deus") pode ser dita de todos os indivíduos que andam em incredulidade, mas o que Paulo está dizendo é mais do que isso: os crentes de Éfeso, no seu passado de incredulidade, viveram como ateus práticos. Os ateus práticos não negam necessariamente a existência de Deus com suas palavras, mas vivem como se Deus não existisse. Assim viviam os gentios a quem Paulo escreveu, antes de eles serem trazidos a Cristo Jesus. A palavra atheoi indicava o *modus vivendi* das pessoas. Mesmo que não negassem abertamente a existência de Deus, eles se portavam de modo que ignoravam o verdadeiro Deus. Não possuíam nenhum senso de reverência por ele, nem lhe prestavam culto. Esse era o mais profundo estado de miséria em que viviam os pagãos: se não afirmavam a inexistência de Deus, eles simplesmente não davam a mínima importância para a sua existência. Viviam sem Deus neste mundo. Deus não entrava nos seus planos.

De maneira muito sábia, o salmista mostra qual era o comportamento dos ateus práticos já no seu tempo:

Sl 10.4 – "O perverso na sua soberba não investiga; *que não há Deus, são todas as suas cogitações.*"

Este verso não está dizendo necessariamente que os perversos não admitem a existência de um Deus, mas que Deus não está no pensamento deles. Vivem alienados como se não houvesse Deus. Aqueles que não têm Deus nos seus pensamentos obviamente não o reconhecem. Eles simplesmente o ignoram. E onde Deus não é honrado, ele não é reconhecido. O ateísmo prático evidencia-se no fato de o ser humano esquecer-se de Deus, como se ele não existisse.

Tt 1.16 – "*No tocante a Deus, professam conhecê-lo, entretanto, o negam por suas obras*; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra."

Os seus atos falam mais alto do que as suas palavras. Nesse caso, o homem deve ser medido mais pelo que faz do que pelo que diz. Todas as impiedades que comete são ramos do ateísmo nascido na depravação do coração. Todas as pestilências espirituais são expressões de um sangue contaminado, porque este sangue é bombeado do coração e atinge todas as veias do ser humano. Essa infecção generalizada, ou septicemia espiritual, impossibilita o homem de reagir positivamente, e de fazer boas obras.

As más obras dos homens são o resultado da sua negação prática de Deus. A

profissão que muitos fazem de Deus não combina com a sua prática. Isso é ateísmo prático: negam a Deus por suas obras.

> Ef 2.12 – "Naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança *e sem Deus no mundo*."

O ateu prático vive como se fosse o dono do mundo, sem qualquer conotação espiritual, ausente de Deus, por isso sem esperança. Muitos homens tentam viver sem Deus neste mundo, como se não devessem nada a Deus, como se nunca fossem prestar contas a ninguém.

Os ateus práticos também podem não crer nas ações de Deus no mundo (Sl 10.11,13), revelando o seu deísmo. Aqueles que negam os atos providenciais de Deus ou qualquer outro de seus atributos essenciais negam também a sua existência.

e. Conseqüências do Ateísmo Teórico

Quando os homens negam a existência de Deus, o seu comportamento tem algumas conseqüências inevitáveis:

e.1. Os Ateus Ficam sem Padrões Éticos Confiáveis

Friedrich Nietzsche foi um filósofo que criticou violentamente a moral cristã. Ele atribuiu as raízes da decadência da sociedade do seu tempo à "moralidade escrava" gerada pelo cristianismo.[42] Na mentalidade de Nietzsche, "não há nenhum Deus que proteja o fraco e dê segurança à justiça, mas o homem ainda reivindica que ele existe, fazendo com que a fraqueza pareça ser algo abençoado. Mas visto que Deus realmente não existe, por que deveriam a fraqueza e a mansidão ser aplaudidas?"[43] Essa é outra maneira de Nietzsche dizer o que Dostoyevski disse: "Se não há Deus algum, tudo é permitido!"[44] A conclusão dos seguidores dessa filosofia chega a este ponto: "Se Deus existe, tudo é sua vontade e de sua vontade eu não posso escapar. Se ele não existe, tudo é minha vontade e eu estou amarrado a mostrar somente a minha vontade".[45]

e.2. Os Ateus Criam a Ética da Independência Moral

Esta é uma conseqüência lógica do primeiro ponto. A crença na inexistência

[42] R. C. Sproul, *If There's a God, Why are there Atheists?* (Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1988), 131.
[43] Ibid., 132.
[44] Ibid.
[45] Paul Roubiczek, *Existentialism For and Against* (Cambridge: Cambridge University Press, 1964), 32.

de Deus causa no homem a libertinagem moral. Nada é pecado porque não existem paradigmas fora do próprio homem que exijam dele um comportamento padrão. Quando não há padrões objetivos ou valores estabelecidos, os homens criam os seus próprios. Para os ateus é uma loucura dar ouvidos senão às suas próprias regras. O sonho dos ateus é ficarem livres de Deus. A autonomia moral é o resultado do seu ateísmo. Eles raciocinam que se Deus existe, eles não podem servir de lei para si mesmos. Só a idéia da existência de Deus já atrapalha o sonho da autonomia ou da independência moral.

e.3. Os Ateus Cultuam a si Mesmos

Como não é possível constitucionalmente que os seres humanos fiquem sem o fenômeno do "*sensus divinitatis*", pois isso está impregnado em sua alma, ao não aceitarem alguém superior fora deles mesmos, os ateus atuam como deuses para si próprios, pois formam as suas próprias regras e seguem os seus próprios ditames. Curvam-se diante de sua própria autoridade.

e.4. Os Ateus Caem em Grande Impiedade

Quando o homem insensato diz em seu coração "Não há Deus", porque não tem lei, servindo de padrão para si mesmo, ele cai em impiedade. É por isso que o Salmo 14.1 continua: "Corrompem-se e praticam abominação". Quando os ateus ignoram alguém que lhes é superior, quando procuram por independência moral, quando acabam cultuando a si mesmos, eles caem em impiedade ainda maior. Sua vida é cheia de corrupção e praticam abominação. O salmista diz que

> Sl 14.3 – "Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer."

Eles perdem os escrúpulos e saem em busca da luxúria, porque não têm que prestar contas a ninguém.

• O ateu não procura a Deus como sua regra de vida, como sua norma, como o seu fim, como sua alegria, como um débito que a criatura naturalmente tem com o seu Criador.

• O ateu não deseja nenhuma comunhão com Deus.

• O ateu coloca a sua alegria em um objeto inferior; ele prefere qualquer outra coisa que não Deus; ele glorifica qualquer outra coisa acima de Deus.

• O ateu não possui desejo algum de conhecer a Deus; ele ama a sua própria impureza ao invés de amar a santidade de Deus.

Todos os pecados são fundados numa espécie de ateísmo secreto. O ateísmo

é o espírito de todo o pecado. Todos os dilúvios de impiedade no mundo são nascidos no berço do ateísmo secreto.

A grande variedade de pecados contra a primeira e a segunda tábuas da lei, as negligências para com Deus e as violências contra os homens, são derivadas, em última instância, da frase dita secretamente, no coração: "Não há Deus" (Sl 14.1). É por isso que o verso continua, dizendo: "Corrompem-se e praticam abominação".

f. Conseqüências do Ateísmo Prático

f.1. Todos os Pecados São Fundamentados Nesse Ateísmo

Na verdade, todos os pecados, em última análise, nascem do ateísmo secreto das pessoas. Geralmente o ateu prático é um ateu secreto. Ele nunca fala do seu ateísmo. Seu ateísmo é bem escondido. Todavia, cada pecado praticado por ele contra a primeira e a segunda tábuas da lei tem a ver com o esquecimento de Deus e o desprezo para com ele, em última instância. Se o ateu prático tivesse o temor de Deus, não praticaria o mal (Pv 16.6b). Se não nega a Deus com os lábios, ele curte no seu coração o desprezo para com Deus, pois não se cansa de imaginar coisas vãs e de maquinar o mal. Por algum tempo ele pode ser visto como um crente, enquanto consegue esconder os intentos do seu coração.

Aliás, a única maneira de o ateu prático esconder o seu ateísmo é viver de maneira hipócrita, se não quer ser reconhecido como ateu. Todavia, ele não pode esconder o seu ateísmo por muito tempo. Essa é a tônica do ponto seguinte.

f.2. Os Seus Atos Acabam por Negar as Suas Palavras

O testemunho das suas obras nega as suas palavras. Eles podem até professar que conhecem a Deus, mas são contrariados pelos seus atos. O que foi dito dos impuros por Paulo pode ser dito de todos os ateus práticos: "No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra" (Tt 1.16). Os ímpios podem até fazer profissão de fé, mas tropeçam naquilo que eles próprios condenam. Nesse caso, a boca não fala do que está cheio o coração, mas as suas obras falam daquilo que vai dentro do coração, pois Paulo diz: "Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas" (Tt 1.15). Essas pessoas podem ser chamadas de ateus práticos.

No final das contas, os ateus práticos mostram o seu ateísmo secreto porque todas as coisas que estão no coração ímpio acabam se evidenciando em obras, mesmo que a boca professe o contrário.

f.3. Todo Pecado Destrói a Idéia de Deus

Quanto mais o ateu prático ignora a Deus ou vive como se ele não existisse, mais ele bane de seu coração a idéia do verdadeiro Deus.

> Todo pecado é uma espécie de amaldiçoar a Deus no coração. O homem tenta destruir e banir Deus do coração, não realmente, mas virtualmente; não na intenção consciente de cada pecador, mas na natureza de cada pecado.[46]

Não há nada mais que o ateu prático deseje do que banir a idéia de Deus da sua mente. É contra a natureza do homem fazer isso, mas não é contra a sua natureza pecaminosa. Embora o ateu prático não faça isso abertamente, todavia, esse é o desejo contínuo do seu mais interior, o coração. As Escrituras dizem acerca do ímpio que Deus viu "que era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (Gn 6.5). As Escrituras dizem que Deus revelou-se aos homens, desde o princípio, através das coisas que foram criadas e que desde o princípio ele foi conhecido dos homens. Todavia, os homens ímpios, os ateus práticos, rejeitaram o modo como Deus se deu a conhecer. Ao invés de terem os pensamentos de Deus a respeito de si mesmo, eles suprimiram o conhecimento de Deus e trocaram a verdade de Deus pela injustiça deles próprios (analise Rm 1.18-32). Então, Paulo diz: "Pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente" (Rm 1.25). Percebam, eles negaram a idéia de Deus que o próprio Deus lhes havia dado na criação e, sem poderem negar a sua própria natureza, continuaram a ser seres adoradores. Que fizeram? Prestaram culto à criatura ao invés de prestá-lo ao Criador. Desde a queda, a tentativa dos seres humanos, segundo a sua natureza pecaminosa, é banir o Deus verdadeiro de suas mentes. Isso eles podem conseguir, mas nunca banirão delas a idéia do Divino.

f.4. Todo Pecado Aponta para Deus como um Ser Tolo

Com que base faço essa afirmação? Os seres humanos que são ateus práticos desobedecem as leis de Deus, fazem atos contrários a elas. Certamente é porque pensam, que as leis que criam para si mesmos são melhores que as de Deus. Em última instância, eles pensam que as leis de Deus são tolas e que é tolice levá-las em conta.

A moral dos ateus práticos, em sua estimativa, é melhor que a de Deus. Se eles considerassem melhor a lei de Deus, eles a seguiriam. Eles não são faltos de inteligência. Ao contrário, a sua inteligência é aguçada, mas esta não é simples-

[46] Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, vol. 1, 93.

mente uma questão de inteligência. Eles têm indisposição real contra Deus e, conseqüentemente, contra as suas leis. Por isso, desprezam o que Deus faz e diz, preferindo o que fazem e achando que são melhores e mais inteligentes do que Deus. Especialmente o Deus das Escrituras é odiado e considerado tolo por eles. Se o considerassem inteligente, santo, sábio, poderoso, etc., não fariam com as suas leis o que fazem. No íntimo, eles não acreditam no Deus das Escrituras e, por isso, desprezam as suas leis. Se não o achassem tolo, creriam nele e obedeceriam as suas palavras.

g. Julgamento sobre o Ateísmo Prático

g.1. Ele é Pior que a Idolatria

É verdade que a idolatria é condenada veementemente nas Escrituras, porque ela muda a glória do Deus incorruptível em imagem de seres corruptíveis (Rm 1.23), mas pelo menos mostra que o indivíduo crê nalguma coisa que ele pensa ser superior a ele. Ele adora a criatura, porém se coloca numa posição inferior.

Mas não é assim com o ateu. Ele ignora um ser superior a ele. O orgulho do seu coração impede que ele se curve diante do Todo-Poderoso, muito embora até não negue a sua existência. Ele até consente que Deus existe, mas ignora-o.

g.2. Ele é Pior que o Ateísmo Teórico

É melhor negar a sua existência do que negar as suas perfeições. É menos mau pensar que ele não existe do que saber que ele existe e ignorá-lo. É menos mau não pensar nada a respeito de Deus do que, Deus existindo, viver como se ele não existisse. É nesse sentido que eles "vivem sem Deus no mundo". É o desprezo de Deus, mesmo sabendo que ele existe.

h. Advertência contra o Ateísmo em Nós

Cuidemos para que o ateísmo não se manifeste em nossas atitudes interiores. Se há qualquer raiz de ateísmo em nosso coração, duvidando de Deus e de sua existência, de sua providência, repreendamos a nós mesmos com a Palavra do próprio Deus que está em nós. Oremos a Deus para que ele nos tire do coração todo sentimento de ateísmo prático.

Consideremos quão triste é ter manifestações de ateísmo no coração! Vejamos quão ingratos somos quando isso acontece.

Tenhamos cuidado para que o solo do nosso coração não seja propício para o surgimento de qualquer dúvida sobre Deus. Leiamos a sua Palavra, tenhamos

o desejo de conhecê-lo melhor e nos certifiquemos de sua bondosa providência em nossa vida. Não demos lugar ao Diabo nos nossos pensamentos e evitemos as idéias ímpias.

A existência de Deus não é negada simplesmente no ateísmo, seja teórico ou prático, mas também em um outro movimento que permeou a vida da igreja desde o nascimento do movimento racionalista, ou seja, no deísmo.[47]

2. A Negação da Existência de Deus no Deísmo

Há, contudo, os que negam não a existência de divindades, mas a ação do Deus da Bíblia, negando aquilo que a Bíblia afirma sobre ele. Eles podem ser chamados de deístas. Teoricamente, os deístas não negam a existência de Deus, mas chegam a duvidar de sua existência pela simples razão de que ele não se comunica com o universo criado. Portanto, mesmo não negando abertamente a sua existência, eles negam o exercício de suas atividades em nosso mundo. Ora, sem sua atividade, nada se pode saber dele, se é que ele existe. Esse é o pensamento do deísta.

Um Deus Transcendente e Impessoal

O teísmo sempre tem crido em um Deus que é ao mesmo tempo transcendente e imanente, mas tem havido, na história do pensamento religioso, outros movimentos que fogem totalmente desse teísmo.

Em contraste com o teísmo, o deísmo retira Deus do mundo e afirma a sua transcendência a expensas da sua imanência. O deísmo é um sistema que rejeita toda espécie de revelação divina. Deus não se comunica com os homens. O mundo é como um relógio ao qual ele deu corda e deixou funcionar. Os deístas, contudo, acreditam em Deus, considerando-o apenas como uma força infinita, a causa de todos os fenômenos do universo. Não há qualquer conceito relacional de Deus com a criatura. Deus, portanto, não é um ser pessoal. Ora, se o deísmo nega o que é essencial em Deus – a sua capacidade relacional –, ele nega o seu próprio ser.

No mínimo, pode-se dizer que o deísmo nega o Deus transcendente e imanente das Escrituras, que, ao mesmo tempo que está acima e além do universo criado, envolve-se relacionalmente com ele.

[47] O termo "deísmo" vem da palavra latina *deus*, que é correspondente à palavra grega *theós*, Deus. Esse sistema reconhece que há um Deus, mas nega qualquer envolvimento dele com o universo. Esse Deus criou o mundo, colocou-o em movimento e não mais interfere nele. Deus é o Criador, mas não o Sustentador do universo. O deísmo rejeita as Escrituras e a atuação sobrenatural e providencial de Deus no mundo.

3. A Negação da Existência de Deus no Panteísmo

Um Deus Imanente e Impessoal

O panteísmo caminhou em direção contrária. Ele enfatizou tanto a imanência de Deus a ponto de identificar Deus com o mundo e de negar-se a reconhecê-lo como Ser Divino pessoal, dotado de inteligência e vontade, distinto de sua criação e infinitamente superior a ela.

Há uma enorme diferença de conceito, na relação entre Deus e a natureza, no teísmo e no panteísmo. Millard Erickson diz que

> No teísmo, a natureza sem Deus é igual a nada, e Deus pode viver perfeitamente sem a natureza. No panteísmo, a natureza sem Deus também não é nada, mas Deus sem a natureza também não é nada. Deus não tem um *status* de independência no panteísmo. A criação do teísmo não tem lugar no esquema panteísta, visto que, de acordo com o panteísmo, Deus não pode ter existido antes da criação da ordem natural.[48]

A existência do verdadeiro Deus é claramente negada pelo panteísmo. Deus não passa daquilo que nós reconhecemos que ele criou. Ele é confundido com a criação e sua infinidade não vai além da infinidade do universo. Deus e o universo são uma coisa só. Para dizer de outra forma, o universo é a extensão de Deus. Deus é um só no pensamento panteísta, mas ele perde totalmente a sua característica pessoal, porque não é separado, mas idêntico com a natureza. Não existe relação entre Deus e o universo porque os dois são uma coisa só. Deus não pensa, não sente, não tem vontade. Ele é destituído de todas as propriedades de um ser pessoal. Crer num Deus assim é negar tudo o que é verdadeiro e absolutamente sagrado. Afirmar as coisas que os panteístas afirmam é negar a existência da Divindade e, especialmente, a do Deus verdadeiro.

4. A Negação da Existência de Deus no Politeísmo

Um Deus Finito e Pessoal

A idéia de um ou mais deuses finitos não é nova; é tão antiga quanto o politeísmo ou o henoteísmo (a crença preferencial em um Deus, sem deixar de crer nos demais deuses).[49] Todos os politeístas possuem a idéia de um Deus pessoal, mas finito, pois existem vários deuses e não pode haver vários infinitos, o que seria uma contradição de termos. Embora finitos, esses deuses passam a ser pessoais, o que distingue o politeísmo do panteísmo. Eles tomam nomes e

[48] Erickson, *Christian Theology*, 303.
[49] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 25

possuem certos poderes pessoais, mas todos os poderes lhes são concedidos pelos que os imaginaram. Logo, os homens, que são finitos, apenas conseguiram atribuir aos deuses, em medida bem maior, alguns poderes que eles próprios possuíam em alguma medida.

Tanto os panteístas como os politeístas negam a existência do Deus das Escrituras, que afirma categoricamente que não existem outros deuses além de si mesmo. Mesmo que os henoteístas afirmem a existência de um deus maior, ou preferencial, a tendência é sempre a de negar o Deus das Escrituras Sagradas.

Índice

Capítulo 2 – O DEUS CONHECÍVEL

A. A Afirmação do Conhecimento do Deus das Escrituras 57
1. O Conhecimento de Deus Pressupõe Revelação 57
a. Conhecimento Inato 58
a.1. O Conhecimento Inato de Deus É Intuitivo, e não um Produto Elaborado pela Alma Humana 58
a.2. O Conhecimento Inato de Deus Tem a Ver Principalmente com a Constituição da Mente Humana 59
a.3. O Conhecimento Inato de Deus É Provado pelas Leis Morais que Ele Implantou em Nosso Ser Interior 60
a.4. O Conhecimento Inato É Espontâneo, mas não "Consciente" 60
a.5. O Conhecimento Inato É Conhecimento de Resposta 61
a.6. O Conhecimento Inato Favorece a "Teologia Natural" 61
a.7. O Conhecimento Inato É Corrompido pelo Pecado 61
a.8. Conhecimento Responsabilizador 62
a.9. Conhecimento Universal 62
b. Conhecimento Adquirido 63
b.1. Conhecimento Limitado 63
b.2. Conhecimento de Reflexão 63
b.3. Conhecimento de Acomodação 64
b.4. Conhecimento Correlativo 64
B. A Negação do Conhecimento do Deus das Escrituras 65
1. O Homem só Conhece por Analogia 66
2. O Homem Realmente Conhece Aquilo que Ele Pode Abarcar na Sua Totalidade 66
3. Todas as Afirmações que se Fazem de Deus São Negativas e, Portanto, não Proporcionam um Conhecimento Verdadeiro 67
4. Todo o Nosso Conhecimento Está Relacionado com o Sujeito Investigador 67

Capítulo 2

O DEUS CONHECÍVEL

No capítulo primeiro deste livro consideramos a idéia da existência de Deus. Neste capítulo trataremos da possibilidade de Deus ser conhecido. Todavia, a despeito desse conhecimento possível, Deus não pode ser compreendido, como veremos no capítulo seguinte. Essas duas coisas são perfeitamente plausíveis, embora aparentemente se contradigam. Dizer que Deus é conhecível significa que, embora incompreensível, algum conhecimento dele é possível, e esse conhecimento pode crescer cada vez mais, segundo a medida da revelação divina e do nosso relacionamento com ele.

As Escrituras nos revelam quem é o verdadeiro Deus, e o nosso conhecimento dele é básico para o conhecimento de nós mesmos, como veremos posteriormente.

A. A AFIRMAÇÃO DO CONHECIMENTO DO DEUS DAS ESCRITURAS

1. O Conhecimento de Deus Pressupõe Revelação

O conhecimento de Deus pressupõe inquestionavelmente o fato de Deus se revelar. É impossível qualquer conhecimento dele sem que ele se revele. Se Deus não se revelasse, por causa de sua natureza infinita e majestosa jamais poderíamos ter qualquer conhecimento dele. Ele se desnudou a fim de que os seres humanos pudessem conhecê-lo. Os seres humanos ficariam totalmente ignorantes de Deus se este se ensimesmasse. A mente humana, embora tenha o *sensus divinitatis,* não pode conceber Deus, a menos que ele se revele. Os seres humanos jamais poderiam emitir qualquer conceito sobre Deus se não fossem impactados pelas obras da natureza, que são uma revelação muda, ou pela revelação verbal.

Deus criou todos os homens com a capacidade de conhecê-lo, mas teve que

se lhes revelar de várias formas. A fim de que os seres humanos pudessem conhecer a Deus, este não somente deu-lhes um conhecimento que está impresso na sua própria constituição natural, como também um conhecimento que vem através das obras da criação e da sua condução da história, e também o conhecimento derivado da revelação especial, a revelação verbal, que está registrada nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento.

Todo conhecimento que o homem tem vem de fora. Não há nenhum conhecimento que seja inerente ao ser humano. Portanto, há um sentido em que todo o conhecimento é adquirido. Somente a capacidade de conhecer é inata. Todavia, como veremos adiante, o conhecimento de Deus no homem pode vir através da revelação geral (que está mais vinculada ao que se chama tradicionalmente de conhecimento inato) e da revelação verbal (que está mais vinculada ao que se chama tradicionalmente de conhecimento adquirido).

a. CONHECIMENTO INATO

Este conhecimento tem a ver com o conhecimento *a priori* (o *semen religionis* e o *sensus divinitatis*, já estudados anteriormente), que não tem nada a ver com a revelação verbal de Deus.

A palavra "inato" indica a procedência do conhecimento, que é a nossa natureza. Nascemos com esse conhecimento. Entre os protestantes escolásticos, esse conhecimento é chamado *cognitio insita* (conhecimento implantado),[50] que está vinculado ao que Calvino chama de *semen religionis*.

a.1. O Conhecimento Inato de Deus É Intuitivo, e não um Produto Elaborado pela Alma Humana

O conhecimento inato também é chamado de "conhecimento intuitivo", pois repousa na apreensão imediata das coisas, sem que haja um processo de raciocínio de premissas e conclusões. Todos os nossos sentidos são percepções ou intuições. Podemos apreender muitas coisas imediatamente, isto é, sem o uso de meios, mas nunca podemos expressar qualquer conhecimento de Deus sem a sua prévia revelação. Quando somos estimulados pelas obras da criação, todo o nosso conhecimento intuitivo vem à tona. Percebemos as verdades e as realidades com uma convicção intuitiva. Podemos até tirar conclusões erradas, por causa da corrupção do nosso ser interior, mas há uma certa percepção da verdade dentro de nós, produto do modo como Deus nos fez constitutivamente.

Este conhecimento não significa que o ser humano, ao ser concebido, já

[50] Richard A. Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms* (Grand Rapids: Baker, 1986), 70.

possui conceitos pré-formados sobre Deus. Esse conhecimento é demonstrado à medida que o ser humano se desenvolve mentalmente. Nenhum bebê tem um conhecimento conceitual de Deus, porque isto é impossível na sua idade, mas quando ele se desenvolve, é impactado pelas coisas que o confrontam e o levam a ter algum conhecimento da divindade. Os conceitos têm que ser desenvolvidos, mas o conhecimento potencial de Deus está no ser humano, pelo modo como Deus o criou.

a.2. O Conhecimento Inato de Deus Tem a Ver Principalmente com a Constituição da Mente Humana

Deus fez o homem de tal modo que ele é capaz de conhecer a Deus, e esse conhecimento resulta da constituição da mente humana, e não dos outros sentidos. A idéia da divindade está intuitivamente colocada na mente do homem. Esse conhecimento não é produto de observação ou de dedução em virtude de fatores externos ao ser humano. Há certas verdades que a mente percebe imediatamente, sem que haja a necessidade de demonstração lógica. O conhecimento inato tem a ver com a constituição da mente de modo que "ela percebe certas coisas como verdadeiras sem que haja a necessidade de prova ou instrução".[51] Esse conhecimento pode ser desenvolvido à medida que acontece o desenvolvimento mental. Todavia, não nos esqueçamos de que todo conhecimento de Deus pressupõe a revelação geral. Ele não é produto do raciocínio da mente.

Quando Paulo escreve em Romanos 1.20, ele fala dos atributos de Deus como "sendo percebidos", mas a expressão grega diz respeito a um conhecimento que é produto da mente, sem que haja um processo de raciocínio engenhosamente elaborado. Esse conhecimento é produto intuitivo da mente em contato com as obras da criação.

W. G. T. Shedd diz que

> Paulo descreve a natureza da percepção usando o particípio noumena ["sendo percebidos"], que denota uma intuição direta e imediata da razão. Os atributos invisíveis de Deus, que não são objeto dos sentidos, e não podem ser conhecidos por eles, são claramente vistos pela mente (*nous*), diz Paulo.[52]

A percepção dos atributos de Deus sempre está vinculada à capacidade que Deus deu ao homem de conhecê-lo, mas nunca está dissociada do contato com as obras da natureza. A idéia da existência de Deus está impressa na alma humana, mas não os conceitos. Estes são emitidos pela mente quando o ser humano é

[51] Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), vol. 1, 192.
[52] W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology*, vol. 1, 198-99.

exposto ao impacto da natureza. Todavia, essas idéias sobre os atributos de Deus não precisam ser analisadas, mas simplesmente são despertadas na mente quando o ser humano é confrontado com as obras da criação. "A razão é estimulada a agir pelos estímulos dos sentidos; mas quando assim estimulada, ela percebe por sua própria operação as verdades e fatos que os próprios sentidos não percebem."[53] Este conhecimento de Deus tem a ver com a natureza da mente humana.

a.3. O Conhecimento Inato de Deus É Provado pelas Leis Morais que Ele Implantou em Nosso Ser Interior

As idéias morais que possuímos revelam o santo Legislador que nos criou. Os conceitos morais básicos estão impressos em nossa alma. Quando uma criança é concebida ela já os tem na alma, embora não possa expressá-los nem formulá-los antes do seu desenvolvimento mental. Paulo diz claramente que até mesmo os ímpios, aqueles que nunca foram confrontados com a revelação especial de Deus, possuem noção das coisas morais e são julgados por elas.

> Rm 2.14, 15 – "Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se."

Esse conhecimento revela que eles possuem uma noção da divindade que está dentro deles, porque a consciência do certo e do errado está intuitivamente gravada neles e os faz conscientes de seu Criador. A conduta dos gentios de conformidade com a lei é uma amostra do conhecimento inato de Deus. Este conhecimento tem a ver com a natureza moral do homem.

Em ambos os casos, o conhecimento inato de Deus é um dom divino. Ele vem desde a nossa concepção. As idéias sobre Deus ficam latentes até que se tornam patentes quando do contato com as obras da natureza que proclamam sem palavras a glória de Deus. À medida que a nossa mente e os outros sentidos se desenvolvem, também se percebe um desenvolvimento da demonstração do conhecimento inato.

a.4. O Conhecimento Inato É Espontâneo, mas não "Consciente"

A teologia cristã nunca ensinou o conhecimento inato como um conhecimento consciente de Deus com o qual a pessoa nasce. É um conhecimento implantado por Deus na alma dos seres humanos. Esse termo é usado para de-

[53] Ibid., 199.

signar que o conhecimento é espontâneo, e não o resultado de um processo de raciocínio ou de argumentação.

A consciência do conhecimento vem com o crescimento do ser humano com o passar dos anos. Uma criancinha de berço, que possui o conhecimento inato, não o possui, todavia, conscientemente. Somente após crescer e ser exposta à revelação da criação é que ela passa a ter consciência de Deus.

a.5. O Conhecimento Inato É Conhecimento de Resposta

É importante que se lembre que o conhecimento inato é algo mais do que mera potencialidade para conhecer. Ele é uma atividade que o homem exerce sempre que tem contato com a natureza. Esse conhecimento é sempre produto da revelação divina que exerce influência sobre a mente humana. É a influência externa das obras da natureza sobre a capacidade interna que Deus deu ao homem de conhecê-lo.

a.6. O Conhecimento Inato Favorece a "Teologia Natural"

O conhecimento que o ser humano vem a ter de Deus não ocorre à parte da revelação divina. Uma vez que o homem é exposto à revelação da natureza, ele já pode emitir algum tipo de idéia sobre Deus, o que habitualmente tem sido chamado de "teologia natural", a teologia que é produto, não do recebimento da revelação especial, mas da contemplação das obras da natureza. É bom que se enfatize que não existe qualquer formulação de uma teologia natural sem o impacto da revelação das obras da natureza. Não é possível qualquer formulação de conceitos sobre Deus apenas com o uso da razão, sem que o ser humano seja exposto ao crivo da revelação da natureza. O que se chama regularmente de "teologia natural" não é apenas o produto do raciocínio humano. Com o conhecimento que vem da nossa constituição, que é implantado por Deus, podemos formular uma teologia natural.

a.7. O Conhecimento Inato É Corrompido pelo Pecado

O conhecimento inato e a possibilidade de formulação de uma teologia natural esbarram no problema do pecado.

Há um *semen religionis* implantado no homem, de forma que o homem foi criado com a potencialidade de conhecer a Deus pela natureza da sua constituição, mas o pecado afetou a totalidade do ser humano, inclusive a sua mente. Este fator não pode ser esquecido. Os efeitos noéticos do pecado, isto é, os efeitos do pecado sobre a mente, têm que ser levados em conta. Por essa razão, esse conhecimento é corrompido pelo pecado e o ser humano não pode apreen-

der Deus corretamente. Ele observa as obras da criação, mas o resultado não é satisfatório, porque ele não consegue ver claramente o Criador por detrás das obras da criação em virtude de ter o seu mais interior, o coração, corrompido pelo pecado. O texto das Escrituras em Romanos 1.18 diz que, por causa da impiedade e perversão dos homens, há uma supressão do conhecimento verdadeiro de Deus, "que detêm a verdade pela injustiça".

a.8. Conhecimento Responsabilizador

O conhecimento inato de Deus, a despeito de prejudicado pela Queda, é um conhecimento que torna o homem responsável diante de Deus. Não obstante todas as dificuldades que o pecado causou ao homem, as Escrituras afirmam que ele teve, desde o princípio das coisas criadas, o conhecimento de Deus. Ele não quis o conhecimento que Deus deu de si mesmo. Ele trocou a verdade de Deus em mentira, mas não se pode negar que ele teve esse conhecimento. Por essa razão, depois de fazer um arrazoado sobre esse assunto, Paulo diz: "Tais homens são, por isso, *indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus*, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato" (Rm 1.20b, 21). Pela atitude que tomaram diante do conhecimento de Deus, esses homens tiveram o juízo parcial de Deus sobre suas vidas, quando estas foram entregues à imundícia (Rm 1.24). Essa punição ocorreu porque eles haviam recebido um conhecimento que os tornava responsáveis diante de Deus.

a.9. Conhecimento Universal

Esse conhecimento responsabilizador é universal; não se refere apenas aos homens do tempo de Paulo. Todas as pessoas que negligenciam a correta adoração do Deus verdadeiro são culpáveis diante dele. Todas as pessoas que estão em contato com as obras da natureza, onde quer que estejam, são impactadas pela revelação divina e, todavia, mantêm-se rebeldes contra Deus. Não há nem uma só pessoa que esteja fora da esfera dessa revelação.

Todos os seres humanos estão sob o governo moral de Deus, porque Deus implantou suas leis no coração de todos eles. Esse conhecimento de Deus é inescapável em todos os seres humanos. Todos eles possuem a noção do que é certo e do que não é. Paulo menciona que "quando, pois, os gentios que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se" (Rm 2.14, 15). Ninguém pode alegar não

ter noção do governo moral de Deus, porque Deus implantou-lhes uma lei que lhes mostra que existe um governador moral. Portanto, todos os seres humanos são indesculpáveis se não prestam a honra devida ao Criador.

b. Conhecimento Adquirido

Este conhecimento tem a ver com o conhecimento *a posteriori*, isto é, o conhecimento que vem após a observação da criação e dos eventos redentores demonstrados nas Escrituras Sagradas. Eles são produto da revelação verbal de Deus aos homens.

O conhecimento inato e o adquirido não estão em oposição um ao outro, embora haja distinção entre eles. O conhecimento *inato* é inerente à constituição da alma humana, enquanto o conhecimento *adquirido* é derivado ou produto da observação, estudo ou reflexão. Ele é produto da argumentação e do raciocínio, sempre com base na revelação de Deus, particularmente a revelação especial. Este conhecimento é tecnicamente chamado de *cognitio Dei acquisita*.

b.1. Conhecimento Limitado

Obviamente, todo conhecimento humano é limitado por causa da própria natureza finita do homem. Contudo, o conhecimento inato é mais limitado ainda, enquanto o adquirido é mais desenvolvido e detalhado, por causa do processo de raciocínio, argumentação e reflexão. O conhecimento adquirido é também limitado, mesmo a despeito das melhores pesquisas, porque Deus revelou-se de maneira limitada. Deus não revelou tudo de si. E, mesmo que o fizesse, o homem jamais teria condições de apreendê-lo. As duas coisas se juntam para tornar o conhecimento limitado: a limitação humana e a limitação da revelação divina.

b.2. Conhecimento de Reflexão

Enquanto no conhecimento inato a mente fica inativa, sem a necessidade de raciocínio, no conhecimento adquirido a mente fica ativa, produzindo formulações e conceitos sobre a divindade, como produto do impacto da revelação. A reflexão é consciente e não tem nada de intuitivo. O ser humano toma as noções de Deus pela contemplação da revelação da natureza e trabalha reflexivamente. O mesmo processo acontece com as informações que recebe de Deus em forma de palavras. Ele as toma e formula conceitos sobre Deus. O resultado disso é chamado teologia propriamente dita. Daí vêm as tentativas de explicar o "como" e o "porquê" de todos os conceitos que o ser humano formula a respeito de Deus.

b.3. Conhecimento de Acomodação

Deus se revela de acordo com a capacidade que ele mesmo concedeu ao ser humano. Deus se acomoda à nossa limitação e à nossa natureza. Ele não pode ser compreendido por nós devido à finitude de nossa mente e, portanto, há em nós incapacidade de apreendê-lo completamente. Por essa razão, Calvino diz que Deus "se acomoda (*attemperat*) aos nossos padrões".[54]

Essa acomodação ao nosso conhecimento é necessária por duas razões: primeiramente, por causa da grande distância que há entre o Criador e a criatura; em segundo lugar, por causa da separação existente entre o Deus santo e a humanidade pecadora. São duas distâncias de natureza diferente. A primeira decorre da natureza, a segunda decorre do pecado. Por essa razão, pensa Calvino, Jesus Cristo é o enviado de Deus que cruza essa grande distância entre o Criador e a criatura e quebra a barreira do pecado entre ambos, como Redentor divino-humano que é.[55]

Todavia, é bom lembrar que, ao cruzar essa grande distância, Cristo não nos torna divinos. Quando nos redime, ele retira a grande distância que o pecado provoca, mas não nos arranca da distância que a própria natureza nos deixou. Sempre seremos criaturas e sempre haveremos de ter a revelação divina adequada, acomodada à nossa condição de criaturas.

b.4. Conhecimento Correlativo

Como foi dito no início deste capítulo, não há a possibilidade de se dissociar o conhecimento de nós mesmos do conhecimento que temos de Deus. Calvino disse que "toda sabedoria que possuímos, a sabedoria verdadeira e sadia, consiste de duas coisas: o conhecimento de Deus e de nós mesmos."[56] Para ele, não há o conhecimento de Deus sem o conhecimento de nós mesmos, nem o conhecimento de nós mesmos sem que haja o conhecimento de Deus. Há uma interdependência entre esses conhecimentos. A fim de que nos conheçamos como realmente somos, é necessário que tenhamos o conhecimento de quem Deus é. O conhecimento de sua santidade nos fará ver o que somos; o conhecimento de sua bondade nos fará ver o que devemos ser, e assim por diante. Por outro lado, a fim de que conheçamos a Deus temos que possuir um conhecimento de nós mesmos, pois refletimos, em alguma medida, a sua imagem. Não há como escapar dessa imagem em nós, pois ainda refletimos, em alguma medida, o que ele é. Todavia, esse tipo de conhecimento de nós mesmos nos leva a ver quão dife-

[54] Calvino, *Commentary on Ezequiel* 9.3, 4.
[55] Esta idéia está nas suas *Institutas*, 2.16.5.
[56] *Institutas*, 1.1.1.

rentes somos dele, especialmente na esfera moral e ética. Quando olhamos para dentro de nós mesmos, vemos a distância que existe entre ele e nós, distância essa que é aumentada e agravada pelos nossos pecados. Nesse caso, podemos aprender mais por contraste do que por semelhança.

De qualquer forma, esses dois conhecimentos devem ser inseparáveis. Eles são correlativos e necessários para que tenhamos uma idéia melhor sobre Deus.

B. A NEGAÇÃO DO CONHECIMENTO DO DEUS DAS ESCRITURAS

Alguns negam a possibilidade de se conhecer a Deus devido às limitações das faculdades humanas do conhecimento. O principal argumento é que a mente humana é incapaz de conhecer as coisas que estão além dos fenômenos naturais, isto é, as coisas supra-sensíveis e divinas. Geralmente os deístas são partidários dessa idéia, porque negam que Deus se revela ou que intervém no universo. Logo, o homem não pode conhecer nem conceber nada sobre Deus.

Os que negam a possibilidade de Deus ser conhecido são chamados de *agnósticos*. O agnosticismo é uma doutrina filosófica que declara que o Absoluto é inacessível ao espírito humano. Todavia, os agnósticos não gostam de ser chamados de ateus porque não negam a existência de Deus, mas não sabem se Deus existe. Contudo eles negam categoricamente que Deus possa ser conhecido, ou, se não são tão radicais, afirmam que não se pode ter certeza de que o conhecimento que se obtém de Deus corresponde à verdade.

Em última instância, os agnósticos, embora não gostem de ser chamados de ateus, negam a revelação divina e afirmam, além disso, a impossibilidade de a mente humana ter qualquer idéia de Deus. Deus é inacessível ao espírito humano.

Hume não negou a existência de Deus, mas afirmou que não conhecemos verdadeiramente os seus atributos. Tudo o que conhecemos dele não passa de idéias antropomórficas. Não podemos estar certos de que o que atribuímos a ele corresponda à verdade.

Kant estimulou tremendamente o pensamento agnóstico, pois dividiu o universo em duas esferas: a do *númeno* e a do *fenômeno*. Ele afirmou que a razão pura conhece somente os fenômenos, aquilo que é visível, que é mensurável e detectável pela razão. Essas coisas estão à nossa vista ou palpáveis aos nossos sentidos. Além disso o homem não pode conhecer. As realidades fora da esfera dos fenômenos são impossíveis de ser conhecidas. Portanto, visto que Deus está na esfera que escapa aos nossos sentidos, que ele pertence à esfera do *númeno*, ele não pode ser observável pelos nossos sentidos, nem conhecido pela razão

pura. De Deus não podemos ter qualquer conhecimento. Kant não tentou provar que Deus não existe, mas concluiu que a existência de Deus não pode ser provada, simplesmente porque ele não pode ser conhecido. Para Kant, nenhuma prova da existência de Deus pode ser considerada válida. Portanto, além de Deus nunca se revelar, ele nunca será descoberto pela mente humana. Em seu livro *A Crítica da Razão Pura,* Kant afirmou os limites da razão humana. É um problema epistemológico. Como supostamente é um ser puro, Deus não pode ser alcançado pelas mentes finitas, porque ele está fora de nossas sensações e percepções.

Os agnósticos formularam algumas teses para negar a possibilidade de Deus ser conhecido. É bom que se tenha em mente que todos esses argumentos são produzidos pela negação da idéia de revelação divina.

Teses do argumento agnóstico:[57]

1. O HOMEM SÓ CONHECE POR ANALOGIA

Os agnósticos afirmam que conhecemos somente aquilo que guarda alguma analogia com nossa natureza ou experiência.

Porém, não é verdade que conhecemos só aquilo que possui analogia conosco. Podemos aprender também por contraste. Muitas vezes são as diferenças que nos chamam a atenção.

Todavia, é bom lembrar que o homem foi feito à imagem de Deus, e algumas das semelhanças ainda permanecem. Portanto, há a possibilidade de se olhar para os traços da imagem de Deus que ainda permanecem e fazer projeções no Ser Divino. Os escolásticos da Idade Média ensinaram que Deus pode ser conhecido por três métodos racionais: *via negationis*, *via eminentiae* e *via causalitatis*.[58] Todavia, não podemos negar que essa maneira de se conhecer a Deus não é a mais aconselhável, porque sempre parte de baixo para cima. A única maneira de se conhecer a Deus não é por analogia ou por contraste, mas confiar na sua revelação.

2. O HOMEM REALMENTE CONHECE AQUILO QUE ELE PODE ABARCAR NA SUA TOTALIDADE

O homem não pode compreender a Deus porque este é infinito. Se o conhecimento verdadeiro é somente aquele que podemos ter da totalidade do objeto

[57] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 35.
[58] Ibid., 59-60.

conhecido, então não conhecemos nada, pois não conhecemos exaustivamente coisa alguma. Os homens disseram que conheciam muitas coisas, mas hoje, depois de todo o desenvolvimento tecnológico, começam a admitir que conhecem pouco.

Todavia, não podemos nos esquecer que o conhecimento parcial também é verdadeiro. Ainda que o nosso conhecimento não seja exaustivo, ele é, todavia, verdadeiro, pois o que conhecemos de Deus vem dele próprio. Podemos conhecer algumas poucas coisas de Deus, até onde ele se deixa conhecer, mas o que conhecemos dele corresponde à realidade, pois é informação digna de confiança, que vem do próprio objeto conhecido.

3. Todas as Afirmações que Se Fazem de Deus São Negativas e, Portanto, não Proporcionam um Conhecimento Verdadeiro

O Absoluto e o Infinito só podem conceber-se como negação daquilo que é concebível, o que significa que não podemos conceber coisa alguma de Deus. Por certo, o argumento agnóstico se baseia no argumento escolástico do conhecimento dos atributos de Deus chamado *via negationis*.

Ainda que muita coisa que sabemos de Deus seja através de negação, isto não significa que não haja idéias positivas a respeito de Deus. Quando negamos em Deus tudo aquilo que é mau ou finito em nós, automaticamente estamos afirmando coisas positivas em Deus.

Todavia, novamente afirmamos que o cristão não pode firmar-se no argumento *via negationis* para afirmar as qualidades de Deus. O Deus do cristianismo é aquele que se desnuda, deixando-se achar pelos seres humanos. Este é outro modo de afirmar a suficiente revelação de Deus.

4. Todo o Nosso Conhecimento Está Relacionado com o Sujeito Investigador

Em outras palavras, tudo o que projetamos em Deus é o conhecimento que temos de nós mesmos. Certamente, o argumento agnóstico novamente está relacionado ao argumento *via causalitatis* usado pelo escolasticismo para estabelecer os atributos de Deus. Esse argumento diz que partimos dos efeitos que há no mundo para a idéia da primeira causa.

Pode parecer interessante, mas a nossa idéia de Deus pode ficar muito subjetiva, e não corresponder à verdade. Freud ensina, de modo geral, que a idéia da

paternidade divina é a que temos em virtude do nosso relacionamento com os nossos pais. Esta é uma inversão de valores. Portanto, se cremos que o conhecimento de alguma coisa só é válido quando relacionado conosco, dificilmente vamos possuir uma idéia de Deus que corresponda à realidade, especialmente na condição de pecado em que os seres humanos, mesmo remidos, ainda vivem. A crítica feita pelos agnósticos ao conhecimento de Deus que os cristãos dizem ter é apenas uma projeção daquilo que eles próprios são.

Mas não podemos nos esquecer de que somos reflexo da criação, tendo a imagem de Deus, e projetamos nele o que dele recebemos. Todavia, voltamos à tese de que podemos ter um verdadeiro conhecimento de Deus somente pela revelação. Ponto final.

ÍNDICE

CAPÍTULO 3 – DEUS É INCOMPREENSÍVEL

A. Base Bíblica da Incompreensibilidade de Deus 71
1. Deus É Incompreensível pelo que Ele É 71
2. Deus É Incompreensível pelo que Faz 71
3. Deus É Incompreensível por Causa de Suas Profundezas Insondáveis 72
4. Deus É Incompreensível Porque É Incomparável 73
5. Deus É Incompreensível por Estar Além dos Limites Espaciais e Temporais 75
6. Deus É Incompreensível por Ser o Único Deus 75
7. Deus É Incompreensível Porque É Inominável 77
8. Deus É Incompreensível Porque Ele É Inacessível 77

B. A Incompreensibilidade de Deus na História da Igreja 78
1. Na Igreja da Patrística 78
2. Na Igreja da Idade Média 79
3. Na Igreja da Reforma 80

C. Lições sobre a Incompreensibilidade de Deus 81
1. Por Ele Ser Incompreensível, Devemos Admirá-lo 81
2. Por Ele Ser Incompreensível, Devemos Amá-lo 82

Capítulo 3

DEUS É INCOMPREENSÍVEL

Deus pode ser conhecido, como vimos no capítulo anterior, mas o que nos intriga é que Deus, mesmo sendo conhecido, não pode ser compreendido. Em sua essência, Deus é incompreensível, mesmo que conheçamos muitas coisas que ele revelou de si.

A incompreensibilidade de Deus é um mistério da dogmática cristã. O nosso conhecimento dele é limitado às informações que dele recebemos. Em outras palavras, Deus pode ser conhecido até onde ele se nos revela, mas não pode ser compreendido, porque a compreensão do seu ser interior envolve um conhecimento exaustivo dele, e isso, obviamente, não é possível, por duas razões: 1) porque ele não nos deu a conhecer tudo o que ele é; 2) porque não seríamos capazes de absorver tudo o que ele é, devido à nossa finitude.

Todo o conhecimento das doutrinas da dogmática cristã está, de alguma forma, relacionado à doutrina do conhecimento de Deus. A doutrina da cognoscibilidade de Deus é o ponto de partida do conhecimento de todas as outras doutrinas. O estudo da revelação de Deus, embora não nos leve a um entendimento de Deus, causa em nós um senso de profunda reverência e adoração. Quanto mais meditamos na revelação divina, mais ficamos cheios de admiração e respeito por ele. Portanto, todo homem deveria ansiar pelo conhecimento de Deus, pois isto é o que caracteriza a verdadeira natureza do homem, que não pode viver alheio a Deus e separado dele. Agostinho disse com muita precisão: "Eu desejo conhecer Deus e a minha própria alma. Nada mais? Nada".[59]

Todavia, mesmo conhecendo Deus, não podemos compreender o seu ser interior, pois a sua natureza é muito diferente da nossa e muito mais complexa. A pergunta que pode ser feita é: "Como é possível ter qualquer conhecimento de Deus e ele ainda manter-se incompreensível?" Sören Kierkegaard costumava

[59] Citado por Bavinck, *The Doctrine of God*, 14.

dizer que "existe uma distância qualitativa e infinita entre Deus e os homens..."[60] Essa distinção é de tal natureza que nos impede de compreender o Deus da Escritura. Há entre os seres humanos e Deus uma enorme distância, a distância do finito para o infinito, a distância que existe entre o tempo e a eternidade, entre o nada e o tudo. Todavia, é necessário lembrar que a noção da grande distância que existe entre o Criador e a criatura advém da revelação que Deus faz de si mesmo. O nosso conhecimento de Deus não advém de nossa própria pesquisa ou capacidade inerente de conhecê-lo. Se Deus não se nos houvesse revelado de maneira ordinária (revelação geral) e extraordinária (revelação especial), não saberíamos que Deus grande temos nem da distância que há entre ele e nós. É através de sua revelação que ele se nos torna conhecível e, ao mesmo tempo, nos aponta a sua incompreensibilidade.

A. BASE BÍBLICA DA INCOMPREENSIBILIDADE DE DEUS

A incompreensibilidade de Deus é derivada de certos textos da Escritura que tratam de alguns dos seus atributos incomunicáveis, como sua imensidão e onipresença (1Rs 8.27). Todavia, a doutrina da sua incompreensibilidade é claramente afirmada em textos como:

Jó 26.14 – "Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, *quem o entenderá*?"

Vejamos algumas verdades relativas à incompreensibilidade de Deus:

1. DEUS É INCOMPREENSÍVEL PELO QUE ELE É

Jó 36.26 – "Eis que Deus é grande, *e não o podemos compreender*; o número dos seus anos não se pode calcular."

A natureza de Deus é infinitamente distinta da nossa, quantitativa e qualitativamente. Não há em nós possibilidade de compreender aquilo que está muito acima de nós. Não conseguimos compreender a grandeza de Deus, porque o nosso conceito de grandeza está ligado à mensurabilidade. Deus não é mensurável espacial nem temporalmente. Ele é infinito em sua grandeza. Por isso, não podemos ter idéia da sua grandiosidade majestosa. Ele excede o nosso entendimento!

2. DEUS É INCOMPREENSÍVEL PELO QUE FAZ

Jó 37.5 – "Com a sua voz troveja Deus maravilhosamente; faz grandes cousas que *nós não compreendemos*."

[60] Barth diz isso algumas vezes em seu Comentário aos Romanos.

Os feitos de Deus incluem as grandes coisas que não existiam, mas que vieram a existir por sua palavra, como o universo criado e os seres vivos (Is 41.4).

Não somente os atributos incomunicáveis (como auto-existência, imutabilidade, eternidade e infinidade) tornam Deus incompreensível a nós. Mesmo os atributos comunicáveis mais cantados pela igreja têm uma certa dose de incompreensibilidade.

Veja o que Paulo diz do amor de Deus, que é o atributo mais desejado de todos os crentes: "... e conhecer o amor de Cristo que *excede todo entendimento*, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus" (Ef 3.19). Não podemos compreender como Deus ama, pois o modo de ele amar é muito diferente do nosso. A base do seu amor está nele próprio, e nunca nas razões que o objeto amado oferece. Conosco é exatamente o inverso e, por isso, o que ele faz por nós se torna incompreensível.

Veja ainda o que é dito da paz de Deus, que é uma das coisas que mais deliciosamente desfrutamos: "E a paz de Deus, *que excede todo o entendimento*, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus" (Fp 4.7). Mesmo essa sensação maravilhosa que advém do que Cristo fez por nós vai além do que podemos compreender. Deus é incompreensível, em sua profundeza, em tudo o que faz.

3. DEUS É INCOMPREENSÍVEL POR CAUSA DE SUAS PROFUNDEZAS INSONDÁVEIS

As profundezas de Deus não podem ser sondadas por nós. Os pensamentos de Deus estão muito acima dos nossos pensamentos e os seus caminhos são muito mais altos do que os nossos caminhos (Is 55.8, 9). Por essa razão, Paulo, após tratar dos misteriosos caminhos do Senhor na soberana salvação de alguns assim como na reprovação de outros, diz:

> Rm 11.33, 34 – "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?"

A mente de Deus é absolutamente insondável pela simples razão de ela ser infinita. Os filósofos chegaram a essa conclusão através de sua própria ignorância ao tentarem alcançar a Deus, mas os apóstolos compreenderam essa verdade pela revelação do próprio Deus. Foi exatamente essa verdade que Paulo declarou nos versos acima. Após tratar das doutrinas da graça nos capítulos anterio-

res, Paulo tem a sua mente "fundida" pela maravilha da sabedoria insondável de Deus! Nesses versos Paulo se maravilha com as doutrinas da graça, que são incompreensíveis porque estão vinculadas à mente e à sabedoria inatingíveis de Deus. Essa sabedoria de Deus é apresentada de múltiplas formas (Ef 3.9-11), e o ser humano fica boquiaberto diante dela, sem sequer compreendê-la. As mentes mais brilhantes deste mundo encontram um grande mistério na mente sábia de Deus. Alguns ensinam que o pecado é a causa desse mistério a respeito da mente de Deus. Pessoalmente, creio que o mistério é aumentado pelo pecado, porque este produz efeitos noéticos (sobre a mente), mas a nossa finitude é a resposta mais correta. Quando estivermos todos completamente redimidos, a mente de Deus ainda será um mistério para nós. Não seremos compreendedores de Deus depois de consumar-se a redenção. Mesmo quando a imagem de Deus for totalmente restaurada em nós, ainda assim não compreenderemos a Deus. A negação dessa verdade equivale à idéia de que nos consideramos semelhantes a ele. Isso nunca acontecerá, nem na glória!

O modo como Deus age na história do mundo também é incompreensível, não porque o seu modo de operar não seja razoável, mas porque a nossa mente é incapaz de alcançar o seu raciocínio e acompanhar o seu pensamento. O *modus operandi* de Deus escapa ao nosso entendimento e isso nos maravilha! A razão do encantamento está na limitação do nosso entendimento em comparação com a profundidade dos juízos e dos caminhos de Deus, que são inescrutáveis!

Nenhum homem pode penetrar as profundezas de Deus. Elas são conhecidas somente pelo Espírito de Deus que a todas as coisas perscruta! Isaías diz de maneira inequívoca que ninguém pode esquadrinhar o entendimento de Deus (Is 40.28). Só o Espírito do próprio Deus pode sondar o seu interior. Ninguém mais!

4. DEUS É INCOMPREENSÍVEL PORQUE É INCOMPARÁVEL

Deus não é somente infinito, mas ele é absolutamente singular, incomparável! Nenhum ser criado pode ser igualado a Deus, ou ter o seu próprio raciocínio. Ninguém tem quaisquer condições de ser o conselheiro de Deus ou de lhe dizer o que ele deve fazer.

Ele mesmo desafia os seres humanos orgulhosos e vaidosos a encontrarem alguém que possa ser comparado a ele. Deus estava acima de qualquer dos deuses imaginados pelos homens mais sábios do mundo. Essa foi a mensagem que Paulo tentou passar aos intelectuais do seu tempo. É sobre esse Deus insondável e inescrutável que ele falou aos filósofos que andavam à procura de novidades

no Areópago de Atenas. O Deus que Paulo apresentou era absolutamente independente e não necessitava absolutamente de nada (At 17.24, 25, 28). Os deuses dos gregos foram todos criados à imagem e semelhança dos homens, mas o Deus apresentado por Paulo sobrepujava a todos eles juntos. Ele era inigualável!

Nos versos abaixo, Deus zomba da pequenez dos homens em comparação à sua infinita grandeza e singularidade. Os reis e as nações não passam de gota d'água ou do pó da areia diante da majestade divina (Is 40.15).

O profeta Isaías registra as várias vezes em que Deus desafia os homens a achar alguém semelhante a ele, mostrando o seu desprezo pela soberba dos homens.

> Is 40.18, 25 – "Com quem compararei a Deus? Ou que cousa semelhante confrontareis com ele? ... A quem, pois, me compararei para que eu lhe seja igual? – diz o Santo."

Estas perguntas de Deus revelam a tolice e a soberba dos homens. Estes faziam imagens de escultura, pensando que Deus podia ser comparado a elas. As imagens estavam violando o primeiro e o segundo mandamentos ordenados a Moisés. Os contemporâneos de Isaías eram idólatras, e Deus sempre foi intolerante com essa depravação da verdadeira e única divindade. O Invisível não pode ser tratado como se fosse uma criatura, com aparência e com forma. Ele é um ser eminentemente espiritual, sendo infinito em sua espiritualidade, e isto o distingue absolutamente das outras criaturas! Nenhum dos deuses criados pelos pagãos pode ser comparado a Deus porque ele é ímpar! Não existe cópia de Deus ou alguém que se assemelhe a ele. Após fazer uma apologia de si mesmo, Deus fez os homens olharem ao seu redor e averiguarem as grandes obras da natureza, para que vissem quem estava por trás de toda aquela grandeza! Somente alguém maior do que a própria natureza. Esse é o Deus singular! (Is 40.26).

> Is 46.5 – "A quem me compararei para que eu lhe seja igual? E que cousa semelhante confrontareis comigo?"

É algo totalmente absurdo fazer com que o infinito seja representado pela aparência de uma criatura. É uma tentativa de transformar a verdade em mentira. Deus não pode ser representado por nada, porque não há nada que se compare a ele. Só o igual pode representar. Aquele que está acima de toda criatura e de toda a criação é inigualável! O finito não pode ser confrontado com o Infinito. Portanto, ninguém pode ser comparado com Deus, porque ninguém é semelhante a ele!

Deus é absolutamente inigualável (Is 44.6-8) e isto o torna incompreensível! Nenhum outro ser é capaz de chegar próximo do único Deus e Senhor de toda a terra.

5. DEUS É INCOMPREENSÍVEL POR ESTAR ALÉM DOS LIMITES ESPACIAIS E TEMPORAIS

Is 40.12 – "Quem na concha de sua mão mediu as águas e tomou a medida dos céus a palmos? Quem recolheu na terça parte de um efa o pó da terra e pesou os montes em romana e os outeiros em balança de precisão?"

Ele é tão grande que todo o universo, que é considerado como "infinito" pelos estudiosos, cabe nas palmas de suas mãos, e tudo é tão pequenino se comparado com o Criador.

A distância entre o Criador e a criatura fica ainda mais patente quando Deus, através do profeta Isaías, se compara até mesmo às nações mais poderosas, que são consideradas como absolutamente nada na sua presença. Observe a linguagem do profeta: "Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai dum balde, e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta" (Is 40.15).

6. DEUS É INCOMPREENSÍVEL POR SER O ÚNICO DEUS

Deus é absolutamente singular. Nada se compara a Ele, como já vimos anteriormente. A sua singularidade o distingue de tudo o que existe, e as palavras, sentimentos e imaginações humanas não podem descrevê-lo nem defini-lo.

Êx 20.2, 3 – "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim."

Deus inicia os seus mandamentos cortando toda a possibilidade de haver alguém que faça competição com ele. Deus é único e não admite qualquer outro ser que venha a tomar a glória que lhe é devida. Por essa razão, ninguém consegue entender os propósitos e o ser interior de Deus. A sua singularidade nega a possibilidade mesmo de ser conhecido (se não se revelasse), e certamente inclui a sua incompreensibilidade.

"Eu sou o Senhor teu Deus" – Isto não significa que não haja a possibilidade de pertencermos a um outro deus ou de crermos num deus que fazemos com as nossas próprias mãos. Mas porque o Deus único nos possui e, em pacto, revelou-se a nós, como zeloso que é, ele não admite que outro deus possa ocupar o nosso pensamento. Contudo, a despeito de sua atitude revelacional ali no Monte Sinai, ele permanece um *Deus absconditus*, como ensinava Lutero. Mesmo es-

tando diante da face de Deus, Moisés queria ver a essência de Deus, mas este lhe respondeu que nenhum homem poderia continuar vivendo se pudesse ter qualquer contato com o seu caráter mais glorioso, ou seja, vê-lo em sua essência. Nenhum outro deus ou ser criado é semelhante a ele. Por isso, esse único Deus não pode ser compreendido.

> Dt 4.35, 39 – "A ti te foi mostrado para que soubesses que *o Senhor é Deus*; nenhum outro há senão ele... Por isso, hoje, saberás e refletirás no teu coração *que só o Senhor é Deus* em cima no céu e embaixo na terra; *nenhum outro há*."

Depois de mostrar todas as suas maravilhas a Moisés e ao povo, Deus aproxima-se de Moisés e lhe diz as palavras acima, e este as transmite ao povo, que havia sido testemunha ocular dos poderosos feitos do Senhor. Pelo que Deus é e faz, os homens podem saber que somente ele é Deus, mas os seus atos e as suas palavras não nos podem dar um conhecimento dele que nos capacite a compreendê-lo. Mesmo que o homem chegue a refletir no seu coração sobre a divindade de Iavé, e venha a reconhecer que somente ele é Deus, a sua singularidade impede que tenhamos compreensão do que ele realmente é.

> 1Sm 2.2 – "Não há santo como o Senhor; porque não há outro além de ti; e Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus."

Numa oração cheia de angústia, esperando que Deus a ouça e lhe dê um filho, Ana apela para a singularidade de Deus. Todos os homens tementes a Deus diriam o que Ana disse acima, mas todos eles ainda ficariam por entender os caminhos de Deus e os seus propósitos. Eles nos são ocultos e, mesmo quando revelados, permanecem sem serem compreendidos. Esta verdade torna o ser humano pequenino, ou melhor, é a sensação de pequenez do homem que o torna um verdadeiro adorador como Ana o foi. Deus é inescrutável em seus caminhos e santo em todas as suas obras; a nossa alma sabe disso muito bem e cada vez mais se admira de sua profundidade e da imensidão dos seus pensamentos!

> Is 44.8 – "Não vos assombreis, nem temais; acaso, desde aquele tempo não vo-lo fiz ouvir, não vo-lo anunciei? Vós sois as minhas testemunhas. *Há outro Deus além de mim? Não, não há outra Rocha que eu conheça.*"

Os homens sempre tentaram criar deuses para expressar a sua própria religiosidade, mas todos eles são falsos. Quando Paulo comparou os deuses do Olimpo com o verdadeiro Deus, ele desafiou os gregos a crerem no Deus que fazia o que os outros não podiam fazer. Ele ensinou sobre o Deus criador, providente e redentor. Nenhum deus criado pelos homens faz o que Deus faz. Deus é singular

não somente na sua essência, mas no que faz. Ele é único e, portanto, incompreensível! Só podemos compreender aquilo que tem alguma semelhança a nós. Como somos infinitamente pequenos e Deus é o único Deus, não podemos saber nada dele além daquilo que ele nos revelou. Devido a sua singularidade, por mais que diga algo de si, ele nunca nos levará a compreendê-lo de modo que venhamos a saber quem ele realmente é.

7. DEUS É INCOMPREENSÍVEL PORQUE É INOMINÁVEL

Não há nenhum nome que expresse tudo o que Deus é. Os nomes todos que a Escritura dá a Deus não são suficientes para nos dar uma compreensão de Deus. A sua essência não pode ser descoberta pelos seus nomes. Deus possui uma enorme variedade de nomes justamente porque cada um deles reflete algo do que ele é. Na Escritura ele é chamado de Maravilhoso (Gn 32.29 e Jz 13.18; Pv 30.3, 4 e Is 9.6), mas esse nome nos dá uma idéia da qual a mente humana pode ter apenas um vislumbre. Contudo, seu ser mais interior é inominável. Nada do que é humano poderia descrever a divindade.

Deus é sem nome porque tudo o que ele diz de si mesmo, embora seja a verdade absoluta, ou seja, corresponda à realidade, não exaure o que ele é na sua essência. Portanto, mesmo os nomes que a Escritura atribui a Deus são insuficientes para explicar a sua natureza.

8. DEUS É INCOMPREENSÍVEL PORQUE ELE É INACESSÍVEL

Paulo, o apóstolo, diz que Deus habita numa esfera da qual os homens não podem se aproximar. Escrevendo a Timóteo, Paulo diz que Deus "habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver" (1Tm 6.16). Nenhum homem pode aproximar-se de Deus, mesmo no estado de glória que vier a ter quando da consumação final de nossa salvação. O Ser todo glorioso não pode ser confrontado nem visto pela criatura. Qualquer coisa que o homem vier a saber dele será sempre de maneira mediata, isto é, por meio do Deus encarnado, Jesus Cristo. O contato com a Luz será através da Lâmpada. Ninguém poderá ver a luz sem a lâmpada (Ap 21.23). Ninguém conhece a Deus além do que Cristo Jesus revelou dele. João confirmou a inacessibilidade de Deus dizendo que "ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (Jo 1.18). Somente o Filho de Deus teve condições, por causa da sua própria natureza divina, de ver o Pai. Por essa razão, João afirma: "Não que alguém tenha visto ao Pai, salvo aquele que vem de Deus: este o tem visto" (Jo 6.46). Portanto, criatura alguma pode penetrar os segredos da divindade inacessível, a quem todos devem honra e glória.

B. A INCOMPREENSIBILIDADE DE DEUS NA HISTÓRIA DA IGREJA

1. NA IGREJA DA PATRÍSTICA

Nos primeiros séculos da igreja cristã, a doutrina da incompreensibilidade de Deus ficou atrelada à doutrina da sua incognoscibilidade. Alguns expoentes da patrística adotaram uma idéia parecida com o agnosticismo ou um semi-agnosticismo. A idéia era: Deus não pode ser compreendido porque não é conhecido adequadamente. A revelação que Deus deu de si mesmo na criação e na redenção não o torna compreensível. Portanto, não existe um conhecimento adequado de Deus que leve os seres humanos à sua compreensão. Nenhuma pessoa pode dar uma definição sintética de Deus porque esta só é possível se tivéssemos um conhecimento exaustivo a seu respeito. Nenhuma idéia vinda do próprio Deus nos dá um conhecimento abrangente dele, o que nos leva novamente à impossibilidade de compreendê-lo.

O apologista Justino Mártir chama Deus de inexprimível, sem possibilidade de movimento, sem nome. As palavras Pai, Deus ou Senhor não são nomes reais, "mas apelações derivadas de suas funções e de seus atos bons".[61]

Irineu também apresenta a antítese falsa e parcialmente gnóstica entre o Pai (que é escondido, invisível, incognoscível) e o Filho (que o revelou).[62] Desde a patrística houve a tendência de se formular uma imagem negativa de Deus. Por negativa eu quero dizer que os pais da igreja sempre procuraram eliminar de Deus qualquer coisa pertencente à criatura, de forma que eles acabaram por dizer mais o que Deus *não* é, do que aquilo que ele é. Resumindo esse pensamento, Atanásio disse que "ele é exaltado acima de todos os seres e acima do pensamento humano".[63] Com esta idéia certamente todos os pais da igreja concordam.

Para Agostinho Deus é o inefável. Ninguém pode descrevê-lo porque ele é incompreensível. É por isso que, para Agostinho e para todos os vultos da patrística, "é mais fácil dizer o que ele não é do que o que ele é".[64] Nada neste mundo criado pode ajudar-nos na compreensão do Deus que temos. Ele não é nada daquilo que vemos, apalpamos, sentimos ou percebemos na criação. Agostinho diz que Deus é incompreensível e que ele precisa ser assim, "porque Deus

[61] Bavinck, *The Doctrine of God*, 21.
[62] Ibid., 21.
[63] Ibid.
[64] Ibid.

é mais pensado do que expresso, e existe mais verdadeiramente do que é pensado".[65]

Um pouco mais adiante na história da igreja, Scotus Erígena teve uma idéia ainda mais radical a respeito da incompreensibilidade de Deus. Suas idéias são bem próximas do agnosticismo. O pseudo-Dionísio, o Areopagita, ensinou que "não há nenhum conceito, expressão, ou palavra pela qual o ser de Deus pode ser indicado".[66] Não se pode formar nenhum conceito sobre Deus. Portanto não podemos dizer se ele é unitário, infinito, transcendente, acima de todas as coisas. Mesmo admitindo que os nomes de Deus eram reveladores de coisas positivas sobre Deus, creu-se nessa época que esses nomes não revelavam nada da essência de Deus. Logo, os atributos de Deus não tinham nada a ver com o que ele era essencialmente. Por essa razão, a teontologia dessa época foi mais negativa do que positiva, pois esta última é somente metafórica e figurativa, enquanto a primeira excede a segunda. A teologia negativa é melhor que a positiva, porque ela nega em Deus tudo o que há em nós, dando-lhe uma transcendência muito maior. Para Erígena, portanto, "sabemos somente *que* ele existe, mas não sabemos *o que* ele é".[67] Esse radicalismo dificultou muito toda tentativa de se admitir qualquer conhecimento de Deus, levando posteriormente à aceitação de uma forma de deísmo.

2. NA IGREJA DA IDADE MÉDIA

Em contraste com Scotus Erígena e com o Areopagita, os teólogos do escolasticismo da Idade Média falaram um pouco mais positivamente do que negativamente de Deus. Contudo, ainda assim, penderam para a teoria da incognoscibilidade de Deus.

Conforme o pensamento de Alberto Magno, Deus está acima de qualquer pensamento humano e não pode ser alcançado pela mente humana. Não há nenhum nome que expresse o seu ser porque ele é incompreensível e inexprimível.[68]

Tomás de Aquino admite alguns tipos de conhecimento de Deus ("visão imediata de Deus", "conhecimento de Deus pela fé" e "conhecimento de Deus pela razão"), mas nenhum deles pode nos dar uma compreensão de Deus. Aqui neste mundo todo conhecimento de Deus é mediato. Portanto, não podemos saber quem ele realmente é. Só podemos saber que ele "é a causa primeira e mais eminente de todas as coisas". Por essa razão, no raciocínio de Aquino,

[65] Ibid., 22.
[66] Ibid., 22.
[67] Ibid., 23.
[68] Ibid., 23.

podemos partir do conhecido para o desconhecido ou do efeito para a causa (*via causalitatis*), mas na verdade nunca chegaremos a ele, pois podemos apenas negar em Deus as nossas perfeições (*via negationis*) ou aumentar nele o que possuímos de bom (*via emminenciae*). De qualquer forma, qualquer conhecimento que podemos ter dele, nesse raciocínio de Aquino, sempre parte do que o homem descobre em si próprio e nunca naquilo que Deus revela de si mesmo. A essência de Deus sempre ficará desconhecida, porque essa parte interior do seu ser ele nunca revelou. Nenhum nome expressa a natureza interior de Deus, aquela que permanece exaltada e muitíssimo acima de suas criaturas.

Ao contrário da ênfase de Tomás de Aquino, Duns Scotus tratou tanto dos detalhes do ser divino, de sua existência, nomes, pessoas e atributos, que pareceu não deixar lugar para o pensamento da incompreensibilidade.

O nominalismo de Guilherme de Occam reagiu ao pensamento de Duns Scotus. Occam disse que "nem a essência divina, nem as qualidades essenciais divinas, nem qualquer outra coisa que pertença à verdadeira natureza de Deus, nem qualquer outra coisa que seja em realidade Deus pode aqui ser conhecida por nós".[69]

Todavia, a posição da igreja de Roma foi posteriormente a de Tomás de Aquino. No Concílio de Latrão, o Papa Inocêncio III disse: "Deus é inefável", e isto ficou selado com o selo da autoridade eclesiástica.[70]

3. Na Igreja da Reforma

A teologia dos reformadores não trouxe alteração significativa à teologia vigente na Idade Média, quanto a esse assunto. Lutero falou muito na distinção entre o *Deus absconditus* e o *Deus revelatus*. Em Cristo, Deus é revelado, mas o conhecimento que possuímos de Deus não faz com que o compreendamos. No final de sua vida, ele deu mais ênfase ao Deus revelado, que é a Palavra de Deus, Cristo. Contudo, na sua teologia, mesmo sendo Deus revelado, ele ainda permanece escondido, sendo "o que ele é em sua natureza e majestade, o Deus absoluto."[71] Segundo o pensamento de Lutero, no cristianismo não há nenhum nome para Deus. Deus não pode ser apreendido da natureza ou da história, muito embora Deus se envolva com essas coisas. Mesmo em sua revelação da natureza ele permanece escondido e distante dos homens. Posteriormente, no desenvolvimento da teologia luterana, os teólogos não enfatizaram o mesmo que Lu-

[69] Ibid., 24.
[70] Ibid., 25.
[71] Ibid.

tero, mas ainda assim continuaram a crer que é impossível dar uma definição adequada de Deus, pois ele escapa aos conceitos humanos. Se os conceitos humanos sobre Deus são corretos, eles não exaurem a idéia da divindade. Logo, Deus permanece incompreensível.

Com respeito a este assunto, os teólogos calvinistas não são muito diferentes dos luteranos. A diferença de ênfase entre luteranos e calvinistas referia-se àquilo que pertence a Deus e o que pertence à criatura. Seguindo o ensinamento de Zwinglio, especialmente com respeito à presença de Cristo na Ceia do Senhor, os calvinistas aceitaram a tese filosófica de que "o finito não pode conter o infinito." Com esse pensamento em mente, os calvinistas criam que Deus não pode ser captado pelos homens. Logo, ele não pode ser compreendido em sua essência. Mesmo os nomes de Deus e seus atributos não são suficientes para nos dar uma compreensão de Deus, porque o que ele revela de si mesmo é apenas o que temos a capacidade de apreender. Embora os atributos revelados de Deus sejam expressão real daquilo que ele é, todavia, eles não nos explicam a natureza e a essência de Deus. Os atributos apenas nos mostram o que Deus não é na sua essência e no seu caráter. Toda a sua essência, contudo, é inefável, e ao homem não é dado conhecer. Aquilo que Deus não revelou de si provavelmente esteja ligado à nossa finitude, que não é capaz de absorver a essência da divindade. Os calvinistas todos afirmam que Deus não pode ser definido, que ele não tem nenhum nome e "que é exaltado acima de toda a nossa compreensão, nossa imaginação e nossa linguagem".[72]

C. LIÇÕES SOBRE A INCOMPREENSIBILIDADE DE DEUS

1. POR ELE SER INCOMPREENSÍVEL, DEVEMOS ADMIRÁ-LO

A sua incompreensibilidade tem a ver com a distância que existe entre nós e ele. Todos os deuses que os seres humanos criaram não passavam de uma projeção deles mesmos e de suas próprias limitações. Note-se que no panteão grego e romano não há nenhum Deus eterno, imutável e imenso como vemos na religião cristã. A distinção que existe entre nós e Deus é muito grande! Daí a razão de ele ser incompreensível. Por isso devemos a ele toda a nossa admiração! Esse Deus deve ser contemplado em toda a sua formosura, beleza e grandiosidade! Essa é uma atividade que devemos realizar mais constantemente em nossa vida devocional: contemplar com admiração a grandeza e superioridade de Deus.

[72] Ibid., 25.

2. POR ELE SER INCOMPREENSÍVEL, DEVEMOS AMÁ-LO.

Não obstante a grande distância entre nós e ele, Deus resolveu descer até nós na pessoa do seu Filho, a fim de que pudesse estabelecer um relacionamento de amor conosco. Ele compadeceu-se dos seus filhos e veio ao encontro deles. Mesmo sendo infinitamente superior a eles, sem ser compreendido por eles, ele "desceu para ver a aflição do seu povo" (Êx 3.7-9) e libertá-lo de sua situação de miséria. Mesmo sendo transcendente, isto é, alto, sublime, inacessível, aquele que habita em glória, ele compadeceu-se de nós em nossa fraqueza e desolação. Por ser um Deus assim, devemos em gratidão amá-lo, como resposta ao seu amor de preocupação. Não apenas devemos contemplá-lo em sua beleza e grandiosidade, mas dedicar nosso amor àquele que tanto nos amou.

ÍNDICE

CAPÍTULO 4 – OS NOMES DE DEUS

A. A Importância dos Nomes na Cultura Semítica 84

B. Nomes de Deus no Antigo Testamento 85
1. ELOHIM: O Deus Poderoso 85
a. Nomes Compostos com "El" 85
a.1. El-Shaddai: "*Deus Todo-Poderoso*" 85
a.2. El Elyon: "*O Deus Altíssimo*" 86
a.3. El Olam: "*O Deus Eterno*" 87
b. Lições que Esses Nomes Trazem 87
2. ADONAI: O Deus Governador 88
a. Lições que Esse Nome Traz 89
3. IAVÉ: O Deus Redentor 89
a. Nomes Compostos com Iavé 90
a.1. Iavé Jireh: "*O Senhor proverá*" (Gn 22.14) 90
a.2. Iavé Mecadishkem: "*O Senhor que vos santifica*" (Êx 31.13) 90
a.3. Iavé Nissi: "*O Senhor é minha bandeira*" (Êx 17.15) 91
a.4. Iavé Rohi: "*O Senhor é meu pastor*" (Sl 23.1) 91
a.5. Iavé Shalom: "*O Senhor é paz*" (Jz 6.24) 91
a.6. Iavé Tsidkenu: "*O Senhor nossa justiça*" (Jr 23.6) 91
a.7. Iavé Shamah: "*O Senhor está ali*" (Ez 48.35) 92
a.8. Iavé Elohim Israel: "*O Senhor, Deus de Israel*" 92
b. Lições que Esses Nomes Trazem 92

C. Nomes de Deus no Novo Testamento 92
1. THEÓS: Deus 92
a. Theós: Todo-poderoso (*El-Shaddai*) 93
b. Theós: Redentor (Iavé) 93
c. Lições que Esse Nome Traz 93
2. KYRIOS: Senhor 94
a. Título Atribuído ao Pai 94
b. Título Atribuído ao Filho 95
c. Título Atribuído ao Espírito Santo 96
d. Lições que Esse Nome Traz 96
d.1. Título Relacionado com a Redenção de Pecadores 96
d.2. Título Relacionado com a Vitória sobre o Mal 97
d.3. Título Relacionado com a Nossa Condição de Servos 98
3. PÁTER: Pai 98
a. O Uso que Jesus Faz do Nome "Pai" 99
b. O Uso que Nós Fazemos do Nome "Pai" 100
c. Lições que Esse Nome Traz 100

Capítulo 4

OS NOMES DE DEUS

A. A IMPORTÂNCIA DOS NOMES NA CULTURA SEMÍTICA

Nos dias e na cultura em que vivemos, os nomes pessoais não são nada mais do que rótulos que nos tornam distintos de outras pessoas que convivem conosco. Os nomes das pessoas não têm nada a ver com o que elas são ou fazem. Algumas vezes, os apelidos que são dados às pessoas são mais significativos do que os seus nomes, pois dizem algo do que a pessoa é ou faz. Ainda assim, a importância de um apelido em nosso mundo ocidental está muito longe da importância atribuída aos nomes das pessoas no contexto do Oriente Médio, especialmente em Israel.

Via de regra, os nomes que as pessoas recebem nas Escrituras vêm sempre acompanhados de um significado específico relacionado com eventos especiais da sua vida.

Dar nomes às pessoas nos tempos da Bíblia era um fato muito significativo. Tinha muito a ver com a experiência dos próprios pais e daquilo que eles queriam que os filhos fossem. Dar nomes às pessoas era uma grande responsabilidade – uma espécie de poder. Vemos um exemplo desse poder quando o oficial do rei Nabucodonozor mudou os nomes de Daniel e de seus três amigos para Beltessazar, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Dn 1.6, 7).

Estas coisas tornam-se ainda mais claras quando se trata dos nomes de Deus. Para algumas pessoas, os nomes que Deus possui não significam nada mais do que simples designações do Ser divino. Por causa da nossa cultura ocidental, não costumamos prestar atenção à relação que há entre os nomes de Deus e o seu caráter, os seus modos de agir e o significado dos nomes no que diz respeito ao relacionamento entre Deus e nós.

A grande diferença entre os nomes dados aos homens e os dados a Deus é que estes últimos foram dados pelo próprio Deus. Deus revelou os seus próprios

nomes ao seu povo. Não foi o seu povo que lhe deu nomes, como faziam com os seus filhos. É curioso notar que o próprio Deus mudou os nomes de alguns dos seus servos, mostrando não somente a sua autoridade sobre eles, mas também a ligação dos seus nomes com os eventos sobrenaturais produzidos pelo próprio Deus em suas vidas. Veja-se os exemplos da mudança do nome de Abrão para Abraão, de Sarai para Sara, de Jacó para Israel. O mesmo pode ser dito do nome de Moisés e de outros tantos personagens na vida do povo hebreu.

Há vários exemplos nas Escrituras onde simplesmente se usa a palavra "nome" em referência a Deus, sem especificar a que nome se refere. Com isso podemos entender que a expressão "o nome" é indicativa de um ser pessoal ou da totalidade do caráter de Deus.

B. NOMES DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

1. ELOHIM: O Deus Poderoso

Elohim é o plural de "*El*", que significa "aquele que é forte". Esse nome também é atribuído aos falsos deuses, mas, quando se refere ao verdadeiro Deus, é o plural de majestade e pode ser um grande indicativo da idéia de trindade, quando entendido à luz de outros textos, especialmente do Novo Testamento. Esse nome é usado especialmente quando trata da soberania divina, como no exercício de sua obra criadora, ou quando opera poderosa e soberanamente na salvação de Israel (Gn 1.1; Dt 5.23; 8.15; Sl 68.7; Is 45.18; 54.5; Jr 32.27).

Esse é o primeiro nome atribuído ao Deus verdadeiro que aparece nas Escrituras (Gn 1.1). Enfatiza a idéia majestosa de Deus num tom superlativo. *Elohim* é o nome mais usado e aparece mais de 2.200 vezes no Antigo Testamento.

a. Nomes Compostos com "El"

Porque o nome "El" é genérico, ele aparece freqüentemente combinado com outros nomes para ajudar na distinção entre o Deus verdadeiro e os falsos deuses das religiões estranhas a Israel. Portanto, há vários nomes compostos com "El" no Antigo Testamento. Selecionamos apenas três dos mais importantes, por serem os mais significativos e os que mais aparecem.

a.1. El-Shaddai: "*Deus Todo-Poderoso*"

Curiosamente, essa designação é mais própria do período patriarcal. Foi o nome que Deus usou para revelar-se a Abraão, e tem bastante importância pactual. Foi usado pela primeira vez no estabelecimento formal do pacto de Deus com

Abraão (Gn 17.1, 2). O poder desse Deus é indicativo da sua proteção ao povo do pacto. Deus prometeu que guardaria e protegeria o seu povo, que devia adorá-lo com exclusividade. Em algumas ocasiões, o nome *El-Shaddai* é usado pelos patriarcas para lembrar aos seus ouvintes as promessas de Deus feitas a Abraão e, assim, proporcionar-lhes encorajamento e consolo (Gn 28.3; 43.14; 48.3).

Portanto, o nome *El-Shaddai* possui uma importância pactual. Deus é o todo-poderoso e cheio de majestade que se relaciona com seu povo em termos de promessas que cumpre fielmente. O nome *El-Shaddai* aponta para o poder que ele tem de cumprir tudo o que promete. Antes de revelar-se com o seu *nome* santo, quando estava para libertar o povo do cativeiro do Egito, Deus também apresentou-se a Moisés como aquele que é o todo-poderoso (*El-Shaddai*), o mesmo Deus que se havia revelado pactualmente aos patriarcas (Êx 6.1-5). Foi sob a majestade poderosa de *El-Shaddai* que Moisés anunciou as pragas que vieram sobre o Egito e que ocasionaram a libertação do povo.

Não se sabe a derivação desse nome, mas ele enfatiza as qualidades básicas da divindade, que são majestade e poder. De qualquer modo, é corrente a idéia de que esse nome mostra o poder absoluto de Deus, que permanece no alto corrigindo e castigando as nações e salvando o seu povo (Gn 17.1; 28.3; 35.11; Sl 91.1, 2).

a.2. El Elyon: "*O Deus Altíssimo*"

Esse nome aponta para a força, a soberania e a supremacia de Deus. Como *El-Shaddai*, *El Elyon* enfatiza a majestade e o poder de Deus. Contudo, esse termo tem mais a ver com Deus como o possuidor de todas as coisas. Deus é descrito como o "Altíssimo", aquele que é elevado acima de toda a criação ou que reina absoluto sobre a criação (Dt 32.8; Sl 9.2-8ss; Sl 27; 47.2ss; 57.1ss).

Esse nome ocorre pela primeira vez em Gênesis 14, quando Abraão retorna de uma batalha na qual resgata o seu sobrinho Ló e recupera os bens tomados pelos inimigos (Gn 14.18-24), e a seguir encontra-se com Melquisedeque. Conhecemos muito pouco a respeito desse sacerdote de *El Elyon*. Ele é mencionado apenas no Salmo 110 e na Carta aos Hebreus. Esse sacerdote do Altíssimo mostra que Deus é possuidor do céu e da terra (Gn 14.19), sendo, portanto, o possuidor de todas as coisas. Abraão também creu nessa verdade (Gn 14.22) e essa crença o levou a entender que devia dar o dízimo de tudo ao Senhor (Gn 14.20), através de Melquisedeque.

O nome *Elyon* também apareceu, especialmente nos Salmos, como designativo de Deus, à medida que cresciam as relações entre Deus e seu povo. Isto pode ser indicativo de um aumento de familiaridade entre Deus e Israel à medida que o tempo passava.

a.3. El Olam: "*O Deus Eterno*"

Há somente duas referências a esse nome no Antigo Testamento (Gn 21.33 e Is 40.28). Esse nome indica a imutabilidade e a constância de Deus, e também é ligado à idéia de sua inexauribilidade. Ele indica ainda que as conseqüências de sua eternidade são substanciais: ele sempre foi o que sempre será; nada é escondido de suas vistas. O *El Olam* dirige o mundo e os negócios das nações e nunca falha nos seus propósitos. Ele permanece para sempre o mesmo. Isaías consola o povo de Deus com base em *El Olam*, dizendo: "Não sabes, não ouviste que o eterno Deus (*El Olam*), o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o seu entendimento. Faz forte ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor" (Is 40.28, 29). Esse consolo é perfeitamente possível porque tudo que o profeta fala é baseado num Deus que permanece o mesmo, qual Rocha Eterna, sempre firme, inabalável, que dura para sempre, em majestade e poder. Ele é a força infalível e a fonte da eterna força.

b. Lições que Esses Nomes Trazem

• Porque Deus é eterno (*El Olam*), ele conhece todas as coisas, controla tudo e trabalha com todas as coisas como lhe agrada. Nada pode ser escondido dele e nada está fora do seu domínio. Porque ele é eterno, ele vela por nós hoje, e tem extrema preocupação pelos seus filhos. Quando vemos a transitoriedade de tudo, nós nos consolamos ao olhar para aquele que vive eternamente. Os dias passam, as nações desaparecem e tudo se desvanece, mas Deus permanece o mesmo.

• Porque Deus é o Altíssimo (*El Elyon*), entendemos que ele é o possuidor dos céus e da terra, do nosso destino, seja ele bom ou mau. Tudo está em suas mãos. Ele possui e governa todas as coisas de forma que todos os seus decretos são cumpridos. Porque entendemos que Deus é o Altíssimo, temos que lhe dar graças mesmo quando ele nos contempla com a pobreza e com dias de angústia. Porque tudo está em suas mãos, ele faz o que quer dos filhos dos homens.

• Porque Deus é Todo-poderoso (*El-Shaddai*), ele se nos revela pactualmente, em graça e misericórdia. Ele aplica o seu poder não somente na condenação dos ímpios, mas especialmente na salvação do seu povo. Porque ele é Todo-poderoso, ele nos resgata das trevas e nos transporta para a luz, do cativeiro de Satanás para a liberdade em Cristo. O nome *El-Shaddai* é sempre associado com a bondade salvadora de Deus, que se manifestou nos tempos patriarcais em doces promessas que ainda hoje ecoam na vida da sua igreja. Todos os que cremos somos herdeiros dessas promessas que *El-Shaddai* fez a Abraão. Porque

ele é Todo-poderoso, podemos apelar para ele em horas de grande necessidade, como fizeram nossos antepassados na fé. É de *El-Shaddai* que dependemos e nele esperamos em nossas lutas diárias.

2. ADONAI: O DEUS GOVERNADOR

Esse nome significa "Senhor, mestre, possuidor". A palavra hebraica "*Adon*" também se aplica aos homens que estão em posição de autoridade, de senhorio ou de domínio. Contudo, esse nome se aplica de maneira especial a Deus. Por essa razão, ele é chamado de "Senhor" em um grande número de textos das Escrituras.

A palavra *Adonai* dá ênfase à superioridade do Deus de Israel sobre os outros deuses. É por essa razão que Moisés registra: "Pois o *Senhor* vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível..." (Dt 10.17). Moisés descreve a Deus como o governador último de todas as coisas e como a autoridade máxima de todos os reinos. Esse nome indica que não há ninguém como ele em poder e glória e ninguém pode desafiá-lo. Todos os reinos deste mundo estão sujeitos à sua autoridade suprema. Um dos grandes pecados de Israel era a adoração de falsos deuses. Por essa razão, *Adon* não admite que o seu povo adore outros deuses inventados pela imaginação humana, porque ninguém pode ser deus como ele e, portanto, digno de adoração e obediência.

O texto de Dt 10.12-22 é especial para nos ensinar a respeito dos nomes de Deus. Em toda essa seção o autor usa de maneira interessante os dois nomes do Senhor. Moisés usa o nome *Iavé* (traduzido em nossas versões como "Senhor"). Repentinamente, ele muda para *Adon* (que também é traduzido como "Senhor"), quando fala do "Senhor dos senhores". Esses nomes representam facetas diferentes do ser divino. Esses nomes não possuem exatamente a mesma significação, mas há elementos em ambos que se sobrepõem. Deus deu a si mesmo esses nomes porque cada um deles expressa um aspecto do seu caráter. Esses dois nomes, *Iavé* e *Adon*, não possuem significados absolutamente distintos, mas o nome *Adon* dá mais ênfase à idéia de domínio ou superioridade.

Quando Moisés varia o nome divino de *Iavé* para *Adon*, ele está querendo enfatizar um ponto muito importante: que a nação que adora outros deuses pode vir a ser destruída. Quando ele diz que "*Adon* é o Senhor dos senhores", ele quer dizer que o Deus de Israel é superior aos deuses das outras nações, aos quais alguns israelitas queriam adorar, podendo, por isso, sofrer a punição divina. Quando o texto diz que *Adon* é o Senhor dos senhores, não se está admitindo a

existência de outros deuses, mas apenas a ênfase de que o Deus de Israel era maior do que quaisquer outros deuses que os homens pudessem criar e adorar. A outra ênfase de Moisés é que se somente o Senhor é Deus verdadeiro, o governador dos outros povos e superior a todas as outras autoridades, somente ele deveria receber a obediência e a adoração do seu povo.

a. Lições que Esse Nome Traz

Adonai é o nome do Deus governador, que é o Senhor dos senhores. Não é um nome somente do Deus dos antigos; ele ainda é o mesmo Deus. É importante lembrar que ele ainda continua sendo o governador dos povos, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Quando nos esquecermos de que ele é o mesmo Deus, haveremos de cair em idolatria, como fizeram os israelitas. Estes, algumas vezes pensaram em receber ajuda de outros deuses, idolatrando-os. Quando um povo se esquece de que Deus é *Adonai*, o Senhor dos senhores, o governador de todas as coisas, desaparece dele a verdadeira adoração. Quando um povo cai na idolatria é sinal de que duvidou de que Deus é *Adonai*. A busca de socorro em outros deuses é sinal de falta de confiança no Deus *Adonai*. Por essa razão, Moisés declarou ao povo que Deus era o "Senhor dos senhores", o possuidor supremo de todas as coisas.

Ainda hoje Deus governa a vida de todos os seres. Isso significa que *Adonai* é a manifestação do governo absoluto sobre tudo, desde os poderes mais altos aos mais baixos do universo. Ele superintende sobre os negócios dos homens, determina as circunstâncias e os fins de cada ato da história, como *Adon* que é.

Se Deus é *Adon*, então lhe devemos toda a nossa adoração de admiração e respeito por ser tão poderoso, altíssimo e tremendo! Se Deus é *Adon*, devemos obedecê-lo e agradá-lo em tudo o que fazemos, da mesma forma que são destruídos os que se recusam a fazer estas coisas.

3. IAVÉ: O Deus Redentor

Iavé é o nome pessoal de Deus e o mais freqüentemente usado nas Escrituras. Aparentemente, a raiz desse nome tem relação com o verbo "ser", enfatizando a presença e a existência constantes de Deus.

Deus revelou-se com esse nome a Moisés, na sarça ardente, enquanto ele pastoreava as ovelhas de seu sogro Jetro, dizendo ser o Deus dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (Êx 3.1-4). *Iavé* é um nome que revela o caráter redentor de Deus, que estava para libertar os hebreus do cativeiro. Este era o Deus da promessa, que haveria de estar com Moisés (o representante de Deus diante de

Faraó e o representante do povo diante de Deus) e deveria ser adorado no Monte Sinai (v. 12). No v. 13 Moisés pergunta qual o nome do Deus com quem falava e no v. 14 Deus responde com o significado do Nome, que mais tarde passou a ser o nome impronunciável, devido à sua santidade. Como, então, podemos saber que a expressão "Eu Sou" explica o significado do nome *Iavé*? A resposta está no v. 15 – "O Senhor (*Iavé*), o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; *este é o meu nome eternamente*, e assim serei lembrado de geração em geração." Deus toma as qualidades que declara a respeito de si mesmo e as liga ao seu santo nome, um nome que indica fidelidade, eterna presença e interesse redentor. Esse Deus, que possui esse nome eterno (*Iavé*), havia enviado Moisés para libertar o povo do cativeiro do Egito.

O nome *Iavé* indica uma eterna presença em um contexto de redenção, um Deus que cumpre as promessas do pacto feito com os antepassados na fé. Porque Deus é o EU SOU, o Deus sempre presente, suas promessas de salvação são eternas. É o nome que liga Deus aos filhos de Abraão. Esse nome enfatiza a relação infalível entre Deus e a descendência de Abraão para sempre, porque ele é o eterno "Eu Sou". Convém lembrar que essa relação entre Deus e seu povo é sempre de caráter redentor. *Iavé* é o Deus da libertação!

a. NOMES COMPOSTOS COM IAVÉ

Há muitos nomes compostos com *Iavé* no Antigo Testamento. Apenas a título de informação, daremos alguns exemplos que por si explicam quem o Senhor é:

a.1. Iavé Jireh: "*O Senhor proverá*" (Gn 22.14)

Esse nome enfatiza as provisões de Deus para a vida do seu povo. Esse é um dos nomes mais preciosos entre todos os nomes compostos das Escrituras. Abraão percebeu esse nome em Deus quando experimentou uma grande provisão libertadora de Deus, ao ter o seu filho substituído pelo cordeiro, no monte Moriá. Moriá é o memorial da intervenção providencial divina! Os crentes sempre são confortados quando sabem quão providente é o seu Deus!

a.2. Iavé Mecadishkem: "*O Senhor que vos santifica*" (Êx 31.13)

O Senhor não é somente aquele que separa o seu povo para si mesmo, mas também é o que o santifica, isto é, limpa-o moral e espiritualmente (Lv 20.8). Deus faz com que todas as coisas relacionadas com ele ou com o seu culto sejam santificadas, isto é, separadas exclusivamente para o seu serviço, e que não haja

nelas nada impuro, porque tudo o que é relacionado com ele tem de possuir as suas características. Por isso se diz que o Senhor é o santificador (Lv 21.8, 23; 22.15, 16)!

a.3. Iavé Nissi: "*O Senhor é minha bandeira*" (Êx 17.15)

As bandeiras sempre identificavam a lealdade da alma dos homens que se preparavam para defender um país ou um reino. Quando a bandeira tombava, o exército era humilhado. A bandeira hasteada era sinal de vitória. Esse nome enfatiza que Deus é o ponto de referência e, ao mesmo tempo, o símbolo de vitória nas lutas do seu povo (Êx 17.15, 16). *Iavé* é o Senhor das batalhas e a vitória é dele somente; nós somos exortados a "guerrear as guerras do Senhor", lutando ao lado da justiça e da decência!

a.4. Iavé Rohi: "*O Senhor é meu pastor*" (Sl 23.1)

Esse nome apresenta o Senhor que tem preocupação por suas ovelhas, dando-lhes o necessário para a sua subsistência. Talvez esta seja a expressão mais amada sobre Deus afirmada nas Escrituras. Deus é a proteção, o sustento e o refrigério do seu povo. Tanto o Pai como o Filho são chamados de "pastor" do seu povo (Sl 23.1 e 1Pe 2.25). Deus é o pastor qualitativamente: ele é o *Bom* Pastor (Jo 10.11, 14); ele é o *Supremo* Pastor (1Pe 5.4). Como Deus é pastor do seu povo, assim aqueles que são dotados com o dom de pastor devem servir ao povo de Deus com o mesmo interesse e preocupação amorosa que Deus tem para conosco.

a.5. Iavé Shalom: "*O Senhor é paz*" (Jz 6.24)

Esse nome retrata o Senhor como sendo a paz e o descanso do seu povo. Paz aqui é mais do que ausência de beligerância, mas é a harmonia plena e identificada com o próprio Deus (Rm 15.33; 1Ts 5.23; Hb 13.20). Ele é o Deus da paz, assim como o seu Filho é príncipe da paz e o seu Espírito é o que gera em nós o fruto da paz! A paz é a condição mais desejada entre as nações, dentro de uma nação e no coração dos homens. Por essa razão, a grande saudação dos hebreus era: "Paz seja contigo".

a.6. Iavé Tsidkenu: "*O Senhor nossa justiça*" (Jr 23.6)

Esse nome apresenta o Senhor como aquele que é absolutamente reto por natureza, que não faz nada contra a sua constituição santa. Ao mesmo tempo, Deus exige que os homens vivam reta e santamente (Lv 19.35, 36). A palavra justiça, quando aplicada a nós, tem a ver com o andar de conformidade com a lei de Deus, e é sinônima de retidão.

a.7. Iavé Shamah: "*O Senhor está ali*" (Ez 48.35)

Esse nome retrata a presença constante do Senhor no meio do seu povo.

a.8. Iavé Elohim Israel: "*O Senhor, Deus de Israel*"

Esse é o nome que distingue o Deus de Israel em contraste com os falsos deuses das outras nações (Jz 5.3 e Is 17.6).

b. Lições que Esses Nomes Trazem

Quando consideramos o nome *Iavé*, estamos nos referindo ao Deus revelador e executor da salvação, o Deus sempre presente porque é o Eterno, o EU SOU. Ele é também o Deus das promessas e elas estão sendo cumpridas na vida dos herdeiros do pacto.

A cada momento de nossa vida estamos sendo objeto do amor redentor de *Iavé*. Ele é o Deus salvador, resgatador, libertador, redentor. Todos esses nomes lhe são perfeitamente adequados, pois é isso que o santo Nome sugere. Como no tempo de Moisés, ele desce (Êx 3.8, 9) até nós, em Cristo Jesus, e se mostra cheio de compaixão mediante o seu Espírito Santo que em nós opera a sua salvação.

Esse nome mostra que ele vem em busca de escravos do pecado que precisam ser libertos. Ele busca e salva o perdido, que é indigno e absolutamente culpado de seus pecados. *Iavé* é o nome que sugere que Deus vem em socorro de seu povo, com quem ele mantém para sempre um relacionamento de amor.

C. NOMES DE DEUS NO NOVO TESTAMENTO

Os nomes de Deus apresentados no Antigo Testamento eram descritivos das várias facetas ou atributos de Deus. Eles indicavam a personalidade de Deus em suas várias nuanças. Nesse sentido, os nomes do Antigo Testamento eram mais ricos em significado do que os nomes apresentados no Novo Testamento. A variedade dos nomes divinos é muito rica e abundante, especialmente quando os nomes apresentavam uma forma composta.

No Novo Testamento temos nomes mais genéricos que não são indicativos da personalidade de Deus; são mais títulos do que nomes próprios e alguns deles indicam função antes que caráter.

1. THEÓS: Deus

Essa é a palavra grega que é traduzida como "deus" sem que necessariamente se refira ao Deus da Bíblia. Todas as pessoas com algum tipo de autoridade

eram chamadas "deuses" (Jo 10.34). Todavia, essa palavra grega "*Theós*", quando usada nas Escrituras com referência ao Deus verdadeiro, contém a essência dos nomes mencionados no Antigo Testamento, como *El*, *Adon* e *Iavé*, já estudados anteriormente. Porém, essa essência não é explicitada pelo nome em si mesmo.

O termo grego "*Theós*" é muito abrangente no seu significado, com todas as conotações dos nomes de Deus usados no Antigo Testamento, mas isso precisa ser demonstrado com outras palavras que elucidam o conteúdo que os autores do Novo Testamento quiseram dar ao termo. A palavra "*Theós*" sempre tem que ser acompanhada de um qualificativo.

a. Theós: Todo-Poderoso (*El-Shaddai*)

O contexto de alguns versos mostra que a conotação de "Theós" é a de alguém Todo-poderoso. Deus tem a característica do *El-Shaddai* do Antigo Testamento. A conotação de *poder* atribuído a Deus quase sempre está ligada à salvação do pecador (analise os textos de 1Co 1.18-24; 15.20-28).

A vitória de Deus na salvação dos pecadores e na destruição dos inimigos do seu povo é demonstração do poder de *Theós*, porque ele é o mesmo *El-Shaddai* do Antigo Testamento. Ele possui domínio sobre todas as coisas, incluindo as hostes espirituais do mal, a quem ele vence fragorosamente. *Theós* é aquele que põe em sujeição todas as coisas, incluindo o Filho encarnado e excetuando a sua própria pessoa (1Co 15.18).

No texto de 1 Coríntios 15 aprendemos que *Theós* é o Deus com autoridade suprema para exercer governo no seu universo: ele é o *Theós* acima de todos os outros deuses que os homens criam; ele governa sobre todos os principados e potestades. Por isso, ele é exaltado sobre todas as coisas e é honrado pelo próprio Filho quando este lhe devolve o reino, para que reine eternamente sobre tudo (1Co 15.24, 27, 28).

b. Theós: Redentor (Iavé)

Há numerosas referências a Deus como o Redentor do seu povo. Embora haja um sentido em que seu Filho encarnado é o redentor dos homens, o Novo Testamento também aplica a conotação de redentor a Deus, que é chamado de Pai.

c. Lições que Esse Nome Traz

O nome *Theós* com o sentido de redentor amorosamente soberano é um sopro devastador na teologia arminiana que tem problemas com esse tipo de Deus. O arminianismo ensina a respeito do homem caído que procura o verda-

deiro Deus e que possui habilidade para responder positivamente à pregação do evangelho e que, em última instância, é o responsável pela sua salvação. A teologia arminiana não coaduna com o ensino de Paulo nem com os demais escritores bíblicos quando tratam de Deus como salvador do pecador. Segundo o ensino das Escrituras, a salvação do pecador é um assunto exclusivo de *Theós*. O seu grande poder é exercido principalmente na redenção do pecador de modo amorosamente soberano, vencendo as inclinações que os pecadores têm contra ele. Para os que crêem no ensino da totalidade das Escrituras, não há lugar para o ensino arminiano sobre a salvação do pecador.

O nome *Theós* com a conotação salvadora nos traz um conforto extremo porque todas as coisas referentes à nossa salvação nele repousam e dele dependem. Podemos esperar nele confiantemente.

O texto de 1 Coríntios 15.20-28 ensina-nos duas coisas muito importantes sobre a história da salvação: uma no começo da mesma e a outra no seu final. Paulo nos ensina que a redenção já começou. Portanto, estamos no meio do processo em que *Theós* deu o reino ao seu Filho para que ele reine sobre nós e sobre o mundo. Nós, os que cremos, já fomos vivificados por Cristo e com ele. Contudo, a vivificação é algo que está ainda por acontecer. A restauração do pecador já começou, mas ainda não terminou. Deus está limpando o nosso ser interior, o coração, mas o nosso ser exterior (físico) ele limpará somente no dia final, quando Cristo voltar. Tudo isso é feito e administrado pelo *Theós* redentor. A nossa redenção física se dará quando for vencido o último inimigo, a morte (v. 26). Então, todas as realidades redentoras serão consumadas. Essa verdade é altamente consoladora para todos nós que aguardamos a vinda de Jesus Cristo, o Filho de *Theós*.

Portanto, nada deve chamar tanto a atenção do cristão quanto o término da redenção que *Theós* fará de maneira gloriosa, mostrando o seu grande poder, manifestando-se como o *El-Shaddai*, para que os homens todos vejam a sua glória e os cristãos tenham, além disso, a experiência pessoal dela. Estes, e somente estes, verão a manifestação gloriosamente salvadora do reino de *Iavé* e do seu Filho Jesus Cristo!

A história toda, do começo ao fim, reflete o poder e a gloriosa redenção de *Theós*. Ele se manifestará triunfalmente e todo joelho se dobrará diante de Jesus para que *Theós* seja glorificado!

2. KYRIOS: SENHOR

a. TÍTULO ATRIBUÍDO AO PAI

Depois do nome *Theós*, que aparece mais constantemente no Novo Testa-

mento, o nome de maior importância é *Kyrios*: Senhor. A palavra *kyrios* tem relação com aquele que legalmente possui poder. No Novo Testamento esse é um título que *Theós* recebe. Ele qualifica *Theós*. Se relacionamos esse título com os nomes de Deus no Antigo Testamento, verificamos que ele possui as mesmas qualidades de *Adon* e *Iavé*. Como *Adon,* ele associa-se com a idéia de senhor, governador, possuidor. *Adon* é identificado no Antigo Testamento como o que governa todas as coisas e que possui um poder inigualável. Como *Iavé,* o título *Kyrios* associa-se com a idéia de sua presença e de suas promessas consoladoras, aquele que está preocupado com o seu povo. Assim, o nome *Kyrios* está associado a esses dois nomes do Antigo Testamento que possuem a noção de redentor.

b. Título Atribuído ao Filho

O título *Kyrios* não é prerrogativa exclusiva de Deus, o Pai. O Filho de Deus também é chamado Senhor. No texto de Lucas 10, os discípulos chamam Jesus Cristo de Senhor (v. 17). Jesus, como *Senhor*, compartilha com seu Pai do poder de libertar os homens da dominação dos demônios (v. 17). É bom lembrar que Jesus foi enviado pelo *Kyrios*, o Pai, e o seu poder está vinculado não somente à sua messianidade, mas também ao fato de ele ser, na sua inteireza, o reflexo exato do Ser divino agora encarnado. Aqui ele é chamado de Senhor como Deus-homem. Se ele não tivesse o poder que possuía, jamais seria reconhecido pelos seus discípulos como *Kyrios*.

O texto clássico de Filipenses 2 nos aponta o senhorio de Jesus Cristo de forma inquestionável. Após ter completado a obra de redenção dos pecadores, na ressurreição Deus "o exaltou sobremaneira", diz Paulo (v. 9). O resultado dessa exaltação é que o Filho encarnado ganhou um nome que está acima de todo nome (v. 10). Que nome é esse? Eu não creio que Paulo esteja se referindo ao nome "Jesus". Este nome ele já possuía desde que se tornou o encarnado. O nome que ele recebeu de seu Pai tem a ver com a autoridade e a dignidade que pertence ao Redentor exaltado. O propósito indicado por Paulo aponta para o título que Jesus Cristo veio a receber de seu Pai. E o título é *Kyrios*. Qual é o propósito desse nome? "Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é *Kyrios*, para glória de Deus Pai" (vv. 10, 11). Deus deu esse título ao Redentor vitorioso e leva todos os seres humanos a reconhecerem esse título. O senhorio de Jesus Cristo é de caráter universal.

Todos se dobram diante do *Kyrios*, o Filho encarnado e exaltado, porque a autoridade dele veio de *Kyrios*, o Pai. De sua exaltação em diante, o Filho exerce o senhorio do universo, o que combina com a tese bíblico-reformada de que

Jesus Cristo já reina no céu e na terra. Ele tem o domínio legal sobre todo o universo e o exercerá até que todas as coisas sejam completadas para a redenção dos pecadores, quando ele devolverá o reino ao Deus e Pai (1Co 15.24).

c. Título Atribuído ao Espírito Santo

A divindade de uma pessoa é que a qualifica para esse título. Como veremos adiante, Deus é tripessoal e o Espírito é uma das pessoas da triunidade, recebendo, portanto, o título de Senhor.

O texto mais claro a respeito do senhorio do Espírito está em 2 Coríntios 3.17, 18:

> "Ora, o *Senhor é o Espírito*; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo *Senhor, o Espírito*".

Na esfera da redenção, a terceira pessoa da Trindade é Senhor absoluto. Ele é o administrador da redenção. É curioso que neste texto a palavra *Kyrios* é atribuída ao Filho, de um modo inferencial, e ao Espírito Santo, de modo direto. A imagem a que estamos sendo conformados é a do Senhor, o Filho (que tem a mesma natureza nossa, a humana), e a transformação nossa à imagem do Filho é obra do Senhor, o Espírito. É maravilhoso como as três pessoas do Deus triúno operam perfeita e harmonicamente, especialmente no que concerne à nossa redenção.

d. Lições que Esse Nome Traz

Geralmente o nome Senhor não é bem-vindo, especialmente numa época como a nossa, na qual a idéia de monarquia ou de soberania é absolutamente desprezada. A ênfase das Escrituras não é em um governo injusto e descaridoso. Ao contrário, o Senhorio do Deus triúno é altamente benéfico para os cristãos.

d.1. Título Relacionado com a Redenção de Pecadores

No Novo Testamento, a idéia de *Kyrios* está intimamente ligada à idéia de redenção (como em *Adon* e *Iavé* no Antigo Testamento). Há várias ilustrações no Novo Testamento, mas irei ater-me apenas a uma delas para justificar o meu ponto. Jesus estava ensinando aos seus discípulos sobre a necessidade de todas as pessoas ouvirem do evangelho, mas angustiava-o a idéia de serem poucos os anunciadores da boa nova. Então, ele instou aos seus discípulos a pedirem por pregadores: "A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao *Senhor* da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (Lc 10.2). A seguir,

Jesus lhes dá instruções sobre como eles deveriam portar-se na sua missão (vv. 3-11). Depois do retorno dos setenta discípulos, Jesus corrige-lhes os enfoques errôneos de alegria que tinham quanto ao seu trabalho (vv. 17-20). Então, Jesus levanta os olhos para o céu, com grande exultação, e dá graças àquele que oculta a verdade de alguns e a revela a outros. Nessa oração, ele chama seu Pai de "*Senhor* do céu e da terra" (v. 21). Jesus ensina os seus discípulos a rogar ao "Senhor da seara" e ele próprio chama Deus de "Senhor do céu e da terra". Jesus não pede dos seus discípulos aquilo que ele próprio não faça. No verso 21, Jesus está afirmando diante dos seus discípulos a autoridade que o *Kyrios* tem sobre toda a criação e sobre a redenção. Lembre-se que essa palavra grega tem o sentido de poder legal ou de autoridade de proprietário ou possuidor. Ninguém está acima dele. A redenção dos pecadores é executada pelo *Kyrios* através do Filho encarnado, que também é *Kyrios*. Aqui percebemos a mesma identidade de poder entre o Pai e o Filho, mas este último sendo subordinado em função ao primeiro. A subordinação é apenas de função na esfera da redenção, não uma subordinação de essência.

Neste texto de Lucas, o termo *Kyrios* aparece com dois destaques com referência ao Pai: é ele quem envia os trabalhadores para a ceifa (v. 2), e é ele quem revela as suas verdades a alguns homens, assim como as esconde de outros (v. 21). Com o *Kyrios* está o poder da salvação dos homens. Ele é o que determina tudo quanto à sua redenção. Nesta passagem, o Deus Pai reparte com o Deus Filho encarnado o privilégio da revelação e da redenção dos pecadores. Contudo, não se deve esquecer de que quem aplica essa redenção é o Senhor, o Espírito, que "nos transforma à imagem de Cristo" (2Co 2.18).

d.2. Título Relacionado com a Vitória sobre o Mal

O Senhorio de Deus vai fazer com que todo o mal seja vencido no final. Se Deus não fosse Senhor, não teria poder sobre o mal e este permaneceria para sempre no universo dos homens.

Quando Paulo diz em Filipenses 2 que "Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (v. 11), ele está afirmando que não ficará ninguém que não esteja sujeito a Jesus Cristo. Todos vão glorificar a Deus sujeitando-se a Cristo. Os que pertencem a Deus se submeterão a Cristo em obediência de gratidão pelo que ele fez por eles; os que não pertencem a Deus redentoramente, haverão de capitular diante do poder majestoso de Jesus Cristo. Eles serão subjugados pelo poder de Jesus, o *Kyrios*.

Além dos seres humanos, todos os seres celestiais rebeldes haverão de ser subjugados de maneira completa por Deus. A sua sujeição não será de obediên-

cia voluntária, mas uma sujeição de seres inferiores em poder e domínio. Os demônios já ficavam atormentados com a presença santa de Jesus enquanto ele viveu no estado de humilhação entre os homens (Mt 8.28, 29), mas, no final, quando Jesus manifestar-se com poder e glória, todos eles serão lançados na condenação (Ap 20.10), sendo vencidos pela presença de juízo do Senhor da glória e daquele que está assentado no trono.

A vitória do *Kyrios* sobre o mal é de grande consolação para os crentes que agora sofrem e que ainda sofrerão por causa do nome de Jesus Cristo. Paulo consola esses crentes, dizendo: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8.18). Paulo está tratando da renovação de todas as coisas que acontecerá no dia final. Essa renovação inclui a vitória final e cabal sobre as hostes malignas.

Um dia nunca mais o mal haverá de estar no mundo dos homens. Tanto os demônios quanto os seres humanos ímpios serão banidos da face da terra pelo poder do *Kyrios*. Este será glorificado tanto na redenção do seu povo quanto na extirpação do mal do mundo que ele haverá de transformar totalmente.

d.3. Título Relacionado com a Nossa Condição de Servos

Se Deus é *Kyrios*, isso implica obrigatoriamente que todos nós sejamos servos. Não existe a noção de Senhor sem a conseqüente noção de servos. No texto de Lucas 10, Jesus Cristo é chamado de Senhor e os seus discípulos obviamente são os servos que proclamam as boas novas do reino. Os servos realizam os seus deveres de acordo com a ordenança do seu Senhor.

Portanto, esse nome de Deus é responsabilizador. Ele nos leva à necessidade de obediência. Esta nós devemos inquestionavelmente a ele. Quando os cristãos entendem que são servos de Deus em Cristo, então, estão prontos para saber que a vontade de Deus é final em sua vida. Como servos que somos, lutemos para conhecer mais e mais a vontade de Deus através da leitura da sua Palavra, para termos comunhão com os outros servos e para servir uns aos outros. Quando fazemos essas coisas somos servos obedientes. É disso que a igreja precisa e é por isso que todos desesperadamente ansiamos!

3. PÁTER: PAI

A palavra grega *Páter*, que significa Pai, é um título distintivo de Deus no Novo Testamento. Só o Novo Testamento revela esse aspecto de Deus muito amado de todos nós, os cristãos. É verdade que Deus é chamado de pai da nação

israelita no Antigo Testamento,[73] mas a noção da paternidade divina está explícita no Novo Testamento por ensinamento direto de seu Filho Jesus Cristo. Todavia, esse ensino está patente no Novo Testamento e latente no Antigo. O comportamento de Deus como Pai no Antigo Testamento é lembrado no Salmo 103.13, onde se diz que "como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem", mas ele não é regularmente chamado de Pai dos seus filhos no Antigo Testamento, embora se comporte como tal.

a. O Uso que Jesus Faz do Nome "Pai"

A Escritura chama Deus de "Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 1.3). Essa paternidade, como veremos mais tarde no estudo sobre a Trindade, reflete as relações intratrinitárias, especialmente no que concerne à nossa redenção. Jesus chama Deus de Pai num sentido em que ninguém mais é filho dele. Nesse sentido, Deus não é Pai de ninguém mais.

Em João 5, Jesus cura o paralítico no tanque de Betesda e, após o milagre, é interpelado pelos judeus que o perseguiam pelo fato de fazer curas no sábado. Então Jesus responde fazendo uso do nome "Pai" de uma maneira singular, que João registra com preciosos comentários:

> Jo 5.17, 18 – "...Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia *que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.*"

Através de sua resposta, Jesus deixou bem claro aos ouvidos dos judeus qual era a relação entre ele e Deus. Ele não era simplesmente um homem como eles, mas o seu relacionamento era de alguém que possuía a mesma essência. O "Pai" era dele como de nenhuma outra pessoa, porque era uma paternidade exclusiva, de natureza divina, ímpar. E os judeus perceberam a diferença da paternidade de Deus com relação a Cristo em comparação com a paternidade comum entre eles. Essa filiação de Cristo com relação ao Pai era algo muito mais profundo, pois o deixava no mesmo pé de igualdade com Deus. Jesus foi muito enfático em dizer que Deus é "meu Pai", coisa que nenhum judeu se aventuraria a dizer de si com relação a Deus. Jamais alguém se faria igual a Deus.

Para aumentar o ódio dos judeus, Jesus ainda se fez igual ao Pai ao reivindicar fazer as mesmas coisas que o Pai faz (Jo 5.19-22), além de afirmar com clareza que a honra que o Pai recebe o Filho também deve receber (Jo 5.23).

---

[73] Êx 4.22; Dt 32.5, 6; Jr 31.9; Os 11.1; Ml 2.10.

Portanto, Deus é Pai de Jesus Cristo numa conotação totalmente diferente da relação de Pai que Deus tem para conosco.

b. O Uso que Nós Fazemos do Nome "Pai"

O nome Pai, em referência a Deus, é muito caro a nós. É um nome extremamente carinhoso que nos traz muito conforto. Jesus nos ensinou a chamar Deus de "nosso Pai". Todavia, o uso que fazemos desse nome não tem a mesma conotação que tem para Jesus. Para ele é uma questão de essência, pois o Filho é da mesma natureza do Pai. É ímpar o uso que Jesus Cristo faz desse nome, pois Deus é nosso Pai numa conotação bem diferente. Por causa da nossa salvação é que podemos chamar Deus de Pai. Em amor, Deus nos adotou como seus filhos. Todavia, Jesus fez questão de dizer que Deus era "meu Pai e vosso Pai".

Um dos melhores textos sobre esta matéria está em Gálatas 4.1-7. Nesse texto, Paulo fala a respeito da obra redentora de Cristo Jesus, que, sendo o unigênito de Deus, morreu sob a lei para resgatar os que estavam sob a escravidão e, como conseqüência, também sob a maldição da lei, a fim de que recebessem a adoção de filhos (vv. 1-5). A lei de Deus representa o seu padrão de justiça e teria que ser cumprida. Então, Cristo nos substituiu, pagando todas as penalidades da lei, a fim de que nos tirasse de sob o jugo da lei, na condição de escravos (v. 7), e nos colocasse na posição honrosa de filhos de Deus. Então, Paulo usa duas expressões para "pai", uma grega (*Páter*) e a outra aramaica (*Abba*). Essas expressões, como usadas por Paulo, possuem uma conotação de ternura, docilidade e proximidade de um pai com seus filhos. Nesses versos, Paulo ensina que entramos no estado de filiação pela obra de Cristo, que assegura a nós o recebimento do Espírito do Filho. Esse Espírito é que nos faz clamar por esse *Abba* tão terno e bondoso (v. 6). Como conseqüência dessa filiação, Deus nos faz seus herdeiros (v. 7), tornando-nos participantes de todas coisas que um Pai cheio de ternura concede aos seus filhos.

c. Lições que Esse Nome Traz

A primeira aplicação dos textos acima tem a ver com a atitude de Jesus Cristo com relação a seu Pai, diante do que ele fazia, como Deus-homem que era. Embora Cristo fosse Deus, tendo feito tudo o que fez (inclusive a cura do paralítico de João 5) por causa da sua própria divindade, ele atribuiu todas as coisas que fez ao seu Pai, porque era-lhe submisso. O poder era de Jesus Cristo, mas ele soube colocar-se no devido lugar. Ele atribuiu a glória de todas as coisas que fez ao Pai. Que atitude do Filho diante de seu Pai! Quão diferentes têm sido os pretensos fazedores de milagres de hoje, que proclamam o seu próprio poder

e se deixam invadir por uma grande dose de personalismo, a ponto de darem ordens ao próprio Deus e exigirem a libertação e a cura das pessoas. Que diferença de atitude! Quem não precisava ter dependência, pois era Deus-conosco, teve; e aqueles que precisam mostrar dependência, não mostram!

Uma outra aplicação dos textos acima, especialmente o de João 5, aponta para o relacionamento entre Deus, o Pai, e Deus, o Filho. É perfeitamente plausível dizer que o relacionamento entre eles é modelar para os pais terrenos e seus filhos. Havia plena harmonia entre ambos, pois eles são da mesma essência numérica (eles são *um* só Deus). Os pais terrenos e seus filhos que são cristãos, embora não sejam da mesma essência numérica (pois são indivíduos distintos), são da mesma natureza humana, ainda que pecaminosa, porém remida por Cristo. Esses pais e filhos deveriam seguir o exemplo da relação entre o Pai e o Filho.

Os filhos deveriam obedecer aos seus pais, como Jesus obedeceu ao seu Pai. O amor dos filhos aos pais não elimina o seu dever de obedecer. Aliás, é por amarem que obedecem. Também os pais, pelo fato de amarem seus filhos, não deviam dispensar a obediência deles. O relacionamento perfeito de um Pai sábio com o seu Filho obediente, reafirmo, é o padrão para os lares dos cristãos, filhos adotivos do Pai celeste.

O fato de Deus ser nosso Pai ocasiona uma grande mudança em nosso *status*. De escravos passamos a ser filhos (Gl 4.7). A penalidade que deveria cair sobre nós foi retirada e, pelo fato de sermos adotados como filhos, nunca mais haveremos de pagar coisa alguma, porque Jesus, o Filho unigênito, pagou tudo, além de propiciar a nós o direito de sermos co-herdeiros de Deus com ele.

Poder chamar Deus de "Pai" significa que ele restabeleceu o relacionamento quebrado que havia entre nós e ele. Agora somos tratados como se nunca tivéssemos pecado contra ele, por causa de Cristo. Somos colocados na grande família dos remidos. Portanto, quando chamamos Deus de "Pai" indicamos que Deus foi benevolente para conosco, e que os seus olhos estão voltados em bondade para com seus filhos. Agora podemos orar a ele e pedir-lhe as coisas de que tanto precisamos.

Pai é o nome mais confortável e doce para nós, os seus filhos. De todos os grandes, excelentes e gloriosos nomes de Deus, "Pai" é o que mais nos toca intimamente e mais caro é ao nosso coração. Ter Deus como Pai significa que estamos protegidos e guardados no seu amor. Como ato reflexo de gratidão, todos os seus filhos deveriam amar o seu Pai celestial. A melhor forma de fazer isso é imitar o Filho Unigênito, tendo os mesmos sentimentos que ele teve para com seu Pai, sendo-lhe obediente em todas as coisas.

ÍNDICE

CAPÍTULO 5 – A TRIUNIDADE DE DEUS

A. O Problema da Personalidade Divina 104
1. Características de uma Personalidade 105
a. Uma Personalidade Possui Autoconsciência 105
a.1. Comparação entre o Animal, o Ser Humano e Deus 106
a.2. Comparação entre Cristianismo e Panteísmo 109
b. Uma Personalidade Possui Inteligência 109
c. Uma Personalidade Possui Autodeterminação 110
d. Uma Personalidade Possui Afeições 110

B. O Problema Maior da Tripersonalidade Divina 110
1. Base Bíblica da Doutrina da Trindade 110
a. A Doutrina da Trindade no Novo Testamento 111
a.1. Os Textos sobre o Batismo de Jesus 112
a.2. Os Textos sobre a Fórmula Batismal 112
a.3. Os Textos sobre a Bênção Apostólica 112
a.4. Textos Gerais sobre a Trindade 113
a.5. O Ensino de Cristo Mostra a Doutrina da Trindade 114
b. Base no Antigo Testamento 114
b.1. Textos Gerais Indicando a Pluralidade de Pessoas 114
b.2. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pelo Nome de Deus 115
b.3. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Tríplice Repetição do Nome Iavé ... 116
b.4. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Relação de Comunicação 116
b.5. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Obra que Deus Faz 118
b.6. Textos que Indicam a Pluralidade pelas Referências ao Anjo de Iavé 118
b.7. Textos que Indicam a Pluralidade pelas Referências a Cristo Agindo no Antigo Testamento 121

C. Base Histórica da Doutrina da Trindade 122
1. As Controvérsias Trinitárias do Monarquianismo 123
a. Monarquianismo Modalista 123
b. Monarquianismo Dinâmico 124
2. As Controvérsias Trinitárias do Arianismo 125
3. As Controvérsias Trinitárias do Macedonianismo 126

D. Fundamento Teológico da Doutrina da Trindade 127
1. Significado de Essência e de Pessoa 127
2. O Significado de Essência 127
3. O Significado de Pessoa 129
4. Trindade Ontológica 130
a. A Questão da Subsistência Tripessoal 130
b. A Doutrina da Subsistência Pessoal Provada pelas *Opera ad Intra* 130
b.1. Paternidade 131
b.2. Filiação 132
b.3. Processão 135
5. Trindade Econômica 137
a. O Problema da Subordinação de Função 137
b. A Subordinação do Filho ao Pai 138
c. A Subordinação do Espírito ao Pai e ao Filho 138

d. A Doutrina da Trindade Econômica Provada pelas *Opera ad Extra* 138
d.1. A Obra da Criação 139
d.2. A Obra da Providência 140
d.2.1. A Obra da Providência Pertence ao Pai 140
d.2.2. A Obra da Providência Pertence ao Filho 141
d.2.3. A Obra da Providência Pertence ao Espírito 141
d.3. A Obra da Redenção 141
d.3.1. Na Inspiração das Escrituras 141
d.3.2. Na Economia da Salvação 142
d.3.3. Na Ressurreição de Cristo 143
E. As Três Pessoas Estudadas Separadamente 143
1. A Primeira Pessoa 143
a. A Divindade do Pai no Antigo e no Novo Testamento 144
2. A Segunda Pessoa 144
a. A Divindade de Jesus Cristo Afirmada no Antigo Testamento 144
b. A Divindade de Jesus Cristo Afirmada no Novo Testamento 146
c. Evidências da Divindade de Jesus Cristo 148
c.1. Jesus Recebe Títulos Divinos 148
c.1.1. Senhor 148
c.1.2. Alfa e Ômega 148
c.1.3. Rei e Justo Juiz 149
c.1.4. Soberano 150
c.2. Jesus Cristo Faz Coisas Próprias da Divindade 150
c.2.1. Ele Ressuscita Fisicamente 150
c.2.2. Ele Ressuscita Espiritualmente 151
c.2.3. Ele Exerce a Função de Juiz 151
c.2.4. Ele É o Criador do Universo 151
c.2.5. Ele Perdoa Pecados 152
c.2.6. Ele Reina sobre o Universo 152
c.3. Jesus Recebe Adoração Divina 152
c.4. Jesus Recebeu Orações dos Homens 153
3. A Terceira Pessoa 154
a. A Personalidade do Espírito Santo 154
a.1. Ele Convence Pessoas 154
a.2. Ele Guia Pessoas à Verdade 155
a.3. Ele Consola Pessoas 155
a.4. Ele Tem Sentimentos 155
a.5. Ele Inspira Pessoas 155
b. A Divindade do Espírito 156
b.1. Evidências da Divindade do Espírito 156
b.1.1. O Espírito Recebe um Nome Divino 156
b.1.2. O Espírito Possui Atributos Divinos 156
O Espírito possui o atributo da onipresença 156
O Espírito possui o atributo da onisciência 157
b.1.3. O Espírito Faz Coisas Próprias da Divindade 157
Ele comunica vida aos pecadores 157
Ele santifica a vida dos pecadores 157
4. Importância da Doutrina da Trindade 157
5. Aplicação da Doutrina 158

Capítulo 5

A TRIUNIDADE DE DEUS

Um capítulo sobre a Trindade é extremamente essencial para o estudo do Deus das Escrituras. Essa matéria, que é peculiar ao cristianismo, sempre foi motivo de ataque de outras religiões pelas grandes dificuldades que apresenta. Esse é um dos maiores mistérios da fé cristã. Contudo, a despeito de ser um assunto de difícil compreensão, justamente porque excede o nosso entendimento, ele merece ser estudado, porque as Escrituras nos fornecem dados importantes e alguns dos seus textos dão mostra inequívoca da existência de três pessoas num só ser. Este capítulo não promete resolver todos os problemas relativos à Trindade, mas faz o esforço de analisar a maioria dos dados bíblicos que, de maneira próxima ou remota, tratam do Deus que subsiste em três pessoas de forma que, ao invés de vermos um triteísmo, podemos ver uma unidade nas pessoas. Por essa razão, trataremos neste capítulo da triunidade de Deus.

Todavia, antes de tratarmos das três pessoas que subsistem em um só ser, temos de enfrentar o grande problema da personalidade em Deus e do problema maior que é a sua tripersonalidade.

A. O PROBLEMA DA PERSONALIDADE DIVINA

Tanto o panteísmo clássico quanto as suas formas modernas (como o movimento da Nova Era) afirmam que Deus é uma "força" ou a "base de todos os seres", ou ainda uma espécie de "consciência planetária". Por causa da influência das religiões orientais no mundo ocidental, o misticismo panteísta tem invadido alguns setores da igreja cristã. Dave Hunt descreve o movimento da Nova Era como "uma nova abertura de uma pessoa para outra, para nós próprios, para a natureza, para uma 'Força' universal que penetra a totalidade do cosmos – que produz um despertamento de poderes inimaginados pela mente".[74] Esse panteís-

[74] Dave Hunt, *Peace, Prosperity and the Coming Holocaust* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1983), 62.

mo oriental tem ensinado que a matéria ou substância é Deus, que tudo é Deus, descartando qualquer idéia da existência de personalidade em Deus. Deus é identificado com a natureza, não sendo independente ou separado dela. Ele é simplesmente uma força inconsciente que opera no mundo, que é uma própria extensão do mesmo. Um exemplo desse panteísmo é a idéia de que "Deus é amor e o amor é Deus". A primeira parte está certa, porque as Escrituras a afirmam, mas a segunda parte está errada porque torna Deus um princípio impessoal que está espalhado pelo mundo.

Contra essas concepções panteístas impessoais de Deus, a fé cristã tem que afirmar a personalidade divina. Deus não é uma força impessoal, mas um ser personalizado que, de modo absolutamente singular, existe tripessoalmente.

Não somente o panteísmo, mas o deísmo também tem negado a personalidade de Deus no que tange ao seu aspecto relacional. Deus é distante do universo que criou. Não possui qualquer interferência no mundo a que deu corda e colocou para funcionar. Portanto, se Deus é pessoal para alguns deístas, não podemos saber nada da sua pessoa, porque não existe qualquer relação dele conosco.

Contra essas idéias panteístas e deístas o cristianismo tem que lutar, pois uma das grandes características de Deus é o fato de ele envolver-se com a criação e, principalmente, com a coroa da criação, que são os homens criados à sua imagem e semelhança.

1. Características de uma Personalidade

Nós não podemos dar uma definição exaustiva de personalidade aqui, mas podemos apontar algumas características da personalidade em geral que se aplicam perfeitamente a Deus.

Vejamos este assunto de uma maneira mais sistemática. Estudando os atributos de Deus, podemos perceber que Deus é um ser eminentemente espiritual. Uma das características de um ser espiritual é a sua personalidade. Deus não é somente um ser pessoal, mas tripessoal. Contudo, há quatro coisas muito importantes que caracterizam a personalidade divina mas que não são exclusivas da mesma: autoconsciência, inteligência, autodeterminação e afeições.

a. Uma Personalidade Possui Autoconsciência

Essa é a capacidade que uma pessoa tem de estar consciente de sua própria identidade, de saber quem ela é. É mais do que mera consciência. Esta última um animal pode ter, isto é, ele possui consciência das coisas que estão ao seu redor, mas não possui a consciência de si próprio, ou seja, a autoconsciência.

Esta somente um ser pessoal a possui. Quando recebeu a ordem de ir ao Egito para libertar o povo da escravidão, Moisés perguntou a Deus: "Eis que quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?" Então, Deus lhe disse: "Eu Sou o que Sou... Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros" (Êx 3.13, 14). Esta resposta divina mostra a sua grande autoconsciência de maneira inequívoca.

Todos os espíritos racionais, que incluem anjos e homens, possuem a capacidade de saber da existência das coisas e, principalmente, da sua própria existência. Toda consciência implica uma dualidade de sujeito e objeto: um sujeito para conhecer e um objeto para ser conhecido. Se há um sujeito, mas não objeto, a consciência é impossível. Não existe consciência à parte de algo a ser conhecido. O fato de estar absolutamente só é fatal para a idéia de consciência. Ninguém pode estar consciente de algo se esse algo não existe.

Há uma distinção importante entre consciência e autoconsciência. Na consciência, o objeto é uma outra coisa ou ser que existe além do sujeito. O objeto de conhecimento é distinto do sujeito. Contudo, na autoconsciência, o objeto de conhecimento é da mesma substância do sujeito.

A autoconsciência é muito mais complexa do que a consciência. Esta última, tanto no homem como no animal, é comparativamente clara e explicável. Quando observamos um objeto que não nós próprios, como uma árvore ou o firmamento, não é muito difícil de compreender. Conhecer algo fora de nós mesmos é muito mais fácil do que o conhecimento de nós próprios. A auto-inspeção é muito mais difícil do que a inspeção de algo que não nós mesmos. No ato da auto-inspeção, não há a realidade objetiva que podemos contemplar.

No ato da autoconsciência é a mesma alma individual que percebe e é percebida. Não há diferença entre o pesquisador e o pesquisado. Toda consciência implica um sujeito e um objeto. Na autoconsciência não há diferença entre os dois. Este é o poder que o espírito racional possui, diferentemente dos animais irracionais. Se o homem perde essa capacidade, ele deixa de ser homem. Deus, que é Espírito supremo, possui essa capacidade de autoconsciência num grau infinitamente maior e, portanto, perfeito. É este poder que Deus possui, em grau de perfeição, de fazer-se a si mesmo seu próprio objeto de conhecimento, sendo um ser eminentemente pessoal; na verdade, tripessoal.

a.1. Comparação entre o Animal, o Ser Humano e Deus

Isto posto, vejamos uma comparação entre o animal, o homem e Deus.

1) O animal tem uma espécie de consciência no sentido de ter percepção ou

sensação das coisas que estão ao seu redor, sem distinguir exatamente o que ou quem elas são, embora possa estar familiarizado com elas. Todavia, um animal não possui consciência de si mesmo. Ele não sabe quem é, nem que existe. Ele pode ficar impressionado com os objetos que estão ao seu redor, que obviamente não fazem parte da sua essência, mas nunca fica impressionado consigo mesmo. Se você colocar o animal diante de um espelho, ele não saberá que o que está vendo é ele mesmo. O animal nunca se contempla, mas é capaz de contemplar os outros, mesmo que não possa fazer as devidas distinções. A razão desse comportamento é o fato de que ele não é uma pessoa. Tem consciência das coisas ao seu redor, mas não possui autoconsciência.

Essa é a razão pela qual um animal percebe as coisas, mas não é capaz de formular conceitos sobre a percepção daquilo que o rodeia. Ele não é capaz de formular uma noção objetiva das suas sensações, e não pode distinguir o seu "ego" das suas sensações. Ele tem basicamente todos os órgãos para falar e cantar, como os homens, mas não possui a capacidade de autoconsciência para fazer essas coisas.

2) Um ser humano tem consciência no sentido de perceber, como o animal, as coisas que estão ao seu redor. A diferença entre ambos é que o homem é capaz de ver-se a si mesmo, de se contemplar e de saber que aquele que está refletido no espelho é ele próprio, e não alguma outra coisa que o impressiona. Diferentemente dos animais, o homem pode ter pensamentos espontâneos e sentimentos espontâneos, sem que precise exercitar sua mente ou suas emoções. Contudo, isso é consciência, não necessariamente autoconsciência. A autoconsciência é mais profunda do que a consciência. Todo homem sabe e tem consciência de que faz coisas erradas, mas somente quando o Espírito Santo o convence dos seus pecados é que ele passa a exercer a autoconsciência do que é e do que faz.

3) O Ser Divino, ao contrário dos animais, não possui a mesma espécie de consciência que eles possuem, porque ele é antes de haver coisas diferentes dele próprio. Isto é, Deus já existia antes que houvesse alguma coisa que não ele mesmo. Ele não precisa desse tipo de consciência para ser o que é. Deus não tem corpo, partes, nem é afetado por nada que não seja ele próprio. Ele é auto-existente e independente de tudo o que há na criação, porque já era antes de ela vir a existir.

O Ser Divino, em contraste com os seres humanos, não possui a autoconsciência que provém da mera consciência, nem possui um processo mental irrefletido, como é próprio da mente humana. Nada vem à sua mente de maneira irrefletida, espontânea, sem que tenha sido desejado e planejado por ele. Ele sempre exercita a sua mente naquilo que pensa. Em nós, pode haver uma distinção

entre consciência e autoconsciência, mas não em Deus. Essas duas coisas são absolutamente unidas, e é difícil entender a autoconsciência em Deus em virtude de sua natureza pessoal ser muito superior e mais complexa do que a nossa. Por conseguinte, a autoconsciência em Deus é muito mais perfeita e tem um grau bem mais elevado que nos homens ou nos anjos, que são os seres racionais criados.

É aqui que a doutrina da Trindade derrama algum tipo de luz sobre esse profundo mistério da autoconsciência divina. Deus é um ser tripessoal, sendo que as três pessoas compartilham da mesma essência divina.

A revelação das Escrituras mostra Deus como aquele que "é bendito eternamente", sendo absolutamente independente, tendo vida própria, possuindo todas as características de um ser pessoal, que vive relacionando-se. Portanto, como tal, ele deve possuir todas as propriedades dentro de si mesmo, e não fora do seu próprio ser, porque ele já era antes de todas as outras coisas virem a ser. Ele nunca precisou do universo para poder relacionar-se. Essa faculdade é encontrada dentro do seu próprio ser, que subsiste tripessoalmente. Ele não precisa conhecer a sua criação a fim de que possa ter um objeto para conhecer e amar, e com quem possa regozijar-se e ter comunhão. Isso ele faz dentro do próprio ser divino. Essa propriedade é impossível para o homem, que é unipessoal. A fim de que ele possa relacionar-se, amar e ter alegria, tem que haver uma outra pessoa. Por essa razão, Deus fez Eva para servir de companhia para Adão. Deus não precisava de ninguém para ser o que é. Ele não precisa de ninguém além de si próprio. Ele se basta a si mesmo, porque é tripessoal.

Perceba como a autoconsciência em Deus é complexamente bela: o Pai "conhece o Filho" (Mt 11.27); ele "ama ao Filho" (Jo 3.35); o Filho foi gerado pelo Pai (Jo 1.18). Todas essas relações existem desde antes da criação do mundo. O próprio Filho encarnado, enquanto no estado de humilhação, pediu ao Pai que lhe restaurasse a glória que ele tivera junto do Pai, antes da fundação do mundo (Jo 17.5). Houve um tempo (antes do tempo) quando a criação não existia. Se Deus dependesse das coisas criadas para possuir a sua autoconsciência, Deus não seria "bendito eternamente", porque não poderia ter alegria, gozo e conhecimento de si mesmo. Mas Deus tem uma perfeita autoconsciência. Antes mesmo que houvesse qualquer outra coisa além do ser divino, as pessoas da Trindade já se relacionavam, tendo amor uma pela outra e alegrando-se mutuamente.

Esta relação se dava dentro da essência divina. A autoconsciência divina é diferente e superior em Deus porque ele é independente de qualquer outro ser para relacionar-se. O ser humano precisa de outro ser para ter relacionamento e para poder se conhecer, mas Deus não. Ele é independente e tem um pleno

autoconhecimento na interação da subsistência das três pessoas da mesma essência divina, que é numericamente uma e a mesma.

a.2. Comparação entre Cristianismo e Panteísmo

Neste ponto é que o cristianismo se distingue absolutamente do panteísmo que vigora em nossos dias. Esse tipo de panteísmo, que possui a sua origem em Hegel, até admite que Deus se distingue do mundo, havendo uma relação entre ele e o mundo criado. A visão de Hegel é que "como Deus é personalidade eterna, assim ele eternamente produz seu outro eu, isto é, a Natureza, a fim de ser autoconsciente".[75] Neste tipo de panteísmo, o Infinito está amarrado ao finito. Sem este último, Deus não pode ser autoconsciente. Deus vale-se do mundo para ser uma real personalidade. Conseqüentemente, Deus e o mundo devem ser, em última instância, uma e a mesma substância. Em certo sentido, Deus é equalizado a nós, que, para sermos autoconscientes, precisamos de algo com que nos relacionar. Certamente, todos os panteístas negam a realidade da existência eterna e tripessoal de Deus, que é exclusiva do cristianismo.

Na concepção cristã da Trindade, os meios para a autoconsciência estão absolutamente dentro da própria essência divina, sendo todos eles independentes do universo finito que foi criado e veio a existir com o tempo. Deus é distinto dentro de si mesmo, e não de algo que não é ele próprio.

b. Uma Personalidade Possui Inteligência

Os animais possuem cérebros, mas estes carecem de uma função que somente os seres racionais possuem: a capacidade de relacionar as coisas, de estabelecer metas e atingi-las inteligentemente. Os animais não possuem a capacidade de associação e de interligar os fatos, como alguns seres humanos pretendem que os animais tenham. Não é difícil perceber a tendência contemporânea, nos filmes, nos desenhos animados e nos romances, de humanizar os animais e animalizar os homens. Vários estudiosos estão protegendo os animais (o que não é errado), mas não estão estudando os seres humanos como deviam. Esquecem-se de vê-los como seres feitos à imagem de Deus. Apenas brutalizam as suas tendências, esquecendo-se de que os seres humanos devem ser tratados com honra pelo fato de serem seres pessoais. Todavia, contra fatos não há argumentos. Por mais que estudiosos da sociologia ou de outras ciências insistam na tentativa de humanizar os animais, a inteligência dos seres humanos é uma das características da imagem de Deus neles. Logo, se eles refletem em alguma medida o Criador, este é um ser pessoal supremamente inteligente. A inteligên-

[75] Citação de W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology*, vol. 1, 213.

cia e o entendimento de Deus são infinitos, como se pode deduzir de inúmeros textos das Escrituras (Sl 147.5; veja também Is 40.12-14; Rm 11.33). A inteligência é típica de seres pessoais e os qualifica como tais. Assim são os anjos, os homens e o Criador de ambos.

c. Uma Personalidade Possui Autodeterminação

Esta capacidade tem a ver não simplesmente com a elaboração inteligente de um plano, mas com a sua execução. É a capacidade de olhar para o futuro e preparar um curso inteligente de ação. Isso significa que esse ser pessoal tem a capacidade de decidir sobre o que quer fazer. Deus possui muito mais autodeterminação que as suas criaturas, porque ele é, além de inteligente, todo-poderoso. Ninguém impede a Deus de fazer o que lhe apraz. Por essa razão, o profeta Isaías registra: "O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade" (Is 46.10b). Deus é um ser com infinita capacidade de autodeterminação, pois ele está no céu, "e tudo faz como lhe agrada" (Sl 115.3).

d. Uma Personalidade Possui Afeições

A personalidade de um ser está em grande medida relacionada com a sua capacidade de ter afeições ou sentimentos. Deus a possui de maneira extraordinária, tendo sensações de tristeza e alegria, dor ou prazer, ódio ou amor. Essas afeições misturadas com a inteligência e com a capacidade de determinação não são típicas de outros seres vivos, senão somente dos seres pessoais.

B. O PROBLEMA MAIOR DA TRIPERSONALIDADE DIVINA

No seio das igrejas cristãs não há muitos problemas com respeito à personalidade divina, mas há um problema maior do que simplesmente mostrar que Deus é pessoal: mostrar que ele subsiste em três pessoas. Contudo, a despeito da dificuldade desta matéria, é melhor falar da tripersonalidade de Deus do que falar da sua simples personalidade.

A grande tarefa da teologia cristã é afirmar, sem apoio de qualquer outro ramo religioso ou filosófico, a misteriosa doutrina da tripersonalidade de Deus. É uma matéria de pura confiança no ensino geral da Santa Escritura, sem qualquer similaridade em outra religião. E o propósito deste capítulo é mostrar a visão bíblica da tripersonalidade divina, uma doutrina singularmente cristã.

1. Base Bíblica da Doutrina da Trindade

O termo "Trindade" não é encontrado na Bíblia. É um termo teológico usa-

do pela primeira vez provavelmente por Tertuliano, por volta do ano 220 AD. Mesmo a despeito de esse termo não aparecer nas Escrituras, a tentativa deste capítulo é fazer justiça ao seu ensino global sobre essa matéria tão decisiva para o cristianismo ortodoxo, e mostrar bíblica, teológica e historicamente que a Trindade existe. Ambos os Testamentos fazem referência a esta matéria, e nós a estudaremos de maneira sistemática, mesmo que algumas vezes adotemos, de maneira muito clara, o método da teologia bíblica.

Quando examinamos as Escrituras em sua totalidade, percebemos que a evidência da doutrina da Trindade no Novo Testamento é muito mais clara do que no Antigo Testamento. Este entendimento mais claro do Novo Testamento é devido ao caráter progressivo da revelação redentora de Deus. Portanto, nesta parte da base bíblica entenderemos os textos sobre a Trindade no Antigo Testamento com a luz que os textos do Novo Testamento lançam. Para dizermos de outra forma, à luz dos textos do Novo Testamento é que entenderemos os textos do Antigo Testamento sobre a Trindade. Temos que fazer justiça às ênfases específicas e também às limitações específicas do Antigo Testamento com relação a esta matéria.

Examinaremos a base bíblica na ordem inversa dos Testamentos, pela simples razão de a doutrina da Trindade estar mais clara no Novo Testamento do que no Antigo. Portanto, as bases lançadas no Novo Testamento servirão de base para o entendimento dos textos alusivos à Trindade no Antigo Testamento. Esta é apenas uma tentativa metodológica diferente para estudar a doutrina da Trindade.

a. A Doutrina da Trindade no Novo Testamento

Fica relativamente mais fácil elaborar a doutrina da Trindade a partir dos dois grandes eventos redentores, ou seja, a encarnação do Verbo e o derramamento do Espírito no Pentecoste, do que elaborá-la a partir do ensino do Antigo Testamento. No Novo Testamento, a revelação já está completa e, portanto, o nosso ponto de partida é um entendimento retroativo, partindo do mais claro para o mais obscuro. Ao invés de seguir o caminho do caráter progressivo da revelação, faremos o caminho inverso. Partiremos daquilo que foi revelado mais plenamente, voltando pelo caminho da revelação histórica, a fim de ver os elementos da doutrina da Trindade em gérmen no Antigo Testamento. A tentativa deste estudo é partir do que está patente no Novo Testamento para o que está latente no Antigo Testamento.

Uma apresentação plena da evidência da doutrina da Trindade requer um estudo de todas as passagens que falem tanto da divindade de Cristo como da divindade e personalidade do Espírito Santo, mas isso faremos posteriormente.

Como não temos espaço para um estudo exaustivo, estudaremos apenas alguns textos mais importantes para o nosso propósito.

Como mencionei acima, houve dois grandes eventos reveladores neotestamentários que nos ajudam muito na elaboração dessa doutrina e que não podem ficar no esquecimento: a encarnação de Cristo e o derramamento do Espírito. Se estas duas grandes revelações forem esquecidas, ficaremos na mesma dificuldade de elaborar a doutrina da Trindade que teríamos se contássemos apenas com as informações do Antigo Testamento.

Veremos a seguir algumas evidências textuais da doutrina da Trindade no Novo Testamento.

a.1. Os Textos sobre o Batismo de Jesus

Mt 3.13-17; Mc 1.9-11; Lc 3.21-23; Jo 1.32-34. Estas passagens falam do Filho encarnado que está diante de João Batista para ser batizado, enquanto o Espírito desce do céu tomando a forma corpórea de uma pomba, e ao mesmo tempo ouve-se a voz do Pai dizendo algo sobre o Filho amado. Nesses textos percebem-se três pessoas que aparecem simultaneamente, e não três modos diferentes de a mesma pessoa se apresentar, como pensam os modalistas. Embora a ênfase maior da idéia de pessoa recaia sobre o Pai (que fala) e o Filho (que está sendo batizado), todavia, o Espírito aparece de forma distinta das outras duas pessoas.

a.2. Os Textos sobre a Fórmula Batismal

Mt 28.16-20 (Mc 16.15-18). Os textos sobre o batismo de Jesus mostram a presença simultânea das três pessoas de uma forma bem distinta. Mas a unidade dessas três pessoas não está evidente naquelas passagens. Todavia, a unidade do ser divino está evidente no fato de que os atributos da divindade são aplicados indistintamente a cada uma das três pessoas. E o fato de cada uma delas apresentar obras puramente divinas é, outra vez, a evidência da divindade de cada uma. A singularidade da fórmula batismal está na ênfase que dá à unidade das três pessoas no nome de alguém que é batizado.

a.3. Os Textos sobre a Bênção Apostólica

2Co 13.13 mostra de maneira clara as três pessoas sendo apontadas como as beneficiadoras dos remidos de Deus. Deve ser observado que esse texto mostra que as funções abençoadoras de cada uma das pessoas tem um caráter pessoal. A graça, o amor e a comunhão são propriedades de pessoas, não de energias ou poderes. Há três pessoas distintas claramente ensinadas nessa passagem.

Ap 1.4, 5 também mostra as três pessoas juntas, mas com nomenclaturas diferentes. Nesse texto, o Pai é chamado de "aquele que era, que é e que há de vir" e "aquele que está no trono"; o Filho, Jesus Cristo, é chamado de "a fiel testemunha", "o primogênito dos mortos" e "o soberano dos reis da terra"; o Espírito é chamado de "os sete espíritos". Portanto, graça, paz e amor vêm desse Deus triúno.

O curioso é que a bênção araônica de Números 6 também mostra uma espécie de trindade, se a vemos com a luz derramada pelo ensino do Novo Testamento, pois nela o nome santíssimo aparece três vezes, onde em cada vez aparece uma promessa de bênção.

a.4. Textos Gerais sobre a Trindade

1Co 12.4-6 – Nesta passagem há novamente a menção das três pessoas exercendo funções diferentes na capacitação da igreja. O *Espírito* é o mesmo que distribui os dons para os membros do corpo (v. 4); o *Filho*, que aqui é chamado de Senhor, é quem determina o lugar onde os membros do corpo vão trabalhar (v. 5), e o *Pai* é quem dá a diversidade das realizações dos membros do corpo (v. 6), determinando o sucesso do trabalho dos mesmos.

Ef 4.4-6 – Nesta passagem, Paulo trata da unidade do corpo, dando várias evidências da mesma. A característica importante é que essa unidade gira em torno das três pessoas da Trindade. Há um só Espírito, um só Senhor e um só Deus e Pai de todos. A Trindade, como no texto de 1Co 12.4-6, é a mola mestra da vida do corpo. Sem as pessoas da Trindade o corpo não pode funcionar.

1Pe 1.1, 2 – Enquanto as duas passagens acima têm a ver com a capacitação da igreja, esta tem a ver com a obra soteriológica das pessoas da Trindade. O *Pai* é o responsável pela eleição, segundo a sua presciência; a obra de redenção dos pecadores é feita pela "aspersão do sangue de Jesus Cristo", o *Filho*, e a santificação dos eleitos e redimidos é feita pelo *Espírito Santo*.

Judas 20-22 – Esta passagem novamente mostra as três pessoas exercendo funções diferentes na vida dos santos. O Pai é quem guarda os santos no seu amor. O Filho é a expressão da misericórdia divina, na qual os santos devem esperar. O Espírito é o que edifica os santos na fé santíssima, ou seja, no corpo de doutrina recebido, a mesma "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (v. 3).

1Jo 5.7 – Bavinck dá algumas informações preciosas sobre o desenvolvimento do pensamento cristão quanto a esta passagem:

> A genuinidade do texto de 1Jo 5.7 permanece duvidosa. Ele não é encontrado em quais-

quer dos códices gregos, exceto em uns poucos datados do século XVI. Também não aparece em quaisquer dos códices latinos anteriores ao século VIII e está ausente de quase todas as versões. Além disso, nunca é citado pelos pais gregos, nem mesmo durante o período da controvérsia ariana, nem pelos pais latinos: Hilário, Ambrósio, Jerônimo, Agostinho, etc. Se é citado ou pressuposto por Tertuliano, ele deve ter existido desde aproximadamente o ano 190; e se é citado por Cipriano, deve ter sido conhecido por volta do ano 220. Se a Versão Africana continha esse texto – como é sustentado por um manuscrito datado do século V e por outro do século VII – podemos voltar ainda mais no tempo, porque a Versão Africana data de por volta do ano 160 e foi trazida para a Itália por volta de 250. Com certeza, podemos afirmar que esse texto apareceu nos escritos de Vigílio, por volta de fins do século V. No século XVI, ele foi incluído no N.T. Grego Complutensiano, por Erasmo na terceira edição de sua obra, por Robert Estienne (Estefano), por Teodoro Beza, e no Textus Receptus. Ele não é definitivamente exigido pelo contexto e seria muito difícil explicar a sua omissão e subseqüente desaparecimento. Há ainda alguns que defendem esta passagem como genuína. Em 1897, a questão de se 1Jo 5.7 pode ser rejeitado com segurança ou pelo menos omitido por ter origem duvidosa foi rejeitada pela Congregação do Santo Ofício, em Roma, decisão essa que foi ratificada pelo papa. Mas aparentemente esse veredicto não resolveu a questão da autenticidade do texto... De qualquer modo, mesmo após essa declaração oficial [da Igreja de Roma], muitos teólogos católicos romanos têm defendido com muitos argumentos a inautenticidade de 1Jo 5.7.[76]

a.5. O Ensino de Cristo Mostra a Doutrina da Trindade

Em vários lugares dos Evangelhos Jesus diz que Deus é seu Pai e que esse Pai é um Espírito que tem vida em si mesmo (Jo 4.24 e 5.26); ao mesmo tempo Jesus ensina que ele e o Pai são da mesma essência, afirmando ser igual a ele (Jo 5.18), porque ele faz as mesmas obras (10.37, 38). O ensino de Cristo mostra, no seu conjunto, a harmonia que existe entre as pessoas da Trindade.

b. BASE NO ANTIGO TESTAMENTO

Todos os textos do Antigo Testamento que serão citados ficam muito mais claros quando os entendemos à luz de uma revelação posterior. Eles são mais bem entendidos quando recebem a luz que vem dos textos mais claros do Novo Testamento, onde a revelação progressiva se torna mais evidente.

b.1. Textos Gerais Indicando a Pluralidade de Pessoas

Is 48.16 – Parece-nos que as palavras deste verso foram colocadas na boca da segunda pessoa da Trindade, o Verbo ainda não encarnado. Deus enviou o seu Filho e o seu Espírito para realizarem a obra de salvação na história do

[76] Bavinck, *The Doctrine of God*, 265-66.

mundo e na vida pessoal do pecador. Obviamente, a primeira obra cabe ao Filho encarnado e a segunda ao Espírito que opera no íntimo do pecador.

Is 59.20, 21 – Estes versos são palavras diretas de *Deus*, o Pai, aqui chamado de "Senhor", que estabelece um pacto com o seu povo. Como parte desse pacto, o *Espírito* estaria sobre o mediador do pacto, o Salvador Jesus Cristo, que é o *Redentor* que vem de Sião.

Is 61.1-3 – As três pessoas aparecem de forma clara nesta passagem. Ela é citada no Novo Testamento (Lc 4.16) para mostrar a unção do Messias pelo Espírito que vem de Deus. Logo no começo do verso 1, o texto diz: "O *Espírito* do *Senhor* (Deus, o Pai) está sobre *mim* (o Filho, Cristo)".

b.2. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pelo Nome de Deus

Nos textos abaixo, embora apareça a idéia de pluralidade de pessoas, não há necessariamente a indicação de que sejam três pessoas. Contudo, não podemos deixar de levar em conta que no judaísmo havia uma forte ênfase no monoteísmo. A ênfase no monoteísmo e, ao mesmo tempo, a pluralidade de pessoas envolvida no nome de Deus provam que ele é um ser que possui mais de uma personalidade.

Todavia, a conclusão acerca da doutrina da Trindade nesses textos é inferencial, ou deduzida da idéia da Trindade já provada no Novo Testamento.

Embora haja ênfase na unidade de Deus, as Escrituras indicam a pluralidade de pessoas na divindade. O nome incomunicável de Deus, *Iavé*, está sempre no singular, enfatizando a natureza essencial de Deus que é a mesma nas três pessoas, enquanto o primeiro nome de Deus mencionado nas Escrituras revela a pluralidade de pessoas que nele há. O nome usado para Deus em Gn 1.1 (*Elohim*) é um plural de majestade. Embora esse texto não indique que são três pessoas, certamente indica a pluralidade de pessoas na divindade. Entendendo esse verso de acordo com o contexto geral das Escrituras, incluindo o Novo Testamento, é como se Moisés houvesse dito: "No princípio, cada uma das pessoas da divindade (*Elohim* = plural de majestade) criou os céus e a terra". Isto é perfeitamente possível, pois podemos ver nos ensinos da Bíblia que tanto o Pai como o Filho e o Espírito participaram ativamente da obra da criação, como veremos adiante. A pluralidade de pessoas na divindade é patente desde o início da revelação bíblica.

Em textos como Jó 35.10; Sl 149.2; Ec 12.1 e Is 54.5, a tradução em nossa língua apresenta Criador no singular, mas o texto hebraico apresenta o termo no plural – Criadores. O mundo foi feito por um só Deus, mas foi feito pelo Pai,

pelo Filho e pelo Espírito. A pluralidade no nome de Deus indica a pluralidade de pessoas que existe nele, se considerarmos a matéria à luz da revelação neotestamentária já estudada.

b.3. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Tríplice Repetição do Nome Iavé

Nm 6.24-26 – "O *Senhor* te abençoe e te guarde; o *Senhor* faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o *Senhor* sobre ti levante o rosto, e te dê a paz."

Pode até parecer coincidência ou uma questão de combinação de números, mas na bênção araônica, o nome *Iavé* aparece repetido três vezes, indicando a mesma bênção apostólica, onde as três pessoas da Trindade estão claramente indicadas. No Antigo Testamento, a bênção também é trinitária, mas entendemos que a Trindade está aqui indicada de uma forma embrionária, que só pode ser entendida à luz da revelação neotestamentária.

Observe-se também Daniel 9.19 e Isaías 33.22. Nestes textos, o nome santíssimo é repetido três vezes, assim como na celebração dos serafins, quando da visão de Isaías (6.3), e dos seres viventes (Ap 4.8). Pode até parecer acidental, mas não há nada na Escritura que não tenha sido escrito com algum propósito definido. Se o nome aparece sempre três vezes, certamente há algum propósito específico para isso.

b.4. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Relação de Comunicação

Nessa questão, a abordagem do texto de Gn 1.26 é diferente da anterior. Gn 1.26 novamente mostra a idéia de pluralidade de pessoas pela idéia de comunicação interpessoal, pois Deus diz de si para consigo: "*Façamos* o homem à *nossa* imagem, conforme a *nossa* semelhança". Quando Deus fala, sem haver um ser criado com quem falar, é absolutamente certo que ele fala com alguém dentro de si mesmo. As pessoas da Trindade sempre se comunicaram, antes que houvesse o mundo e as suas criaturas racionais. O fato de Deus ser tripessoal é o que torna essa comunicação relacional possível.

Em Gn 3.22 a idéia de pluralidade também está presente na comunicação intratrinitária. Depois de verificar que o pecado havia entrado no universo dos homens, vendo a condição de cegueira de nossos primeiros pais e sua fuga da presença gozosa de Deus, este disse de si para consigo mesmo: "Eis que o homem se tornou como um de *nós*, conhecedor do bem e do mal". É como se Deus dissesse no conselho da Trindade: "Eis a situação do homem a quem Satanás

prometeu ser um de nós, e que ele esperou ser como um de nós, como uma das pessoas da divindade. Vejam se ele se parece conosco. Agora está querendo fugir de nós e está tremendo de medo, cobrindo-se com folhas de árvore!"

Essa observação que Deus faz para si mesmo, o que indica pluralidade de pessoas, mostra o desapontamento que tiveram os nossos primeiros pais quando ouviram o conselho de Satanás, que disse: "Vós sereis como deuses" (Gn 3.5).

Gênesis 3.22 reforça imensamente a idéia da Trindade no Antigo Testamento, mas não sem o auxílio da revelação mais completa que está evidente no Novo Testamento.

Um outro exemplo encontra-se em Gênesis 11.7, no evento da construção da torre de Babel, onde o mesmo tipo de linguagem é empregado: "*Vinde, desçamos*, e *confundamos* ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro". Essa comunicação intratrinitária é mais uma vez patente, em consonância com as obras de Deus que sempre são feitas num acordo de pluralidade de ação.

Um outro texto que também mostra a pluralidade de pessoas em comunicação é o de Isaías 6.8, onde Deus pergunta para si mesmo, obtendo a prontidão do serviço de Isaías: "Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por *nós*? Disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim". (Examinar também Isaías 41.21-23.) É a Trindade que envia as pessoas para o exercício de um ministério, e isto está latente neste texto e fica patente à medida que a revelação progride.

Essa pluralidade demonstrada na comunicação de pessoas distintas também está patente no ensino de Jesus Cristo em João 14.23. O entendimento desses textos do Antigo Testamento é devido à luz lançada, por exemplo, por textos como João 1.1, onde se diz que o "Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus", indicando que ao mesmo tempo em que era a Palavra de Deus, ele era também o próprio Deus.

Bavinck afirma:

> O fato de que o nome *Elohim* é plural na sua forma, na verdade não prova a trindade. Contudo, o fato adicional de que os advogados do monoteísmo nunca objetaram ao uso deste nome prova que esta [a trindade] não deve ser explicada como uma reminiscência do politeísmo, mas que indica a riqueza e a plenitude do Ser Divino. O Deus da revelação não é uma mônada abstrata, mas é o Deus vivo e verdadeiro, que contém as mais altas distinções dentro de uma essência divina, infinito em plenitude. Isto já está evidente na obra da criação. *Elohim* cria por meio da Palavra e do Espírito.[77]

[77] Bavinck, *The Doctrine of God*, 256.

Temos que reconhecer que a idéia de pluralidade contida no nome Elohim, de si mesma não prova a doutrina da Trindade, a menos que a entendamos à luz da força maior dos textos do Novo Testamento. O mesmo se pode dizer da argumentação seguinte, que diz respeito às referências ao Anjo de Iavé.

b.5. Textos que Indicam a Pluralidade de Pessoas pela Obra que Deus Faz

Gn 1.26 mostra claramente que a obra da criação é compartilhada pela pluralidade de pessoas na divindade. Nenhuma das pessoas da Trindade opera sozinha as grandes obras *ad extra*, as obras que são feitas fora do ser divino, ou seja, as obras da criação e da redenção.

Falando da majestade poderosa do Senhor na criação do universo, o profeta pergunta: "Quem guiou o Espírito do Senhor? ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão?" (Is 40.13, 14). Certamente, ao criar o universo *ex nihilo*, Deus consultou o seu próprio ser, no conselho da Trindade. Ele nunca poderia estar se referindo a qualquer de suas criaturas, mesmo aos anjos. Quando Deus resolve fazer qualquer coisa, ele a faz consultando a si próprio. Isso somente é possível na existência de uma pluralidade de pessoas. Se fôssemos unitários, não poderíamos crer na possibilidade de Deus falar para si mesmo: "Façamos o homem segundo a nossa imagem, conforme a nossa semelhança".

b.6. Textos que Indicam a Pluralidade pelas Referências ao Anjo de Iavé

Os anjos sempre foram mencionados na Bíblia, mas parece-nos existir menção específica de um Anjo que não tem nada a ver com os seres criados por Deus, o que indica haver uma outra pessoa dentro do ser divino, que não é aquela que conhecemos como Deus, o Pai, já no ensino embrionário sobre a Trindade no Velho Testamento.

Os anjos sempre foram tidos nas Escrituras como seres criados (2 Samuel 24.16ss; 1 Reis 19.5-7; 2 Reis 19.35, além de outras citações no Novo Testamento como Mateus 1.20, 28; Lucas 1.11; 2.29, etc.). Contudo, há outras passagens, especialmente no Antigo Testamento, que tratam do aparecimento do Anjo do Senhor, as quais, ao que tudo indica, referem-se a um ser incriado. Tais menções desse anjo estão vinculadas às manifestações teofânicas que, na teologia de muitos, são identificadas com a manifestação do *Logos* (Verbo) ou da segunda pessoa da Trindade.

Gênesis 16.7-13 – Este texto trata do encontro no deserto do Anjo de Iavé

com Hagar, a serva de Abraão. Nesse evento, o Anjo do Senhor é tido como aquele que causa a multiplicação da descendência de Hagar (v. 10), fato atribuído somente a Deus nas Escrituras. Parece-nos, também, que ele próprio é objeto de adoração, pois ela era vista por ele, assim como ela o via (v. 13). Ao mesmo tempo que o Anjo fala do Senhor, ele próprio é tido como Senhor, o que indica a dualidade pessoal.

Gênesis 18.1, 2, 22; 19.1 – Estes versos indicam que três seres apareceram em forma humana diante de Abraão. Certamente, um deles era o Senhor, pois o v. 1 diz isso e o v. 22 o confirma, além de suas prerrogativas (18.25-33) e obras (19.24) o demonstrarem.

> Gn 22.15, 16 – "Então, do céu bradou pela segunda vez o Anjo do Senhor a Abraão e disse: Jurei, por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho..."

Estes versos mostram uma vez mais que esse Anjo é mais do que um simples ministrador aos que vão herdar a salvação, como é o caso de outros anjos, conforme o ensino de Hb 1.14, mas ele é o próprio Deus.

Gênesis 28.13-17 trata da escada que Jacó viu em sonhos, na qual os anjos de Deus subiam e desciam. O texto diz duas vezes que o Senhor estava ali, embora Jacó não o soubesse. Compare essa passagem com a de João 1.51, onde Jesus diz prolepticamente: "Vós vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem". É bem verdade que a figura aqui está mais ligada à *escada*, na qual os anjos sobem e descem, do que ao Anjo de Deus propriamente dito, mas a idéia fica mais clara quando lemos outros textos que podem ser de maior auxílio, como os que vêm logo abaixo.

> Gn 31.11-13 – "E o *Anjo de Deus* me disse em sonho: Jacó! Eu respondi: Eis-me aqui! Ele continuou: Levanta agora os olhos e vê que todos os machos que cobrem o rebanho são listados, salpicados e malhados, porque vejo tudo o que Labão te está fazendo. *Eu sou o Deus de Betel*, onde ungiste uma coluna, onde me fizeste um voto; levanta-te agora, sai desta terra, e volta para a terra de tua parentela."

Neste texto, há uma afirmação da divindade do Anjo de Deus. Deus se reporta a um evento anterior da vida de Jacó, onde ele próprio havia aparecido em sonhos a Jacó, quando do episódio da escada. Esse Deus que, ao mesmo tempo, é o Anjo de Deus, indica que há mais de uma pessoa no ser divino. O Anjo de Deus disse que era Deus. Como cremos na unidade do ser divino, temos que admitir a pluralidade de pessoas nele.

Gênesis 32.24-30 – Neste texto, se diz que Jacó lutou com um homem. Contu-

do, se o compararmos com o texto de Oséias 12.4, veremos o profeta dizendo que Jacó lutou com um *anjo*. Em ambos os textos se afirma que Jacó teve a consciência de que, lutando com um homem ou com um anjo, estava lutando com Deus.

> Êx 3.2, 4, 6 – "Apareceu-lhe o *Anjo do Senhor* numa chama de fogo, no meio duma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia... Vendo *o Senhor* que ele se voltava para ver, *Deus*, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés... *Eu sou o Deus de teu pai*, o Deus de Abraão, o *Deus* de Isaque, e o *Deus* de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para *Deus*."

Uma vez mais as Escrituras mostram que o Anjo do Senhor é o próprio Senhor. No final de sua vida, Moisés, invocando sobre o povo a bênção, faz referência àquele "que apareceu na sarça" (Dt 33.16) como Deus, o Senhor. O Evangelho de Marcos também confirma esse evento histórico e mostra que o Anjo do Senhor é o próprio Deus (Mc 12.26). A segunda pessoa da Trindade, com certeza, é a pessoa da comunicação divina. Daí ela vir a chamar-se "Verbo" ou "Palavra" na linguagem do evangelista João. O mesmo que estava com Deus, era Deus. As teologias de Moisés e de João combinam exatamente.

Êxodo 14.19 trata da proteção do povo que caminhava pelo deserto dada pelo "Anjo de Deus". Esse Anjo que era enviado de Deus era o próprio Deus. Como pode Deus enviar uma outra pessoa que é identificada como Deus, se não há outro Deus além dele? O entendimento cristão desse texto sempre foi que o Anjo refere-se às manifestações pré-encarnadas do Verbo Divino, a segunda pessoa da Trindade. A mesma idéia aparece em Êx 23.23; 32.34; 33.2; Nm 20.16.

Isaías 63.8, 9 – Referindo-se aos atos salvadores-providenciais de Deus num passado já distante, o profeta Isaías proclama a mensagem de Deus: "Porque ele dizia: Certamente eles são meu povo, filhos que não mentirão; e se lhes tornou Salvador. Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o *Anjo* da sua presença os salvou; pelo seu amor e pela sua compaixão ele os remiu, os tomou e os conduziu todos os dias da antigüidade". De quem poderia se dizer algo assim, senão do Verbo que haveria de se encarnar? Só dele se afirma o que Isaías disse a seu respeito.

Malaquias 3.1, 2 – Não há dúvidas de que este texto se refere a dois personagens que abrem a história do Novo Testamento: João Batista e o próprio Jesus Cristo. O primeiro é o precursor do segundo. Aqui, o "Anjo da Aliança" é uma referência inequívoca a Jesus Cristo, pois o próprio texto o chama de "Senhor". Poucos comentaristas sérios duvidam dessa interpretação. Ao mesmo tempo

que se diz que o Senhor dos Exércitos o envia, o "Senhor" é o enviado. Essas duas pessoas possuem a mesma característica essencial – a divindade.

Os pais da igreja, mesmo antes de Agostinho, eram unânimes no entendimento de que o "Anjo de Jeová" era o *Logos*, ou o Verbo divino, aparecendo teofanicamente. Deus é um ser invisível, inacessível e inefável, que veio a comunicar-se com os homens revelacionalmente sempre através da segunda pessoa da Trindade, no período do Velho Testamento, e que veio a encarnar-se "na plenitude dos tempos". Embora distinto de *Iavé*, o Filho (ou o "Anjo da Aliança") é da mesma natureza dele.

Bavinck diz que "embora distinto de Jeová, este Anjo de Jeová possui o mesmo nome, tem o mesmo poder, efetua a mesma libertação, dispensa as mesmas bênçãos, e é objeto da mesma adoração".[78]

b.7. Textos que Indicam a Pluralidade pelas Referências a Cristo Agindo no Antigo Testamento

Não há dúvida entre os cristãos ortodoxos de que Jesus Cristo atuou no período do Velho Testamento, embora de maneira não-encarnada. A preexistência do Verbo, agindo juntamente com Deus, o Pai, é claramente vista em

> Jo 8.56-58 – "Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se. Perguntaram-lhe, pois, os judeus: ainda não tens cinqüenta anos, e viste a Abraão? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: *Antes que Abraão existisse, eu sou.*"

Com toda a probabilidade, a referência que Jesus faz ao fato de Abraão ter visto o seu dia está vinculada à manifestação da divindade nos dias que precederam a destruição de Sodoma e Gomorra. Em Gênesis 18 houve uma manifestação teofânica e Abraão esteve na presença do Senhor (vv. 2, 3, 22). Deus, o Filho (assim se crê), manifestou-se claramente a Abraão, mostrando facetas de seu poder onisciente (vv. 11-14). Portanto, quando da promessa do nascimento de Isaque (v. 10), a preexistência do Verbo é perfeitamente inteligível. Esta passagem parece comprovar a preexistência do Verbo (além do que está provado em Jo 1.1-5).

> 1Co 10.4 – "... e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. *E a pedra era Cristo.*"

Este verso fala da obra providencial de Jesus Cristo, pré-encarnado, na vida peregrina do povo do Velho Testamento. Através da ação do Verbo divino, havia

[78] Ibid., 257.

providências físicas e espirituais. Essa rocha sobrenatural protegia e sustentava o povo no deserto, preservando-o da destruição. Está claro que a proteção é de Deus, mas Paulo esclarece que essa proteção vinha de Deus, o Filho, que, no tempo de Paulo, já se havia feito homem.

> At 7.30, 35 – "Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe no deserto do monte Sinai *um anjo*, por entre as chamas de uma sarça que ardia... A este Moisés, a quem negaram reconhecer, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz? A este *enviou Deus* como chefe e libertador, *com a assistência do Anjo* que lhe apareceu na sarça."

Todos nós entendemos que foi Deus quem apareceu na sarça para falar com Moisés. Isso é verdade, mas parece-nos que não foi a primeira pessoa da Trindade, e sim a segunda, que era o agente da divindade em matéria de comunicação e ação. O texto transcrito mostra novamente o *Anjo*, que aparece em cena, mas agora agindo de maneira clara na libertação do povo da escravidão do Egito, fazendo sinais e prodígios (v. 36). Não é difícil mostrar que o *Anjo* não se refere à primeira pessoa da Trindade. Deus, o Pai, enviou o anjo para comunicar-se com Moisés, e para que esse estivesse assistindo tudo o que Moisés fazia para libertar o povo.

> 1Co 10.3, 4 – "Todos eles comeram de um só manjar espiritual, e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. *E a pedra era Cristo.*"

Esse Anjo de Jeová ia adiante do povo de Deus, guardando-o, guiando-o, tomando todas as providências para o seu sustento físico e espiritual. Esse Anjo era o próprio Jeová, o Filho, que veio a tornar-se o Cristo.

C. BASE HISTÓRICA DA DOUTRINA DA TRINDADE

A doutrina da Trindade experimentou um desenvolvimento já nos primeiros séculos da igreja cristã, pois as controvérsias sobre a natureza das pessoas trinitárias gerou uma formulação mais elaborada no Credo Apostólico e nos credos subseqüentes dos primeiros concílios ecumênicos, como o de Nicéia (325), o de Constantinopla (381) e o credo de Atanásio.

A história da doutrina da Trindade foi mais importante e significativa nos períodos das controvérsias em torno do Monarquianismo,[79] do Arianismo e do Macedonianismo.

[79] Monarquianismo é toda tentativa de explicar o elemento divino em Cristo sem fazer violência à unidade de Deus.

1. As Controvérsias Trinitárias do Monarquianismo

Houve dois tipos de monarquianismo na história da igreja. O monarquianismo sempre esteve ligado a controvérsias a respeito da pessoa de Cristo, pois foi uma tentativa de explicar o elemento divino em Cristo, mas sem cair no erro do triteísmo. Todo monarquianismo era unitário, isto é, cria na existência de um só Deus, porém unipessoal, não tripessoal. Sempre tentou-se mostrar que há um Deus somente, mas a dificuldade era mostrar como poderia haver três pessoas em uma só essência numérica.

Os dois tipos de monarquianismo foram conhecidos como Modalista e Dinâmico.

a. Monarquianismo Modalista

Esse monarquianismo também foi chamado de Sabelianismo na igreja oriental e Patripassianismo na ocidental. Teve como expoentes Noeto (c. 200), Práxeas (c. 200) e Sabélio (c. 215), todos eles em Roma.

O monarquianismo modalista possuía uma tendência docética em sua cristologia. Para essas pessoas, Cristo não era realmente homem, mas tinha aparência de homem. A tendência desse tipo de modalismo era apresentar Cristo como divino, mas não uma pessoa distinta do Pai e do Espírito Santo. Todavia, não há nenhuma preocupação no modalismo de mostrar a sua humanidade. Portanto, todo monarquianismo modalista vai negar, em algum grau, a humanidade de Cristo.

Há alguns pontos claros no monarquianismo modalista:

1) Deus é essencialmente um. O monarquianismo modalista começa com a unidade de Deus, afirmando um só Deus, mas também uma só pessoa. Nega, portanto, a sua tripersonalidade.

2) A Trindade é vista somente de maneira revelacional ou econômica. Deus revelou-se de três modos diferentes ou agiu de três modos diferentes. Não existe a Trindade essencial ou ontológica.

3) Pai, Filho e Espírito Santo não são pessoas, mas modos de manifestação ou modos de revelação do Ser divino. Eles não são co-eternos, mas sucessivos cronologicamente.

4) O primeiro modo de manifestação é o Pai, na criação e na doação da lei ao seu povo; o segundo modo de manifestação é o Filho, na encarnação; e o terceiro modo é o Espírito, na regeneração e na santificação. Nunca os três modos aparecem simultaneamente na história da revelação, mas sucessivamente.

b. MONARQUIANISMO DINÂMICO

O monarquianismo dinâmico teve como expoente Paulo de Samosata (260). Em contraste com o monarquianismo modalista (que nega a plena humanidade de Cristo), este tem uma tendência ebionita, pois começa por negar a divindade essencial de Jesus Cristo.

Há algumas proposições básicas nesse tipo de monarquianismo que justificam a sua designação como "dinâmico". Não se deve esquecer que todo tipo de monarquianismo é unitarista:

1) Deus é essencialmente um, mas também é uma só pessoa. Como é típico do monarquianismo, o fundamento essencial é o unitarismo e não o trinitarismo. Há uma monarquia (*mono+arche*), isto é, o governo de uma só pessoa e uma só essência.

2) O *Logos* (Filho) e o Espírito não são pessoas divinas distintas. O Espírito é um atributo, uma espécie de *dynamis* (poder) de Deus, um atributo impessoal em Deus. O Filho não é ontologicamente Deus, mas recebe o *dynamis* de Deus na sua experiência do batismo, sendo elevado a uma categoria divina. Portanto, é chamado monarquianismo dinâmico porque o homem Jesus recebe o *dynamis* de Deus e é elevado a uma posição que não possuía antes.

Dessa forma, Paulo de Samosata assevera que o *Logos* vem a ser *homoousios* (da mesma essência) ou *consubstancial* com o Pai, mas o *Logos* não é uma pessoa distinta da divindade. Paulo de Samosata entendeu o termo "*ousia*" no sentido de pessoa, e não de natureza ou essência. Portanto, no seu pensamento, o *Logos* é uma pessoa com o Pai, sendo da mesma "ousia". O seu uso de *homoousios* veio a significar que o *Logos* (Filho) foi uma única pessoa com o Pai, negando, assim, a Trindade. O *Logos* poderia ser identificado com Deus porque existia nele da mesma forma que a razão existe no homem. O *Logos* é, portanto, um poder impessoal presente em todos os homens, mas particularmente no homem Jesus.

No ano 268, o Sínodo de Antioquia rejeitou esse termo "ousia" com o sentido que Paulo de Samosata lhe deu. O Concílio de Nicéia, em 325, usou o termo *homoousios* no sentido de essência, não de pessoa, para combater Ário. Observe-se que o Concílio de Nicéia ordenou o rebatismo dos seguidores de Paulo de Samosata e, dessa forma, tratou-os como não-cristãos por causa do seu unitarismo. Isto é, eles negaram a doutrina da tripersonalidade em Deus. É bom lembrar que a Escola de Antioquia, Ário e Nestório tiveram a mesma tendência de Paulo de Samosata.

3) Jesus Cristo é *adotado* como o Filho de Deus. Originalmente, Jesus era

um mero homem. No momento do seu batismo, o *dynamis* de Deus, que é o Espírito, desceu sobre ele em forma de pomba e qualificou-o para sua tarefa especial, de tal modo que ele podia realizar milagres e tinha outros poderes. É bom ter-se em mente que o *Logos* (*dynamis*) morou em Jesus como em um templo. Assim, quando o *dynamis* desceu sobre Jesus, este tornou-se um Filho de Deus adotado, em virtude de sua qualificação especial através do *Logos*, e em virtude da obra realizada por ele.

A divindade de Jesus Cristo é, todavia, uma divindade de honra, de adoção, mas não uma divindade essencial. A deificação de Jesus Cristo ocorre por graça. Há divergência entre os estudiosos sobre se essa deificação foi completada no batismo ou na sua ressurreição. O *Logos* progressivamente penetrou a natureza humana de Jesus Cristo e esteve presente nele mais plenamente do que em qualquer outro ser humano. Assim, ele é digno da honra divina. Todos os monarquianistas dinâmicos são adocionistas.

Portanto, a cristologia de Paulo de Samosata evita que haja uma tripersonalidade em Deus, afirmando o seu monarquianismo, isto é, a sua idéia de um só princípio, uma só pessoa.

2. AS CONTROVÉRSIAS TRINITÁRIAS DO ARIANISMO

O originador do movimento conhecido como arianismo foi Ário (250-336), um presbítero de Alexandria que por volta de 318 tornou-se adversário teológico do seu bispo, Alexandre (†328). Ário teve como grande apoiador, fora dos limites do Egito, o grande Eusébio de Nicomédia (†342), o primeiro bispo proeminente da era constantiniana.

Para Ário, Deus era "não-gerado, único eternamente, o único a possuir imortalidade, o único sábio, o único bom, o único soberano".[80] Esses elementos que eram parte da sua essência não poderiam, de forma alguma, ser atribuídos a outra pessoa sem cair no erro do politeísmo. Para Ário, somente o Pai era verdadeiramente Deus. Como unitário que era, Ário rejeitou a doutrina da Trindade.

Eis alguns pontos da sua doutrina cristológica:

1) Deus somente é sem começo, não-gerado, não-originado. Este é o sentido de eterno para Ário.

2) Deus não foi eternamente Pai. Houve um tempo em que ele era só. Deus veio a ser Pai somente quando criou o Filho.

[80] Ver o verbete "Arianism", em *New Dictionary of Theology*, editado por Sinclair Ferguson e outros (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1989), 42.

3) O Filho é originado, o unigênito, o primogênito. O Filho, portanto, teve um começo. Houve um tempo em que ele não era. Antes de sua geração ele não existia.

4) O começo do Filho foi uma criação a partir do nada, antes da existência do mundo material. O Filho foi criado pelo poder e pela vontade do Pai. A expressão usada por Ário de que ele foi "sem começo" deve-se à expressão contrária usada por seu adversário, o bispo Alexandre, que havia dito que assim como Deus foi "sempre o Pai", o Filho foi "sempre o Filho".

5) O Filho, embora criado, veio de cima. Era considerado como uma criatura especial para exercer uma função específica. O Filho veio a tornar-se o criador do Espírito e do universo físico. A razão da criação do universo ser obra do Filho é porque, na visão de Ário, o universo não poderia ter vindo imediatamente da mão de Deus. Assim, o papel mais importante de Cristo era ser o servo de Deus na obra da criação. Dessa forma, vindo diretamente da mão de Deus, para exercer a obra da criação, Cristo veio de cima. Nesse sentido, a cristologia de Ário é considerada "from above" (que vem de cima).

6) Portanto, o Filho não é verdadeiramente Deus. Ele não é *homoousios*, coessencial ou consubstancial com o Pai. Jesus Cristo é um *tertium quid*, um ser intermediário; todavia, em vista de seus méritos previstos e em vista da sua futura glória ele é chamado de Filho de Deus e venerado pelos homens. Nesse sentido, a cristologia de Ário é adocionista.

Portanto, com essa visão de cristologia, Ário anula a doutrina da Trindade, pois o Filho não é essencialmente Deus.

O arianismo foi condenado no Concílio de Nicéia, em 325, mas não ficou morto. Ele sobreviveu subterraneamente nas três décadas seguintes e teve um fortalecimento entre os anos 353 e 378, porque nesse tempo teve apoio imperial. Seu declínio ocorreu ao perder o apoio real, em 378, e com o Concílio de Constantinopla, em 381, que sustentou e fortaleceu a ortodoxia afirmada em Nicéia.

3. As Controvérsias Trinitárias do Macedonianismo

Em contraste com os monarquianos e os arianos, a questão do macedonianismo tem a ver com a divindade do Espírito. Atanásio havia afirmado que o Espírito Santo era *homoousios* (da mesma essência) com o Pai, no que teve o apoio dos pais capadócios. Fazendo isto, em 362, no Concílio de Alexandria, Atanásio assegurou a doutrina de que o Espírito não era uma criatura do Filho, como ensinaram os arianos, mas que era inseparável do Pai e da mesma substância dele. Essa asserção era necessária porque havia alguns que ensinavam

que o Espírito era uma espécie de "energia" de Deus, e não uma pessoa divina, em igualdade com o Pai.

Os opositores da plena divindade do Espírito Santo ficaram conhecidos como macedonianos (ou pneumatomaquianos, "lutadores contra o Espírito"). A primeira designação, que ficou em voga após o ano 380, lembra o nome de Macedônio, bispo de Constantinopla, que foi deposto pelos arianos em 360, mas historicamente não há nada que indique que ele tem algo a ver com os macedonianos.[81]

O segundo nome, pneumatomaquianos, refere-se àqueles que provavelmente Atanásio tinha em mente quando insistiu sobre o fato de o Espírito ser *homoousios* com o Pai.

D. FUNDAMENTO TEOLÓGICO DA DOUTRINA DA TRINDADE

1. Significado de Essência e de Pessoa

Este é um dos aspectos mais difíceis de serem explicados na teologia cristã. Ele ultrapassa toda a lógica e raciocínio, pois trata do ser mais interior de Deus, que não pode ser compreendido, embora possa ser conhecido segundo ele se revela. Poucas coisas Deus deu a conhecer acerca da Trindade. Como já vimos, as Escrituras afirmam a existência das três pessoas, mas não nos dá nenhuma indicação que nos ajude a entender a verdadeira natureza das mesmas, nem exatamente como se relacionam.

2. O Significado de Essência

A palavra grega *ousia* (essência, substância), que foi usada nos credos primitivos da igreja para designar o ser divino, passou a ser entendida, na história da teologia, como sinônimo de *physis* (natureza). Todavia, esse uso foi objeto de crítica por ser derivado de "*phynai*", que dá a idéia do ser que vem à existência, assim como a palavra "natura" é derivada de "nasci".[82]

Mesmo a despeito da crítica acima, foi esse o significado que prevaleceu historicamente. A palavra "natureza", portanto, tem sido a mais comum e constante para indicar a essência divina. Ela fala daquilo que Deus é, mas nada diz a respeito do seu caráter tripessoal. Isso tem a ver com uma outra palavra técnica usada pelos teólogos: subsistência. A palavra "natureza" diz respeito ao que é

[81] J. N. D. Kelly, *Early Christian Creeds* (São Francisco: Harper & Row, 1978), 259.
[82] Bavinck, *The Doctrine of God*, 297.

comum nas três pessoas da Trindade, e não à particularidade de cada uma delas. Há uma só essência (ou natureza) em Deus, que é compartilhada pelas três pessoas.

Em 2Pe 1.4, as Escrituras usam a palavra *physis* para falar de algo que Deus é. Por essa razão, na teologia a palavra técnica *ousia* é tomada como sinônima de *physis*. Pedro diz que todos nós "somos co-participantes da natureza divina". Em que sentido podemos entender essa afirmação de Pedro? Bavinck diz que existe alguma analogia entre a natureza divina e a humana. Há em nós reflexos do que Deus é, especialmente naqueles de nós que somos remidos por Cristo, porque a sua imagem está sendo gerada em nós. Há uma semelhança não de essência, mas de comportamento, que espelha o Criador. Conseqüentemente, por causa da imagem de Deus que está sendo restaurada em nós, temos uma noção clara de quem ele é, e podemos falar da sua natureza.

Todavia, quando falamos da natureza humana e da divina, temos que fazer as distinções devidas. Nós dois, o escritor e o leitor deste estudo, somos da mesma natureza – a humana. Essa natureza está presente em nós dois, e em cada membro da raça. Cada um de nós compartilha dessa natureza, mas de modo diferente que em Deus – as pessoas da Trindade compartilham da natureza divina. A natureza humana está presente em cada um de nós, porém de modo finito. Somos participantes da mesma natureza (*physis*), mas não somos numericamente um indivíduo. Ao contrário, somos indivíduos distintos e separados. Todavia, isto não pode ser dito do Ser divino.

Cada uma das pessoas da Trindade compartilha da mesma natureza, a divina. Contudo, essa natureza não somente está presente em cada uma delas, mas em cada uma delas ela é numericamente uma e a mesma. Portanto, as pessoas da Trindade são distintas, mas não separadas. Essa natureza divina está presente na sua totalidade em cada uma das pessoas, e em todas coletivamente.[83]

Por essa razão, não obstante haver três pessoas que subsistem distintamente no ser divino, há uma só vontade, uma só mente e um só poder. A natureza de Deus aponta para a sua *unidade*, que é muito enfatizada pelas Escrituras.

Em nós, seres humanos, há uma natureza da qual todos compartilhamos. Somos também pessoas distintas, mas a grande diferença é que não somos numericamente um. Somos indivíduos distintos. Todavia, não é assim com Deus. Ele subsiste em três pessoas distintas, mas não separadas. Ele é numericamente um. Essa é a grande e infinita diferença que existe na maneira como todos os seres humanos partilham da mesma natureza e no modo como as pessoas da

[83] Ibid., 298.

Trindade partilham da mesma natureza divina: é a unidade do ser divino, que não existe em nós.

3. O Significado de Pessoa

Enquanto o termo *essência* (ou natureza) aponta para a unidade de Deus, o termo *pessoa* (ou subsistência) aponta para as distinções que existem no Ser divino.

O maravilhoso mistério que existe no ser divino é que a sua unidade não exclui a sua distinção ou diversidade! A sua natureza permite que Deus exista tripessoalmente, sem que isso afete a sua unidade, embora não possamos explicar esse fenômeno, pelo fato de ele ultrapassar o nosso entendimento.

A palavra grega usada para expressar "pessoa" na igreja oriental foi *prósopon*. Mas o seu sentido era ambíguo. Sabélio a interpretou como que significando "manifestações", dando origem ao sabelianismo, que tratou dos "modos de manifestação" de Deus e não das pessoas do Ser divino. Usou-se também a palavra grega *hypóstasis* (que significa fundamento, subestrutura, firmeza, aquilo que existe na realidade), mas a palavra *prósopon* prevaleceu. Na igreja ocidental, usou-se a palavra latina *persona* (que significa máscara, o papel que um ator representa – daí a palavra "personagem"). Em teologia, a palavra *persona* veio a significar a "condição, qualidade, capacidade na qual a pessoa funciona".[84] No Ocidente prevaleceu a palavra *persona* (que foi a tradução de *prósopon*) ao invés de *hypóstasis*, porque não havia em latim uma palavra que fosse uma tradução adequada desta última. Afinal as palavras *hypóstasis* e *prósopon* vieram a significar a mesma coisa. Bavinck diz que até o tempo de Atanásio e dos três capadócios, "na linguagem da igreja o sentido de auto-existência, *hypóstasis*, subsistência, individualidade subsistente e *suppositum* tornou-se a característica essencial do termo *prósopon* ou pessoa".[85] Posteriormente, depois das controvérsias cristológicas, a palavra *persona* veio a adquirir uma conotação ainda mais específica. Uma pessoa era aquela que possui uma substância individual de natureza racional. Portanto, de acordo com essa idéia, uma pessoa é quem possui auto-existência e racionalidade ou autoconsciência.[86] Se essa definição é correta na sua totalidade, os seres humanos não podem ser considerados como pessoas, porque eles não possuem auto-existência, apenas autoconsciência, que os difere dos animais. "Na doutrina da trindade, a palavra 'pessoa'

[84] Ibid., 299.
[85] Ibid.
[86] Ibid.

simplesmente expressa a verdade de que as três pessoas da Deidade não são simples modos de manifestação, mas possuem uma existência real e distinta."[87] A preocupação das definições dos pais não era explicar o inexplicável, mas negar a doutrina unitária dos sabelianos. Na verdade, a grande dificuldade está na explicação da subsistência tripessoal na unidade do Ser divino. Essa é a grande e insolúvel questão!

A única coisa que podemos dizer é que Deus possui mais do que um modo triplo de existência. São realmente três pessoas distintas que coexistem ou subsistem no Ser que é numericamente um. Não são três indivíduos separados, mas um só indivíduo subsistindo em três personalidades distintas, sem serem separadas. Todas as três constituem o Deus único, vivo e verdadeiro. O Ser divino, por causa da sua infinidade, eternidade, poder, etc., exige ser da forma que é, tripessoal, sem que nos seja possível penetrar os mistérios da natureza interior de Deus.

Atanásio e os três pais capadócios definiram as "*hypóstasis* como 'modos de subsistência', e com isso eles quiseram dizer que, embora as pessoas sejam um só ser ou essência, elas diferem na maneira de existência".[88]

4. Trindade Ontológica

A Trindade ontológica tem a ver com o que Deus é, ou seja, com sua essência ou natureza. Na Trindade ontológica nós estudaremos a questão da subsistência das três pessoas e das relações entre elas.

a. A Questão da Subsistência Tripessoal

A doutrina bíblica da subsistência tripessoal em uma só essência, isto é, numa essência que é numericamente uma, mostra como a autoconsciência de Deus é independente do universo e existe desde sempre.

b. A Doutrina da Subsistência Pessoal Provada pelas "Opera ad Intra"

Opera ad intra são as obras que acontecem dentro do Ser divino. Tecnicamente, elas são chamadas de *opera ad intra* porque essas obras aconteceram no interior do Ser divino na eternidade. Elas acontecem à parte de qualquer relação com algo externo à Divindade. Elas são apresentadas pela Divindade em sua unidade. Essas obras *ad intra* são eternas e imutáveis, além de serem pessoais e essenciais.

[87] Ibid., 300.
[88] Ibid., 301.

Elas não são produto do exercício da vontade de Deus. Deus não desejou ser o que é, mas sempre foi o que é. Todavia, a sua natureza exigiu que ele fizesse o que fez na eternidade. Essa doutrina é produto de um raciocínio lógico, mas pode ser explicada biblicamente.

Essas obras que serão estudadas separadamente não são produto da vontade de Deus. Deus não resolveu ser o que é, nem houve um tempo em que ele não tenha sido o que sempre foi. Portanto, essas obras não têm nada a ver com o decreto de Deus, que tem a sua execução no tempo.

As *opera ad intra* têm a ver com: (1) a paternidade de Deus, (2) a geração do Filho pelo Pai, e (3) a processão do Espírito do Pai e do Filho. Essas obras não são acidentais em Deus, mas essenciais nele. Elas tratam da subexistência das pessoas no Ser divino.

b.1. Paternidade

Ser pai é uma obra exclusiva da primeira pessoa da Trindade. Quando uma pessoa se torna pai, a sua essência não muda. Ela permanece a mesma. Isso também é verdade em relação a Deus. Contudo, há uma diferença fundamental entre o ser pai nos homens e em Deus. Este é Pai eternamente. Nunca houve época em que a primeira pessoa da Trindade não tenha sido Deus, o Pai. Nunca ele veio a tornar-se o que não era antes.

Nos parágrafos seguintes, em que analisaremos os pensamentos dos teólogos a respeito desse difícil assunto, aparecerão termos técnicos para os quais é necessária muita atenção. Do contrário, o assunto não será devidamente compreendido.

Na história da igreja, há duas palavras que são escritas de forma parecida, mas que vieram, no decorrer da história da teologia, a possuir um sentido bem diferente uma da outra. A primeira é *gennetos*, do verbo grego *gennan*, que produz o latim "gignere, generare", gerar. A outra palavra bem parecida é *genetos*, do verbo *gignesthai*, no latim "fieri". Esta última tem um sentido mais abrangente e denota tudo o que tem um princípio, quer ele resulte de criação, geração ou propagação. Ora, a distinção entre as duas palavras nem sempre foi devidamente entendida. A princípio foi reconhecido que ambas possuíam um sentido duplo, sendo um deles aplicável ao Filho e o outro não. Gradualmente, as duas palavras tornaram-se distintas.[89]

Posteriormente, o termo *agenetos* (sem começo ou incriado) foi visto como propriedade das três Pessoas da Trindade. A propriedade de ser incriado não

[89] Ibid., 306.

teve um começo na história. Portanto, a *agenesia* é uma propriedade do ser divino, comum a todas as Pessoas. Contudo, esse termo *agenesia* deve ser distinto de *agennesia*, que é um atributo exclusivo do Pai. O Filho é *gennetos* (gerado), mas não no sentido de ser criado no tempo como as criaturas o são. Ele veio da essência do Pai eternamente. Em contraste com o Filho, o Pai é *agennetos* (não-gerado). Bavinck ainda comenta que "os pais da igreja foram cuidadosos em afirmar que *agennesia* é uma propriedade pertencente a uma pessoa, e não ao ser".[90] Todas as três pessoas possuem *agenesia*, pois é atributo do ser divino, mas só o Pai possui *agennesia*, isto é, ele não é gerado nem procede de ninguém.

Portanto, a *agennesia* é uma qualidade atribuída somente à primeira pessoa da Trindade, como algo exclusivo dela. Do Filho se diz que ele é "gerado do Pai", sendo o "unigênito do Pai". Do Pai se diz que Deus é *agennetos* (isto é, o que não é gerado). Todavia, esse termo *agennesia* é um termo negativo, porque não diz o que a primeira pessoa é, mas o que ela não é. Ele apenas afirma que o Pai não é como o Filho, isto é, gerado. Na verdade, o termo *agennetos* não tem nada a ver com a designação bíblica *Pai*. Essas são distinções eminentemente teológicas, elaboradas no decorrer dos séculos para tentar explicar o quase inexplicável.

Para ser bem mais simples, e sem querer penetrar além do que já fizemos, a solução mais apropriada é aceitar a pequena informação dada pelas Escrituras. Sem as dificuldades das elaborações teológicas, a melhor coisa é usar o termo empregado pelas próprias Escrituras para a primeira pessoa da Trindade: Pai. Esse é o seu atributo pessoal. Esse atributo é bem melhor porque implica uma relação positiva com a segunda pessoa que é chamada de Filho.

Como Pai, portanto, a primeira pessoa da Trindade é também considerada como possuindo o atributo da *generatio ativa*, fazendo com que o Filho fosse gerado da sua essência.

Esse assunto deve ser tratado lógica e não cronologicamente. Nunca houve um "tempo" quando a primeira pessoa da Trindade não tenha sido Pai. Portanto, nunca tente colocar em Deus a noção de que "um dia ele veio a ser pai", como acontece conosco, seres finitos e temporais.

b.2. Filiação

Esse atributo pessoal é única e exclusivamente relativo ao Filho, não ao Ser divino completo. Somente ele é Filho do Pai, não o Espírito. Ele é o Filho eterno

[90] Ibid.

de Deus. Da mesma forma que dissemos acima a respeito do Pai, também dizemos do Filho: nunca houve "tempo" em que o Filho não fosse Filho. Ele não veio a ser Filho no tempo. Ele é Filho desde sempre. O Filho é eternamente gerado da essência do Pai. Ele não veio à existência como as outras criaturas. Nunca deve ser entendido dessa forma, mas deve ser crido que ele é Filho eternamente gerado do Pai.

Devemos afirmar essa verdade (mesmo que não a compreendamos em sua inteireza), porque a divindade do Filho foi muito questionada pelos arianos e por todos os unitários na história da igreja, uma vez que a idéia de filiação sempre se esbarrou no problema da eternidade. Se Cristo é Filho, houve um tempo em que ele não era Filho nem Deus era Pai. Os unitários sempre atacaram a divindade do Filho por causa disso.

Contudo, mesmo a despeito dos protestos contra essa doutrina na história, é absolutamente lícito e próprio falar em teologia da geração do Filho, por causa das afirmações das Escrituras a respeito da segunda pessoa da Trindade.

A doutrina da geração do Filho é apoiada pelos textos nos quais Cristo é chamado de Filho por seu Pai, e de Filho de Deus por muitas testemunhas:

Filho – o Pai testemunha a respeito do Redentor como sendo o seu Filho (Mt 3.17; 17.5; Hb 1.8);

Filho de Deus – Jesus declarou-se a si mesmo Filho de Deus (Mc 14.61, 62; Jo 19.7). Todavia, se Jesus desse testemunho de si mesmo sozinho, o seu testemunho não seria verdadeiro. Mas além do testemunho do seu próprio Pai, há uma nuvem de testemunhas que reconhecem a sua filiação divina. Os anjos testemunham que Cristo é o Filho de Deus (Lc 1.31, 35); os próprios demônios testificaram que Jesus é o Filho de Deus (Mt 8.28, 29; Mc 3.11; Lc 4.41); os discípulos testificaram da sua filiação divina (Mt 16.15, 16; Jo 1.34, 49; 11.27; At 8.37); até homens ímpios reconheceram a filiação divina de Jesus Cristo (Mt 27.54).

O testemunho da pregação apostólica incluía o reconhecimento de Jesus Cristo como Filho de Deus (At 9.20; 2Co 1.19). Além disso tudo, Jesus muitas vezes chamou Deus de "meu Pai" (Jo 8.18).

Todos os seres racionais não hesitaram em ver em Jesus o Filho de Deus, muito embora nem todos cressem nele. Todavia, essa atestação é uma maneira incontestável de se mostrar a necessidade de se afirmar a geração do Filho de Deus.

A doutrina da geração eterna do Filho é apoiada por outros textos que falam de um modo mais direto nas seguintes palavras:

Primogênito – essa expressão aparece em alguns textos do Antigo Testamento e mesmo do Novo (Sl 89.20, 26, 27; Hb 1.6). Ela lembra a idéia de que Jesus Cristo é o primeiro e o que possui a primazia.

Unigênito (Jo 1.14-18) – esses versos mostram não somente que o Filho é gerado, mas evidenciam que o Filho vem da mesma essência do Pai, porque dizem que ele "estava no seio do Pai". Todos os cristãos ortodoxos crêem que a palavra "sabedoria" em Pv 8.24, 25 deve ser aplicada ao Filho de Deus como a sabedoria personificada. Se isto é assim, está claro a partir desse texto que Cristo foi gerado desde a eternidade.

A doutrina da eterna geração do Filho é apoiada ainda por outros textos que falam dela de uma maneira quase literal, mas que devem ser propriamente entendidos dentro dos seus contextos (Sl 2.7; Hb 1.5; 5.5).

A idéia de Filho implica, obviamente, que há um Pai. Tanto o que gera como o que é gerado são da mesma essência. A palavra geração, com respeito ao Filho, pode ser perfeitamente usada, pois o texto analisado acima mostra que Jesus Cristo é o "unigênito" de Deus. E a palavra grega *monogenes* ("unigênito") é a mesma coisa que "o único gerado". Do mesmo modo que se diz que Isaque é o "único Filho" de Abraão, também se diz que o Filho é gerado do Pai. A diferença mais fundamental aqui é que este último é divino porque é eternamente gerado do Pai.

Embora eu creia na geração eterna do Filho pelo Pai como uma excelente formulação teológica, eu não me arriscaria, como alguns teólogos fazem, a usar textos como o Salmo 2.7: "Tu és meu *Filho*, eu hoje te *gerei*", e Hb 1.5 e 5.5, que são uma espécie de repetição do mesmo Salmo, para provar a geração eterna do Filho. A razão de eu ser reticente no uso desses textos está no fato de eles, em si mesmos, não lançarem luz sobre a matéria, e também pela única interpretação que as próprias Escrituras dão dessa idéia da geração do Filho, que se encontra em At 13.33. Quando Paulo cita o Salmo 2.7, ele aplica a geração do Filho como algo que se refere à ressurreição de Jesus. Em Hb 5.5 o mesmo Salmo é citado no contexto do chamamento de Cristo para ser Sumo Sacerdote, sem maiores explicações. Portanto, o texto de At 13.33 é a única luz que temos sobre o sentido da expressão "eu hoje te gerei" nas citações acima. É temerário exegeticamente afirmar que elas se referem à geração eterna do Filho.

Certamente cremos que o Pai eternamente gera o Filho da sua própria essência. O Filho é "Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, não feito, sendo uma substância com o Pai" (como afirma o Credo de Nicéia). Contudo, os arianos "ensinavam que, pela vontade do Pai, o Filho foi gerado do

nada. Isto, contudo, não seria uma geração, mas criação".[91] Se o Filho foi criado do nada, significa que ele veio a existir no "tempo", porque ele é produto da vontade do Pai. Ora, se ele foi gerado pela vontade do Pai, isto implica que houve um decreto logicamente anterior, pois a realização da vontade é subseqüente ao decreto que determina o exercício da sua vontade. A idéia ariana ainda diz que ele não veio da substância do Pai, mas do nada. Se o Filho veio do nada, ele não tem a mesma essência do Pai, não sendo, portanto, verdadeiramente Deus. Esse foi o raciocínio falaz dos arianos.

A igreja cristã, desde o terceiro século, confessou abertamente a geração eterna do Filho, combatendo a heresia dos arianos. Estes também disseram que "houve um tempo em que ele não era", mas que veio a ser. Para provar a não-eternidade do Filho, apelavam para Pv 8.22-24, que diz que "o Senhor me *criou* no início da sua obra" e "...antes de haver outeiros eu nasci". Se o Filho não foi gerado eternamente, a primeira pessoa da Trindade também não é Pai eternamente. Logo, nesse raciocínio, Deus mudou, teve a sua essência alterada, porque, num determinado "tempo", ele veio a ser Pai quando antes não o era, e o Filho veio a ser do que não era. Nesse caso, essencialmente Deus não é Pai, nem o Filho é eterno.

Bavinck usa uma figura que nos parece ajudar na compreensão da geração eterna do Filho. Ele afirma que "assim como é natural para o sol dar a luz e para a fonte derramar água, assim também é natural para o Pai gerar o Filho".[92] Não existe sol sem luz, assim como não existe Pai sem Filho. Nunca houve tempo em que o Pai não tenha sido Pai e tempo em que o Filho não tenha sido Filho. É neste sentido que o Filho é eternamente gerado do Pai.

A qualidade de ser gerado do Pai não é uma qualidade do Ser divino, mas da segunda pessoa da Trindade. Portanto, o atributo da *generatio passiva* pertence unicamente ao Filho, não ao Espírito, ou ao Pai.

Esse artigo da filiação divina de Cristo sempre foi de grande importância na vida da igreja cristã. É um dogma vital da mesma. Sem a doutrina da filiação eterna de Jesus Cristo, não poderia haver suporte para a doutrina da Trindade. Por essa razão, devemos enfatizar muito em nosso ensino e pregação essa verdade incontestável para os cristãos.

b.3. Processão

O atributo de proceder do Pai e do Filho é propriedade pessoal do Espírito,

[91] Ibid., 309.
[92] Ibid.

não da totalidade do ser divino. O Espírito Santo procede (ou é espirado) tanto do Pai (Jo 15.26) como do Filho (Jo 16.7). As Escrituras falam algumas vezes do Espírito Santo como o Espírito de Deus, e também falam do Espírito Santo como o Espírito do Filho. Nunca houve um tempo em que o Espírito não existisse ou que não tivesse procedido das duas outras pessoas.

A doutrina da processão do Espírito da parte do Pai nunca recebeu qualquer objeção dentro da igreja cristã. Contudo, quando se afirmou a processão do Espírito da parte do Filho houve um cisma na igreja. O Credo Niceno teve inserida a cláusula de que o Espírito procedia do Filho, o que causou a divisão da igreja em dois blocos: o ocidental e o oriental, culminando na separação definitiva em 1054.

A causa do cisma foi a introdução do termo latino *filioque*, que significa "e do Filho", no Credo. Na verdade, no Credo de Nicéia (325) aparece somente a expressão "procede do Pai". Somente em 589, no Concílio de Toledo (Espanha), na igreja ocidental, é que a expressão *filioque* foi adicionada à expressão "procede do Pai". Essa expressão "foi gradualmente acrescentada ao Credo, embora não tenha sido aceita como parte do credo em Roma até que tivesse passado um determinado número de séculos".[93] Grudem observa que a aceitação final do Credo Niceno com a cláusula inserida deu-se em 1017. Acrescenta ainda que "a controvérsia inteira foi complicada pela política eclesiástica e lutas pelo poder, e esse ponto doutrinário aparentemente insignificante foi a principal questão doutrinária na divisão entre o cristianismo ocidental e o oriental em 1054 AD".[94]

A igreja ocidental acabou aceitando o *filioque* com base no texto de João 16.7. Qual é o peso dessa evidência? Os argumentos da igreja ocidental parecem ter uma certa vantagem sobre os da igreja oriental. Além de João 16.7, há uma outra afirmação em João 15.26, onde Jesus novamente diz: "Quando, porém, vier o Consolador, que *eu vos enviarei* da parte do Pai, o Espírito da verdade, *que dele procede*, esse dará testemunho de mim". O texto fala que o Espírito procede do Pai (que deve ser entendido como aquele que o Pai envia), assim como fala que o Espírito é enviado pelo Filho.

É importante observar que esses textos de João não falam necessariamente que o Espírito procede do Filho ou sobre a origem do Espírito (porque ele é o Espírito eterno), mas sobre o fato de que o Espírito é enviado pelo Filho para executar a obra da consolação.

[93] John H. Leith, ed., *Creeds of the Churches* (Atlanta: John Knox, 1982), 32.
[94] Wayne Grudem, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), 246.

Contudo, a palavra *processão* na teologia da igreja ocidental não deve ser entendida como significando a origem do Espírito Santo ou que o seu ser se deriva do Pai e do Filho; antes, ela denota o modo pelo qual o Espírito Santo eternamente se relaciona com o Pai e com o Filho.[95]

Sem esses ensinos sobre as *opera ad intra*, ou seja, sobre a paternidade, a filiação e a processão, não poderíamos ter qualquer sustentação para a doutrina das distinções pessoais na divindade.

5. TRINDADE ECONÔMICA

A palavra *economia* diz respeito ao modo como as coisas são feitas pelas pessoas da Trindade. Embora as três pessoas co-essenciais trabalhem como uma unidade, elas possuem um *modus operandi* que é próprio e exclusivo de cada uma. Todas essas obras têm a ver com a relação que as pessoas possuem com o mundo criado, seja na esfera da criação, providência ou redenção.

O Pai sempre age através do Filho e do Espírito. Dessa forma, o Pai é a fonte de atividade, que opera dentro de si mesmo e por si mesmo. O Filho é o meio pelo qual o Pai trabalha, que opera não por si mesmo, mas faz todas as coisas a mandado do Pai, e o Espírito é o limite de atividade, que opera não de si próprio, mas faz o que é do Pai e do Filho.

a. O PROBLEMA DA SUBORDINAÇÃO DE FUNÇÃO

Ário tinha a concepção de que o Filho era inferior ao Pai e que, por isso, ele era subordinado ao Pai. Afirmava que as pessoas eram de essência diferente (*heteroousios*), possuindo, portanto, uma espécie de subordinação de essência. Contra esse pensamento insurgiram-se Atanásio e o Concílio de Nicéia (325), argumentando a favor da consubstancialidade das três pessoas.

Não obstante a ortodoxia ter crido na co-igualdade das três pessoas e negado a subordinação de essência, ela afirmou a subordinação de função, que é própria da chamada "Trindade econômica". O Deus triúno trabalha de forma que cada uma das pessoas faz uma obra e nelas o Filho e o Espírito estão numa função de subordinação, para que os decretos de Deus sejam cumpridos. É característica do Pai estar em uma função de comando e de direção que o próprio termo lhe confere.

O que é essa subordinação de função? A subordinação tem a ver com as *opera ad extra* das pessoas da Trindade.

[95] Ibid. (nota de rodapé nº 29).

b. A Subordinação do Filho ao Pai

A subordinação se evidencia no fato de o Filho ter sido enviado pelo Pai. A ordem das coisas não seria o Filho ter enviado o Pai, nem o Espírito enviando o Filho ou o Pai. É uma questão de precedência do Pai sobre o Filho, por isso aquele envia a este. E a Bíblia é clara nessa matéria. Em muitos textos essa verdade é mencionada (por exemplo, Jo 7.29). Se isto é assim, então o Filho está sob a autoridade funcional do Pai.

Não somente o Filho é enviado pelo Pai, mas ele obedece a vontade de seu Pai (Jo 4.34; 14.31). Essa função não poderia ser revertida, pois é próprio do Pai ser obedecido. Cabe ao Filho a função de estar submisso ao Pai. Do contrário, o Pai deixaria de ser Pai e o Filho de ser Filho. Ele fala as palavras do seu Pai (Jo 14.24); ele recebe a herança do seu Pai (Jo 16.15); recebe a autoridade do seu Pai (Jo 17.2). Essa autoridade que o Filho recebe do Pai, por causa da Trindade econômica, será devolvida ao Pai, quando todas as coisas da redenção forem completadas (1Co 15.28). A subordinação de função também está expressa nos pedidos que o Filho faz ao Pai (Jo 14.16).

c. A Subordinação do Espírito ao Pai e ao Filho

O Espírito Santo foi enviado pelo Filho (Jo 16.7) e pelo Pai (Jo 14.26) para consolar os cristãos, e ele só revela a eles aquilo que o Filho lhe ordenou. Nesse sentido, o Espírito está subordinado tanto ao Pai quanto ao Filho, de quem procede.

Não somente o Espírito foi enviado pelo Pai e pelo Filho, mas ele faz somente aquilo que o Filho tem designado (Jo 16.13, 14).

Essas funções denotam uma subordinação do Espírito com relação ao Pai e ao Filho. Todavia, deve ser claramente entendido que essa subordinação de função não implica subordinacionismo de essência, que foi o grande erro do arianismo dos primeiros séculos. O Filho e o Espírito não são inferiores ao Pai ou de importância menor nas relações interpessoais.

d. A Doutrina da Trindade Econômica Provada pelas "Opera ad Extra"

As *opera ad extra* são as obras que Deus faz, sendo essas obras externas, que não são feitas dentro do seu ser. Elas têm a ver com a criação, a providência e a redenção. Usando uma maneira técnica de falar, essas obras são a *opus naturae* e a *opus gratiae*, ou seja, a obra da natureza e a obra da graça. A *opus naturae* tem a ver com a criação e com a *continuata creatio* (criação continuada), que é

a obra da providência. A *opus gratie* tem a ver com a obra especial da redenção de pecadores. Todas elas são produto da vontade divina. Elas existem porque o Deus triúno resolveu fazê-las. Elas não são essenciais em Deus, porque ele poderia existir sem elas; contudo, resolveu fazê-las.

Essas obras são comuns às três pessoas da Trindade. Todavia, por uma questão de *modus operandi*, uma obra pode ser atribuída mais a uma pessoa do que às outras duas.

d.1. A Obra da Criação

A criação é uma obra da Trindade, mas a primeira pessoa é que parece ter mais preeminência nela. Vejamos de forma sistemática a obra da criação como uma obra trinitária.

a) É dito nas Escrituras que Deus, o Pai, é o criador de todas as coisas (Gn 1.1; Sl 33.6-9; Is 54.5). O profeta Malaquias afirma a paternidade e a criação de Deus, perguntando: "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?" (Ml 2.10). Deus, o Pai, é o Deus criador. Os livros do Novo Testamento confirmam essa verdade a respeito do Pai. Numa bela oração registrada por Lucas, a igreja de Jerusalém se dirige a Deus, o Pai, dizendo: "Tu, soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra e o mar e tudo o que neles há..." (At 4.24). Como sabemos que o texto trata do Pai? Porque nessa mesma oração, a igreja diz: "... porque verdadeiramente nesta cidade se ajuntaram contra o teu santo servo Jesus, ao qual ungiste..." (v. 27). Está clara a distinção entre o Pai e o Filho Jesus Cristo.

b) As Escrituras também afirmam que o Filho é o criador de tudo. Ele é mais do que um agente da criação, mas, como Deus que é, também é criador, pois João diz que "todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Paulo acrescenta que em Cristo "foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele" (Cl 1.16). O autor da Epístola aos Hebreus diz que Deus "constituiu o Filho herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo" (Hb 1.3).

c) Também se diz nas Escrituras que a vida do universo é dada pelo Espírito, quando Gênesis menciona que "o Espírito de Deus pairava por sobre as águas" (Gn 1.2). A terra era sem forma e vazia. Todavia, o Espírito gerava vida no universo criado pela Divindade. Enquanto o Pai trazia as coisas à existência, por meio do Filho (ou a Palavra), o Espírito dava vida às coisas existentes. Um dos amigos de Jó confirma a verdade sobre o Espírito criador, da seguinte forma: "O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida" (Jó 33.5).

Portanto, a criação é uma obra da Trindade toda, uma *opera ad extra*, produto da vontade de Deus, feita primeiramente para a glória da Divindade e, secundariamente, para o deleite das criaturas racionais.

d.2. A Obra da Providência

As obras da providência também pertencem à Trindade, e não somente a uma das pessoas. A criação é uma obra terminada; Deus dela descansou, mas não parou de trabalhar. Jesus disse: "Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também" (Jo 5.17). O Deus triúno continua a sua obra de manutenção da criação. Por essa razão, é comum falar-se em teologia da *creatio continuata*, ou da providência. Após ser concluída a criação, a obra da providência começou, pois tudo o que é criado tem que ser mantido. Não há nada independente, exceto o próprio Criador. Ele se basta, mas a criação não. Portanto, ela tem que ser preservada e governada, e essas funções não são exclusivas de uma só pessoa da Trindade.

A libertação da escravidão do Egito e a condução do povo até Canaã são uma amostra da participação das três pessoas em uma obra providencial de Deus, embora a segunda pessoa ainda não houvesse encarnado na história humana. Se examinado atentamente, o texto de Isaías 43.7-14 mostra as três pessoas agindo providencialmente: é feita uma menção ao nome *Iavé*, pois os filhos de Israel são chamados pelo "meu nome". Esse nome é o nome santíssimo que qualifica os filhos de Israel, que Deus havia criado e formado (v. 7). No verso 10, há menção do "Servo", que é também chamado de "Senhor". Certamente, refere-se ao Anjo da Aliança, que é distinto da primeira pessoa. Esse servo também é chamado de "escolhido" (o que combina com 1Pe 2.6). A palavra "salvador" do v. 11 é mais regularmente atribuída nas Escrituras ao Filho encarnado. O Espírito Santo aparece de modo indireto, quando se diz que Deus age e ninguém pode impedi-lo em sua obra salvífica (v. 13). O curioso é que, quando se trata de *Iavé*, do Servo ou do Espírito, sempre está afirmada a idéia muito comum em Isaías: "Não há outro Deus além de mim". O "mim" refere-se ao Deus triúno e não simplesmente à pessoa do Pai.

Há alguns textos que nos ajudam a ver distintamente a obra da Trindade na preservação do seu povo e do universo.

d.2.1. *A Obra da Providência Pertence ao Pai*

Embora seja uma tarefa da Trindade, a criação do universo é mais atribuída ao Pai. O mesmo pode e deve ser dito em relação às obras providenciais.

d.2.2. *A Obra da Providência Pertence ao Filho*

Jesus Cristo é mencionado nas Escrituras como aquele que "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3).

d.2.3. *A Obra da Providência Pertence ao Espírito*

Tratando da majestade criadora e governadora de Deus, o profeta Isaías afirma a participação do Espírito de Deus, fazendo as seguintes perguntas:

> Is 40.13, 14 – "Quem guiou o Espírito do Senhor? Ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho do entendimento?"

Todos os propósitos sábios que governam o mundo são atribuídos também ao Espírito de Deus. As *opera ad extra* são indivisíveis, pertencendo às três pessoas da Trindade.

d.3. A Obra da Redenção

Todas as três pessoas da Trindade estão envolvidas nas obras da graça, que se evidenciam no preparo das Escrituras para o anúncio da redenção em todas as épocas, bem como na economia da salvação e na ressurreição de Jesus Cristo, que tem a ver com a consumação da sua obra redentora.

d.3.1. *Na Inspiração das Escrituras*

A revelação redentora de Deus foi registrada para que o pecador pudesse tomar conhecimento da redenção que há no Deus triúno. Portanto, a revelação da verdade de Deus e o seu registro, que tem a ver com a inspiração, é uma dádiva graciosa de Deus. Sem esse registro, as gerações nunca saberiam da história da redenção de Deus.

Esse registro inspirado é uma obra da qual novamente participam as três pessoas da Trindade. Paulo afirma categoricamente que "toda a Escritura é inspirada por Deus" (2Tm 3.16), não se referindo unicamente ao Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade. Contudo, é comum atribuir-se, em teologia, essa obra da inspiração à terceira pessoa, porque Pedro diz que "homens [santos] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21).

Por outro lado, podemos dizer que a mesma coisa aconteceu com os profetas, mas está escrito que Cristo estava falando neles. Veja o que o mesmo Pedro diz:

> "Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando atentamente qual a ocasião

ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo *Espírito de Cristo, que neles estava*, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam" (1Pe 1.10, 11).

É bem verdade que podemos dizer que esse "Espírito de Cristo" é o mesmo que o Espírito Santo, se considerarmos que o Espírito também procede do Filho.

Mesmo considerando que a obra da inspiração seja mais própria da terceira pessoa da Trindade, não devemos pensar que é exclusiva da mesma. Um texto de 2 Samuel mostra que a Trindade toda está envolvida nessa tarefa. O texto diz:

> 2Sm 23.2-4 – "*O Espírito do Senhor* fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua. *Disse o Deus de Israel*, a Rocha de Israel a mim me falou: Aquele que domina com justiça sobre os homens, que domina no temor de Deus, é como a luz da manhã, quando sai o sol, como manhã sem nuvens, cujo esplendor, depois da chuva, faz brotar da terra a erva."

O texto menciona primeiro "o Espírito do Senhor" que fala pela agência do profeta (v. 2), que é a terceira pessoa da Trindade. Depois o texto menciona que "o Deus de Israel me disse" (v. 3). Obviamente, o Deus de Israel é o Pai de Jesus Cristo, segundo o ensino geral das Escrituras. Ao mesmo tempo fala que esse Deus é a "Rocha de Israel", que fala daquele que domina com justiça sobre os homens, que domina no temor de Deus" (v. 3), parecendo ser uma referência clara ao Filho de Deus ainda não-encarnado que reinava na vida dos profetas e dos homens em geral. O Filho é entendido nas Escrituras como aquele que domina e a Rocha de Israel, que fala aos profetas.

Essas Escrituras, inspiradas pelo Deus triúno, são o resultado da "aliança eterna, em tudo bem definida e segura" (v. 4; ver Ag 2.4, 5), que foi feita entre o Deus triúno e o pecador eleito em Cristo Jesus.

Portanto, é prudente tratar da revelação e da inspiração como algo provindo da Trindade, e não como uma obra exclusiva do Espírito Santo.

d.3.2. *Na Economia da Salvação*

As três pessoas da Trindade participam ativamente da salvação do pecador, exercendo três funções distintas. O texto de 1Pe 1.2 mostra o planejamento da salvação em termos da eleição em amor de Deus, o Pai; mostra a execução da salvação em termos da "aspersão do sangue" pelo Deus-encarnado, o Filho; e mostra a salvação em processo na vida do crente como a "santificação do Espírito Santo".

Essa mesma idéia aparece no texto de 2Ts 2.13, 14. O texto diz que nós, os amados de Deus, somos escolhidos desde o princípio para a salvação. Diz ainda

que somos eleitos para a "santificação do Espírito" e para "alcançar a glória de nosso Senhor Jesus Cristo".

Nenhum aspecto da salvação do pecador deve ser atribuído exclusivamente a uma pessoa da Trindade, como se as outras não tivessem nada a ver com ela. O texto de Efésios 1.1-14 mostra as mesmas idéias: Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, nos escolhendo (vv. 4, 5); fala do "Amado" de Deus, "no qual temos a redenção pelo seu sangue" (vv. 6, 7), e fala da obra do Espírito Santo que assegura a nossa redenção, sendo o selo e garantia de nossa salvação (vv. 13, 14).

Portanto, a administração da salvação do pecador é obra das três pessoas divinas, embora haja distinção naquilo que cada uma delas faz.

A doutrina da Trindade não é uma doutrina especulativa. Quando analisamos a redenção do pecador, é fácil perceber como as três pessoas estão ativas, tornando uma realidade a misteriosa e maravilhosa restauração do pecador! Este percebe, na sua miséria, que houve a necessidade de uma pessoa divina que resolveu salvá-lo, elegendo-o para a vida; também percebe que o Deus ofendido providenciou uma outra pessoa divina para satisfazer as suas exigências por causa das ofensas do pecador; percebe ainda que há a necessidade de uma terceira pessoa divina para santificar pessoalmente a sua vida, a fim de que possa desfrutar da redenção planejada pelo Pai e assegurada pelo Filho. Esta é a obra graciosa da Trindade que todo o pecador remido reconhece, após ser instruído nesse ensino pelas Santas Escrituras.

A Trindade toda está envolvida em todas as obras relativas à nossa criação, preservação e redenção. As observações das Escrituras e a experiência dos santos de Deus têm mostrado que as obras da Trindade são uma realidade incontestável!

d.3.3. *Na Ressurreição de Cristo*

As três pessoas da Trindade participam do ato glorioso da ressurreição do Salvador Jesus Cristo.

E. AS TRÊS PESSOAS ESTUDADAS SEPARADAMENTE

1. A PRIMEIRA PESSOA

Seria um pleonasmo teológico afirmar a divindade do Pai. A única coisa que caberia nesta parte do trabalho é afirmar que há somente um Deus, mas isto se pode afirmar sobre o Filho. Não se trata de pluralidade de deuses, mas de pluralidade de pessoas em um só Deus.

a. A Divindade do Pai no Antigo e no Novo Testamento

Que o Pai é Deus está claramente evidente em cada verso das Santas Escrituras, a partir do seu primeiro verso: "No princípio criou Deus os céus e a terra". Também está evidente que, embora haja a Trindade, a divindade do Pai não é superior à do Filho nem do Espírito Santo. Contudo, há uma certa subordinação funcional das duas outras pessoas a ele. Mas isso não o torna mais Deus que elas. É apenas uma questão do *modus operandi* da Trindade, como já foi visto.

2. A Segunda Pessoa

a. A Divindade de Jesus Cristo Afirmada no Antigo Testamento

Embora o Verbo viesse a tornar-se carne somente no período do Novo Testamento, há algumas profecias nas Escrituras do Antigo Testamento que apontam para a divindade do Messias que haveria de vir. Os mais clássicos são os seguintes:

> Is 9.6 – "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, *Deus Forte*, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz."

Desde o começo do capítulo, o profeta Isaías, sob inspiração divina, está falando do nascimento do Messias que haveria de vir. Fala da terra que ficaria importante com a sua vinda (v. 1); fala da grande luz que o povo haveria de ter (v. 2); fala da alegria que esse povo haveria de experimentar (v. 3); fala da libertação do jugo humano (esta era a esperança judaica) (vv. 4, 5). Então há o anúncio do nascimento de uma criança que possui nomes próprios somente de alguém que é mais do que simplesmente um homem. Sem levar em conta a ordem que o texto apresenta, analisemos as expressões duplas desse verso:

Deus Forte – Inconfundivelmente, esse título lhe atribui plena divindade. E essa divindade vem adjetivada de "forte". Jesus Cristo é um Deus poderoso. Por essa razão, várias vezes no Novo Testamento Jesus Cristo é chamado de "Senhor", aquele que possui domínio absoluto sobre o universo.

Maravilhoso Conselheiro – Esse título divino que Jesus Cristo recebe no Antigo Testamento é comprovado de maneira extraordinária no Novo Testamento. Segundo o meu entendimento, esse título se refere à suprema tarefa que Jesus Cristo tem como pastor do seu povo. A tarefa de "Conselheiro" é eminentemente pastoral. O conselheiro é aquele que conforta, anima, encoraja as pessoas nas horas de tristeza, desânimo e fraqueza. E ele haveria de ser maravilho-

so na execução dessa tarefa. É por essa razão que o Novo Testamento fala de Cristo como o "Supremo Pastor" de nossas almas (1Pe 5.4; 2.25). Assim como seu Pai era o pastor maravilhoso do seu rebanho (Ez 34.15, 16), Deus, o Filho encarnado, haveria de exercer a mesma função de um modo profundamente maravilhoso.

Pai da Eternidade – Esse título pode ser traduzido como "Possuidor da Eternidade". Ele indica de modo eminente a divindade de Jesus Cristo. Somente alguém eterno pode trazer à existência coisas eternas. Com o seu Pai, ele é gerador das coisas eternas, como a vida e suas bem-aventuranças. Ele é o pai da redenção perpétua do seu povo.

Príncipe da Paz – Jesus viria para estabelecer a paz entre os homens. Os anjos anunciaram essa paz como produto da encarnação do Verbo (Lc 2.11-14). Ele criou a paz entre judeus e gentios, que Paulo canta de maneira maravilhosa, derrubando o muro de separação que havia entre eles (Ef 2.14-16). Ele cria a paz entre os pecadores remidos e Deus (Rm 5.1). A tarefa de ser o Príncipe da Paz é divina porque somente Deus pode restaurar-nos ao seu favor e Cristo é o Deus encarnado para poder estabelecer essa paz entre o ofendido e os ofensores. É paz de Deus porque o próprio Deus tomou a iniciativa de criá-la. Como Cristo é o agente dessa paz, ele é chamado de o "Príncipe da Paz".

Pelo fato de ele ser Deus Forte e ter os outros três nomes acima analisados, ele pode perfeitamente fazer uma outra coisa própria da divindade: ter governo sobre o mundo. O texto diz que "o governo está sobre os seus ombros". Desde que veio ao mundo, ele tem esse governo nas mãos e o exercerá até que finalize toda a redenção da criação e dos homens, quando, então, devolverá o governo a Deus, o Pai (1Co 15.24).

> Mq 5.2 – "E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade."

O primeiro ponto importante desse verso é o Messias, que João chama de Verbo encarnado, que está no seio do Pai, isto é, procede de Deus. O texto de Miquéias diz: "... de ti (Belém) *me* (Deus, o Pai) sairá". Ele aponta, ao mesmo tempo, para a humanidade e a divindade do Redentor. Ele veio de Belém como havia vindo de Deus. O segundo ponto importante é a eternidade do Rei de Israel. Ao mesmo tempo que ele é temporal, pois nasceu em Belém (isso mostra a sua humanidade), ele é atemporal, eterno (o que aponta para a sua divindade). Não há como negar que o atributo "eternidade" aponta de maneira inequívoca para a sua divindade.

b. A Divindade de Jesus Cristo Afirmada no Novo Testamento

Há vários textos nas Escrituras do Novo Testamento que afirmam diretamente a divindade de Jesus Cristo. Faremos uma rápida análise de cada texto, a fim de que possamos explorar esse assunto tão determinante para a fé cristã.

> Mt 1.23 – "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de *Emanuel* (que quer dizer: *Deus conosco*)."

Mateus está citando Isaías 7.14. O nome hebraico é composto de duas palavras, *Immanu* + *El*, que significam "o Deus que está conosco", e corresponde ao Verbo encarnado de João 1. No Antigo Testamento, o Emanuel é apontado como o libertador que traria libertação do período de trevas e de tribulação. Ele seria a inauguração do período messiânico tão ansiado pelos justos de Israel. No Novo Testamento, Mateus assinala a vinda de Jesus Cristo como o cumprimento dessa promessa messiânica. Jesus Cristo é Deus entre os homens.

> Jo 1.1-3 – "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e *o Verbo era Deus*. Ele estava no princípio com Deus. Todas as cousas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez."

Este é o texto mais clássico sobre a divindade do Redentor. João começa descrevendo quem é aquele que deveria se encarnar. Ele não era homem. Ele não somente era eterno, porque existia no princípio (palavra que em João designa o "tempo" antes da existência do mundo), mas também vivia com Deus. Todavia, o texto deixa claro que a existência não é tudo o que se pode dizer dele. Ele era o próprio Deus. Como pode viver com Deus e ser o próprio Deus? Dois deuses? Não. Aqui começa o claro raciocínio da coexistência e da subsistência de pessoas no mesmo Ser, o divino. O Verbo (que veio a encarnar-se) é Deus. A prova disso está no fato de ele fazer o que é próprio de Deus. Ele criou o universo e nada do que existe veio a existir sem ele. Portanto, esse texto é uma prova cabal da divindade daquele que é Redentor.

> Jo 20.28 – "Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e *Deus meu.*"

Era a segunda vez que Jesus aparecia aos seus discípulos depois de ressuscitar. Tomé havia sido incrédulo quanto à ressurreição de Jesus (vv. 24, 25). Então, Jesus entra no aposento onde todos estão reunidos e vai logo dizendo a Tomé, desta vez presente na reunião: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente" (v. 27). Então, Tomé capitula diante das evidências e chama Jesus Cristo de

"Senhor meu e Deus meu". Se essa era a crença apostólica, tem que ser a nossa crença. Jesus Cristo é Deus!

Rm 9.5 – "deles (judeus) são os patriarcas e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, *Deus bendito* para todo o sempre. Amém."

Neste texto, Paulo afirma as duas naturezas de Cristo: a sua humanidade está patente no fato de ele dizer: "... também deles descende o Cristo, segundo a carne". Carne aqui é sinônimo de natureza humana. A humanidade de Cristo era aceita sem problemas porque os judeus sabiam de quem ele era filho, José e Maria. Todavia, Paulo vai mais longe, afirmando ser ele "Deus bendito para todo sempre", enfatizando assim a eternidade da Segunda Pessoa que se encarnou. Essa afirmação de Paulo jamais seria aceita pelos judeus ortodoxos, porque ela afirma claramente a divindade de Jesus Cristo. Contudo, agora Paulo escreve a judeus crentes que viviam em Roma e estavam altamente necessitados de noções soteriológicas. Não é de se estranhar que Paulo afirme claramente o argumento fundamental para se entender a salvação: Cristo é Deus!

Tt 2.13 – "... aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso *grande Deus* e Salvador Jesus Cristo."

Paulo aponta para a grande esperança escatológica que é a vinda de Jesus Cristo, significando a redenção completa do povo de Deus. Ao apontar para essa vinda, ele chama Jesus Cristo de Salvador, e ele o chama de "nosso grande Deus".

2Pe 1.1 – "Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça *do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.*"

Este texto de Pedro é semelhante ao de Paulo, pois também chama Jesus Cristo de "nosso Deus e Salvador".

Hb 1.8 – "Mas, *acerca do Filho*: O teu trono, *ó Deus*, é para todo o sempre."

Esta afirmação é espantosa porque é feita pelo próprio Pai, que é Deus. Este declarou em alto e bom som a divindade de seu Filho. Se há alguém que não erra na sua avaliação é Deus. No entanto, ele não titubeou em chamar seu Filho de "seu igual". Além disso, o próprio Pai ordenou aos seres celestiais que o adorassem (v. 6). Ora, se Deus, o Pai, a Primeira Pessoa da Trindade, testemunhou da divindade da Segunda Pessoa, quem somos nós para duvidar que o Redentor dos filhos dos homens não seja Deus?

1Jo 5.20 – "Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento

para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu *Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus* e a vida eterna."

A tese principal de João em suas cartas é mostrar o contraste entre o falso ensino e o verdadeiro. Jesus Cristo é o que unge os crentes com a verdade. A verdade do evangelho é a unção dos crentes, e isto vem de Jesus, o Santo de Deus (1Jo 2.18-29).

No verso acima, o Filho vem mostrar quem é o que fala a verdade, que é o seu Pai. Por isso, este é chamado de o Verdadeiro. Ao mesmo tempo, o verso fala que "estamos no verdadeiro" e o verdadeiro aqui também é o Filho. O que o Pai é, o Filho também o é. Porque ele é verdadeiro como o Pai, ele é reconhecido claramente por João como aquele que é Deus. Portanto, João diz: "Este (Jesus) é o verdadeiro Deus e a vida eterna." A divindade de Cristo sempre foi fundamental para o ensino correto dos apóstolos. Sem essa convicção, tudo o que Jesus Cristo fez e disse fica destituído de significado. Mas porque ele é igual ao seu Pai em essência, tudo o que seu Pai faz, ele faz; tudo o que seu Pai é, ele também é, exceto nas distinções pessoais, isto é, o Pai não pode ser o Filho e vice-versa.

c. Evidências da Divindade de Jesus Cristo

c.1. Jesus Recebe Títulos Divinos

c.1.1. *Senhor*

Is 40.3 – "Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do *Senhor*; endireitai no ermo vereda a nosso *Deus*."

Neste texto, o Verbo que haveria de se encarnar na "plenitude dos tempos" é chamado de *Senhor*, e a palavra hebraica usada para "Senhor" é *Iavé*, a mesma que se usa para o Deus único dos hebreus. Na parte final do verso acima o paralelismo hebraico aparece, e novamente o Verbo a se encarnar é chamado de "nosso Deus". Todos sabemos que esse texto refere-se ao ministério de João Batista, que preparou o caminho para a entrada de Jesus Cristo no seu ministério público, como o próprio texto de Mateus 3.3 nos mostra.

c.1.2. *Alfa e Ômega*

Essa expressão, que significa o princípio e o fim – um outro nome para eternidade –, é atribuída à divindade, mais especificamente ao Deus Pai. Apocalipse 21.5, 6 diz: "E aquele que está assentado no trono disse: ...Tudo está feito. Eu sou o *Alfa e o Ômega*, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede, darei de

graça da fonte da água da vida". Deve ser observado que "aquele que está assentado no trono" é Deus, o Pai. Ele disse de si próprio: eu sou o Alfa e o Ômega. A eternidade e a renovação de todas as coisas é atribuição exclusiva do "Eu Sou"; porém, como o Filho também é "Eu Sou", consubstancial com seu Pai, falou de si próprio duas vezes de maneira muito enfática: Ap 1.5-8; 22.12-13.

No primeiro texto, João fala que Jesus "nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai", e que ele "vem com as nuvens, e todo olho o verá..." (Ap 1.5-7). Então, o próprio Jesus fala: "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso" (Ap. 1.8). Alguns podem pensar que se trata de Deus Pai, mas o texto elimina essa possibilidade, por duas razões: o contexto está falando totalmente de Jesus Cristo (vv. 5-7); e o único que há de *vir* é o Filho encarnado glorificado. É extremamente significativo que esse que há de vir seja chamado de "Senhor Deus" e de "Todo-poderoso". O mesmo que o Pai diz de si, também diz o Filho.

O segundo texto está em Apocalipse 22.12, 13 – "Eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim." Novamente é Jesus quem está falando, e neste verso o significado da expressão "Alfa e Ômega" é explicado de duas maneiras: Jesus Cristo, o Filho de Deus, sendo co-essencial com seu Pai, pode dizer o mesmo de si; ser o "Alfa e o Ômega" não é propriedade de uma subsistência pessoal, mas do Ser divino. Por isso, essa expressão denota a divindade de Jesus Cristo.

c.1.3. *Rei e Justo Juiz*

> Jr 23.5 – "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra."

A realeza é atributo divino que Cristo exerce com maestria, pois as Escrituras tanto do Antigo como do Novo Testamento canta o reinado do Messias. A realeza do Messias sempre foi tipificada no reinado de Davi. Aliás, Jesus é conhecido como Davi em virtude do seu caráter real, pois Davi era o símbolo da realeza em Israel. A grande diferença de Davi é que Jesus haveria de ser um Renovo justo que agiria com justiça na terra. Num governo teocrático, a tarefa de executar juízo era do rei. Ele possuía a palavra final. Portanto, Jesus Cristo não somente tem a palavra final sobre o destino dos homens, como também é justo em tudo que faz na terra. Por isso que no verso 6 ele é chamado de "Justiça Nossa".

c.1.4. *Soberano*

Deus, o Pai, é chamado de "Soberano Senhor" em At 4.24 – "Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há." A palavra grega usada para soberano é δέσποτα (*déspota*), isto é, aquele que possui autoridade absoluta. Todavia, ser soberano não é prerrogativa do Pai. O Filho encarnado também é chamado de déspota e *kurios* (Soberano e Senhor) em Judas 4. Logo, Jesus Cristo, como seu Pai, é o Soberano, ou seja, aquele que possui autoridade absoluta sobre o universo e tudo o que nele se contém. Isto mostra a sua co-essencialidade com seu Pai.

c.2. Jesus Cristo Faz Coisas Próprias da Divindade

As afirmações de Jesus Cristo que mais provocaram a ira dos judeus foram aquelas relacionadas com a sua identidade com Deus. João 5 dá indicações bem claras da divindade de Jesus Cristo. Quando Jesus disse que Deus era o seu Pai (v. 17), João comenta a reação dos judeus: "Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era o seu próprio Pai, *fazendo-se igual a Deus*". Era nítida a afirmação de Jesus a respeito da sua própria divindade. Além disso, para aumentar a ira dos judeus, Jesus reivindicou fazer coisas próprias do Ser divino, dizendo:

> Jo 5.19 – "...Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o pai; *porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz.*"

Vejamos algumas coisas que Jesus Cristo faz que o tornam igual ao seu Pai, mostrando a sua divindade:

c.2.1. *Ele Ressuscita Fisicamente*

> Jo 5.28, 29 – "Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo."

Jesus ressuscitou pessoas no seu ministério terreno, como é o caso de Lázaro, do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo, mas nestes versos Jesus fala a respeito do seu poder divino de fazer com que todos os homens, no último dia (Jo 6.40,44), ressuscitem para a vida ou para o juízo. Numa concessão especial, Deus chegou a dar a homens (como Paulo e Pedro) a ocasião de ressuscitar mortos. Mas esta tarefa é prerrogativa de Deus, pois só pode ressuscitar aquele

que criou e que tem poder sobre a morte. Jesus tem esse poder, inclusive sobre a sua própria vida. Ele podia dar a sua vida e também podia reavê-la. Esse poder ele possuía da parte do seu Pai (Jo 10.18). Era uma propriedade eminentemente divina.

c.2.2. *Ele Ressuscita Espiritualmente*

Jo 5.21 – "Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer."

Os versos 24 e 25 demonstram que essa ressurreição é espiritual, antes que física. Jesus Cristo tem o poder de conceder a vida eterna (que é o sentido de ressuscitar ou vivificar), ou seja, a comunhão imperdível. Ele já havia dito: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância". Jesus Cristo é vida ou tem vida em si mesmo (Jo 5.26). Por essa razão, ele pode conceder aquilo que lhe é próprio. O texto acima diz que Cristo não somente concede vida, mas que ele também possui o poder soberano de conceder vida eterna a quem quer. Não é uma questão de direito a receber vida, mas uma questão de soberania divina de conceder vida. A ressurreição espiritual é prerrogativa de Jesus Cristo.

c.2.3. *Ele Exerce a Função de Juiz*

Jo 5.22 – "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento."

Verifique também os versos 27 e 30. Estamos tão acostumados com a idéia de Jesus como salvador que nos é estranha a idéia de Jesus como juiz. Para algumas pessoas parece que o amoroso redentor não combina com a idéia de um juiz severo. Todavia, as Escrituras afirmam em vários lugares[96] que, em virtude de sua divindade, Jesus tem a prerrogativa de ser juiz de todos os homens. O juízo é uma atribuição divina (Hb 12.23; Tg 4.12); porém, como Cristo é divino, se diz que ele julga o mundo e os seus habitantes. Tiago 4.12 diz que "um só é Legislador e Juiz", e não dois. Daí podemos inferir que Tiago está falando não de uma só pessoa da Trindade, mas de um só ser, o Divino. Logo, se Cristo é divino, e ele o é, ele pode julgar.

c.2.4. *Ele É o Criador do Universo*

Hb 1.10 – "...No princípio, *Senhor*, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos."

[96] Atos 10.42; 2 Timóteo 4.8; Judas 14, 15.

Citando o Salmo 102.25, o escritor da Carta aos Hebreus está falando nesse capítulo a respeito da superioridade de Jesus Cristo, contrastando-a com a inferioridade dos anjos. Pois de Jesus Cristo o autor diz: "Lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos". É próprio somente da divindade fazer com que do nada todas as coisas venham a existir.

c.2.5. *Ele Perdoa Pecados*

Perdoar pecados pertence unicamente a Deus, que é o ofendido pelos homens. É prerrogativa de Deus perdoar pecados. No entanto, Jesus reivindicou para si essa atribuição. Certa feita Jesus foi tremendamente criticado por seus inimigos como blasfemo, pelo fato de ter dito que perdoava os pecados de um paralítico. Depois da crítica, ele disse: "Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse então ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa" (Mt 9.6). Jesus não somente perdoou pecados, mas miraculosamente levantou o paralítico. Essas coisas são próprias da divindade.

c.2.6. *Ele Reina sobre o Universo*

Esta é uma prerrogativa divina. As Escrituras estão repletas de afirmações de que o Senhor reina e está revestido de majestade (por exemplo, o Salmo 93). Ninguém reina no universo senão o verdadeiro Deus. Todavia, afirma-se que Jesus Cristo é o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" para sempre (2Pe 1.11; 1Co 15.25), e que esse reino tem duração eterna (Ap 11.15). Logo, se as Escrituras dizem que Jesus Cristo reina, essa é uma evidência muitíssimo clara de sua divindade.

O texto de 2Pe 1.11 diz explicitamente que esse reino eterno é do "Senhor e Salvador Jesus Cristo". Não é reino de qualquer um, mas do Senhor que é salvador.

c.3. Jesus Recebe Adoração Divina

Os apóstolos, com toda a honra que possuíam, rejeitaram a adoração dos homens. É o caso de Pedro quando foi adorado por Cornélio (At 10.25, 26). Assim também fizeram os anjos (Ap 22.8, 9). Todavia, Jesus Cristo várias vezes aceitou sem pestanejar a adoração tanto de homens (como veremos abaixo) como de anjos (Hb1.6), porque ele não somente tinha consciência da sua humanidade, mas também da sua divindade. Ele recebeu adoração quando ainda era criança nos braços de sua mãe (Mt 2.11); quando estava para curar um leproso (Mt 8.2); quando estava para curar a filha de um chefe (Mt 9.18); quando andou sobre as águas e salvou Pedro (Mt 14.33). Muitas outras vezes Jesus Cristo recebeu o que é pró-

prio de Deus – adoração. Se Jesus Cristo fosse somente homem, ele não poderia receber adoração; mas ele era também perfeitamente Deus. Por isso foi adorado.

Um texto claro está em Apocalipse 5.8-14, onde todos os seres racionais lhe prestaram adoração. Nos versos 8 e 9, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos entoavam a Jesus Cristo o seguinte cântico: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação". Nos versos 11 e 12, os seres angelicais, assim como os seres viventes e os anciãos, somando bilhões de criaturas, diziam em grande voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor". Nos versos 13 e 14, todas as criaturas do universo proclamam a glória do Cordeiro num cântico de adoração que é também dirigido a Deus Pai: "Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos". Jesus Cristo compartilha com seu Pai da adoração de todas as criaturas, remidas ou não. No final de tudo, todos haverão de dobrar os joelhos (sinal de adoração) diante de Jesus Cristo e confessar que ele é *Senhor* para a glória de Deus Pai (Fp 2.11).

A adoração é prestada exclusivamente à divindade e, como Jesus é plenamente Deus, ele podia receber a adoração daqueles que tinham a mesma natureza humana que ele.

c.4. Jesus Recebeu Orações dos Homens

Considerando que Jesus Cristo é Deus, como já temos visto, seria fácil entender que todas as petições que os homens lhe fizeram enquanto ele estava neste mundo eram verdadeiras orações. Contudo, alguém poderia objetar que não seriam orações porque eram conversas com alguém que estava fisicamente presente. Levemos em consideração essa objeção, ainda que tenhamos a convicção de que aqueles pedidos foram verdadeiras orações.

Vejamos apenas três exemplos de orações que foram feitas ao Senhor glorificado, de quem os cristãos dependiam em todas as coisas.

O primeiro exemplo está na oração de Estêvão. Enquanto recebia o impacto das pedras que se lhe atiravam, ele olhou para o céu e viu a glória de Deus Pai e Jesus assentado à sua direita. Então, fez a seguinte oração: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (At 7.60). A prerrogativa de receber o espírito de alguém que morre é divina. Na cruz, Jesus fez uma oração semelhante, quando disse a Deus, seu Pai: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Tanto no caso de Estêvão como do Servo sofredor, foi uma perfeita oração. O que nos interessa aqui é que Jesus foi objeto dessa oração no caso de Estêvão. Isso mostra a sua divindade.

O segundo exemplo está no tríplice pedido de Paulo em 2 Coríntios 12 para que lhe fosse tirado o "espinho da carne". É interessante observar que ele orou ao "Senhor", que nada mais é que Jesus Cristo. A prova disso é que Jesus lhe disse: "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (v. 9a). Como podemos saber que "Senhor" se refere a Jesus Cristo? Os versos 9b e10 dizem: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte". Cristo é quem o fortalecia e era prerrogativa de Cristo ouvir as orações de Paulo porque ele era o Deus encarnado, que apareceu a Paulo e agora era objeto das suas orações.

O terceiro exemplo está no ensino de Paulo a respeito da salvação dos pecadores, em Romanos 10. No verso 13, ele diz: "Todo aquele que *invocar o nome do Senhor* será salvo". No verso 9 ele já havia dito: "Se com a tua boca confessares a *Jesus como Senhor*, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo". Deve ser observado que a expressão "invocar o nome do Senhor" denota uma oração, e que essa oração deve ser dirigida ao Senhor Jesus, o que indica mais uma vez a divindade do Redentor, a quem podemos nos dirigir, embora esse não tenha sido o modelo que ele nos ensinou para quando orássemos. De qualquer forma, as orações que lhe foram feitas atestam a sua divindade.

3. A Terceira Pessoa

a. A Personalidade do Espírito Santo

Antes de tratarmos da divindade do Espírito, é necessário que falemos um pouco do Espírito como uma pessoa, possuindo os atributos próprios de uma pessoa. A grande dificuldade histórica foi que muitos estudiosos sempre viram no Espírito uma força ou energia usada por Deus para realizar os seus propósitos. O cristianismo ortodoxo tem reagido contra essa posição teológica enfatizando a personalidade do Espírito, para que o conceito da tripersonalidade da Trindade não seja prejudicado.

O Espírito exerce ministérios pessoais na vida dos seres humanos, seja na esfera da redenção ou não. Vejamos algumas coisas próprias de uma pessoa que o Espírito faz.

a.1. Ele Convence Pessoas

Essa é uma atividade de uma pessoa, e não tarefa de uma força, energia ou

poder. As Escrituras dizem que o Espírito convence os pecadores "do pecado, da justiça e do juízo" (Jo 16.8-11). O convencimento implica não simplesmente argumentos que trabalham com a razão, mas também uma atividade interior que mostra às pessoas o que elas fizeram ou precisam fazer.

a.2. Ele Guia Pessoas à Verdade

Essa não é tarefa de uma energia, mas dirigir para a verdade é uma tarefa de uma personalidade trabalhando com outra. Jesus disse aos seus discípulos que o "Espírito Santo vos guiará a toda verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir" (Jo 16.13). Perceba que essa orientação para a verdade pressupõe ouvir da verdade, falar da verdade e anunciar eventos que ainda estavam por vir. Só um ser pessoal pode falar a outro ser pessoal. Isto o Espírito faz.

a.3. Ele Consola Pessoas

Ele é chamado de Consolador em vários lugares das Escrituras (Jo 14.16; 15.26; 16.7). Essa é a sua função básica estando Jesus ausente dos seus discípulos. Estes precisavam de encorajamento para enfrentar as perseguições que estavam por vir. Jesus não os deixou sós, mas prometeu uma pessoa que os havia de consolar. Essa tarefa coube ao Espírito Santo. E a tarefa de consolar é exclusiva de um ser pessoal. Portanto, uma vez mais o Espírito, de acordo com as Escrituras, é uma das pessoas que subsistem no ser divino.

a.4. Ele Tem Sentimentos

As Escrituras dizem que quando pecamos trazemos sentimentos de tristeza a Deus, o Espírito. Por essa razão, Paulo nos exorta: "E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Ef 4.30). Ele é a pessoa que vive em nós e, por causa de seu amor por nós, tem esse sentimento próprio de uma pessoa.

a.5. Ele Inspira Pessoas

Os livros das Escrituras foram todos inspirados por Deus, o Espírito. Os profetas, que escreveram a maior parte dos escritos do Antigo Testamento, falaram da parte de Deus "movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21). Isto quer dizer que o Espírito divino trabalhou no espírito dos homens (1Pe 1.11) para que eles não somente recebessem a mensagem e a transmitissem, mas também para que registrassem as verdades ouvidas. Essa é uma atividade eminentemente pessoal.

b. A Divindade do Espírito

O único texto das Escrituras que fala claramente da divindade do Espírito Santo é Atos 5.3, 4.

Esse texto mostra uma vez mais que o Espírito Santo é um ser pessoal, pois Ananias mentiu ao Espírito (v. 3). Nenhum ser pessoal (no caso Ananias) faz uma coisa dessa natureza a um objeto, força ou energia. Somente um outro ser pessoal pode receber e detectar uma mentira. Além de ser pessoal, o texto diz de maneira inequívoca que o Espírito Santo é Deus, pois foi dito a Ananias: "Como pois assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus" (v. 4). Mais adiante, no episódio da mulher de Ananias, novamente Pedro fala da mentira, com a qual ela foi conivente, dizendo: "Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor?" (v. 9), indicando a procedência divina do Espírito.

b.1. Evidências da Divindade do Espírito

b.1.1. *O Espírito Recebe um Nome Divino*

O mesmo título divino, *Senhor*, que o Pai e o Filho recebem na Escritura, é também recebido pelo Espírito Santo. O texto das Escrituras diz assim:

> 2Co 3.17, 18 – "Ora, *o Senhor é o Espírito*; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo *Senhor, o Espírito*"

É curioso que o texto diga ao mesmo tempo que o Espírito é do Senhor e que esse Senhor seja o Espírito. Certamente o texto fala do Espírito de Cristo, porque a imagem na qual estamos sendo transformados é a imagem de Cristo. Contudo, é o Espírito, que é Senhor, quem opera em nós essa transformação para que atinjamos a imagem de Cristo, o Senhor.

b.1.2. *O Espírito Possui Atributos Divinos*

O Espírito possui o atributo da onipresença

> Sl 139.7, 8 – "Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também."

Embora estes versos não falem explicitamente da divindade do Espírito de Deus, podemos deduzir com muita facilidade que a terceira pessoa da Trindade possui atributos próprios da divindade. Nestes versos a atribuição do Espírito é

a sua onipresença. Este atributo não pertence à criatura nem a uma simples força ou energia, mas é próprio das pessoas da divindade.

O Espírito possui o atributo da onisciência

1Co 2.10, 11 – "Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as cousas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus."

Este texto de 1 Coríntios dá evidências claras de que só o igual pode conhecer o igual. Ninguém pode penetrar a essência divina. Em outras palavras, somente pode conhecer a Deus aquele que é igual a ele. É por isso que o Espírito Santo é chamado de Espírito de Deus. Além de ele penetrar as profundezas de Deus, o que é próprio somente de Deus, ele perscruta todas as coisas. Essa é uma outra maneira de falar do conhecimento perfeito que o Espírito possui de todas as coisas, ou seja, a onisciência.

b.1.3. *O Espírito Faz Coisas Próprias da Divindade*

Ele comunica vida aos pecadores

Jo 3.5, 6 – "...Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito."

Esta obra grandiosa de comunicar vida é uma atividade exclusiva da divindade. João fala em uma de suas cartas que aquele que é "nascido de Deus" não vive na prática do pecado (1Jo 3.9). Ser nascido do Espírito é a mesma coisa que ser nascido de Deus. Portanto, a passagem acima é uma indicação clara de que o Espírito Santo é Deus.

Ele santifica a vida dos pecadores

O Espírito não somente é o doador da vida aos pecadores, mas ele trabalha nessas pessoas que agora estão vivificadas até que elas sejam completamente santificadas. É um processo que acontece na vida do pecador pela atuação do Ser divino. É um atributo divino santificar seres pecadores. É tarefa da divindade, mas cabe com mais particularidade à terceira pessoa da Trindade (1Pe 1.2). Ele é o Espírito santificador.

4. IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA DA TRINDADE

A doutrina da Trindade, que foi extremamente importante na história da

igreja, chegou a ser questionada em alguns círculos teológicos porque algumas pessoas acharam que ela não possuía qualquer relevância. No entanto, hoje em dia estão surgindo muitos livros sobre essa doutrina. Por que esse novo interesse pelo assunto? É ainda relevante sustentar a divindade do Filho e do Espírito? Obviamente que sim!

Se não damos a devida importância a essa doutrina, o assunto da expiação fica totalmente sem sentido. Se não há a Trindade, não há encarnação; e se não há encarnação do Verbo, a expiação torna-se apenas uma apresentação teatral mórbida sem qualquer significação para nós. Se foi apenas um homem que morreu na cruz em nosso lugar e em nosso favor, ainda estamos mortos em nossos pecados.

Se não dermos a devida importância a essa doutrina, o assunto da justificação pelo sangue de Cristo fica totalmente prejudicado. As nossas culpas continuariam conosco, porque um homem simplesmente não pode levar a culpa de homens, morrendo na cruz, sem condições de ressuscitar por seu próprio poder. Se não houvesse a Trindade, ainda estaríamos com a dívida por pagar. Poderíamos depender da obra de um homem para ter nossa dívida paga? Porque o Redentor é Deus-homem, podemos ter cancelada a nossa dívida.

Se não dermos a devida importância à doutrina da Trindade, o objeto de nossa fé, Jesus Cristo, é apenas um homem, nada mais. Somente a doutrina da Trindade é que faz com que vejamos em Cristo o Verbo encarnado.

Por essas razões, nós, os cristãos, devemos dar uma enorme importância à Trindade, porque ela está no coração da teologia cristã e no cerne da nossa redenção. Na história da igreja, homens e mulheres deram muita importância a essa matéria, porque dela dependem todos os outros elementos da nossa fé. Por essa razão, Herman Bavinck diz que "Atanásio entendeu melhor do que todos os seus contemporâneos que o cristianismo permanece ou cai com a confissão da divindade de Cristo e da Trindade".[97]

5. Aplicação da Doutrina

Na mente de algumas pessoas há um certo pessimismo quanto à aplicabilidade dessa doutrina. De que ela me serve? Quais são os efeitos práticos da doutrina da Trindade para nós? Em que implica para mim crer nessa doutrina tão difícil de ser entendida logicamente? Quando alguém diz: "Essa doutrina não é prática", tal pessoa pode estar querendo dizer: "Ela não se encaixa bem nos

[97] Bavinck, *The Doctrine of God*, 281.

meus gostos ou preferências". Especialmente nos tempos em que vivemos, as pessoas falam na praticidade de alguma coisa pensando na sua utilidade. Uma coisa não precisa ser útil para mim para ser prática. É bastante que ela seja verdadeira e real para que eu creia nela. E essa doutrina é fundamentalmente necessária para a vida do povo de Deus. Sem ela, tudo o que sabemos e recebemos de Deus não existiria.

O fato é que precisamos conhecer o que de Deus nos foi revelado. Não podemos pensar simplesmente em utilitarismo ou em pragmatismo. Deus não ensinou sobre si para que o usemos para os nossos propósitos ou para o nosso deleite. Deus deve ser crido da forma como ele se revela. A doutrina da Trindade é de extrema aplicabilidade porque sem ela não poderia haver a noção de salvação.

Se Deus não fosse triúno, o Pai não poderia enviar o seu Filho. Se alguém tivesse que morrer seria apenas homem e não Deus-homem. Se não houvesse o Filho para se encarnar, o nosso redentor seria apenas humano. Se fosse apenas humano, ele não poderia morrer pelos pecados de muitos. Seria apenas um homem substituindo um homem. Os demais seriam castigados pelos seus pecados.

Se Deus não fosse triúno, mandando o seu Filho para encarnar-se e morrer pelos pecados do seu povo, e ele tivesse que sacrificar um ser humano, ele faria injustiça fazendo com que outro pagasse pelos pecados de outros. No caso de Jesus Cristo, não foi um outro ser, mas o próprio Ser divino, na pessoa do Filho, que assumiu as nossas penas. Não foi uma injustiça, porque Deus tomou alguém que veio de si mesmo, para morrer pelos nossos pecados.

É porque Deus é triúno que ele pode realizar a nossa tão grande salvação. Doutra sorte, estaríamos ainda mortos nos nossos delitos e pecados.

Se Deus não fosse triúno, ele não poderia ser pessoal. É bom lembrar que uma das características de um ser pessoal é ser relacionável. "A verdade, tanto a respeito de Deus como de nós próprios, é que nós existimos como pessoas em comunhão numa família comum, vivendo como pessoas da parte de outros e para outros, não como pessoas em isolamento ou separação ou autocentradas."[98] Ora, se Deus não é triúno e tripessoal, com quem ele se relacionava na eternidade, isto é, antes de ser criado o universo? Mas porque ele é tripessoal, ele pode relacionar-se consigo mesmo. Ele nunca foi um Deus solitário, mas vivia em uma relação de amor interpessoal.

É exigência da natureza das pessoas que elas se relacionem. Foi por essa razão que Deus, quando fez Adão como pessoa, logo acrescentou: "Não é bom

[98] Catherine Mowry LaCugna, *God for Us: The Trinity and Christian Life* (São Francisco: HarperCollins, 1991), 383.

que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2.18). Também nesse sentido refletimos a imagem de Deus. O casamento, que é uma instituição divina, tem como fundamento a idéia de um relacionamento complementar. Com base no relacionamento interpessoal da Trindade, assim as pessoas se relacionam na família. Grudem diz que "no relacionamento entre homem e mulher no casamento, vemos também uma figura do relacionamento entre o Pai e o Filho na Trindade".[99] Paulo diz: "Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo" (1Co 11.3). A idéia de cabeça está presente nos três relacionamentos mencionados no texto. Portanto, assim como o homem tem uma relação de autoridade sobre a mulher no casamento, o Pai também a tem com relação ao seu Filho. No entendimento de Grudem, "o papel do marido é paralelo ao de Deus, o Pai, e o papel da esposa ao de Deus, o Filho".[100] Não obstante as funções diferentes do Pai e do Filho na economia da salvação, eles são essencialmente o mesmo Deus, possuindo a mesma natureza, a divina. Da mesma forma, homem e mulher, conquanto diferentes em funções, possuem a mesma humanidade e personalidade, relacionando-se em amor e respeito, do mesmo modo como acontece entre o Pai e o Filho.

[99] Grudem, *Systematic Theology*, 257.
[100] Ibid.

ÍNDICE

CAPÍTULO 6 – OS ATRIBUTOS DE DEUS

Definição 162

A. Relação entre o Ser e os Atributos de Deus 162

B. Os Atributos de Deus Revelam o Seu Ser 163

C. Os Atributos Revelam o Seu Caráter 164

D. Deus É Incompreensível mas Cognoscível 164

E. A Determinação dos Atributos de Deus no Escolasticismo 165

F. Classificação dos Atributos de Deus 167

G. Os Atributos de Deus nos Símbolos de Westminster 168

Capítulo 6

OS ATRIBUTOS DE DEUS

A doutrina de Deus é assunto fundamental para a compreensão de todas as demais doutrinas da fé bíblica. Todavia, o ponto central da doutrina de Deus são os atributos de Deus porque eles são a única coisa revelada que nos diz algo sobre a natureza do Ser divino. Como já vimos, ninguém pode penetrar a essência de Deus – daí ele ser incompreensível –, mas os seus atributos nos indicam alguma coisa de sua natureza essencial, como veremos. Há muitos conceitos distorcidos sobre Deus porque são distorcidos os conceitos sobre os atributos. Poucas coisas há, em nossa língua, sobre os atributos de Deus. Este capítulo aborda esta questão de maneira séria e esperamos que sirva para a elevação do conceito de Deus na mente de todos os que o lêem.

DEFINIÇÃO

Os atributos são "qualidades", "propriedades", "virtudes" ou "perfeições" de uma pessoa particular ou de um ser. Como Deus é um ser, ele possui qualidades ou características que fazem com que ele seja o que é. Os atributos não são alguma coisa acrescida a Deus, mas são qualidades essenciais dele. Berkhof define atributos como "as perfeições atribuídas ao Ser Divino nas Escrituras, ou as que são visivelmente exercidas por Ele nas obras da Criação, Providência e Redenção".[101]

A. RELAÇÃO ENTRE O SER E OS ATRIBUTOS DE DEUS

Existe diferença entre os atributos e o ser de Deus? Depende do que se entende por atributos e pelo ser de Deus. Em geral, alguns teólogos dizem que Deus se revela nos seus atributos.[102] Todos concordam que os atributos não são

[101] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 59.
[102] Hodge, Bavinck e outros.

meros nomes sem significado, nem partes separadas de um Deus composto, mas qualidades essenciais, sem as quais Deus não pode ser o que é, nas quais o Ser divino se revela e mediante as quais é identificado.[103] Não existe um modo de separar a essência de Deus dos seus atributos. Os atributos não são alguma coisa adicionada à essência de Deus, como se a essência fosse coisa diferente. É exatamente esse o erro que alguns teólogos cometem. Eles pensam que há diferença entre a essência de Deus e os seus atributos, provocando confusão na mente dos estudantes e dos crentes em geral.[104]

O que é o Ser de Deus? Quando pensamos a respeito de Deus, temos a tendência de querer defini-lo. Via de regra, quando definimos alguma coisa, sempre o fazemos por comparação, mas esse processo não funciona no caso de Deus, porque ele é incomparável. Ele pergunta: "A quem, pois, me compareareis para que eu lhe seja igual?" (Is 40.25). Não há possibilidade de definição por comparação. Se pudéssemos defini-lo, nós o compreenderíamos perfeitamente, mas Deus não é passível de definição, porque ele não cabe completamente em nossa mente. Sua natureza excede o nosso entendimento.

Todavia, mesmo que não possamos dar uma definição sintética, é possível dar uma descrição de Deus, o que se chama regularmente de definição *analítico-descritiva*. A única coisa possível é fazer uma descrição parcial de algumas coisas que conhecemos sobre Deus. Isso significa que podemos enumerar as características de uma pessoa ou coisa, mas este tipo de definição não nos faz conhecer a essência do Ser. Essa espécie de definição é parcial, visto que não podemos dar uma definição exaustiva e positiva de Deus (oposta à negativa). Essa definição consiste na apresentação de uma lista de todos os atributos conhecidos de Deus, e estes são em grande parte negativos, isto é, dizemos o que ele não é, ao invés de afirmarmos positivamente o que ele é.

B. OS ATRIBUTOS DE DEUS REVELAM O SEU SER

Da simplicidade de Deus segue-se que Deus e seus atributos são um só. Os atributos não podem ser considerados como partes que entram na composição de Deus, porque ele não é composto de várias partes como os seres humanos.[105]

Costuma-se dizer em teologia que os atributos de Deus são o próprio Deus segundo ele se nos revela.[106] Não é errado dizer, contudo, que a essência de Deus se encontra em cada um de seus atributos.

[103] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 46.
[104] Essa observação está em W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology*, vol. 1, 158.
[105] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 50.
[106] Ibid., 51.

Naturalmente devemos nos pôr em guarda contra a idéia de separar a essência divina dos seus atributos ou perfeições, e também contra o falso conceito da relação que guardam entre si. Os atributos são verdades determinativas do Ser divino, são qualidades inerentes do Ser de Deus.

C. OS ATRIBUTOS REVELAM O SEU CARÁTER

Embora o conhecimento de Deus seja proporcional ao que ele revela de si, os atributos de Deus revelam como Deus é, como funciona o seu caráter. As Escrituras revelam a mente de Deus, abrem os nossos olhos para que o vejamos de maneira correta. Todas as informações que as Escrituras dão acerca de Deus correspondem à realidade. Por isso, Grudem afirma que "embora tudo o que as Escrituras nos dizem a respeito de Deus seja verdadeiro, não é, todavia, exaustivo".[107]

D. DEUS É INCOMPREENSÍVEL MAS COGNOSCÍVEL

A fim de entrarmos no tema dos atributos, vamos repetir as idéias de capítulos anteriores. A maneira de recordar a matéria é fazer duas perguntas distintas: Deus pode ser conhecido? Deus pode ser compreendido? Quanto à primeira pergunta, podemos dizer "sim". Contudo, quanto à segunda, temos que dizer "não".

O ser de Deus pode ser conhecido? Sim, até onde ele mesmo se revela. Contudo, no seu ser mais interior Deus é incompreensível, porque não o conhecemos perfeitamente. A incompreensibilidade está diretamente relacionada à falta de um pleno conhecimento dele.

É necessário que se estabeleça a diferença entre "conhecer" e "compreender". Três perguntas normalmente são feitas: "Quem é Deus?"; "Qual é a natureza da sua constituição íntima?"; "O que o faz ser o que é?". A resposta a estas perguntas requer uma compreensão exaustiva do ser de Deus que jamais poderemos ter. O finito não pode compreender o Infinito (ver a pergunta de Zofar em Jó 11.7).

Fora da revelação de Deus pelos seus atributos, não podemos ter nenhum conhecimento do seu Ser. Podemos conhecê-lo até onde ele se revela em seus atributos, ainda que esse conhecimento esteja condicionado às nossas limitações humanas.[108]

[107] Grudem, *Systematic Theology*, 160.
[108] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 49.

Calvino pensa que Deus não pode ser conhecido em sua perfeição, mas não nega que possamos conhecer algo do seu Ser ou natureza. Todavia, esse conhecimento não pode ser *a priori,* e sim *a posteriori*, mediante a observação dos atributos, que são indicações da natureza de Deus. Eles nos dão uma idéia de quem Deus é, especialmente no que diz respeito à sua relação conosco.[109]

Não podemos compreender a Deus porque ele é de natureza muito diferente da nossa e está acima de nosso entendimento. Só compreendemos alguém quando o conhecemos exaustivamente. Este ponto nos leva a crer, pelo menos, que Deus pode ser conhecido em alguma medida. Não podemos compreendê-lo, mas podemos conhecê-lo. E o conhecimento de Deus é uma condição *sine qua non* para que o homem possa ser salvo (Jo 17.3; IJo 5.20).

Lutero falou muito do *Deus Absconditus*, para distingui-lo do *Deus Revelatus.* Mesmo o Deus revelado, às vezes, permanece escondido porque não podemos conhecer exaustivamente sobre ele.

Calvino achava que para o homem é impossível conhecer Deus em suas profundezas. Ele disse que a essência de Deus é incompreensível de tal modo que o conhecimento pleno de sua divindade escapa completamente aos nossos sentidos.

A teologia reformada afirma que Deus pode ser conhecido, mas que é impossível ao homem ter dele um conhecimento exaustivo. O conhecimento que o homem tem de Deus é limitado ao que ele revela de si mesmo na natureza e nas Escrituras Sagradas.

Se pudéssemos ter um conhecimento exaustivo de Deus, seríamos iguais a ele. Somente um igual pode conhecer o outro exaustivamente. A máxima reformada é: *Finitum non possit capere infinitum* (o finito não é capaz de captar ou conter o Infinito).

Embora não possamos ter um conhecimento exaustivo de Deus, cremos que podemos ter um conhecimento adequado dele, isto é, um conhecimento que corresponde à realidade. Esse conhecimento é adequado porque as informações sobre ele partem dele mesmo.

E. A DETERMINAÇÃO DOS ATRIBUTOS DE DEUS NO ESCOLASTICISMO

No seu intento de formular um teologia natural, os escolásticos afirmavam três modos de se determinar os atributos de Deus:

[109] Ibid.

1) ***Via Causalitatis*** – Partimos dos efeitos, vendo o mundo que nos rodeia, até a idéia da primeira causa. Pela contemplação da criação podemos chegar à idéia de um Criador Todo-poderoso; pela observação do governo moral do mundo chegamos à conclusão de que há um Governante sábio e moral.

2) ***Via Negationis*** – Removemos de nossa idéia de Deus todas as imperfeições que vemos nas criaturas inconsistentes com a idéia de um Ser Perfeito, e lhe atribuímos as perfeições opostas. Com base neste princípio, podemos dizer que Deus é incompreensível, independente, infinito, incorpóreo, imenso, eterno, etc.

3) ***Via Eminentiae*** – Atribuímos a Deus, num grau muito maior, as perfeições relativas que vemos em nós mesmos. O princípio é: se há alguma coisa boa nas criaturas, o Criador a tem em muito maior grau. Exemplo: bondade, amor, poder, etc.

Há duas maneiras, portanto, de se descrever a Deus ou de conhecê-lo: pelo modo de afirmação, que é a *via eminentiae*, mostrando a excelência das coisas boas que há na criatura, e pela negação, quando removemos de Deus o que há de imperfeito na criatura. A primeira atribui a ele o que é excelente; a segunda nega nele tudo o que é imperfeito. O modo de negação, de uma certa forma, é o mais fácil de entender: é muito mais fácil negar em Deus as nossas imperfeições do que afirmar as coisas boas que ele tem em maior grau, porque conhecemos muito pouco das mesmas. Mesmo quando dizemos que Deus é infinito, imenso, imutável, etc., estamos negando nele a finitude, imensidão, mutabilidade, etc. E mesmo quando dizemos que ele é Espírito, estamos dizendo que ele não tem corpo.

Esse método escolástico pode ser conveniente para alguns, porque parte do conhecido para o desconhecido, mas não é o método mais adequado para a teologia dogmática, conforme a entende o estudioso reformado. Esse método tem o seu ponto de partida no ser humano e formula suas conclusões partindo do que se encontra no ser humano para chegar ao que Deus possui. Nesse sentido, pode-se dizer que Deus é a medida do ser humano.[110] Mas é curioso que esse método escolástico influenciou muitos teólogos reformados, especialmente do período pós-Reforma, que ficaram conhecidos como teólogos do Escolasticismo Protestante.[111]

O único caminho adequado para se ter um conhecimento fidedigno de Deus é estudar a revelação que Deus deu de si próprio. O método escolástico é o *a*

[110] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 61-62.
[111] Ver Charnock, *The Existence and Attributes of God*, vol. 1, 181-182.

priori, porque deduz as perfeições de Deus da noção antecipada de um Ser Perfeito. O método aconselhável é o *a posteriori*, aquele que é produto do nosso exame da revelação divina. Ele é o melhor método porque tem o seu ponto de partida no ser que se revela. Portanto, à luz dessa revelação podemos conhecer o Ser divino.

F. CLASSIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS DE DEUS

Várias classificações têm sido sugeridas na história da teologia sistemática:

1) Atributos *Naturais* e *Morais* – os naturais são atributos como auto-existência, simplicidade e infinidade, que não dependem da vontade de Deus. Os morais são atributos como bondade, verdade, misericórdia, justiça e santidade, que caracterizam Deus como um ser moral.

A objeção a essa classificação é que todos os atributos são naturais em Deus e fazem parte de sua constituição.

2) Atributos *Absolutos* e *Relativos* – os primeiros correspondem à essência de Deus considerado em si mesmo (auto-existência, imensidão, eternidade, etc.), ao passo que os atributos relativos correspondem à essência divina em relação à criação (onipresença, onisciência).

A objeção contra essa classificação é que todas as qualidades de Deus têm de algum modo a ver com o mundo que ele criou, embora já existissem em Deus antes de o mundo ser criado. Todas fazem parte do ser de Deus.

3) Atributos *Imanentes* (intransitivos) e *Emanentes* (transitivos) – os primeiros são os atributos que não se projetam nem operam fora da essência divina (imensidão, simplicidade, eternidade, etc.); os segundos são aqueles que se irradiam e produzem efeitos externos a Deus (onipotência, benevolência, justiça, etc.).

A objeção contra essa classificação é que se alguns atributos fossem estritamente imanentes, o conhecimento dos mesmos seria totalmente impossível.

4) Atributos *Comunicáveis e Incomunicáveis* – os últimos são aqueles que não encontram nenhuma analogia no ser humano, e tem a ver com o Ser Absoluto de Deus (auto-existência, imensidão, simplicidade, etc.), apontando para Deus como o *Deus Absconditus* (o Deus escondido); os primeiros são os que encontram alguma ressonância nos seres humanos. Eles são transmitidos, em algum grau, aos seres humanos, e têm a ver com o Ser Pessoal de Deus (poder, amor, bondade, justiça, etc.), apontando para o *Deus revelatus*, o Deus revelado que se nos dá a conhecer mais facilmente.

G. OS ATRIBUTOS DE DEUS NOS SÍMBOLOS DE WESTMINSTER

A definição contida na resposta do *Breve Catecismo de Westminster* à pergunta 4 ("Quem é Deus?") diz o seguinte: "Deus é espírito infinito, eterno e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade".

A *Confissão de Fé de Westminster* mostra os atributos incomunicáveis e os comunicáveis (mesmo que ela não use essa distinção clássica) nas seguintes palavras:

> "Há um só Deus vivo e verdadeiro, o qual é infinito em seu Ser e *perfeições*. Ele é um espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou paixões; *é imutável, imenso, eterno, incompreensível, onipotente, onisciente*, santíssimo, *completamente livre e absoluto*, fazendo tudo para a sua própria glória e segundo o conselho da sua própria vontade, que é reta e imutável. É *cheio de amor, é gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso* e verdadeiro remunerador dos que o buscam e, contudo, *justíssimo e terrível em seus juízos*, pois odeia todo o pecado; de igual modo não terá por inocente o culpado" (II, 1).

A primeira lista de palavras em itálico, na citação acima, diz respeito aos atributos incomunicáveis, enquanto a segunda mostra os atributos comunicáveis. No próximo capítulo começaremos com os atributos incomunicáveis, pois expressam a singularidade de Deus, isto é, aquilo em que ele é absolutamente ímpar.

PARTE 1

ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS

Freqüentemente os atributos incomunicáveis de Deus são mal compreendidos na igreja, justamente porque nos apontam aspectos menos familiares a respeito de Deus e, portanto, menos conhecidos de nós, porque não têm nada a ver com a nossa experiência.

DEFINIÇÃO

Os atributos incomunicáveis são aqueles que distinguem Deus como Deus, sendo ímpar naquilo que é e faz. Esses atributos são a marca distintiva do Altíssimo que o torna absolutamente inigualável! Eles são exclusivos de Deus e não há nenhuma correspondência aos mesmos na criatura. Esses atributos não podem ser transferíveis aos seres humanos, pois a finitude destes impede que os possuam. Os teólogos do escolasticismo protestante entenderam a impossibilidade de Deus comunicar essas qualidades aos homens e usaram um axioma latino que expressa a idéia acima: *Finitum non capax infiniti* (o finito é incapaz do infinito). Com isto eles pretenderam dizer que os seres humanos não eram capazes de captar, compreender ou receber o infinito.[112]

Esses atributos são chamados incomunicáveis porque indicam que de nenhum modo podemos ver traços desses atributos em nossa personalidade. Deus não passou ou comunicou nenhum aspecto deles a nós. Não há nenhuma analogia em nosso ser com aquilo que é próprio e exclusivo da divindade. Portanto, os atributos incomunicáveis pertencem somente a Deus, não havendo nenhuma correspondência a eles na criatura. Esses atributos apresentam a singularidade de Deus.

ELES APONTAM PARA DEUS COMO SER ABSOLUTO

Esses atributos tratam do ser de Deus como um ser absoluto. Esse "Absoluto" não é equivalente ao "Absoluto" da filosofia que significa a base última de todas as coisas. O Deus da filosofia e do teísmo não são necessariamente o mesmo, embora haja traços em que eles se identificam. O "Absoluto" da filosofia é o que está livre de todas as limitações e impedimentos. O "Absoluto" é aquele que está livre de todas as condições (o Incondicionado, o que existe por si mesmo), livre de todas as relações (o Irrelacionado), livre de todas as imperfeições (o Perfeito), livre de todo o fenômeno de diferença ou distinção, tais como matéria e espírito. O Deus da teologia cristã, contudo, embora seja o Absoluto, não é irrelacionado, nem é livre para fazer qualquer coisa que contraria a sua própria natureza.

Em alguns desses sentidos o Absoluto da filosofia pode ser identificado com o Absoluto da Teologia, mas não em todos os casos.

Neste capítulo, veremos basicamente quatro atributos incomunicáveis: Espiritualidade, Independência, Imutabilidade e Infinidade.

---

[112] Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*, 119.

ÍNDICE

CAPÍTULO 7 – A ESPIRITUALIDADE DE DEUS

A. Os Diversos Modos de Existência de um Espírito 171
1. Espírito Humano 171
2. Espírito de Cristo 171
3. Os Anjos São Espíritos 172
B. A Importância de Deus Ser um Ente Espiritual Puríssimo 172
1. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Poderia Ser Criador 172
2. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria Infinito 173
3. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Poderia Ser Independente 173
4. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria Imutável 173
5. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria Onipresente 174
6. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria o Ser mais Perfeito 174
C. Deus É um Ser Incorpóreo 174
D. Deus É um Ser Invisível 175
E. Deus É um Ser Imortal 175
F. Deus É um Ser Simples 176
Aplicação 177

Capítulo 7

A ESPIRITUALIDADE DE DEUS

Deus é um ser espiritual, puríssimo e infinito. Nesse sentido ele é ímpar, diferente mesmo dos anjos, que também são seres espirituais. No diálogo de Jesus com a mulher Samaritana há a afirmação do próprio Jesus sobre a natureza do seu Pai. Disse ele: "Deus é Espírito" (Jo 4.24) – isto significa que ele não possui natureza corpórea como os homens, e que não há nele mistura alguma com o que é físico ou material.

Obviamente, há outras criaturas suas que também são seres unicamente espirituais, sem qualquer conotação corpórea, como os anjos, por exemplo (Hb 1.13, 14). Mas Deus é um espírito muito diferente dos outros seres espirituais, porque, juntamente com o fato de ser espírito puríssimo, ele é infinito, imensurável, onipresente, onipotente, possuindo todos os demais atributos incomunicáveis justamente porque é um ser eminentemente espiritual.

Expliquemos isto através da análise dos diversos modos de ser de um espírito:

A. OS DIVERSOS MODOS DE EXISTÊNCIA DE UM ESPÍRITO

1. Espírito Humano

As almas dos homens são chamadas "espíritos" (Ec 12.7). A parte imaterial dos homens é também chamada de "espiritual", que se contrapõe e, ao mesmo tempo, é a parte complementar do homem material que se evidencia no corpo. Esse espírito humano, a despeito de poder viver desincorporado (quando o homem morre), todavia, não é a expressão do ser humano completo.

2. Espírito de Cristo

As Escrituras dizem que o Redentor tem um espírito. Aqui não se trata do

Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, mas da alma humana do Redentor (Jo 19.30). Como homem que era, Jesus possuía corpo e alma verdadeiramente humanos. Jesus Cristo não era um ser puramente espiritual, como alguns pensam. Ele possuía todas as propriedades de um verdadeiro e completo ser humano, mesmo depois de ressuscitado. Veja a noção que Jesus Cristo dá de um espírito: "...um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39).

3. Os Anjos São Espíritos

O Salmo 104.4 mostra a espiritualidade dos anjos. Mesmo os anjos caídos são seres espirituais (Mc 1.17). Os anjos, ou outros seres celestiais, são meramente espirituais, sem qualquer conotação física. Todas as vezes que homens viram anjos (nas Escrituras), estes assumiram uma forma visível a fim de que pudessem se comunicar com os seres humanos, mas são seres eminentemente espirituais.

Um espírito, portanto, é um ser imaterial que age por si mesmo. Um mero corpo não pode agir por si mesmo. Ele tem que ser animado por um espírito.

Deus é o mais espiritual de todos os seres. Como ele excede as criaturas, também as excede em seu modo de ser espiritual, porque é o Pai dos espíritos (Hb 12.9).

B. A IMPORTÂNCIA DE DEUS SER UM ENTE ESPIRITUAL PURÍSSIMO[113]

1. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Poderia Ser Criador

A matéria veio a existir das coisas que não existiam. A matéria é criação, teve um começo. Toda criação é *ex-nihilo*, isto é, "veio do nada", ainda que seja preferível dizer que ela foi feita sem haver qualquer material preexistente.

Somente um Espírito infinito poderia criar a matéria e os espíritos finitos. Nenhum ser corpóreo poderia ter criado a matéria, se ele já é matéria. A matéria é temporal, assim como os seres espirituais. Todos tiveram um começo. Nada que é finito pode gerar outro igual. Somente o Deus-Espírito infinito pode ser criador.

[113] Ver Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, vol. 1, 182-188.

2. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria Infinito

Todos os corpos têm uma natureza finita. Tudo o que é material tem um limite, mesmo o universo que Deus criou. O universo não é infinito.

Se tivesse um corpo, Deus seria composto de partes, o que traria limite a ele. Para considerá-lo livre de limitações, temos que crer na espiritualidade pura de Deus. Ele excede a sua própria criação (2Cr 2.6). Deus possui uma essência que extravasa os limites da sua própria criação.

Se Deus tivesse partes, as partes finitas nunca poderiam compor um ser infinito. E o que é infinito não pode ser dividido.

3. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Poderia Ser Independente

Um ser corpóreo é um ser composto e tudo o que é composto depende integralmente das partes. Como a essência do homem depende da conjunção ou da união do espírito com o corpo, senão ele cessa de ser o que é, assim Deus dependeria do devido exercício das partes para ser Deus, porém um Deus dependente.

Se em Deus houvesse qualquer elemento corpóreo, Deus dependeria do bom exercício das partes do corpo para poder ser o que é. Soa muito estranho Deus ter partes das quais depende. Um Deus assim parece-se mais conosco, todavia, e não com o Deus que a Bíblia apresenta, o "Eu Sou". Ele disse: "Eu sou o primeiro e o último" (Is 44.6). Nada houve antes dele, e nada haverá depois dele. Ele não depende de nada, mas tudo depende dele.

4. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria Imutável

Sua imutabilidade depende da sua simplicidade. Ele é imutável na Sua essência porque é puro e é um Ser espiritual não misturado com partes finitas.

Se Adão houvesse obedecido, ele não morreria. Ficaria imutável na sua condição de santidade em que foi criado. Da mesma forma os remidos no céu ou na nova terra. Eles não terão o seu estado de santidade alterado, porque serão conservados daquela forma pela bondade de Deus. A imutabilidade do seu estado decorre da vontade de Deus, não uma imutabilidade de essência. Eles continuam ainda, lá no céu, a ter uma natureza mutável. Apenas serão preservados em santidade pelo amor gracioso de Deus. A imutabilidade de essência pertence somente a Deus porque ele é eminentemente espiritual e, por isso, incriado, independente e poderoso.

5. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria Onipresente

Ele está acima no céu e embaixo na terra. Ele enche os céus e a terra (Jr 23.24). Essa propriedade é impossível para um ser corpóreo. Somente um ser eminente e puramente espiritual pode ter essa capacidade. Visto que Deus está em toda parte, ele certamente deve ser espiritual.

Se ele tivesse corpo, não poderia penetrar todas as coisas, estaria circunscrito a um lugar. Ele não poderia estar em todos os lugares com todo o seu ser, apenas em partes: um membro num lugar, e outro noutro. Se ele fosse somente corpo, não poderia haver nenhuma outra coisa no universo, senão ele próprio. Dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. Um excluiria o outro.

6. Se Deus não Fosse um Ser Espiritual, Ele não Seria o Ser mais Perfeito

Se ele não fosse um espírito puríssimo, outras de suas criaturas poderiam ser mais perfeitas do que ele. Em geral, há mais noção de imperfeição e limitação nas criaturas corpóreas do que nas espirituais. Deus, como ser espiritual, não pode ser menos perfeito do que suas próprias criaturas.

É a sua plena natureza espiritual que lhe dá o caráter perfeito que tem. Todas as outras criaturas, mesmo as espirituais, são sujeitas a limitações, imperfeições e mudanças, mas Deus é espírito perfeito, não um ser contingente.

Pudemos, portanto, observar que os atributos incomunicáveis de Deus estão, de algum modo, dependentes do fato de Deus ser puramente espiritual. É muito importante que essa espiritualidade infinita de Deus seja conhecida e proclamada, porque nisto ele difere absolutamente de todas as suas criaturas.

C. DEUS É UM SER INCORPÓREO

Como um ser espiritual puríssimo, Deus é um ser incorpóreo. Esse é um dos conceitos mais óbvios no Deus das Escrituras. Ele não tem forma, não é mensurável espacialmente, nem possui qualquer tipo de aparência. Esta verdade está subjacente no segundo mandamento. Por essa razão, ele abomina qualquer forma que o ser humano possa lhe dar. Daí a proibição nos mandamentos de se fazer imagens que o representem (ver Êx 20).

Deus pode tomar formas temporariamente, como o fez várias vezes[114] para

[114] Deus tomou forma de homem (Gn 18.1-15), de fogo (Êx 3.2-4) e de fumaça (Êx 20.18-21) para revelar-se aos

comunicar-se com os homens revelacionalmente, seja com o propósito de redenção ou de juízo. Essas formas que Deus assume são chamadas *teofanias*, mas não são formas essenciais de Deus. Ele as assumiu no passado apenas para fazer-se conhecido dos seres humanos. Contudo, nós não podemos atribuir formas a Deus, porque se fazemos isso negamos a sua natureza espiritual que lhe é essencial. Um ser corpóreo, como já foi dito acima, elimina outros atributos como infinidade, imutabilidade, onipresença, independência, etc.

D. DEUS É UM SER INVISÍVEL

Uma das características da espiritualidade é ser invisível. Um ser corpóreo não pode ter a propriedade da invisibilidade, embora haja coisas materiais que não sejam visíveis: o vento é material e, todavia, invisível. Todo corpo que tem membros, como um corpo é visível. Como Deus não possui corporeidade, ele é invisível. De uma maneira bem clara, Paulo diz:

> 1Tm 1.17 – "Assim, ao Rei eterno, imortal, *invisível*, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém."

Ele não somente é invisível mas também é imperceptível aos nossos sentidos, ao contrário do vento. Não vemos o vento, mas o sentimos, porque a invisibilidade do vento não faz com que ele não se choque com os seres corpóreos. Em contraste com eles, Deus é incapaz de ser visto e percebido pelos sentidos humanos, a menos que se comunique com os seres humanos e se faça perceptível.

Se ele é invisível é porque é espiritual. Suas obras são visíveis, mas não o seu ser. Jesus nos mostra o que a sua natureza humana é (Lc 24.39), mas ele não poderia dizer o mesmo de sua natureza divina, que é eminentemente espiritual. Portanto, é impossível para o ser humano ver a Deus, porque este não pode ser percebido pelos nossos sentidos visuais. Não é uma questão de falta de oportunidade, mas de incapacidade. É propriedade divina não poder ser contemplado por olhos humanos (1Tm 6.16). Isso se deve ao fato de que ele é um ser eminentemente espiritual, que não possui forma (Jo 5.37). Se Deus tivesse uma substância corpórea, ele poderia ser medido pelos olhos físicos.

E. DEUS É UM SER IMORTAL

O mesmo texto de 1 Timóteo 6.16 fala que Deus é o "único que possui imortalidade". Literalmente, ele é o único ser imortal. Todos os outros seres,

homens, mas essas teofanias não pertencem à sua natureza, pois ele é um espírito puríssimo e infinito.

homens e anjos, são mortais,[115] isto é, são passíveis de serem separados de Deus. Os homens são mortais porque não somente são separados de Deus por causa dos seus pecados, mas são separados de si mesmos, quando o corpo (que é o homem) se separa do espírito (que é o homem). O ser humano fica morto espiritualmente até que seja regenerado, ou seja, até que venha à vida espiritual; ele fica morto (separado de si) até o tempo da ressurreição final, quando ressurge. Existe o caso dos homens que não foram regenerados e morreram. Estes, depois da ressurreição, ficarão mortos para sempre, quando serão lançados no lago de fogo.

Todavia, Deus não é separado de nada. Ele é imortal. Ele é a origem de todas as coisas e a vida está nele. A vida de Deus não é derivada, mas original nele, sendo eterna e indestrutível. Os homens morrem porque recebem vida e a vida lhes é tirada, porque a vida não é parte da sua essência. Mas a vida é essencial em Deus. Se Deus morre, ele perde a sua própria essência. Por isso é que ele é o único imortal. A sua imortalidade está ligada ao fato de ele ser um ente infinito, espiritual, independente, etc.

F. DEUS É UM SER SIMPLES

Por simples queremos dizer sem composição. Se Deus tivesse alguma conotação corpórea, ele seria como nós, composto, e, portanto, capaz de divisão. As partes seriam a sua parte finita. Se existe em partes, não é completo, nem simples. Se as partes são finitas, não podem ser parte de Deus, pois um conjunto de partes finitas não pode compor o infinito; se as partes são infinitas, são mais de uma divindade, e se há infinitos, é uma contradição de termos, porque é uma impossibilidade haver mais de um infinito.

Berkhof fala dessa característica da espiritualidade de uma outra forma. Ele a chama de *Unitas Simplicitatis*.[116]

Isto significa que a essência de Deus é indivisível. Não se pode afirmar que parte dele é bondade, parte dele é justiça, parte dele é amor, etc. A essência de Deus é indivisível porque ele não é composto de partes ou de atributos.

Essa qualidade de ser simples está intimamente relacionada com a idéia da verdadeira espiritualidade de Deus e de sua eternidade. A simplicidade é resultado direto do fato de Deus ser um espírito puríssimo e eterno. Tudo aquilo que

[115] Na teologia, há um sentido em que se diz que o homem é imortal, mas não no sentido literal. Se por imortalidade entendemos que o homem vai existir para sempre, isto é, ele nunca cessará de existir, então ele é imortal. Mas se por imortalidade se *quer dizer que ele não morre*, então esse atributo não lhe cabe, porque ele *literalmente morre*.

[116] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 72, 73.

tem começo e fim é composto, mas Deus é eterno e, por isso, simples, sem divisão.

Deus é simples, isto é, ele tem a condição de ser livre de toda composição ou de divisão. As três pessoas da Trindade não são partes de um Deus. É importante notar que não há diferença entre a essência de Deus e seus atributos, e que seus atributos não são um acréscimo à sua essência.

Aplicação

Essa característica do ser divino o torna absolutamente distinto das suas criaturas, mesmo dos anjos, que são seres espirituais, mas finitos. Muito mais distante ele se torna de nós, pois além de ele ser espírito infinito, nós somos seres físicos, totalmente inseridos num contexto do qual não podemos sair. Deus, então, na sua bondade, decidiu dar-se a conhecer a nós. A princípio, ele usou de teofanias e, depois, de profecias. Porém, mais tarde, no tempo devido, ele usou alguém que veio refletir exatamente o que ele era, mas que teve de tornar-se um homem como nós.

Essa característica nos coloca numa posição de total dependência dele para que o conheçamos. É por essa razão que o Filho encarnou-se – para revelar quem era o seu Pai. Se Cristo não se encarnasse nunca conheceríamos, de fato e de verdade, o seu Pai.

A espiritualidade de Deus obriga-nos a curvarmos diante da sua invisibilidade, imortalidade e simplicidade para pedir-lhe clemência, perdão e graça sobre graça, para que continuemos a existir como seres visíveis, mortais e compostos e, portanto, finitos. Dependamos inteiramente de sua bondade, numa atitude de submissão à sua natureza espiritual e totalmente distinta da nossa.

ÍNDICE

CAPÍTULO 8 – A INDEPENDÊNCIA DE DEUS

A. Deus É Independente na Sua Existência 179
B. Ele É Independente no Seu Relacionamento 181
C. Deus É Independente nos Seus Pensamentos 181
D. Deus É Independente na Formulação dos Seus Planos 182
E. Deus É Independente na Execução de Sua Vontade 183
F. Deus É Independente no Seu Poder 184
Aplicação 185

Capítulo 8

A INDEPENDÊNCIA DE DEUS

Este atributo incomunicável também é conhecido como auto-existência. Deus é um ser que existe necessariamente, a saber, nunca veio à existência por vontade própria ou de alguém. Ele existe por si mesmo e sempre foi da maneira como é, não necessitando de nada e de ninguém além de si próprio. O ser humano não existe necessariamente. Ele veio a existir por vontade de alguém, mas o mesmo não pode ser dito de Deus. O homem existe, mas Deus é. A natureza de Deus exige que ele seja auto-existente, porque todas as outras coisas vieram a existir pela sua vontade (Ap 4.11). Deus é o Criador incriado e livre de qualquer necessidade. Ele é auto-suficiente, ao passo que todas as coisas que vieram a existir são sempre dependentes. A finitude aqui está em contraste com a infinitude de Deus que se evidencia em sua auto-existência.

A independência de Deus pode ser vista de vários modos:

A. DEUS É INDEPENDENTE NA SUA EXISTÊNCIA

Os seres humanos existem porque um dia foram trazidos à existência pela vontade de outros seres, mas não é assim com Deus. Ele existe de necessidade, não porque ele ou outro ser quis que ele viesse à existência. Não há nada ao nosso redor – família, casa, árvores, montanhas e tudo o que possa ser imaginado – que não tenha vindo à existência, mas Deus é distinto de tudo o que existe, que é produto da sua criação. Tudo neste mundo tem uma causa, exceto Deus. Ele não teve começo. Ele é o Criador incriado. Ele não depende de nada fora de si mesmo. Em outras palavras, Deus *é*, mas a sua criatura *veio à existência.*

A Escritura indica a independência e a auto-existência de Deus pelo menos em duas ocasiões: quando Moisés foi enviado a Faraó, foi o "Eu sou o que sou" que o enviou (Êx 3.13-15); ele é o Deus vivo que tem "vida em si mesmo", e diz que a pessoa do Filho também tem "vida em si mesmo" (Jo 5.26). Deus existe por si mesmo e, portanto, independe de tudo. Ele se basta. Ele existe pela neces-

sidade de si próprio, isto é, ele existe necessariamente. A natureza de Deus requer que ele exista, mesmo que nada mais existisse.

É esse atributo da independência que o faz ser conhecido mesmo na filosofia humana como a Primeira Causa de todas as outras coisas que vieram a existir. Ele é o originador (planejador) e o executor de tudo que há. Nada do que existe veio a existir sem ele, mas ele mesmo não depende de nada e de ninguém. Os homens não gostam muito de falar desse atributo de Deus, porque a idéia da dependência de Deus os humilha. Não há nada que deixe o homem mais aborrecido do que o fato de ele ser dependente. É aqui que está uma das infinitas diferenças entre o Criador independente e a criatura totalmente dependente. Deus não passou nada de sua independência ao homem. Por isso, esse atributo é chamado de incomunicável. Todavia, uma das coisas que mais encantam o ser humano é a idéia de ser independente de Deus. Talvez essa vontade pecaminosa advenha do fato de ele, desde o começo, querer ser igual a Deus. Mas isto é uma impossibilidade lógica, pois não pode haver dois infinitos ou independentes.

O nome latino para esse atributo divino incomunicável é *aseitas*, que significa aquele que tem origem em si mesmo. Quando o Deus auto-existente é a razão da existência de todas as coisas, aquele que voluntariamente entra em relação com o universo criado, então ele pode ser identificado com o Absoluto da filosofia.

Um outro aspecto da independência do seu ser é que ele não precisa de nada. Ele se basta a si mesmo. Ele não precisa de nada que exista fora dele. Antes de todas as coisas existirem ele já era e se bastava. Os deuses do panteão grego eram criados pela imaginação humana, sendo, por causa disso, deuses dependentes dos seus criadores. Contrastando o verdadeiro Deus com esses deuses dependentes, Paulo diz que ele

> "Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma cousa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17.25).

Embora Deus tenha a base da sua existência em si próprio, não se pode dizer que ele é autocausado ou auto-originado, porque ele é eterno e não tem origem nem fim. A independência de Deus inclui mais do que a idéia de sua auto-existência. Sua independência caracteriza-se não somente em sua existência, mas em todo o seu ser e atributos, seus decretos e suas obras da criação, providência e redenção.

Esse atributo distingue Deus de todas as criaturas. Por essência, Deus é diferente dos seres criados, porque ele é auto-existente, independente, fonte e origem de todas as coisas. Ele é absolutamente auto-existente em seu ser e obras.

B. ELE É INDEPENDENTE NO SEU RELACIONAMENTO

Ele é absolutamente independente, não precisando relacionar-se com ninguém além de si próprio. Ele fez o mundo porque quis, mas o mundo não era necessário para a existência de Deus. Deus sempre viveu relacionado consigo mesmo antes de criar o mundo, porque ele se basta.

Todavia, como ser de caráter pessoal que é, ele precisa de relacionamento, mas não precisa relacionar-se com ninguém fora do seu próprio ser. Ele é independente no seu relacionamento porque ele se basta em seu próprio ser. Ele sempre existiu em relacionamento porque ele existe tripessoalmente. O seu caráter tripessoal é auto-suficiente. Observe a expressão do Filho encarnado, Jesus Cristo, conversando com o Pai sobre o "tempo" em que os dois se relacionavam antes de haver criação:

> Jo 17.5 – "E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo."

Deus nunca precisou do mundo nem das pessoas do mundo para que pudesse, como ser pessoal que é, relacionar-se, porque sempre bastou-se nessa área devido ao seu caráter de subsistência tripessoal.

C. DEUS É INDEPENDENTE NOS SEUS PENSAMENTOS

Deus é independente nos seus pensamentos. Por pensamentos, estou me referindo à mente do Senhor. Ninguém se iguala ao Senhor no processo e no conteúdo de seu raciocínio. Simplesmente ele é ímpar. Esta foi a sensação que Paulo teve quando começou a tratar dos mistérios redentores de Deus:

> Rm 11.33, 34 – "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão *insondáveis* são os seus juízos, e quão *inescrutáveis* os seus caminhos! *Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?*"

Ao descrever os pensamentos redentores de Deus, Paulo fica extasiado! Eles demonstram uma sabedoria sem limite e sem paralelo. A obra redentora de Deus envolve uma inteligência que está além da nossa compreensão. Paulo usa duas palavras para descrever a sabedoria dos planos de Deus: "insondáveis" e "inescrutáveis". Essas duas palavras demonstram que a sabedoria da mente do Senhor não pode ser investigada pelos homens e, portanto, não pode ser compreendida por eles!

Com essas palavras sobre a inteligência de Deus e os seus planos redentores, Paulo não somente diz que esse assunto é difícil de compreender, mas afirma

que esses planos são impossíveis de serem compreendidos. É importante assinalar que Paulo não está falando aqui dos "mistérios escondidos" de Deus, mas simplesmente daquilo que ele revelou sobre a salvação. Mesmo essas coisas reveladas mostram a infindável sabedoria de Deus, que excede toda a compreensão humana. São essas coisas que ele chama de insondáveis e inescrutáveis. Que adjetivos, então, Paulo usaria para tratar das coisas secretas de Deus?!

Contudo, não estamos dizendo que as coisas que Deus revela sejam totalmente incompreensíveis. Muitas delas podemos entender, mas o que Paulo diz é que o modo como Deus opera a redenção dos pecadores é "insondável" e "inescrutável". Não podemos compreender o processo do raciocínio de Deus porque a mente de Deus é infinita em seus recursos. É impossível captar o *modus operandi* da mente divina. Todavia, se o homem quer conhecer alguma coisa do que Deus está fazendo, ele deve depender inteiramente da sua revelação. Ainda assim, após conhecer a revelação da redenção, Paulo se espanta com a grandiosidade insondável e inescrutável da mente divina. A revelação não implica necessariamente entendimento, mas certamente espanto e santa admiração!

Foi exatamente o que Paulo percebeu quando escreveu essas palavras a respeito da mente de Deus que é absolutamente independente:

Rm 11.34 – "Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?

Deus não depende de ninguém para conceber as coisas que concebe, nem para pensar o que pensa ou fazer o que faz. Ele é perfeitamente autopensante, livre de qualquer influência. Ele não precisa de instrução de quem quer que seja. O processo do seu pensamento é absolutamente suficiente em si mesmo, perfeitamente completo, concebendo e conhecendo perfeitamente todas as coisas de uma maneira infinita.

A mente do Senhor não pode ser conhecida à parte de sua revelação, porque ninguém conhece a mente do Senhor nem pode ser seu conselheiro. Ele não é devedor a ninguém daquilo que ele pensa. Por essa razão, ele não dá satisfação das suas idéias nem precisa justificá-las diante dos seres racionais.

A conclusão da doxologia de Paulo é que Deus é um Deus auto-existente, auto-suficiente, sendo independente em todos os seus pensamentos, possuindo de si mesmo conhecimento e sabedoria infinitos, independente das coisas criadas.

D. DEUS É INDEPENDENTE NA FORMULAÇÃO DOS SEUS PLANOS

Sl 33.10, 11 – "O Senhor frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos.

> O conselho do Senhor dura para sempre, os desígnios do seu coração, por todas as gerações".

Na realidade, os desígnios dos homens são reputados em nada por Deus. Ele simplesmente ignora os planos dos homens, porque os seus planos é que prevalecem. Eles duram para sempre!

Quando o Senhor resolve fazer alguma coisa ele não consulta os homens. Ele planeja todas as coisas como lhe agrada. Nos seus conselhos, ele não se aconselha com ninguém, pois ele é suficiente em si mesmo em conhecimento e em sabedoria. Por essa razão, diz o profeta em tons enfáticos:

> Is 40.13, 14 – "Quem guiou o Espírito do Senhor? Ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho do entendimento?"

Toda a história humana é a realização dos desígnios do Senhor previamente traçados. Ninguém disse ao Senhor o que ele devia fazer, porque todas as coisas estão perfeitamente claras na sua mente auto-suficiente. Deus é absolutamente independente na elaboração dos seus projetos. Ninguém é semelhante a Deus também nesse aspecto. Por essa razão, o profeta pergunta aos homens: "Com quem compararei a Deus? ou que cousa semelhante confrontareis com ele?", e o próprio Deus, de uma maneira direta, pergunta ao ser humano: "A quem, pois, me compararei para que eu lhe seja igual?" (Is 40.18, 25).

E. DEUS É INDEPENDENTE NA EXECUÇÃO DE SUA VONTADE

Deus não é somente auto-suficiente na elaboração dos seus planos, mas também na execução deles.

Ele executa todas as coisas de acordo com o conselho da sua vontade (Ef 1.5,11; Rm 9.19); nesse sentido ele é também incomparável (Is 40.18). Ele é totalmente independente das suas criaturas em tudo o que decide fazer. Ele não precisa de sugestões dos homens para realizar o que realiza. Ele não precisa do apoio dos homens ou da aprovação deles para o exercício da sua vontade.

A independência da vontade de Deus é ilustrada de maneira clara no livro do profeta Daniel. No capítulo 4 de Daniel há a história que narra a honra e o louvor que o rei Nabucodonosor presta ao Senhor Deus em virtude do exercício da sua vontade independente. O rei havia sido extremamente orgulhoso e arrogante enquanto dominou sobre o povo cativo. Veio, então, a pesada mão de

Deus sobre ele, fazendo-o viver como um animal sobre a terra (4.33). Então veio o tempo quando o rei foi restaurado à sua condição normal de homem. voltando ao entendimento (4.34). Depois de recobrar o entendimento, o rei louvou ao Senhor e reconheceu a sua soberania sobre todos os reis da terra e sobre toda a criação. Estas são as suas palavras:

> Dn 4.35 – "Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?"

Deus poderia destruir o desígnio das nações de um modo imediato, a saber, sem o uso de meios, como ele fez com Nabucodonosor. Contudo, nem sempre ele age imediatamente. O rei mostra aqui que Deus pode usar meios para cumprir os seus desígnios. O rei estava absolutamente certo quando disse que Deus usa instrumentos humanos para a consecução da sua vontade. No texto acima ele diz que opera com o exército dos céus, o que provavelmente refere-se a anjos, e com os moradores da terra, a saber, os exércitos dos homens, para cumprir os seus desígnios de derrubar e abater as nações.

Nabucodonosor ainda diz que a vontade decretiva de Deus não pode ser contrariada ou impedida. "Não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?" – A vontade de Deus não pode ficar sujeita ao nosso escrutínio. Não podemos impedir que a sua vontade possa ser feita. Isto é assim porque Deus é independente na execução da sua vontade. Ele faz todas as coisas como lhe apraz e nada fora dele mesmo pode interferir na execução dos seus planos. Foi exatamente nisto que o rei, outrora orgulhoso, veio prestar respeito à vontade independente de Deus. Como resultado de um amargo episódio, debaixo da poderosa mão de Deus, o rei de Babilônia confessou a sua vontade infinitamente diminuída diante da vontade independente de Deus.

Como Deus poderia cumprir todos os seus desígnios usando os meios da própria criação para resistir à soberba dos homens? A resposta está no ponto seguinte.

F. DEUS É INDEPENDENTE NO SEU PODER

Deus é independente na execução da sua vontade porque ele é independente no seu poder. A execução da sua vontade requer um poder e domínio absolutos. Por essa razão, o salmista diz: "No céu está o nosso Deus; e tudo faz como lhe agrada" (Sl 115.3).

Ele não precisa de ninguém para pôr em prática o que decretou. Seu poder é mostrado de maneira extraordinária nas Escrituras. Ele pode tudo enquanto as suas criaturas nada podem sem ele.

Deus não é poderoso da forma como os homens dizem ser. O seu poder é incomparável. Os homens só podem fazer coisas (se assim lhes for permitido por Deus) com o material que possuem, mas Deus faz com que todas as coisas venham a existir quando não haviam ainda. Ele reivindica esse direito inalienável para si, quando trata das coisas visíveis e das invisíveis, das coisas da criação e da redenção:

> Is 41.4 – "Quem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência, eu, o Senhor, o primeiro, e com os últimos eu mesmo".

Ninguém há como Deus em matéria de poder, porque o seu poder lhe é inerente, enquanto o das criaturas é derivado. O seu poder é infinito enquanto o das criaturas é finito. Ambos os poderes são absolutamente incomparáveis! Quando exercem o seu poder e energia, os homens se cansam, mas não o Senhor. Por isso ele disse:

> Is 40.28, 29 – "Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o seu entendimento. Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor."

Esses versos mostram o poder independente de Deus e o poder dependente dos homens. Que distância enorme existe entre o Criador e a criatura!

Aplicação

Um relacionamento apropriado com Deus exige de nós que creiamos em sua independência. Todos os outros atributos incomunicáveis vão estar ligados intimamente a este. Se você nega este atributo de Deus, certamente terá que negar sua imutabilidade, eternidade e infinidade.

Visto que Deus é auto-existente, ele não é afetado pela lei científica da entropia, isto é, ele não envelhece. Ele não participa daquilo que é próprio das coisas criadas. Essa segunda lei da termodinâmica, que afirma a deterioração de toda matéria/energia, é uma prova indicativa de que Deus é muitíssimo diferente da sua criatura. O cosmos inteiro sofre desgaste e precisa ser mantido pela providência divina, mas o Deus Providente não precisa ser mantido porque ele não sofre desgastes. Isso se deve à sua auto-existência, que é imutável.

Visto que Deus é auto-suficiente em seus pensamentos, sendo o seu conhecimento e sabedoria infinitos, devemos ter muito respeito e consideração por suas palavras como expressas nas Santas Escrituras. Elas revelam essa mente infinita de Deus. Por essa razão, não somente em nossas igrejas, mas nas nossas

famílias, a Palavra de Deus deve ter proeminência. As palavras desse Deus auto-suficiente deveriam fazer-nos inclinar diante dele em santa reverência. Não poderemos nunca refletir a mente de Deus a menos que tenhamos a mente de Deus que nos é comunicada pelo convívio sério e comprometido com as Escrituras.

O atributo da independência de Deus deve advertir-nos contra o sonho humano de ser independente. Foi este o sonho que Nabucodonosor, antes de ser humilhado, nutriu em sua mente. Antes da triste experiência de sua humilhação, o rei de Babilônia era o centro da sua preocupação, autoconfiante, jactancioso, arrogante, orgulhoso e convencido de que tinha o mundo nas suas mãos. Depois disso, ele pastou como um animal do campo, até reconhecer que só *Iavé* era Senhor. A independência ou auto-suficiência é propriedade exclusiva de Deus, um atributo que não é compartilhado com nenhuma criatura. Esse atributo deveria fazer-nos mais humildes e cada vez mais carentes da bondosa graça de Deus, tanto na manutenção de nossa vida natural como na criação e no aperfeiçoamento de nossa vida de relacionamento com ele. A graça não é parte da natureza. Ela tem que ser dada por Deus. Por essa razão, devemos entender que toda graça de que necessitamos procede daquele de quem procedem todas as coisas e que de nada precisa.

Portanto, não espere passar por uma experiência humilhante para reconhecer quem é o que possui independência. Submeta-se a Deus apenas pelo aprendizado da sua Palavra e viva dependente da sua orientação graciosa.

ÍNDICE

CAPÍTULO 9 – A IMUTABILIDADE DE DEUS

A. Deus É Imutável no Seu Ser 188

B. Deus É Imutável nos Seus Decretos 190

C. Deus É Imutável nas Suas Promessas 192

D. Deus É Imutável nos Seus Atributos 193
1. Imutável em Seu Amor 193
2. Imutável em Sua Verdade 193
3. Imutável em Sua Misericórdia 194

E. Deus É Imutável na Concessão dos Seus Dons 194

F. Aparentes Mudanças em Deus 195
1. Mudanças de Atitude em Deus 196
2. O Arrependimento de Deus 197
3. Aplicação 198
a. Aprenda a Ver que o Fundamento do Nosso Conforto, da Nossa Esperança, do Nosso Encorajamento e de Nossa Força Está na Imutabilidade de Deus 198
b. Aprenda a Contrastar a Nossa Mutabilidade de Criaturas com a Sua Imutabilidade como Criador 199
c. Aprenda a Aplicar a Doutrina da Imutabilidade de Deus à Sua Vida e à de Seus Descendentes 200

Capítulo 9

A IMUTABILIDADE DE DEUS

Este atributo incomunicável é um corolário de sua independência (Êx 3.14). Somente aquele que é independente pode ser imutável. Um ser sujeito a mudanças é um ser dependente. Por isso, somente Deus pode ser independente.

Nada fora dele mesmo faz com que ele, seus decretos, suas promessas ou seus atributos sejam alterados. Se pudéssemos definir esse atributo, diríamos que a imutabilidade é aquela perfeição por meio da qual Deus se despoja de toda mudança não somente em seu Ser, mas também em seus decretos, promessas e atributos.

A imutabilidade de Deus deve ser estudada à luz da experiência da mutabilidade dos seres criados. O Salmo 102 é um exemplo vívido do homem que passa, em contraste com Deus que permanece. O verso 12 diz: "Tu, porém, Senhor, permaneces para sempre, e a memória do teu nome de geração em geração". É esta imutabilidade que faz com que Deus seja conhecido como aquele que é estável e, portanto, digno de confiança, sendo, por isso, absolutamente distinto das suas criaturas. É nesse contexto que podemos perceber a fraqueza, a dependência e a mutabilidade dos homens em contraste com a força imutável e constante de Deus. Deus é a rocha que permanece para sempre, nunca muda e nunca se altera.

A. DEUS É IMUTÁVEL NO SEU SER

Deus é perfeitamente completo em si mesmo. Conseqüentemente, ele não é passível de mudança. Seu ser é imutável porque ele não tem progresso nem retrocesso algum. Deus não pode ser aumentado nem diminuído em suas capacidades essenciais. De um modo simples mas claro, diz o salmista:

> Sl 102.26, 27 – "Eles perecerão, mas tu permaneces; todos eles envelhecerão como um vestido, como roupa os mudarás, e serão mudados. Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim."

O salmista está falando, nos versos anteriores (vv. 24, 25), da criação de Deus. Na sua criação, tudo muda e possui a tendência de se deteriorar. Isto é explicado pela segunda lei da termodinâmica, que diz que tudo se deteriora. Não há nada que, por si só, permaneça para sempre. Contudo, o Criador não é como a criação. O primeiro permanece para sempre imutável, havendo sempre uma constância em Deus, enquanto a última é mudada pelo envelhecimento. Deus permanece o mesmo, sendo inalterável no seu ser. Isto o distingue sobremaneira de todos os seres criados!

A imutabilidade do ser divino está conectada com a sua independência, eternidade e infinidade. Um atributo conduz aos outros e está relacionado com eles. Deus não muda porque ele é invariável na sua natureza. É próprio das coisas finitas se alterarem, mas não daquele que é infinito. O homem caiu porque é possível a seres finitos caírem do estado em que foram criados, mas o mesmo não pode ser dito do Criador-Redentor. Por causa dessa imutabilidade, Deus, a despeito dos pecados do seu povo, não os leva à condenação. Ele é imutável no seu ser e naquilo que decide fazer.

> Tg 1.17 – "Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem *não pode existir variação ou sombra de mudança.*"

Essa é a imutabilidade de um Deus eterno e auto-suficiente. Ele é sempre o mesmo, o que dá base para crermos na sua fidelidade às suas promessas e aos seus decretos. Tudo vem dele, "o Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança". Ele não é devedor de ninguém; ele possui tudo. Todas as coisas que temos vem dele, e para ele tornam.

Porque ele não depende das coisas criadas e porque a sua essência é eterna, ele não muda. As Escrituras apresentam a Deus como quem existia eternamente, quando ainda nada existia, e isso o faz imutável em seu ser e aquele de quem provém todas as coisas. Tudo o que é criado não é eterno e, por isso, está sujeito a mudança. Mas Deus é eterno, imutável, sem as dificuldades da temporalidade e da finitude.

Por causa deste atributo, Deus está livre de qualquer aumento, diminuição, crescimento ou decadência. É impossível para Deus mudar para melhor ou para pior, porque ele é auto-suficiente em tudo. Suas prescrições e decretos não variam nunca. Por essa razão podemos confiar nele inteiramente. Ele não muda.

Se Deus não fosse imutável ele não seria Deus. Qualquer coisa que muda deixa de ser o que é. Mas Deus não altera em nada o seu ser.

A razão nos ensina que nenhuma mudança pode ocorrer em Deus, porque isto implicaria mudança para melhor ou para pior. Mas essas coisas são impossíveis em Deus, porque ele é perfeito em tudo o que faz e é.

Este atributo também distingue Deus de todas as suas criaturas. O homem é mutável e tem dificuldade de compreender que Deus possa ser diferente dele.

Sl 102.25-27 – "Em tempos remotos, lançaste os fundamentos da terra; e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, *mas tu permaneces*; todos eles envelhecerão como um vestido, como roupa os mudarás, e serão mudados. *Tu, porém, és sempre o mesmo*, e os teus anos jamais terão fim." (Ver Hb 1.12)

A frase de fundamental importância neste texto é: "Tu, porém, és sempre o mesmo". Aqui a imutabilidade de Deus está patentemente afirmada. Ele fala da singularidade da constância de Deus em contraste com as coisas da criação, que passam. É próprio das coisas finitas passarem, mas não do que é infinito e independente. A auto-existência de Deus faz com que ele seja imutável, constante, sem perecer nem mudar nunca.

B. DEUS É IMUTÁVEL NOS SEUS DECRETOS

Os decretos são as resoluções que o Senhor Deus toma (na eternidade) a fim de que sejam cumpridas ou realizadas na história do mundo. Ele decreta todos os acontecimentos, grandes ou pequenos, sejam diretamente relacionados com a história da redenção ou não. Tudo o que acontece em nosso mundo e em nossa vida pessoal é produto da vontade decretiva de Deus, que é imutável.

Jó 23.13, 14 – "*Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir*? O que ele deseja, isso fará. *Pois ele cumprirá o que está ordenado* a meu respeito, e muitas coisas como estas ainda tem consigo."

Ninguém dissuade Deus de fazer alguma coisa que ele *decide* fazer. Nem todos os homens do mundo podem fazer Deus mudar de opinião quando ele resolve fazer algo, mesmo que seja doloroso. O crente Jó tinha consciência plena de que o sofrimento pelo qual passava era produto dos decretos imutáveis de Deus. Tinha convicção de que todas as coisas que Deus havia ordenado a seu respeito haveriam de acontecer infalivelmente, porque ele sabia que Deus é imutável nas suas decisões. Não há como mudar os planos de Deus.

Jó 42.2 – "Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado."

O mesmo crente Jó tinha uma confiança absoluta no poder de Deus. Por isso, disse: "Bem sei que tudo podes". Contudo, a sua crença no poder de Deus não o levou a pedir a Deus para que mudasse os seus planos. Ao contrário, Jó possuía também a plena confiança de que nenhuma coisa que Deus havia determinado fazer podia ser frustrada. Deus é absolutamente imutável para ter seus planos atrapalhados por quem quer que seja.

Pv 19.21 – "Muitos propósitos há no coração do homem, *mas o desígnio do Senhor permanecerá.*"

Os seres humanos podem fazer planos, e os fazem constantemente. Muitos deles hoje, quando consultados sobre a realização dos seus planos, respondem: "Com certeza!", sem que levem em conta a impotência que lhes é peculiar. Deus, contudo, faz com que seus planos prevaleçam sobre os planos dos homens, porque somente seus planos são imutáveis. Todas as coisas que os homens planejam serão executadas contanto que estejam de acordo com os planos do Altíssimo. Os deste, sim, sempre haverão de ser realizados.

Is 14.24, 27 – "Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e, como determinei, assim se efetuará... Porque o Senhor dos Exércitos o *determinou; quem, pois, o invalidará*? A sua mão está estendida; *quem, pois, a fará voltar atrás?*"

Este verso sugere, de forma inequívoca, um decreto imutável de Deus. Tudo na história é feito em cumprimento dos decretos divinos. Não há quem faça o Senhor voltar atrás em seus propósitos. Quando ele *determina* fazer alguma coisa, não há retorno. Os homens são impotentes para reverter um decreto divino. Por essa razão, o profeta é contundente na sua apologia do decreto imutável de Deus!

Is 43.13 – "Ainda antes que houvesse dia, eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos; *agindo eu, quem impedirá*?"

O profeta Isaías é pródigo nas afirmações da imutabilidade dos decretos divinos. Quando Deus resolve não salvar alguém, não há quem o possa salvar, mas quando Deus resolve salvar, não há quem arranque essa pessoa do seu grandioso amor. Isso também é verdade a respeito da condenação que Deus traz aos seres humanos. Quando Deus age poderosamente, quem o pode impedir? Essa é a pergunta inquietante para os ímpios e, ao mesmo tempo, consoladora para os cristãos que estão debaixo da ação divina! Como é bom saber que essa mesma idéia pode ser aplicada no plano soteriológico: quando Deus age salvadoramente em nós, quem nos separará do seu amor que está em Cristo Jesus? Quem impedirá Deus de agir redentoramente em nós? Nem mesmo Satanás!

Is 46.8-11 – "Lembrai-vos das cousas passadas da antigüidade: que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antigüidade as cousas que ainda não sucederam; que digo: *o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade*; que chamo a ave de rapina desde o oriente, e de uma terra longínqua o homem do meu conselho. *Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei.*"

O Deus e Pai de Jesus Cristo é ímpar naquilo que faz. Não há ninguém como ele que, na sua imutabilidade, faz coisas antigas e que permanecem até hoje. Por que permanecem até hoje? Porque o seu "conselho permanecerá de pé". Então, ele completa dizendo que a sua "vontade ele fará". Ninguém impede Deus de cumprir os seus desígnios, nem mesmo as orações sinceras dos seus servos fiéis (Jr 11.14; 15.1). Quando Deus "toma um propósito (decreto), ele o executa". As determinações de Deus são infalíveis. Não há como escapar da vontade inevitavelmente imutável de Deus.

> Hb 6.17 – "Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa *a imutabilidade do seu propósito*, se interpôs com juramento."

O autor da carta aos Hebreus deixa claro que Deus faz juramentos (geralmente juramentos que envolvem seu próprio nome e sua própria santidade) para mostrar "firmemente a imutabilidade do seu propósito". Deus faz aquilo que ele proíbe aos homens (juramentos) porque ele não falha naquilo que diz, porque ele é poderoso para cumprir a sua palavra. Tudo isso para mostrar que ele não muda no que diz e decide fazer.

Portanto, podemos concluir neste aspecto que Deus nunca fez um "plano novo". Deus nunca começou tudo "de novo". Ele sempre teve uma vontade única e imutável.

Os homens mudam os seus planos, mas Deus não. Há duas razões pelas quais os planos dos homens mudam: a falta de previsão para antecipar-se aos acontecimentos, e a falta de poder para levá-los a cabo. Mas estas coisas não podem acontecer com Deus, de forma alguma. Ele é onisciente e onipotente. Não está, portanto, sujeito a mudança (Sl 33.11).

Esta é uma enorme diferença entre Deus e os homens, entre o Infinito e os finitos, entre o Criador e as criaturas. É uma diferença qualitativa. Criação e mutabilidade são termos análogos, assim como Criador e imutabilidade.

C. DEUS É IMUTÁVEL NAS SUAS PROMESSAS

Quando Deus promete algo ao ser humano, ele não altera nunca as suas promessas. Deus não muda de opinião nas suas promessas. Alguém pode ter a absoluta certeza de que Deus vai agir segundo as suas promessas porque isso é a expressão natural da sua natureza imutável. Porque ele é imutável em seu ser, é que o é nas suas promessas.

> 2Tm 2.13 – "Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo."

A fidelidade de Deus não deve ser entendida como fidelidade aos homens, mas a si próprio. Ele faz promessas e permanece fiel a elas. A sua fidelidade é uma maneira de ele nunca negar-se a si mesmo. Deus nunca pode mentir, isto é, falar algo e depois dizer que não falou ou não cumprir o que disse. Ele tem o dever para consigo próprio de ser fiel naquilo que promete. Ele agiria contra si mesmo se não fosse fiel.

Veja uma promessa básica e fundamental de Deus – a de abençoar em Abraão todas as famílias da terra (Gn 12.1-3) – cumprida em Gl 3.14-22. Observe todos os detalhes que Deus criou para tornar imutável a sua promessa! Por que ele tem o controle sobre toda a história é que é possível para ele ser imutável nas suas promessas.

É tolice pensar na imutabilidade de Deus e, todavia, duvidar das suas promessas. A fidelidade de Deus está baseada na sua imutabilidade. Porque Deus é imutável, ele é fiel. O cumprimento das suas promessas está vinculado ao *poder* para cumpri-las. O homem, via de regra, não cumpre suas promessas porque lhe falta um atributo chamado onipotência, mas este atributo não pode ser negado em Deus.

D. DEUS É IMUTÁVEL NOS SEUS ATRIBUTOS

1. Imutável em Seu Amor

O compromisso do amor de Deus é inviolável, porque é uma expressão singular da natureza de Deus que, em hipótese alguma, pode mudar. Quando Deus põe o seu coração numa pessoa, ele vai até o fim com esse amor. Deus não é como nós, que mudamos o nosso relacionamento com as pessoas dependendo do que elas possam nos oferecer. O amor de Deus é um amor que não termina nunca porque está relacionado com o seu atributo da imutabilidade, porque Deus ama a despeito do que somos. É parte do caráter de Deus amar sem limite de intensidade e sem limite de tempo (Jr 31.3). O amor de Deus é eterno e vai até às últimas conseqüências (Jo 13.1). A imutabilidade de Deus determina a duração infinita do seu amor.

2. Imutável em Sua Verdade

O que foi verdade uma vez, o será para sempre. A verdade de Deus não é algo subjetivo, dependendo dos sentimentos interiores das pessoas, mas a sua verdade está afirmada objetivamente nas suas leis, que são imutáveis. Deus não é como os homens, que fazem leis que são alteradas a cada análise que sofrem,

mas suas leis permanecem para sempre. É por isso que o salmista fala que a "sua verdade está firmada nos céus para sempre" (Sl 119.89), o que é sinônimo de perenidade.

A verdade de Deus que está afirmada nas Escrituras, e firmada para sempre nos céus, é imutável! Tudo se acaba, tudo se deteriora, mas não a verdade de Deus. Por essa razão, Jesus Cristo disse de suas palavras que "passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Lc 21.33). As palavras de Deus permanecem para sempre porque são imutáveis!

3. IMUTÁVEL EM SUA MISERICÓRDIA

Ml 3.6 – "Porque eu, o Senhor, *não mudo*; por isso, vós, ó filhos de Jacó, *não sois consumidos.*"

A razão de não sermos consumidos é porque Deus permanece imutável nos seus atributos. Porque Deus não muda é que permanecemos não somente vivos, mas sem a punição que os nossos pecados merecem. A misericórdia de Deus, por causa do que Cristo fez, é a não-imposição da penalidade sobre nós. Não obstante a continuação de nossos atos pecaminosos, Deus nos trata misericordiosamente, isto é, mantém a sua decisão de não mais nos tratar "segundo os nossos pecados" nem de nos retribuir "consoante as nossas iniqüidades" (Sl 103.10). De forma semelhante, Deus diz através do profeta Isaías que todas as coisas podem ser alteradas, mudadas ou removidas, "mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida" (Is 54.10). Essa misericórdia que nunca se aparta de nós está embasada na imutabilidade de Deus na expressão dos seus atributos bondosos.

O Salmo 100.5 fala-nos dessa misericórdia imutável de uma maneira bem popular, dizendo que ela nunca termina. O verso diz que "a sua misericórdia dura para sempre, e de geração em geração a sua fidelidade". Por que isto é assim? Porque Deus é imutável na manifestação dos seus atributos.

E. DEUS É IMUTÁVEL NA CONCESSÃO DOS SEUS DONS

Deus é fiel na distribuição de seus dons. Nada do que ele concede é mudado por causa da natureza do Doador. Tiago diz que

> "toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança" (Tg 1.17).

Todos os dons são imutáveis por causa da natureza imutável daquele que os concede. Por que os seres humanos dão coisas e depois as querem de volta.

quando rompem os seus relacionamentos? Porque eles são mutáveis nos seus sentimentos. Mas não é assim com Deus. Deus dá e não retira os seus dons porque ele é imutável no seu ser e naquilo que faz.

O homem tem sentimentos alteráveis. Hoje ele ama, amanhã ele odeia. Os que gritaram: "Hosana, ao Filho de Davi!" foram os mesmos que disseram: "Crucifica-O!, crucifica-O!" O ser humano que hoje está de bom humor, amanhã está de mau humor. O homem é variável nos seus pensamentos e nos seus sentimentos porque não sabe julgar retamente; ele muda de opinião facilmente porque não possui todos os elementos de uma só vez, porque é passível de sucessão de tempo, porque está sujeito às categorias temporal e espacial. Mas não é assim com Deus. Por esta razão, podemos confiar nele, porque ele é imutável, a Rocha Eterna que não muda (Dt 32.4). Ele permanece sempre o mesmo.

Aqui está a grande consolação: não podemos confiar nos homens, mas podemos confiar inteiramente em Deus, porque ele não muda. Se Deus mudasse em seus sentimentos, atitudes e planos, quem poderia confiar nele? Mas ele é o mesmo "ontem, hoje e eternamente". Ele é a Rocha Eterna que nunca muda, segura e firme, inabalável!

Malaquias 3.6 diz: "Porque eu, o Senhor, *não mudo*; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos". Esse verso mostra que

> a imutabilidade intrínseca do caráter de Deus é o fundamento da crença na verdade e certeza de Sua Palavra... A imutabilidade do caráter de Deus também forma o fundamento para a certeza da contínua fidelidade de Deus ao seu povo da aliança, Israel.[117]

Essa concepção soteriológica dos dons de Deus como realidades imutáveis também é ensinada pelas Escrituras. Falando do amor eletivo de Deus demonstrado ao seu povo, mesmo a despeito dos seus pecados, Paulo diz que "os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Rm 11.29). Os dons de Deus oferecidos em Cristo e o seu chamamento das trevas para a luz são coisas que nunca são tiradas de nós, por causa da imutabilidade de Deus na manifestação de sua bondade aos seres humanos em quem ele pôs o seu coração.

F. APARENTES MUDANÇAS EM DEUS

A despeito de não haver nenhuma mudança na sua natureza, nos seus atributos, nos seus decretos e nas suas promessas, não podemos dizer que Deus é inamovível em tudo o que faz. Deus tem movimentos no seu ser e no seu modo

[117] Bruce A. Ware, "An Evangelical Reformulation of the Doctrine of the Immutability of God", *JETS* 29/4 (Dezembro 1986), 433.

de agir, que não o tornam um ser estático. Deus muda de atitude quando as suas promessas, por exemplo, são condicionadas à obediência dos seres humanos.

Portanto, se quisermos dar uma definição ainda melhor da imutabilidade de Deus, teremos que dividi-la em duas partes, como fez Grudem: "Deus é imutável em seu ser, suas perfeições, seus propósitos e suas promessas; *todavia*, Deus age, e ele o faz de modo diferente em resposta a diferentes situações."[118] Essa segunda parte da definição diz respeito às aparentes mudanças que as Escrituras atribuem a Deus e nos guarda contra a idéia da imobilidade em Deus.

Analisemos agora algumas mudanças aparentes no ser de Deus, que devem ser devidamente entendidas sem que tornemos Deus parecido com os seres criados, isto é, mutável.

1. MUDANÇAS DE ATITUDE EM DEUS

As Escrituras mostram as muitas vezes em que Deus muda de atitude para com o homem. Essas mudanças estão relacionadas com as suas bênçãos ou maldições condicionais.

O Salmo 78 é um exemplo típico dessas mudanças em Deus. Deus muda de atitude no seu relacionamento com os seres humanos dependendo da atitude que eles têm para com seus mandamentos. Então, Deus age de acordo com os padrões e exigências de sua natureza moral. É o caso do rei Ezequias (Is 38.1-8). Deus não alterou os seus planos quanto à duração da vida do rei, mas simplesmente afirmou que ele morreria de uma doença mortal, se não houvesse uma intervenção divina. Quando o rei se arrependeu dos seus pecados e suplicou pela misericórdia divina, Deus ouviu as suas orações e lhe deu a sobrevida. Essa sobrevida de 15 anos estava nos planos de Deus, que também incluem o arrependimento dos seus filhos. Portanto, seria tolice pensar em Deus como alguém que altera os seus decretos por causa da atitude dos homens. Deus se move de acordo com os planos que estabeleceu, que incluem as bênçãos condicionais.

Quando o estado moral dos homens muda, isto é, quando os homens se arrependem do mal praticado, Deus também muda de atitude para com eles, sendo-lhes misericordioso. Essa mudança de atitude em Deus de forma alguma indica que ele mudou qualquer coisa em sua natureza ou em seus atributos ou promessas.

Deus muda de ira para misericórdia, de maldição para bênção, de rejeição para aceitação. Essa atitude relacional de Deus não provoca nele nenhuma melhora ou piora. Ele apenas age de acordo com a sua natureza. Uma hora ele age

[118] Grudem, *Systematic Theology*, 160.

de acordo com o seu amor, outra hora de acordo com a sua justiça, sua soberania, etc. Foi assim que aconteceu com o rei Ezequias e com todos nós que estamos debaixo das suas bênçãos condicionais.

2. O ARREPENDIMENTO DE DEUS

Em muitos lugares as Escrituras afirmam que "Deus se arrependeu", como em Gênesis 6.5, 6; Êxodo 32.10-14; Jeremias 18.8,10; 26.13; Jonas 3.9,10,42; Amós 7.1-3.

Alguns desses textos dizem respeito a uma mudança da atitude de Deus estudada acima, mas há outros que parecem indicar uma mudança mais séria em Deus, que merecem uma análise mais detalhada.

Esse fenômeno de Deus se "arrependendo" é explicado em teologia como sendo um *antropopatismo*, isto é, a atribuição de um "sentimento humano" a Deus.

Todavia, há certos "sentimentos" de Deus que são próprios somente dele, e não das criaturas. Os escritores sacros tentaram expressar um sentimento que é próprio de Deus usando palavras que expressam um sentimento unicamente humano. Essas palavras humanas, mesmo que inspiradas, permanecem humanas, e não são suficientes para explicar o que a divindade sentiu quando se diz que ele se "arrependeu".

Uma outra verdade a respeito desta matéria, que está muito clara em vários textos das Escrituras, é que o arrependimento atribuído a Deus não tem o mesmo sentido que o arrependimento atribuído aos homens. Os versos a serem estudados abaixo atestam essa verdade.

De um lado, Deus não tem o "arrependimento" que o homem tem. Deus não é homem para se arrepender. É óbvio que o "arrependimento", que conota erro, falta de planejamento, impotência, etc., não pode ser atribuído a Deus. Essas coisas são próprias de seres criados, além de serem pecadores. O escritor bíblico contrasta o homem finito e pecador com o Deus eterno e imutável:

> Nm 23.19 – "Deus não é homem, para que minta; *nem filho de homem, para que se arrependa*. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou tendo falado, não o cumprirá?"

Isto quer dizer que Deus não possui as coisas próprias de um ser humano. Deus não planeja mal, Deus não erra nos seus objetivos, não pode crescer nem diminuir no seu conhecimento de tudo o que há. No mínimo, o arrependimento de Deus não é igual ao dos seres humanos na sua essência. Nele está a verdade

imutável e ele não age como agem os homens, arrependendo-se, isto é, mudando os seus planos ou as suas promessas, por causa da sua impotência ou do seu plano mal feito, ou ainda voltando atrás dos seus pecados.

> Sl 110.4 – "O Senhor jurou e *não se arrependerá*: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque."

De outro lado, o arrependimento que Deus tem, o homem não possui. O arrependimento de Deus é singular nele. É impossível para o homem possuir o que é próprio de Deus. No entanto, a expressão hebraica usada é a mesma. Uma das evidências mais fortes de que o arrependimento de Deus não é igual ao dos seres humanos está demonstrada em 1Sm 15.11, que deve ser comparado com 1Sm 15.29. Num mesmo capítulo se diz que Deus se arrepende e que ele não se arrepende. Como podemos entender isso? No verso 11, o escritor está se referindo ao arrependimento de Deus; no verso 29, ele se refere ao arrependimento dos homens. Observe que a palavra hebraica é a mesma nos dois casos, mas o sentido não é o mesmo. Eu posso saber com clareza qual é o tipo de arrependimento que os seres humanos possuem, mas não tenho condições de saber qual é o conteúdo do arrependimento em Deus. Certamente, os dois não são da mesma natureza.

Portanto, esse arrependimento, que não é coisa de homem, nós não sabemos exatamente o que possa ser. Se fosse possível ao homem conhecer sobre esse arrependimento, os escritores bíblicos teriam uma palavra mais apropriada. As Escrituras não têm uma palavra apropriada para o "arrependimento de Deus" porque nenhum ser humano conhece ou pode expressar esse sentimento, porque ele é peculiar a Deus. Então, os escritores sacros tentaram expressar um sentimento que é próprio de Deus com uma palavra que expressa um sentimento próprio de homens. Daí o nome técnico *antropopatismo*, ao qual já nos referimos acima.

Essas aparentes mudanças ou "arrependimentos" em Deus não indicam que Deus altera alguma coisa em seu ser, propósitos, atributos ou promessas.

3. Aplicação

A imutabilidade de Deus é de enorme importância para nós, seres humanos mutáveis, além de falíveis. Há alguns pontos que merecem ser mencionados:

a. Aprenda a Ver que o Fundamento do Nosso Conforto, da Nossa Esperança, do Nosso Encorajamento e de Nossa Força Está na Imutabilidade de Deus

Quando em todas essas situações de desconforto, Deus é o único Ser imutá-

vel para quem podemos apelar. Só em Deus há razão para se confiar, para se descansar ou ter esperança. A nossa força aumenta quando percebemos que Deus é sempre o mesmo, que o seu humor não muda e que ele permanece para sempre o que sempre foi.

Quando somos atingidos pelas doenças ou mesmo pela morte, para quem corremos? Para aquele que é sempre o mesmo, a Rocha dos Séculos, sempre firme e segura!

Quando a fraqueza e o desânimo nos atacam, para quem apelamos? Para aquele que é imutavelmente forte e que pode revigorar as nossas almas. Somente Deus é estável e constante!

Quando assolados pela insegurança do amanhã, em quem nos debruçamos? Para aquele que tem todas as coisas escritas e seguras desde os séculos sem fim. Ele é imutável nos seus propósitos e por isso descansamos nas suas mãos seguramente, sabendo que "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28).

Quando vítimas de nossos próprios pecados, com quem podemos contar? Com aquele que perdoa e que nunca volta atrás lançando contra nós os nossos próprios pecados. Ele é imutável na manifestação do seu amor perdoador!

b. Aprenda a Contrastar a Nossa Mutabilidade de Criaturas com a Sua Imutabilidade como Criador

O povo de Deus sempre tem sido inconstante em suas promessas de fidelidade e de lealdade ao seu Senhor. A fraqueza, a inconstância e a miséria têm sido marcas registradas mesmo dos crentes.

A imutabilidade de Deus é contrastada de forma vívida com tudo o que somos. Nesse contexto a sua imutabilidade brilha de forma fulgurante! Quanto mais fracos, infiéis, desleais e miseráveis, mais nítida fica a idéia da imutabilidade de Deus. Quanto mais mostramos a nossa condição de criaturas, mais evidente fica a imutabilidade do Criador.

Devemos aprender a ver esse contraste a fim de que possamos ter uma idéia melhor sobre quão grande é o nosso Deus! Esse contraste traz grande consolação para a nossa alma e nos ajuda a ver que não precisamos ficar desesperados quando as provações aparecem.

O contraste ressalta a nossa fraqueza e deve aumentar o nosso senso de dependência da sua imutabilidade. Seria muito bom para as famílias cristãs se elas se exercitassem na reflexão desse agudo contraste entre o que somos e o que Deus é: cresceríamos todos na admiração ao grande Deus!

c. Aprenda a Aplicar a Doutrina da Imutabilidade de Deus à Sua Vida e à de Seus Descendentes

A nossa confiança no Deus imutável determinará a maneira como nossos filhos vêem a Deus. Nossos filhos aprendem a descansar em Deus à medida que nos vêem fazer o mesmo. A nossa confiança nele ajudará a dar esperança aos que vêm depois de nós. É a nossa confiança na imutabilidade de Deus que fará perdurar em nossa descendência a continuação de um povo fiel a Deus aqui neste mundo.

A força, a dependência, a esperança e a coragem que a igreja de Deus tiver nos dias futuros, dependerá de como vemos e aplicamos a doutrina da imutabilidade de Deus hoje. A nossa crença na imutabilidade de Deus determinará a continuação de nossos filhos na fé. Portanto, aprendamos a aplicar a doutrina para nós mesmos, a fim de que nossos filhos aprendam a viver como nós. A atitude de nossos filhos e dos filhos deles, para com Deus, dependerá de como entendemos e vivemos com a idéia de um Deus imutável. O conceito correto que lhes passarmos os ajudará a viver alegremente na dependência de um Ser tão constante, estável e, portanto, absolutamente digno de confiança!

ÍNDICE

CAPÍTULO 10 – A INFINIDADE DE DEUS

Definição 202

A. Eternidade 203
1. O Conceito Popular de Eternidade 203
2. O Conceito Filosófico de Eternidade 206
3. Aplicação 206
a. Perceba quão Interligados e Relacionados entre si São os Atributos Incomunicáveis de Deus 206
b. Aprenda sobre a Importância de o Deus Eterno Ser "Nosso Refúgio de Geração em Geração" (Sl 90.1) 207
c. Entenda que Quanto Melhor For a Noção da Eternidade de Deus, Melhor Enfrentaremos as Tempestades que Possam Vir sobre Nós 207
d. Considere a Eternidade de Deus para Pôr um Fim à Sua Arrogância 208

B. Imensidão 208

C. Onipresença 211

D. Há Vários Modos de se Estar Presente em um Lugar 212
1. Os Corpos Estão Presentes no Espaço Circunscritivamente 212
2. Os Espíritos Finitos Estão Presentes Definidamente 212
3. Deus Está Presente Repletivamente 212

E. Há Diferentes Modos de Deus Estar Presente 213

F. A Presença de Deus Pode Ser Benévola ou sem Benevolência 213
1. Presença sem Benevolência 213
2. Presença com Benevolência 214

G. Relação da Infinidade com os Outros Atributos 215
Aplicação 216
a. Para os Incrédulos 216
b. Para os Crentes 216
b.1. A Onipresença de Deus É Conforto nas Horas de Grandes Tentações 217
b.2. A Onipresença de Deus É Conforto nas Horas de Terríveis Aflições 217
b.3. A Onipresença de Deus É Conforto nas Horas de Adoração 217

Capítulo 10

A INFINIDADE DE DEUS

Todos os atributos incomunicáveis de Deus estão intimamente relacionados; eles não são estanques entre si. Deus é independente e, por isso, é imutável. É imutável porque não é alterado por nada que vem de fora, justamente porque é independente. Estas duas qualidades são possíveis em virtude de ele ser um Deus que possui infinidade.

DEFINIÇÃO

Quando falamos na infinidade de Deus, estamos nos referindo à impossibilidade de se medir ou quantificar as características do Ser divino. Há vários atributos que o homem possui e que são reflexos de alguns atributos que Deus tem. Esses atributos são chamados "comunicáveis". Eles são finitos e mensuráveis em todos os seres humanos. Todos nós podemos medir o conhecimento, a bondade e o poder de um ser humano, mas não podemos medir essas perfeições em Deus, porque Deus as tem de um modo infinito, impossível de ser averiguado em toda a sua profundeza. Contudo, a infinidade é um atributo incomunicável, que nenhuma criatura pode possuir.

Há um certo sentido em que a infinidade de Deus diz respeito a tudo o que ele é. A sua infinidade é um atributo de todos os seus outros atributos. Nesse sentido, a infinidade qualifica todos os outros atributos. Por essa razão, podemos dizer que a sua misericórdia é infinita, que seu poder é infinito, etc.

Berkhof diz que

> a infinidade de Deus é aquela perfeição por meio da qual ele fica livre de todas as limitações... A infinidade não confunde a identidade de Deus com a soma total das coisas existentes, nem exclui a coexistência das coisas derivadas e finitas com as quais Deus mantém relação. A infinidade de Deus deve conceber-se como intensiva, mas não como uma extensão ilimitada, como se Deus se expandisse por todo o universo, uma

parte do seu ser tocando-nos aqui e outra mais adiante, porque Deus não tem corpo e, portanto, não tem extensão.[119]

A Infinidade de Deus pode ser vista de duas maneiras: quando vista com relação ao tempo a chamamos de *Eternidade*, e quando a vemos com relação ao espaço a chamamos de *Imensidão* ou *Onipresença*.

A. ETERNIDADE

A eternidade de Deus já era crida desde o começo dos nossos pais na fé (Gn 21.33), em contraposição à transitoriedade dos deuses pagãos. Essa crença na eternidade atravessou a história através das Escrituras, tornando-se cada vez mais firme nos escritos apostólicos (Rm 16.26).

Este é um dos atributos mais difíceis de serem entendidos porque os seres humanos estão presos a duas categorias das quais não podem jamais fugir: tempo e espaço. Em tudo o que fazemos, falamos ou imaginamos, estas duas categorias obrigatoriamente aparecem. Nunca podemos escapar da idéia de presente, passado e futuro. A vida sempre será medida por unidades seqüenciais de tempo. Todavia, quando falamos de Deus, não podemos enquadrá-lo nas mesmas medidas que as nossas. Ele não está sujeito às categorias espaciais e temporais.

A fim de evitar maiores confusões sobre esta matéria, vamos estudá-la de dois pontos de vista: o popular e o filosófico.

1. O Conceito Popular de Eternidade

Esse conceito é aquele que está vinculado a um tempo sem fim. As Escrituras usam tal conceito para explicar esse atributo de Deus. Esta é a linguagem mais simples de ser compreendida.

O escritor do Salmo 90 trata desse assunto de forma muito simples, que qualquer pessoa sem formação acadêmica pode entender. É o sentido popular de eternidade.

Sl 90.1 – "Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, *de geração em geração*."

Como o salmista pode afirmar tão categoricamente que o Senhor é o refúgio dos crentes por gerações sem conta? Por causa da sua relação com o tempo. Deus não é afetado pela noção temporal, como nós o somos. A expressão "de geração em geração" mostra o refúgio perene e duradouro que Deus é para o seu

[119] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 69.

povo, ao mesmo tempo que indica a transitoriedade dos seres humanos em contraposição à duração infinita de Deus descrita no verso seguinte. A razão dessa segurança perene do crente está baseada na eternidade de Deus:

> Sl 90.2 – "Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, *de eternidade a eternidade*, tu és Deus."[120]

Aqui o autor bíblico retrata Deus em contraste com a finitude temporal do homem. A expressão "de eternidade a eternidade" indica que Deus existe desde sempre e para todo o sempre. Ele não tem princípio nem fim de dias. É por essa razão que os crentes podem confiar nele, porque ele nunca deixa de ser o que sempre foi e é.

É bom nos lembrarmos de que a noção de eternidade apresentada pelas Escrituras é a mais inteligível possível, em razão de nossa relação inescapável com a noção temporal. As gerações vêm e vão, mas Deus permanece o mesmo. Todavia, os seres humanos perecem a cada vez que Deus ordena:

> Sl 90.3, 4 – "Tu reduzes o homem ao pó e dizes: Tornai, filhos dos homens. Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite." (Ver os vv. 5, 6.)

Os seres humanos são profundamente afetados pelos anos, mas não é assim com Deus. Nesses versos 3 e 4 está afirmado o absoluto contraste entre a criatura e o Criador com relação ao tempo. As criaturas, embora não cessem de existir, sofrem o desgaste do tempo e, pela ordenação divina, morrem. Mas Deus não é afetado pelos anos, porque para ele, mil anos é a mesma coisa que o dia de ontem que se passou ou como a vigília da noite. Um milênio é uma quantia enorme de tempo para nós. Nesse espaço importante para a raça humana impérios nascem e desaparecem, e muitos eventos ficam no esquecimento. Todavia, esses anos todos não fazem diferença para Deus. Ele existe desde sempre e para sempre. Mil anos equivalem a muitas gerações de seres humanos, mas isso não tem importância alguma para a existência de Deus. O Deus eterno, para quem não existe passado, presente ou futuro, é o Deus que criou o tempo e que, portanto, existe antes da existência do tempo e existirá mesmo que a noção temporal venha a desaparecer. É por essa razão que para ele mil anos não representam nada de significativo!

O atributo da eternidade, quando relacionado ao tempo, não significa que Deus vive por muito tempo e sempre viverá, mas que ele é o mesmo sempre. Os escritores da Bíblia sempre procuram uma maneira bem humana para descrever algo

[120] Ver ainda Sl 102.12, 27; 93.2; 41.13; Pv 8.23; Ap 4.9, 10.

que é parte essencial e singular de Deus, como a eternidade. Não é sem razão que as Escrituras exaltam esse único Deus que é independente, imutável e eterno!

É costume entre nós se dizer que se as eras do mundo fossem comparadas com Deus, elas não passariam de um segundo da idade de Deus. "Os minutos da criação podem ser medidos, mas os anos da duração de Deus, sendo infinito, são imensuráveis"[121] (ver Jó 36.26).

Deus dura para sempre, sendo sem começo e sem fim. Em Deus não há declínio com o passar dos tempos. Ele não envelhece (Hb 1.12). Ele é antes de todas as coisas e o único que essencialmente dura para sempre. Ele sempre foi e sempre será o que ele é. Ele existe desde sempre e dura para sempre. O curioso é que os deuses dos pagãos não possuem esta característica, porque foram criados pela imaginação humana. E eternidade é algo que não faz parte da mente humana, porque pertence somente ao Deus eterno.

O existir das criaturas é sucessivo, mas o de Deus é permanente, e ele mantém imutável cada uma de suas perfeições, com duração infinita. Um homem não é à noite o mesmo que ele foi pela manhã: algo acaba e alguma coisa nova é acrescentada; cada dia é uma mudança na sua vida, uma mudança em sua substância, uma mudança em seus acidentes. Mas Deus tem seu ser inteiro imutável, sem qualquer sombra ou variação de mudança. Deus é sempre o mesmo. Nada é acrescido a ele em relação ao que era antes. É por isso que a doutrina da eternidade está intimamente ligada à da imutabilidade e independência.

> Deus é a própria eternidade. Ele não é eterno por concessão, mas por natureza ou essência. A eternidade de Deus não é nada mais do que a duração de Deus, e a duração de Deus não é nada mais do que Sua existência sem fim. Se eternidade fosse qualquer coisa distinta de Deus, e não a essência de Deus, então haveria algo que não é Deus necessário para aperfeiçoar a Deus. Como a imortalidade é a grande perfeição das criaturas racionais, assim a eternidade é a perfeição de Deus que dá lustro a todas as outras.[122]

Essa é a maneira mais fácil de entender a eternidade porque está atada a um número sem fim de dias e anos, atada a uma categoria conhecida nossa, que é o tempo. Nesse sentido, portanto, eternidade não tem começo nem fim. Mas o tempo tem ambos.

Somente Deus nesse sentido é eterno. Ele já existia quando o mundo foi criado. O mundo foi criado *cum tempore*, não *in tempore*, como se o tempo já existisse antes da formação do mundo. O tempo também é criação de Deus. Todas as coisas que são criadas com o tempo têm começo, desenvolvimento e

[121] Charnock, *The Existence and Attributes of God*, vol. 1, 286.
[122] Ibid., 285.

sucessão de partes. Mas eternidade num conceito mais filosófico não é assim.

2. O Conceito Filosófico de Eternidade

Devemos conceber a eternidade como alguma coisa que faz contraste com o tempo e que existe independentemente dele. "A eternidade num sentido mais estrito da palavra se atribui ao que transcende todas as limitações temporais."[123] Berkhof cita o Dr. Orr: "Estritamente falando, o tempo tem relação com o mundo dos objetos que existem em sucessão. Deus enche o tempo, está em cada parte dele, mas a Sua eternidade, sem dúvida, não é esse existir no tempo. A eternidade é, antes que isso, o que faz contraste com o tempo".[124] Para Deus não existe, como em nós, a noção de passado, presente e futuro, pois estas são categorias estranhas à idéia de eternidade. São categorias da criação.

Não há como fugir das categorias espacial e temporal quando falamos destes dois atributos incomunicáveis. Esta é uma razão por que eles são chamados incomunicáveis.

Assim como o tempo consiste na sucessão de partes, de modo invertido a eternidade é um estado que sobrepassa a idéia de tempo e é vista como uma duração infinita e imutável. Pode-se perceber que mesmo nesta concepção de eternidade a noção de "tempo" está presente, pois usei o termo "duração". É impossível tratarmos dessa matéria sem usar as categorias que nos são próprias. A definição que Berkhof dá também não foge dessas categorias:

> Sua eternidade pode definir-se como aquela perfeição divina por meio da qual Ele se eleva sobre todas as limitações temporais, todas as sucessões de momentos e goza da plenitude de sua existência num indivisível *presente*.[125]

Por isso, Berkhof diz que "a relação entre eternidade e tempo constitui-se num dos problemas mais difíceis da filosofia e da teologia, talvez de solução impossível nas nossas condições presentes".[126]

3. Aplicação

a. Perceba quão Interligados e Relacionados entre si São os Atributos Incomunicáveis de Deus

a) Deus é eterno porque tem vida em si mesmo (Jo 5.26). Se não tivesse vida

[123] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 70.
[124] Ibid.
[125] Ibid.
[126] Ibid.

em si mesmo, não seria eterno. Ele tem vida em si mesmo, não por participação. Ele é o sol que dá luz a todas as criaturas, e é luz em si mesmo.

b) Se Deus não fosse eterno em sua natureza, ele não poderia ser imutável. É contrário à natureza da imutabilidade existir sem eternidade, porque tudo aquilo que começa é passível de mudança e pode deixar de ser o que é.

c) Se Deus não fosse eterno em sua natureza, ele não poderia ser perfeito (Jó 11.7). A duração finita é inconsistente com a perfeição infinita. Tudo que é temporal tem a tendência de não ser perfeito por causa das limitações.

d) Se Deus não fosse eterno, ele seria compreensível. Deus é incompreensível, em parte, por sua eternidade. A idéia de eternidade, embora tenhamos ânsias de entendê-la, escapa de nossa capacidade de apreensão. Portanto, a incompreensibilidade de Deus decorre da sua eternidade e da sua independência.

e) Se Deus não fosse eterno, ele não seria onipotente. Estas duas coisas estão absolutamente ligadas.

b. Aprenda sobre a Importância de o Deus Eterno Ser "Nosso Refúgio de Geração em Geração" (Sl 90.1)

É bem provável que essa expressão tenha sido muito mais significativa para os crentes do tempo de Moisés (o provável autor do Salmo 90) do que para os cristãos do começo do século XXI. Hoje a vida é tão confortável e previsível que não mais necessitamos de refúgio como os do passado precisavam. Eles não possuíam sequer onde repousar, pois não tinham lugar fixo de morada. Viviam no deserto esperando pela terra prometida. Hoje temos tudo de que precisamos. Se perguntássemos a um nosso contemporâneo sobre o lugar do seu refúgio, ele haveria de responder que está no endereço da sua casa. O homem contemporâneo perdeu a noção de Deus como seu refúgio. Todavia, a despeito de todos os confortos e do desenvolvimento da tecnologia, a fragilidade dos seres humanos é a mesma e as suas necessidades básicas não mudaram, porque eles são ainda os mesmos. Eles possuem uma estabilidade apenas de aparência, mas não real. Deus ainda é, e sempre será, o refúgio dos cristãos "de geração em geração", porque ele não muda, não precisa de nada e existe para sempre!

c. Entenda que Quanto Melhor For a Noção da Eternidade de Deus, Melhor Enfrentaremos as Tempestades que Possam Vir sobre Nós

Quando você tiver passando por provações, lembre-se de que elas também são temporais, elas passam. Elas não duram para sempre porque as circunstân-

cias também não duram para sempre. Elas são momentâneas se comparadas com a eternidade de Deus. Por essa razão, não podemos nos concentrar na longa duração dos sofrimentos. É possível que você sofra provas por longo tempo, e mesmo depois de elas passarem, você ainda se lembre das mesmas com muita dor. Todavia, só devem ser motivo de nossa preocupação constante aquelas realidades que de fato duram para sempre. Neste caso, somente Deus. É em sua eternidade que encontramos, como diz o salmista, "refúgio de geração em geração".

Esse senso de eternidade em Deus nos traz um forte senso de estabilidade, e os sofrimentos por que passamos, que nos trazem certa instabilidade, não duram para sempre. Somente o senso da eternidade de Deus pode levar-nos ao conforto nas horas de dor profunda e duradoura. Por essa razão, o mesmo salmista de quem temos aprendido afirma: "Alegra-nos por tantos dias quantos nos tens afligido, por tantos anos quantos suportamos a adversidade" (Sl 90.15).

d. Considere a Eternidade de Deus para Pôr um Fim à Sua Arrogância

A vida dos seres humanos passa como a relva ou como a flor do campo (Sl 90.5, 6). O homem não permanece para sempre na condição em que se encontra. Isso é uma pancada no orgulho do ser humano, que pensa que vai durar eternamente. "Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa" (Tg 4.14). A nossa pouca duração (Sl 90.9, 10) deve deixar-nos calados diante da eternidade divina. Quem deve aprender essas coisas são os cientistas que se gabam da antigüidade dos seres humanos e do universo, como se eles fossem "eternos". Mesmo quando todas as ciências e religiões deste mundo ensinarem a estabilidade dos seres humanos e do universo, ainda assim eles nada são comparados com a eternidade de Deus! O orgulho humano sempre será quebrado pelo senso da eternidade que pertence somente ao Deus verdadeiro.

A eternidade de Deus, quando comparada à transitoriedade dos seres humanos, sempre trará humilhação a estes últimos, porque sempre os desafiará e os tornará pequenos. Eles nunca estarão isentos da noção de espaço e de tempo, categorias essas sob as quais Deus os encerrou. Jamais fugirão delas. Por isso, eles sempre serão humilhados em sua arrogância.

Reconheça e glorifique mais esse atributo do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo!

B. IMENSIDÃO

Quando falamos nesse aspecto da infinidade de Deus, aparecem duas pala-

vras: imensidão e onipresença. Em um certo sentido são termos sinônimos, porém cada um deles possui uma conotação diferente em relação às perfeições divinas.

A *Imensidão* "assinala o fato de que Deus transcende a todo o espaço sem ficar sujeito às limitações do mesmo".[127] A. A. Hodge diz que a "imensidão de Deus é a frase usada para expressar que Deus é infinito em sua relação ao espaço".[128]

A *Onipresença* "denota que Deus enche cada parte do espaço com seu Ser completo".[129]

Berkhof ainda observa que,

> enquanto a imensidão dá ênfase à transcendência de Deus, a onipresença dá ênfase à sua imanência. Deus está imanente em todas as suas criaturas, em sua criação total, mas de maneira alguma encerrado por ela.[130]

Quando dizemos que Deus é imenso com relação ao espaço, significa que ele transcende o espaço criado. Deus está além do espaço e não se confunde com ele. Ele enche o céu e a terra, mas estes não podem contê-lo, porque ele está além deles e acima deles. A essência de Deus não se confunde com a da sua criação. Está presente nela por inteiro, sem se misturar com ela. Como a luz do sol está presente no ar, mas não se mistura com ele, assim Deus está presente e enche todas as coisas, mas é totalmente independente delas.

Deus está envolvido com suas obras feitas no tempo e no espaço, mas está acima de toda limitação espacial, embora a esfera espacial pareça infinita para nós. Assim como ele existe antes e acima do tempo, ele também está acima e além de todo espaço. Se ele estivesse confinado somente ao espaço criado, ele não seria maior que a sua criação. O universo não pode contê-lo porque é feito por ele. A criatura é sempre inferior ao Criador.

> 1Rs 8.27 – "Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus, não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei."

Neste texto Salomão se admira de construir um templo para abrigar a Deus, quando esse Deus não pode ser contido pelo próprio universo espacial que ele criou. *Esta é a imensidão de Deus!*

Ao mesmo tempo, Salomão pasma-se de que um Deus tão grande possa

[127] Ibid., 71.
[128] A. A. Hodge, *Outlines of Theology*, 140.
[129] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 71.
[130] Ibid.

habitar num espaço tão pequeno de um universo feito com as suas próprias mãos, enchendo-o com toda a plenitude do seu ser. Ele pasma-se ainda mais de que esse Deus possa habitar num espaço menor ainda que é um templo de alguns poucos metros feito pelas mãos de homens, mas enchendo-o também com a plenitude do seu ser! *Esta é a onipresença de Deus!*

Este texto é a afirmação simultânea da transcendência e da imanência divinas! Um Deus tão grande, tão sublime, pede aos homens para fazerem uma casa onde possa habitar entre eles! No Novo Testamento, a mesma idéia se manifesta quando ele habita no santuário da nossa vida, e em cada um de nós individualmente, mas sem estar circunscrito ao espaço em que habita.

> Is 66.1, 2 – "Assim diz o Senhor: O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis vós? E qual é o lugar do meu repouso? Porque a minha mão fez todas estas cousas, e todas vieram a existir..."

Neste texto o escritor sacro mostra a imensidão de Deus. Deus é mostrado como alguém que possui formas humanas, para que fique acessível ao nosso entendimento. É dito que ele tem a sua cabeça nos céus e os pés na terra, para mostrar quão imenso ele é, e que o espaço físico do universo não o pode conter. É pequeno demais para ele. Se o universo fosse milhões de vezes maior do que é, ainda assim seria pequeno para Deus, porque este está acima dos céus. Tudo veio das mãos dele, por isso ele é maior do que a sua própria criação.

> At 7.48-50 – "Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta: O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas cousas?"

O Novo Testamento também tem o mesmo conceito da imensidão de Deus ao interpretar o texto do Antigo Testamento.

Deus sempre está acima da sua criação e é independente da mesma. Os espaços do universo não podem conter a Deus, porque Deus já existia quando não havia espaço ainda. Uma essência infinita não pode estar circunscrita a um espaço finito.

Este atributo divino é *incomunicável* à criatura. A noção de imensidão escapa ao entendimento dos homens. Estamos limitados ao fator espaço e é difícil pensarmos além dessa categoria.[131] Não podemos ter uma real noção da imensidão divina, porque somos seres criados, limitados[132] e Deus é infinito!

[131] Ler Sl 145.3; Jó 36.26.
[132] Is 40.15, 17.

C. ONIPRESENÇA

O termo onipresença sempre será usado aqui para descrever a característica da infinidade de Deus que faz com que ele tenha a sua presença plena em cada parte do espaço.

> Sl 139.7-10 – "Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá."

O salmista está dizendo aqui que Deus pode ser encontrado em toda parte sem que esteja parcialmente em cada parte. Ao contrário, essa sua capacidade de onipresença significa que Deus enche cada parte do espaço com a plenitude da sua presença. Não há como fugir da sua presença total. Ele é encontrado em toda parte sem que haja qualquer fracionamento do seu ser. Em cada parte do seu inteiro universo Deus é encontrado em plenitude. É importante recordar que ele não é o universo, mas está totalmente em cada parte do mesmo. Também precisamos saber que ele não está espalhado pelo universo, como se cada parte dele estivesse num lugar. Ele pode ser encontrado tanto nas partes mais profundas como nas mais altas. Ninguém escapa da sua infinita presença. É esse o sentido que o salmista deu aos versos acima.

> Jr 23.23, 24 – "Acaso, sou Deus apenas de perto, diz o Senhor, e não também de longe? Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor; porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor."

Estes versos também mostram como o ser humano não pode escapar à presença de Deus. Ninguém pode ocultar-se dele devido à sua onipresença. Ele é o Deus sempre presente, um Deus que está perto, porque nunca ninguém pode ausentar-se dele. Nenhuma criatura pode fugir dos olhos daquele que vê todas as coisas. Isso é impossível justamente porque ele "enche os céus e a terra" com sua presença.

> At 17.27, 28 – "...para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós, pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos..."

Deus não está longe de ninguém quando consideramos a sua natureza presencial. Deus está essencialmente presente em toda a parte, no céu e na terra. Não há lugar onde ele não esteja. Ele não está ausente de lugar algum. Ele penetra até mesmo os lugares mais ocultos. A criatura não pode fugir da sua presença "porque nele vivemos, nos movemos e existimos" (At 17.28).

Deus está presente em cada parte do universo com o seu ser completo. Este é o sentido de onipresença.

D. HÁ VÁRIOS MODOS DE SE ESTAR PRESENTE EM UM LUGAR

Há algumas coisas que precisam ser ditas a respeito da presença das coisas num determinado lugar. Não existe apenas um único modo de se estar presente. A presença de um objeto ou de um ser num lugar depende da sua natureza:

1. Os Corpos Estão Presentes no Espaço Circunscritivamente

Isto quer dizer que eles estão limitados pelo espaço. Esta maneira de estar presente é própria das coisas quantitativas, dotadas de extensão física. Um corpo enche um espaço particular onde ele está; o seu espaço é a medida do seu tamanho e outro corpo não pode ocupar esse mesmo espaço simultaneamente.

2. Os Espíritos Finitos Estão Presentes Definidamente

Os anjos ou demônios estão operando em algum lugar definido, mas não estão em toda parte, somente em algum lugar. A sua maneira de estar é diferente da maneira como os corpos ocupam espaço. Muitos espíritos podem estar no mesmo espaço, mas eles não ocupam espaço do mesmo modo que os corpos. Não se pode negar, contudo, que eles estão presentes em algum lugar.

3. Deus Está Presente Repletivamente

Isto quer dizer que ele enche todo espaço. As limitações do espaço não são um referencial para ele. Ele não está mais presente em um lugar do que em outro. A extensão é propriedade da matéria, não de Deus. Quando dizemos que Deus está *totus* em todo lugar, queremos dizer que ele não está em todo lugar por partes, como os corpos estão. Ele enche todo o espaço com a plenitude do seu ser. Sobre isto, diz A. A. Hodge:

> Este enchimento do espaço não se deve à multiplicação infinita do Seu Espírito, visto que Ele é eternamente um e individual; também não é resultado da difusão infinita de Sua essência através do espaço infinito, como o ar é difuso sobre a superfície da terra, visto que Deus, sendo um Espírito, não é composto de partes, nem é capaz de extensão, mas a Divindade inteira em uma indivisível essência está igualmente presente em cada momento de eterna duração à totalidade do espaço infinito, e em cada parte dele.[133]

[133] A. A. Hodge, *Outlines of Theology*, 140-41.

E. HÁ DIFERENTES MODOS DE DEUS ESTAR PRESENTE

Deus está presente em todas as coisas, mas em cada uma delas de maneira diferente, dependendo da capacidade do objeto em que ele está presente:

a) Deus está presente na natureza de um modo diferente de sua presença nos homens. O cuidado que Deus tem com a natureza é diferente do cuidado que tem com os seres humanos, porque a natureza de ambos é diferente.

b) Deus está presente no crente de um modo diferente do que está presente nos outros seres humanos. O modo da sua habitação é diferente. Ele está presente em todos os homens por causa de sua onipresença, mas está presente no coração dos crentes por causa do seu especial cuidado e proteção dos mesmos. Eles são o templo de Deus, onde Deus habita de maneira especial (Jo 14.23). Ele está presente em todos em virtude de sua essência divina, mas somente com o seu povo de maneira espiritualmente eficaz.

c) Deus está presente no céu (Mt 6.9) de maneira diferente de sua presença no templo de Israel ou no tabernáculo (Sl 76.2; Hc 2.20). O tabernáculo era apenas uma amostra muito pequena da sua gloriosa presença no céu. A diferença está na intensidade de influência e de impacto por causa da nossa própria natureza pecaminosa. Lá no céu perceberemos quão diferente é a sua glória comparada com a sua presença localizada no templo.

F. A PRESENÇA DE DEUS PODE SER BENÉVOLA OU SEM BENEVOLÊNCIA

1. Presença sem Benevolência

Na vida dos ímpios a sua presença é sem qualquer benevolência. De um lado, Deus está presente na vida dos ímpios refreando os seus pecados, enquanto eles vivem nesta presente condição. Deus está presente neles a fim de que eles não pequem em quantidade de que são potencialmente capazes. Deus refreia a sua pecaminosidade estando presente neles.

Por outro lado, a sua presença com eles nesta vida pode ser de julgamento parcial, quando mesmo estando com eles, ele os entrega às suas paixões, mostrando o seu descontentamento com eles. O fato de Deus entregá-los às suas paixões não significa que a sua presença tenha se retirado deles. A sua bondade refreadora é que é retirada, não a sua presença. Todavia, por sua onipresença, Deus está presente na vida deles. Estes são os modos diferentes de Deus estar presente na vida dos ímpios.

Ainda na vida dos ímpios, a sua presença é também de juízo quando esta

vida termina. Essa presença acontece de modo negativo quando ele não manifesta nenhuma bondade para com os que estão no inferno. De modo positivo, a sua presença causa-lhes dor. Isto acontece quando da manifestação da sua justiça no inferno ou no lago de fogo. Deus estará presente no lugar de punição, sem qualquer manifestação de bondade em bênçãos confortadoras. Será uma presença que impinge terror, causando tormentos na existência dos condenados. É a sua presença de ira e de retribuição.

2. PRESENÇA COM BENEVOLÊNCIA

Esta é a sua presença benévola que pode existir tanto na vida dos não-redimidos como na vida dos redimidos, no que diz respeito à sua providência.

Providencialmente, Deus está presente com todas as suas criaturas porque ele as produziu e as preserva,[134] e elas não podem escapar desse cuidado.[135] Deus pode ter uma presença providencial especial com algumas pessoas para que estas sejam instrumentos na execução do seu plano.[136]

Charnock diz que essa

> presença influente de Deus pode ser comparada à do sol, que, embora a tão grande distância da terra, está presente no ar e na terra por sua luz, e dentro da terra por sua influência em forjar aqueles metais que estão nas suas profundezas, sem pertencer substancialmente a nenhum deles.[137]

Todos estão expostos à luz do sol e são aquecidos por ela. Assim, Deus envolve todos os seres com a sua presença providencial e governadora. A diferença é que sentimos somente os efeitos do sol sobre nós, mas ele continua muito distante. Deus, contrariamente, está longe, mas ao mesmo tempo está junto de nós e em nós.[138] Não somente os seus efeitos são sentidos aqui, mas a sua presença está aqui.

Como a fragrância de um perfume penetra os lugares mais escondidos da nossa vista, assim Deus penetra todos os lugares, porém com toda a plenitude do seu ser.[139] Nada escapa da presença providencial de Deus. A grande diferença é que o perfume perde o seu cheiro de acordo com o tamanho do ambiente onde está, mas a presença providencial de Deus abarca todo o universo e dura para sempre.

---

[134] Sl 36.6; Hb 1.3.
[135] At 17.28.
[136] Is 45.1, 2 – o exemplo de Ciro: "Eu irei adiante de ti"; Jr 27.6 – o exemplo de Nabucodonosor: "meu servo".
[137] Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, vol. 1, 369.
[138] Is 55.6.
[139] Sl 139.7-9.

A presença essencial de Deus com as suas criaturas é a base da subsistência das mesmas. Sem essa presença, tudo pereceria. Ele criou e dá subsistência a tudo.[140] A sua providência atinge todas as criaturas, sejam elas remidas ou não-remidas, racionais ou irracionais.

Todavia, há alguns modos em que ele está presente unicamente com aqueles em quem colocou o seu coração, amando-os. Deus está presente neles:

Salvadoramente: Deus está presente somente com os do seu povo e somente eles são objeto de sua presença especial. Todos os ímpios que estão para ser salvos o buscam porque ele está perto. Por sua graça especial, ele está presente com os eleitos, regenerando-os – dando-lhes vida.

Santificadoramente: quando ele exercita a sua tarefa de limpeza na vida do seu povo. Na verdade, a santificação é a salvação em processo. Deus está presente de modo maravilhoso, trazendo a restauração do seu povo até que tudo se complete e prepare para a entrada na glória.

Gloriosamente: quando todo o seu povo estiver completamente redimido. Aí a sua presença será percebida de modo ímpar, como em nenhuma outra época, pois agora o seu povo estará preparado para poder vê-lo como ele realmente é. O seu povo estará adaptado para uma comunhão absolutamente plena pela simples razão de que esse povo estará preparado para essa presença, coisa que não acontece no presente momento!

Em todos os lugares, contudo, Deus está presente repletivamente. Ele está inteiramente presente com a infinidade do seu ser em toda a sua criação.

G. RELAÇÃO DA INFINIDADE COM OS OUTROS ATRIBUTOS

A infinidade de Deus manifestada na sua eternidade e na sua imensidão ou onipresença está relacionada intimamente com todas as outras perfeições divinas, porque todas elas são a essência de Deus: sua infinidade está relacionada com a sua sabedoria (Jó 11.7-9); com o seu poder (Jó 5.9; Sl 147.5); com a sua eternidade (Jó 36.26).

"Como a eternidade é a perfeição por meio da qual Deus não tem começo nem fim, como a imutabilidade é a perfeição pela qual ele não tem aumento nem diminuição, assim a imensidão ou onipresença é a perfeição pela qual ele não tem fronteira nem limitação. Como ele está presente em todo tempo, tam-

[140] Ler Is 40.12-31.

bém está acima e além do tempo; assim como ele está em todos os lugares. todavia, está acima e além da limitação espacial."[141]

Pode-se dizer que a eternidade "é um atributo negativo em Deus, porque é a negação de qualquer medida de tempo nele, assim como a imensidão é a negação de qualquer limite físico. Assim como a imensidão é a difusão da sua essência, a eternidade é a duração da essência".[142]

Assim como a eternidade é a perfeição divina que o relaciona com o tempo, a imensidão é a sua perfeição que o relaciona com o espaço, as duas categorias sem as quais não podemos ser, pensar, nem viver. Mesmo na outra vida, depois desta, ainda seremos seres com essas categorias, porque ainda seremos seres humanos. É por isso que a parte final da redenção humana será nos novos céus e na nova terra, onde as mesmas categorias estarão presentes, embora certamente num plano inteiramente superior.

APLICAÇÃO

a. PARA OS INCRÉDULOS

Quão terrível é para os ímpios saber que não podem ocultar nada de Deus, que tudo está patente aos seus olhos porque ele está presente em toda parte!

Quão tolo é pensar que os homens podem fugir da presença de Deus! Quando os homens entram nos seus lugares mais secretos, Deus está ali no meio deles. Eles não podem nem mesmo pecar escondidos, pois tudo o que fazem está patente aos olhos do Deus onipresente (Hb 4.13). Todos os ímpios vão prestar contas ao Onipresente dos seus atos ocultos. Ninguém foge da presença de Deus. Ele está presente até mesmo no mais secreto dos seus corações (Pv 15.3). O Senhor observa tudo, porque está em toda parte! Os homens deveriam temer um Deus assim!

b. PARA OS CRENTES

Enquanto a onipresença de Deus é terror para os ímpios, ela é matéria de conforto para os crentes. Charnock diz que "Ele enche o inferno com a Sua severidade, os céus com Sua glória, e o Seu povo com a Sua graça".[143]

[141] Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, vol. 1, 367.
[142] Ibid., 280.
[143] Ibid., 398.

b.1. A Onipresença de Deus É Conforto nas Horas de Grandes Tentações

O fato de sabermos que Deus está presente quando somos tentados dá-nos uma sensação de segurança, de proteção. Ele está perto para nos confortar. Esta foi a experiência de Jesus quando tentado ("o Pai está comigo" – Jo 16.32) e quando os anjos vieram confortá-lo.

b.2. A Onipresença de Deus É Conforto nas Horas de Terríveis Aflições

O conforto de Deus é evidenciado por sua onipresença confortadora nas horas de grandes aflições (ler Is 43.2). Nas horas em que os nossos mais caros faltam conosco, a presença de Deus é o nosso conforto (Sl 27.10); em horas de aflições inimagináveis, Deus é o nosso refúgio, porque ele está conosco (Sl 46.1-5). O Senhor não desampara aqueles que têm o coração nele nas horas de aflição (2Cr 16.9).

b.3. A Onipresença de Deus É Conforto nas Horas de Adoração

Deus está presente para observar, para ouvir nossas petições e para aceitar o nosso culto. Adoramos o Deus que está nos céus, mas que, ao mesmo tempo, está presente conosco.

Is 57.15 é uma demonstração de que o Altíssimo, o Sublime, está conosco para nos consolar na hora de adoração. A hora de adoração é uma das mais sublimes na vida do cristão, porque é usualmente o lugar e o momento onde Deus fala consoladoramente ao Seu povo. Ele fala porque está presente no meio deles, e sua presença na hora da adoração é extremamente consoladora, pois sabemos que ele não está longe de nós, mas no meio de nós e em nós (2Co 6.6).

Se você tem consciência de que Deus está presente, então, quando for pecar, saiba que ele está junto de você. Você não peca sozinho, secretamente. Saiba que ele se entristece pelos pecados dos seus filhos. Portanto, que a onipresença de Deus seja um estímulo para a sua vida de santidade.

PARTE 2

ATRIBUTOS COMUNICÁVEIS

(Deus como Ser Relacional)

Enquanto os atributos incomunicáveis enfatizam o Ser Absoluto, os comunicáveis indicam a natureza pessoal de Deus, que se evidencia na sua atitude relacional para com aqueles que estão fora do Ser divino.

DEFINIÇÃO

O termo "comunicáveis" indica que podemos encontrar em nossa personalidade traços dos atributos divinos. Deus nos criou e comunicou esses atributos ao nosso ser, mesmo que em medida infinitamente menor.

Nesses atributos Deus é apresentado como aquele que se relaciona com a sua criatura. que é inteligente, livre, um ser moral consciente.

DIVISÃO DOS ATRIBUTOS COMUNICÁVEIS

A. ATRIBUTOS INTELECTUAIS:
1. O Conhecimento de Deus
2. A Sabedoria de Deus
3. A Veracidade de Deus

B. ATRIBUTOS MORAIS:
1. Bondade de Deus
   Amor
   Paciência
   Misericórdia
   Graça
2. Santidade de Deus
3. Justiça de Deus

C. ATRIBUTOS DA SOBERANIA:
1. A Vontade Soberana de Deus
2. O Poder Soberano de Deus

A. Atributos Intelectuais de Deus

1. O Conhecimento de Deus
2. A Sabedoria de Deus
3. A Veracidade e a Fidelidade de Deus

ÍNDICE

CAPÍTULO 11 – O CONHECIMENTO DE DEUS

Definição 221

A. Características do Conhecimento de Deus 221
1. É um Conhecimento *Abrangente* 221
2. É um Conhecimento *Exaustivo* 222
3. É um Conhecimento *Infinito* 222
4. É um Conhecimento *Arquetípico* 222
5. É um Conhecimento *Intuitivo* 222
6. É um Conhecimento *Simultâneo* 223
7. É um Conhecimento *Livre e Necessário* 223

B. Os Objetos do Conhecimento de Deus 223
1. Deus Conhece a si Próprio 223
2. Deus Conhece Todos os Motivos Imaginados 224
3. Deus Conhece as Ações Escondidas que Acontecem 225
4. Deus Conhece as Coisas que Poderiam Ter Acontecido 225

C. O Alcance do Conhecimento de Deus 225
1. Conhecimento dos Assuntos Passados 226
2. Conhecimento dos Assuntos Presentes 226
a. O Texto acima Diz que "não Há Criatura que não Seja Manifesta na Sua Presença 227
b. Deus não Somente Conhece as Criaturas, mas Conhece Também Todas as Suas Ações 227
c. Deus não Somente Conhece as Ações dos Homens, como Também O que Estão Pensando ou Maquinando Mesmo que Eles Nunca as Façam 227
d. Deus não Somente Conhece os Pensamentos dos Homens, mas Também as Intenções dos Seus Desígnios, Sejam Bons ou Maus 228
3. Conhecimento dos Assuntos Futuros 228
a. A Presciência Divina É Evidenciada nas Profecias 229
b. A Presciência Divina É Produto do Seu Decreto 230
4. Aplicação 231

Capítulo 11

O CONHECIMENTO DE DEUS

DEFINIÇÃO

Berkhof define o conhecimento de Deus como "aquela perfeição divina por meio da qual ele, em uma maneira completamente singular, conhece-se a si mesmo e conhece todas as coisas possíveis e reais em um ato simplíssimo e eterno".[144] O conhecimento de Deus tem, portanto, vários nomes, dependendo do objeto conhecido. Com respeito aos fatos presentes, ele pode ser chamado de simples conhecimento ou visão; com respeito ao passado, ele pode ser chamado de memória; com respeito ao futuro, ele pode ser chamado de presciência; com respeito à universalidade dos objetos, ele pode ser chamado de onisciência.[145]

A. CARACTERÍSTICAS DO CONHECIMENTO DE DEUS

Embora haja alguma similaridade com o conhecimento humano, o conhecimento de Deus difere grandemente em vários sentidos.

1. É um Conhecimento *Abrangente*

Deus conhece todas as circunstâncias. Nada escapa ao seu conhecimento. Ele conhece todo o pensamento dos anjos, dos homens e de tudo o que há nele próprio. O homem conhece um pouco dos anjos, de Deus e de si mesmo porque recebeu revelação de Deus sobre isso, mas Deus tem todo o conhecimento da criação e do seu próprio ser. "Ele conhece-se a si mesmo, suas próprias operações, todas as suas criaturas e as noções e pensamentos delas; seu entendimento está acima de todo entendimento, sua mente acima de todas as mentes, a luz das luzes."[146]

---

[144] Berkhof, 77.

[145] Stephen Charnock, *The Existence and Attributes of God*, vol. 1 (Baker, 1990 edition), 410.

[146] Stephen Charnock, *The Existence and Attributes of God*, vol. 1 (Baker, 1990 edition), 409.

2. É UM CONHECIMENTO *EXAUSTIVO*

Além de conhecer todos os empreendimentos, Deus tem um conhecimento exaustivo de todos eles. Ele não os conhece parcialmente. Tudo está transparente aos olhos daquele que tudo vê. Por essa razão o salmista diz: "Grande é o Senhor nosso, e mui poderoso; o seu entendimento não se pode medir" (Sl 147.5).

3. É UM CONHECIMENTO *INFINITO*

Além ainda de possuir um conhecimento exaustivo de tudo o que existe (obras finitas), o seu conhecimento é infinito, ou seja, transcende as coisas criadas. Exaustivo não é o mesmo que infinito. Teoricamente podemos conhecer exaustivamente uma matéria, mas será sempre um conhecimento finito; isso é diferente do modo infinito de Deus a conhecer. Nesse sentido pode-se inferir que esse é o conhecimento que Deus possui de si próprio. Assim como ele é infinito, também o é o seu conhecimento.

4. É UM CONHECIMENTO *ARQUETÍPICO*

O conhecimento arquetípico significa que Deus conhece o universo como ele existiu em sua própria e eterna idéia antes que viesse a existir como realidade finita no tempo e no espaço. O conhecimento de Deus não é como o nosso, obtido de fora. É um conhecimento caracterizado por absoluta perfeição.

O conhecimento que um arquiteto tem do edifício que vai construir é limitado, pois a idéia mais aperfeiçoada vem depois que o edifício é concluído. Ele está sujeito a erros de cálculo e de projeção. Mas Deus tem um conhecimento perfeito na sua eterna idéia. A criação do mundo é apenas a manifestação histórica de sua idéia eterna.

5. É UM CONHECIMENTO *INTUITIVO*

Deus não usa meios ou instrumentos para conhecer alguma coisa. Deus não possui conhecimento *a posteriori*, que é próprio de seres finitos. Nenhum conhecimento de Deus é adquirido.

É preferível falar desse conhecimento como intuitivo antes que demonstrativo ou discursivo.[147] Nesse sentido ele é chamado também *inato* ou *imediato*, e não resultado da observação.

[147] Discursivo é o que procede por meio de um raciocínio.

6. É um Conhecimento *Simultâneo*

Deus vê todas as realidades em sua totalidade e não pouco a pouco, ou de modo sucessivo. Ainda assim é um conhecimento completo e inteiramente consciente, ao passo que o do homem é sempre parcial, freqüentemente confuso, e quase sempre fracassa em chegar à plena luz do saber.

7. É um Conhecimento *Livre e Necessário*

O conhecimento livre de Deus é aquele que inclui tudo o que fez – os negócios do passado, do presente e do futuro. Esse conhecimento livre está baseado no exercício da sua vontade. Em virtude de ter determinado fazer as coisas é que ele as conhece. Portanto, esse conhecimento está associado com o seu decreto, sendo o resultado da sua vontade. Sem que a vontade de Deus decrete alguma coisa, ele não pode conhecer o que ele resolveu não fazer. Portanto, esse conhecimento é um produto direto da sua vontade.

Todavia, não é assim com *o conhecimento necessário.* O conhecimento necessário também é conhecido como o conhecimento da simples inteligência, que não possui associação com o exercício da vontade de Deus. Deus poderia continuar a ser Deus sem conhecer o mundo que ele criou, todavia, o conhecimento necessário é essencial em Deus e ele não pode ser o que é sem possuir esse conhecimento, que não depende de um decreto seu. É o caso do conhecimento que Deus tem de si próprio, o conhecimento da divina inteligência que nunca exige um exercício da sua vontade (1Co 2.10, 11). Deus não precisa exercitar sua vontade para conhecer-se. Ele simplesmente se conhece. Ele não precisa mover-se para se conhecer. Ele independe de qualquer moção do seu intelecto para vir a conhecer-se. Esse conhecimento é também chamado especulativo, em distinção do conhecimento prático. "O conhecimento especulativo é o conhecimento que Deus possui de si mesmo e das coisas possíveis; o conhecimento prático é o seu conhecimento das suas criaturas e coisas governáveis."[148] Deus conhece o mal sem o conhecimento prático, sem ser o seu autor, mas ele entende perfeitamente o que é o mal por sua simples inteligência. Chama-se conhecimento necessário porque não está determinado por uma ação da sua vontade.

B. OS OBJETOS DO CONHECIMENTO DE DEUS

1. Deus Conhece a si Próprio

Esse é chamado também de "conhecimento simples" ou de "simples inte-

[148] Charnock, 412.

ligência". É um conhecimento que Deus possui de si próprio sem que faça qualquer esforço para conhecer-se. É um conhecimento próprio da divindade, que o homem não possui naturalmente. Este precisa esforçar-se para vir a conhecer a si mesmo, mas Deus não precisa observar-se para conhecer-se. Ele se conhece exaustivamente não havendo qualquer progresso nesse conhecimento como produto de observação. Esse tipo de conhecimento é típico somente de mente infinita.

As Escrituras dizem que "o Espírito de Deus a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus" (1Co 2.10). Esse "perscrutar" do Espírito de Deus não deve ser entendido como se fosse uma pesquisa, mas um conhecimento simples e perfeito do Espírito infinito. Não há conhecimento adquirido em Deus. O seu conhecimento não possui causa. Seu conhecimento é sempre *a priori*. Este Espírito infinito penetra a essência, os motivos profundos do ser divino, conhecendo-os perfeitamente. Nada do ser divino é escondido dele próprio. Não há partes que Deus ignore em si mesmo. Tanto o conhecimento como o entendimento que Deus possui de si são infinitos.

É típico dos seres racionais conhecerem a si mesmos. Paulo dá o exemplo dos homens e de Deus como seres que se conhecem, embora o grau de conhecimento que cada um tem difira grandemente.

> 1Co 2.11 – "Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus."

Ainda que o ser humano tenha conhecimento de si próprio, este é não somente incompleto, mas incorreto. Isso deve-se não somente à finitude de seu conhecimento mas também por causa dos efeitos do pecado sobre sua mente no presente estado. Mesmo quando a redenção se completar, o conhecimento que o homem venha a ter de si será incompleto, porque somente Deus conhece tudo completamente. Assim como ele conhece todas as realidades de maneira completa, somente Deus pode conhecer-se perfeita e completamente como nenhum outro ser pode.

Todavia, a fim de que possamos conhecer de modo razoável a nós mesmos e o que Deus fez em nós, é necessário que tenhamos o Espírito de Deus. Por essa razão Paulo diz: "Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente" (1Co 2.12). O ser humano só pode conhecer-se com a ajuda de Deus e Deus não precisa da ajuda de ninguém para conhecer-se.

2. Deus Conhece Todos os Motivos Imaginados

Deus não somente se conhece, mas conhece tudo o que está fora do seu ser.

isto é, toda a criação. Deus conhece o coração dos homens. Quando se diz que Deus sonda o coração dos homens, não deve ser entendido que Deus faz uma pesquisa porque ignora o que se passa no coração deles. Quando o salmista fala: "Sonda-me ó Deus, e conhece o meu coração" (Sl 139.1, 2), ele estava admitindo que somente Deus podia penetrar o seu interior, não que Deus haveria de ter uma noção dele após o começo da sondagem. Deus tem um conhecimento exaustivo do mais interior do ser humano sem fazer qualquer exercício de aprendizado.

3. Deus Conhece as Ações Escondidas que Acontecem

Todas as ações que são escondidas dos homens estão patentes aos olhos daquele que tudo vê. O incidente com Acã mostra o conhecimento que Deus possui do que está escondido (Js 7.1-26). O grande atributo da onisciência faz com que tudo esteja presente aos olhos do Altíssimo. O texto de Hebreus 4.13 diz que "não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas aos olhos daquele a quem temos de prestar contas". Nada escapa ao conhecimento do Altíssimo.

4. Deus Conhece as Coisas que Poderiam Ter Acontecido

Deus conhece o que hipoteticamente teria acontecido, *se*... Essa partícula "se" indica que Deus sabe o que aconteceria mesmo sob outras circunstâncias. Esse conhecimento é também chamado de "conhecimento das coisas possíveis". Jesus demonstra esse conhecimento ao fazer a seguinte afirmação nas cidades judaicas que haviam ouvido suas palavras e visto seu sinais miraculosos:

> Mt 11.21 – "Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza."

Jesus sabia o que aconteceria naquelas cidades gentílicas se os milagres acontecessem lá. Era algo perfeitamente possível, mas não aconteceu porque não foi propósito divino, mas Deus tem conhecimento da possibilidade.

C. O ALCANCE DO CONHECIMENTO DE DEUS

O conhecimento de Deus é perfeito no seu alcance. No que diz respeito à universalidade dos objetos conhecidos, esse conhecimento divino pode ser chamado de *onisciência*, porque abarca tudo simultaneamente. Deus conhece a si próprio e todas as substâncias que vêm dele. Seu conhecimento é infinito! (Sl 147.5).

Não há lugar onde o conhecimento de Deus não penetre (Dn 2.22), e o ho-

mem se espanta com ele (Sl 139.1-6); nada escapa ao seu conhecimento (Hb 4.13), nem mesmo as profundezas do coração humano! (1Sm 16.7; 1Cr 28.9; Jr 17.10). Ele conhece perfeitamente os pensamentos e intenções do coração (Ez 11.5; Sl 139.2-4), e isto é exemplificado na passagem de Sara (Gn 18.12-15 "Por que riste?"). Ela havia rido no coração, secretamente, mas o Senhor o soube; outro exemplo é o de Acã. Conquanto ninguém vira Acã roubar os despojos dos inimigos, Deus trouxe tudo à luz (Js 7.1-26).

Se por um lado essa perfeição divina causa espanto, assombro e consolo aos crentes, por outro causa pavor e medo aos incrédulos, pois eles pensam que podem esconder suas maldades de Deus. Estes odeiam esta perfeição divina pois ficam descobertos nas más ações e intenções. Eles desejariam que a testemunha ocular de suas vidas, que o esquadrinhador do seu coração não existisse. Eles tentam viver ignorando esse Deus conhecedor de todos os fatos (Os 7.2). Quão solene e majestoso é o texto do Sl 90.8!

1. CONHECIMENTO DOS ASSUNTOS PASSADOS

Esse conhecimento também pode ser chamado de "memória", pois Deus jamais tem apagado de sua mente qualquer evento ou personagem do passado, mesmo nos seus detalhes. Isso é real porque todas as coisas que aconteceram no passado foram produto da vontade de Deus. Ele as conhece como se elas estivessem acontecendo agora, no presente momento. Para Deus não há a noção temporal, mas eu não posso tratar destes assuntos sem levá-la em conta. Por isso estou tratando dos assuntos passados que Deus conhece.

Todas as realidades acontecidas estão registradas na memória ativa de Deus de forma que Deus tem conhecimento de tudo. Por essa razão, várias vezes na Bíblia os escritores falam: "Deus, lembra-te...", reivindicando ou uma promessa para a receber (Sl 119.49), ou uma profecia para ser cumprida (Sl 105.8), ou as bênçãos do pacto a serem distribuídas (Lc 1.70-72), ou ainda um juramento feito no passado (Lc 1.54, 55; 72, 73). Deus não possui lapsos de memória porque a sua mente não falha. Quando é dito para Deus se lembrar, não quer dizer que ele está esquecido, mas é uma força de expressão humana para receber o que só de Deus pode vir.

2. CONHECIMENTO DOS ASSUNTOS PRESENTES

Nada do que acontece no presente escapa ao conhecimento de Deus. A sua onisciência é tal que o escritor aos Hebreus diz que:

Hb 4.13 – "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário

> todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas."

Porque Deus conhece a si mesmo perfeita e completamente, não é difícil de entender que ele conheça todas as coisas presentes, pois estas são finitas. Se ele conhece o infinito certa e perfeitamente ele conhece o que é finito.

a. O Texto acima Diz que "não Há Criatura que não Seja Manifesta na Sua Presença"

Ele conhece todas as criaturas, desde as maiores até as menores. O texto não está falando a respeito dos seres vivos somente, mas de toda a criação incluindo as coisas inanimadas, tanto as que estão próximas quanto as que estão distantes. Esta passagem também ensina que não há qualquer aspecto humano que não seja do conhecimento divino. A sua onisciência (que está vinculada à sua onipresença e onipotência) abrange cada uma das propriedades das suas criaturas. Se Deus não tivesse conhecimento das circunstâncias que existem e estão acontecendo, ele perderia o controle do universo. Porque ele criou tudo o que existe conhece tudo da criação. "Todas as coisas estão patentes aos olhos" de Deus.

b. Deus não Somente Conhece as Criaturas, mas Conhece Também Todas as Suas Ações

Tendo uma noção bem clara desta verdade, Jó declara: "Ou não vê Deus os meus caminhos, e não conta todos os meus passos?" (Jó 31.4; cf. 34.21). O salmista teve a mesma percepção quando disse: "Contaste os meus passos quando sofri perseguições; recolheste as minhas lágrimas no teu odre; não estão elas inscritas no teu livro?" (Sl 56.8). Salomão também percebeu com muita clareza estas verdades. Eis sua afirmação: "Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas" (Pv 5.21). Estes versos todos ensinam que elementos mínimos que acontecem com o ser humano são captados e registrados por Deus.

c. Deus não Somente Conhece as Ações dos Homens, como Também o que Estão Pensando ou Maquinando Mesmo que Eles Nunca as Façam

Tudo o que os seres humanos estão presentemente pensando ou imaginando de forma secreta é do conhecimento de Deus. Deus desce às profundezas do coração dos homens para ver claramente tudo o que eles maquinam, e todos os

motivos escondidos se tornam claros como cristal para ele. Os segredos que todos os seres humanos ignoram, Deus conhece de maneira perfeita.

A atividade de "sondar a mente e o coração" (Sl 7.9; cf. Jr 17.10) é exclusiva da mente divina (Sl 94.11). Davi, diante de Deus, reconheceu que "de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra não me chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda" (Sl 139.2). Salomão capitula diante da grandeza desse conhecimento, dizendo que se "o além e o abismo estão descobertos perante o Senhor; quanto mais o coração dos filhos dos homens!" (Pv 15.11). Em outras palavras esse verso está dizendo que se Deus conhece o grandioso e distante, ele perfeitamente conhece o menor e mais próximo.

d. Deus não Somente Conhece os Pensamentos dos Homens, mas Também as Intenções dos Seus Desígnios, Sejam Bons ou Maus

Moisés diz que "viu o Senhor... que era continuamente mau todo desígnio do coração do homem" (Gn 6.5). O Senhor conhece todas as intenções dos homens porque foi ele que formou o coração de todos eles (Sl 33.15). Nada do que os homens maquinam é escondido do Senhor. O mais profundo recesso do coração é descoberto aos olhos do Senhor e tudo o que os homens estão fazendo hoje será trazido à tona. Observe o que Paulo diz a respeito deste assunto:

> 1Co 4.5 – "Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus."

No final Deus apenas tornará manifestos os desígnios, mas ele já conhece todas as motivações que são segredo aos outros seres humanos. O que os seres humanos ignoram uns dos outros, todos haverão, no final, de saber os desígnios de seu coração porque Deus os fará vir à plena luz.

3. Conhecimento dos Assuntos Futuros

Ao estudarmos sobre a onisciência de Deus, não podemos nos furtar ao assunto da *presciência* divina, ou o conhecimento antecipado que Deus tem de todas as ações livres dos homens, que são ações futuras.

O tempo não é impedimento para o conhecimento de Deus. A noção temporal não faz parte da natureza essencial de Deus, porque ele é anterior ao tempo.

está acima do tempo e fora dele. Ele não é medido pelas unidades de tempo. Ele é eterno, e eternidade no seu sentido mais filosófico é o que faz contraste com o que é temporal. Contudo, não podemos deixar de falar no conhecimento que Deus tem das coisas futuras porque estamos tratando das relações de Deus conosco, e somos seres finitos e temporais. Nossa compreensão somente existe com a noção temporal e essa categoria é inescapável.

Há um sentido em que todo o conhecimento livre de Deus foi futuro. Houve um *tempo* quando nada existia, e somente Deus era. Portanto, nada havia no passado e nem no presente, mas todos os empreendimentos ainda estavam no futuro. Não obstante nenhum deles existir, Deus a todos já conhecia porque faziam parte do seu eterno propósito. Ele os planejou e os conheceu antes de virem à existência, porque todas as coisas têm sua causa em Deus. Elas não fazem parte de sua essência, mas vêm dele. Deus as conhece antes de que existam, porque antes de existirem realmente no tempo, elas existiram na sua mente infinita eternamente. É nesse sentido que todo o conhecimento de Deus, com relação aos empreendimentos fora dele próprio, é futuro.

É importante enfatizar que o assunto da presciência divina está ligado aos atos de Deus na história; e estes atos estão associados com as ações livres dos homens e não com os seres humanos propriamente.[149]

a. A Presciência Divina É Evidenciada nas Profecias

As Escrituras trazem como ensino claro que Deus conhece todas as coisas antes que elas venham a acontecer (1Sm 23.10-14; Is 41.26; 42.9; Jr 38.17-20). Todas as profecias são evidência do pré-conhecimento de Deus.

Deus desafia ironicamente os homens instando-os a fazerem o mesmo que ele faz dizendo:

> Is 41.22, 23 – "Trazei e anunciai-nos as cousas que hão de acontecer; relatai-nos as profecias anteriores, para que atentemos para elas e saibamos se se cumpriram; ou fazei-nos ouvir as cousas futuras. Anunciai-nos as cousas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses..."

Ninguém há como Deus que conhece tudo o que existe desde a eternidade e as anuncia de maneira que elas realmente vêm a acontecer. O profeta reconhece humildemente a impotência humana ao mesmo tempo que reconhece somente em Deus a capacidade de antever os mistérios:

[149] O assunto da presciência com relação aos homens propriamente (não quanto aos atos deles) será tratado no capítulo sobre a predestinação.

Is 41.26, 27 – "Quem anunciou isto desde o princípio, a fim de que o possamos saber, antecipadamente, para que digamos: É isso mesmo? Mas não há quem anuncie, nem tampouco quem manifeste, nem ainda quem ouça as vossas palavras. Eu sou o que primeiro disse a Sião: Eis! Ei-los aí! E a Jerusalém dou um mensageiro de boas-novas."

Deus não se cansa de afirmar sua singularidade na capacidade de conhecer os assuntos futuros. Ele não abre mão dessa capacidade de predizer os mistérios futuros, e zomba dos outros povos que possuem os seus deuses mas que, na verdade, não são deuses. Referindo-se à impotência dos deuses dos persas e babilônicos, o Senhor diz:

Is 46.9, 10 – "...Eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim: que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antigüidade as cousas que ainda não sucederam..."

b. A Presciência Divina É Produto do Seu Decreto

Se algo pudesse acontecer sem a agência de Deus ou sua permissão, o futuro seria independente de Deus e ele deixaria de ser Deus.

O conhecimento antecipado das ações não é mera adivinhação em Deus. Esse conhecimento que Deus tem do nosso futuro é algo inseparavelmente ligado ao seu propósito. Deus sabe porque ele resolveu fazer as coisas que conhece antes de elas acontecerem. Deus mesmo designou tudo o que há de ser, e tudo o que designou certamente acontecerá (Dn 4.35; Pv 19.21). Deus sabe todas as ações antecipadamente simplesmente porque ele as determinou.

Nada do que acontece no mundo é sem causalidade. Não há nenhum acontecimento futuro que seja só uma simples e mera probabilidade, isto é, algo que possa acontecer ou não. Tudo o que Deus decretou é infalivelmente certo, porque nele não há qualquer sombra ou variação de mudança!

Veja-se o exemplo das profecias a respeito de Israel, do cativeiro, de Jesus Cristo, tudo sendo cumprido nos detalhes, conforme o decreto de Deus.

É importante que se enfatize que não é a mera onisciência de Deus (que inclui o conhecimento de nosso futuro) a causa de tudo o que acontece. Jamais acontecerá algo meramente porque o Senhor sabia. A *causa* de todas as coisas é a *vontade de Deus*. Assim, o conhecimento de Deus não provém dos acontecimentos futuros, mas eles acontecerão por causa da ordenação de Deus.

Todavia, há um ponto que não pode ser esquecido no estudo da onisciência divina: a *onisciência de Deus, do ponto de vista das criaturas, é presciência, mas não é presciência do ponto de vista de Deus.*

A Mente Infinita abrange todas as condições em uma intuição simultânea e, conseqüentemente, não há para ela um "antes" ou um "depois". Esse conhecer todas as condições simultaneamente é para a mente *finita* o equivalente a conhecer antes do evento.

Presciência, ou conhecimento antecipado, estritamente falando, implica na existência de um intervalo temporal entre o conhecimento do evento e o evento propriamente dito.

Vejamos um exemplo do que acabamos de dizer: se os ninivitas não tivessem se arrependido, Nínive certamente teria sido destruída, segundo a profecia de Jonas. Quarenta dias teriam decorrido entre o pré-conhecimento do evento e o evento em si. Uma série de ocorrências e experiências sobrevieram, e tornaram-se gradualmente conhecidas por Jonas. Mas isto não é verdadeiro a respeito da mente Divina.

Um outro exemplo pode ser deduzido da morte de Cristo. Na mente Divina não há intervalo de milhares de anos entre o seu conhecimento da morte de Cristo e da morte em si mesma. Para ela Cristo foi crucificado desde a eternidade (1Pe 1.19, 20), e o evento foi conhecido e real para ela desde toda a eternidade. O intervalo de séculos só existe para as mentes finitas que estão presas à categoria temporal, mas Deus é eterno.

A onisciência exclui a ambos: a presciência e o conhecimento subseqüente. Para Deus não existe a idéia de futuro porque ele conhece todas as realidades simultaneamente. Em Deus o conhecimento de algo não é anterior ao de outro. Deus não conhece um fato primeiro e, então, outro. Um ato de conhecimento não gera outro. Na mente da criatura há sucessão, mas não na Mente Infinita.

Mesmo sabendo que não existe presciência na mente de Deus, precisamos estudar o assunto da presciência porque somos seres finitos e temporais. Por isso, será sempre necessário falar da presciência divina.

4. Aplicação

O conhecimento de Deus deveria fazer os homens tremerem. A simples idéia de que Deus conhece os pensamentos e imaginações humanos deveria fazê-los obedientes a ele, porque ele é Deus vingador.

O conhecimento que Deus possui deveria encher-nos, aos cristãos, de espanto e admiração! Quão ilimitadamente superior ele é ao mais sábio dos homens! Nenhum de nós sabe o que sucederá amanhã, mas o nosso futuro todo está patente aos olhos de Deus. Tudo está descoberto aos seus olhos! Por isso é que esse "conhecimento é maravilhoso demais para mim!". E isto nos faz admirá-lo e adorá-lo!

ÍNDICE

CAPÍTULO 12 – A SABEDORIA DE DEUS

Definição de Sabedoria 233

A. Características da Sabedoria Divina 234
1. A Sabedoria É *Essencial* em Deus 234
2. A Sabedoria não Pode Ser Separada de Deus 234
3. A Sabedoria É Propriedade de Deus *Somente* 235
4. A Sabedoria É *Originária* em Deus 235
5. A Sabedoria É *Necessária* em Deus 235
6. A Sabedoria em Deus É *Incompreensível* 235
7. A Sabedoria em Deus É Eterna 236

B. A Revelação e a Proclamação da Sabedoria Divina 236
1. A Sabedoria Divina É *Revelada* em Cristo 236
2. A Sabedoria Divina É *Proclamada* através da Igreja 238

C. Evidências da Sabedoria Divina 240
1. A Criação É Evidência da Sabedoria Divina 240
2. Os Seres Humanos São Evidência da Sabedoria Divina 240

D. Corolário da Sabedoria Divina 241
1. Sem a Sua Sabedoria, as Outras Virtudes Seriam sem Brilho 241
2. Sem Sua Sabedoria Deus não Poderia Governar o Universo que Criou 242
3. Aplicação 242
a. Reflita sobre a Sabedoria Divina 242
b. Estude sobre a Sabedoria Divina 243
c. Peça a Deus Sabedoria 243
d. Submeta-se à Sabedoria Divina 244
e. Jamais Confie na Sua Própria Sabedoria 245

Capítulo 12

A SABEDORIA DE DEUS

Este é um outro atributo intelectual de Deus. Juntamente com o conhecimento, Deus possui a sabedoria. Ficamos maravilhados quando vemos a sabedoria num homem ao resolver um problema ou em sua resposta a uma pergunta muito difícil. Ora, se nos espanta a sabedoria humana, que poderia, então, ser dito da sabedoria divina, que possui um caráter infinito? A beleza do caráter de Deus está estampada em cada um de seus atributos que se complementam mutuamente. Já estudamos sobre o conhecimento infinito de Deus e, agora, passaremos para o conhecimento aplicado, que é a sabedoria.

DEFINIÇÃO DE SABEDORIA

A sabedoria de Deus pode ser concebida como sendo um aspecto particular do seu conhecimento. Charnock disse que Deus "deve ter conhecimento, ou ele não poderia ser sábio; a sabedoria é a flor do conhecimento, e o conhecimento é a raiz da sabedoria".[150] Em Deus o conhecimento é a causa e a sabedoria é o efeito. É evidente que conhecimento e sabedoria não são a mesma coisa, ainda que estejam intimamente ligados. Vemos exemplo disso nos dons que Deus dá aos homens, pois Deus fala do conhecimento e da sabedoria como dons diferentes, mas muito relacionados (1Co 12.8; ver Dn 5.14; Is 11.2). Nem sempre esses dons se encontram, juntos, numa só pessoa. Um homem inculto pode sobrepujar em sabedoria a um erudito. Os homens adquirem conhecimento por meio de estudo, mas a sabedoria é o resultado do conhecimento intuitivo das coisas. O primeiro é teórico, e o segundo é prático. Normalmente a sabedoria usa o conhecimento para servir a alguns propósitos determinados. O conhecimento é o entendimento das regras gerais, enquanto a sabedoria é o extrair conclusões de regras particulares para um propósito definido. A sabedoria é o conhecimento intuitivo aplicado.

[150] Charnock, *The Existence and Attributes of God*, vol. 1, 410.

Todavia, não pode haver sabedoria sem algum tipo de conhecimento. Toda manifestação de sabedoria é derivada de um conhecimento adquirido ou intuitivo. Muito embora a sabedoria e o conhecimento não sejam a mesma coisa, eles não podem estar dissociados.

No caso de Deus, em quem a sabedoria é infinita, está pressuposto um conhecimento também infinito. Em Deus a sabedoria não pode existir sem o conhecimento de todos os fatos pertinentes ao seu propósito. Tanto a sabedoria como o conhecimento são imperfeitos no homem, mas em Deus eles se caracterizam por sua perfeição e infinitude. A sabedoria de Deus é sua inteligência manifesta na adaptação dos meios aos fins. Berkhof descreve a sabedoria:

> "É aquele atributo de Deus por meio do qual o próprio Deus produz os melhores resultados possíveis com os melhores meios possíveis". Uma outra definição melhorada é: "aquela perfeição de Deus por meio da qual Ele aplica seu conhecimento para a obtenção de Seus fins conforme a maneira que mais o glorifique".[151]

O conhecimento é o fundamento da sabedoria e antecede a ela. Essas duas qualidades aparecem mencionadas juntas em Romanos 11.33. Os homens podem ter conhecimento sem sabedoria, mas nunca sabedoria sem conhecimento. O conhecimento é a apreensão dos assuntos, a sabedoria põe em ordem os assuntos, agindo prudentemente neles.

A. CARACTERÍSTICAS DA SABEDORIA DIVINA

1. A SABEDORIA É *ESSENCIAL* EM DEUS

Como todos os outros atributos, a sabedoria também é essencial em Deus. Deus não pode ser o que é sem ela. Ela não é própria somente de uma das pessoas divinas, mas de toda a Trindade. Essencialmente o que pertence a uma pessoa, pertence à outra. Portanto, o que pode ser dito do Pai, pode também ser dito do Filho e do Espírito Santo. Não é sem razão, então, que as Escrituras dizem que todos os tesouros do conhecimento e sabedoria estão escondidos em Deus e em Cristo Jesus (Cl 2.3).

2. A SABEDORIA NÃO PODE SER SEPARADA DE DEUS

O homem tem sabedoria, mas essa sabedoria humana foi colocada nele, ele a teve acrescida por alguém de fora. Todavia, a sabedoria não é algo acrescido a Deus e que veio a pertencer a Deus. Os homens possuem sabedoria e Deus é sabedoria. Como o esplendor do sol e o sol são uma coisa só, assim Deus é a sua

[151] Berkhof, 80.

sabedoria. Os dois vêm sempre juntos. Ao mesmo tempo que a sabedoria é um atributo de Deus, Deus é a própria sabedoria. Portanto, a sabedoria é um atributo essencial de Deus sem o qual ele não poder ser o que é e nunca os dois andam separados.

3. A Sabedoria É Propriedade de Deus *Somente*

Há um sentido em que somente Deus é sábio. Os homens podem ser chamados *filósofos* (amigos da sabedoria), mas somente Deus pode ser chamado de *Sophos* (de *sofia,* sabedoria) pois é o único sábio. O nome filósofo surgiu do respeito que os homens tiveram a esta perfeição transcendente de Deus.[152] Ser sábio é uma propriedade peculiar a Deus. Ele pode concedê-la a outros, mas é uma propriedade que lhe pertence.

4. A Sabedoria É *Originária* em Deus

A sabedoria entre os homens é obtida pela experiência dos anos, baseada no acúmulo de informações recebidas. Mas com Deus não é assim. Ele é sábio essencial e necessariamente. Deus não pode ser o que é sem a sua sabedoria. Sua sabedoria é eterna e não derivada. Ele não precisa de conselho de ninguém (Rm 11.34; Is 40.14). Ele é a fonte original de toda a sabedoria! Os anjos e os homens têm a sabedoria comunicada, mas Deus é a sabedoria original!

5. A Sabedoria É *Necessária* em Deus

Deus não escolhe nem resolve ser sábio. Não depende do exercício da sua vontade ser sábio. Assim como ele não decide conhecer todas as coisas, porque ele as conhece necessariamente, ele também não decide ser sábio. Ser sábio nele é algo que lhe é essencial. Ele não pode deixar de ser sábio, senão ele deixa de ser o que é. Nesse sentido ele é o "Deus único e sábio" (Rm 16.27). A sabedoria é a parte vital da ação de Deus. Em todas as suas operações a sabedoria necessariamente atua.

6. A Sabedoria em Deus É *Incompreensível*

É patente que a infinidade de Deus qualifica todos os outros atributos. As Escrituras são claras quando falam da sabedoria infinita de Deus. "Grande é o Senhor nosso, e mui poderoso; o seu entendimento não se pode medir" (Sl 147.5). É imensurável a sua sabedoria! Se ela não pode ser medida, ela também é incompreensível.

[152] Charnock, *The Existence and Attributes of God* (Grand Rapids: Baker, 1990 edition), 509.

Extasiado, contemplando a sabedoria de Deus na criação, o salmista exclama: "Quão grandes, Senhor, são as tuas obras! *Os teus pensamentos, que profundos!*" (Sl 92.5). A mesma expressão contemplativa proferiu Paulo quando tratou da mente de Deus: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.33). Os homens podem medir o que lhes é comum, mas não conseguem compreender a sabedoria divina porque ela sobrepuja o entendimento deles. Ainda que Deus resolvesse revelar a sua sabedoria, o homem seria incapaz de compreendê-la. Observe a meditação de Zofar quanto a isso:

> Jó 11.5-9 – "Oh! Falasse Deus e abrisse os seus lábios contra ti, e te revelasse os segredos da sabedoria, da verdadeira sabedoria, que é multiforme... Porventura desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até à perfeição do Todo-poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás fazer? Mais profunda é ela do que o abismo; que poderás saber? A sua medida é mais longa do que a terra, e mais larga do que o mar."

A sabedoria de Deus está além da compreensão humana porque ela é profunda como o abismo, elevada como os céus e vasta como o mar! São expressões que mostram a imensidão inatingível da sabedoria divina que o ser humano não pode compreender. Há uma profundeza impenetrável na sabedoria divina que torna os seres humanos perplexos e diminutos. Muitos segredos de Deus estão ainda escondidos em sua sabedoria, e mesmo que Deus os revelasse, os seres humanos, mesmo os crentes, ainda não poderiam compreendê-los, porque eles excedem o entendimento.

7. A SABEDORIA EM DEUS É ETERNA

Uma vez que a sabedoria é essencial em Deus e que este também é eterno, logo, a sua sabedoria também é eterna. O autor do livro de Provérbios registra uma sabedoria personalizada, que diz estar presente antes de todas as coisas. Essa só pode ser a sabedoria do Senhor Deus (Pv 8.22-31). A sabedoria é inseparável de Deus e por isso ela é eterna com ele (Jó 12.12, 13). A sabedoria de Deus é durável como a essência dele, portanto, não pode ser nem aumentada nem diminuída.

B. A REVELAÇÃO E A PROCLAMAÇÃO DA SABEDORIA DIVINA

1. A SABEDORIA DIVINA É *REVELADA* EM CRISTO

> Cl 2.1-3 – "Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós.

> pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face; para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, *Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.*"

Há algumas verdades que devem ser ressaltadas neste texto de Paulo:

Nesta passagem, Cristo é o mistério de Deus. Paulo já havia falado desse mistério em Colossenses 1.26, 27.

Nesta passagem, toda sabedoria e conhecimento estão escondidos em Cristo.

Tudo o que Deus deu a conhecer aos homens está encerrado em Jesus Cristo. Jesus Cristo, "segundo a sua natureza divina, conhece todas as coisas. Este conhecimento, sendo divino, abrange tudo, e é direto, simples, imutável e eterno."[153] Todavia, em Cristo, diferentemente dos outros homens, o conhecimento nunca vem separado da sabedoria. A sabedoria escondida em Cristo diz respeito à aplicação do conhecimento da melhor maneira. Além disso, não há qualquer tipo de sabedoria verdadeira à parte do Filho de Deus encarnado. Essa sabedoria escondida em Cristo é originária nele, é criadora, planejadora, orientadora, diretora e redentora. Nenhum outro tipo de sabedoria se iguala a essa. Nele está escondida a sabedoria de Deus que "reconcilia aquilo que parece irreconciliável".[154]

> Ef. 1.7-9 – "no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a *sabedoria* e prudência, *desvendando-nos o mistério* da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo."

O eterno propósito de Deus a respeito de todas as realidades está revelado em Cristo. Segundo Calvino, neste texto Paulo trata da "causa formal, a pregação do evangelho, pela qual a bondade de Deus é derramada sobre nós".[155] Essa manifestação da bondade divina vem em forma de "sabedoria e prudência". Esta sabedoria (*sophia* em grego) associa-se ao entendimento claro a respeito dos acontecimentos dos últimos dias que já havia começado no tempo em que Paulo escreveu a sua carta.

Todavia, esta sabedoria estava escondida em Deus – "um mistério da vontade divina" – que, posteriormente, na plenitude dos tempos, em Cristo, veio a ser

[153] William Hendricksen, *Philipians, Colosslans and Philemon* (Grand Rapids: Baker, 1979), 105.

[154] Ibid.

[155] John Calvin, *Commentaries on the Epistles of Paul to the Galatians and Ephesians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), 203.

"*desvendada*". Esse mistério oculto precisa, por decreto divino, ser revelado. Cristo é, portanto, chamado de sabedoria de Deus (1Co 1.24). Cristo é a sabedoria pessoal de Deus porque ele nos revela os segredos de Deus.

Assim é que Deus tirou o véu para que a igreja pudesse compreender essa sabedoria (1Co 2.6, 7, 12) e a tornasse proclamada ao mundo e às potestades.

2. A SABEDORIA DIVINA É *PROCLAMADA* ATRAVÉS DA IGREJA

Ef 3.8-13 – "A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo, e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, *oculto em Deus*, que criou todas as cousas, para que, *pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida*, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor."

Há algumas verdades neste texto que precisam ser analisadas:

1) A sabedoria de Deus é um *mistério* encerrado ou oculto em Deus, o Filho Jesus, como já vimos no ponto anterior.

2) Cristo é o *revelador* dessa sabedoria. As Escrituras dizem que todas as coisas acontecem "em Cristo" (v. 11b). Nada de Deus vem a nós a não ser em e através de Cristo Jesus. Todas as bênçãos de Deus a nós não podem ser concedidas sem Cristo. Ele é quem revela Deus e sua sabedoria diante de nós.

3) Essa sabedoria é chamada de "as insondáveis riquezas de Cristo" (v. 8b). Calvino fala dessas "riquezas insondáveis de Cristo" como "os espantosos tesouros da graça, que Deus repentina e inesperadamente concedeu aos gentios".[156] Certamente, nunca os gentios esperariam tão grande manifestação da graça divina, mas elas vieram de maneira abundante e surpreendente sobre eles. Um mistério que veio a ser revelado primeiro aos seus santos apóstolos e profetas (Ef 3.1, 6), e ao final, a toda a igreja de Deus.

4) A igreja de Deus é a *proclamadora* da sabedoria de Deus ao mundo; sabedoria esta que esteve oculta em Cristo. Deus privou os anjos de serem portadores dessa sabedoria, mas concedeu à igreja o privilégio de ser a portadora da mensagem da sabedoria divina. Os ministros da Palavra são os porta-vozes de Deus para que a proclamação da sabedoria de Deus aconteça.

5) Paulo era o *exemplo* da proclamação da sabedoria de Deus. "A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho" (v. 8). Paulo foi apenas um dos que pregaram o evangelho aos gentios, mas

[156] John Calvin, *Commentaries on the Epistles of Paul to the Galatians and Ephesians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), 253.

ele havia sido destinado por Deus de antemão para ser o porta-voz aos gentios dos mistérios de Cristo. E Paulo aplica a si mesmo uma profecia que também pode ser entendida como referindo-se a Jesus (At 13.46, 47). Por decreto divino ele foi o pregador do mistério oculto desde séculos aos gentios do seu tempo.

6) A proclamação dessa sabedoria é produto do *decreto* divino. A igreja é o veículo que Deus destinou para a propagação da sua sabedoria. Por essa razão, Paulo anuncia que essa manifestação da sabedoria pela igreja é o resultado do "*eterno propósito que Deus* estabeleceu em Cristo" (v. 11). Para entender um pouco desta matéria, imaginemos Deus como aquele que fez o *roteiro* para uma peça. Na eternidade passada, toda a história humana foi escrita de antemão. Foi um plano traçado por sua sabedoria bondosa. Todo o seu povo foram os atores no passado e nós o estamos sendo no presente. Um dia todos haveremos de presenciar a manifestação da sua glória na vida da igreja. E todas essas coisas foram escritas de antemão. Deus, assim, faz com que toda a história se cumpra em vários atos, até culminar com o ápice da história redentora apocalíptica, momento em que Deus será glorificado.

7) Essa sabedoria divina será *conhecida* de todas as *autoridades*: "a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos *principados e potestades* nos lugares celestiais" (v. 10b). Esses são os anjos. Calvino diz que a idéia de Paulo nesse verso é a seguinte: "A igreja, composta tanto de judeus como de gentios, é um espelho no qual os anjos contemplam a espantosa sabedoria de Deus demonstrada de um modo jamais visto por eles".[157] A despeito da sua glória os anjos são seres finitos, que ainda precisaram aprender muito a respeito do Deus que eles sempre adoram e servem. Por essa razão Findlay declara que "as revelações dos últimos dias – a encarnação, a cruz, a publicação do evangelho, o derramamento do Espírito – foram cheias de surpresas para os observadores celestiais".[158] É curioso que Deus não deu aos anjos o privilégio de serem portadores da sabedoria mas os fez ouvir a respeito dela. Os anjos tomam conhecimento, pela igreja, das muitas maneiras de Deus manifestar a sua sabedoria. A função da igreja não é somente pregar para a conversão dos pecadores, mas também anunciar às autoridades celestiais a glória de Deus manifesta em sua sabedoria multiforme. A igreja é o meio que Deus usa para que ele possa ser glorificado. Essa proclamação pela igreja aos anjos inclui o anúncio da sabedoria divina desde a criação até a consumação de todas as coisas, que é o retorno às condições como primitivamente existiam. Deus é louvado pelos anjos quando estes conhecem o que Deus faz por meio da igreja.

[157] Ibid., 256.

[158] G. C. Findlay, *The Epistle to the Ephesians* (Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1903), 172-73.

Curiosamente, os anjos, a despeito de serem seres santos, não conheciam a sabedoria graciosa de Deus, pois eles nunca foram objeto da graça perdoadora de Deus, por nunca terem pecado. Eles não conheciam essa faceta de Deus e este mistério da salvação dos gentios foi anunciado pelos ministros de Deus, a fim de que todos os principados e potestades viessem a conhecer de maneira evidente mais esse atributo da divindade. Parece-me que esta foi a única vez que a terra ensinou aos céus, os homens ensinaram a anjos as maravilhas da redenção de Deus!

8) Essa sabedoria divina se manifesta de muitas formas: "A *multiforme* sabedoria de Deus". A sabedoria de Deus possui muitas facetas, muitas cores. Deus não se manifestou simplesmente no anúncio da sua lei cheia de sabedoria no passado aos judeus; anunciou ainda o evangelho de maneira plena com a vinda de Cristo, e esse evangelho é a sabedoria de Deus demonstrada. Essa sabedoria possui manifestações múltiplas, que transcende a nossa capacidade de perceber todas as suas facetas. Todavia, algumas delas podem ser percebidas: ela se manifesta em amor, misericórdia, perdão, reconciliação, libertação, ao mesmo tempo que se manifesta na morte de Cristo por judeus e gentios como ódio ao pecado e, portanto, com a ira em justiça e juízo. Tudo isso é sabedoria de Deus, pois evidencia como Deus fez arranjos extraordinários para que pudesse haver a salvação do pecador, seja ele judeu ou gentio.

C. EVIDÊNCIAS DA SABEDORIA DIVINA

1. A CRIAÇÃO É EVIDÊNCIA DA SABEDORIA DIVINA

O salmista não deixa dúvidas a respeito da sabedoria divina, quando fala da criação do universo. "Que variedade, Senhor, nas tuas obras! *Todas com sabedoria as fizeste*; cheia está a terra das tuas riquezas" (Sl 104.24). Salomão concordou com o salmista quando reconheceu: "O Senhor com *sabedoria* fundou a terra, com inteligência estabeleceu os céus" (Pv 3.19). O profeta Jeremias completa com o "amém" aos escritores já citados quando expressa a sua admiração pela criação do mundo: "O Senhor fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua *sabedoria*, e com a sua inteligência estendeu os céus" (Jr 10.12; 51.15). Essa sabedoria criadora divina é personificada em Provérbios 8.22-36, a ponto de dar conselhos aos filhos dos homens.

2. OS SERES HUMANOS SÃO EVIDÊNCIA DA SABEDORIA DIVINA

Deus criou nossos primeiros pais com sabedoria. Todavia, misteriosamente, eles pecaram. Com o pecado, eles perderam a sabedoria divina que possuíam

antes da Queda. Por essa razão, os filhos dos homens são agora instados a procurar a sabedoria para poderem viver de modo agradável a Deus.

- A verdadeira sabedoria deve ser buscada (Pv 2.1-4)
- A verdadeira sabedoria é encontrada em Deus (Pv 2.6; 3.5-7)
- A verdadeira sabedoria só os retos possuem (Pv 2.7)
- A verdadeira sabedoria é internalizada (Pv 2.10)
- A verdadeira sabedoria provém do temor do Senhor
- A verdadeira sabedoria associa-se com a guarda dos mandamentos (Pv 3.1)
- A verdadeira sabedoria faz com que o ser humano não confie em si mesmo (Pv 3.5-8)
- A verdadeira sabedoria inclui a disciplina como prova de amor (Pv 3.9-12)
- A verdadeira sabedoria é de alto valor (Pv 3.13-17)
- A verdadeira sabedoria é vida (Pv 3.18)
- A verdadeira sabedoria está evidente na criação (Pv 3.19)

D. COROLÁRIO DA SABEDORIA DIVINA

1. Sem a Sua Sabedoria, as Outras Virtudes Seriam sem Brilho

A sabedoria é a virtude que dá brilho às outras virtudes de Deus. Charnock coloca esta idéia em termos bem claros: A sabedoria é a mais eminente de todas as virtudes; todas as outras perfeições de Deus, sem esta, seriam como um corpo sem olhos, ou como a alma sem entendimento. As virtudes dos cristãos precisam ser lustradas quando estão destituídas da direção da sabedoria. Sem a conduta da sabedoria a misericórdia é uma fraqueza; a justiça uma crueldade; a paciência, timidez e a coragem uma loucura. Da mesma forma a paciência de Deus seria uma covardia, seu poder uma opressão e sua justiça uma tirania, sem a sabedoria como a fonte e a santidade como uma regra. Nenhum atributo de Deus poderia brilhar com o devido esplendor sem ela.[159]

2. Sem Sua Sabedoria Deus não Poderia Governar o Universo que Criou

O mundo seria um caos sem qualquer controle. Deus não poderia ser o governador do universo sem uma sabedoria universal perfeita.

[159] Charnock, 515.

Exemplo: Há muitos governantes com inteligência (pelo menos com muita informação), mas poucos deles são sábios. Ser sábio é dirigir com fins proveitosos. Os governantes, em geral, querem o poder e procuram-no, mas não estão preocupados com a sabedoria. Por isso não a pedem. Todavia, foi exatamente essa qualidade que o rei Salomão pediu e Deus a concedeu. Por isso Tiago nos exorta para buscarmos a sabedoria que Deus dá liberalmente (Tg 1.5).

Deus é as duas essências: poder e sabedoria. É curioso que em várias passagens das Escrituras os termos *poder* e *sabedoria* vêm juntos (Jó 12.13, 16; Dn 2.20; 1Co 1.24; assim também quando se trata da sabedoria derivada, o poder anda junto Dn 2.23). O poder e a sabedoria precisam andar juntos porque eles são o fundamento de toda verdadeira autoridade e governo. Um governador com poder mas sem sabedoria é um déspota (usando aqui a palavra no sentido pejorativo); um governador com sabedoria mas sem poder é um fraco. Deus é ambos, poder e sabedoria infinitos!

Textos: 1 Samuel 2.3; Jó 28.12-28; Daniel 2.20.

3. APLICAÇÃO

A sabedoria divina não é um atributo teórico em Deus que não venha causar qualquer impacto em nós. Ao contrário, ela deve despertar em nós sensações profundas da sua grandeza e infinidade. Portanto,

a. REFLITA SOBRE A SABEDORIA DIVINA

É um grande pecado nosso quando não refletimos nos atos de Deus. Temos muitas realidades a observar na criação e na providência divinas. As obras de Deus, que expressam a sua sabedoria, são maravilhosas e devemos meditar nelas. O salmista contemplava as obras de Deus e meditava acerca da sabedoria de Deus e da pequenez dos seres humanos!

Quando refletimos nas obras de Deus passamos a admirá-lo ainda mais e a adorá-lo mais conscientemente. Deus fez todas as coisas não somente para o prazer e deleite dos homens, mas para que ele próprio fosse glorificado. Ele quer ser reconhecido por fazer todas as coisas e por mantê-las por sua própria sabedoria. Quando você reflete acerca da sabedoria de Deus na criação, você adora convenientemente o Criador. As obras de Deus são para que o Criador seja devidamente lembrado por suas criaturas.

Lembre-se de que Paulo advertiu seus contemporâneos por não glorificarem a Deus, pois tentaram suprimir o conhecimento que possuíam de Deus. Como conseqüência eles acabaram adorando a criatura em lugar do Criador; acabaram

por perder o conhecimento que tinham de Deus, tornando-se nulos nos seus próprios raciocínios (Rm 1.23).

Reflita sobre o atributo da sabedoria divina. Os crentes do passado fizeram assim. É importante o exercício dessa reflexão. Caso contrário, o seu conceito de Deus será cada vez menor.

b. Estude sobre a Sabedoria Divina

Até agora tratei da sabedoria da criação e da providência divinas. Que poderíamos então dizer das coisas sábias que Deus faz na redenção dos pecadores!? Já em refletir na nossa redenção há gozo em nosso coração! Reflita no que Deus fez de maneira sapientíssima, no plano maravilhosamente arquitetado para a nossa restauração, e prorrompa em louvores ao único Deus que é eminentemente sábio!

Procure conhecer as obras de Deus até onde for possível. Deus não nos revelou todas as coisas, mas procure estudar aquilo que ele revelou a respeito da restauração do pecador. Não somente saiba que Deus remiu você mas procure saber como ele fez isso. Quando você começar a estudar você vai descobrir os arranjos sábios de Deus para a sua redenção e vai admirá-lo e amá-lo ainda mais!

Muitos cristãos se conformam em conhecer apenas o básico do cristianismo mas não se aprofundam na sabedoria de Deus. Em razão disso, o escritor aos Hebreus disse: "Por isso, ponde de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito..." (Hb 6.1). O que "é perfeito" aqui está em contraste com os princípios elementares, que são as únicas realidades conhecidas dos que são crianças em Cristo. Portanto, busquemos "o que é perfeito", o que diz respeito aos assuntos maduros, possuindo um conhecimento profundo das doutrinas de Cristo, da sua pessoa e obra.

c. Peça a Deus Sabedoria

A sabedoria que possuímos por natureza não basta para que vivamos uma vida agradável a Deus, porque ela é nascida em nossa própria natureza pecaminosa que procura unicamente o interesse próprio. Esta sabedoria natural é produto daquilo que somos. Se somos pecadores, corrompidos em nosso ser mais íntimo, tudo o que provém de nós sofre também a corrupção do pecado. Portanto, essa sabedoria não pode ser suficiente para compreender e aplicar as ocupações santas na vida.

Por causa da fraqueza ou da impotência da nossa sabedoria natural, as Escrituras nos instam a procurarmos a verdadeira sabedoria em Deus. "Se, porém,

algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg 1.5). Salomão aplicou este princípio antes mesmo da orientação de Tiago. E a sabedoria que Deus lhe deu foi a sua maior glória, mais do que as suas vestes ou a sua riqueza em ouro. A sua fama correu o mundo por causa da sabedoria que Deus lhe havia dado. Esta, sim, impressionou a todos os que o conheceram e ela é exaltada nas próprias Escrituras.

Deus deu ao homem um certo entendimento dos empreendimentos, mas precisamos da luz celestial para compreendermos e aplicarmos à vida os princípios que aprendemos. O Espírito de Deus é quem nos capacita a ver as coisas do ponto de vista do Criador-Redentor-Rei. Por nós mesmos nunca teríamos a compreensão devida dos princípios fundamentais da vida. Precisamos desesperadamente dessa luz e essa luz de entendimento é um dom da graça. Portanto, precisamos todos pedir ao Iluminador de nossa mente essa sabedoria para viver neste mundo de acordo com a sua vontade. Precisamos pedir como o salmista: "Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei" (Sl 119.18). A sabedoria vem pela Palavra de Deus, mas esta precisa ser compreendida com a luz da graça de Deus. É dela que precisamos e por ela devemos pedir.

d. SUBMETA-SE À SABEDORIA DIVINA

Não questione a sabedoria de Deus. Qualquer coisa que ele lhe mandar fazer, faça. Todas as suas ordens são produto de sua vontade sábia. É verdade que a verdadeira sabedoria tem algo de incompreensível, mas você deve estar sob sua autoridade. Não importa quão estranhos possam parecer os caminhos de Deus, mas eles conduzem à vida. Nunca serão caminhos de morte as ações que Deus ordena que você faça. As palavras de Deus são sabedoria e vida.

Submeta-se à sabedoria de suas revelações. Ele revelou assuntos santos e sábios para o nosso deleite e para a sua glória. Não tenha qualquer temor de estar sob a autoridade da sabedoria revelada de Deus. Não tenha temor em crer em tudo o que Deus diz porque ele é sábio e verdadeiro em todas as suas palavras.

Submeta-se a todos os seus decretos na história do mundo. Nunca questione os decretos de Deus nem o modo como ele os executa. Ele é santamente sábio. Apenas fique silente diante da sua majestosa sabedoria, mesmo sem entender muitas coisas dela. Submeta-se ao Deus único e sábio. Essa é a coisa mais sábia que você pode fazer.

Submeta-se aos decretos dele na sua vida pessoal. Deus não erra nas coisas que faz. Tudo tem um propósito debaixo do sol. Nada é em vão. Muitas vezes

recebemos aflições que nos levam ao desespero e à sensação de que Deus está longe. Saiba que, de acordo com a sabedoria de Deus, tudo o que acontece em nossa vida "concorre para o bem dos que amam a Deus". Submeta-se à vontade sábia de Deus e tudo irá bem.

e. Jamais Confie na Sua Própria Sabedoria

Deus nos colocou no mundo com uma espécie de sabedoria que podemos chamar de natural. Paulo chama essa sabedoria de loucura: "Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?" (1Co 1.20). Ainda nessa mesma carta, Paulo adverte:

> 1Co 3.18-21 – "Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles. E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos. Portanto, *ninguém se glorie nos homens*."

Por essa razão não podemos nos jactar na sabedoria do mundo, porque ela foi afetada em muito pela queda, de forma que a nossa sabedoria é chamada de "loucura" se comparada com a de Deus.

Muitos homens jactaram-se de sua própria sabedoria e caíram em ruínas. Esta foi a experiência da Babilônia que se julgou sábia a ponto de desprezar a sabedoria divina. Veja o que Deus disse à Babilônia: "Porque confiaste na tua maldade e disseste: Não há quem me veja. A tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar, e disseste contigo mesma: Eu só, e além de mim não há outra" (Is 47.10). Assim a Babilônia foi arruinada pela sua própria ciência e sabedoria.

O mesmo pode acontecer com você. Se você confiar na sua própria sabedoria, você cairá em ruínas espirituais. Por essa razão o Pregador insiste:

> Pv 3.5-7 – "Confia no Senhor de todo o teu coração, *e não te estribes no teu próprio entendimento*. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. *Não sejas sábio aos teus próprios olhos*; teme ao Senhor e aparta-te do mal."

Nesse ponto esse Pregador deve ser inquestionavelmente obedecido. Não confiar na própria sabedoria já é sabedoria divina. E isto vem do céu! Portanto, peça-a a Deus.

ÍNDICE

CAPÍTULO 13 – A VERACIDADE E A FIDELIDADE DE DEUS

Definição 247

A. Características da Veracidade de Deus 248
1. A Veracidade É Essencial em Deus 248
2. A Veracidade de Deus É Grande 248
3. A Veracidade de Deus É Eterna 249

B. Exemplos da Veracidade de Deus 249
1. Deus É Fiel nos Seus Pactos 249
2. Deus É Fiel nas Suas Promessas 249
3. Deus É Fiel nas Suas Ameaças 250
4. Deus É Fiel no Socorro ao Seu Povo 251
5. Aplicação 251
a. Podemos Ter Confiança Completa Nele 251
b. Nunca Ficamos Desapontados com Deus 251

Capítulo 13

A VERACIDADE E A FIDELIDADE DE DEUS

DEFINIÇÃO

Alguns teólogos costumam tratar da fidelidade colocando-a no meio dos atributos morais, mas aqui eu a coloco entre os atributos intelectuais porque a fidelidade está sempre relacionada com a verdade. Esses dois atributos são inseparáveis, embora alguns estudiosos tentem distingui-los, como é o caso de Dagg. Ele faz uma ligeira distinção entre veracidade e fidelidade: "A veracidade é a declaração das coisas como elas são, e a fidelidade é o cumprimento exato de suas promessas e ameaças".[160] No entanto, podemos argumentar que nas Escrituras a palavra "fidelidade" está ligada intimamente com a "verdade". Não pode haver a noção de fidelidade sem que esteja ligada à verdade (Sl 145.13). As palavras de Deus "são fiéis e verdadeiras" (Ap 22.6). Quando a Bíblia diz que Deus é "fiel", ela está afirmando que ele é verdadeiro em todas as suas afirmações. Em contrapartida está o ser humano que mente e não é verdadeiro em tudo o que fala. Por isso é que Paulo, falando da fidelidade de Deus, diz: "seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso" (Rm 3.3, 4). Tudo o que há em Deus corresponde à realidade; tudo o que ele fala reflete a realidade (Sl 36.5; 89.8; Is 11.5; 2Tm 2.13).

Grudem explica que "a veracidade de Deus significa que ele é o Deus verdadeiro, e que todo o seu conhecimento e palavras são, ambos, padrões de fé verdadeiros e padrões de fé finais".[161] Aquilo que Deus expressa externamente corresponde àquilo que ele é internamente. Todas as suas afirmações estão de pleno acordo com o seu ser. Berkhof define a veracidade de Deus como "aquela perfeição de seu ser em virtude da qual ele cumpre perfeitamente a idéia da divindade, é perfeitamente digno de nossa confiança em sua revelação e vê todas as

[160] J. L. Dagg, *Manual of Theology* (Harrisonburg, Va.: Gano Books, 1990), 83.
[161] Wayne Grudem, *Systematic Theology*, 195.

coisas como são na realidade".[162] Para Berkhof a veracidade está ligada à essência da divindade e é o que o torna confiável.

A verdade de Deus, registrada nas Escrituras Sagradas, está muito acima da nossa compreensão finita. Por isso precisamos de sua graça para podermos entender algo dela. Tudo o que concerne a Deus é vasto, grande, incomparável, além do nosso entendimento! Contudo, ele é fiel conosco e nunca se esquece ou falta com sua Palavra, sendo, inclusive, fiel em iluminar o seu povo ao ler as Escrituras.

A. CARACTERÍSTICAS DA VERACIDADE DE DEUS

1. A VERACIDADE É ESSENCIAL EM DEUS

O homem mente porque a veracidade não é essencial nele. Ele pode continuar sendo ser humano, a despeito de não ser verdadeiro. Mas "Deus não é homem para mentir, nem filho de homem para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?" (Nm 23.19). Deus não pode continuar sendo Deus se não for fiel nas suas promessas, porque a veracidade é sua essência. Perceba que o homem pode *ter* fidelidade, porque essa fidelidade é derivada, mas Deus *é fiel* (Hb 10.23). O homem pode falar a verdade mas Deus é a verdade. Ele não pode ser diferente. Se ele fizer alguma coisa que não corresponda à verdade, ele se nega a si mesmo, deixando de ser o que é.

2. A VERACIDADE DE DEUS É GRANDE

Nenhum de nós pode imaginar quão grande é a veracidade de Deus porque não estamos muito acostumados com a verdade. Por causa da nossa humanidade caída estamos inclinados a mentir constantemente. Além da mentira não cumprimos os nossos tratos, falhamos em nossas promessas e freqüentemente não cumprimos as nossas ameaças. Esse é o ambiente no qual vivemos, e a veracidade não é parte essencial nem constante na nossa vida. Mas Deus é grande na sua veracidade. O profeta Jeremias, falando das misericórdias de Deus que não têm fim, mas se renovam a cada manhã, anuncia: "Grande é a tua fidelidade" (Lm 3.22, 23). O salmista, ao falar da grandeza da fidelidade do Senhor, usa uma expressão por certo comum também nos seus dias para expressar algo imensurável: "A tua benignidade, Senhor, chega até os céus, até às nuvens a tua fidelidade" (Sl 36.5).

[162] Berkhof, 81.

3. A Veracidade de Deus É Eterna

A verdade de Deus está firmada e confirmada para sempre nos céus (Sl 89.2). Por isso, ela permanece válida indefinidamente. Pedro diz que a "palavra de Deus, a qual vive e é permanente. Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente" (1Pe 1.23-25).

A verdade de Deus não é mutável nem determinada pelo contexto histórico. Ela não é uma verdade apenas para uma geração, mas para todas as gerações (Sl 119.90). O que foi verdade ontem, permanece verdade para sempre. Jesus disse que tudo neste mundo pode passar, mas a palavra de Deus não passará (Mt 24.35). Como a verdade de Deus é eterna, também é eterna a sua veracidade e fidelidade.

B. EXEMPLOS DA VERACIDADE DE DEUS

A veracidade de Deus com respeito às suas palavras tem várias facetas. Vamos estudar rapidamente algumas delas. O Senhor Deus prometeu cumprir cada promessa, cada pacto estabelecido e cada ameaça feita porque a fidelidade é essencial em Deus.

1. Deus É Fiel nos Seus Pactos

Deus é o estabelecedor dos pactos com o seu povo. Nos seus pactos há promessas para o bem-estar do seu povo. Essas promessas pactuais são fiéis e verdadeiras. Dirigindo-se ao povo de Israel que peregrinava no deserto, Moisés relembrou-lhes: "Saberás, pois, que o Senhor teu Deus é Deus, *o Deus fiel, que guarda a aliança* e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos" (Dt 7.9).

O Salmo 89 (versos 1, 2-4, 5, 8, 24, 33, 34, 49) talvez seja o texto das Escrituras onde mais se fale sobre a fidelidade de Deus. Nele lemos da fidelidade revelada em relação à promessa pactual de redimir seu povo através de Jesus Cristo, o Rei: "A benignidade está fundada para sempre: a *tua fidelidade*, tu a confirmarás nos céus, dizendo: Fiz aliança com o meu escolhido, e jurei a Davi, meu servo: Para sempre estabelecerei a tua posteridade, e firmarei o teu trono de geração em geração" (vv. 2-4; cf. 33, 34). Deus não recua nas suas promessas pactuais. Ele as cumpre cabalmente porque é da sua essência ser fiel à palavra que empenha.

2. Deus É Fiel nas Suas Promessas

Veja um exemplo da veracidade de sua promessa com respeito às coisas

comuns mas necessárias à vida dos seres humanos. Há milhares de anos Deus disse a Noé:

> "Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite" (Gn 8.22).

Cada dia em que levantamos pela manhã e dormimos à noite vemos o cumprimento cabal dessa promessa. Cada estação e cada ano que passa são uma nova prova do cumprimento dessa promessa por parte de Deus. Nunca estas coisas prometidas vieram a faltar na história do mundo. Por quê? Porque Deus não pode mentir, ele é verdadeiro.

Quando se trata de promessas de caráter soteriológico, aí é que a veracidade de Deus brilha com todo o fulgor. Veja a expressão do profeta Jeremias: "...porque as tuas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua *fidelidade*" (Lm 3.22, 23). Deus prometeu ser misericordioso e cada manhã é uma amostra da sua fidelidade, pois nos levantamos e Deus não nos consome em ira, isto é, Deus não nos pune conforme merecemos, porque ele lançou a nossa punição sobre Jesus Cristo. Então, cada dia somos lembrados de sua grande fidelidade!

Lucas, argumentando acerca da vitória de Cristo sobre a morte, registra as promessas de Deus a Davi como sendo "*santas* e *fiéis*" (At 13.34). Esses dois adjetivos das promessas vêm juntos porque eles não podem estar dissociados. A santidade de Deus qualifica todos os outros atributos. A sua veracidade também é santificada pelo fato de ela ser absolutamente fiel.

3. Deus É Fiel nas Suas Ameaças

Assim como as promessas, as ameaças de Deus são absolutas. Como ele não falha em suas promessas, também não falha em suas ameaças. O que ele pretende em suas ameaças ele cumpre.

Algumas de suas ameaças são condicionais e ele as cumpre somente se os pecadores não se voltam de seus pecados.

As ameaças de Deus almejam a correção dos seus filhos. É a fidelidade de Deus à sua Palavra que o leva a disciplinar os seus filhos. Há muitos crentes que sofrem disciplina ao violarem os princípios de Deus na ceia. Em razão disto Paulo explica: "Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes, e não poucos que dormem" (1Co 11.30). Deus cumpre as suas ameaças de disciplinar os seus filhos porque o Senhor "corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hb 12.6). O salmista diz que foi justamente afligido e que a disciplina

de Deus é produto de sua fidelidade (Sl 119.75). Essa disciplina é perfeitamente compatível com o seu amor. É justamente por causa do seu amor ser verdadeiro que Deus cumpre as suas ameaças de séria disciplina àqueles que violam os mandamentos da sua Palavra.

As ameaças de Deus têm a ver também com a punição dos ímpios. Os ímpios devem ter como certa a palavra de ameaça que Deus proferiu: "Assim jurei na minha ira: não entrarão no meu descanso" (Hb 3.11). Deus não falha no cumprimento da sua Palavra, porque sua Palavra vem acompanhada de juramento. Ele é absolutamente verdadeiro quando fala na manifestação da sua justiça.

4. Deus É Fiel no Socorro ao Seu Povo

Deus formou o seu povo e ensinou que é povo peregrino sobre a terra caminhando em direção à pátria celestial. Todavia, ele não o deixa ao sabor das tentações deste mundo. Ele acompanha tudo o que acontece com os seus. Além disso, como afirma Paulo, "não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas *Deus é fiel*, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1Co 10.13). Deus não abandona o seu povo, deixando-o desprotegido.

5. Aplicação

a. Podemos Ter Confiança Completa Nele

Deus é veraz. Ele não pode enganar ninguém, não pode falhar na sua palavra e, como conseqüência, ninguém pode duvidar dele.

A nossa certeza em todas as condições advém da veracidade de Deus. Ninguém poderia ter certeza de qualquer assunto se não houvesse a fidelidade de Deus (Hb 6.18). Somente uma pessoa veraz pode ser tomada como fidedigna. Poucos homens são fidedignos (Pv 20.6) porque eles mentem freqüentemente; mas em Deus podemos confiar porque ele é sempre verdadeiro no que diz.

b. Nunca Ficamos Desapontados com Deus

Os seres humanos desapontam porque eles prometem algo e geralmente não cumprem. Há muitos casais separados porque um dos cônjuges não cumpriu a sua promessa pactual; há filhos desapontados com seus pais porque estes não cumprem com a palavra empenhada. Mas não podemos dizer a mesma coisa de Deus. O contraste entre os homens e Deus é muito grande. Paulo ensina a Timó-

teo: "Se somos infiéis, *ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo*" (2Tm 2.13). Como foi dito acima, a fidelidade é essencial em Deus. Por isso ele não mente nas suas promessas nem quebra os seus pactos. Deus não desaponta a ninguém. Ele sempre responde às nossas expectativas, quanto às suas promessas, porque não é homem para mentir. Tudo o que diz ele cumpre.

B. Atributos Morais de Deus

1. Bondade de Deus
   Amor
   Paciência
   Misericórdia
   Graça
2. Santidade de Deus
3. Justiça de Deus

ÍNDICE

CAPÍTULO 14 – A BONDADE DE DEUS

A. A Natureza da Bondade de Deus 255
1. Deus É *Originalmente* Bom 256
2. Deus É *Imutavelmente* Bom 256
3. Deus É *Necessariamente* Bom 256
B. Os Objetos da Bondade de Deus 257
1. Bondade para com as Criaturas em Geral 257
2. Bondade para com os Homens 257
C. Lições sobre a Bondade de Deus 258
1. Precisamos Viver na Dependência de Deus 258
2. Precisamos Aprender a Pensar como Deus Pensa 259
D. A Multiplicidade da Bondade de Deus 260

Capítulo 14

A BONDADE DE DEUS

A bondade é outro dos atributos comunicáveis de Deus. Podemos definir a bondade de Deus como a sua disposição favorável para com toda a sua criação. Todavia, a sua bondade se manifesta de um modo particular àqueles que foram feitos à sua imagem e semelhança.

Em Marcos 10.18 Jesus diz a um jovem rico:

"*Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus*".

Segundo o entendimento de Jesus Cristo, a bondade era um atributo e um título próprio da divindade. Somente Deus merecia o título de "bom". Por que Jesus disse que somente Deus é bom? Ele não se considerava Deus? Esse não é o problema. O rico que se aproximou dele não o considerava Deus, somente um "Rabi". Nenhum homem, na consideração de Jesus, merecia o título "bom" da forma como o moço rico usou. Era como se Jesus tivesse dito a ele: "Se você me considera apenas um homem, mesmo que Mestre, não posso aceitar este título qualificativo". Aqui Jesus não negou a sua divindade. Ele simplesmente reprovou o homem por chamá-lo de bom, ao achar que Jesus fosse um simples mestre humano, quando este título só era devido a Deus.

A. A NATUREZA DA BONDADE DE DEUS

A noção de bondade no mundo é diferente da noção que as Escrituras apresentam com relação a Deus. É dito que um homem é bom porque ele é um homem santo, ou porque é caridoso e liberal no gerenciamento dos seus bens. É provavelmente nesse sentido que as Escrituras empregam a idéia de "bom" para o homem (veja Rm 5.7) em contraste com o injusto.

Mas Deus é bom no sentido de ter uma "inclinação para tratar bem e generosamente as suas criaturas".[163] Deus é bondoso quando entra em relação com

[163] Charnock, 219.

suas criaturas, e então, tem prazer nas suas obras, e as beneficia. Essa sua bondade independe de qualquer motivação nas suas próprias criaturas. Toda a bondade tem nascedouro em si mesma, por isso tudo que Deus criou é bom (1Tm 4.4).

Por causa da bondade que lhe é essencial ele faz o bem. Ele não pode deixar de fazer o bem. Aliás, era isso o que Jesus fazia sempre (At 10.38).

1. DEUS É *ORIGINALMENTE* BOM

Deus não é somente o maior dos seres, mas o melhor. Deus é originalmente bom em si mesmo. As criaturas podem ser boas, mas a sua bondade é comunicada, não essencial. Em Deus a bondade é parte da sua natureza. Ninguém pode dissociar a bondade da noção de Deus. Não há Deus sem esse atributo. Ele é bom essencialmente. Deus não depende de ninguém para ter bondade. Ele a tem de si mesmo. Sua bondade não é derivada. A bondade que os homens possuem lhes é comunicada, mas em Deus a bondade é essencialmente infinita.

2. DEUS É *IMUTAVELMENTE* BOM

A Sua bondade não muda, mesmo que os homens mudem de atitude para com ele. Como Deus é imutável na sua natureza, assim ele o é nos seus atributos. Deus não muda de atitude para conosco em bondade, a menos que a manifestação de qualquer de suas bênçãos seja condicional à obediência dos seus filhos. Mas mesmo quando seus filhos o desobedecem, a sua atitude de repreensão é cheia de bondade. Deus não se mostra em ira com seus filhos. Na hora de ira, ele se lembra da sua misericórdia!

Deus, que é bom, não pode ter esta perfeição alterada. Os homens podem ser bons, mas eles o serão por alguns momentos, porque o homem não tem o hábito de bondade; mas a bondade do Senhor "dura para sempre" (Sl 52.1).

3. DEUS É *NECESSARIAMENTE* BOM

Nada é necessariamente bom, exceto Deus. Ele é necessariamente bom, como necessariamente ele é Deus. Ser bom não depende do exercício da sua vontade, mas a manifestação da sua bondade depende dela.

Não era necessário para Deus criar o mundo; ele foi produto da sua vontade. Mas quando ele fez o mundo ele manifestou toda a sua bondade nele, porque ele não poderia ter feito nada mau. Tudo o que ele fez foi produto de bondade. Ele não poderia criar o mundo de outra maneira, porque seria contra a sua natureza. Ele é bondoso, e tudo quanto faz está cheio de bondade. Por isso, após ter termi-

nado a criação, ele disse de si para si mesmo: "E viu Deus tudo quanto fizera e eis que era muito bom" (Gn 1.31).

Desde a eternidade Deus é bom, muito embora ele não tivesse, além de si mesmo, a quem manifestar bondade. Isto é assim porque bondade é parte do seu ser (Sl 119.68; 145.7; 107.8, 15, 21, 31).

B. OS OBJETOS DA BONDADE DE DEUS

1. Bondade para com as Criaturas em Geral

Esta bondade pode ser definida como "aquela perfeição de Deus que o mantém solícito para tratar generosa e ternamente todas as suas criaturas".[164] A bondade de Deus direcionada aos homens e animais evidencia-se na preservação de todos eles. O Salmo 36 é elucidativo quanto à benignidade divina que se manifesta no desejo de ver todas as suas criaturas sustentadas em suas necessidades. Por isso o salmista louva o Deus que "preserva homens e animais" (v. 6c).

Juntamente com os homens, os *animais* recebem a porção da bondade de Deus. Deus possui uma grande consideração pelos animais que criou. O salmista reconhece que "em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento. Abres a mão e satisfazes de benevolência a todo vivente" (Sl 145.15-17). Esse salmo ainda declara que o Senhor "é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras" (Sl 145.8). Deus olha para toda a sua criação que está sob os efeitos da queda e a vê em miséria. Então é proclamado que ele é misericordioso com a sua criação, isto é, ele olha com bondade para os animais e os supre, pois os animais ficam olhando para Deus, esperando dele o sustento para suas vidas (ver Jó 38.41 e Mt 6.26 e o Sl 104). Deus está sempre favoravelmente disposto a abençoar bondosamente as suas criaturas pelo fato de elas lhe pertencerem.

2. Bondade para com os Homens

Juntamente com os animais, os *homens* são objeto da bondade de Deus. O salmista se encanta com a bondade de Deus e exclama: "Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! Por isso os filhos dos homens se acolhem à sombra das tuas asas. Fartam-se da abundância da tua casa, e na torrente das tuas delícias lhes dás de beber" (Sl 36.7, 8).

A bondade de Deus para com os homens não possui unicamente um caráter salvador. As suas bondades incluem o sustento, a preservação e bênçãos tempo-

[164] Berkhof, 82.

rais de toda sorte. Até o homem pecaminoso, não regenerado, recebe as bênçãos da bondade de Deus (Mt 5.45). Dirigindo-se aos gentios ímpios da Ásia, Paulo lhes anuncia acerca de Deus:

> At 14.17 – "Contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria."

Neste texto a bondade de Deus é mais do que o simples alimento. Deus concede bênçãos de caráter emocional quando os corações dos homens se enchem de alegria. Esta alegria não pertence apenas aos cristãos, mas aos homens em geral, como produto da bondade divina para com eles.

O interesse bondoso de Deus se revela no cuidado que almeja o bem das suas criaturas. Naturalmente, a manifestação da sua bondade tem uma variação de grau de acordo com a capacidade das criaturas em receber essa bondade. Ainda que os crentes não sejam os únicos a receber a bondade de Deus, eles são os únicos a reconhecer e a manifestar uma apreciação adequada das suas bênçãos sendo agradecidos por elas, servindo ao Senhor, o que resulta em mais bênçãos ainda.

Pink pinta a bondade do Senhor para com os seres humanos, em cores lindamente vívidas:

> A bondade de Deus é notória na variedade de prazeres naturais providenciados para o deleite das suas criaturas. Deus poderia ter-se contentado em satisfazer a nossa fome sem que a comida fosse agradável ao nosso paladar. Quão evidente é a sua bondade na variedade dos gostos que ele tem dado à carne, às verduras e frutas! Isto é bondade em extremo! A terra poderia ter sido igualmente fértil sem que sua superfície fosse tão deliciosamente variada. A nossa vida física poderia manter-se sem as flores bonitas que deliciam nossa vida e que exalam doces perfumes. Poderíamos viver sem a música dos pássaros, mas Deus a pôs para o nosso deleite. Mas isto é assim "porque a terra está cheia da bondade do Senhor" (Sl 33.5).[165]

C. LIÇÕES SOBRE A BONDADE DE DEUS

O texto do Sermão do Monte nos ensina algumas lições sobre a bondade de Deus.

1. PRECISAMOS VIVER NA DEPENDÊNCIA DE DEUS

No texto de Mateus 6.25-34 Jesus nos ensinou a olhar para as aves do céu

[165] A. W. Pink, *Los Atributos de Dios* (Lima: El Estandart de la Verdad, 1971), 72,73.

que vivem despreocupadamente, porque elas são sustentadas nas suas necessidades mais básicas. Da mesma forma ele quer que os homens vivam sem ansiedade alguma, esperando unicamente na bondade de Deus. Jesus ordenou que os seus discípulos olhassem para os passarinhos, animaizinhos frágeis que vivem ao "Deus dará". Realmente, eles não estão desamparados por Deus. Literalmente, Deus lhes dá o sustento de que precisam. "Ora", argumentou Jesus, "porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?" (Mt 6.26). Jesus foi mais longe ainda em sua argumentação. Ele tomou como exemplo a bondade de Deus com a criação inanimada. Se Deus tem cuidado da criação inanimada, como não terá dos seres humanos feitos à sua imagem e semelhança? Foi exatamente isso o que Cristo quis ensinar quando disse: "Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?" (Mt 6.30). Portanto, esse texto ensina especialmente que os cristãos devem viver confiantemente, na dependência de sustento proveniente da bondade divina. O que é verdadeiro quanto aos pardais e a erva do campo, deve ser verdadeiro a respeito daqueles que foram criados à imagem e semelhança do bondoso Deus. Portanto, o que nos cabe é não viver ansiosamente, mas esperar inteiramente na bondade do Senhor. Por isso, Jesus ensina: "Portanto, não vos inquieteis com o que havereis de comer, beber ou vestir (v. 31)... ou com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados" (v. 34).

Observe que Jesus considera a ansiedade pelas coisas essenciais da vida como "incredulidade". Os que não conhecem a Deus, os incrédulos (gentios), é que andam ansiosos. Os cristãos não devem cultivar esse tipo de pecado que evidencia falta de dependência de Deus.

2. Precisamos Aprender a Pensar como Deus Pensa

No texto do sermão do monte, em Mateus 6.19-21, inferimos que os seres humanos podem pensar terrenamente ou celestialmente. O que quero dizer é que eles podem pensar simplesmente com os olhos deste mundo ou com os pensamentos voltados para a ética do alto, de Deus. Eles podem pensar somente em tesouros desta terra ou do céu. Com isso não quero dizer que os cristãos não possam ou não devam pensar em coisas deste mundo, mas a atenção deles não deve estar primariamente nas realidades que são transitórias. Os cristãos não devem pensar que a totalidade da vida se constitui naquilo que vemos ou percebemos nesta presente existência. Precisamos ser encorajados a investir naquilo que tem valor permanente e é puro.

A bondade de Deus não é somente nos valores desta presente existência, nem limitada à comida, à bebida e à vestimenta ou alegria. Estas coisas os incré-

dulos também recebem, como já vimos. A bondade de Deus para com os cristãos deve ser vista como uma realidade que tem aplicabilidade perene. O objetivo de Jesus Cristo é nos mostrar que se Deus nos abençoa nos assuntos corriqueiros, quão maior será a sua disposição em bondade de nos abençoar com motivos enriquecedores espiritualmente. Deus tem sido bondoso conosco nos dando bênçãos que duram eternamente e devemos ter a preocupação de fazer com que essa bondade seja conhecida por todos através dos próprios dons que ele nos deu. É nosso dever exprimir a multiforme bondade de Deus àqueles com quem vivemos. Somente servindo aos irmãos e à comunidade com preocupação celestial é que acumularemos tesouros inextinguíveis!

Tenhamos unicamente a preocupação de buscar as coisas do reino bondoso de Deus que duram para sempre, já que as outras condições ele promete que nos serão sempre acrescentadas (Mt 6.33).

D. A MULTIPLICIDADE DA BONDADE DE DEUS

Todavia, além da bondade de Deus se revelar em elementos materiais como o alimento, a água, as bênçãos de saúde, as bênçãos de alegria etc., Deus também manifesta uma bondade que assume um caráter salvador.

Alguns seres humanos são maiores beneficiários da bondade divina do que outros. Sobre eles Deus põe o seu coração de um modo especial. As Escrituras têm material abundante ensinando acerca dessa bondade de Deus para com os seres humanos. Para fins didáticos estudaremos separadamente a bondade de Deus, que é manifesta de várias maneiras.

Quando a bondade de Deus se manifesta aos homens pecadores, ela pode ser vista de várias maneiras: como *amor, misericórdia, graça e paciência.* Estes atributos de Deus serão estudados separadamente como atributos que revelam a sua bondade.

Índice

Capítulo 15 – O AMOR DE DEUS

A. O Amor É Essencial em Deus 262

B. Nascedouro do Amor de Deus 263

C. Os Objetos do Amor de Deus 263

D. Características do Amor de Deus 263

1. Amor de Eleição 263
2. Amor de Redenção 264
3. Amor Sacrificial 265
4. Amor Eterno 265
5. Amor Imenso 266
6. Amor que Dá 267
7. Amor que Procura 269
8. Amor Soberano 269
9. Amor que Triunfa 271
10. Aplicação 271

a. Aprenda a Apreciar o Amor de Deus 271

b. Ensine sobre o Grande Pressuposto do Amor Salvador de Deus 272

c. Exercite o Seu Amor a Deus de Todo o Seu Coração 272

d. Permaneça no Amor de Deus 273

Capítulo 15

O AMOR DE DEUS

Esta é uma outra maneira de Deus mostrar a sua bondade para com os homens. Atualmente é muito necessário que expressemos uma idéia correta do amor de Deus, especialmente quando nos círculos cristãos a frase que mais se lê estampada é: "Sorria, Deus ama você!". Precisamos estar alertas quanto às implicações errôneas deste grande e precioso atributo de Deus.

Para alguns crentes este é o aspecto mais importante da bondade de Deus, o seu amor. Esse atributo é tão exaltado que, na teologia de algumas pessoas, os seus outros atributos ficam eclipsados. Não é verdade que o amor seja o mais importante, mas é certamente a maneira mais doce de Deus expressar a sua bondade, especialmente quando se trata da redenção de pecadores. Todavia, não podemos negligenciar o fato de que é o seu amor o responsável pela restauração do seu relacionamento com os homens e destes para com ele. Se não fosse o seu amor jamais seríamos restaurados ao seu próprio favor e, para sempre, estaríamos mortos em nossos pecados.

A. O AMOR É ESSENCIAL EM DEUS

João descreve Deus como sendo amor. Amor é a essência de Deus "pois Deus é amor" (1Jo 4.8). Perceba que o texto não diz que o amor é Deus, mas que Deus é amor. Se o amor é essencial em Deus, ele não pode existir sem ser amor. Ele não precisa necessariamente manifestar o seu amor aos homens, mas na sua essência ele é amor.

Os seres humanos possuem amor porque eles o receberam de Deus, mas o amor não é parte da essência deles, porque muitos vivem sem amor e não possuem amor para dar. O amor que os seres humanos possuem é derivado, mas o de Deus é original, pertencendo à sua essência.

B. NASCEDOURO DO AMOR DE DEUS

O amor de Deus tem nascedouro em si mesmo. A razão para o amor de Deus nunca está no objeto amado. O amor faz parte da natureza de Deus, por isso ele ama e nunca cessa de amar. O texto em 1 João 4.16 reitera que o amor está intimamente relacionado com Deus. Para João, permanecer no amor é o mesmo que permanecer em Deus. João não está dizendo que o amor é Deus, mas que Deus é amor. Esta última cláusula não pode ser revertida porque os humanos também amam, e eles não podem ser identificados com Deus.

C. OS OBJETOS DO AMOR DE DEUS

É comum pensar que Deus ama somente pecadores, porque pensamos somente no amor salvador de Deus. Mas as Escrituras mostram que não são somente os seres humanos os objetos do amor divino. Há também o amor que Deus tem por si mesmo. Tecnicamente falando, há dois tipos de amor em Deus: amor *ad intra* e amor *ad extra.*

O amor *ad intra* é o amor demonstrado pelas pessoas da Trindade entre si, ou seja, o amor intratrinitário, que é um amor com manifestação interna e eterna, porque é demonstrado antes da fundação do mundo. Em várias passagens das Escrituras está registrado o amor do Pai pelo Filho (Jo 3.35; 10.17; 15.9, 10; 17.23, 24, 26); e o amor do Filho pelo Pai (Jo 14.31). Sem muita explicação Paulo fala do "amor do Espírito" (Rm 15.30), que certamente abrange as outras pessoas da Trindade e os pecadores.

O amor *ad extra* é demonstrado em favor das criaturas caídas. Esse amor é chamado *ad extra* porque ele é demonstrado fora do ser divino, a seres que não o próprio Deus.

O amor *ad intra* é amor por objeto digno,[166] o amor *ad extra* é amor por objetos indignos, que é o amor de salvação.

D. CARACTERÍSTICAS DO AMOR DE DEUS

1. Amor de Eleição

Deus colocou o seu amor em algumas pessoas porque ele as elegeu para

[166] De uma maneira muito correta Leon Morris diz que "o fato do termo *agape* denotar um amor espontâneo e não motivado, não significa que ele possa ser dirigido somente para o indigno. É tendência nossa enfatizar este significado porque é somente assim que nós pecadores experimentamos o amor. Mas por este amor ser espontâneo, ele é exercido a despeito da dignidade do objeto, podendo ser dirigido para o mais digno dos objetos tanto quanto para os que são indignos" (Leon Morris, *Testaments of Love* (Eerdmans: 1981, 138).

serem redimidas por Cristo Jesus. Esta verdade não soa agradável aos ouvidos daqueles que pensam que Deus tinha a obrigação de amar a todas as pessoas sem exceção e, assim, salvá-las. A palavra eleição implica uma escolha amorosa de Deus. Ele se afeiçoa às pessoas por alguma razão nascida nele próprio e não nelas. Deus então resolve amá-las, elegendo-as para que sejam salvas das conseqüências todas dos seus pecados.

As Escrituras rejeitam a idéia de que Deus esteja debaixo de qualquer obrigação em amar a todos os homens por estes serem suas criaturas. As criaturas perderam todo e qualquer direito da parte de Deus quando se rebelaram contra ele. Por essa razão é que as Escrituras afirmam que a única maneira de os homens serem salvos é receberem o amor eletivo de Deus. Por isso as Escrituras registram que "Deus nos predestinou *em amor* para a adoção de filhos..." (Ef 1.5). A fonte da eleição é o amor de Deus por nós. Deus colocou o seu coração em nós, por isso ele escolheu alguns dentre os membros da raça caída. Qualquer outra noção da nossa eleição que não seja o amor de Deus faz com que mereçamos a nossa salvação! Longe de nós qualquer pensamento similar!

2. AMOR DE REDENÇÃO

No texto em 1 João lemos que "nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus (nunca entenderemos o que o amor significa se começamos com a resposta humana),[167] mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.10). O amor de Deus pelos seres humanos está sempre associado com a redenção de pecadores e que sempre conduz à salvação deles.

A cruz é a demonstração maior do amor de Deus. A cruz foi o meio de amor que Deus usou para tratar com o problema do pecado humano. O amor é a inclinação natural de Deus, não a nossa.

Deus derrama o seu amor por pecadores indignos. O trecho em Romanos 5.5-8 evidencia o caráter redentor do seu amor. Observe as características do objeto do amor de Deus: eles eram "fracos" (v. 6). A palavra grega usada por Paulo é ἀσθενῶν (*asthenon*), que traz a idéia primária de alguém moralmente doente antes que fisicamente doente. Ao invés de serem moralmente bons, eles estavam moralmente acabados; eles eram também "ímpios" (v. 6); eram "pecadores" (v. 8); eram inimigos de Deus (v. 10). Todo o texto mostra a condição de miséria do objeto do amor de Deus. Deus nos ama a despeito do que somos. Por

[167] Leon Morris, *Testaments of Love* (Eerdmans: 1981), 129.

isso o seu amor é de redenção, é um amor que recupera, que restaura a dignidade perdida por causa do pecado. É um amor que nos faz "novas criaturas".[168]

E esse amor de redenção é expresso totalmente pelo fato de que Cristo Jesus foi enviado para fazer pelos pecadores aquilo que eles não poderiam fazer por si mesmos. Não é um amor de sentimentalismo, mas um amor efetivado em obra de entrega do que é mais precioso, para a redenção de pessoas maltratadas e estragadas pelo pecado.

Portanto, de uma maneira bem simples, podemos definir o amor de Deus como o aspecto de sua natureza que o leva a providenciar a redenção de pecadores.

3. Amor Sacrificial

Diferente dos amores que os seres humanos possuem, que são em geral interesseiros, o amor de Deus é sacrificial. O que isto significa? Significa que ele sempre procura o bem-estar do amado não importando o custo. O amor de Deus, que nos favorece tanto, lhe custou muitíssimo caro. A salvação que recebemos gratuitamente teve um preço muito alto. João aprofunda o assunto ao afirmar que "nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós" (1Jo 3.16).

Paulo, admirado pelo amor sacrificial de Deus, reconhece que "Deus não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou" (Rm 8.32). Deus não poupou a seu Filho para que nós fôssemos poupados de receber a punição. Por isso o seu amor é sacrificial: porque Deus escolheu alguém de si mesmo para sofrer a punição. Deus não escolheu alguém fora de si, mas o próprio Filho que é um com ele em essência. Paulo experimentou esse amor sacrificial de Jesus Cristo por ele, levando-o a reconhecer que "o Filho de Deus me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.20). A preposição grega *hupper*, que é traduzida como "por", significa não simplesmente "em favor de" ou "em benefício de", mas "*no lugar de*", o que implica um sacrifício substitutivo do santo no lugar do pecador.

4. Amor Eterno

Deus é eterno assim como eternos são todos os seus atributos. O amor não foge à regra. O amor de Deus por nós existe antes de haver mundo e existirá mesmo depois que este mundo for renovado.

O texto clássico que ensina esta verdade está em Jeremias 31.3: "Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí". Deus aqui ensina ao

[168] Ver em Efésios 2.1-10 a indignidade dos homens e como Deus os amou.

profeta quão breve e passageiro é o amor dos homens. Em Jeremias 2.2 Deus clama ao povo: "Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem e do teu amor, quando noiva..." Esse amor não durou no coração do povo, a despeito das contínuas bênçãos de Deus sobre ele. A transitoriedade do amor dos homens por Deus é contrastada com a duração do amor de Deus por eles.

A diferença no amor de Deus é a sua qualidade. No hebraico, como no português, não há a mesma riqueza de palavras para expressar amor, como no grego. Jeremias usa as mesmas palavras para expressar o amor dos homens por Deus e por outros deuses, e também o de Deus por nós. Provavelmente, a única maneira de expressar o amor de um modo diferente, foi dizer que o amor de Deus é duradouro, não muda, permanece sempre o mesmo, a despeito da infidelidade das pessoas amadas. O amor de Deus não é um amor de simples tolerância com os pecados do povo, mas é um amor cheio de fervor do começo ao fim. por causa da sua natureza santa. Esta é a mensagem extraordinária de amor que Jeremias traz da parte de Deus.

O amor de Deus, portanto, é um amor de constância, que independe das reações da pessoa amada, que é ilustrado no amor de Oséias por Gomer.[169] Novamente é um amor por coisas indignas, mas é amor que vai até o fim.

Esse amor continuado por objetos indignos não significa que Deus não puna as infidelidades. Oséias percebeu a necessidade de punição, e parte dessa punição está nos próprios efeitos que o pecado produz. Há as punições físicas. Israel sofreu enormemente com a invasão dos inimigos. Mas mesmo no meio da disciplina é possível ver o amor de Deus agindo no meio do seu povo. O capítulo 14 de Oséias é uma amostra total do amor de Deus que dura para sempre.

5. AMOR IMENSO

O amor de Deus é imensurável em sua grandeza. Encantado com esse amor imenso João exclama: "Vede que *grande amor* nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus" (1Jo 3.1). João admira-se do fato de Deus ter tornado os inimigos dele em amigos, chamando-os de filhos dele! Realmente, "ninguém tem maior amor do que este: dar a vida em favor dos seus amigos" (Jo 15.13). Os que eram inimigos Deus considerou amigos por causa do seu inigualável grande amor. Por isso esse amor é chamado de "maior amor".

Paulo por diversas vezes descreve a grandeza do amor de Deus. Em Efésios 2.4-5, tratando da misericórdia, ele expressa: "Mas Deus sendo rico em miseri-

[169] Veja os textos de Oséias que mostram a atitude ímpia de Gomer, e como ele agiu para com ela: 2.2; 4.12-15 18; 5.3ff; 6.10; 7.4; 9.1 (veja ainda em Ezequiel 16 a mesma ênfase em um amor duradouro de Deus pelo povo

córdia, por causa do *grande amor* com que nos amou... nos deu vida juntamente com Cristo". Ainda, uma vez mais, falando do assunto da imensidão do amor de Deus Paulo o descreve geometricamente:

> Ef 3.17-19 – "e assim habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a *largura*, e o *comprimento*, e a *altura*, e a *profundidade* e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus".

Paulo usa quatro palavras-chave: largura, comprimento, altura e profundidade. Essas palavras são utilizadas como descritivas da imensidão e da plenitude do amor de Deus. Esses quatro termos podem indicar algumas condições:

Largura – provavelmente ela aponta para o fato de não somente judeus serem objeto dele, mas também os gentios (Ef 2.11-18).

Comprimento – provavelmente tenha a ver com a extensão temporal desse amor que vem desde a eternidade e vai até a eternidade. É bastante comprido (Ef 1.4, 5).

Altura – provavelmente seja uma associação com as "bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo" (Ef 1.3), e que nos tenha feito assentar nesses mesmos lugares em Cristo (Ef 2.6).

Profundidade – provavelmente seja uma referência ao fato de que esse amor nos atingiu quando estávamos nas profundezas do pecado, mortos em transgressões (Ef 2.1), no abismo de trevas. Ele nos alcançou quando estávamos no fundo do poço e nos elevou para uma posição de honra tratando-nos como filhos.

Portanto, essas palavras nos falam desse amor tão grande que vai para todas as direções e que percorre todas as distâncias a fim de nos alcançar. Esse amor é incompreensível (pois "excede todo entendimento") não só por causa da sua natureza mas também por causa da sua imensidão. Contudo, quanto mais envolvidos por esse amor, mais podemos compreendê-lo. Quem nunca foi objeto desse grande amor, jamais pode compreendê-lo. Aqueles de nós que já recebemos desse amor podemos ter uma idéia razoável dele, mas nunca o compreenderemos em plenitude.

6. Amor que Dá

O amor de Deus tem uma conotação ímpar, pois não é encontrado em nenhum outro lugar e em nenhuma outra pessoa. Todos os amores do mundo querem alguma coisa em troca. O amor de Deus é diferente: ele se oferece.

O amor *agape* tem, pelo menos, duas características nas quais ele se choca

com *eros*. Primeiro, ele não é necessariamente um amor por coisas dignas, um amor de mérito. Segundo, ele não compartilha com *eros* o desejo de possuir. É verdade que há um sentido em que Deus nos deseja, mas no *eros* o desejo de possuir é crucial.[170] Mas a noção de posse está ausente do amor de Deus.

Deus não tem necessidade de nos amar porque ele não precisa de nós. Ele é um ser completamente independente e basta-se a si mesmo.

O homem é totalmente diferente na manifestação do seu amor por Deus, porque cada vez que ele se aproxima de Deus ele traz alguma coisa como oferenda a Deus. Morris diz que esse tipo de atitude

> "aponta para uma verdade importante. Fazemos nossas oferendas a Deus, mas o que trazemos a Deus que não tenhamos recebido dele? Não há nada intrinsecamente nosso que torna a vida de Deus mais rica ou mais plena. Não podemos acrescentar nada às suas riquezas".[171]

Amamos a Deus e lhe queremos dar alguma coisa, mas a nossa doação não representa algo de nós mesmos, e sim o que Deus mesmo já nos deu.

No amor de Deus os elementos são muito diferentes. Em Deus há a alegria de dar porque é um amor de um ser totalmente independente. Deus dá daquilo que nós definitivamente não temos. Deus dá aos pecadores tudo aquilo de que precisam.

Essa faceta do amor de Deus também era desconhecida dos pagãos. "Esse tipo de amor não é encontrado em religiões não-bíblicas."[172] Emil Brunner ressalta que

> a mensagem de que Deus é amor é algo totalmente novo no mundo. Percebemos isto se tentamos aplicar esta afirmação às divindades das várias religiões do mundo: Wotan é amor; Zeus, Brahma, Ahura Mazda, Vishnu, Allah é amor. Todas estas combinações são, obviamente, totalmente inúteis. Mesmo o Deus de Platão, que é o princípio de todo Bem, não é amor. Platão teria ouvido esta afirmação de que "Deus é amor" com um confuso abanar da cabeça. Do ponto de vista do seu pensamento, tal afirmação teria sido totalmente sem significado.[173]

Deus deu o seu Filho como prova do seu amor. Sem a cruz nunca teríamos a noção do que *agape* significa. O Filho perfeito, sem mácula, foi entregue por amor aos pecadores. Ele morreu por gente sem mérito. Ele foi entregue sem que nada houvesse sido dado a Deus. Não é amor de troca, mas é amor que dá.

---

[170] Morris, 141. Veja-se o exemplo de um moço amando uma moça. Seu amor inclui obrigatoriamente o desejo de posse. O *eros* está presente. Ele não pode ficar sem ela, ele depende dela, por isso a quer. *Eros* significa necessidade, necessidade que somente o amado pode realizar (Ibid).

[171] Morris, 142 (Ver 1Cr 29.14).

[172] Morris, 142.

[173] Emil Brunner, *The Christian Doctrine of God* (Londres, 1949), 183.

7. Amor que Procura

O amor de Deus é um amor que vai à procura de elementos perdidos. As três parábolas de Lucas 15 são um exemplo muito elucidativo dessa qualidade do amor de Deus. Percebe-se claramente uma crescente na idéia do que significa algo perdido e do significado do amor pelo que está perdido. Mas é provável que a mais significativa das três seja a parábola da ovelha perdida. Essa parábola tem sido objeto de muito estudo, e de maravilhosas representações em pinturas. Esta parábola revela muito nitidamente como Deus age com pecadores perdidos, que se apartaram do seu rebanho. O curioso da parábola é que quem está perdido não tem consciência do seu estado de perdição. Ignora totalmente a sua condição e não sabe o caminho de volta para o aprisco. É exatamente esse o ponto que a parábola ilustra.

O que Jesus quis salientar naquela parábola foi que:

> Os líderes religiosos já haviam dado essas pessoas como perdidas. Jesus sabia que elas estavam perdidas, mas ele sabia que elas podiam também ser encontradas – encontradas para trazer regozijo ao coração de Deus; porque ele sabia que haveria "mais alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove que não necessitam de arrependimento". Nessa saída para buscar o perdido é que há algo novo.[174]

Esta é uma característica nova a respeito do amor no ensino de Jesus. Nunca ninguém havia ensinado um amor que vai em busca daquilo que está perdido! Jesus está revelando uma faceta do amor de Deus que os seus contemporâneos não conheciam.[175]

Então, com este amor decidido, o pastor vai em busca de suas ovelhas perdidas. Assim, Deus vai em busca das suas ovelhas, como supremo pastor que é. E todo o seu povo foi atingido por esse maravilhoso amor que sai à procura do que estava perdido!

8. Amor Soberano

O amor de Deus não é um sentimento enfermiço que freqüentemente é mostrado a todas as pessoas sem exceção, para que se prove que Deus é amor. Deus não é influenciado por nada em seu amor a não ser pela sua própria natureza. Nada de fora o impulsiona a amar as criaturas caídas. Ele as ama de acordo com o seu próprio caráter.

Como Deus é soberano, assim também a expressão do seu amor. Aliás, to-

[174] H. G. G. Herklots, *Publicans and Sinners*, Londres, 1956, 36.
[175] Morris, 157.

das as *demonstrações* do seu favor para com o homem caído são demonstrações fundadas na sua vontade. Deus é amor, mas ele decide mostrar amor. Deus não resolve ser amor, mas ele é amor. Contudo, ele resolve demonstrar seu amor. Ele resolve amar a quem quer porque o amor não é uma dívida dele para com os seres caídos. Logo, se ele resolve amar soberanamente, amando a quem quer, nenhum de nós pode contrariá-lo em suas decisões de amor.

Vejamos a argumentação de Paulo nesse sentido, na qual ele desafia os seus leitores a chamarem Deus de injusto na manifestação soberana do seu amor. Paulo retira um texto de Malaquias 1.2, 3 que é notável por sua clareza. Esse texto intriga aqueles que têm uma noção bastante pobre sobre a natureza do amor divino, sobre a soberania do seu amor. O texto mostra que Deus faz as coisas que quer, e podemos perceber claramente nele a liberdade absoluta do seu amor.

O texto de Romanos 9.11-15 é uma ilustração bem clara do amor soberano de Deus.

> "E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus quanto à eleição prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela (Rebeca): O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú. Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão."

Resumindo a idéia: havia dois gêmeos, Esaú e Jacó. Perceba que não há qualquer antecedente neles e qualquer atitude conseqüente que influencie na manifestação do amor de Deus: "pois não tinham praticado nem bem nem mal". Nada de fora determina o amor de Deus ou o seu ódio. Ambas as coisas não podem ser explicadas pelas atitudes das pessoas. O texto declara que antes deles nascerem ou de praticarem qualquer ato bom ou mau, um deles foi objeto do seu amor, e outro do seu ódio. A atitude de Deus para com eles não foi baseada em qualquer coisa que ambos haveriam de fazer. Simplesmente Deus resolveu amar um e não outro. Tinham os mesmos pais e haviam nascido ao mesmo tempo. Por que Deus agiu assim? Pelo simples fato de que ele tem a prerrogativa de amar soberanamente. Assim, ele ama a quem quer.

Esta idéia de Deus amar segundo a sua própria decisão está explícita ainda em Romanos 9.25. Esse texto é uma citação de Oséias 2.23, a história de Gomer, a prostituta que Oséias foi ordenado amar. Esse é exatamente o quadro da relação entre Deus e os pecadores. O texto de Paulo anuncia que "chamarei amada à que não era amada". Novamente aqui está enfatizada a liberdade que Deus tem de amar segundo a sua vontade.

É muito interessante observar que quase sempre esse amor soberano está vinculado à eleição divina (Rm 11.28; Ef 1.4, 5; 1Ts 1.4; 2Ts 2.13). Nessas passagens, Deus decide amar as pessoas, e essa decisão de amor está vinculada aos seus propósitos eletivos e não a qualquer coisa que tenha a ver com a atitude das pessoas receptoras do amor.

9. Amor que Triunfa

Geralmente concebe-se o amor de Deus como um amor fraco, frouxo, que não causa nada nas pessoas amadas, justamente porque ele é apresentado distorcidamente. O Deus ensinado por várias teologias mostra que o amor dele é sempre rejeitado pelos homens e ele sempre perde nos intentos do seu amor. Ele sempre falha no seu amor porque as pessoas são muito empedernidas, e resolvem não aceitar o seu amor.

No seu ensino geral, as Escrituras dizem que é impossível ser amado por Deus e, todavia, ficar impassível diante de seu amor. O amor de Deus infalivelmente provoca em nós mudança, porque o seu amor simplesmente nos atinge em cheio. Deus não pede licença para manifestar o seu amor a nós. Ele simplesmente resolve nos amar e seu amor causa efeitos em nossa vida. É bom lembrar que o amor de Deus é internalizado, derramado em nosso coração pelo Espírito Santo (Rm 5.5). Por isso ficamos inseparavelmente unidos ao seu amor.

Em virtude do amor de Deus ser soberano, ele penetra em nós e nos amarra a si. Estamos seguros nesse amor. Não poderíamos estar seguros nesse amor se nós próprios fôssemos os responsáveis pelo fato de seu amor nos alcançar. Ao contrário, por causa do seu amor soberano ter nos alcançado é que nós estamos seguros nele. As Escrituras asseguram que "em todas as coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou". Então Paulo continua a argumentar que o amor em nós é muito forte e vitorioso, de tal forma que "nada nos pode separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus" (Rm 8.37-39). O objeto desse amor não resiste a esse amor porque o amor de Deus é um amor eficaz! E por ser eficaz é um amor triunfante!

10. Aplicação

a. Aprenda a Apreciar o Amor de Deus

Nunca haveremos de apreciar o amor de Deus a menos que entendamos quem éramos, de onde ele nos tirou, e onde estaríamos se ele não interviesse miraculosamente em nossa vida, e onde ele nos colocou. Não se esqueça de que o amor de Deus não é um amor *por causa* das coisas que lhe oferecemos, mas a

despeito do que somos (leia agora Ef 2.1-4). Deus não tinha obrigação alguma de nos amar, mas nos versos 4 e 5 Paulo explica que Deus "sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo – pela graça sois salvos". Você jamais vai apreciar o seu grande amor a menos que você entenda com o coração o tipo de amor que ele lhe deu, e entenda a miséria em que você estava quando ele o amou. O verso 7 continua, mostrando onde ele colocou você: ele fez você "assentar nos lugares celestiais", isto é, numa posição de honra, juntamente com Cristo. Examine estas verdades e aprenda a apreciar o amor de Deus!

b. Ensine sobre o Grande Pressuposto do Amor Salvador de Deus

Que grande pressuposto é esse? O fato de os seres humanos permanecerem perdidos a menos que houvesse a intervenção do amor divino no coração deles. Não há remédio para se Deus não internalizar o seu amor neles. Precisamos mostrar aos outros a sua real situação. Não minimize a questão do pecado porque se você fizer isso também estará minimizando o amor de Deus. A salvação dos pecadores pelo amor de Deus não é uma tarefa pequena. É uma grande realização. Por isso o autor da carta aos Hebreus adverte: "Como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação?"(Hb 2.3). Como as pessoas poderão entender sobre a grande salvação sem antes compreenderem sobre a grande perdição? Não adianta simplesmente chegar para as pessoas e lhes dizer: "Deus ama você e quer salvá-lo", quando essas mesmas pessoas não possuem qualquer noção do que a perdição significa. A perdição, miséria, depravação, corrupção, etc., precisam ser enfatizadas a fim de que o amor salvador de Deus receba a devida ênfase no seu testemunho e venha a ser devidamente compreendido por eles.

c. Exercite o Seu Amor a Deus de Todo o Seu Coração

O amor de Deus não deve somente ser pregado, apreciado, mas deve ser exercido por nós. Se Deus nos amou, esse amor deve provocar resposta. Se não amamos a Deus e aos nossos semelhantes é sinal de que não temos em nós o amor de Deus.

Em várias passagens das Escrituras, do Antigo ao Novo Testamento, Deus ordena que o amemos (Mc 12.28-30). Este é o primeiro e o maior mandamento, como ensinou Jesus. O segundo mandamento é o amor pelos nossos semelhantes (Mc 12.31; Jo 13.34, 35). Portanto, se não exercitamos esses dois grandes mandamentos, a nossa vida não é cristã, porque é esvaziada daquilo que

mais a caracteriza. Sabiamente disse Francisco de Assis: "Pelo amor o cristão é conhecido".

d. Permaneça no Amor de Deus

Deus amou você em Cristo Jesus e ele ordena que você não somente o ame, mas que também permaneça nele. Foi exatamente isso que Jesus ordenou: "Permanecei no meu amor" (Jo 15.9). Como permanecer no seu amor? O próprio Jesus explica: "Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor" (Jo 15.10). Há muitos que pensam que amar é um mero sentimento, sentimento prazeroso no coração. Isso não é verdade. O amor nosso por Deus deve ser evidenciado em obediência, em submissão à sua Palavra. É curioso que Jesus nunca exigiu dos seus discípulos o que ele próprio não tenha feito. Veja como ele complementa o verso 10: "assim como eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e *no seu amor permaneço*". Não existe amor a Deus sem obediência. Esse é o sentido de "permanecei no meu amor".

Índice

Capítulo 16 – A PACIÊNCIA DE DEUS

Definição 275

A. É um Atributo Essencial em Deus 276

B. Os Objetos da Paciência de Deus 276
1. Deus É Paciente com Aqueles a Quem Quer Salvar 276
2. Deus É Paciente para com os Ímpios Impenitentes 277
3. Deus É Paciente com Seus Filhos 278

C. A Manifestação da Paciência de Deus 279
1. Sua Paciência É Manifestada através das Suas Constantes Advertências por Causa dos Pecados dos Homens 279
2. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Pune com uma Certa Tristeza 280
3. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Retarda Seus Julgamentos de Ameaça Mesmo quando os Pecadores não Mostram Qualquer Sinal de Arrependimento 281
4. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Envia os Seus Julgamentos Gradativamente 281
5. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Envia os Seus Juízos Muito Moderadamente 282

D. Exemplos da Paciência de Deus 283

E. O Entendimento da Paciência de Deus 284
1. Que Entendamos a Enormidade da Nossa Provocação 284
a. Veja a Provocação dos Ímpios 285
b. Veja a Provocação dos Crentes 285
2. Aplicação 286
a. Peça a Deus Paciência 286
b. Exercite a Paciência 286

Capítulo 16

A PACIÊNCIA DE DEUS

A paciência é uma outra forma de Deus expressar a sua bondade para com os homens. Há vários termos usados na Bíblia como sinônimos de paciência. As Escrituras afirmam abundantemente que:

a) Deus é *longânimo*, e a longanimidade também é uma expressão da sua bondade (Sl 103.8; Êx 34.6; 1Pe 3.20; 2Pe 3.15);

b) Deus é *tardio em irar-se*, e essa atitude também é expressão da sua bondade (Ne 9.17; Sl 145.8; Jl 2.13; Jn 4.2; Na 1.3).

Leiamos o registro das Escrituras: "Ou desprezas a riqueza de sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?" (Rm 2.4).

Mas, infelizmente, muito pouco se tem dito sobre esta faceta do caráter de Deus. Há muitas referências nas Escrituras sobre este aspecto encantador de nosso grande Deus!

DEFINIÇÃO

Pink define a paciência divina como "o poder de controle que Deus exerce sobre si mesmo, fazendo com que ele próprio seja indulgente com o ímpio e que se detenha por algum tempo em castigá-lo".[176] Berkhof define a paciência de Deus "como aquele aspecto da sua bondade, em virtude da qual ele suporta o obstinado e o malvado apesar de sua persistente desobediência".[177] Esta paciência é revelada no adiamento do juízo merecido sobre o pecador.

Em contraste com os homens, que são irascíveis, que não têm controle sobre si mesmos e que não perdoam facilmente as ofensas que lhes são feitas, Deus é paciente e perdoador. Por que os homens se iram facilmente e não perdoam?

[176] Pink, op. cit., 77.
[177] Berkhof, 85.

Porque eles não possuem a capacidade de controlar-se a si mesmos diante da provocação. Mas com Deus é diferente. Ele se ira, mas tem poder sobre a sua própria ira. Ele se domina porque um dos seus atributos é o poder. Veja um exemplo desta verdade:

> Nm 14.16-19 – "Não podendo o Senhor fazer entrar este povo na terra que lhe prometeu com juramento, os matou no deserto. Agora, pois, rogo-te que a força do meu Senhor se engrandeça, como tens falado, dizendo: O Senhor é longânimo e grande em misericórdia, que perdoa a iniqüidade e a transgressão, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniqüidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração."

Analisemos esses versos: Moisés intercede diante de Deus pelo povo que está peregrinando no deserto. É um povo rebelde que o Senhor "*não pode deixar entrar na terra*" porque desobedeceu a ele. Deus não pode deixar um povo desobediente entrar em seu repouso. Contudo, conhecendo a Deus, Moisés pede a manifestação da sua força para que ele seja paciente (longânimo) com o povo. A paciência, que é o retardamento da ira, é um atributo que Deus exerce com o exercício do poder que possui sobre si próprio, a fim de não despejar de imediato o seu furor contra os transgressores da sua lei. Esse poder é a causa de sua paciência; e quando Deus adia a manifestação da sua ira, ele mostra gloriosamente o poder que tem em não executar sua ira de imediato. No texto acima Moisés pede não somente paciência mas também o perdão para o povo, apelando para a sua misericórdia. Logo adiante veremos a distinção entre paciência e misericórdia.

A. É UM ATRIBUTO ESSENCIAL EM DEUS

As Escrituras dizem que Deus é o "Deus de toda paciência" (Rm 15.5). Pode ser dito que a "paciência" é uma das qualidades essenciais de Deus porque: (a) Paciência é o que ele é. É uma de suas perfeições, e ele não pode ser o que é sem a sua paciência; (b) Deus é o autor da paciência da qual os homens são beneficiários; (c) Na paciência ele serve de modelo para nós (Cl 3.2; Ef 5.1).

Quando nos sentirmos desejosos de expressar a nossa ira contra alguém que nos feriu, lembremo-nos do que Deus diz em Efésios 4.32-5.1. Sejamos pacientes!

B. OS OBJETOS DA PACIÊNCIA DE DEUS

1. DEUS É PACIENTE COM AQUELES A QUEM QUER SALVAR

Se por paciência entendemos a demora de Deus em manifestar a sua ira, esta

paciência é dirigida, especificamente, aos ímpios. Estes são primordialmente os objetos da paciência de Deus.

Deus é paciente porque ele tem desejos de salvação para os ímpios. O desejo de salvação que Deus possui pelos ímpios está expresso na sua paciência com eles. Veja dois textos que tratam desta matéria:

> Rm 2.4 – "Ou desprezas a riqueza da bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?"

Há algumas coisas que precisam ser analisadas neste texto:

1) Paulo usa duas palavras semelhantes para paciência: tolerância e longanimidade. Quando Deus é tolerante indica que ele temporária e aparentemente "ignora" o que os pecadores estão fazendo, dando-lhes oportunidade de arrependimento; quando Deus é longânimo, indica que a sua paciência é muito prolongada, aguardando com paciência o tempo da restauração dos pecadores.

2) Paulo associa essas duas palavras com a bondade de Deus. Esta é a razão da sua tolerância e longanimidade. A bondade de Deus, portanto, manifesta-se em arrependimento para os pecadores. Todos que éramos condenados, um dia recebemos a bondade de Deus que causou o arrependimento em nós.

Se Deus não mostrasse a sua bondade em forma de paciência, ele há muito nos teria destruído.

> 2Pe 3.9 – "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento."

Pedro está tratando nos versos anteriores da zombaria dos ímpios acerca das promessas de Deus que não são cumpridas (vv. 3-7). Então ele argumenta com seus leitores que Deus nunca retarda as suas promessas, nem se demora no cumprimento delas. A razão de ele não emitir o seu juízo imediatamente sobre os homens está na sua longanimidade. O propósito da sua longanimidade é a salvação dos seus, porque ele não quer que nenhum deles pereça. Portanto, a bondade de Deus, que é manifesta em paciência, causa em nós o arrependimento para a salvação.

2. Deus É Paciente para com os Ímpios Impenitentes

No ponto anterior tratamos dos ímpios que vieram a ser objeto da paciência de Deus, que tinha por objetivo a salvação deles. Neste caso é uma paciência para aqueles que não serão salvos.

Rm 9.22 – "Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição."

Este verso merece uma atenção especial. Nos capítulos 8 a 11 de Romanos Paulo está tratando da redenção dos pecadores eleitos e da reprovação dos outros pecadores. Tudo sendo resultado da soberania de Deus; seja no seu amor pelos que redime ou no ódio por aqueles que decide não salvar. No verso acima Paulo fala da paciência de Deus para com esses últimos. Estes, que não foram objeto da sua misericórdia, são tratados com uma paciência que é muitíssimo prolongada. Observe que o texto diz "muita longanimidade". Essa paciência muito prolongada tem como causa o poder de Deus. Deus mostra nos ímpios o poder que ele possui sobre si mesmos, não mostrando imediatamente o seu juízo. Todavia, a despeito de possuir uma paciência prolongadíssima, Deus pode sustar a manifestação dela. Qual é o limite dessa paciência? Deus é paciente até que ele resolva mostrar a sua ira (que é a sua justiça em execução).

Para essas pessoas que são chamadas de "vasos de ira", que de antemão foram "preparadas para a perdição", Deus mostra a sua paciência. É por essa razão que vemos pessoas ímpias que parecem "intocadas" a despeito de seus muitos pecados. Elas são semelhantes àquelas mencionadas no Salmo 73 (a quem Asafe invejou por instantes). Muitos crentes ainda hoje ficam pensando que Deus está ausente da realidade e que não se importa mais com o mundo que criou. Não! A razão delas ficarem temporariamente "impunes" é a longanimidade de Deus para com elas. Todavia, essa longanimidade tem um fim; não porque Deus perca a sua paciência, mas porque ele resolve manifestar a sua justiça em ira. Alguns chamam esta paciência prolongada de "misericórdia temporária".

3. DEUS É PACIENTE COM SEUS FILHOS

Os cristãos, a despeito de serem remidos por Cristo, não estão ainda remidos completamente. Eles ainda pecam. E como Deus os trata? Como Deus os trata em suas fraquezas? Como Deus os trata diante de seus fracassos?

2Pe 3.15 – "E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada."

Deus é paciente com os crentes quando os trata menos rigorosamente do que deviam ser tratados. Deus os castiga menos do que seus pecados merecem. Esta foi a sensação de Esdras, quando disse: "Tu, ó nosso Deus, nos tens castigado menos do que merecem as nossas iniqüidades" (Ed 9.13b).

Na verdade, a paciência de Deus com os seus filhos deve ser chamada preferivelmente de misericórdia, porque acaba por suspender definitivamente a punição. Deus é tão paciente com eles que nunca mais põe a sua punição sobre eles. É por isso que Pedro atribui a salvação nossa à paciência de Deus.

C. A MANIFESTAÇÃO DA PACIÊNCIA DE DEUS

Quando Deus é paciente ele está mostrando a sua demora em mostrar a sua ira e a sua indisposição para executar os seus juízos sobre os homens ímpios. Deus não tem prazer na condenação do ímpio. Ele não se agrada na manifestação do seu juízo. Esta é uma razão da sua paciência.

Deus é obrigado por sua própria natureza a punir os pecadores e a derramar a sua ira porque o pecado transgride a lei. A lei sendo violada exige a manifestação da justiça e reclama punição; mas a manifestação da justiça punitiva não lhe traz deleite.

Ao resolver destruir o mundo por causa da maldade do homem em Gênesis 6.5-7, ele teve um tipo de sentimento representado na palavra "arrependimento" que certamente pode ter alguma conotação de desprazer, embora não saibamos da real natureza do seu sentimento. Ao mesmo tempo que Deus não tem deleite na punição do ímpio, ele tem a obrigação, por força da sua própria constituição, de punir o ímpio. Mas ele quase nunca o pune da forma como puniríamos se fôssemos nós os governantes do mundo. Ele espera pacientemente, ele retarda a manifestação da sua ira, porque não quer ver toda a sua criação perecendo. Por isso ele é paciente com todos eles.

A sua paciência é, portanto, o retardamento da manifestação da sua ira. Isto ele faz de vários modos:

1. Sua Paciência É Manifestada através das Suas Constantes Advertências por Causa dos Pecados dos Homens

Antes de derramar sua ira Deus troveja contra a impiedade dos homens. Ele admoesta várias vezes antes de aplicar a punição. O trecho de Jó 33.13, 14 esclarece que Deus "olha dos céus; vê todos os filhos dos homens; do lugar da sua morada observa todos os moradores da terra". E essa não é apenas uma observação passiva diante da maldade dos homens. Ele os adverte de seus maus caminhos e envia uma mensagem após outra. Deus não adverte apenas uma vez. Ele tem usado os seus profetas e ministros da Palavra chamando os homens ao arrependimento. Isso mostra a sua longanimidade.

Antes de destruir o mundo com água, Deus advertiu os homens por 120 anos

através do "pregoeiro da justiça" (1Pe 3.20; 2Pe 2.5); O profeta Oséias profetizou por mais de 40 anos[178] ao povo de Israel e Judá. Vários profetas foram contemporâneos, e todos eles advertiram contra a maldade do povo, vaticinando o cativeiro. Deus sempre adverte muitas vezes antes de fazer chover a sua ira. Isto é paciência.

Deus tem o direito de punir logo após a primeira advertência, mas ele tem esperado pacientemente. É "tardio em irar-se". Antes da ira ele envia os seus arautos para anunciarem o seu desgosto com o pecado e punição sobre eles.

2. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Pune com uma Certa Tristeza

Ele é tardio em mostrar a sua ira porque não tem prazer no castigo das suas criaturas, nem "na morte do ímpio" (Ez 18.23).

Deus não se agrada em punir os homens, pois as Escrituras dizem que ainda que o Senhor "entristeça a alguém, usará de compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias; porque não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens" (Lm 3.32, 33). Considere-se que Deus é o criador de todos os homens e ele não se deleita na punição deles. A enormidade da provocação dos homens e a necessidade de reivindicar os seus direitos divinos não o levam, ainda assim, a mostrar a sua ira com deleite. O seu direito como governador do Universo, tendo as suas leis violadas constantemente pelos homens, não o leva a ter gozo na aplicação da sua justiça. É porque isto não lhe traz prazer que ele se demora na manifestação da sua ira e mostra tristeza na aplicação da sua justiça.

Veja o texto em Oséias 6.4. Ali Deus pergunta: "Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque o vosso amor é como a nuvem da manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa". Esta é uma figura que mostra Deus tendo uma certa tristeza em aplicar a sua ira aos infratores da lei. É como se houvesse dito: "Eu tenho usado todos os recursos da pregação para trazer vocês ao meu redio, tenho enviado os meus profetas como meus porta-vozes, mas vocês não os querem ouvir. O que vou fazer com vocês?" Deus já sabia o que devia fazer, mas o seu coração estava pesaroso em manifestar desprazer contra o pecado deles. Afinal, Deus havia feito nascer a Israel, e havia cuidado desse povo. Ele não estava se deleitando na punição deles! Assim, ele arrazoa: "Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? Como te faria como a Admá?

[178] Oséias profetizou no período de quatro reis de Judá (*Uzias* – viveu 38 anos após a morte de Jeroboão; *Jotã* – reinou 16 anos; *Acaz* – reinou 16 anos e *Ezequias* reinou 29 anos) e no período de um ano do reino de Israel (Jeroboão II).

Como fazer-te um Zeboim? Meu coração está comovido dentro em mim, as minhas compaixões à uma se acendem. Não executarei o furor da minha ira; não tornarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; não voltarei em ira" (Os 11.8, 9). Deus é paciente ao mostrar sua tristeza na condenação da impiedade, mesmo as do seu povo (ver Sl 78.38).

3. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Retarda Seus Julgamentos de Ameaça Mesmo quando os Pecadores não Mostram Qualquer Sinal de Arrependimento

Deus não deseja torturar suas criaturas, nem deseja acabar com elas imediatamente. Por essa razão retarda a manifestação da sua ira. Ele não põe um fim imediato na alegria dos ímpios em meio aos seus pecados. Freqüentemente Deus guarda a sua ira para o estado final dos homens. Ele nem sempre os pune já neste tempo presente "porque ele não tem prazer na destruição do ímpio".

Mesmo a despeito dos contínuos pecados dos homens Deus espera longo tempo, deixando-os sem a punição merecida. Deus apenas permanece em compasso de espera para manifestar a sua justiça que sempre é derramada no tempo próprio.

É certo que a manifestação da iniqüidade dos homens aumenta à medida em que eles percebem que Deus é paciente. Ao invés de retrocederem e diminuírem sua malignidade, provocam mais a Deus. Veja a observação do Pregador:

> Ec 8.11 – "Visto como não se executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal."

Talvez por causa da demora em mostrar a sua ira é que os homens pensam que Deus não é verdadeiro no que fala quanto ao tempo do seu julgamento (veja o texto de 2Pe 3.4-7). Mas Deus não retarda a sua promessa; ela é cumprida no tempo certo. Por isso podemos dizer que a sua longa espera pode estar estreitamente ligada ao seu desejo de que os homens, em toda parte, se arrependam, mesmo aqueles que já são dele (2Pe 3.8, 9).

4. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Envia os Seus Julgamentos Gradativamente

Deus não mostra todos os seus juízos de uma só vez. Seus julgamentos são anunciados e manifestos como a luz da aurora, que vai brilhando devagar até ser dia perfeito. É em Oséias 6.5 que lemos que os julgamentos de Deus são como a luz. Ele começa com advertências, esperando que as pessoas se arrependam de

seus pecados e, então, parte para manifestações mais drásticas de sua ira. O texto de Joel 1.4 ilustra a maneira como Deus age nos seus juízos. Sua ira será externalizada totalmente, mas não de uma vez. A manifestação dela é gradativa.

O julgamento sobre o povo de Israel veio gradativamente. Vemos isso ilustrado em Oséias 2, no relacionamento entre marido e mulher. Em primeiro lugar Deus retém a sua bênção (v. 9); em segundo Deus expõe a vergonha (v. 10); em terceiro Deus tira o prazer e o gozo (v. 11); e finalmente Deus faz a devastação de tudo o que é fundamental para a economia de Israel (v. 12). O objetivo final da manifestação gradativa da sua ira é para que os homens cheguem ao arrependimento. Pela graça isto aconteceu no texto ilustrado. Nos versos 14-23 há o arrependimento e a volta de Israel por causa da paciência misericordiosa de Deus.

5. Sua Paciência É Manifestada quando Ele Envia os Seus Juízos Muito Moderadamente

O texto no Salmo 78.38 é um exemplo da sua moderação na manifestação dos juízos. Se os juízos fossem distribuídos sem moderação, nenhum homem continuaria a existir de tão pesados que eles seriam. Deus não acende a fornalha na plenitude de seu calor. Do contrário os homens cessariam de existir. Mas não é assim que Deus trabalha. Deus manifesta a sua ira de uma forma abrandada, moderada, evidenciando sua paciência para com os homens.

Deus envia a sua ira como gotas que caem sobre os homens, não como pesadas chuvas que absolutamente destroem tudo o que está aqui embaixo. As presentes tempestades, furacões, maremotos e terremotos que há em nosso planeta são apenas gotas em comparação com os abalos cataclísmicos de todos os elementos da criação quando da manifestação final da ira divina no fim do mundo. Deus age dessa forma por causa de sua paciência.

Deus derrama a sua ira apenas como gotas, atingindo algumas pessoas individualmente, como é o caso de Herodes, por exemplo (At 12.22, 23); entretanto não age assim com todos os homens que são merecedores da manifestação severa de sua ira. Ele tem tido paciência com eles. Por essa razão ele envia os seus juízos moderadamente.

Quando Adão pecou Deus feriu a terra com maldição trazendo "cardos e abrolhos" (Gn 3.17, 18) mas ainda deixou flores e frutos para o nosso deleite. Se fosse aplicar sua ira na plenitude, ele nada deixaria para que desfrutássemos. Ainda em nossa impiedade recebemos a bondade de Deus manifesta em sua paciência que se evidencia em juízos moderados.

De acordo com Esdras, em sua oração de confissão, os nossos pecados justificariam um juízo muito mais severo, mas ele reconhece que Deus "castiga-nos menos do que merecem os nossos pecados" (Ed 9.13) e, segundo Davi, "ele não nos retribui consoante as nossas iniqüidades" (Sl 103.10). Esta é a sua paciência mostrada em juízos moderados.

D. EXEMPLOS DA PACIÊNCIA DE DEUS

Por muitas vezes Deus *manifestou* a sua paciência no trato com os pecadores. Vejamos alguns exemplos:[179]

• Quando a humanidade estava totalmente degenerada nos tempos de Noé, Deus não a destruiu antes de avisá-la. Deus "esperava" (aguardava, 1Pe 3.20) o tempo próprio, que foi pelo menos 120 anos (Gn 6.3), durante os quais Noé foi o pregoeiro da justiça (2Pe 2.5). Deus foi paciente com eles.

• Bem mais tarde, quando os gentios não só adoravam a criatura em lugar do Criador, mas também cometiam maldades e as abominações mais vis (Rm 1.19-26), Deus, ao invés de exterminá-los, deixou-os "em seus próprios caminhos", e lhes deu "chuvas e estações frutíferas" (At 14.16, 17).

• A paciência de Deus foi maravilhosamente demonstrada para com Israel na época do êxodo. Primeiro "Deus suportou-lhes os maus costumes por cerca de quarenta anos no deserto" (At 13.18). Mais tarde, quando já haviam entrado em Canaã, os israelitas seguiram os costumes ímpios dos povos que os rodeavam, caindo em crassa idolatria. Ainda que Deus os tenha castigado, não os destruiu totalmente e, na sua angústia, lhes mandou libertadores. Quando a sua iniqüidade chegou a extremos que só um Deus de paciência podia tolerar, ele, contudo, adiou o castigo durante centenas de anos antes de mandá-los para o cativeiro da Babilônia. Finalmente, quando a sua rebelião alcançou o limite máximo ao crucificarem o Filho Amado, Deus esperou quarenta anos para enviar os romanos para destruírem Jerusalém, pois "eles se julgaram indignos da vida eterna" (At 13.46).

Pink ressalta com muita propriedade a longanimidade de Deus:

> "Quão maravilhosa é a paciência de Deus para com o mundo hoje em dia! Por todos os lados as pessoas pecam ousadamente. A lei divina é pisoteada e o próprio Deus é desprezado. É verdadeiramente assombroso que ele não fulmine num só instante aqueles que se portam tão descaradamente para com ele. Por que Deus não extermina com um só golpe o arrogante infiel e o blasfemo, como fez com Ananias e Safira? Por que Deus não faz

[179] Alguns exemplos são tirados de Pink, op. cit., 79, 80.

abrir a terra e esta devore os perseguidores do Seu povo, como fez com Datã e Abirão? E o que se pode dizer da cristandade apóstata que tolera e pratica todo tipo de pecado diante do santo nome de Cristo? Por que a justa ira do céu não põe um fim a tanta abominação? Somente uma explicação é possível: Porque Deus suporta "com muita *paciência* os vasos de ira preparados para a perdição"(Rm 9.22).[180]

E. O ENTENDIMENTO DA PACIÊNCIA DE DEUS

Não entenderemos a paciência de Deus a menos:

1. QUE ENTENDAMOS A ENORMIDADE DA NOSSA PROVOCAÇÃO

A lentidão de Deus em irar-se transcende infinitamente a paciência de qualquer dos seres criados. Nenhuma das criaturas, nem mesmo os anjos, poderia suportar por um só dia as iniqüidades do mundo, ou mesmo somente as iniqüidades do povo de Deus. Somente Deus pode suportar a enormidade de ofensas dos homens por causa do grandioso poder que tem sobre si mesmo. Deus tem um controle sobre si que não podemos compreender de tão grande que ele é. Ele é paciente não somente com os pecados do mundo, mas especialmente com os pecados dos crentes, que dizem amá-lo (veja Ml 3.6).

Se Deus tivesse se comprometido em dar o governo do mundo aos santos já glorificados no céu, o mundo há muito teria sido destruído, mas a paciência de Deus é tão grande com a enormidade dos pecados dos homens ímpios, que até os remidos no céu fazem inquirição acerca do tempo da vingança (Ap 6.10). Mas o governo do mundo está nas mãos de Deus que é paciente!

Não temos a paciência de Deus, pois quando contemplamos a enormidade da maldade no mundo, pedimos para Deus aquilo que os santos do céu pediram, isto é, que Deus destrua todos os ímpios, aqueles que são contra ele e contra o seu povo. Ainda bem que não somos nós que estamos no governo do universo, pois não temos a paciência de Deus no meio de tão grande corrupção!

A enormidade de nossa provocação está no fato de que os homens "bebem a iniqüidade como água" (Jó 15.16). Os homens têm provocado Deus por quebrarem as suas leis e por desafiarem a sua majestade. Eles têm provocado Deus face a face. É difícil imaginar Deus não derramando sua ira imediatamente sobre a enormidade das provocações dos homens!

Não entenderemos a paciência de Deus, a menos que entendamos a multiplicidade de nossa provocação. De muitos modos os homens, incrédulos ou crentes, têm provocado ao Senhor dos céus.

[180] Pink, op. cit., 80.

a. Veja a Provocação dos Ímpios:

Desde a Queda a iniqüidade do homem tem aumentado e sido continuada. O texto de Gênesis 6.5 afirma que "era continuamente mau todo o desígnio do coração" do homem (ver Gn 8.1).

A cada momento os homens provocam Deus com suas imaginações, palavras e atos: pecados de omissão, pecados de comissão, pecados da mente, pecados do corpo; pecados de ignorância, pecados voluntários. Isso diz respeito aos pecados de um dia. Você pode imaginar os pecados de 30, 40, 70, 80 anos? Quantas provocações! Quem pode computar todos os pecados de um só homem em sua vida? Quanto mais os pecados de todos os homens em todas as gerações!

Você pode imaginar somente os pecados da nossa geração? Quantas afrontas à Palavra de Deus nos meios de comunicação! Quantos conselhos éticos errôneos são ministrados aos filhos nas escolas e nas ruas! Quantas provocações ao Deus da verdade! Qual é a amostra disso nas Escrituras? Leia Romanos 1.29-31. Os homens são "aborrecidos de Deus". Em outras palavras: eles odeiam Deus! Eis por que eles provocam Deus de múltiplas maneiras.

Por que não são todos destruídos de uma vez? Por que todos não são lançados imediatamente na condenação? Porque Deus é paciente, longânimo e assaz benigno com eles.

Is 65.2, 3 – "Este povo de contínuo me irrita."

Os homens não têm provocado Deus somente uma vez, mas constantemente. Cada homem tem pecados cometidos num só dia que seriam suficientes para Deus derramar a sua ira sobre eles todos.

b. Veja a Provocação dos Crentes:

O pior acontece com os crentes: cometemos os mesmos pecados que dizemos que jamais cometeríamos outra vez. E Deus tem sido tão paciente conosco! É por isso que Paulo vê Jesus, o nosso Redentor, como alguém de "completa longanimidade" (1Tm 1.16).

Você deve acrescentar a isso os pecados da ingratidão do seu povo, daqueles que professam o seu nome. Eles são freqüentemente relapsos nos seus deveres espirituais e sociais. Eles, por ingratidão, transgridem as leis do Altíssimo, em uma multidão de provocações!

Quão desrespeitosos somos nós no culto. Dirigimo-nos a ele como se fosse a um nosso igual! Não temos mais o mesmo senso de reverência. Todavia, ele é paciente conosco.

A corrupção do coração ainda permeia a vida dos regenerados pois eles dão ouvidos à sua pecaminosidade. Isso afronta Deus e o avilta!

Assim é que Deus recebe a provocação não somente dos ímpios mas também dos seus santos. Isso é espantoso! Mas ele é extremamente longânimo e benigno. Por isso tem sido misericordioso.

2. Aplicação

a. Peça a Deus Paciência

Não há coisa mais desagradável do que viver neste mundo afetado pela ira não santa e pela amargura, obras da carne que são produtos da ausência do atributo divino do qual deveríamos nos apropriar pela fé. Não podemos dar lugar à ira, mas temos que andar "no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne" (Gl 5.16). Para isso é necessário que produzamos o fruto do Espírito, que inclui a paciência (Gl 5.22).

Se você pedir a Deus por paciência, você estará pedindo o que ele próprio lhe quer dar. Ele quer que você tenha o fruto do Espírito, e uma das manifestações desse fruto é a longanimidade.

b. Exercite a Paciência

A paciência não é uma virtude opcional para o cristão. Ela é ordenada por Deus de modo que nenhum cristão deve fugir de praticá-la. Veja a instrução de Paulo:

> Cl 3.12 – "*Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus,* santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de *longanimidade*."

O exercício da paciência como um atributo derivativo de Deus é uma ordem. Deus nos insta a que sejamos pacientes e mostra qual deve ser a nossa motivação: somos "eleitos de Deus". Como eleitos de Deus devemos nos vestir dessa manifestação do fruto do Espírito para que possamos viver de modo agradável a Deus e em harmonia com os nossos semelhantes.

> Ef 4.1, 2 – "Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, com *longanimidade*, suportando-vos uns aos outros em amor."

Como vocacionados das trevas para a luz, somos exortados a proceder de modo digno dessa vocação, andando de modo honroso. E uma das maneiras de dignificar a vocação salvadora é mostrar *paciência* prolongada (longanimidade)

com as pessoas com quem vivemos, a fim de que haja paz entre os homens. Deve ser lembrado que a paciência é absolutamente necessária para suportarmos aos outros como prova de nosso amor por eles.

> 1Tm 1.16 – "Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo e sua completa longanimidade e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna."

Jesus Cristo é o modelo de "completa longanimidade" para Paulo e para nós. Paulo entendeu que a paciência que ele deveria demonstrar o ajudaria para que ele fosse modelo para as pessoas que viessem a crer em Jesus para a sua salvação. Os atributos que Deus nos comunica servem para que todos sejamos modelares e evidenciemos Jesus Cristo em nossa vida.

> 1Ts 5.14 – "Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos, e sejais *longânimos para com todos*."

A ordem para sermos longânimos é inequívoca neste verso também. O exercício da paciência é fundamental e inescapável em nós, como eleitos de Deus que somos. Mostremos, pois, paciência, a fim de que Deus seja glorificado em nós também neste aspecto de nossa vida.

ÍNDICE

CAPÍTULO 17 – A MISERICÓRDIA DE DEUS

Definição 289

A. A Misericórdia Pressupõe a Queda 289

B. Os Objetos da Misericórdia de Deus 290
1. A Criação em Geral 290
2. Os Seres Humanos 290
a. Misericórdia Dedicada aos Remidos 291
b. Misericórdia Dedicada aos Não-remidos 291
c. Misericórdia Dedicada aos que Estão para Ser Remidos 292

C. A Misericórdia É a Causa Negativa da Salvação 292

D. Duração da Misericórdia 293

E. As Características da Misericórdia de Deus 294
1. A Misericórdia do Senhor É Grande 294
2. A Misericórdia do Senhor Tem Múltiplas Formas 294
3. A Misericórdia do Senhor É Imutável 295
4. A Misericórdia de Deus É Soberana 295

F. A Manifestação Suprema da Misericórdia 296

G. Relação entre Paciência e Misericórdia 297

H. Relação entre Misericórdia e Juízo 298

I. Relação entre Misericórdia e Graça 298
Aplicação 299
a. Reconheça que do Senhor Vêm as Misericórdias 299
b. Suplique pelas Misericórdias do Senhor (Sl 51.1; 57.1) 299
b.1. Para Você Mesmo 299
b.2. Para os Outros 299
c. Cante as Misericórdias do Senhor 300
d. Renda Graças pelas Misericórdias do Senhor 300
e. Pratique a Misericórdia 300

Capítulo 17

A MISERICÓRDIA DE DEUS

Uma outra palavra que expressa a bondade de Deus é misericórdia. De fato, Deus é misericordioso porque é bom. O salmista diz: "Pois, tu, Senhor, és bom e compassivo; abundante em benignidade para com todos os que o invocam" (Sl 86.5). Bondade e misericórdia (Sl 23.6) estão intimamente entrelaçadas. Por essa razão a misericórdia é sempre resultado da bondade de Deus. Não há dúvida alguma a respeito dessa matéria. A misericórdia está entrelaçada com outros atributos da bondade de Deus e, às vezes, é confundida na sua essência com o amor ou com a graça no uso comum que as pessoas fazem da palavra.

Quando estudamos sobre a misericórdia podemos ver Deus tendo compaixão do mundo caído, incluindo todas as criaturas, animadas e inanimadas. As músicas e as poesias cristãs cantam as ternas misericórdias do Senhor. Dos atributos mais falados entre os crentes, talvez seja o primeiro da lista. Contudo não tem havido uma compreensão boa a respeito do significado teológico de misericórdia.

DEFINIÇÃO

A palavra "misericórdia" é latina e a idéia geral é "ter o coração na miséria". Nessa conotação ela é sinônima de "compaixão", que é o sentimento que uma pessoa tem ao ver o estado de infelicidade de outra. Ela tem em vista os necessitados que vivem numa condição miserável, seja nos aspectos físicos ou espirituais. Podemos definir misericórdia como "a bondade de Deus ou o amor de Deus para com os que se encontram em miséria e angústia espirituais, sem levar em conta o fato de que eles a merecem".[181]

A. A MISERICÓRDIA PRESSUPÕE A QUEDA

Como a misericórdia também é um atributo essencial de Deus, podemos

[181] Berkhof, 84.

dizer que ele é eternamente misericordioso. Contudo, a manifestação de misericórdia só foi possível após o estado de miséria do ser humano. Portanto, a misericórdia sempre pressupõe pecado. Não se pode entender a manifestação da misericórdia à parte da queda. Tanto a criação como as criaturas humanas foram afetadas profundamente pela queda de nossos primeiros pais. A criação toda foi afetada pela queda, e está em estado de miséria e pecado, carente da misericórdia divina. Paulo apresenta em Romanos 8.20-22 o estado em que se encontra toda a criação por causa da queda. Mas Deus mostrará a sua misericórdia com a criação quando ele tornar todas as coisas novas. O Salmo 145.8-9 faz lembrar que as misericórdias do Senhor estão sobre todas as suas obras, e não somente no ser humano.

B. OS OBJETOS DA MISERICÓRDIA DE DEUS

1. A Criação em Geral

Há uma misericórdia geral de Deus que se dirige a toda a criação e não simplesmente aos homens. Deus tem compaixão inclusive de suas criaturas irracionais em suas necessidades e misérias, e as supre com sua provisão apropriada.

Toda a criação que está em estado de miséria é objeto da misericórdia de Deus. Veja o que o salmista diz:

> Sl 145.8, 9 – "Benigno e misericordioso é o Senhor, tardio em irar-se e de grande clemência. O Senhor é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras."

Há quatro coisas que precisam ser ditas deste texto: 1) perceba que por duas vezes a misericórdia de Deus está vinculada à sua bondade; 2) note que o Senhor poderia destruir e aniquilar com todo o universo físico por causa dos pecados dos homens. Todavia, porque ele é "tardio em irar-se" ele não destrói o mundo e as criaturas. Em lugar disso, por ele ser bom, age misericordiosamente com as suas obras. Estas são o objeto de sua misericórdia. Ele permite que elas continuem a existir e, em bondade, cuida de suas obras providencialmente; 3) observe que as misericórdias para com as suas obras são cheias de ternura, expressando o seu caráter benigno com as coisas que criou; 4) veja que suas misericórdias se estendem para a totalidade da sua criação, porque o texto diz que elas "permeiam *todas* as suas obras".

2. Os Seres Humanos

Há uma misericórdia especial de Deus que é dedicada aos seres humanos.

Essa misericórdia especial de Deus é dedicada a três tipos de pessoas: aos remidos, aos que estão para ser remidos e aos não-remidos.

a. Misericórdia Dedicada aos Remidos

Esta diz respeito aos seres humanos caídos mas redimidos.

Deus os ajuda e os socorre em meio às suas misérias por causa dos pecados que eles ainda praticam. Esses são os seus filhos, os que o temem. Por essa razão o salmista descreve no Salmo 103.13: "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem". Aqui a misericórdia está associada com compaixão. É esse tipo de compaixão que pessoas em estado de miséria pedem a Deus.

Essa verdade está ilustrada no pedido que Davi fez a Deus, pois estava numa situação de miséria interior por causa dos seus pecados.

> Sl 51.1 – "Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões".

Três observações sobre esse verso: 1) novamente a compaixão divina é produto de sua benignidade, o que prova o ponto deste capítulo de que a misericórdia é mais uma das expressões da bondade de Deus; 2) as misericórdias de Deus são muitas, concordando com o pensamento posterior do profeta Jeremias de que elas "se renovam cada manhã"; 3) essa misericórdia tem a ver com o fato de Davi não ser tratado segundo os seus pecados (veja Sl 103.10, 11), pois ele pede a Deus: "apaga as minhas transgressões". A misericórdia de Deus é simplesmente a não imposição da penalidade sobre o pecador, com base na justiça divina que cai sobre outro que toma o lugar do pecador, que é Jesus Cristo.

b. Misericórdia Dedicada aos Não-remidos

Há um sentido em que Deus é misericordioso com todos os não-remidos, pelo menos temporariamente. Por algum tempo Deus suporta os seus pecados e não os trata conforme eles merecem. A ilustração desse comportamento divino para com os ímpios está no Salmo 73.1-17. Pela razão expressa no Salmo muitos deles conseguem ter uma vida próspera (v. 3), sem preocupações e saúde (v. 4), sem aflição e sem a canseira dos mortais (v. 5), sempre tranqüilos e aumentando as suas riquezas (v. 12) – *mesmo a despeito de todas as suas ofensas* a Deus como arrogância (v. 3), soberba, zombaria (v. 8), atrevidos contra os céus (v. 9). Deus os trata misericordiosamente, não colocando penalidade sobre eles tão logo pequem. Deus os tolera até que resolva manifestar a sua justiça. Quando ele resolve manifestá-la já não pode mais ser misericordioso com o ímpio,

porque esses dois atributos não podem ser manifestos ao mesmo tempo em uma mesma pessoa.

Essa misericórdia de Deus para os não-remidos é temporária. Aqui ela pode ser identificada com a paciência que Deus tem para com os ímpios.

c. Misericórdia Dedicada aos que Estão para Ser Remidos

No meu entendimento este é o aspecto mais lindo da misericórdia, porque possui um aspecto soteriológico.

A Bíblia diz que Deus "não tem prazer na morte (condenação) do ímpio" (Ez 18.23-32; 33.11), e o seu desejo é que ele venha à salvação. A única maneira de ele não condenar os ímpios é ser misericordioso com eles, porque misericórdia é a não-imposição da penalidade sobre o pecador, em virtude das penas do pecador serem pagas por outro que o substitui. A razão dos pecadores não serem consumidos todos à uma é por causa da misericórdia divina (Lm 3.22).

Uma ilustração da misericórdia estendida aos que se acham num estado de lástima física e espiritual se encontra no texto do cego de Jericó. Diante da sua miséria física Bartimeu clamou a Jesus: "Filho de Davi, tem compaixão de mim". E, logo a seguir, o texto registra que ele pediu misericórdia (Mc 10.47, 48). São duas expressões similares que reforçam a idéia de miséria em que ele se encontrava. Em seguida o texto revela que Jesus Cristo o curou de sua cegueira, que era a sua miséria física e o curou do pecado, que era a sua miséria espiritual. Assim, o texto adquire uma conotação soteriológica e diz que Bartimeu foi salvo.

C. A MISERICÓRDIA É A CAUSA NEGATIVA DA SALVAÇÃO

Com a expressão *causa negativa* eu quero dizer a libertação que Deus faz tirando o pecador de debaixo da sua ira. A misericórdia não restaura a condição de pecador para santo, pois essa é uma obra positiva do Espírito Santo, mas susta a penalidade que deveria cair sobre ele e abre o caminho para a obra da graça começar a atuar nele.

Olhando de outro ângulo poderíamos dizer que misericórdia é o ato de Deus deixar de nos dar aquilo que merecíamos receber. Isto está evidente no texto de Lamentações 3.22: "As misericórdias de Deus são a causa de não sermos consumidos porque as suas misericórdias não têm fim". O que justamente merecíamos Deus não nos dá, isto é, punição. Quando dizemos que Deus é misericordioso, estamos dizendo que Ele não nos trata segundo os nossos pecados. Ao contrário, Ele nos perdoa, não colocando sobre nós a penalidade de nossas transgressões. A obra positiva de Deus vem a seguir, quando ele começa a fazer no

pecador aquilo que é necessário para que ele seja restaurado à condição de santificado. É um processo que termina somente na ressurreição no último dia.

D. DURAÇÃO DA MISERICÓRDIA

A duração da misericórdia divina depende de quem é o objeto dela. Mas este tipo de raciocínio pode trazer algumas dificuldades à mente dos incautos leitores das Escrituras quando lêem o Sl 136.1-26, por exemplo. Eles perguntam: "Mas a misericórdia do Senhor não dura para sempre?".

Misericórdia Temporária – Se o objeto da misericórdia divina é o ímpio, isto é, aquele que não vai ser salvo, então essa misericórdia é temporária. Deus não castiga o ímpio tão logo ele peca. Ao contrário, Deus suspende temporariamente a penalidade até que ele resolva fazer descer a sua justiça sobre o pecador. Nesse sentido, a misericórdia temporária se parece com o exercício da paciência.

Misericórdia Eterna – Se o objeto da misericórdia divina é o pecador que está para ser salvo, aquele que é temente a Deus, então a sua misericórdia dura para sempre (Sl 86.5; Lc 1.50; Sl 136).

> Êx 20.5b, 6 – Deus disse: "...visito a iniqüidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço *misericórdia até mil gerações* daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos."

É importante observar o contraste de tratamento da parte de Deus com relação aos ímpios que o odeiam e com os que o amam. Com os primeiros punição; com os últimos misericórdia que não acaba nunca, pois a idéia de mil gerações pode ser entendida como misericórdia infindável.

> Sl 103.17 – "Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem."

Esta é uma maneira bem simples de mostrar a duração da misericórdia divina. É uma maneira diferente de dizer que as misericórdias divinas permanecem para sempre na vida daqueles em quem o Senhor colocou o seu amor.

> Is 54.8 – "Num ímpeto de indignação escondi de ti a minha face por um momento; mas com misericórdia eterna me compadeço de ti, diz o Senhor, o teu Redentor."

Deus é santo e se importa com os nossos pecados. Deus se ira contra nós e vira o rosto de nós num ímpeto de ira; mas é só por um instante, diz ele, mas não a derrama sobre nós, porque ele se lembra de que nossos pecados são pagos pelo

nosso Salvador. Então, ao invés de fazer cair a sua ira sobre nós, ele usa de misericórdia interminável, eterna, sobre nós. Ele deixa de nos punir, por causa da redenção conquistada pelo Cordeiro, para ser bondosamente misericordioso conosco.

> Lm 3.22, 23 – "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos. porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade."

Obviamente, esta misericórdia interminável pertence unicamente àqueles a quem o Senhor resolve salvar. Nunca os filhos de Deus ficam sem misericórdia. Cada manhã são despertados debaixo da misericórdia renovada.

As misericórdias do Senhor para com os que lhe pertencem são distribuídas indefinidamente. Nunca eles haverão de ser consumidos por causa de seus pecados, porque sempre estará sobre eles a bondosa manifestação de sua misericórdia.

E. AS CARACTERÍSTICAS DA MISERICÓRDIA DE DEUS

1. A MISERICÓRDIA DO SENHOR É GRANDE

> Sl 103.11 – "Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem."

Este expõe maravilhosamente a grandeza da misericórdia divina. Davi era um grande pecador. Havia cometido muitos pecados em sua vida. Então ele olha para trás e vê quantas vezes o Senhor o perdoou, pois afirma: "Quanto dista o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões" (v. 12). Ao se lembrar das muitas transgressões perdoadas ele exalta a grandeza da misericórdia divina.

No Salmo 108.4 está escrito: "Porque acima dos céus se eleva a tua misericórdia". Neste verso o salmista mostra a grandeza da misericórdia do Senhor usando a grandeza do espaço físico do universo. É mui grande a misericórdia do Senhor para com os que o amam, porque é uma misericórdia de um Deus que é fiel para sempre (Sl 117.2).

2. A MISERICÓRDIA DO SENHOR TEM MÚLTIPLAS FORMAS

O Salmo 119.156 contabiliza: "Muitas, Senhor, são as tuas misericórdias". Assim como a graça de Deus é multiforme, assim também a sua misericórdia. Deus é imensamente variado nas manifestações das suas ternas misericórdias. Ele olha para as nossas misérias físicas, emocionais e espirituais e nos trata

como um Pai. Quando nos vê em aflições o seu coração se comove e "as suas compaixões à uma se acendem" (Os 11.8).

O rei Davi, em grande angústia por causa dos seus pecados, recebeu do profeta Gade a oportunidade de escolher sofrer três castigos: 1) três anos de fome na terra; 2) ser consumido por três meses pelos adversários, sendo alcançado pela espada inimiga, ou 3) sofrer por três dias pela espada do Senhor, através de peste e destruição da terra (1Cr 21.11, 12). Mesmo sabendo que "é coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo", Davi pediu para cair nas mãos do Senhor porque ele sabia que só ali ele poderia encontrar múltiplas misericórdias. Eis suas palavras:

> 1Cr 21.13 – "Então disse Davi a Gade: Estou em grande angústia; caia eu, pois, nas mãos do Senhor, *porque são muitíssimas as suas misericórdias*; mas nas mãos dos homens não caia eu."

Não há outro que possa mostrar misericórdia. Somente o Senhor. Além disso, as suas misericórdias são variadas e múltiplas.

3. A Misericórdia do Senhor É Imutável

> Is 54.10 – "Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o Senhor, que se compadece de ti."

Deus é extremamente fiel naquilo que promete. A beleza deste verso é impressionantemente consoladora. Em outras palavras, Deus quis dizer que tudo pode ser alterado, inclusive a conformação física da terra (montes se retirando e outeiros sendo removidos), mas a expressão da sua bondade em misericórdia jamais será retirada daqueles a quem ele ama. Às vezes Deus se entristece e se ira com seus filhos por um momento, mas com misericórdia eterna ele se compadece deles (Is 54.8). Deus não altera seus propósitos de misericórdia para com aqueles em quem ele colocou o seu coração bondoso.

Deus não aparta a sua misericórdia do seu povo porque ele fez um pacto com ele. Nesse pacto há o que Isaías chama de "as fiéis misericórdias prometidas a Davi" (Is 55.3), que consiste do pleno perdão para o seu povo, quer dentre os judeus quer dentre os gentios (Is 55.5). Ele jamais alterará esse propósito misericordioso porque ele prometeu a Davi, que é um tipo de Jesus Cristo.

4. A Misericórdia de Deus É Soberana

Além de ser imutável a sua misericórdia é soberana. Esta misericórdia so-

berana é dirigida especificamente aos que vão herdar a salvação, e lhes é comunicada como resultado do pacto (Lc 1.54, 55). Somente aos filhos da promessa. ou seja, à descendência de Abrãao, é que essa bênção vem.

Há diferença entre Deus ser misericordioso e ele manifestar misericórdia. A misericórdia é um atributo essencial em Deus, mas não há nada que o obrigue a manifestar misericórdia. Há duas coisas que precisam ser entendidas quando este tipo de raciocínio aparece:

(a) Deus não pode jamais deixar de ser misericordioso porque a misericórdia é uma qualidade *essencial* de Deus. Deus não pode continuar sendo o que é se deixar de ser misericordioso.

(b) Mas o *exercício* ou a *manifestação* da sua misericórdia é regulada pela sua vontade soberana. Isso deve ser assim porque não há nada que o obrigue a manifestar misericórdia. Deus não está debaixo da obrigação de manifestar misericórdia a quem quer que seja.

O exercício de sua misericórdia está vinculado diretamente à sua vontade. Isto está explícito em Romanos 9.14-18. Deus é necessariamente misericordioso, mas ele é livre na manifestação da sua misericórdia. Ele a distribui a quem lhe apraz. Nada há na criatura que leve Deus a mostrar misericórdia a ela.

A causa da misericórdia de Deus não está na miséria, na desdita, na infelicidade, no sofrimento ou na dor da criatura humana. Se assim fosse, Deus deveria ter misericórdia de todos, porque todos estão na mesma condição e no mesmo estado. Mas a causa da manifestação da misericórdia divina é a sua vontade soberana. Deus também não tem misericórdia das suas criaturas por algo de bom que ele tenha visto nelas. Misericórdia e mérito são coisas que se excluem mutuamente! Misericórdia merecida é uma contradição de termos (Tt 3.5).

F. A MANIFESTAÇÃO SUPREMA DA MISERICÓRDIA

Se perguntássemos aos cristãos, de modo geral – Deus ter enviado Cristo ao mundo é a causa da sua misericórdia ou o resultado dela? –, muitos teriam dificuldade em responder esta questão. Em outras palavras, a vinda de Jesus Cristo é uma manifestação da misericórdia de Deus ou é a causa dela? Pensando precipitadamente, considerando o valor da obra de Cristo, alguns responderiam que Cristo é a causa das misericórdias divinas. Contudo, a opinião das Escrituras é bem diferente. Veja o que Zacarias canta inspiradamente:

> Lc 1.76-79 – "Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos, para dar ao seu povo conhecimento

da salvação, no redimi-lo dos seus pecados; graças à *entranhável misericórdia* de nosso Deus, *pela qual nos visitará* o sol nascente das alturas."

Este texto fala da salvação trazida por Cristo. Contudo, a idéia do texto é que nem mesmo os méritos de Cristo são a causa das misericórdias de Deus. Por causa da sua misericórdia é que enviou a Jesus Cristo para morrer no lugar do seu povo e, assim, livrou-os de receber pessoalmente a condenação que mereciam. A vinda de Cristo é a manifestação suprema da misericórdia, não a causa dela. Foi esse o entendimento que Zacarias teve da misericórdia, inspirado pelo Espírito Santo. Todavia, como vimos anteriormente, a causa da manifestação da misericórdia está escondida na vontade soberana de Deus. Deus mostra misericórdia aos homens, mas a manifestação suprema dessa misericórdia é justamente o envio de Jesus Cristo para que fôssemos livres da penalidade de nossos pecados. A vinda de Cristo é a suspensão da penalidade sobre nós, para que assim caísse sobre ele.

G. RELAÇÃO ENTRE PACIÊNCIA E MISERICÓRDIA

Poucos têm dado a devida atenção à paciência de Deus, talvez porque há uma considerável dificuldade em diferenciar a paciência da misericórdia, pois ambas as facetas estão muito próximas, e quase sempre aparecem juntas (Sl 86.15).

A paciência de Deus está intimamente associada com a expressão da sua misericórdia. Por isso as Escrituras afirmam que "o Senhor é longânimo, e grande em misericórdia, que perdoa a iniqüidade e a transgressão, ainda que não inocenta o culpado..." (Nm 14.18).

É por causa da sua paciência que todos os homens não são punidos imediatamente. Nesse sentido a paciência associa-se com a misericórdia. A paciência e a misericórdia, contudo, não são a mesma coisa. O que atribuímos a uma não podemos atribuir à outra. A paciência é uma parte da bondade de Deus, uma espécie de manifestação da sua misericórdia, mas é diferente dela. A lentidão de Deus em irar-se dá-nos uma idéia de misericórdia (Sl 145.8), mas a paciência difere da misericórdia. A paciência diz respeito à criação como miserável e a misericórdia diz respeito à criação com referência à aplicação da justiça.

No atributo da paciência aprendemos que Deus tem poder sobre si mesmo e controla os seus "sentimentos" mostrando paciência para com o pecador. Não é errôneo dizer que é neste ponto que a paciência de Deus difere da sua misericórdia. Ainda que beneficie a criatura, a paciência de Deus diz respeito principalmente a ele, porque ela é a limitação que ele impõe sobre os seus próprios atos

através de sua poderosa vontade, enquanto a sua misericórdia termina inteiramente na sua criatura. Deus é misericordioso pessoalmente para com o pecador; não porque ele se segura ou se controla não expressando a sua ira, mas porque as dívidas dos pecadores foram pagas na cruz, onde exatamente a sua ira é manifesta contra os pecados dos homens.

H. RELAÇÃO ENTRE MISERICÓRDIA E JUÍZO

> Tg 2.13 – "Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo."

Estes dois atributos de Deus são incompatíveis se aplicados simultaneamente à mesma pessoa. É possível Deus ser misericordioso e justo ao mesmo tempo, mas somente quando a misericórdia vem para uma pessoa e outra toma o lugar dela na manifestação da sua justiça. Todavia, é impossível a mesma pessoa receber as duas coisas simultaneamente porque esses atributos se excluem. Se Deus é misericordioso, ele deixa de punir; se ele é justo ele deve punir. O texto de Hebreus 10.26-28, que trata dos que pecam deliberadamente conhecendo a verdade, aponta que "sem misericórdia morre" por causa dos seus pecados. Quando há juízo não é possível haver misericórdia. Sem misericórdia o pecador está perdido. É exatamente por essa razão que Tiago esclarece que "o juízo é sem misericórdia". Quando Deus decide mostrar a sua justiça em juízo, não há o que se possa fazer em favor do réu. Ele é condenado inapelavelmente. A única maneira de o réu ser livre da punição é quando Jesus Cristo o substitui, tomando a punição para si. É somente nesse sentido que "a misericórdia triunfa sobre o juízo".

I. RELAÇÃO ENTRE MISERICÓRDIA E GRAÇA

Como veremos adiante, a graça e a misericórdia são aspectos diferentes da mesma bondade de Deus ou, como costumeiramente se diz, elas são os dois lados da mesma moeda. Enquanto a graça, positivamente falando, é a concessão de favores aos pecadores sem que estes mereçam, a misericórdia, negativamente falando, é Deus deixando de dar ao pecador aquilo que ele realmente merece: a punição pelos seus pecados.

A graça contempla os seres humanos como pecadores culpados e condenados, ao passo que a misericórdia os vê como miseráveis, necessitados e carentes do perdão.

Aplicação

a. Reconheça que do Senhor Vêm as Misericórdias

Dn 9.9 – "Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão; pois nos temos rebelado contra ele."

O profeta Daniel não reluta em reconhecer que a misericórdia é, antes de tudo, uma prerrogativa divina. O homem pecador é passível de punição porque os seus pecados merecem. Cabe a Deus, contudo, um tratamento misericordioso. Perceba que misericórdia e perdão são termos afins. Não existe perdão sem misericórdia. Por Deus ser misericordioso ele perdoa. Por isso o escritor bíblico reconhece: "Contigo, porém, está o perdão". Ambos, misericórdia e perdão, indicam que Deus, pela sua bondade, suprime a imposição da penalidade sobre o pecador.

b. Suplique pelas Misericórdias do Senhor (Sl 51.1; 57.1)

b.1. Para Você Mesmo

Você precisa desesperadamente das misericórdias do Senhor. Sem elas você literalmente perece.

Se você anda em pecado, faça como Davi. Ore assim:

Sl 51.1 – "Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões."

Se você tem aflições por causa de perseguição de inimigos, ou é discriminado por causa da sua fé, ore assim:

Sl 57.1 – "Tem misericórdia de mim, ó Deus, tem misericórdia, pois em ti a minha alma se refugia; à sombra das tuas asas me abrigo, até que passem as calamidades."

Seja qual for a sua necessidade, busque abrigo e refúgio no misericordioso Deus. Só nele você encontra apoio para a sua situação de miséria.

b.2. Para os Outros

Paulo suplicou a Deus pelo seu companheiro de trabalho, Onesíforo, que certamente estava doente ou em outra necessidade calamitosa (2Tm 1.16-18). Paulo sempre lembrava de irmãos, pedindo a compaixão de Deus sobre eles.

O profeta Daniel fez isso em favor do seu povo em estado de miséria enquanto estava no cativeiro. Observe as suas palavras cheias de amor pelo povo, suplicando a compaixão divina por eles:

Dn 9.18 – "Inclina, ó Deus meu, os ouvidos, e ouve; abre os olhos, e olha para a nossa desolação, e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias."

Faça como Daniel. Suplique a Deus por outros irmãos seus. Há muitos deles em grande aflição em sua situação de miséria física, esperando pelas compaixões divinas; outros estão em miséria afetivo-emocional, esperando consolação; outros estão em frangalhos espiritualmente por causa dos seus pecados. A igreja no mundo nestes anos não é muito diferente do povo do tempo de Daniel. Ela vive em pecado, em distorção teológica, ética, moral e espiritual. Interceda a Deus por eles para que possam ser socorridos diretamente pelo Espírito do Senhor ou que este mande outros irmãos que vão em socorro deles, agindo na vida deles de acordo com os seus dons.

c. Cante as Misericórdias do Senhor

Não fique calado diante de tudo o que o Senhor tem feito nas suas muitas aflições e pecados. É preciso cantar em alta voz a bondade do Senhor em forma de misericórdia. O salmista disse:

Sl 89.1 – "Cantarei para sempre as tuas misericórdias, ó Senhor; os meus lábios proclamarão a todas as gerações a tua fidelidade."

Não se esqueça de proclamar aos seus filhos e netos as misericórdias do Senhor. Eles precisam saber quem é o Deus de seus ancestrais. O texto fala da necessidade de cantar sempre os atributos do Senhor. Faça isso e você será abençoado, pois estará cumprindo mais um dos mandamentos do Senhor, e mostrando que é irmão de Jesus Cristo por fazer a sua vontade.

d. Renda Graças pelas Misericórdias do Senhor

A misericórdia de Deus é "a causa de não sermos consumidos" (Lm 3.22) porque a misericórdia nos proporciona a possibilidade de continuar a existir sem a ira de Deus sobre nós e com a salvação (Tt 3.5); porque os eleitos são chamados de "vasos de misericórdia" (Rm 9.23) e porque Deus é chamado de "o Pai das misericórdias" (2Co 1.3) "rendamos-lhe graças, porque a sua misericórdia dura para sempre" (Sl 136). Esta é a ênfase total de todo o Salmo 136 e devemos obedecer esse preceito tão enfatizado para o bem-estar de nossas vidas.

e. Pratique a Misericórdia

Todos os cristãos têm sido beneficiários das misericórdias do Senhor, assim

como de outros atributos dele. É curioso que freqüentemente o Senhor diz: Assim como eu faço, fazei vós também. Não é diferente com a misericórdia. Jesus Cristo ensinou: "Sede misericordiosos como é misericordioso o vosso Pai celeste" (Lc 6.36).

Falando sobre os deveres que o Senhor requer de seus filhos, o profeta Miquéias menciona a misericórdia aos outros como um deles. Veja o que ele diz:

> Mq 6.8 – "Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?"

Se você não amar a misericórdia nunca a praticará. Já no passado Deus havia dito ao seu povo que ele não queria simplesmente rituais frios e uma vida destituída da prática piedosa. Por isso Deus pediu: "misericórdia quero, e não sacrifícios" (Os 6.6). Nesses tempos de tanta injustiça social, Deus quer que as pessoas olhem para os que sofrem e tenham compaixão deles, em lugar de simplesmente irem ao templo para praticar rituais sem o respaldo de uma vida de amor para com os seus semelhantes. Deus ordenou através do profeta Zacarias: "mostrai bondade e misericórdia cada um ao seu irmão" (Zc 7.9b). A ordem está dada. Convém que obedeçamos ao Senhor para o benefício de nossos irmãos tão carentes. A igreja pode até ter uma boa doutrina, mas se ela não pratica a misericórdia a sua doutrina fica árida e esvaziada de significado. Portanto "revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia... Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós" (Cl 3.12, 13).

ÍNDICE

CAPÍTULO 18 – A GRAÇA DE DEUS

Definição 303

A. Características da Graça 303
1. A Graça É Eterna 303
2. A Graça É Supremamente Rica 304
3. A Graça É Soberana 305

B. As Obras da Graça 306
1. A Graça na Restauração do Pecador 306
a. A Eleição É Obra da Graça de Deus 307
b. A Regeneração É Obra da Graça 307
c. A Justificação É Obra da Graça 308
d. A Fé É Obra da Graça 309
e. A Santificação É Obra da Graça 310
f. A Entrada na Glória É Obra da Graça 311
2. A Graça de Deus nos Instrumentos da Salvação 311
a. Pela Graça o Evangelho É Dado 312
b. Pela Graça a Palavra de Deus É Dada 312
c. Pela Graça o Evangelho de Deus É Pregado 313
3. A Graça de Deus na Capacitação dos Cristãos 314
a. Pela Graça os Homens Recebem os Dons Espirituais 314
b. Pela Graça os Homens São Dotados para o Ministério da Palavra 315
c. Pela Graça os Homens Lançam-se à Obra de Fundar Igrejas 316
4. A Graça de Deus na Vida Cristã em Geral 316
a. Pela Graça os Homens Recebem Consolação e Esperança 316
b. Pela Graça os Homens Recebem Libertação do Perigo 317
c. Pela Graça os Homens Contribuem para Auxiliar os Outros 318
d. Pela Graça os Homens Podem Viver no Mundo com Sabedoria 318
e. Pela Graça os Casais Vivem de Maneira Harmônica 319

C. A Trindade e a Graça 319

D. Diferença entre Misericórdia e Graça 320
1. Aplicação 320
a. Procure Entender Cada Dia mais o Conceito de Graça 320
b. Aprenda a Louvar a Graça de Deus 321
c. Pregue sobre a Graça de Deus 321

Capítulo 18

A GRAÇA DE DEUS

Deus é bondoso. Ele revela sua bondade na graça. Esta perfeição do caráter divino que possui um caráter eminentemente salvador é exercitada somente em relação àqueles que Deus amou de modo especial. Nem no Antigo Testamento nem no Novo Testamento a graça é mostrada à humanidade de um modo geral, muito menos às outras criaturas. Nisto também a graça é distinta de misericórdia, porque esta é sobre "todas as suas obras" (Sl 145.5) e aquela somente sobre os eleitos de Deus.

DEFINIÇÃO

A graça pode ser definida como "o favor eterno e totalmente gratuito de Deus, manifestado na concessão de bênçãos espirituais e eternas às criaturas culpadas e indignas".[182] A graça é a concessão de favores a quem não tem mérito próprio, e pelos quais não se exige compensação alguma. Não somente a graça é dada àqueles que não têm mérito próprio, como é dada aos que merecem condenação. Por ela ser imerecida ninguém pode reivindicá-la como direito. Se o pudesse não seria graça. Graça e mérito são excludentes (Rm 11.6; Rm 4.4, 5; Ef 2.8).

A. CARACTERÍSTICAS DA GRAÇA

A graça divina possui algumas características que são próprias daquele que concede a sua graça aos pecadores:

1. A Graça É Eterna

As obras da graça não são feitas num atropelo, às carreiras, para resolver um

[182] Abraham Booth, *The Reign of Grace* (Eerdmans, 1949), 47.

problema surgido de última hora. As obras da graça de Deus foram idealizadas antes de serem manifestas aos homens. Elas foram propostas antes de serem comunicadas a eles. Paulo confirma que Deus "nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos" (2Tm 1.9). Deus nos deu tudo antes de tudo existir. Por essa razão Pedro diz que fomos resgatados do nosso fútil procedimento "pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós" (1Pe 1.18-20). Conhecendo todas estas coisas, o apóstolo João amplia a cena afirmando que Jesus Cristo é o "Cordeiro morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8; 17.8).

Portanto, todas as resoluções fundamentais com respeito à nossa salvação foram feitas antes que o mundo existisse (Tt 1.2).

Deus não toma providências quando os problemas aparecem. Tudo já foi planejado devidamente, de tal modo que Deus não é apanhado de surpresa em nada do que acontece no mundo. A sua graça fez a eterna provisão para os nossos pecados.

2. A Graça É Supremamente Rica

Quando Paulo fala da graça de Deus ele não poupa elogios a ela. Ele usa expressões majestosas para qualificá-la. Escrevendo aos crentes de Éfeso ele diz:

> Ef 2.6, 7 – "e juntamente com ele (Cristo) nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza de sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus."

Há algumas coisas importantes que precisam ser analisadas nestes versos: 1) todas as realidades relacionadas à graça de Deus sobre nós estão vinculadas a Cristo Jesus. Não há manifestação da graça para nós à parte da obra de Jesus Cristo em nosso lugar e em nosso favor. Observe a expressão "em Cristo" várias vezes nesses versos; 2) a graça de Deus é a expressão da "sua bondade para conosco", como já nos referimos no começo deste capítulo; 3) a graça de Deus é muito abundante, pois Paulo fala na "suprema riqueza de sua graça"; e 4) a graça é manifesta em sua suprema riqueza de duas formas neste texto:

a) Primeira, quando ela nos ressuscita com Cristo. Esta primeira manifestação da riqueza de sua graça tem a ver com a regeneração. São dois termos equivalentes e significam que estávamos mortos em delitos e pecados e que Deus

nos deu vida (veja Ef 2.1, 5). A graça de Deus é a riqueza do poder energizador de Deus que concede vida aos que estão mortos. Essa é uma tarefa singularmente divina que revela a imensa riqueza de sua graça, pois pressupõe pessoas indignas que estão impossibilitadas de fazerem quaisquer coisas por si mesmas, pois estão mortas. É essa verdade que Paulo expressa, escrevendo aos irmãos de Colossos: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus" (Cl 3.1).

b) Segunda, quando ela nos coloca "nos lugares celestiais em Cristo Jesus". O sentido de "lugares celestiais" na teologia de Paulo pode ter dois significados: Primeiro, o lugar da luta espiritual dos crentes contra as hostes malignas (Ef 6.12); e segundo, a esfera sobre a qual Cristo reina, o lugar das coisas santas. Quando Deus nos ressuscita, ele nos eleva para os "lugares celestiais" que são os lugares nos quais reina a graça de Deus de forma supremamente rica e nos quais a esfera da pecaminosidade não possui domínio sobre nós. Fomos libertos das trevas! Não estamos mais sob o domínio de Satanás mas sim sob o domínio de Deus. Essa expressão, entretanto, não significa que iremos localmente para os "lugares celestiais", mas é uma constatação de uma ação passada, realizada na obra de Cristo. O verbo grego que é traduzido como "nos fez assentar" indica um tempo passado e concretizado. Deus já nos colocou nessa posição gloriosa juntamente com Cristo. É por essa razão que, novamente, podemos evocar a expressão paulina mencionada acima: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus".

A suprema riqueza de sua graça precisa ser conhecida e experimentada por todos nós a fim de que possamos, a cada dia que passa, "buscar as coisas do alto", as coisas celestes que combinam com aquele que lá vive!

3. A Graça É Soberana

Ela é soberana porque ela reina. A graça não é um presentinho que Deus nos oferece e temos a liberdade de aceitar ou rejeitar. Paulo, escrevendo aos Romanos, afirma categoricamente que a graça reina (Rm 5.21). Se ela reina é porque está no trono, e aquilo que ocupa o trono é soberano. Daí a expressão "o trono da graça" em Hebreus 4.16. Se a graça é um favor imerecido, ela não pode ser considerada como uma dívida de Deus ou como um crédito nosso. Ao contrário, se é imerecida, ela deve ser mostrada soberanamente. "Se Deus mostrasse a sua graça indistintamente a todos os filhos de Adão, esses chegariam à conclusão de que Deus estaria debaixo da obrigação de mostrar-se gracioso para com eles, como uma justa compensação pelo fato de ele haver permitido a queda de toda

a raça humana em pecado. Mas o grande Deus não está obrigado a isso com quaisquer de suas criaturas, muito menos com as que são rebeldes."[183]

O fato de a graça de Deus ser dada soberanamente, sem que possa ser comprada ou merecida, produz no coração dos orgulhosos um forte ódio contra Deus. Eles não gostam do modo como Deus administra a sua graça. Pink pinta essa idéia em cores bem vívidas:

> "A vida eterna é uma dádiva e, portanto, não pode ser conseguida por obras, nem reclamada como se fosse um direito. Se a salvação é uma dádiva, quem tem o direito para dizer a Deus a quem Ele deveria concedê-la? Está Deus *obrigado* a dar por força sua dádiva àqueles que não a apreciam? Está obrigado a salvar aos que têm resolvido seguir *os seus próprios caminhos*?
>
> Não há nada que encolerize tanto o coração do homem natural, nem que mostre tanto a sua inimizade inata e inveterada contra Deus, do que saber que a Sua graça é eterna, gratuita e soberana. Para o coração não quebrantado é demasiadamente humilhante o aceitar que Deus formou Seu propósito desde a eternidade, sem consultar em nada a criatura. Para aquele que se acha reto é demasiadamente duro crer que a graça elimine qualquer esforço próprio. E o fato de que a Graça separa aqueles que quer para serem objeto de Seu favor, provoca os mais inflamados protestos dos rebeldes orgulhosos. É o barro que se levanta contra o oleiro e diz: 'Por que me fizeste assim?' E o desaforado rebelde se atreve a disputar a justiça da soberania divina."[184]

B. AS OBRAS DA GRAÇA

A graça de Deus faz muitas obras na vida dos seres humanos, sejam elas de caráter soteriológico ou não. Tudo o que acontece de bom, de santo e de justo na vida deles é produto da bondade graciosa de Deus sobre eles. Veja algumas coisas que a graça faz.

1. A GRAÇA NA RESTAURAÇÃO DO PECADOR

Na verdade, todos os passos para a redenção do pecador (*Ordo Salutis*[185]) são atribuídos à graça de Deus, que é a expressão da sua bondade – "para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus" (Ef 2.7).

---

[183] A.W. Pink, *Los Atributos de Dios* (Lima, Peru: Estandarte de La Verdad, 1971), 83, 84.

[184] Pink, 84.

[185] A eleição está incluída aqui na *ordo salutis* (ordem da salvação) apenas para efeitos didáticos, pois normalmente nela estão somente incluídas as coisas da salvação do pecador feitas na história, e eleição não significa salvação, embora marque as pessoas para a salvação.

a. A Eleição É Obra da Graça de Deus

É curioso que muitos evangélicos não crêem na eleição divina de pecadores para serem remidos, simplesmente porque ignoram que ela é produto da bondosa graça de Deus. Eles só pensam na eleição como um decreto arbitrário e injusto de Deus. Todavia, esquecem-se de que esse decreto é nascido no amor gracioso de Deus. A eleição é o primeiro elo da corrente da salvação que começa e termina com a graça de Deus. Lutando contra o conceito de salvação pelas obras, Paulo argumenta acerca da eleição, nos seguintes termos:

> Rm 11.5, 6 – "Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça. E se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça."

Sempre houve um pequeno grupo de fiéis que não se dobrou perante deuses estranhos em todo o período do Antigo Testamento (vv. 1-4). No tempo de Paulo também havia esse tipo de crentes que sobreviviam firmes na sua fé por causa da eleição graciosa de Deus e não por outra razão qualquer deles mesmos. Sempre houve crentes fiéis, mas nunca seriam fiéis se não fosse a eleição graciosa de Deus. Os adversários da doutrina da eleição sempre encontram nos crentes a razão da eleição deles. Mas, se procuramos a razão de nossa fidelidade em nós mesmos, a graça já não é mais graça e negamos a eleição da graça da qual as Escrituras afirmam inequivocamente.

b. A Regeneração É Obra da Graça

Nas Escrituras a regeneração é sinônimo de chamamento (ou Vocação Eficaz, que é a terminologia teológica). Paulo assevera que os homens são chamados pela graça. Ele próprio havia experimentado esse chamamento. Ele não possuía nenhuma intenção de ser um cristão. Um dia o Senhor mudou o coração dele, regenerando-o. É desse chamamento que ele fala na sua carta aos crentes da Galácia:

> Gl 1.6, 15, 16a – "Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que *vos chamou na graça de Cristo*, para outro evangelho... Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer *e me chamou pela sua graça*, aprouve revelar seu Filho em mim..."

Paulo possuía plena consciência da sua regeneração, isto é, de que ele havia sido trazido à luz e à vida pela graça maravilhosa de Deus. Ninguém vem a Cristo senão pela graça do Pai e ninguém vem ao Pai senão através da graça de Cristo. É a Trindade operando na vida das pessoas a fim de que elas sejam

regeneradas. Nesse texto não somente a eleição ("separou-me antes de eu nascer") é obra graciosa, mas também o "chamamento".

c. A JUSTIFICAÇÃO É OBRA DA GRAÇA

É muitíssimo comum a crença entre os cristãos evangélicos, desde a Reforma, na justificação pela fé (Rm 5.1), e nisso estão certos. Nesse sentido só é levada em conta a justificação subjetiva. Todavia, muitos deles se esquecem de que a base da nossa justificação está na obra graciosa de Cristo que derramou o seu sangue (Rm 5.9). A justificação pelo sangue é uma obra graciosa de Deus. Paulo fala de justificação com muita clareza, da seguinte forma:

> Rm 3.24 – "Sendo *justificados gratuitamente*, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus."

Paulo é muito enfático ao falar da justificação como obra da graça. Não bastou para ele dizer que somos justificados por graça (porque esta palavra já implica favor dado imerecidamente). Ele ainda acrescentou a palavra "gratuitamente", para que não restasse qualquer dúvida na mente dos seus leitores quanto à gratuidade da justificação.

> Rm 5.16, 18 – "O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou: porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação: mas *a graça* transcorre de muitas ofensas, *para a justificação*... Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, *veio a graça* sobre todos os homens, *para a justificação* que dá vida."

Este capítulo de Romanos é maravilhoso. O verso 16 explica que Deus exerce juízo sobre os homens com base apenas no pecado de Adão – uma só ofensa. De um modo muito diferente ensina que a graça funciona. Se Deus justificasse o homem por um só pecado, como ficaria ele com o restante dos pecados que comete? A morte de Cristo aconteceu para que todas as transgressões daqueles por quem Cristo morreu fossem perdoadas, a fim de que, gratuitamente, eles pudessem ser justificados de seus pecados. A graça transcorre de muitas ofensas. Isso quer dizer que, onde o pecado é abundante, a graça o é muito mais (v. 20). A graça sobrepuja o pecado a fim de que os seres humanos possam ser justificados de todos os seus pecados.

> Tt 3.7 – "A fim de que, *justificados por graça*, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna."

Nos versos anteriores Paulo fala da bondade de Deus, do seu amor, da sua

misericórdia como causa da salvação dos pecadores que veio pela obra regeneradora do Espírito Santo (vv. 4, 5), tendo como mérito a obra de Cristo (v. 6). O resultado disso é o fato de o homem receber a justificação gratuitamente. Se tudo mencionado acima é graça, por que não a justificação? Daí a negação de qualquer justificação acontecida por meio de "obras de justiça praticadas por nós" (v. 5).

d. A Fé É Obra da Graça

Os arminianos consistentes ensinam que a fé é um dom que os homens oferecem a Deus[186] e, como conseqüência, Deus lhes oferece a salvação. De modo exatamente oposto os calvinistas, juntamente com as Escrituras, afirmam que a fé é fruto da graça divina sobre eles. Há vários textos indicando que a fé é um dom de Deus, mas há dois deles que falam nitidamente que a fé é um resultado da graça divina sobre nós:

> At 18.27 – "Querendo ele (Apolo) percorrer a Acaia, animaram-no os irmãos, e escreveram aos discípulos para o receberem. Tendo chegado, auxiliou muito aqueles que, *mediante a graça, haviam crido.*"

Apolo era um pregador "eloqüente e poderoso nas Escrituras" (v. 24), "sendo instruído no caminho do Senhor" (v. 25). "Falava com precisão a respeito de Jesus" (v. 25), mas não era instruído em todas as áreas (v. 26). Contudo, Deus usou esse pregador para ajudar muitas pessoas nas regiões da Acaia. Ali ele encontrou pessoas que haviam crido "mediante a graça". Não obstante o grande poder de convencer publicamente as pessoas por meio das Escrituras (v. 28) era absolutamente necessário que a graça operasse, a fim de que as pessoas pudessem crer. Não há meio para se obter a fé à parte da graça de Deus. Foi assim nos tempos apostólicos e continua sendo assim nos dias de hoje.

> Fp 1.29 – "Porque vos foi concedida *a graça* de padecerdes por Cristo e não somente *de crerdes nele.*"

Poucos cristãos entendem que o sofrimento que temos por causa do nome de Cristo seja uma manifestação da graça de Deus. É exatamente essa idéia que Paulo ensinou aos crentes de Filipos. Eles já eram doutrinados no ponto principal – que é a graça de crer nele. Agora Paulo os está ensinando no ponto periférico: sofrer por causa de Cristo, assim como crer nele, é manifestação da gloriosa graça de Deus!

---

[186] Os arminianos inconsistentes são aqueles que crêem no livre-arbítrio e, ao mesmo tempo, afirmam que fé é um dom de Deus. Se por "dom de Deus" eles entendem algo que Deus lhes comunica infalivelmente, então eles rompem com o próprio sistema deles. Por isso devem ser chamados de "inconsistentes".

e. A SANTIFICAÇÃO É OBRA DA GRAÇA

Há vários textos que indicam que a santificação é uma obra que Deus faz em nós. Em geral, é ensinado que essa tarefa é uma obra mais específica da terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Todavia, há um texto bem claro que afirma a gratuidade da santificação.

> 1Pe 5.10 – "Ora, *o Deus de toda a graça*, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo *vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar*."

Embora a palavra santificação não ocorra diretamente neste texto, há várias palavras que são sinônimas dela: "aperfeiçoar", "firmar", "fortificar" e "fundamentar". Não obstante o sofrimento que passamos nesta vida, que não é eterno mas "por um pouco", o "Deus de toda graça" nos promete uma grande melhora em nossa vida espiritual, que nos conduz à santificação.

a) Pela graça Deus promete *aperfeiçoar*-nos. Esta primeira expressão significa que a graça de Deus vai nos tornar maduros, parecidos como Jesus Cristo. Esse aperfeiçoamento vem da parte de Deus como produto da obra do "grande Pastor das ovelhas", Jesus Cristo, através do seu sangue derramado "que nos aperfeiçoa em todo bem" (Hb 13.20, 21). A graça de Deus é suficiente para produzir em nós esse aperfeiçoamento, conduzindo-nos à maturidade espiritual.

b) Pela graça Deus promete *firmar*-nos. A idéia é a de que Deus nos fará seguros na luta contra o inimigo. No caminho da santificação o crente andará sem medo e estará com os pés bem firmados na verdade de Deus e confiado naquilo que o Senhor Jesus Cristo fez por ele. Ele nunca apostatará da fé, isto é, pela graça de Deus ele permanecerá firme na doutrina do seu Senhor. É por causa da graça que todos os crentes não se tornam como algumas pessoas do tempo de Paulo que, desprezando a boa consciência firmada na Palavra, "vieram a naufragar na fé" (1Tm 1.19). Ao contrário, por causa da graça eles permanecem firmes!

c) Pela graça Deus promete *fortificar*-nos. A idéia aqui é a de "fortalecer". Em dias de grandes conflitos teológicos e espirituais precisamos não só de firmeza, mas também de constante fortalecimento, pois as nossas energias são gastas diariamente. Por sua bondosa graça Deus concede fortalecimento a cada dia diante dos ataques desgastantes do inimigo. Por isso o escritor aos Hebreus diz que os santos do passado "da fraqueza tiraram força" (Hb 11.34). Não é sem razão que Paulo, refletindo os heróis da fé do passado, reconheceu em sua própria experiência: "Quando eu estou fraco então é que sou forte", "porque o poder de Deus se aperfeiçoa em nossa fraqueza" (2Co 12.9, 10).

Precisamos constantemente desse fortalecimento divino nas horas de tribulação em que vivemos. É pela obra graciosa de Deus que essa experiência é conseguida.

d) Pela graça Deus promete *fundamentar*-nos. É importante observar que essas quatro palavras estão, parece-me, na ordem inversa. Esta, pela lógica, deveria ser a primeira pois trata do lançamento do fundamento. Toda a obra de santificação está firmada na obra de Cristo que nos é transmitida através de sua Palavra. Ela é o fundamento sobre o qual toda a igreja deve estar firmada.

Percebam que essas quatro palavras estão intimamente ligadas e em interdependência, mas na ordem inversa. A fim de vencermos os inimigos devemos estar devidamente fundamentados na verdade de Deus. Se estamos fundamentados estaremos fortificados; se estivermos fortificados estaremos firmados; se estivermos firmados estaremos aperfeiçoados. A maravilha das maravilhas é que todas estas verdades são fruto do "Deus de toda graça" em nós. É por isso que podemos dizer que a santificação é uma obra da graça de Deus em nós.

f. A Entrada na Glória É Obra da Graça

O texto acima, que trata da santificação como graciosa, também fala da glória a vir a ser revelada em nós como produto da mesma graça.

> 1Pe 5.10 – "Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo *vos chamou à sua eterna glória*, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar."

A expressão "chamou à sua eterna glória" pode significar tanto "chamou a fim de promover eternamente a glória de Deus" ou "chamou para desfrutar ou participar na eterna glória de Deus". Pessoalmente prefiro a segunda interpretação. Há pouca dúvida entre os estudiosos de que a "glória de Deus" seja a bem-aventurança celestial da qual todos os crentes participarão. Essa glória está vinculada à sua santidade, um atributo que qualifica todos os outros atributos. Ser participante da sua glória é ser participante da sua santidade. Deus já começou essa obra em nós, mas vai completá-la somente no dia de Cristo Jesus. Nesse dia, quando a redenção for finalizada, seremos participantes, integralmente, da sua eterna glória. Todavia, nunca se deve esquecer de que o chamamento para participar da eterna glória é uma manifestação bondosa do "Deus de toda graça" mediante o que Cristo fez por nós.

2. A Graça de Deus nos Instrumentos da Salvação

Já vimos que a *ordo salutis* do começo ao fim é obra da graça de Deus.

Agora veremos que os instrumentos da salvação são também obra da sua bondosa graça. Nada do que os seres humanos recebem está fora da graça divina.

a. Pela Graça o Evangelho É Dado

O Evangelho de Jesus Cristo, pela sua própria natureza, é chamado de o "evangelho da graça de Deus" (At 20.24). É chamado de o "evangelho da graça" porque alcança o pecador num estado de miséria e de desmerecimento; porque anuncia a redenção sem que o pecador tenha que fazer coisa alguma; porque adentra o coração do pecador trazendo-o para a vida quando estava morto em delitos e pecados.

Esse "evangelho da graça" é uma demonstração da boa vontade de Deus para com o pecador. A atuação do "evangelho da graça" não é condicionada a uma atitude positiva do pecador como resposta. Ao contrário, quando o pecador responde ao evangelho é porque a graça desse evangelho já o alcançou. Esse evangelho anuncia o perdão de Deus aos pecadores por quem Cristo morreu. Todo pecador por quem Cristo morreu é alcançado pelo evangelho da graça de Deus de maneira inescapável. Bendito evangelho da graça!

b. Pela Graça a Palavra de Deus É Dada

A Palavra de Deus também é chamada nas Escrituras de "palavra da sua graça", através da qual muitos sinais e maravilhas eram feitos (At 14.3). Todavia, essa palavra da graça fazia mais do que simplesmente milagres. Ela causava o crescimento dos crentes em santificação.

> At 20.32 – "Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados."

Paulo está se dirigindo aos presbíteros da igreja de Éfeso. Depois de lhes dar instruções com respeito à responsabilidade deles e de afirmar o final do seu ministério entre eles, Paulo os "encomenda ao Senhor e à palavra da sua graça". É como se ele dissesse: "Eu vou deixar vocês, mas vou deixá-los com aquele que pode cuidar melhor de vocês – o Senhor; e aos cuidados da sua Palavra graciosa". Essa palavra é do Senhor e por isso ela tem alguns propósitos graciosos: edificação, herança e santificação.

Edificação – Essa obra é feita por Deus através da Palavra da sua graça. Tanto o nascimento como o crescimento dos cristãos é gerado pela "palavra da sua graça". Ela é o instrumento que Deus usa no fortalecimento dos seus filhos. especialmente os presbíteros, que são os ministros dessa Palavra, a quem Paulo

se dirige. Observe alguns passos que essa Palavra da sua graça faz em nós: somos nascidos de novo por ela (1Pe 1.23); somos vivificados em nossa angústia (Sl 119.50) e somos nutridos (1Pe 2.2). Essa edificação é sempre causada pela Palavra graciosa do Senhor!

Herança – (Cl 1.12; At 26.18) A herança que os cristãos recebem é resultado da graça de Deus por meio do poder da "Palavra da sua graça". A Palavra não somente nos informa sobre essa herança mas também a concede. Tomamos posse da herança pela promessa dessa graciosa Palavra. Que herança é essa? Tudo aquilo que Deus nos dá em e com Cristo. Somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. Herdamos a vida, as riquezas e a filiação por adoção de Deus, agora que temos os privilégios de filhos; herdamos o mundo que pertence aos mansos; herdamos o céu e a nova terra etc. É grande demais a herança que o cristão recebe por meio da Palavra da sua graça.

Santificação – É a Palavra da sua graça que causa em nós todas as manifestações de pureza que nos conduzem à santidade. As duas palavras anteriores, edificação e herança, tornam-se uma realidade somente naqueles que estão sendo santificados. Somente estes é que recebem a influência da Palavra graciosa de Deus. Não é difícil perceber que a graça de Deus, através da Palavra, permeia todos os setores na vida dos santos de Deus.

c. Pela Graça o Evangelho de Deus É Pregado

Não só o evangelho é chamado de "evangelho da graça" ou "Palavra da sua graça", mas a proclamação dele é também uma obra da graça de Deus. Paulo, escrevendo aos cristãos em Éfeso, diz:

> Ef 3.8 – "A mim, o menor de todos os santos, me foi concedida esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo."

Paulo estava absolutamente seguro de que a tarefa de pregar o evangelho era um dom precioso, uma altíssima tarefa da qual ele se tornou um privilegiado. A evidência dessa graça fica ressaltada pelo fato de Paulo considerar-se a si mesmo "o menor de todos os santos". Ele possuía consciência de sua pequenez diante do que havia feito no passado e por causa do senso da justiça de Deus. Foi por essa razão que, escrevendo a Timóteo, ele disse que era "o principal dos pecadores" (1Tm 1.15). Sua idéia de graça ficava mais clara à medida que se via indigno de todas as coisas que o Senhor lhe proporcionava. E a maior graça que Paulo recebeu foi a de ser pregador do evangelho. O "menor" acabou ficando com a tarefa da "maior" tarefa, tarefa esta que os anjos anelam perscrutar.

3. A Graça de Deus na Capacitação dos Cristãos

A graça de Deus se manifesta de múltiplas formas na vida do cristão (1Pe 4.10; 2Co 4.15). Eis alguns exemplos dela no progresso da vida cristã:

a. Pela Graça os Homens Recebem os Dons Espirituais

Todos os dons espirituais são produto da graça de Deus na vida dos cristãos. Não há nenhum dom que fuja a essa regra. Qualquer capacitação que temos a recebemos gratuitamente de Deus para servirmos uns aos outros com ela.

Veja o que as Escrituras dizem sobre os dons como dons da graça:

Rm 12.6 – "Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada."

É lamentável que não haja a devida compreensão da matéria de dons espirituais na vida da igreja. Sempre tem havido o orgulho por causa da errônea compreensão da função dos dons. Muitos se jactam do que possuem, esquecendo-se de que os dons não são habilidades conseguidas por eles próprios, mas uma concessão graciosa de Deus. Pela falsa compreensão dos dons há discórdia e dissensão na igreja. Todavia, a idéia de que os dons são um produto da graça em nós nos guarda contra o orgulho e a jactância. O reconhecimento desta verdade nos torna humildes na presença daquele que nos dá todas as coisas.

Ef 4.7, 8 – "E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro e concedeu dons aos homens."

Nenhum membro do corpo de Cristo, a sua igreja, é deixado de lado na concessão dos dons espirituais. Cada membro do corpo recebe a graça soberana dos dons. Nesse caso, Jesus Cristo é o doador dos dons aos homens. Essa graça de Cristo não somente nos salva, mas nos capacita para o exercício de nosso ministério neste mundo. Paulo afirma aqui que a graça foi concedida a cada crente para que ele exercite os dons. É a graça do desenvolvimento da vida cristã que inclui o aprimoramento dos dons espirituais, que também são doação dele.

1Pe 4.10 – "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus."

O objetivo dos dons graciosos de Deus é para que sirvamos uns aos outros e não que nos jactemos deles, pois todos procedem da maravilhosa graça de Deus. Ninguém deve considerar-se superior aos outros, pois Deus deu a todos os membros do seu corpo a tarefa de servir. Se todos servem todos certamente serão

servidos. Deus é riquíssimo na variedade da expressão da sua graça. Por isso Pedro ressalta a "multiforme graça de Deus" na concessão dos dons aos homens.

b. Pela Graça os Homens São Dotados para o Ministério da Palavra

Todos os crentes possuem uma função no corpo porque a graça possui várias manifestações de capacitação (1Pe 4.10); mas a capacitação mais marcante na vida de Paulo foi a altíssima e honrosa tarefa de ser ministro de Cristo Jesus na pregação do evangelho. Veja o que ele diz aos crentes de Roma

> Rm 15.15, 16 – "Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória, *por causa da graça* que me foi outorgada por Deus, *para que eu seja ministro de Cristo Jesus* entre os gentios, *no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus*, de modo que a oferta deles seja aceitável uma vez santificada pelo Espírito Santo."

Paulo não queria que os seus leitores se esquecessem de que a sua tarefa de ser ministro de Cristo era "por causa da graça de Deus" que lhe havia sido dada. Era um privilégio tão grande que ele considerou essa tarefa como um "sagrado encargo". Paulo havia recebido dons espirituais e ele os empregava para ser um servo dedicado aos seus irmãos.

No conceito de Paulo, ser "servo" (ministro) é um dom da graça. Todos os ministros, como vimos acima, são agraciados por Deus. Paulo era um desses ministros. O seu ministério era o de ser pregador do evangelho. Veja o que ele diz:

> Ef 3.7 – "Do qual [evangelho] fui constituído *ministro conforme o dom da graça de Deus*, a mim concedida, segundo a força operante do seu poder."

Paulo era um *diakonos* ("ministro") das igrejas. E como "ministro" ele pregava-lhes o evangelho. Ser servo era uma tarefa considerada por ele como uma expressão da grande graça que Deus lhe havia concedido. Somente dentro do cristianismo é que esse conceito vigora. Servir aos irmãos com a pregação da Palavra, no conceito paulino, é graça.

Paulo não abria mão do princípio de que pregar era um produto da graça divina. De modo semelhante ele escreveu aos crentes de Corinto:

> 1Co 15.10 – "Mas, *pela graça de Deus*, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã, antes, trabalhei muito mais do que todos eles: todavia, não eu, *mas a graça de Deus comigo*."

O trabalho exaustivo de Paulo, mesmo sendo "o menor dos apóstolos" (v. 9), foi tão grande que produziu muitos frutos na igreja cristã. Ele pregou o evange-

lho mais do que todos os outros apóstolos juntos, pois ele alcançou os gentios (Ef 3.8) de vários lugares da Europa e da Ásia. O seu esforço foi extenuante: mais do que todos os outros apóstolos juntos. Mesmo assim ele reconhece que o sucesso do seu trabalho é produto da obra da graça de Deus nele. Paulo sempre glorificou a graça de Deus em tudo o que fez.

c. PELA GRAÇA OS HOMENS LANÇAM-SE À OBRA DE FUNDAR IGREJAS

Esse ponto é a culminação dos dois anteriores. Paulo não somente considerou o evangelho e a tarefa de ser ministro do evangelho como "o evangelho da graça de Deus" e uma graça de Deus, como também considerou a tarefa de ser plantador de igrejas como uma expressão da graça divina. Veja a sua opinião sobre o assunto:

> 1Co 3.10 – "Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica."

Nos versos anteriores Paulo esteve falando sobre o fato de ele ser o plantador de igrejas. Ele diz: "Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus" (v. 6). Paulo então conclui seu pensamento de maneira extraordinária: "De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento" (v. 7). Ele considera a graça de Deus em tudo. Ele não atribui qualquer mérito aos homens, mesmo aos regenerados. Todos somos recipientes da graça, quer como beneficiários diretos dela ou como canais para que outros sejam abençoados. Ele se considerava um cooperador de Deus (v. 9), mas apenas como instrumento através do qual a graça trabalhava. Ele lançava o fundamento das igrejas mas jamais abandonou a idéia de que isso era resultado da graça de Deus nele.

4. A GRAÇA DE DEUS NA VIDA CRISTÃ EM GERAL

a. PELA GRAÇA OS HOMENS RECEBEM CONSOLAÇÃO E ESPERANÇA

> 2Ts 2.16, 17 – "Ora, nosso Senhor Jesus Cristo mesmo e Deus, nosso Pai, que nos amou e nos deu eterna consolação e boa esperança, *pela graça* consolem o vosso coração e vos confirmem em toda boa obra e boa palavra."

Paulo fala da consolação de um modo objetivo e de um modo subjetivo. A objetividade da consolação está naquilo que Cristo já fez por nós. Quanto aos atos redentores de Deus tudo já foi feito. Os verbos "amou" e "deu" estão no aoristo (um tempo passado no grego) que indicam ações terminadas que possu-

em uma conotação eterna. Tanto o amor como a consolação são eternos, o que significa que Cristo conquistou essas bênçãos para nós de uma maneira segura. Esse amor e consolo tem efeitos na eternidade. Ao mesmo tempo Paulo deseja a consolação de Deus para os corações de seus leitores que viviam sob aflição. Esse é o aspecto subjetivo da consolação e da esperança que ainda haveria de encher o coração deles. Eles ainda haveriam de se apropriar das bênçãos que tinham origem e caráter eternos. Ambas as consolações, a objetiva e a subjetiva, são fruto da graça de Deus. Essa é a maravilha das maravilhas! Nada do que o ser humano recebe é à parte da graça divina.

Hb 4.16 – "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao *trono da graça*, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna."

A fim de que recebamos as bênçãos gêmeas da salvação – misericórdia (libertação do juízo que merecemos) e graça (recebimento de favor que não merecemos) –, para sermos socorridos em tempo de necessidade, precisamos nos achegar cheios de confiança ao "trono da graça". Quando Cristo Jesus deu sua vida por nós ele transformou o trono do juízo em trono da graça. É terrível ver Deus apenas como juiz (que é uma prerrogativa real), sem vê-lo como um Deus gracioso. Nesse sentido "horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31). O pecador merece a sentença condenatória, mas pela obra de Cristo Deus resolveu mostrar graça aos homens em suas necessidades. No tempo oportuno soberanamente (daí a expressão "trono", realeza) Deus *socorre* o pecador com misericórdia e graça. Desse trono o Senhor distribui as suas bênçãos aos seus que, por conseguinte, devem se aproximar confiadamente nele, a fim de que se apropriem das bênçãos prometidas e conquistadas por Cristo, o nosso grande sumo sacerdote (vv. 14, 15).

b. Pela Graça os Homens Recebem Libertação do Perigo

At 27.23, 24 – "Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem sou e a quem eu sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus *por sua graça* te deu todos quantos navegam contigo."

Deus não somente concede graça para a salvação, mas também para os eventos corriqueiros, embora nem sempre comuns, como é o caso do naufrágio do texto acima. Paulo estava em grande perigo juntamente com todos os tripulantes e passageiros do navio por causa de uma grande tempestade. Há alguns elementos desse versículo que precisam ser analisados: a) Paulo recebeu revelação especial de Deus através de um anjo sobre o futuro dos tripulantes e passageiros do

navio no meio da tempestade; b) Paulo possuía certeza absoluta de que ele pessoalmente pertencia a Deus e que, por conseguinte, o adorava ("a quem sirvo". *latreuo* – adorar); c) Paulo soube que a graça de Deus lhe havia dado todos os passageiros e tripulantes e que ninguém se perderia. Deus poderia salvar somente Paulo, que lhe pertencia, mas resolveu de maneira graciosa não deixar ninguém perecer. Foi com base na convicção do ato gracioso de Deus que por duas vezes ele instou os passageiros, dizendo: "Tende bom ânimo" (vv. 22, 25).

c. PELA GRAÇA OS HOMENS CONTRIBUEM PARA AUXILIAR OS OUTROS

2Co 8.1, 3, 4, 6, 7 – "Também, irmãos, vos fazemos *conhecer a graça de Deus* concedida às igrejas da Macedônia... Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, *a graça* de participarem da assistência aos santos... assim também complete *esta graça* em vós ...também abundeis *nesta graça*."

Receber bens de Deus é chamado "graça", mas também é chamado de graça o privilégio de dar. Deus concedeu aos irmãos das igrejas da Macedônia a graça de contribuir para socorrer outras igrejas. E eles entenderam que o privilégio da contribuição era produto da graça. Por essa razão eles rogaram a Paulo a oportunidade de demonstrar essa ação graciosa que era produto da graça de Deus na vida deles. Paulo encoraja, assim, os crentes de Corinto a terem esse mesmo tipo de graça na vida cristã deles. Somos veículos da graça divina porque fomos objeto dela. "De graça recebemos e de graça devemos dar". E a ordem de Paulo é que eles fossem abundantes na expressão dessa graça. A graça de Deus permeia toda a nossa vida e, como resposta, devemos agir graciosamente com as outras pessoas.

d. PELA GRAÇA OS HOMENS PODEM VIVER NO MUNDO COM SABEDORIA

2Co 1.12 – "Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, *mas, na graça divina*, temos vivido no mundo, e mais especialmente para convosco."

Ser inteligente todo ser humano é, alguns mais e outros menos; mas possuir sabedoria divina não é peculiar a todos os seres humanos. Há muitas pessoas inteligentes, mas poucas que mostram a sabedoria da qual Paulo fala. Paulo distingue entre sabedoria humana e divina. Esta última é produto da graça divina. Ela é extremamente necessária para viver neste mundo conturbado, e es-

pecialmente necessária no que concerne ao tratamento dos irmãos na fé. A graça de Deus é necessária para que nos portemos de maneira sábia na presente geração. É necessário que os cristãos, hoje, peçam sabedoria a Deus porque ele a dá liberalmente (Tg 1.5). Inteligência sem sabedoria pode levar os seres humanos à loucura! Deus nos livre disso. Dê-nos ele a graça da sua sabedoria!

e. Pela Graça os Casais Vivem de Maneira Harmônica

1Pe 3.7 – "Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, *herdeiros da mesma graça de vida*, para que não se interrompam as vossas orações."

A vida comum do lar não é agradável como poderia quando os cônjuges não compartilham a mesma fé. O tratamento mútuo que os cônjuges devem dar e receber está diretamente ligado ao fato de eles serem "herdeiros da mesma graça de vida". E isso nada tem a ver com a vida natural mas com a vida renascida, a nova vida. Essa nova vida, que torna possível uma vida harmônica, é produto da graça divina. A graça de Deus tem a ver com o modo como vivemos a nossa vida comum no lar e como tratamos o nosso cônjuge. Na ausência dessa graça o marido trata a mulher indevidamente. Por essa razão é altamente aconselhável que os cristãos que querem viver dias felizes na sua vida conjugal casem-se somente no Senhor, com aqueles que são genuinamente "herdeiros da mesma graça de vida". Todos, sem méritos próprios em todas as áreas da vida, sobretudo na esfera da redenção, devem esperar inteiramente na graça de Deus que terá a sua manifestação final na revelação de Jesus Cristo no último dia (1Pe 1.13). A graça permeia a vida dos homens do começo ao fim, tanto na esfera da vida natural como na da vida espiritual. É inescapável ao ser humano receber qualquer benefício da parte de Deus que não seja expressão de sua graça.

C. A TRINDADE E A GRAÇA

Não se deve atribuir a graça apenas a uma das pessoas da Trindade, como alguns impensadamente fazem. A Trindade toda está envolvida na tarefa graciosa da redenção do pecador:

Deus, *o Pai*, é a fonte de onde toda a graça provém (Ef 1.3). Em muitos lugares nos quais aparece a expressão "a graça de Deus", pode-se entender também como referindo-se à primeira Pessoa da Trindade.

Deus, *o Filho*, é a própria expressão da graça e é o canal através do qual a graça de Deus chega até nós (Jo 1.17). Este texto não deve ser entendido como

se não houvesse graça no período do Antigo Testamento. Há muitos exemplos de sua graça na administração do pacto no Antigo Testamento (Gn 6.8; Êx 33.19; Sl 84.11; 90.17, etc.). A graça e a verdade foram reveladas claramente quando da vinda do Redentor ao mundo e de sua morte pelos seus na cruz (Rm 5.15, 17, 21).

Deus, *o Espírito*, é o administrador e o comunicador desta graça. Ele internaliza a graça em nossos corações. Ele aplica o Evangelho pregado salvificamente, vivificando o povo de Deus. Assim muda o seu coração abrindo os seus olhos, renovando o seu entendimento e transformando as afeições. Por essa razão ele é chamado de "o Espírito da graça" (Hb 10.29).

O Deus triúno é o "Deus de toda a graça"! A graça é um dos atributos mais apaixonantes que as Escrituras apresentam, porque ela humilha o pecador e exalta a Deus. Somente a entendem, em alguma medida, aqueles que têm sido beneficiários dela.

Observação: A doutrina da graça, como uma obra do Espírito, será estudada em soteriologia.

D. DIFERENÇA ENTRE MISERICÓRDIA E GRAÇA

Estas duas palavras são como dois lados de uma mesma moeda. É praticamente impossível falar da segunda sem que pressuponha a primeira. A ninguém Deus concede a sua graça sem que antes tenha sido misericordioso. A todos com quem Deus resolve ser definitivamente misericordioso certamente ele será gracioso. Enquanto a *misericórdia* deixa de dar ao pecador culpado aquilo que ele merece (a punição pelos seus pecados, Lm 3.22), a *graça* dá ao pecador culpado aquilo que ele não merece (vida, Ef 2.8, 9). Ambas, misericórdia e graça, são variações da mesma qualidade de Deus: sua bondade.

APLICAÇÃO

a. PROCURE ENTENDER CADA DIA MAIS O CONCEITO DE GRAÇA

A palavra *graça* é uma das palavras das Escrituras que mais doce soa aos nossos ouvidos. Portanto, nunca atribua nada do que você possui àquilo que você faz, nem dê guarida no seu coração ao conceito de autojustiça. Graça exclui qualquer noção de mérito da nossa parte. Quanto mais correto for o seu conceito de graça, mais noção de sua pecaminosidade você terá. Foi exatamente isso que Paulo percebeu quando disse a respeito de si mesmo que era dentre os pecadores "o principal" (1Tm 1.15). Ele não possuía mais pecado do que você e eu. Você e eu estamos, no mínimo, no mesmo pé de igualdade de Paulo com

respeito aos pecados. No entanto, o segredo dessa descoberta de Paulo é que ele conhecia muito bem a graça divina. Quanto mais absorvemos a idéia da graça, mais entendemos o conceito "tão grande salvação" do qual as Escrituras ensinam (Hb 2.3).

b. Aprenda a Louvar a Graça de Deus

Escrevendo aos Efésios Paulo diz que Deus

> Ef 1.5, 6 – "nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito da sua vontade, *para louvor da glória da sua graça*, que ele nos concedeu *gratuitamente* no Amado."

Quatro ensinos neste verso devem ser observados: a) toda expressão da graça de Deus tem a sua base no Amado de Deus, Cristo Jesus. Nada do que recebemos está fora dos merecimentos de Jesus; b) a graça de Deus é cheia de glória. Ela esplende em toda a sua extensão na redenção dos pecadores. Nada da redenção deles está fora de sua graça; c) essa graça, Paulo enfatiza, nos foi dada *gratuitamente*; d) a predestinação e a adoção de filhos nos foram dadas para que a graça de Deus fosse louvada. Ora, é necessário que você louve essa graça e cante a maravilhosa graça de Deus.

c. Pregue sobre a Graça de Deus

Alguns pregadores não entendem a beleza da idéia da graça e, por essa razão, poucos a pregam apropriadamente. Vocês, se são pregadores e testemunhas do evangelho, não podem nunca deixar de falar da graça, pois na sua inteireza o evangelho é pura graça. É lamentável que haja igrejas que não entendam ainda a idéia plena da graça. Mas você que já compreendeu razoavelmente o que graça significa, proclame-a com todos os seus pulmões. O mundo precisa ouvir a respeito da graça. Além disso, ore a Deus para que a sua graça seja internalizada na vida daqueles a quem você anuncia.

ÍNDICE

CAPÍTULO 19 – A SANTIDADE DE DEUS

A. A Natureza da Santidade 323
1. A Santidade Majestosa de Deus 323
2. A Santidade Moral de Deus 324
B. A Importância da Santidade Divina 325
1. O Padrão da Santidade Divina 326
2. Manifestações da Santidade de Deus 326
a. Nas Suas Obras 326
b. Nas Suas Leis 327
c. Na Redenção 328
3. Diferença de Santidade em Deus e nos Homens 329
4. Corolário da Santidade de Deus 330
a. A Santidade de Deus Determinará o Conceito de Evangelização 330
b. A Santidade de Deus Determinará o Conceito de Adoração 330
c. A Santidade de Deus Tornará Você Humilde 332
5. Ilustrações da Santidade de Deus 333
a. Moisés e a Santidade de Deus 333
b. Uzá e a Santidade de Deus 334
c. Isaías e a Santidade de Deus 335
c.1. A Revelação da Santidade Majestosa de Deus 335
c.2. A Revelação da Santidade Moral de Deus 336
c.3. A Reação de Isaías Diante da Santidade Majestosa e Moral de Deus 336
6. Aplicação 336
a. Procure Ter o Senso da Santidade de Deus 336
b. Saiba que Deus É o Padrão para a Nossa Santidade Moral 337
c. Seja Santo como Deus 338

CAPÍTULO 19

A SANTIDADE DE DEUS

Este é o grande atributo moral de Deus. A palavra hebraica para "santo" é *qadosh*, que significa cortar, separar. O erudito do Antigo Testamento, Eichrodt, disse que santo é aquilo que é "separado, retirado do uso comum".[187] Nesse sentido, todas as coisas que foram usadas para um uso exclusivo são consideradas santas. Por exemplo: as vestes sacerdotais eram santas (Êx 28.2), o lugar específico para a preparação do sacrifício era santo (Êx 29.31), os vasos usados no templo eram santos (1Rs 8.4), etc. Tudo o que era usado de um modo específico para Deus era considerado santo. Estes objetos e instrumentos não possuem qualquer conotação moral nem a idéia de majestade de que falaremos adiante. Apenas eles mostram que foram usados para um serviço especial, separados. Todavia, este mesmo raciocínio não pode ser dito de Deus. Deus é separado de uma forma diferente. Ele é separado de toda forma possível de existência criada, porque ele está além e sobre cada uma delas, e também por causa de sua natureza majestosa. Ele é separado dos anjos, dos homens e, especialmente, dos pecadores (neste último caso é uma separação moral). A palavra *qadosh* é uma das palavras mais importantes da religião do Antigo Testamento, e é aplicada a Deus. A mesma idéia é transportada para a religião do Novo Testamento, com a palavra *hagios*, que é traduzida como "santo". Portanto, santidade não tem simplesmente a conotação de qualidade moral ou ética.

A. A NATUREZA DA SANTIDADE

A idéia de santidade é dupla nas Escrituras e é importante que façamos a devida distinção entre santidade majestosa e santidade moral em Deus:

1. A SANTIDADE MAJESTOSA DE DEUS

No seu sentido original, Deus é santo porque ele é totalmente distinto e

[187] Walther Eichrodt, *Theology of the Old Testament* (Filadélfia: Westminster, 1961), vol. 1, 270.

separado das suas criaturas, além de ser exaltado sobre elas por causa da sua infinita majestade. Porque Deus é Deus, não é difícil para nós entendermos que ele é separado das suas criaturas por causa de sua majestade. Neste sentido, a sua santidade é singular. Ninguém pode ser santo como ele porque ninguém pode ser separado, acima e além das criaturas. Olhando desse prisma, a sua santidade é, portanto, um atributo incomunicável.

Essa singularidade de Deus mesmo diante de outros deuses é afirmada nas Escrituras. Elas nos dizem que Deus é *glorioso em santidade* (Êx 15.11). A santidade de Deus está vinculada ao fato de ele ser todo glorioso, infinitamente distante de nós na maneira em que ele é: na nobreza e na perfeição da sua natureza; na grandeza de todos os seus atributos. A santidade é praticamente um atributo que qualifica tudo o que Deus é. Deus é majestoso e glorioso na sua santidade (Is 57.15).

Esta santidade é proclamada pelos seres celestiais diversas vezes nas Escrituras (Is 6.3; Ap 4.8). Nenhum dos atributos de Deus é cantado tão solene e majestosamente como este! Nenhum outro atributo é cantado e repetido três vezes! Isto é assim porque ele mostra a sua grande e majestosa glória!

É este aspecto da santidade de Deus que causa no homem o senso de *pequenez*, de que não é nada diante da majestade de Deus.

Neste sentido somente Deus é santo. Nenhum outro ser é santo como o Senhor. É a glória peculiar da sua natureza. Assim como somente Deus é bom, assim somente Deus é santo (1Sm 2.2). Deus não somente é santo, ele é santidade. Isto não pode ser dito dos homens e de nenhuma outra divindade criada pelos homens, mas somente de Deus.

2. A SANTIDADE MORAL DE DEUS

Num sentido derivado, podemos dizer que existe uma santidade moral em Deus, que o faz estabelecer leis santas para as suas criaturas. É nesse sentido que a santidade moral de Deus é a causa que faz com que ele seja absolutamente isento de deficiência ética. As leis que nos são dadas refletem quem ele é moralmente. É neste sentido de santidade que vamos nos concentrar porque diz mais respeito a nós.

A idéia fundamental de santidade moral de Deus é também de separação, mas neste caso, é separação do mal moral, do pecado (Jó 34.10; Hc 1.13). Deus é livre de qualquer contaminação moral. A santidade de Deus é também observada na maneira em que ele exige santidade dos homens, feitos à sua imagem e semelhança.

Berkhof define a santidade moral de Deus como "aquela perfeição divina em virtude da qual Deus eternamente quer e mantém sua excelência moral, abominando o pecado e exigindo pureza de suas criaturas morais".[188]

B. A IMPORTÂNCIA DA SANTIDADE DIVINA

A importância desse atributo é revelada pelas próprias Escrituras. Nenhum outro atributo é repetido pelas Escrituras três vezes, afirmando o que Deus é. Nunca é dito que Deus é justiça, justiça, justiça, ou que ele seja amor, amor, amor. Elas dizem que Deus é "santo, santo, santo" e "que a terra está cheia da sua glória". É o único atributo enfatizado de maneira especial. Com esta observação não estamos sugerindo que a santidade seja mais importante que os outros atributos em Deus, mas que vários dos seus atributos morais são qualificados e realçados por sua santidade. É apenas uma questão de ênfase que as Escrituras lhe dão, em virtude da natureza divina.

A importância da santidade está também no fato de que este atributo qualifica todos os outros. O amor de Deus é santo, a sua justiça é santa, a sua misericórdia é santa, etc. Todos os outros atributos morais de Deus são qualificados por este.

A importância da santidade está no fato de Deus usá-la para garantir a veracidade da sua palavra. Este atributo parece ser o mais caro para o próprio Deus. Quando vai fazer qualquer juramento, Deus não tendo ninguém mais alto por quem jurar, jura por sua própria santidade.

> Sl 89.34-36 – "Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez *jurei por minha santidade* (e serei eu falso a Davi?): a sua posteridade durará para sempre, e o seu trono como sol perante mim."

Jamais Deus poderia falhar na sua promessa de não deixar faltar sucessor ao trono de Davi. A sua palavra foi empenhada de maneira muitíssimo séria. Era a honra do seu nome que estava em jogo. Nunca ele poderia desonrar-se ou negar-se a si mesmo, falhando no cumprimento da promessa. É por causa da sua santidade essencial que ele não mente nem é falso no que diz. A garantia da força do seu juramento está na sua santidade.

> Am 4.2 – "*Jurou o Senhor Deus, pela sua santidade*, que dias estão para vir sobre vós, em que vos levarão com anzóis e as vossas restantes com fisga de pesca."

[188] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 86.

Não somente em suas doces promessas ele faz juramento com base na sua santidade, mas também na expressão dos seus juízos. Deus também não falha nos seus juízos porque ele é absolutamente santo e empenha a sua palavra com juramento fiado em sua santidade.

A sua santidade é a garantia do cumprimento de sua promessa. Todos os cristãos devem confiar na Palavra de Deus porque ele é santo, ele não pode mentir. A sua santidade é a garantia da sua fidelidade. Isto é altamente significativo!

1. O Padrão da Santidade Divina

Não podemos definir o padrão de santidade em Deus como definimos a santidade dos seres humanos ou a dos seres celestiais. Isto quer dizer que não podemos conformar Deus à sua lei moral. A lei não existe para ele. Ele não pode ser medido pela lei que criou para os seres humanos, para seres finitos, que estão sujeitos ao seu governo moral.

Não existe um padrão de santidade moral de Deus fora dele mesmo. Podemos saber sobre os aspectos morais de Deus pelo que ele revela de si próprio. A natureza de Deus é padrão de santidade. A única regra para a santidade divina é a sua própria natureza moral. Ele é padrão para si mesmo. Não há nenhum meio de se aferir a santidade, senão aceitando o que ele próprio diz de si. As Escrituras Sagradas são o único registro da revelação de Deus que nos revela algo de sua natureza moral, pois as suas leis revelam quem ele moralmente é. As Escrituras refletem a mente de Deus, isto é, o que ele pensa e como ele quer que os seres humanos pensem e ajam.

A moralidade de Deus está intimamente vinculada à sua santidade. Este é o padrão moral de suas manifestações éticas. O que Deus ordena ou proíbe constitui e revela a sua santidade. Não existe santidade à parte de Deus. A sua natureza é o padrão aferidor de santidade. A noção perfeita do que é certo e do que é errado advém do nosso conhecimento da natureza de Deus. Se quisermos saber o que santidade significa é só olharmos para Deus. Contudo, essa noção de sua santidade só é mostrada no Livro Santo, que é a revelação de Deus.

2. Manifestações da Santidade de Deus

A santidade moral de Deus está revelada de várias maneiras nas Escrituras. Ela pode ser vista nas suas obras, nas suas leis e na redenção do pecador.

a. Nas Suas Obras

Deus fez todas as coisas boas, inclusive o homem. Deus fez todos os seres

racionais santos: os anjos foram criados originalmente santos, mas eles não guardaram o seu estado original (Jd 6); Deus fez o homem santo, isto é, num estado de plena retidão, mas ele se meteu em muitas astúcias (Ec 7.29). As suas criaturas racionais deveriam refletir perfeitamente quem o Criador era, pela natureza com que foram criadas, mas elas pecaram contra o Criador. O pecado delas não procedeu da sua "fabricação", mas porque elas não levaram Deus a sério quando ele lhes deu leis.

Deus é santo em todas as suas obras. Nada que vem dele é imperfeito, porque ele é justo e reto (Dt 32.4).

b. Nas Suas Leis

A santidade de Deus pode ser vista no reflexo de sua natureza que é a sua lei. Paulo diz que a lei de Deus é santa (Rm 7.12) e Davi diz que ela é "puríssima" (Sl 19.8). Essas duas palavras refletem o caráter do santo Legislador. As suas leis refletem sua santidade. Elas são nascidas nas profundezas da sua santa natureza, e adaptadas à natureza original do homem. Originalmente, as leis de Deus, aquelas que ele deu no Jardim do Éden e as que ele imprimiu no coração do homem, combinavam perfeitamente com o modo como Deus o havia feito.

Todos os estatutos de Deus são santos e revelam sua natureza (Dt 4.8; Sl 19.10). Deus revela a sua santidade nas duas expressões da Lei:

Lei Moral – Esta lei é a melhor e a mais clara demonstração do caráter santo de Deus. Ela proíbe o pecado em todas as manifestações, seja nas suas manifestações mais grosseiras como nas mais refinadas, porque ela é uma lei santa, com vários adjetivos: perfeita, boa, justa, pura, limpa, etc. (Rm 7.12; Sl 19.8, 9). Os mandamentos de Deus são freqüentemente chamados "juízos" porque eles corretamente julgam o que é bom e o que é mau. A finalidade da lei santa não é simplesmente mostrar que os homens são pecadores, mas também levá-los para mais perto da santidade de Deus. Todavia, por causa da natureza pecaminosa do homem, a lei, ao invés de aperfeiçoá-lo, cria nele um senso de desespero, pela impotência que o pecado lhe causou.

É importante observar que a santidade majestosa de Deus pode ser vista na primeira tábua, enquanto a santidade ética pode ser vista na segunda tábua da lei.

Contudo, é necessário observar que essa lei moral não se revela somente nos Dez Mandamentos do Antigo Testamento, mas também nas páginas do Novo Testamento. Shedd diz que "o sermão do monte é uma edição revisada do decálogo, e constitui-se na base legal da nova aliança, como o decálogo o foi para a

antiga aliança. Cristo, no Sermão do Monte, interpreta e espiritualiza os dez mandamentos".[189] Essa lei divina que atravessa toda a Escritura é a mais alta expressão revelada de sua santidade, pois expressa exatamente quem ele é.

Lei Cerimonial – A santidade de Deus também aparece na lei cerimonial, quando ele ordena os sacrifícios pelos pecados, mostrando a sua indignação contra eles através da exigência de derramamento de sangue.

Os julgamentos de Deus são derivados de sua santidade. A morte dos cordeiros apontava para a natureza pura e santa de um Deus cheio de ira. É bom ter em mente que a ira e o julgamento são correlatos da santidade. Estes dois últimos seriam sem sentido sem a santidade de Deus.

As outras cerimônias não sangrentas, como lavagens e purificações, também apontam para a sua santidade.

As ordenanças relacionadas com comidas imundas também refletem o seu gosto por coisas limpas, que combinam com a sua santidade.

c. NA REDENÇÃO

O desprazer de Deus com o pecado, o que mostra a sua santidade, tem a sua evidência mais vívida na morte de Jesus na cruz! Aqui a sua santidade se torna absolutamente clara. Charnock diz:

> "nem todos os cálices dos julgamentos que têm sido ou serão derramados sobre o mundo ímpio, nem a flamejante fornalha da consciência do pecador, nem a irreversível sentença pronunciada contra os demônios rebeldes, nem os gemidos das criaturas condenadas, dão tal demonstração do ódio de Deus contra o pecado como a sua ira que foi derramada sobre seu Filho".[190]

O grito agonizante de Cristo na cruz – "Deus meu, Deus meu (não "meu Pai, meu Pai"), por que me desamparaste?" (Mt 27.46) – mostra a maior manifestação do desagrado de Deus com o pecado. Não há forma de punir o pecado sem punir o homem. Contudo, Deus não está debaixo da necessidade de punir o pecador pessoalmente. Jesus, sendo enviado ao mundo, foi a única maneira de Deus punir o pecado, punindo o representante, para redimir o pecador.

Gálatas 3.13 mostra que Jesus foi amaldiçoado de Deus por causa dos nossos pecados. Isso é a maior prova da santidade de Deus que se opõe e castiga o pecado; Isaías 53.10 mostra que Deus moeu o homem de dores para satisfazer a justiça que a sua santidade exigia.

---

[189] W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology* (Nashville: Thomas Nelson, 1980), vol. 1, 363.

[190] Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, vol. 2, 134.

Deus ama tudo o que está de conformidade com a sua lei, e odeia tudo o que é contra ela (Pv 15.26). Deus é necessariamente santo e não pode permitir que o homem fique sem a penalidade. Deus tem perdoado o pecador, mas jamais deixado de punir o pecado. Para que o pecador seja perdoado, *Outro* teve que tomar o lugar do pecador, pagando o preço do pecado, porque "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22).

É lamentável que a doutrina da santidade de Deus não seja enfatizada nas igrejas hodiernamente. Os ímpios não possuem qualquer idéia do que a santidade de Deus significa, mas isto não é admissível entre os filhos de Deus. Porque os crentes a ignoram, possuem um conceito errôneo sobre o Deus em que crêem. Todos precisam ter a idéia de um Deus amoroso, mas que nunca deixou de ser vingador. Essas duas "facetas" de Deus não se excluem. Ao contrário, elas se tornam evidentes no sacrifício de Jesus Cristo, que foi a única forma de as duas coisas serem mostradas ao mesmo tempo.

3. Diferença de Santidade em Deus e nos Homens

Em Deus a santidade é uma qualidade essencial; nos homens é uma qualidade adquirida e derivada; a santidade é uma necessidade em Deus. Se Deus não for santo, ele não pode continuar sendo o que é; mas ela não é necessária na criatura. Esta pode continuar sendo o que é sem que possua santidade.

Em Deus a santidade é uma qualidade imutável, porque é parte da sua substância, não pode ser separada dele; na criatura a santidade é uma qualidade mutável, porque aquela pode não ser santa e continuar a ser o que é. Deus criou o homem santo e, no entanto, ele deixou de ser santo. A santidade é uma qualidade separável dos homens. Se a santidade dos homens fosse imutável Adão não teria pecado.

Em Deus a santidade é infinita; no homem é finita. Deus é santo por excelência porque a sua santidade está vinculada a outros atributos seus que lhe são essenciais. Deus não muda; é absolutamente verdadeiro; é puríssimo em seu amor, etc. A santidade no homem é finita porque é derivada. Quando a redenção for concluída ele permanecerá santo por uma obra da graça nele efetuada, não porque terá adquirido uma capacidade divina. Ele continuará a ser finito, mesmo depois da redenção final. Portanto, finitas também serão as suas qualificações adquiridas.

4. Corolário da Santidade de Deus

a. A Santidade de Deus Determinará o Conceito de Evangelização

Costumeiramente a igreja encontra base para a sua tarefa evangelística no entendimento da necessidade humana. Não é errado verificar a necessidade dos pecadores de serem salvos. Não podemos desprezar essa idéia. Contudo, não é esta a ênfase primordial das Escrituras nem é a razão última de nossa tarefa evangelística. A causa última está na santidade de Deus que não pode trazer os pecadores para si sem a tarefa da redenção trazida por Cristo Jesus. A santidade de Deus exige que os pecadores sejam punidos, porque a justiça de Deus tem que ser satisfeita. Contudo, na evangelização anunciamos que o pecador por quem Cristo morreu já tem as suas culpas pagas por ele. A santidade de Deus exige que o pecador seja punido pessoal ou representativamente. A santidade de Deus é que exigiu a morte de Jesus Cristo. E é o amor santo de Deus que fez com que Cristo se oferecesse no lugar de pecadores.

No anúncio da redenção, a mensagem de boas-novas é que aquele que é salvo tem os seus débitos saldados pelo "fiador" do novo pacto. Portanto, é a santidade de Deus que, em última análise, exige que a mensagem seja proferida nos termos de pecados pagos por Jesus Cristo. Se a mensagem não contiver esse conteúdo, ela não é "boa-nova", nem vem do Deus santo.

b. A Santidade de Deus Determinará o Conceito de Adoração

É a santidade de Deus que regula e conduz a nossa adoração. Porque as pessoas hodiernamente perderam o verdadeiro conceito da natureza de Deus é que perderam também o modo correto de se adorar a Deus. As pessoas aproximam-se de Deus sem o senso da sua santidade nem se preocupam com a santidade própria. O que importa para esses adoradores é que eles se sintam bem com o que fazem no culto. A sua vida ética não importa, nem o Deus santo das Escrituras. Todavia, as Escrituras dizem que devemos "nos aproximar dele, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e lavado o corpo com água pura" (Hb 10.22). Porque Deus é santo, a nossa maneira de viver e de prestar culto deve ser conformada à natureza de Deus. O adorador deve ser adaptado ao Adorado. O gosto do Adorado no culto deve ser respeitado. Nunca o inverso. Mas não é isso que temos observado em muitas igrejas evangélicas nos dias em que vivemos.

Deus é santo, augusto e majestoso. Não podemos nos aproximar dele sem o senso devido de plena reverência. O Deus do Antigo Testamento é o mesmo do Novo. Portanto, a nossa aproximação dele deve ser sempre de santo temor. Veja o que o escritor aos Hebreus diz com respeito ao modo como prestamos o culto divino:

> Hb 12.28, 29 – "Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual *sirvamos* a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor."

O contexto dessa citação do autor de Hebreus é o de culto. O termo usado para "sirvamos" deveria ser traduzido como "cultuemos", pois o termo grego é λατρεύωμεν (*latreuomen*) que vem de λατρεία (*latreia*), que significa adoração ou culto. Portanto, no nosso serviço (culto) a Deus precisamos ter reverência e santo temor. Esse é o culto que lhe agrada. Para que tenhamos estas posturas na adoração divina é necessário que saibamos a quem estamos adorando.

A perda da reverência e do santo temor é patente nos movimentos modernos de liturgia. Muitos adoradores não têm em sua adoração o senso de santa reverência por aquele a quem adoram. O escritor sacro está falando de um culto reverente que devemos prestar a Deus, cheio de santo temor, por causa da *natureza* do Deus a quem adoramos. Ele é fogo consumidor.

Estas noções não estão presentes na maioria dos cultos prestados a Deus. As reuniões das inovações litúrgicas são tão cheias de irreverência que perdem em formalidade até para reuniões sociais que as pessoas fazem nas suas atribuições normais, como cidadãos. Quando as pessoas tratam com as autoridades deste mundo, elas ainda têm uma certa postura que as diferencia de uma conversação com um seu igual, mas com Deus a conversa é destituída de qualquer cerimônia, reverência ou santo temor.

Hanko diz que a falta de temor a Deus "é que, em grande medida, explica o baixo padrão de moral, a mundanidade e a carnalidade, a loucura do prazer e a perversão ética, que caracterizam os nossos tempos".[191] A falta de temor a Deus, que tem caracterizado a presente geração de adoradores, tem produzido uma adoração sem qualquer senso de reverência ao Adorado.

A presença da grandeza, da majestade e da santidade de Deus deveria tornar-nos cheios de reverente temor diante dele. Culto envolve diretamente essa presença. Portanto, sua presença deveria ter como resposta o reverente temor. Davi disse: "Arrepia-se-me a carne com temor de ti" (Sl 119.120).

[191] Herman Hanko, "The Fear of the Lord in Worship", em *Worship in the Presence of God*, eds. David Lachman e Frank J. Smith (Greenville, SC: Greenville Seminary Press, 1992), 28.

É assim que deveríamos nos sentir e nos portar diante dele na hora de adoração. É o Santo que está entre nós no culto. Mas quando o adorador

> "assume uma atitude de familiaridade, quando ele fala a Deus como se fosse um seu igual, sem qualquer senso de admiração e reverência em sua voz e palavras, nas suas comunicações com o santo Deus, ele se torna profano e blasfemo." [192]

Se em nossa adoração o senso de admiração e o de reverência pelo Senhor não estão presentes, não existe uma verdadeira adoração. Esses são elementos essenciais a ela. Mas quando eles estão presentes, então podemos desfrutar o senso da gostosa e majestosa presença daquele a quem adoramos.

Portanto, conheça-se a si mesmo conhecendo quem o Deus verdadeiro é. Quando você descobrir a profundidade da santidade divina, então você poderá exercitar uma verdadeira adoração.

c. A Santidade de Deus Tornará Você Humilde

Se corretamente entendida, a santidade de Deus vai promover a humildade em você, não o orgulho. Lembre-se do exemplo de Pedro, registrado em Lucas 5. Depois de haver tentado pescar inutilmente a noite toda, Pedro recebeu a ordem de Jesus Cristo para lançar a rede. Pedro duvidou, a princípio, de que iria dar certo, mas acabou dizendo: "sobre a tua palavra lançarei as redes" (v. 5). Qual não foi a surpresa quando ele tentou içar as redes: Elas estavam cheias, a ponto de se romperem (v. 6). Quando Pedro percebeu diante de quem realmente estava, teve um senso de humildade e de pequenez. Ele sentiu-se impuro diante da santidade do Redentor. Ele acabou prostrando-se diante dos pés de Jesus e lhe disse: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (v. 8).

O reconhecimento da santidade do Senhor causou em Pedro o senso de diminuição do seu "eu". Somente quando contemplou o Santo de Deus naquele momento é que Pedro sentiu seu próprio tamanho. Ele se viu como era: pequeno e, além disso, pecador. O que aconteceu com Pedro já havia acontecido com Isaías, quando teve a visão da santidade de Deus. Ali ele se tornou humilde e reconhecido de sua própria miséria. Com Pedro não poderia ser diferente. Esta é a sensação que todos os humanos vêm a possuir quando confrontados com a santidade divina.

Quanto mais consciência temos da santidade de Deus, mais humildes e reconhecidos de nossos pecados nos tornamos. Porque temos perdido a noção da santidade de Deus, também perdemos a humildade. É por isso que há tantas

[192] Ibid., 32.

pessoas presunçosas e cheias de si no meio do povo chamado "crente": elas não sabem quão pequenas e imundas são porque não sabem quão santo é o Deus em quem professam crer.

5. Ilustrações da Santidade de Deus

a. Moisés e a Santidade de Deus

Há dois textos no livro de Números mostrando que a não consideração da santidade divina é um grande prejuízo para os homens: Números 20.1-13; 27.12-14. São passagens que mostram a ira de Moisés contra o povo por causa da sua reclamação de falta de alimento e água no deserto (Nm 20.3-5). O povo está acampado em Cades (em hebraico *Kadesh* = santo). Ali, então, Deus manda que, diante do povo, Moisés "fale à rocha" a fim de que a água brote dela (v. 7). Moisés reuniu o povo, tomou a vara como o Senhor ordenara, mas aconteceu que ele estava irado com o povo e acabou fazendo bem diferente da ordem do Senhor. Ao invés de "falar à rocha", irado, ele "feriu a rocha duas vezes com a sua vara" (v. 11). A água saiu abundantemente da rocha, mas o castigo de Deus veio sobre Moisés e Arão, que não puderam entrar na terra da promissão (v. 12).

É muito curioso que, depois da desobediência, Deus diz a Moisés:

> "Visto que *não crestes* em mim, para me *santificardes* diante dos filhos de Israel..." (v. 12).

Bater na rocha foi um ato de desobediência, uma falha por não seguir as instruções de Deus. Essa falha foi considerada por Deus como "incredulidade". Todavia, além de incredulidade, o que Moisés fez foi um ato de irreverência para com a palavra de Deus. Uma irreverência que gerou a incredulidade. A resposta apropriada à santidade de Deus é a reverência para com ele, e o resultado do temor é a obediência. Contudo, a ira de Moisés para com o povo havia sobrepujado o seu temor e reverência para com Deus, ao invés de o seu temor a Deus ter vencido a sua ira para com o povo no deserto. Moisés deixou de evidenciar a santidade gloriosa de Deus, deixando de tratá-lo como santo que era. Moisés não atribuiu a Deus a glória do milagre que lhe pertencia. Deus não foi glorificado em sua santidade pelo povo, porque Moisés foi vencido pela sua própria ira, ao invés de tornar Deus honrado no meio do povo, obedecendo a sua palavra. Deus, então, levou muito a sério a atitude irreverente de Moisés, e o puniu.

Mais tarde, Deus fez a si mesmo aquilo que Moisés deveria ter feito e não fez.

> "São estas as águas de Meribá, porque os filhos de Israel contenderam com o Senhor; e *se santificou* neles" (v. 13).

Assim, Deus foi santificado na presença do povo como o Santo de Israel. Ele se apresentou majestosamente ao seu povo e mostrou que ele é santo moralmente, pois pune a desobediência, a incredulidade e a irreverência para com aqueles que desprezam a sua palavra. Se Deus não foi santificado por Moisés diante do povo, ele próprio fez para si o que os homens não fizeram. Se ele não é glorificado pelo seu povo, ele será glorificado em e sobre nós. É significativo que essa atitude divina para consigo mesmo, isto é, a de santificar-se, se deu no lugar chamado "Santo" (*Kadesh*).

b. UZÁ E A SANTIDADE DE DEUS

O texto de 2 Samuel 6.1-11 é muito chocante, especialmente para a mentalidade de nosso tempo, que rejeita qualquer atitude drástica por causa dos erros dos outros. A santidade de Deus é evidente nesta passagem no modo como Deus trata aquele que perde a reverência pela sua santidade, mesmo que com os melhores propósitos.

A arca da aliança havia sido capturada pelos filisteus e, por algum tempo, ela foi guardada como um troféu, pois era a maior peça da religiosidade judaica, visto que a vara de Arão e um exemplar do maná estavam ali guardados, e era o símbolo da presença de Yaweh no meio do seu povo.

Após derrotar os filisteus (2Sm 5.19-25), Davi trouxe a arca de volta para Jerusalém. Essa arca santíssima ficava escondida no lugar santíssimo, "o santo dos santos" do tabernáculo. Segundo as instruções de Deus, a arca só poderia ser transportada pelos varais colocados nas argolas (ver Êx 25.10-22). Se alguém olhasse para a arca (quanto mais tocar nela!) morreria (Nm 4.1-20).

Na viagem de volta para Jerusalém, puseram a arca num carro novo de bois e, no meio do caminho, os bois tropeçaram, e Uzá, um dos filhos de Abinadabe que guiavam o carro, botou a mão na arca com medo de que ela caísse (v. 6). Então, a santidade de Deus foi vista quando de sua ira contra Uzá, pelo fato de ele ter tocado a arca e isto ter sido considerado um ato de *irreverência* (v. 6). Então, o Senhor o feriu e ali ele morreu. Ele não poderia ter tocado a arca santa do Senhor santo. Mesmo que isso pareça estranho aos nossos olhos, essa santidade foi vindicada por Deus que exige reverência para com as coisas que são santificadas.

Aquele que deveria ser um tempo de grande alegria (e o foi momentaneamente), veio a ser um tempo de tristeza. Eles haviam se esquecido de quão santa era a arca, pois era o lugar onde Deus se mostrava presente no meio do povo. Ao invés de transportá-la segundo prescrevia a lei (Nm 4.1-20), eles violaram a lei,

e isso foi considerado um pecado contra a santidade de Deus, um ato de pura irreverência.

A primeira reação de Davi foi de desapontamento diante da atitude de Deus com Uzá. Na opinião de Davi, Deus não poderia ter feito o que fez com Uzá. Afinal de contas, Uzá estava tentando ajudar para que a arca não caísse. Davi havia se esquecido da lei santa de Deus e de quão irado Deus fica quando a sua santidade é violada. A essa altura, Davi ainda não sabia quão santo era Deus. Foi preciso Deus se manifestar em ira para que Davi entendesse a respeito dessa matéria que poucos de nós entendemos hoje.

A igreja contemporânea tem perdido essa noção da santidade divina. É necessário que voltemos a estudar este assunto, pois há grande urgência da absorção desse conceito na vida do povo de Deus em nosso tempo. A irreverência é um pecado muito sério e perigoso. Mesmo quando os nossos motivos são sinceros, ela não é justificada por Deus, especialmente a irreverência que tem a ver com o culto divino, tão irreverentemente tratado em nossos dias. Precisamos ser lembrados da santidade de Deus e possuir uma reverência que se manifeste em obediência aos seus preceitos e mandamentos.

O nosso Deus é o mesmo de ontem. Ele não é diferente. Você já pensou se ele resolvesse manifestar a sua ira para conosco por causa de nossos atos de irreverência, especialmente aqueles ligados ao culto do seu santo Nome?

Este exemplo de Uzá é apenas uma manifestação bem pequena do grande universo da santidade divina. Esse é o atributo mais precioso para Deus porque todos os outros são aferidos por ele. Portanto, é de grande importância que a igreja contemporânea dê a devida atenção a essa matéria, a fim de que não sejamos encontrados em falta diante de Deus.

c. Isaías e a Santidade de Deus

O texto de Isaías 6.1-10 talvez seja, de todos, o mais ilustrativo da santidade de Deus. Isaías viu seres celestiais proclamando em alta voz a tríplice santidade de Deus, num ambiente extremamente cheio de majestade e glória, o que causou no profeta uma forte reação, acompanhada de um grande senso de pecado. Há, portanto, dois aspectos nesta visão que precisam ser observados: a revelação da dupla santidade de Deus e a reação de Isaías.

c.1. A Revelação da Santidade Majestosa de Deus

A santidade majestosa de Deus é notada na narrativa de Isaías: "No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono" (v.

1). A idéia de "sublime" é a de exaltação ou elevação. Era uma cena de glorificação que Isaías contemplava. O verso 1 mostra a maneira como o pequeno enxergava o grande, o menor ao maior.

Isaías viu o Rei do universo todo glorioso, o que causou nele o senso de absoluta pequenez e miséria.

c.2. A Revelação da Santidade Moral de Deus

A revelação da santidade majestosa também leva ao reconhecimento da santidade moral de Deus. A cena que Isaías viu não somente o levou a contemplar a grandiosidade da realeza de Deus, mas também a perfeição do seu caráter moral. Esta é a conclusão a que Isaías chega quando os serafins, numa atitude de reverente conduta, dizem: "Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos".

c.3. A Reação de Isaías Diante da Santidade Majestosa e Moral de Deus

O texto diz, no verso 2, que os serafins possuíam seis asas e que com duas delas eles *cobriam o rosto*. Esta atitude dos serafins é uma indicação de que a santidade majestosa de Deus não permitia que mesmo as santas criaturas celestes, que cantavam "santo santo santo", pudessem contemplá-lo.

Ora, se seres santos não podiam contemplar a santidade majestosa de Deus, imagine-se o pecador! A visão da santidade divina despertou imediatamente em Isaías uma violenta reação quanto ao seu comportamento e ao comportamento da sua nação. Esta é a santidade majestosa de Deus que desveste o ser humano de todo o seu orgulho e presunção. Isaías ficou desnudado diante da santidade divina!

Isaías não somente reconheceu a sua pequenez diante da santidade majestosa de Deus, mas também reconheceu o seu pecado diante da santidade moral de Deus. Então, Isaías confessa humildemente o seu pecado e é purificado dele. A contemplação da santidade de Deus causa em nós o senso de que somos imundos. O nosso senso de depravação é determinado pelo nosso senso da santidade de Deus. Somente quando nos conscientizamos da realidade de Deus é que temos consciência de quem somos.

6. APLICAÇÃO

a. PROCURE TER O SENSO DA SANTIDADE DE DEUS

Porque Deus é santo devemos nos aproximar dele com a máxima reverência (Sl 89.7; 99.5; 2.11; Êx 3.5). É desta forma que os seres celestiais, que são

conservados em santidade, se portam diante dele (Is 6.3). Ora, se os serafins possuíam consciência da santidade divina, imagine a necessidade que nós devemos ter dessa consciência, sendo pecadores. A única maneira de se possuir o senso de pecado é ter o senso da santidade divina.

Quanto maior o senso da santidade de Deus, mais senso de pecado e, portanto, mais aceitos seremos na sua presença; quanto maior o senso da santidade de Deus, mais santos seremos em nossos procedimentos.

Porque Deus é santo, devemos nortear nossa vida de acordo com os preceitos dele. Deus não exige que sejamos onipotentes, oniscientes, eternos, etc., mas ele ordena na sua Palavra que sejamos "santos como ele é" (1Pe 1.16). Em outras palavras, Deus quer que sejamos pessoas diferentes, distintas das pessoas do mundo, pela maneira de nos portarmos. Não haveremos de glorificar a Deus tanto por admirá-lo, por apreciá-lo, por reconhecer as suas perfeições, como por obedecer a sua Palavra, andando em caminhos de retidão.

Quando você tiver consciência da santidade de Deus, você possuirá um verdadeiro temor de Deus e se protegerá das tentações ao pecado. Por que muitas pessoas adulteram, ou roubam ou fazem outra coisa qualquer? Porque elas não possuem o senso da santidade de Deus e, por conseguinte, não possuem uma santa admiração por Deus e um temor dele.

Quando você tiver consciência da santidade de Deus, você terá um desejo de se parecer com ele. Então, a imagem de Deus será cada dia renovada dentro de você. Certamente Deus está fazendo isso na vida daqueles a quem ele ama, porque as Escrituras dizem que "todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18). Quanto mais conscientes da santidade de Deus, mais desejaremos refletir a santidade de Jesus Cristo. O oposto também é verdadeiro: quanto mais os homens desconhecem a santidade de Deus, mais vivem em pecado, e menos eles querem ser como Deus.

b. Saiba que Deus É o Padrão para a Nossa Santidade Moral

Isaías entendeu essa verdade de uma maneira muito pessoal. Ele não tratou dos pecados dos outros, mas de sua própria pecaminosidade diante da santidade majestosa e moral de Deus. Deus foi a medida da consciência moral de Isaías.

Todavia, esta grande verdade que Isaías compreendeu no seu tempo, os homens de nossa geração têm esquecido. Vivemos num tempo quando a noção de paradigma moral está se perdendo no meio de uma sociedade que, eticamente,

se desmorona. Isso acontece por causa do pluralismo pós-modernista que diz que não há um padrão fixo ou uma verdade objetiva. Tudo em questões éticas e morais é relativizado e subjetivado em nossos dias. A verdade é uma questão de opinião pessoal, sem que haja um paradigma externo e fixo. Contudo, o cristão tem que tomar atitude totalmente diferente da sociedade presente. Para o cristão, Deus é o padrão de verdade absoluta e indiscutível também no que se refere à vida ético-moral. Deus não tolera a relativização da verdade. Somente Deus, através de sua Palavra, é o aferidor daquilo que é santo.

c. Seja Santo como Deus

Veja o que Deus diz a respeito da sua necessidade de ser santo:

> 1Pe 1.15, 16 – "Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo".

Esta é uma ordenação divina, não é uma opção que você tem. Contudo, a ordem não é para que você seja essencialmente como Deus, pois isso é absolutamente impossível. A ordem é para que você reflita o Deus que o criou de acordo com a natureza que ele lhe deu. Deus quer que você reflita ética e moralmente as suas leis, o seu caráter e faça as coisas como ele faria se estivesse no seu lugar. É uma necessidade a santidade no cristão. E a única maneira de ser santo é andar nos passos da fonte da santidade porque "a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1Jo 3.3).

Como filho amado de Deus, você tem que andar nas pegadas dele. Você é chamado para ser imitador dele. É nesse sentido que você tem que ser santo. O modo que você tem para segui-lo é obedecer as suas leis santas. "Somos conformados à sua santidade quando nos regulamos por sua lei, que é a transcrição da sua santidade: não o imitamos quando fazemos simplesmente algo que se conforma à sua santa lei, mas quando o fazemos por respeito à pureza do Legislador."[193] A preocupação nossa ao fazermos a vontade de Deus é por causa da própria natureza de Deus. Há muitas pessoas que fazem coisas boas, que são dignas de louvor, mas elas não possuem qualquer apreciação pelo Deus que criou as santas leis. Ser imitador de Deus é fazer as coisas certas por causa do santo legislador.

Portanto, seja santo porque isso é o que ele quer que você seja. Seja-o por causa dele!

[193] Charnock, *The Existence and Attributes of God*, vol. 2, 200.

ÍNDICE

CAPÍTULO 20 – A JUSTIÇA DE DEUS

a) Justiça Absoluta 340
b) Justiça Relativa 341

A. Distinções Aplicadas à Justiça de Deus 341
1. Justiça Governativa 341
2. Justiça Distributiva 341
a. Justiça Remunerativa 341
a.1. As Bênçãos da Justiça Remunerativa São Sempre Condicionais 342
a.2. As Bênçãos da Justiça Remunerativa não São Meritórias 343
a.3. As Bênçãos da Justiça Remunerativa São Produto do Pacto 344
b. Justiça Retributiva 346
3. A Ira de Deus 347
4. Características da Ira Divina 348
a. Sua Manifestação É Necessária 348
b. Sua Manifestação É Plena de Eqüidade 350
c. Sua Manifestação É Terrível 351
d. Sua Manifestação É Gloriosa 353
5. Diferença entre Ira e Ódio 353
6. Relação entre Ira e Misericórdia 355
7. Relação entre Ira e Amor 355
8. O Tempo da Ira Divina 356
a. Sua Ira Parcial 356
a.1. Exemplo de Acã 356
a.2. Exemplo de Datã, Abirão e Coré 357
a.3. Exemplo dos Dias de Ló 357
a.4. Exemplo do Tempo de Noé 357
b. Sua Ira Final 358
9. A Procedência da Ira É Celestial 359
10. Jesus e a Ira de Deus 359
a. Com Respeito a Si Mesmo Ele É o Recebedor da Ira 360
b. Com Respeito aos Crentes Jesus É Salvador da Ira 360
c. Com Respeito aos Ímpios Jesus É o Aplicador da Ira 361
11. Aplicação 362
a. Todos os Homens Precisam se Arrepender de Seus Pecados e Confiar em Cristo, a fim de que Escapem da Manifestação da Ira Divina 362
b. A Doutrina da Ira de Deus Deveria Motivar os Cristãos a Testificar de Jesus Cristo e Chamar os Pecadores ao Arrependimento 362
c. A Doutrina da Ira Divina É um Incentivo para Você Viver uma Vida de Retidão 363
d. A Doutrina da Ira Divina Deveria Fazer Você Viver Desconfortavelmente com o Pecado 363
e. Leve a Sério a Doutrina da Ira Divina 364

Capítulo 20

A JUSTIÇA DE DEUS

Este atributo moral está diretamente vinculado e dependente do conceito de santidade em Deus. Nenhuma idéia clara sobre a justiça de Deus haverá sem que haja uma correta noção de sua santidade. A justiça de Deus é a característica da sua natureza que o leva a manter a idéia da sua santidade. A justiça preserva intacta a noção de que Deus é absolutamente santo e que não pode ser manchado ou provocado pelos seres humanos e angélicos sem que haja uma resposta punitiva da sua parte. A justiça de Deus é a fase da santidade de Deus que é vista no seu tratamento do obediente e do desobediente, ambos sujeitos do seu domínio. Nesse atributo Deus dá a cada um o que é devido. A noção de *débito* ou *obrigação* necessariamente entra na consideração deste atributo.

A lei de Deus reflete a sua santidade. Quando a lei é infringida, a santidade de Deus o obriga a manifestar-se justamente em ira. O pecador está em dívida com a lei e, portanto, deve receber a punição dela. A idéia fundamental de justiça é a da estrita adesão à lei.[194] Os homens têm que viver de conformidade com a lei, que é a expressão da santidade de Deus, do seu caráter. Do contrário, eles recebem a devida retribuição da parte de Deus.

Podemos considerar a justiça de Deus de duas maneiras:

a) *Justiça Absoluta*

Esta é definida por Berkhof como "aquela retidão da natureza divina, em virtude da qual Deus é infinitamente justo em Si mesmo".[195] Esta é a justiça inerente a Deus. Ainda que ela nunca se manifeste e os homens nunca a percebam, este aspecto é muito importante porque define o aspecto da justiça relativa, logo abaixo mencionada. A justiça absoluta vai definir o *modus operandi* de Deus no trato com as suas criaturas. A justiça absoluta de Deus é a que está intimamente ligada à sua santidade.

[194] Ver Berkhof, *Teologia Sistemática*, 77, 78.
[195] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 77.

b) *Justiça Relativa*

Berkhof define-a como "aquela perfeição de Deus por meio da qual ele se mantém contra toda a violação da sua santidade e deixa manifesto em todos os sentidos que ele é santo".[196] É a justiça que se manifesta no dar a cada um conforme os seus merecimentos. A justiça inerente de Deus (a absoluta) é a base natural de sua justiça relativa ao tratar com as suas criaturas.

É a respeito da *justiça relativa,* isto é, a que se relaciona com os homens, que vamos nos deter neste capítulo. A Bíblia é farta de expressões a respeito da justiça divina:

- Afirmações de que Deus é justo: Ed 9.15; Ne 9.8; Sl 119.137; 145.17; Jr 12.1; Lm 1.18; Dn 9.14; Jo 17.25; 1Jo 2.29; 3.7; Ap 16.5.
- Afirmação de que os julgamentos do Senhor são justos: Ap 16.7.
- Afirmação de que a lei do Senhor é justa: Dt 4.8.

A. DISTINÇÕES APLICADAS À JUSTIÇA DE DEUS [197]

1. JUSTIÇA GOVERNATIVA

É aquela que Deus impõe como governante dos bons e maus. Ele é o legislador e põe os homens debaixo de suas leis. Em virtude disto, ele institui o governo moral do mundo, impõe uma lei justa sobre os homens, com promessas de recompensa para o obediente, e advertências de castigo para os transgressores.

No Antigo Testamento freqüentemente Deus aparece como o legislador de Israel (Is 33.22) e de todos os outros homens (Tg 4.12). Nesta função de legislador, Deus é visto como o governador moral do universo.

2. JUSTIÇA DISTRIBUTIVA

Está estreitamente relacionada à justiça governativa. Esta expressão é usada para designar a retidão de Deus na *execução* da lei, e se relaciona com a *distribuição* das recompensas aos obedientes e dos castigos aos desobedientes e rebeldes (Is 3.10, 11; Rm 2.5-7; 1Pe 1.17).

Quando esta justiça distributiva se refere à recompensa dos justos ela é chamada

a. JUSTIÇA REMUNERATIVA

É a recompensa distribuída aos seres racionais, homens e anjos, em virtude daquilo que eles fazem de bom.

[196] Ibid.

[197] Ibid., 87, 88. Muitas expressões são tiradas literalmente de Berkhof.

a.1. As Bênçãos da Justiça Remunerativa São Sempre Condicionais

É muito importante observar que a recompensa que Deus concede aos que fazem o bem sempre está relacionada à observância do pacto. Todas as bênçãos pronunciadas por Deus são condicionadas à obediência às leis estatuídas na relação do pacto. Verifique o exemplo abaixo:

> Dt 7.12-14a – "Será, pois, que, *se*, ouvindo estes juízos, os guardares e cumprires, o Senhor, teu Deus, te guardará a aliança e a misericórdia prometida sob juramento a teus pais; ele te amará, e te abençoará, e te fará multiplicar: também abençoará os teus filhos, e o fruto da tua terra, e o teu cereal, e o teu vinho e o teu azeite, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas, na terra que, sob juramento a teus pais, prometeu dar-te. Bendito serás mais do que todos os povos..."

Pode ser apreendido claramente do texto que as bênçãos ali prometidas possuem um caráter eminentemente condicional, pois o próprio Deus coloca um "se" conectado com a obediência aos seus preceitos (que Deus chama de "juízos") para que o povo recebesse as bênçãos de caráter temporal mencionadas no texto (cf. 2Cr 6.14, 15).

> Sl 58.10, 11 – "Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança; banhará os pés no sangue do ímpio. Então, se dirá: *Na verdade, há recompensa para o justo*; há um Deus, com efeito, que julga na terra."

Este texto é completo para os nossos propósitos: 1) Ele diz que Deus é juiz justo, porque ele exerce justiça na terra; 2) A justiça de Deus se manifesta na punição do ímpio e na recompensa do justo. Um dos privilégios do justo é ver a derrota do ímpio sob a pesada mão de Deus, pois o texto menciona a derrota e a morte do ímpio. Quando a justiça se manifesta há alegria da parte do justo. Todavia, o ponto alto desse texto é que, na verdade, "há recompensa para o justo". Por que um ser humano recebe recompensa da parte de Deus? Porque ele é justo, isto é, porque ele anda em retidão. É que o Senhor resolveu recompensar aquele que lhe obedece e cumpre os seus preceitos. Esse é o justo.

> Mt 25.21 – "Disse-lhe o senhor: muito bem, servo bom e fiel; *foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei*; entra no gozo do teu senhor."

É óbvio que este verso é ensino de parábola e todos os seus detalhes não podem ser tomados como regra, mas uma parábola traz princípios que devem ser levados em conta em qualquer época. A parábola é a dos talentos e o princípio mais importante é que o servo recebe de acordo com o que faz. Se ele trabalha muito, ele conquista muito. Portanto, o servo é recompensado proporcional-

mente, de acordo com o produto do seu trabalho. Sendo fiel no cumprimento de sua tarefa, o servo recebeu a recompensa do seu senhor. Contudo, se o servo não trabalha, ele não recebe a remuneração ou recompensa (ver versos 24-27).

a.2. As Bênçãos da Justiça Remunerativa não São Meritórias

A criatura não tem mérito absoluto algum diante do Criador pelas coisas boas que faz. Jamais qualquer criatura pode alegar mérito pelo que faz, de forma que Deus venha se tornar devedor do ser humano. Há algumas ilustrações dessas bênçãos da justiça remunerativa mostrando a ausência de mérito de quem faz as boas obras:

> Lc 17.10 – "Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer."

Este verso nos ensina o princípio do demérito humano. Há algumas coisas que precisam ser analisadas: 1) somos servos e, como tais, somos sujeitos às ordens dos nossos senhores; 2) o dever de um servo é obedecer ao seu senhor; 3) a obediência não merece uma recompensa, porque ela é uma obrigação; 4) quando um servo faz tudo o que lhe é ordenado, ele é ainda servo inútil porque fez apenas o que devia.

O servo recebe a recompensa pelo seu trabalho. É o seu salário, mas tudo o que ele faz não é meritório porque é seu dever cumprir ordens. É nesse contexto que você deve entender esse verso. Não é um trabalho movido pelo amor espontâneo, mas por causa da ordenança.

> 1Co 4.7 – "Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?" (cf. Jó 41.11)

Neste verso, Paulo está tratando com pessoas que se jactavam do que eram e do que possuíam. Eram pessoas cheias de soberba porque se achavam melhores do que Paulo e Apolo, e eram cheias de si (vv. 6, 8). Certamente, os crentes de Corinto eram pessoas que possuíam dons, mas Paulo lhes ensina algumas verdades que todos nós precisamos aprender:

1) Nenhum deles tinha o direito da jactância, isto é, de querer se sobressair perante os outros e ficar se gabando do que possuía. Esses coríntios eram arrogantes, inchados, cheios de si. Tinham-se a si mesmos em alta conta quando se comparavam com os outros. Provavelmente cada um dizia de si para si mesmo: "Eu sou mais eu".

Essa é a primeira lição que devemos aprender: jamais devemos ser arrogantes em virtude do que temos ou somos.

2) Se possuíam algumas coisas, essas coisas não eram inerentes nem essenciais a eles. Eram posses derivadas. Haviam sido recebidas de alguém. Não pertenciam a eles por natureza. Paulo perguntou aos coríntios: "Por que vocês estão se portando arrogantemente? Tudo o que vocês possuem não vem de vocês mesmos. O grupo de vocês não é melhor do que o dos outros. Vocês não têm nada de que se jactar. Todos nós que temos alguma coisa, a temos porque a recebemos. Se não a tivéssemos recebido, não seríamos nada".

Esta é a segunda lição: Nunca devemos pensar que as coisas boas que temos procedem de nós mesmos. Tudo vem do Senhor.

3) Nunca eles deveriam portar-se como se não tivessem recebido o que possuíam, dando a entender aos outros que essas posses eram originalmente deles, produto da bondade e de capacidades inerentes a eles próprios. Os dons espirituais que eles possuíam e outros talentos e virtudes demonstrados entre eles, não deveriam ser contados como provindos deles próprios. A tudo que possuíam se aplica a declaração de Tiago: "toda dádiva e todo dom perfeito vem lá do alto, descendo do Pai das luzes" (Tg 1.17). Se Jesus Cristo, que era tudo e tinha tudo, resolveu não fazer uso do que tinha nem se jactar do que essencialmente era (Fp 2.6-8), por que nós queremos mostrar o que temos quando o que temos não é nosso, mas derivado de cima?

Esta é a terceira lição: Quando fazemos coisas boas e que agradam a Deus, quando temos coisas boas que fazem bem aos outros, devemos entender que tudo nos foi dado graciosamente por Deus; são capacitações vindas do alto para o nosso bem e para o proveito dos outros. Jamais devemos pensar que as temos em virtude de nosso próprio mérito.

a.3. As Bênçãos da Justiça Remunerativa São Produto do Pacto

As recompensas que Deus dá ao homem vêm como fruto da sua relação de pacto com o seu povo. Essa justiça remunerativa é, em última instância, expressão da bondade divina, e nunca deve ser considerada como *meritória* da parte do homem.

Veja o que a *Confissão de Fé de Westminster* diz sobre esse assunto:

> "Tão grande é a distância entre Deus e a criatura que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como ao seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma condescendência voluntária da parte de Deus, a qual foi ele servido significar por meio de um pacto". (VII, I)

Essa afirmação da CFW faz com que o exercício da justiça remunerativa seja pactual e gracioso. Essa justiça resulta de um pacto previamente feito. A

recompensa da obediência da criatura é, em conseqüência, resultado da promessa divina. Não existe obrigação do Criador de recompensar os que o servem, mas ele faz isto porque prometeu em pacto. E ele é sempre fiel às suas promessas. Podemos dizer, portanto, que a justiça remunerativa é a expressão do amor divino mostrado numa relação pactual com seu povo.

Exemplo: – Adão, ao ser criado santo, *não* poderia exigir de seu Criador, no momento de sua criação, uma recompensa por ser santo, alegando direitos sobre o Criador. Por quê? Porque foi Deus quem lhe deu poderes e capacidade para ser uma criatura santa.

Você e eu não podemos exigir de Deus qualquer recompensa por alguma obediência, porque as condições para lhe obedecermos nos foram dadas por ele próprio. Mas se a santidade de nossos atos fosse auto-originada e auto-sustentada, então, nosso mérito seria absoluto, e Deus deveria recompensar-nos pela obediência que tem origem em nós.

> 1Cr 29.14 – "Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? *Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos.*"

Davi teve uma compreensão extraordinária dessa verdade pactual. Ele entendeu que, quando damos a Deus alguma coisa, não temos de que nos jactar, porque tudo o que lhe damos é produto direto daquilo que ele nos dá. Davi dedicou todos os recursos arrecadados entre o povo ao Senhor, mas ele reconheceu que a voluntariedade deles era nascida na relação do amor de Deus para com eles. Por isso disse: "Senhor, nosso Deus, toda esta abundância, que preparamos para te edificar uma casa ao teu santo nome, vem da tua mão, e é toda tua" (v. 16).

Todavia, há um sentido em que Deus vê-se "compelido" a recompensar as suas criaturas. Ele próprio estabeleceu promessas e é fiel a elas. Nesse sentido, a criatura pode pedir que ele cumpra as suas promessas. Um homem obediente pode pleitear a promessa divina como base para a sua recompensa. Deus é honrado quando pleiteamos o cumprimento da sua promessa, ele é honrado quando a sua criatura confia na sua fidelidade (2Tm 2.13).

Nesse sentido pode-se dizer que Deus se torna devedor aos homens, isto é, através de suas promessas do pacto. Agostinho disse: "Deus tornou-se nosso devedor, não por receber alguma coisa, mas por prometer aquilo que lhe agradou. Porque foi por sua generosidade que ele dignou-se a fazer a si mesmo um devedor" (Sermão 16).

As Escrituras concordam com esse raciocínio em Romanos 6.23 – A recom-

pensa da obediência é chamada um "*dom*", enquanto a da desobediência é chamada "*salário*". O pecado é uma ação da vontade não-assistida pela Graça; mas a santidade é uma ação da vontade trazida por Deus. Tudo o que temos é chamado "herança" (At 20.32; Ef 1.11,14), mas herança não é um pagamento de débito ao homem, mas resultado de um relacionamento amoroso de pacto, em que Deus se coloca na posição de Pai e nós na de filhos. Todavia, uma herança pode ser chamada de uma recompensa por uma obediência filial, assim como a bênção do estado futuro pode ser considerada como uma recompensa pela obediência do cristão aqui nesta presente vida.

Quando Deus recompensa um crente por sua severa luta contra o pecado dentro de si, ele não recompensa a luta de Deus, mas a do homem. Embora a luta tenha sido começada, sustentada e feita bem-sucedida pelo Santo Espírito, todavia, ela foi, antes de tudo, um conflito humano com o pecado, não um conflito divino. Isto é recompensável e, quando Deus recompensa, ele não recompensa a si mesmo, mas à sua criatura.

Exemplo: – Paulo diz: "Eu vivo". Há uma qualidade humana e pessoal na virtude da obediência. Mas isto não pode ser exagerado como se Paulo, por si próprio, a pudesse ter, deixando Deus como seu devedor absoluto. Então, Paulo acrescenta: "Todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo" (ver Gl 2.20; 1Co 15.10). A recompensa pela obediência é *graciosa* quando ela é dirigida ao redimido.

Deus é justo quando remunera as suas criaturas, porque ele é fiel às suas promessas, não porque é devedor absoluto aos homens.

Quando a justiça distributiva é dirigida aos transgressores da lei, aos pecadores, ela é chamada

b. Justiça Retributiva

É aquela que se refere à aplicação das penalidades. É também chamada "justiça punitiva". Está vinculada diretamente à manifestação da *ira divina*. Ainda que não houvesse lugar para ela antes da queda, todavia, ela tem um lugar proeminente e necessário num mundo cheio de pecaminosidade (Rm 1.32; 2.8; Rm 12.19; 2Ts 1.6-9). Até os pagãos têm noção da justiça retributiva de Deus (At 28.4).

Por causa da natureza do próprio Deus, a justiça divina está original e necessariamente obrigada a castigar o mal, mas não a premiar o bem. Deus não precisou entrar num pacto para castigar o mal, como o fez para recompensar a santidade. O pagamento no caso da transgressão não é pactual, mas necessário, por causa da natureza divina.

A justiça retributiva é um atributo cujo exercício é necessário por causa da transgressão da lei moral. Deus não pode "baixar" uma lei, estabelecer uma penalidade, ameaçar penalizar e, todavia, não fazer nada no caso de desobediência. A *veracidade* e a *santidade* de Deus proíbem tal atitude (Êx 34.7; Hb 6.18). A própria natureza santa de Deus não permite que ele deixe o pecador sem punição.

3. A Ira de Deus

É comum vermos teólogos, ao tratar dos atributos divinos, classificando a justiça separadamente da ira. Ira, para alguns deles, é distinta de justiça. Não vejo razão para essa distinção, porque a ira é o aspecto da sua justiça que trata da retribuição aos ímpios.

Nunca a sua ira tem a ver com a justiça remunerativa, que recompensa os justos, nem ela vem sobre aqueles por quem Jesus Cristo morreu. A ira é uma manifestação da vingança divina contra os violadores da sua palavra e para quem não há a manifestação da sua misericórdia.

Porque Deus é santo ele não pode deixar de punir o pecado. Esta punição é vista na Bíblia como Deus derramando a sua *ira* contra os pecadores. Este é um assunto que não causa bem-estar a muitos crentes, por causa das suas falsas concepções sobre Deus.

É lamentável ver na igreja pessoas tentando desculpar Deus por ele mostrar a sua ira, como se isso fosse falha do seu caráter. Elas confundem a ira de Deus com os seus próprios sentimentos pecaminosos. Deus é santo legislador e tem toda a razão de mostrar o seu desprazer para com o pecado.

As Escrituras não escondem essa faceta de Deus. A realidade da ira de Deus é algo dominante nas Escrituras. O próprio Deus não se envergonha de proclamar a sua vingança e o furor que lhe pertencem (Dt 32.39-43; Êx 22.23, 24; Nm 11.1, 10, 32, 33; Rm 1.18). Se você consultar uma boa chave bíblica perceberá que há muito mais referência ao nojo de Deus, ao seu furor e à sua ira contra o pecado do que ao seu amor e misericórdia. Ele odeia todo o pecado porque é santo; e porque odeia, o seu furor se acende (Sl 7.11).

Muitos homens questionam o fato de Deus mostrar a sua ira, achando que isso é injustiça, ou que não combina com o seu caráter. Paulo, falando como homem, diz: "Porventura será Deus injusto por aplicar a sua ira?... Certo que não. Do contrário, como julgará Deus o mundo?" (Rm 3.5, 6).

Se Deus deixar de mostrar a sua ira, ele será injusto consigo mesmo (porque negará a sua própria santidade) e com os homens (porque não dará a eles o que

merecem). Se Deus deixar de mostrar a sua ira, ele mostrará falta de caráter moral, porque a indiferença com o pecado é uma falta moral. Como poderia Deus, que é a soma de todas as excelências, olhar com igual satisfação o bem e o mal, o certo e o errado, a sabedoria e a loucura? Como poderia ele, que é infinitamente santo, odiar o pecado e, todavia, recusar mostrar a sua ira? (Rm 9.22) – a própria natureza de Deus faz do inferno uma necessidade real, um requisito tão imperativo e eterno, como é o caso com a bem-aventurança eterna.

A ira de Deus é o seu eterno aborrecimento contra toda injustiça; é o desagrado e a indignação da retidão divina ante o mal; é a santidade de Deus posta em ação contra o pecado; é a causa motriz da sentença justa que Deus pronuncia contra os que obram o mal; é a manifestação do seu desagrado, porque o pecado é uma rebelião contra a sua autoridade, um ultraje cometido contra a sua soberania inviolável; não é uma vingança maligna, pecaminosa como a nossa, mas é a vindicação do seu domínio como Governador do universo.

A ira de Deus é uma das suas *perfeições*, não só pelo que já mencionamos. mas porque as Escrituras nos autorizam a dizer isso: "A ira de Deus se revela dos céus contra toda a impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça" (Rm 1.18). Ela se manifestou quando foi pronunciada a primeira sentença de morte, quando a terra foi maldita e o homem expulso do Paraíso. depois no dilúvio, na destruição de Sodoma e Gomorra, etc. Mas a plenitude da ira divina contra o pecado humano será manifestada na sua maior força quando da vinda do Filho do Homem. Então, Deus será o vingador dos crimes dos homens. Além disso, o castigo futuro e eterno dos ímpios está declarado nas Escrituras em termos terrivelmente explícitos. O próprio gentil Cordeiro de Deus manifestará a sua ira no final dos tempos (Ap 6.16, 17).

4. Características da Ira Divina

a. Sua Manifestação É Necessária

Alguns teólogos reformados sustentaram a idéia de que a justiça retributiva de Deus, ou seja, a manifestação de sua ira, é uma questão de sua vontade. Deus manifesta a sua justiça em ira porque ele decidiu fazer assim. A punição do pecado, à semelhança da manifestação da sua misericórdia, é uma matéria da vontade divina. Um famoso teólogo escocês, Samuel Rutherford,[198] escreveu: "Deus pune o pecado, não pela necessidade de sua natureza. Mais ainda, se ele

[198] Professor da St. Andrew's University, na Escócia, foi um dos delegados escoceses que participaram da Assembléia de Westminster (1643-1648).

resolvesse, ele poderia deixá-los todos sem punição".[199] Houve uma reação forte, dentro dos próprios círculos reformados, a essa posição de Rutherford. John Owen, o famoso puritano, posterior a ele, discordou veementemente da posição supracitada, dizendo: "De nossos próprios compatriotas, o único que eu sei que compartilha dessa idéia é Rutherford, um teólogo escocês, que direta e atrevidamente assevera 'a justiça punitiva como sendo um ato livre da vontade divina'. Ele não se satisfaz com a mera asserção, mas defende a falácia tanto contra Cameron como contra Voetius, os dois expoentes da batalha teológica; embora, em minha opinião, ele não o faça com a força de argumento nem com felicidade igual à de seus oponentes".[200]

John Owen está certo na sua crítica porque a manifestação da justiça divina não é uma expressão da sua vontade, mas necessidade de sua natureza. Deus manifesta o seu amor se ele quer, manifesta todas as formas da sua bondade se quer, mas a sua justiça tem que ser manifesta necessariamente, porque a sua santidade é manchada pelos homens e exige que a ira de Deus venha sobre os transgressores da sua lei. O profeta Habacuque afirma que "Deus é puro de olhos, que não pode ver o mal, nem contemplar a opressão" (Hb 1.13). Ele não pode ficar impassível diante da rebeldia dos homens. Quando Deus manifesta a sua ira, ele o faz com justeza. Ele não se ira sem que haja a provocação dos homens ímpios. Por essa razão, Abraão raciocina, dizendo a Deus: "Longe de ti o fazeres tal cousa, matares o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. *Não fará justiça o Juiz de toda a terra*?" (Gn 18.25). Deus não odeia o pecado porque ele deseja odiar o pecado, mas ele odeia o pecado porque a sua natureza santa o obriga a isso. A manifestação da justiça é necessária em Deus e, por essa razão, ele não pode deixar de punir o ímpio. Do contrário, ele iria de encontro à sua própria natureza santa. Se Deus não manifestar a sua justiça retributiva, ele se negará a si mesmo. Diferentemente, se Deus deixar de manifestar amor, ele não deixará de ser amor, porque a manifestação do amor, da paciência e da misericórdia, não é algo que Deus deve aos homens, nem algo a que eles têm direito diante daquele. Contudo, se Deus deixar de manifestar justiça, ele ficará em débito consigo mesmo, porque estará negando a sua própria santidade. Por que em nosso país há tanta impunidade diante da pecaminosidade patente? Uma resposta correta é porque muitos dos que deveriam aplicar a justiça também estão comprometidos com a corrupção. Deus não é assim. Ele é absolutamente santo e a sua santidade o leva a retribuir em ira a provocação

[199] Citado por James Walker, *The Theology and Theologians of Scotland: 1560-1750* (Edimburgo, 1982), 68.
[200] John Owen, *Works*, vol. X, 507.

dos ímpios. Portanto, Deus tem que, por necessidade, manifestar a sua justiça porque a sua natureza santa o exige.

b. Sua Manifestação É Plena de Eqüidade

É Deus justo na manifestação de sua ira para com todos os homens, sem exceção?

Sim, Deus é justo para com todos os homens, sem exceção. A sua justiça *retributiva* é manifestada, necessariamente, com todos os seres racionais que pecam! Quem é infrator da lei tem que ser punido. Mas a penalidade da lei pode ser aplicada *pessoal* ou *vicariamente*, isto é, sobre o próprio transgressor ou sobre o seu substituto.

A remissão da penalidade debaixo da administração divina não é absoluta, mas relativa. Ela pode ser outorgada a alguém, mas a penalidade deve ser posta sobre outro Alguém no seu lugar. É aqui que entra a idéia da expiação *vicária*, que é a maneira que Deus escolheu para manifestar a sua justiça retributiva.

O exercício da justiça é *necessário* com relação ao *pecado*, mas é *livre* e *soberano* com relação ao *pecador*. A justiça exige necessariamente que o pecado seja punido, mas não necessariamente na pessoa do pecador. A justiça pode permitir a substituição de uma pessoa por outra, contanto que na substituição não seja feita injustiça qualquer aos direitos das partes interessadas. Se não houvesse a possibilidade da substituição para sofrer a justiça retributiva de Deus, não poderia haver o exercício da misericórdia no universo de Deus.

A justiça exige a punição pelo pecado. Alguns têm os seus pecados pagos vicariamente; outros os pagam pessoalmente. Assim, Deus exerce a sua justiça para com todos. Todos têm que ter a penalidade de seus pecados paga. Todos têm que sofrer a penalidade de pecado, porque Deus é justo. A exigência da justiça retributiva é que o pecado tem que ser punido do modo como está anunciado na lei. O desprazer de Deus expresso na justiça retributiva não é apontado contra o ser humano, como pessoa. Deus não está desgostoso contra a natureza do homem, como homem, porque este foi derivado dele, mas está desgostoso com a natureza do homem no seu estado pecaminoso, situação essa que é causada pelo próprio homem. Deus odeia somente o pecado, não o homem em si. Deus deseja a destruição do pecado e não a miséria do homem. Todavia, a justiça de Deus tem que cair necessariamente sobre o homem, porque não é possível separar o pecado do homem, nem é possível castigar o pecado sem castigar o homem. Alguém tem que sofrer a penalidade do pecado na manifestação da ira de Deus. Deus não pode castigar ninguém que não seja um ser humano. Por essa razão o Verbo teve que encarnar-se para ser o substituto de pecadores.

Se Deus odiasse o pecador pessoalmente, e não o seu pecado, ele não poderia aceitar a substituição, porque ele quereria puni-lo. O Juiz Eterno não sente ódio pela alma e corpo humanos. Não há sentimento de vingança contra a pessoa humana, mesmo sendo ela a mais ímpia de todas. Deus não tem preconceito ou aversão por suas criaturas, mas tem pelo pecado delas. Por isso Deus aceita um substituto para sofrer a penalidade daqueles que o Pai entregou ao seu Filho Jesus Cristo.

Portanto, o substituto tem que ser igual, equivalente, possuindo a mesma essência humana. A justiça divina não abre mão disso. O substituto tem que possuir a natureza humana completa, com corpo e alma, para sofrer o castigo. O substituto tem que oferecer satisfação completa, não tendo dívida alguma com a lei, para poder livrar os substituídos da maldição da lei.

Porque Deus é justo, ele tem que punir o pecado, e porque ele é amor, providenciou um substituto para receber a punição no lugar de pecadores.

Este atributo divino deveria conduzir-nos à meditação: primeiro, para que nossos corações sejam divinamente inculcados a respeito do ódio que Deus tem ao pecado, e para que aprendamos a odiá-lo também; segundo, para gerar em nosso coração um temor a Deus (Hb 12.28,29); terceiro, para elevar nossa alma em fervente louvor por haver-nos livrado da ira vindoura (1Ts 1.10).

c. Sua Manifestação É Terrível

Os pecadores brincam com seus pecados como se nunca fosse acontecer nada com eles, mesmo em vista de todas as suas transgressões. Mas as Escrituras advertem os homens sobre a ira divina que certamente virá sobre eles, de uma forma terrível!

> Hb 10.30, 31 – "Ora, nós conhecemos aquele que disse: 'A mim me pertence a vingança; eu retribuirei'. E outra vez: 'O Senhor julgará o seu povo'. *Horrível cousa é cair nas mãos do Deus vivo*".

Veremos logo à frente, com provas incontestes, que Jesus Cristo é o vingador de Deus. Ele é o agente aplicador da justiça divina. De qualquer forma, o juízo divino é extremamente severo e ninguém escapa dele. O texto diz que o Senhor julga o seu povo. Esse "seu povo" não são os remidos por Cristo, como veremos adiante, mas os rebeldes de Israel, aos quais o texto se reporta, pois o autor de Hebreus está aplicando a situação do Antigo Testamento aos leitores do seu tempo. Ele está encorajando-os a abandonar os seus pecados deliberados (v. 26) a fim de que escapem da ira divina. A seguir, ele os recorda sobre como Deus agiu no passado trazendo vingança e retribuindo com ira aos pecadores.

Então, ele faz uma afirmação ameaçadora e, ao mesmo tempo, cheia de alerta: "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo"!

A expressão "*Deus vivo*" é para contrastar com as divindades pagãs mortas, que eram mudas, e para avivar na mente dos leitores que Deus é cheio de glória e de poder eterno. Assim como é doce, delicioso e confortável estar nos braços do Deus amoroso, opostamente, é desconfortável, amargo e horrível estar nas mãos de um Deus irado. É com essa sensação vívida em sua mente que Jonathan Edwards escreveu o seu mais famoso sermão: "O pecador nas mãos de um Deus irado". Ali ele descreve os horrores que passam aqueles que são objeto da ira divina. Só este verso já seria mais que suficiente para que os pecadores voltassem de seus pecados para Deus. Mas é uma pena que muitos deles nunca vão saber desta verdade. E mesmo que venham a sabê-lo, eles não crêem que Deus seja tão justo e nem que seja tão terrível cair em suas mãos!

> Ap 6.15-17 – "Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos, e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e *da ira do Cordeiro*, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?"

Estes versos ilustram a idéia horripilante da manifestação da ira divina. De sua ira não escapa ninguém: grandes e pequenos, ricos e pobres, escravos e livres. Todo mundo vai ficar apavorado quando o dia final chegar. Eles clamarão à natureza para escondê-los daquele que está assentado no trono (o Pai) e da *ira do Cordeiro*. Eles ficarão apavorados com a idéia de terem de enfrentar Jesus face a face, como o agente administrador da ira divina. Eles preferirão ser mortos e suplicarão a morte e a buscarão, mas não haverão de encontrá-la da forma em que procurarem. Nesse dia será prerrogativa do Cordeiro matá-los pessoalmente. O Cordeiro, manso e gentil por toda a história da igreja, será implacável nesse dia e ninguém poderá se esconder dele, porque o grande dia do Pai e do Filho terá chegado. Nesse dia, ninguém poderá enfrentá-los pessoalmente, de tão terrível que será esse encontro. Será apavorante para os ímpios, seja qual for a sua posição, ficar frente a frente com Jesus Cristo!

Ainda bem que, nesse dia, os cristãos não terão esse pavor, porque já foram julgados por Deus em Cristo, o seu redentor, mas os ímpios terão sorte diferente. Eles se depararão com a ira personalizada, Jesus Cristo, e serão lançados na condenação. Esse texto de Apocalipse ilustra claramente o texto anterior que fala do horror de cair nas mãos do Deus vivo!

d. Sua Manifestação É Gloriosa

A manifestação da ira divina, ao mesmo tempo que é algo terrível para os ímpios, é cheia de glória, porque ela é exaltação da justiça divina. Quando qualquer atributo de Deus é exaltado, o ser de Deus é glorificado. Deus se mostra glorioso cada vez que manifesta a sua justiça em ira, mas essa ira será ainda mais gloriosa no final, porque nesse dia todos haverão, para a glória de Deus, de reconhecer que Jesus Cristo é Senhor, dobrando-se humilhadamente diante dele (Fp 2.10, 11).

A ira não é um problema para Deus. Deus não pede desculpas por aplicar a sua ira. Nós é que ficamos com medo de Deus ter a sua honra manchada por falar da sua ira, como se fosse pecado tê-la. Mais do que ninguém, Deus tem todo o direito de manifestar sua ira porque ele tem a sua lei violada a todo momento. Deus não perde o controle das suas "faculdades mentais", nem perde a paciência. Deus se ira com justeza porque a sua santidade é provocada pela desobediência acintosa dos homens. O seu governo é desprezado quando os homens o afrontam. Então, Deus se sente glorificado na manifestação da sua ira. Ele é exaltado entre os homens remidos, que foram mortos pelo testemunho de Jesus, porque se torna o vingador deles, e é glorificado pelos ímpios porque eles vão se prostrar diante da Majestade, mesmo que a contragosto, para pedir clemência. Nesse dia, o seu poder será inconteste e todos os seres humanos e angelicais haverão de glorificar a ira de um Deus justo!

5. Diferença entre Ira e Ódio

Com relação ao Ser divino, ira e ódio são diferentes. Eles não são a mesma coisa que nos seres humanos. Nestes últimos, a ira é a manifestação positiva de um ódio que um ser humano tem pelo outro.

Em Deus a ira é a manifestação da sua justiça aos pecadores impenitentes. Ela está fundada num ato judicial de Deus onde o ser racional (seja homem ou anjo) é condenado por suas transgressões. A execução da justiça divina é a vinda da sua ira sobre eles. As razões da sua ira estão nos homens que são seus ofensores.

Enquanto a ira é uma manifestação positiva da justiça divina sobre os transgressores da sua lei, o ódio é um "sentimento" negativo, onde Deus deixa de mostrar qualquer amor pela pessoa, ou deixa de fazer alguma coisa para redimi-la. Simplesmente ele não se movimenta em relação a uma pessoa especificamente.

Enquanto a manifestação da ira é causada por uma atitude-estímulo, que é

uma ofensa provocada pelos seres humanos, o nascedouro do ódio está em Deus, sem que haja qualquer relação com a atitude da criatura perante ele.

Diferentemente da ira, o ódio de Deus para com os seres humanos não é por causa da sua impiedade ou pecado. Quando Deus manifestou ódio por Esaú, esse ódio não tinha nada a ver com o que ele iria fazer, porque Esaú e Jacó

> Rm 9.11-13 – "...ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já lhe fora dito a ela: o mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: *Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú*".

Analisemos estes versos muito cuidadosamente: Tanto a razão do amor de Deus a Jacó como a razão do ódio a Esaú estão escondidos em Deus. O texto não diz a razão pela qual Deus amou um e odiou o outro.

Certamente, a razão do ódio de Deus não está em Esaú pelo fato de ele ser pecador. Se assim fosse, ele haveria de odiar Jacó, porque este também era pecador (talvez tenha cometido atos pecaminosos piores que Esaú em sua vida) e, todavia, Deus o amou com amor de eleição. O ódio de Deus por Esaú, portanto, tem a sua razão escondida em sua soberania. Ele resolveu deixar Esaú nos seus pecados e não o salvou. É este o sentido de preterição.[201]

Certamente também, a razão do amor de Deus por Jacó não está no próprio Jacó. Este era pecador e o seu próprio nome significa "o suplantador" ou "enganador". Aliás, foi isso o que ele fez várias vezes em sua vida. Todavia, Deus o amou, a despeito do que ele viria ser em sua vida.

Paulo deixa muito claro que tanto a razão do amor por um como a do ódio por outro estão escondidas em Deus. Com certeza não está neles, porque quando Deus resolveu amar um e odiar outro, nenhum deles havia nascido "nem praticado o bem ou mal". O que prevalece é o amor de eleição e a preterição. Ambas as coisas são produtos da soberania divina.

Todavia, é preciso lembrar que aqueles que Deus resolveu não salvar continuam nos seus pecados e nunca haverão de abandoná-los ou de crer em Deus. Por causa disso, eles receberão no final a manifestação da ira divina, que é um ato judicial, onde Deus pune os seres humanos por causa dos seus pecados. No ódio Deus simplesmente deixa o pecador nos seus pecados (é a preterição – um ato soberano de Deus); na ira, Deus vinga os pecados dele (isto é condenação,

[201] Preterição tem a ver com o ato de Deus no qual ele deixa os pecadores nos seus próprios pecados e resolve não lhes dar a graça regeneradora que ele concede somente àqueles a quem ama. Sobre este assunto falaremos posteriormente, quando tratarmos da matéria da predestinação, no próximo trabalho.

um ato judicial, que não tem a ver com a soberania mas com a justiça de Deus). Esta é a diferença básica entre ódio e ira.

6. Relação entre Ira e Misericórdia

Em geral, os teólogos reformados concordam que todos os atributos são essenciais em Deus. Todavia, a natureza de Deus não exige que todos sejam manifestos necessariamente. Os reformados viram a manifestação da ira divina como necessária em virtude do que estudamos acima, mas não pensam a mesma coisa com respeito à misericórdia. Esta é expressa segundo a sua vontade.

Deus tem a necessidade de manifestar a sua justiça em ira, mas não é necessário que a sua justiça seja manifesta na pessoa do pecador. Uma outra pessoa (que no caso é Jesus Cristo) pode assumir as responsabilidades legais de outros e, assim, pagar pelos pecados deles. Por essa razão, o escritor sacro clama: "Na tua ira, lembra-te da misericórdia" (Hc 3.2). Deus só pode ter misericórdia daqueles que têm os seus pecados pagos por outrem. Aqueles de quem Jesus Cristo não levou a penalidade recebem a manifestação da ira divina que tem, por necessidade, de ser mostrada.

Se entendemos misericórdia como a não-aplicação da penalidade e a ira como a aplicação da sua justiça, os dois atributos divinos, ira e misericórdia, não podem ser aplicados na mesma pessoa. São atributos de Deus que se excluem, quando se trata da sua aplicação no mesmo indivíduo. Quando Deus mostra misericórdia ele não pune, nem quando pune mostra misericórdia. Por esta razão o escritor sacro diz que "o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo" (Tg 2.13).

7. Relação entre Ira e Amor

Uma das acusações mais comuns feitas pelos adversários da fé reformada é a de que Deus é injusto quando manifesta a sua ira. Eles se esquecem de que a justiça divina é essencial nele e que a sua manifestação é necessária pela própria natureza de Deus. Deus é um Deus de amor, mas ele não está debaixo da obrigação de mostrar amor a quem quer que seja, mas "está debaixo da obrigação" de mostrar a sua justiça.

Por isso, as Escrituras dizem que Deus é um Deus de vingança, um Deus de retribuição. Ele não permite que ninguém se vingue de seu próximo, mas reserva para si o direito de ser o administrador da retribuição a qualquer que viole a sua santa lei. Ele diz: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança: eu é que retribuirei, diz

o Senhor" (Rm 12.19). Ira e amor não são atributos excludentes em Deus. A manifestação da sua justiça em ira é necessária e justa por causa da sua santidade e por causa da sua prerrogativa de julgar o mundo, que é violador de suas leis.

Pelo fato de Deus ser misericordioso ou amoroso, jamais podemos dizer que a sua ira possui uma manifestação injusta. Paulo combate a idéia da injustiça de Deus na aplicação da sua ira. Veja o seu raciocínio: "Porventura será Deus injusto por aplicar a sua ira? (Falo como homem.) Certo que não. Do contrário, como julgará Deus o mundo?" (Rm 3.5b-6). A ira é expressão da justiça divina por causa da maldade dos homens. Se a justiça não for feita, Deus não se amará a si mesmo e negará a si mesmo.

8. O Tempo da Ira Divina

A justiça divina sempre é feita, embora nem sempre como nós queremos que ela seja manifestada. Deus é muito paciente para o gosto de alguns crentes que querem a manifestação imediata da ira divina, principalmente num tempo quando campeia a maldade e a impunidade em nosso país. Como a justiça é um atributo essencial de Deus, nunca ele deixa de manifestá-la. Todavia, os seus juízos podem ser manifestos como parciais e finais. Vejamos cada um separadamente:

a. Sua Ira Parcial

O Antigo Testamento é cheio de exemplos em que Deus mostra a sua ira com aqueles que violam os seus mandamentos, mas sem uma demonstração final de sua ira. Apenas ele traz os castigos temporais aos impenitentes.

O tempo da aplicação dessa ira é no tempo presente. Veja o que Paulo fala: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens..." (Rm 1.18). Observe-se que o verbo usado por Paulo está no presente, "e implica uma revelação *constante*, agindo durante todo o tempo".[202]

a.1. Exemplo de Acã

Por causa da desobediência de uma ordem expressa de Deus, de que não deviam os israelitas tomar o despojo dos seus inimigos (Js 7.1, 11), Acã foi punido severamente por Deus, o que envolveu toda a sua família e os seus bens (Js 7.24, 25). Ele tomou daquilo que o Senhor condenara (v. 13). Este exemplo de Acã é uma demonstração do cumprimento daquilo que o mandamento de Deus diz: "que visito a iniqüidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem" (Êx 20.5).

[202] J. I. Packer, *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 1980), 140.

Esta verdade sobre a ira de Deus vinda aos homens por estes terem desobedecido às suas ordens deveria alertar-nos para que não cometêssemos os mesmos pecados.

a.2. Exemplo de Datã, Abirão e Coré

Este evento está registrado em Números 16.1-49 – Esses três lideraram cerca de 250 homens importantes do povo (v. 2) numa revolta contra Moisés e Arão (v. 3). Eles não queriam a supremacia de Moisés e Arão sobre o povo (v. 3). Moisés, então, desafiou os rebeldes dizendo que o Senhor mostraria ao povo quem é que era santo (v. 5). E a rebelião deles continuou, pois eles não obedeceram às prescrições de Deus (vv. 9-19). Então o Senhor ordenou a Moisés e Arão que se separassem das tendas dos rebeldes (v. 26), porque haveria de castigá-los. A seguir, Moisés preanuncia o castigo de Deus sobre eles (vv. 27-30) e o que Moisés diz realmente acontece. A terra se abre e traga todos os rebeldes juntamente com os seus bens (vv. 31-33). No final, o castigo pelos pecados desses homens acabou caindo sobre milhares de pessoas, que morreram (v. 49). A ira de Deus se manifestou de maneira pesada por causa da insolência dos homens que não aceitaram o governo de Deus através de Moisés. Esse foi um juízo parcial que, em última instância, preparou os rebeldes para o juízo final.

a.3. Exemplo dos Dias de Ló

A destruição da cidade de Sodoma foi por causa do pecado que nela havia. A homossexualidade campeava no meio daquele povo, e ali viviam alguns que pertenciam a Deus, como era o caso de Ló, a quem Abraão não queria que Deus matasse. Foi nesse contexto que Abraão pleiteou com Deus, dizendo: "Longe de ti fazeres tal cousa, matares o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. Não fará justiça o Juiz de toda terra?" (Gn 18.25). Deus livrou a Ló do seu juízo, mas não teve compaixão da cidade. Fez com que toda a cidade perecesse na sua pecaminosidade (Gn 19.19, 23-29).

Quanta pecaminosidade nos mesmos moldes existe em nossa sociedade contemporânea! Você já pensou se Deus fosse exercer a sua justiça parcial, quantos haveriam de perecer? Deus tem se mostrado paciente para com os homens, todavia os adverte através do seu Filho: "Lembrai-vos da mulher de Ló" (Lc 17.32).

a.4. Exemplo do Tempo de Noé

Este tempo foi de grande pecaminosidade da raça humana. O escritor sacro registra que "viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado, e que era continuamente mau todo o desígnio do seu coração" (Gn 6.5). Então,

como um Deus de justiça, anuncia o seu juízo sobre o mundo ímpio, dizendo a Noé: "Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra" (Gn 6.13). Então, Deus abre as comportas dos céus e faz chover muito sobre a terra e a inunda completamente, matando todo ser vivente (v. 17).

Este exemplo de juízo parcial de Deus é típico do seu juízo final sobre a humanidade ímpia, pois Jesus diz: "Assim como foi nos dias de Noé, assim será no dia do Filho do Homem..." (Mt 24.37).

Convém observar que, praticamente, todos os que foram objeto dessa ira temporal de Deus haverão de receber a manifestação de sua ira final. A primeira ira se manifesta na história do mundo e é ilustrativa da segunda, que tem a sua manifestação no dia final.

b. Sua Ira Final

A manifestação final da ira de Deus está reservada para o último dia, que é o dia da vingança de nosso Deus. A sua justiça será vista de maneira plena na vida de todos os seres pecaminosos, tanto anjos como homens.

Já no período do Antigo Testamento havia a consciência de que o juízo de Deus seria num dia determinado. O profeta Sofonias disse: "Está perto o grande dia do Senhor; está perto e muito se apressa. Atenção! O dia do Senhor é amargo e nele clama até o homem poderoso. Aquele dia é *dia de indignação*, dia de angústia, e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas...Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no *dia da indignação* do Senhor, mas pelo fogo do seu zelo a terra será consumida, porque certamente fará destruição total e repentina de todos os moradores da terra" (Sf 1.14, 15, 18). Então o profeta continua, numa séria advertência ao povo: "Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura lograreis esconder-vos *no dia da ira* do Senhor" (Sf 2.3).

Certamente o profeta se refere ao dia do juízo, quando todos comparecerão perante o Senhor para receber a retribuição pelos seus pecados. Está claro nestes versos que o profeta está falando da ira final de Deus, não parcial, pois o texto se refere à destruição dos elementos da terra, juntamente com todos os homens. O único juízo parcial de proporções universais foi o do tempo de Noé, que é típico deste mencionado pelo profeta Sofonias, no dia final.

O Novo Testamento também aponta para um dia final em que Deus haverá de manifestar o seu juízo com ira. Dirigindo-se aos ímpios de Atenas, após anunciar-lhes sobre o "Deus desconhecido", criador e redentor, Paulo lhes diz:

"Agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam; porquanto *estabeleceu um dia em que há de julgar* o mundo com justiça..." (At 17.30, 31). Falando da ira daquele que está assentado no trono e do Cordeiro, pedindo a ajuda dos montes e dos rochedos, os ímpios disseram: "Caí sobre nós, e escondei-nos... porque chegou *o grande dia da ira* deles; e quem é que pode suster-se?" (Ap 6.16, 17).

Não há como os homens possam escapar da manifestação da justiça divina no dia final. Ela é inescapável: todos os homens réprobos recebem a manifestação da ira de Deus. Essa ira não é presente nem acontece em nossa história, mas ela está destinada a manifestar-se no dia final, quando esta história terminar. Por essa razão, ela é chamada de "*ira vindoura*" (1Ts 1.10; Rm 5.9).

9. A Procedência da Ira É Celestial

É curioso que, várias vezes, é dito nas Escrituras que a ira de Deus se manifesta do céu. Isso é indicativo de que a ira vem de Deus, não de outro lugar ou pessoa qualquer. O céu não é simplesmente o lugar para onde vão os remidos, até que o Senhor volte, mas é dali que o justo juiz governa soberanamente toda a terra. Por esta razão, Paulo fala: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade pela injustiça" (Rm 1.18). Toda manifestação da ira é celestial. Céu aqui é símbolo de poder de juízo. Quando os céus se manifestam, "ai" dos homens!

Quando Deus exerceu justiça sobre os contemporâneos de Noé, ele fez descer chuvas (veio de cima); quando exerceu justiça com Sodoma, ele fez a mesma coisa, só que com fogo; quando ele exercer justiça final sobre o mundo pecador, também do céu descerá fogo para consumir todos os homens.

Estes exemplos revelam que o juízo de Deus é imediato, isto é, o juízo vem direto dele; que ele não usa outras pessoas, ou causas secundárias, para exercer juízo, mas ele próprio se manifesta em ira. Nos exemplos supracitados, não houve meios que Deus tenha usado. Ele exerceu juízo imediato.

10. Jesus e a Ira de Deus

Jesus possui três papéis com relação à ira de Deus. Um tem a ver consigo mesmo, outro tem a ver com os filhos de Deus e outro, ainda, com os ímpios. É curioso que Jesus Cristo, ao mesmo tempo, exerça os três papéis: com respeito ao primeiro, ele é o recebedor da ira divina; com respeito ao segundo, ele é o salvador da ira; com respeito ao terceiro, ele é o aplicador da ira divina. Analisemos cada um desses aspectos:

a. Com Respeito a Si Mesmo Ele É o Recebedor da Ira

Algumas coisas devem ficar claras na mente dos cristãos: que Deus, por necessidade da sua própria natureza santa, precisa fazer com que a sua ira caia sobre o pecador ou sobre alguém que tome o seu lugar; que Jesus Cristo foi o representante daqueles que o Pai lhe havia entregue, tomando o lugar deles; que ele foi o "fiador" de superior aliança (Hb 7.22) e, como tal, teve que arcar com todas as responsabilidades legais daqueles a quem representou. Ele pagou a conta deles, de forma que o "escrito de dívida que havia contra eles foi cancelado" (Cl 2.14). Como isso aconteceu? Ele assumiu voluntariamente a função de redentor e teve que pagar a penalidade de todos os pecadores por quem morreu. A conta dos pecadores foi paga porque Deus fez cair a sua ira sobre o seu Filho encarnado. O "castigo que nos traz a paz" (e que caiu sobre ele, fazendo com que, por suas pisaduras fôssemos sarados [Is 53.5]) – foi a manifestação da ira divina do Legislador no servo que substituiu os pecadores, por quem morreu.

Quando Jesus Cristo estava na cruz, a ira de Deus veio em sua plenitude sobre ele, fazendo-o clamar, "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" A fim de livrar pecadores da sua ira, Cristo teve que sofrer a ira de Deus.

b. Com Respeito aos Crentes Jesus É Salvador da Ira

Como já foi dito acima, Deus é justo para com todas as pessoas, sem exceção. Ninguém escapa da sua ira. Uns a recebem pessoalmente e outros a recebem representativamente, isto é, na pessoa de um substituto, que é Cristo. Todos os homens são merecedores da ira porque são transgressores, mas aqueles que estão em Cristo são livres pessoalmente da ira divina. Este ensino é ministrado por Paulo em dois textos muito claros:

> Rm 5.9 – Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, *seremos por ele salvos da ira.*"

O contexto imediato diz que Jesus Cristo é a prova do amor de Deus para conosco, pelo fato de ele ter morrido por nós. A conseqüência dessa morte é que todos aqueles por quem ele morreu são justificados. É o sangue que justifica. Essa justificação pelo sangue garante a libertação da ira. Nunca mais os beneficiários da morte de Cristo enfrentarão a ira divina, porque esta já foi enfrentada por Cristo.

> 1Ts 1.10 – "E para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, *Jesus, que nos livra da ira vindoura*".

Paulo é mais específico neste texto ainda. Ele se refere à manifestação final

da ira divina, que ele chama de "ira vindoura". Jesus é quem nos liberta dessa ira. Nunca mais Deus nos tratará segundo os nossos pecados (Sl 103.10), porque ele já tratou dos nossos pecados com o nosso substituto.

c. Com Respeito aos Ímpios Jesus É o Aplicador da Ira

É muito comum vermos Jesus Cristo sendo pregado simplesmente como o salvador dos filhos de Deus, mas poucas vezes ouvimos dele como sendo o agente vingador de Deus. A Bíblia diz que Jesus não é somente o salvador da ira divina, mas é também o agente executor dela. Assim como a obra da redenção é efetuada por Cristo, assim o juízo dos homens também o é. É verdade que Deus é o juiz supremo, mas ele usa o Verbo encarnado para ser o executor de sua ira, porque ele foi o recebedor da ira divina quando morreu em lugar do seu povo. Assim como ele mereceu os pecadores por quem morreu, ele também adquiriu o direito de ser o agente executor do juízo divino.

> At 17.31 – "Porquanto [Deus] estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, *por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.*"

O varão referido nesse verso é inequivocamente Jesus Cristo. Deus honrou a Cristo Jesus dando-lhe a posição de Juiz sobre todos os homens (Jo 5.22, 23), em virtude do seu trabalho perfeito como redentor dos seus filhos.

> Jo 5.27 – "*E [o Pai] lhe deu* autoridade *para* julgar, porque é o Filho do homem."

Assim como Jesus tem vida em si mesmo (v. 26), ele recebeu um outro privilégio, o de ser o aplicador da ira divina. O trabalho de julgar os homens na manifestação da ira divina será de Jesus Cristo. Deus deu-lhe essa atribuição. Ele a ganhou como mérito.

É importante observar que, para exercer juízo em ira, é necessário possuir "poder" ou "autoridade". Jesus possui esse poder, que é uma prerrogativa da realeza. Porque ele é rei é que pronuncia juízo e aplica a ira. A palavra grega para "autoridade" neste verso é a mesma que ele usou quando estava para subir ao céu: Toda "autoridade (ἐξουσία – *exousia*) me é dada no céu e na terra" (Mt 28.18). Portanto, porque ele é rei, possui autoridade para manifestar a ira de Deus em juízo sobre os homens. É ainda importante observar que o texto analisado está num contexto do dia final, quando Jesus haverá de levantar pela sua voz, com poder criador, todos os mortos dos seus túmulos e, assim, efetuar juízo sobre todos.

> Ap 6.10 – "Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e

> verdadeiro, *não* julgas, *nem* vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?"

Neste capítulo 6, Jesus é o abridor dos selos que mostram os juízos de Deus sendo derramados sobre a terra. Então, quando ele abriu o quinto selo, os mártires clamaram com insistência pela ação poderosa de Jesus Cristo. Aqui ele é chamado de "Soberano Senhor". A palavra grega usada aqui para descrever a soberania absoluta de Jesus é δεσπότης – *despotes* (de onde vem a palavra portuguesa "déspota"), a mesma atribuída a Deus-Pai. Essa palavra indica o "poder absoluto", ímpar, que Cristo possui. É justamente porque ele é "Soberano Senhor" que pode julgar e vingar os seus irmãos que haviam sofrido sobre a terra a perseguição dos ímpios. Ele é o aplicador da ira divina, pois os versos 16 e 17 desse capítulo indicam essa verdade claramente.

É curioso que Jesus Cristo será salvador e executor da ira divina no mesmo dia. Para uns, a vinda de Jesus Cristo será de extremo conforto e para outros de extremo terror. Ao mesmo tempo em que abraçará o seu povo com amor, demonstrará a sua ira para com os ímpios que sempre o odiaram. Do mesmo céu vem salvação e condenação.

11. APLICAÇÃO

Há algumas coisas que as pessoas precisam saber sobre a ira divina:

a. TODOS OS HOMENS PRECISAM SE ARREPENDER DE SEUS PECADOS E CONFIAR EM CRISTO, A FIM DE QUE ESCAPEM DA MANIFESTAÇÃO DA IRA DIVINA

Não há outra maneira de escapar da manifestação da ira vindoura. Todos aqueles que tiveram a penalidade de seus pecados paga por Jesus Cristo estão livres da ira vindoura. A base da nossa libertação da ira está, portanto, na obra de Jesus Cristo, que deu-se a si mesmo pelos nossos pecados, pois Paulo diz que "muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira" (Rm 5.9). Todavia, o meio pelo qual nos livramos da ira é a fé em Jesus Cristo. As pessoas só podem desfrutar dessa libertação quando se arrependem de seus pecados, olhando para Jesus, "o autor e consumador da fé" (Hb 12.2).

b. A DOUTRINA DA IRA DE DEUS DEVERIA MOTIVAR OS CRISTÃOS A TESTIFICAR DE JESUS CRISTO E CHAMAR OS PECADORES AO ARREPENDIMENTO

Paulo teve também essa motivação quando disse aos seus ouvintes gre-

gos: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça..." (At 17.30, 31).

Pedro também teve a mesma motivação de Paulo, quando dirigiu-se aos circunstantes, em Jerusalém, dizendo: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para serem cancelados os vossos pecados, e da presença do Senhor venham tempos de refrigério" (At 3.19, 20).

O senso da perdição de nossos compatriotas deveria nos encorajar a pregar-lhes de forma que, crendo, escapem do juízo divino. À semelhança de Paulo e Pedro, você poderia fazer o mesmo com aqueles que vivem ao seu lado. Fale da sua necessidade de se arrependerem dos seus pecados, e encoraje-os a conhecer o evangelho de Cristo e a abraçá-lo.

A propósito, como os apóstolos fizeram, à medida que você evangeliza, procure apresentar um evangelho que não seja palatável ao gosto do tempo presente. Apresente uma mensagem que inclua o desagrado de Deus contra o pecador e a sua disposição de puni-lo. Todavia, apresente-lhe a única esperança que é Cristo, mas faça-o de uma maneira que as pessoas percebam que você tem experiência dessa redenção e que, por causa de Cristo, você escapou da ira vindoura.

c. A Doutrina da Ira Divina É um Incentivo para Você Viver uma Vida de Retidão

O desejo do cristão deve ser o de agradar a Deus (2Co 5.9), e isso só acontece quando o cristão vive em santidade. Paulo era extremamente zeloso de uma vida santa, de forma que disse aos Efésios: "Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça, nem sequer se nomeie entre vós, como convém aos santos" (Ef 5.3). Então, raciocinando sobre outros pecados que menciona posteriormente, Paulo conclui: "porque por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência" (Ef 5.6). Portanto, é necessário que você viva em retidão, para que não receba a manifestação do desagrado de Deus.

d. A Doutrina da Ira Divina Deveria Fazer Você Viver Desconfortavelmente com o Pecado

Quando você conhecer o que as Escrituras dizem sobre a santidade de Deus e a sua ira, você vai começar a sentir-se incomodado em viver libertinamente. A ira divina é uma lembrança da santidade de Deus e uma expressão de seu desagrado com o pecado. Certamente estas coisas haverão de desencorajar você a praticar os seus pecados prediletos e a encorajá-lo a viver santamente. Esta não

deve ser a motivação maior para a sua santidade, mas certamente será um encorajamento ao abandono dos pecados.

e. Leve a Sério a Doutrina da Ira Divina

Não negligencie essa matéria. Proclame-a em alto e bom som. Ela traz glória a Deus. A razão disso é que vivemos num tempo em que a doutrina de um Deus justo que se manifesta em ira está esquecida dos púlpitos e das escolas bíblicas. Mesmo nas escolas teológicas e nos institutos bíblicos não há ênfase sobre esse atributo tão essencial em Deus. O tempo presente parece privar Deus desse seu atributo, e é muito lamentável que isso aconteça. Procure, caro leitor, conhecer um pouco mais esse aspecto da natureza divina e regozije-se no fato de Deus ser singular na manifestação da justiça para, no final, pôr um fim em todo sistema de maldade que existe em nosso mundo, cheio de miséria, dor e pecado.

Se você levar a sério esta doutrina, vai contribuir para que mais pessoas conheçam a Deus bem melhor. Elas precisam saber em quem crêem e você pode contribuir para isto!

C. Atributos da Soberania de Deus

A soberania de Deus é vista nas Escrituras em tons profundamente enfáticos. Deus é apresentado como aquele que faz a sua vontade, e esta é a causa última de todas as coisas que há no mundo. Não somente tem decisões, mas ele faz vir à existência todas as coisas no mundo, assim como preserva e governa tudo aquilo que criou. Tudo existe por causa da sua vontade, e tudo vem a existir pelo seu poder. Tudo vem dele e depende dele.

Esta crença na vontade e no poder soberanos de Deus tem sido muito enfraquecida ou distorcida no cristianismo de nossos dias. Em uma de suas cartas a Erasmo de Roterdã, Lutero disse: "Vosso conceito de Deus é demasiado humano".[203] Esta mesma denúncia deve ser feita a respeito de muitos líderes e pregadores cristãos hoje. Na atualidade sustentam-se os conceitos mais desonrosos a respeito da autoridade de Deus e sobre o seu domínio no universo. O Deus das Escrituras tem sido um desconhecido de boa parte dos cristãos da atualidade.

Deus disse ao ímpio que violava os seus princípios: "Tens feito estas coisas e Eu me calei; *pensavas que eu era teu igual...*" (Sl 50.21, 22). Os homens têm imaginado um Deus parecido com eles próprios, destituído do verdadeiro poder e vontade soberanos. Eles se esquecem de que tanto ao Pai quanto ao Filho se dá nas Escrituras o designativo "déspota" (δέσποτα),[204] que significa "Senhor absoluto, ou aquele que tem poder absoluto". Esse Deus crido por muitos é a projeção humanizada de nossa própria condição. O Deus mantido por muitos cristãos não corresponde ao ensinado nas Escrituras. O Deus que é pregado em muitos púlpitos e ensinado nas escolas dominicais, e lido em grande parte dos livros evangélicos, não passa de uma adaptação da divindade das Escrituras, uma ficção do sentimentalismo humano. Esse Deus, cuja vontade pode ser resistida, cujos desígnios podem ser frustrados e cujos propósitos podem ser derrotados, não é digno de nossa verdadeira adoração. De fato, esse não é o Deus das Escrituras.

A soberania universal e absoluta de Deus pode ser vista em muitos lugares das Escrituras: 1Cr 29.10-12; 2Cr 20.6; Sl 22.28; 47.2, 3, 7, 8, 9; 50.10-12; 72.8-11; 93; 95.3-5; 103.19; 145.11-13. Ninguém pode impedir o que Deus resolve fazer: Jó 23.13; 42.2; Sl 115.3; Pv 21.30.

Deus tem a supremacia em tudo porque é soberano sobre os homens e sobre toda a criação. A soberania de Deus é o exercício da sua supremacia. Ela indica que Deus está no trono exercendo seu governo absoluto sobre o universo, de fato e de verdade.

---

[203] Citado por A.W. Pink em *Los Atributos de Dios*, 33.

[204] Ver At 4.24 no original.

ÍNDICE

CAPÍTULO 21 – A VONTADE SOBERANA DE DEUS

A. Os Vários Sentidos da Expressão "Vontade de Deus" 367
B. Características da Vontade de Deus 368
1. A Vontade de Deus É Essencial Nele 368
2. A Vontade de Deus É Eterna 368
3. A Vontade de Deus É Poderosa 368
4. A Vontade de Deus É Imutável 369
5. A Vontade de Deus É Eficaz 370
6. A Vontade de Deus É Nascida Somente Nele 370
7. A Vontade de Deus É Livre e Soberana 371
C. Distinções Aplicadas à Vontade de Deus 372
1. Vontade Decretiva e Vontade Preceptiva 372
a. Base Teológica 372
a.1. Vontade Decretiva 372
a.2. Vontade Preceptiva 373
b. Base Bíblica 373
b.1. Vontade Preceptiva de Deus 373
b.2. Vontade Decretiva de Deus 377
2. Vontade de Prazer e Vontade de Propósito 383
a. Base Teológica 383
b. Base Bíblica 383
3. Vontade Secreta e Vontade Revelada 386
a. Base Bíblica 386
a.1. Vontade Secreta 387
a.2. Vontade Revelada 387
b. Base Teológica 387
b.1. Vontade Revelada 387
b.2. Vontade Secreta 388
c. Resumo das Três Distinções da Vontade de Deus 390
4. Aplicação 390
a. Procure Conhecer a Vontade do Senhor 390
b. Esforce-se por Descobrir a Vontade de Deus 391
b.1. "É *Legítimo* O que Eu Quero Fazer?" 391
b.2. "Traz *Edificação* para Mim O que Quero Fazer?" 392
b.3. "Será de Grande *Ajuda para os Outros* O que Quero Fazer?" 392
b.4. "Há o Perigo de me *Tornar Escravo* do que Quero Fazer?" 392
b.5. "Traz *Glória para Deus* O que Quero Fazer?" 393
c. Pratique a Vontade do Senhor 393
d. Espere pela Manifestação Final da Vontade do Senhor 394
e. Aplique Algumas Regras para Compreender a Vontade do Senhor 395
e.1. A Sua Vida Tem que Estar em Íntima Harmonia com a Palavra de Deus 395
e.2. A Sua Vida Tem que Estar Cheia do Espírito de Cristo 395
e.3. A Sua Vida Tem que Estar Envolvida Sinceramente no Reino de Deus 396
f. Evite Alguns Erros Freqüentemente Cometidos Nesta Matéria 396
f.1. Evite Ter a *Má Vontade de Pensar* 396
f.2. Evite Possuir a Má Vontade de *Pensar Adiante* 396
f.3. Evite Ter a Má Vontade para *Aceitar Conselhos* 397
f.4. Evite Ter a Má Vontade de *Suspeitar de Si Mesmo* 397
f.5. Evite Ter a Má Vontade para *Descontar o Magnetismo Pessoal* 397
f.6. Evite a Má Vontade *para Esperar* 398

Capítulo 21

A VONTADE SOBERANA DE DEUS

Como um ser pessoal e moral que é, Deus possui uma vontade. A sua inteligência exige que haja uma faculdade que o leve à ação, que é a vontade. Assim como sua inteligência e conhecimento são infinitos, também é a sua vontade. Esta é uma das suas perfeições infinitas e pertence à sua natureza essencial. A sua vontade tem a ver com a sua natureza moral e com a sua soberania. Porque ele é santo, prescreve as suas leis para que sejam cumpridas. Essa é uma das expressões da sua vontade; porque ele é soberano, faz o que lhe apraz na vida dos seres humanos e no universo. Este é um outro aspecto da sua vontade. Todavia, a expressão "vontade de Deus" é muito mais complexa do que estas duas expressões podem sugerir.

A. OS VÁRIOS SENTIDOS DA EXPRESSÃO "VONTADE DE DEUS"

A expressão "vontade de Deus" aparece muitas vezes nas Escrituras, mas nem sempre ela tem exatamente o mesmo significado. A sua vontade não é expressa da mesma maneira, nem com a mesma energia do seu ser.

A palavra "vontade", mesmo em nossa língua, com relação a Deus, tem várias conotações nas Escrituras. Ela pode denotar:

a) A completa natureza moral de Deus incluindo seus atributos como: amor, santidade, justiça, etc. Neste caso a palavra vontade indica a constituição divina.

b) A faculdade de determinação própria, isto é, a capacidade de determinar-se para uma ação, ou para formar um plano.

c) O produto desta atividade, isto é, o plano ou o propósito predeterminado.

d) A regra de vida traçada para as suas criaturas racionais.

e) Expressão do prazer ou do deleite de Deus.

O que vamos estudar estará relacionado com os itens *b*, *d* e *e*.

B. CARACTERÍSTICAS DA VONTADE DEUS

1. A VONTADE DE DEUS É ESSENCIAL NELE

A vontade de Deus nunca pode ser separada dele. Deus não existe sem a sua vontade pelo fato de ele ser um ser pessoal inteligente e sábio. Todos os cristãos sabem que Deus tem uma existência triúna; isto é, ele subsiste em três pessoas, mas não possui três vontades diferentes, porque a vontade é característica da essência ou natureza divina, não de sua subsistência pessoal. É verdade que todas as pessoas possuem uma vontade, mas as pessoas do ser divino não possuem vontades diferentes, porque a vontade é a expressão da natureza, que é a mesma, nas três pessoas. Assim como a mente de Deus é uma (seja a do Pai, do Filho ou do Espírito), assim também é a sua vontade. Mente e vontade são próprias da natureza divina e numericamente são *uma* e a *mesma* nas três pessoas do Ser divino.

Diferentemente, Jesus Cristo, o Verbo encarnado, possui duas vontades, cada uma segundo a sua natureza. Ele possui uma vontade humana e outra divina. Portanto, porque ele tem duas naturezas, e a vontade é própria da natureza, ele também tem duas vontades. Ora podemos perceber nele uma vontade, ora outra. Mas como a natureza do ser divino (que é triúno) é uma só, ele possui somente uma vontade. O que é a vontade do Filho (segundo a sua natureza divina) é a vontade do Pai e a do Espírito.

2. A VONTADE DE DEUS É ETERNA

Se Deus é um ser eterno, tudo o que se relaciona aos seus atributos também é eterno. A vontade de Deus está relacionada ao seu conhecimento. Tudo o que Deus prescreve para que o homem faça foi formulado na sua mente eterna; tudo o que Deus faz na história foi determinado na eternidade. Sua vontade apenas é executada na história do mundo, mas tudo o que há no mundo, que é produto de sua vontade, foi arquitetado antes de o tempo existir, "porque ele faz todas estas cousas conhecidas desde séculos" (At 15.18). A sua presciência, isto é, o conhecimento antecipado que ele possui de todas as coisas, tem sua origem na sua vontade decretiva, que é determinada antes de haver mundo, porque os seus decretos são eternos. Se o seu conhecimento é eterno, certamente é porque a sua vontade é eterna.

3. A VONTADE DE DEUS É PODEROSA

A vontade de Deus não pode ser resistida. Ela sempre é vencedora por causa

do seu poder. Há uma ilustração bem clara sobre este assunto, que está registrada em Atos 16.6-10. Paulo e Timóteo estavam querendo cumprir a vontade preceptiva de Deus de pregar o evangelho a toda criatura, como era a ordem de Jesus Cristo. Então, eles resolveram ir para a Ásia. No entanto, o texto nos informa que eles foram "impedidos pelo Espírito de pregar a palavra na Ásia" (v. 6). Tentaram, então, ir para um outro lugar. O verso 7 nos informa que eles "tentavam ir para Bitínia", mas outra vez o "Espírito de Jesus não o permitiu" (v. 7). Deus impediu que eles executassem os seus próprios planos porque é o seu plano divino que está em primeiro lugar. Deus queria que eles fossem para a Macedônia, e assim o fizeram, "concluindo que Deus os havia chamado para lhes anunciar o evangelho" (v. 10).

A vontade soberana de Deus é poderosa e nenhum ser humano pode contrariá-la, nem no caso de querer fazer o que é certo, como aconteceu com Paulo e Timóteo nos versos acima. Somente foi feito aquilo que era a vontade do Senhor. Esta, por ser soberana, prevalece sobre a vontade dos homens.

4. A Vontade de Deus É Imutável

A imutabilidade da vontade divina está fundada na imutabilidade do seu ser. Nada da vontade de Deus é mudado: nem os seus decretos nem as suas prescrições para os homens, nem a sua vontade secreta nem a revelada. Porque Deus não muda, tudo o que é essencial nele não muda também. Portanto, se a vontade é essencial nele, a sua vontade não pode mudar.

Devemos crer que a vontade decretiva de Deus é imutável porque está escrito na Palavra: "Por isso Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa *a imutabilidade do seu propósito*, se interpôs com juramento" (Hb 6.17). Deus não volta atrás nunca na sua vontade decretiva, pois ela é o fundamento de toda a história humana que vem sendo realizada e já possui o seu clímax previsto e anunciado pelas Escrituras. Nada do que Deus decidiu fazer vai mudar. Ninguém pode fazer Deus voltar atrás ou impedi-lo de concretizar os seus propósitos.

Devemos crer que a vontade preceptiva de Deus também é imutável porque os seus preceitos permanecem para sempre. O salmista diz que "para sempre, ó Senhor, está firmada a tua palavra no céu" (Sl 119.89). Isto significa que ela é perene e que não se altera nunca, pois o céu, nessa conotação, tem a idéia de ser eterno. Portanto, não é sem razão que Jesus disse: "Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar". Este texto significa que o cosmos e o nosso planeta, na forma em que existem, deixarão de existir, mas não os preceitos de Deus. Pedro, então, pensando na imutabilidade das palavras de Deus,

diz: "Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, *permanece eternamente*" (1Pe 1.24, 25). Essa é a imutabilidade dos preceitos de Deus, porque "essa é a palavra que vos foi evangelizada" (1Pe 1.25b). Estes preceitos de Deus não são variáveis de acordo com o tempo ou a cultura de um povo. As leis de Deus permanecem para sempre as mesmas. Elas não envelhecem com o tempo nem perdem a sua aplicabilidade em qualquer época. O que é verdade para os homens numa época o é em qualquer outra.

Se Deus mudasse a sua vontade, seja a decretiva ou a preceptiva, ele a mudaria para melhor ou para pior. Essa conotação de melhora ou piora é impossível no ser divino, porque revelaria imperfeição e falta de sabedoria nele.

5. A VONTADE DE DEUS É EFICAZ

Esta característica se aplica somente à vontade decretiva, de propósito ou secreta de Deus. Nunca essa vontade é ineficaz. Ele sempre realiza a sua vontade, direta ou indiretamente. Algumas expressões da sua vontade decretiva são realizadas de maneira imediata, isto é, sem o uso de meios. A criação do universo e a criação da vida espiritual (a regeneração) nos seres caídos são dois exemplos. Ninguém pode ir contra uma ação imediata de Deus, pois essa vontade criadora e recriadora são atos poderosos de Deus que independem dos seres humanos, ainda que estes sejam beneficiários delas. A primeira obra tornou possível a vida natural dos seres humanos; a segunda tornou possível a vida divina neles.

> Is 14.24, 27 – "Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e, como determinei, assim se efetuará... Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará? A sua mão está estendida; quem, pois, a fará voltar atrás?"

A vontade decretiva de Deus, como os versos acima demonstram, não pode ser contrariada por ninguém. Deus sempre realiza os seus propósitos de forma que sempre faz como lhe agrada. O seu conselho sempre permanece de pé e sua vontade sempre prevalece. Do contrário, Deus não poderia ser chamado de Todo-Poderoso. Porque Deus é onipotente, sua vontade é sempre eficaz. Se uma outra vontade pudesse se opor à dele, essa outra vontade seria superior à primeira e, nesse caso, Deus ficaria impedido por essa vontade, o que contrariaria fortemente a noção de um Deus forte.

6. A VONTADE DE DEUS É NASCIDA SOMENTE NELE

A vontade de Deus, seja decretiva ou preceptiva, é originada somente nele.

Nada fora de Deus origina essa vontade. Se houvesse algo maior do que ele ou anterior a ele, então se poderia pensar em algo mais excelente do que ele. Mas Deus é independente e sua vontade também. Nada do que ele deseja, planeja e decide fazer tem os seus motivos fora dele. Nada do que Deus planeja e decide fazer no mundo tem a sua razão no mundo ou nos homens. Deus faz a sua vontade no mundo, que é uma *opera ad extra*, sempre com motivos nascidos dentro do seu próprio ser. Se Deus planejou criar o mundo foi decisão eminentemente sua. Ninguém lhe sugeriu essa obra. Se Deus decidiu salvar pecadores foi com motivo nascido na sua bondade. Nada do que Deus fez pelo homem teve a sua razão no homem. A vontade de Deus é independente, sendo, portanto, nascida somente nele. Toda a causa de sua vontade está no seu ser, nunca fora dele. É por isso que a sua vontade é soberana.

Mesmo as prescrições para os homens, que são a sua vontade preceptiva, tem nascedouro na sua mente santa e amorosa. Não há qualquer sugestão de que os seus preceitos sejam baseados em qualquer mente humana ou angélica. Porque ele é santo, seus preceitos são santos; porque ele é bondoso, os seus preceitos são justos e bons, cheios de amor e misericórdia. Toda a sua vontade, seja ela qual for, é nascida dele e nele.

7. A Vontade de Deus É Livre e Soberana

Tudo o que existe fora do ser divino é produto de sua vontade. Deus não resolveu ser o que é. Todavia, todas as obras de Deus, e o seu relacionamento com elas, é produto da sua vontade. Todas as coisas existem por causa da vontade de Deus. Os seres celestiais, que são criaturas de Deus, cantam a seguinte canção, numa atitude de adoração:

> Ap 4.11 – "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, *porque todas as cousas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas.*"

Tudo o que existe fora do ser de Deus tem a sua existência na vontade de Deus. Deus não resolveu ser o que é, mas tudo o que ele fez é produto da sua vontade livre e soberana.

A vontade livre e soberana de Deus também se manifesta nas obras da sua providência. Nela estão os eventos grandes e os pequenos.

Com respeito aos grandes atos dos homens, podemos perceber na vida de Nabucodonosor, o poderoso e orgulhoso rei da Babilônia, que foi humilhado em sua dignidade, como homem e como monarca, passando a se alimentar como uma fera do campo e vivendo como elas (Dn 4.31-34), por causa da vontade

soberana de Deus que agiu sobre a sua arrogância, após ele ter exercido o seu poder maligno sobre Judá. Observe o que Nabucodonosor disse a respeito dos homens orgulhosos, depois de ele ter sido humilhado pela poderosa mão de Deus:

> Dn 4.35 – "Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, *segundo a sua vontade*, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?"

Os maiores homens do mundo são considerados como pó diante da vontade soberana de Deus que age de uma maneira providencial, para cumprir os seus propósitos no mundo.

Com respeito aos eventos pequenos, percebemos que até mesmo a morte de um pardal (Mt 10.29) ou a contagem dos fios de cabelo (Mt 10.30) não escapam da ação providente da vontade livre e soberana de Deus.

C. DISTINÇÕES APLICADAS À VONTADE DE DEUS

Só existe uma vontade em Deus, mas a fim de que compreendamos melhor a matéria, que é complexa, costumamos distinguir este assunto sob várias óticas, usando, tanto quanto possível, os termos empregados pelas próprias Escrituras:

1. VONTADE DECRETIVA E VONTADE PRECEPTIVA

a. BASE TEOLÓGICA

Embora estas expressões não estejam literalmente colocadas nas Escrituras, é perfeitamente fácil a sua dedução.

a.1. Vontade Decretiva

A expressão "vontade decretiva" é aquela por meio da qual Deus ordena ou decreta tudo aquilo que decide que tem de acontecer, seja por meio da sua agência direta, ou através da agência irrestrita das suas criaturas racionais. Esta vontade só pode também ser chamada de *secreta*, quando não sabemos nada a seu respeito. Há inúmeras referências nas Escrituras que indicam um decreto de Deus que ele já deu a conhecer aos homens. Nesse caso, a vontade não é mais secreta, embora continue sendo expressão do seu decreto.

À vontade decretiva pertencem todas as coisas que Deus decide efetuar imediatamente (sem o uso de meios) ou mediatamente, isto é, através de seus instrumentos secundários, que são as suas criaturas racionais, e *essas coisas acontecem com absoluta certeza. Nessa vontade Deus não permite ser resistido.* Para executar essa sua vontade ele não consulta a opinião dos homens. Os homens

não têm participação nessas suas decisões. Com ela nós devemos nos alegrar, porque essa vontade de Deus "é perfeita, boa e agradável"(Rm 12.2) e por ela devemos dar graças (1Ts 5.18).

a.2. Vontade Preceptiva

A expressão "vontade preceptiva" (que diz respeito aos preceitos) é a regra de vida que Deus tem apontado para suas criaturas morais trilharem, indicando os deveres que elas têm que cumprir, ou que ele impõe sobre elas. Essa vontade está *revelada* na lei e no evangelho. É a norma de conduta estabelecida por Deus para todas as suas criaturas morais, sejam elas crentes ou não. Nesta vontade Deus prescreve o que nós devemos fazer. Contudo, é necessário entender que nem tudo o que está revelado diz respeito aos preceitos de Deus para conosco, mas também refere-se a decretos que ele revela, de antemão, sobre fatos que já aconteceram ou que ainda irão acontecer.

b. Base Bíblica

b.1. Vontade Preceptiva de Deus

Ela está explícita em inúmeros textos das Escrituras. Abaixo estão alguns exemplos, com pequenos comentários:

Sl 40.8 – "...agrada-me fazer a tua *vontade*, ó Deus meu; dentro do meu coração *está a tua lei.*"

Observe que este verso é colocado nos lábios de Cristo em Hebreus 10.5-7. Cristo tinha por meta fazer o que estava prescrito para ele como regra de vida. Esta vontade sempre está relacionada com a obediência à lei. O Senhor tinha prazer em fazer essa vontade.

2Cr 27.6 – "Assim, Jotão se foi tornando mais poderoso, porque dirigia os seus caminhos segundo a *vontade do Senhor*, seu Deus."

Jotão era rei de Judá, porque reinava em Jerusalém, no sul. Como um ungido de Deus, ele possuía conhecimento da vontade de Deus, que havia aprendido pela leitura das Escrituras (Pentateuco). Assim, a sua vida pessoal era norteada pelos preceitos do Senhor seu Deus, o que o tornava ainda mais poderoso e cheio de autoridade. O conhecimento dos preceitos de Deus e a obediência a eles lhe davam autoridade diante do povo.

Sl 143.8, 10 – "Faze-me ouvir pela manhã da tua graça, pois em ti confio; *mostra-me o caminho por onde devo andar*, porque a ti elevo a minha alma... *Ensina-*

me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus; guie-me o teu bom Espírito por terreno plano."

Há duas coisas a serem analisadas nesses versos: 1) O salmista pede orientação a Deus para seguir o caminho correto. A vontade de Deus é algo que se aspira, pois o salmista disse: "mostra-me o caminho...". Ele queria trilhar os caminhos corretos, e a única luz que o salmista tinha eram as Escrituras, pois ele diz: "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz, para os meus caminhos" (Sl 119.105). Deus nos mostra o caminho somente através das Escrituras. Esta é a vontade revelada que devemos seguir. 2) O salmista mostra o seu desejo de aprender a fazer a vontade de Deus. Ele disse: "Ensina-me a fazer a tua vontade". Para que aprendamos a fazê-la, é necessário primeiro que a conheçamos. E os preceitos do Senhor estão revelados na sua Palavra.

Mt 7.21 – "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas *aquele que faz a vontade de meu Pai* que está nos céus."

Jesus está tratando de combater a religião formal, que consiste apenas de rituais, e está condenando atitudes hipócritas. O que ele está querendo ensinar nesse verso é que só entra no reino de Deus aquele que "faz a vontade de meu Pai", isto é, aquele que segue os preceitos de Deus numa vida de retidão. Não basta apenas aparentar religiosidade, mas, sim, obedecer à vontade do Senhor que está registrada nas Escrituras. A mesma idéia está expressa no texto de Mateus 12.50 – "Porque qualquer que *fizer a vontade de meu Pai* celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe." É um dever seu e meu cumprir a regra de vida para nós, para que sejamos considerados membros da família de Jesus.

Lc 12.47, 48 – "Aquele servo, porém, *que conheceu a vontade do seu Senhor* e não se aprontou, nem fez segundo a sua *vontade*, será punido com muitos açoites."

Muitos há no meio do povo de Deus que recebem o conhecimento da vontade do Senhor, embora não a obedeçam, nem fazem conforme o que lhes está prescrito. Note que essa vontade de Deus pode ser conhecida através das Escrituras. Não há outro meio. Além disso, aqueles servos que não observam a regra de conduta prescrita recebem a devida disciplina de Deus. Daí, a grande importância de se obedecer à Palavra revelada de Deus.

Jo 7.16, 17 – "Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e, sim, daquele que me enviou. Se alguém quiser *fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina*, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo."

Observe que a vontade preceptiva de Deus está ligada ao ensino da Palavra de Deus. Por essa razão Jesus disse para provarem se a doutrina dele era de

Deus. Para que eles pudessem verificar, era necessário que conhecessem as Escrituras. Fazer a vontade de Deus, aqui, é o mesmo que conhecer a sua doutrina e obedecê-la.

Jo 9.31 – "Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e *pratica a sua vontade*, a este atende."

Contrariamente aos pedidos dos pecadores, as orações dos filhos de Deus, que são os tementes a Deus, são respondidas de um modo afirmativo pela simples razão de estes fazerem a vontade de Deus. Essa vontade está explicitada nas Escrituras. A sua prática é a obediência a elas. E a única obediência que devemos a Deus é a obediência aos seus preceitos como nossa norma de comportamento.

At 13.22 – "E, tendo tirado a este (Saul), levantou-lhes o rei Davi, do que também, dando testemunho, disse: Achei Davi, filho de Jessé, *homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade.*"

A despeito dos seus pecados, Davi foi reconhecido como um homem que obedeceu a vontade de Deus como expressão da regra de vida que ele impôs sobre os homens. Um homem segundo o coração de Deus é um homem obediente. Nenhum homem obedece aos decretos de Deus, pois estes o Senhor realiza, mas cabe ao homem obedecer os seus preceitos, que neste verso são o mesmo que "fazer a minha vontade".

Rm 2.17, 18 – "Se, porém, tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na *lei*, e te glorias em Deus; *que conheces a sua vontade* e aprovas as cousas excelentes, sendo instruído na *lei*..."

Os judeus possuíam uma grande responsabilidade perante Deus, pois eles haviam recebido os oráculos de Deus. Perceba que o texto fala na vontade de Deus e a iguala à sua lei. Eles eram instruídos na lei, conhecendo a vontade de Deus. Essa vontade de Deus é a preceptiva, pois mostra como os homens deveriam segui-la para o bem de suas vidas. Contudo, mesmo aprovando as coisas excelentes, muitos dos judeus não foram obedientes à vontade de Deus em sua vida. Eles quebraram muitos preceitos, como é próprio dos homens de todas as gerações.

Ef 6.6, 7 – "...não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como *servos* de Cristo, fazendo de coração *a vontade de Deus; servindo* de boa vontade, como ao Senhor, e não como a homens."

Observe que o termo "servos" aqui implica que essas pessoas estão sob auto-

ridade e possuem conhecimento de uma ordem expressa. A única maneira de se entender essa ordem é através de leis objetivas que lhes são dadas. Como fariam a vontade do Senhor se não a conhecessem? Essas leis são conhecidas porque estão prescritas na Santa Escritura. E os servos devem fazer essa vontade de Deus, mas de maneira sincera, de coração, como se fosse diretamente para o Senhor.

1Ts 4.3 – "Pois esta é *a vontade de Deus*: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição..."

Deus requer dos seus filhos uma vida de acordo com o seu padrão moral estabelecido na sua Palavra. A santidade do cristão é fundamental para que ele seja agradável diante de Deus. Isto é o que Deus tem prescrito para a vida de todos os seus filhos, como norma de vida. A santificação inclui a obediência aos preceitos de Deus.

1Ts 5.18 – "Em tudo dai graças, *pois esta é a vontade de Deus* em Cristo Jesus para convosco."

Observe que a oração de ação de graças é uma das regras de sua vontade preceptiva que Deus estabeleceu para o seu povo. A ação de graças é um preceito para a nossa vida diária.

1Pe 2.15 – "Porque assim *é a vontade de Deus*, que, *pela prática do bem*, façais emudecer a ignorância dos insensatos."

A prática do bem é preceito para a sua vida. Ela é estimulada do começo ao fim das Escrituras. Tudo o que Deus prescreve para os seus filhos é a prática do bem. Quando o cristão obedece os preceitos de Deus, ele faz calar o adversário, que não tem nada de indignidade que dizer contra ele. Quando o cristão cumpre os preceitos de Deus é dito que ele faz a vontade de Deus.

1Pe 4.1, 2 – "Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado, para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, *mas segundo a vontade de Deus*."

Note que a vontade de Deus, como norma de vida, é a vida de santidade, que é o oposto a "paixões dos homens".

1Jo 2.17 – "Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que *faz a vontade de Deus*, permanece eternamente."

Esta vontade preceptiva ou revelada está ao alcance de todos, pois "não está

longe de cada um de nós" (Dt 30.9, 10; Rm 10.8), e nela estão prescritos todos os deveres do homem e representa para ele o caminho no qual este pode gozar as bênçãos de Deus.

Observação: Esta vontade preceptiva nem sempre é feita. Nem tudo o que Deus requer de nós como norma de vida é obedecido.

Você conhece a vontade de Deus? Sim, se você lê o que está escrito na Palavra de Deus. Você faz exatamente todas as coisas que Deus quer de você? Não. Esta vontade, portanto, pode e, freqüentemente, é resistida.

b.2. Vontade Decretiva de Deus

Há uma gama enorme de textos que falam da vontade decretiva de Deus, em distinção à sua vontade preceptiva. Essa vontade decretiva infalivelmente acontece e Deus pode operar imediata ou mediatamente, ou seja, ele opera diretamente ou usa meios ou causas secundárias para a consecução da sua vontade.

Vejamos alguns exemplos nas Escrituras:

> 2Cr 22.7 – "Foi da *vontade de Deus* que Acazias, *para sua ruína*, fosse visitar a Jorão, porque vindo ele, saiu com Jorão para encontrar-se com Jeú, filho de Ninsi, a quem o Senhor tinha ungido para desarraigar a casa de Acabe."

Acazias era um mau rei porque andou nos caminhos da casa de Acabe e "porque sua mãe [Atalia] era quem o aconselhava a proceder impiamente" (v. 3). A morte de Acazias por Jeú foi parte das duras decisões de Deus contra a casa de Acabe. Tudo o que veio a acontecer a Acazias (vv. 8, 9) era produto dos desígnios estabelecidos por Deus, de forma que os seus propósitos foram cumpridos na vida de Acazias, como expressão de sua vontade decretiva (ler 2Cr 22.1-9).

> Sl 103.20, 21 – "Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedeceis à *palavra*. Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que fazeis *a sua vontade*."

Os anjos não estão debaixo da vontade preceptiva de Deus como estão os seres humanos. Eles obedecem à palavra de Deus, mas essa palavra não é a Escritura, porque esta é só para os homens. Essa palavra é a determinação divina para a vida dos homens. Os anjos são ministros de Deus para executar os seus decretos na vida do mundo e dos homens. O escritor aos Hebreus fala que os anjos "são todos espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14). É exatamente para esse serviço que eles recebem a "palavra". Eles cumprem os decretos de Deus na vida dos homens. É

nesse sentido que eles fazem a vontade de Deus, e Deus faz a sua vontade de maneira mediata, isto é, através dos seus ministros.

Is 46.9-11 – "Lembrai-vos das cousas passadas da antigüidade: que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antigüidade as cousas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, *farei toda a minha vontade*; que chamo a ave de rapina desde o Oriente, e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; *tomei este propósito, também o executarei*."

A força inamovível do seu decreto está no fato de ele ser o único Deus! O "seu conselho permanecerá de pé", isto é, não é mudado, porque ninguém é capaz de fazer nada contra ele. Ele controla todos os seres vivos, homens ou animais, para que os seus propósitos sejam atingidos. Ninguém pode resistir a uma decisão decretiva de Deus. É por isso que ele diz: "tomei este propósito, também o executarei". Ele decide fazer e faz, e ninguém contraria a sua vontade. Ele faz toda a sua vontade.

Is 53.10 – "Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e *a vontade do Senhor prosperará* nas suas mãos."

A obra de redenção através de Jesus Cristo, na cruz, foi expressão da vontade decretiva de Deus. A morte de Cristo foi uma obra do desígnio eterno de Deus (At 2.23) e não produto do acaso. Ela foi predeterminada. A vontade decretiva de Deus foi feita na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por isso é dito que a obra de redenção de Cristo fez esta vontade de Deus prosperar.

Dn 4.35 – "Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e segundo a *sua vontade*, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; *não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?*"

Neste verso vemos Deus trabalhando mediatamente. O exército dos céus (que aqui provavelmente se refere aos anjos) é o instrumento através do qual Deus executa a sua vontade decretiva. Todavia, nenhum ser humano, seja pequeno ou grande, pode impedir o que Deus decide e se põe a fazer. O exercício desta vontade independe da vontade dos homens. Estes nada podem fazer contra a vontade decretiva de Deus, nem tampouco questioná-la.

Mt 6.10 – "venha o teu reino, faça-se a *tua vontade*, assim na terra como no céu."

Como Deus é Rei nos céus, assim ele é Rei na terra. O Reino de Deus tem sempre o seu cumprimento lá em cima ou cá na terra. O que Jesus nos está

ensinando nessa oração é pedir para que Deus cumpra os seus propósitos de santidade e de justiça, propósitos esses que já são realizados nos céus.

Mt 26.42 – "Tornando-se a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, *faça-se a tua vontade*."

Era um decreto de Deus que Jesus passasse por aquilo que ele passou ali no Getsêmani. Em sofrimento e grande agonia Jesus se conforma à poderosa vontade de seu Pai. Como homem que era, o Redentor tinha o desejo de escapar da dor (porque isso é constitucional num ser humano), mas ele sabia que havia uma vontade divina sobre a vontade humana. Como Deus que era, o Redentor entendeu que a vontade de Deus era inevitável para que houvesse a redenção do pecador. Essa vontade decretiva teria que ser inquestionavelmente cumprida, porque estava escrito que ele seria o servo sofredor, a quem Deus iria pisar com ira (Is 53).

Jo 4.34 – "Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em *fazer a vontade daquele* que me enviou, e *realizar a sua obra*."

Perceba que a vontade de Deus que Jesus fazia não tem nada a ver com a vontade preceptiva, embora esta ele a fizesse também. Neste verso, Jesus está tratando da realização do plano redentor de Deus para os homens. A vontade decretiva de Deus era a redenção de pecadores, e essa obra foi executada na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Tudo o que aconteceu a Jesus foi o que ele fez como cumprimento dos planos redentores de Deus.

Jo 6.39, 40 – "E a *vontade* daquele que me enviou é esta: *que nenhum eu perca de todos os que me deu*... De fato, a *vontade de meu Pai* é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia."

A salvação do seu povo não é apenas um desejo de Deus que poderia ou não ser realizado. Antes, foi uma decisão divina firme, resoluta, de que Cristo, em cumprimento à vontade de seu Pai, não perdesse nenhum só, mas que os conduzisse à eterna glória. O decreto foi cumprido: todos aqueles que foram entregues a Cristo pelo Pai foram salvos, estão sendo salvos, ou serão salvos.

At 21.11, 13, 14 – "e, vindo ter conosco (Ágabo), tomando o cinto de Paulo, ligando com ele seus próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém farão ao dono deste cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios... Então ele respondeu: Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus. Como, porém, não o persuadimos, conformados, dissemos: *Faça-se a vontade do Senhor*."

Os cristãos de Cesaréia tiveram notícia pelo profeta Ágabo que Paulo iria ser tirado deles, ser preso e sofrer por causa de Jesus Cristo. Paulo os conforta dizendo de sua prontidão até para morrer. Então, percebendo a firmeza de Paulo, e que ele não seria demovido de seu intento de pregar em Jerusalém, disseram de si para si mesmos: "Que seja feita a vontade do Senhor". Esta é a resignação daqueles que entendem que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus. A vontade decretiva do Senhor é sempre feita e há a necessidade de nossa conformação a ela. É assim que procedem todos quantos o amam e que são chamados segundo o seu propósito.

Rm 1.9, 10 – "...faço menção de vós em todas as minhas orações, suplicando que, nalgum tempo, *pela vontade de Deus*, se me ofereça boa ocasião de visitar-vos."

Paulo era um obreiro atencioso para com as suas igrejas. Orava por elas constantemente. Por certo, ele recebia cartas pedindo que fosse visitá-las. Paulo gostava de estar com elas, mas entendia que ele não possuía controle sobre o destino de sua vida. Orava a Deus motivado pelo desejo de visitar suas igrejas, mas compreendia que só iria pela "vontade de Deus". Ele já havia tentado fazer esse tipo de viagem por sua própria conta, e havia sido impedido por Deus duas vezes (ver At 16.6, 7). Ninguém pode dizer com certeza que irá a tal e tal lugar, a menos que isso seja a expressão do desígnio divino (ver o ensino de Tiago 4.13-16 que combina exatamente com o de Paulo).

Rm 8.27 – "E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque *segundo a vontade de Deus* é que ele intercede pelos santos."

Por que não podemos entender esta "vontade" como preceptiva? Porque o Espírito não está debaixo dos preceitos de Deus. Estes só são para os homens. O Espírito sempre executa uma determinação divina. Quando ele intercede pelos santos é porque isto é uma decisão divina que tem que ser feita. Certamente, quando essa vontade decisória de Deus é realizada por ele próprio, os crentes são altamente beneficiados.

Rm 9.19 – "Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele (Deus) ainda? Pois quem jamais *resistiu à sua vontade*?"

Quando o assunto da vontade soberana de Deus entra em cena, os homens sempre se recusam a tratar dele, porque rechaçam o *modus operandi* de Deus. Eles sempre encontram injustiça em Deus. Por isso perguntam: "De que se queixa ele ainda?" como se dissessem: "O que Deus quer mais, se ele já exerce a sua misericórdia segundo a sua vontade. Por acaso, alguém pode ir contra o que ele faz? Alguém já resistiu a sua vontade?" – Esse não é um reconhecimento since-

ro da soberania divina, mas uma crítica azeda que reflete a sua capitulação diante da vontade soberana de Deus. Novamente a impotência humana para lutar contra um desígnio de Deus! Não é sem razão que, no verso seguinte, Paulo retruca aos objetores de Deus: "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?"

1Co 1.1 – "Paulo chamado pela *vontade de Deus*, para ser apóstolo de Jesus Cristo..."

O apostolado não era apenas um desejo de Deus para Paulo, mas uma convocação ou uma vocação irrevogável. Paulo não poderia (e certamente nem queria) lutar contra o chamado divino, pois ele é eficaz. Paulo entende a sua vocação apostolar em termos de uma vontade contra a qual ele não podia lutar. Era a vontade decretiva de Deus, que o havia separado antes dele nascer e que o havia chamado por sua graça, revelando o seu Filho nele (Gl 1.15, 16). É curioso que essa expressão de Paulo é repetida em quase todas as suas cartas. O Paulo que nunca teve qualquer intenção de seguir a Cristo, depois de transformado, reconhece: "Paulo, chamado para ser apóstolo, *por vontade de Deus*".

Gl 1.4 – "(Jesus Cristo), o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, *segundo a vontade de nosso Deus e Pai.*"

É verdade que Jesus Cristo veio voluntariamente a este mundo para resgatar os perdidos que o Pai lhe havia entregue, mas a obra de "desarraigamento do mundo perverso "não era simplesmente um desejo do Pai, mas um decreto ou uma determinação dele. Paulo possuía plena consciência de que Cristo veio fazer o que fez para cumprir o decreto libertador de Deus.

Ef 1.1, 5, 11 – "Paulo, apóstolo de Jesus Cristo por *vontade de Deus*, aos santos que vivem em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus... e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, ...segundo o *beneplácito da sua vontade*... nele (Cristo), no qual fomos também feitos herança, predestinados *segundo o propósito daquele que faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade.*"

Novamente atribui o seu apostolado à vontade soberana de Deus (v. 1). Depois, nos versos seguintes ele trata a vontade soberana de Deus como causadora da predestinação de alguns para a salvação. Então, conclui, no verso 11, que todas as coisas são feitas segundo o conselho soberano de Deus, que faz tudo como lhe apraz. Ele não consulta ninguém no exercício da sua vontade soberana, com relação à salvação dos homens ou outra coisa qualquer. Sua vontade é absoluta e indiscutível.

Fp 2.13 – "Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, *segundo a sua boa vontade.*"

Quando você fizer algum ato santo, justo e bom, nunca se jacte como se ele tivesse nascido no seu coração independentemente da ação de uma outra pessoa. Se você é capaz dessas ações, glorifique a Deus, porque é ele quem decide colocar em nós as intenções das coisas santas e a capacidade para realizá-las, conforme a sua determinação, que é chamada de "sua boa vontade".

1Pe 3.17 – "Porque, *se for da vontade de Deus*, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal."

As experiências doloridas que acontecem em nossa vida não vêm simples e unicamente por causa dos nossos pecados. Algumas delas têm origem na vontade decretiva de Deus. É parte da economia divina fazer com que muitos dos seus filhos sofram. Há quem afirme com grande ênfase que é graça esse tipo de sofrimento (Fp 1.29). Nesse caso, é necessário que os cristãos entendam que eles têm de se portar resignadamente diante da manifestação de uma vontade superior, que é a vontade de Deus. Por essa razão, o apóstolo Pedro recomenda: "Por isso também os que sofrem *segundo a vontade de Deus* encomendem as suas almas ao fiel Criador, na prática do bem" (1Pe 4.19).

Ap 4.11 – "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as cousas tu criaste, sim, *por causa da tua vontade* vieram a existir e foram criadas."

Todas as obras que são feitas fora do ser divino, as chamadas *opera ad extra*, devem ser entendidas como produto da vontade decretiva de Deus. Nada do que foi feito vem a sê-lo como produto do acaso ou de geração espontânea, mas como resultado de uma vontade eterna e eficaz de Deus que faz com que tudo venha a existir, quando antes não existiam. A existência do universo é o produto de um plano elaborado na eternidade e que, juntamente com o tempo, veio a ser concretizado pela vontade poderosa e soberana de Deus.

1Jo 5.14 – "E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa *segundo a sua vontade*, ele nos ouve."

Esta "vontade" neste verso pode ser entendida de duas maneiras, dependendo da abordagem ao texto. Se o autor está falando dos decretos de Deus, pedindo segundo o que ele tem determinado (decretado) para nós, certamente ele nos ouvirá. Mas se o autor está se referindo à vontade preceptiva, isto é, aos mandamentos de Deus para nós, então, se pedirmos segundo essa vontade, ele também nos ouvirá. (Um exemplo é o pedido para amar o próximo: este é um pedido que será atendido porque é exatamente isto o que ele quer que façamos.) Pessoalmente, creio que João está falando da vontade de Deus no primeiro sentido.

Quando pedimos o que ele decidiu nos dar, certamente ele nos ouve. Por isso, algumas de nossas orações não recebem a resposta que pedimos, porque não pedimos segundo a sua vontade.

Observação: A *vontade decretiva, que geralmente é secreta*, sempre é cumprida, enquanto a *vontade preceptiva ou revelada* nem sempre é cumprida, ou melhor, ela é freqüentemente desobedecida. Há, portanto, uma grande diferença entre o que Deus *prescreve para que façamos* e o que ele *decide fazer*.

2. Vontade de Prazer e Vontade de Propósito

Esta é uma outra distinção da expressão "vontade de Deus", mas não pode ser igualada, em todos os seus detalhes, à primeira distinção analisada acima.

a. Base Teológica

A vontade de propósito está ligada à vontade decretiva, enquanto que a vontade de prazer não deve ser equivalente à vontade preceptiva, porque esta indica o que o homem deve fazer e aquela o que Deus gostaria que acontecesse, mas que não depende de uma obediência do homem para acontecer. Deixe-me explicar: Essa vontade expressa o prazer e o deleite de Deus em coisas que ele gostaria que acontecessem na vida dos homens, mas que nem sempre acontecem. Esta vontade de prazer não está relacionada diretamente com aquilo que os homens devem fazer, mas é um desejo que expressa a natureza constitucional de Deus.

Este desejo, *que nem sempre é satisfeito*, é *constitucional* e não pode ser negado nele, de forma alguma. As ilustrações que se seguem abaixo servem para evidenciar o que acabamos de definir

b. Base Bíblica

Há vários exemplos dessa vontade de desejo afirmada nas Escrituras:

Exemplo 1

O desejo natural e espontâneo de Deus para com todos os homens está expresso em dois textos de Ezequiel:

Ez 33.11 – "Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho *prazer* na morte do perverso, mas em que o perverso se *converta* do seu caminho, e viva..."

Ez 18.23 – "Acaso, tenho eu *prazer* na morte do perverso? diz o Senhor Deus; *não desejo eu* antes que ele se converta dos seus caminhos e viva?"

É comum, dentro de círculos calvinistas, negar em Deus este prazer, por causa do temor da violação da doutrina da expiação limitada. Não há fundamento para esse temor, porque essa vontade de Deus, expressa nos versos acima, *é constitucional nele*. Deus afirma de modo claro, nos versos acima, o seu prazer de duas maneiras: uma negativa e a outra positiva. Primeiro, Deus não tem prazer na morte do perverso; segundo, Deus tem prazer na conversão do ímpio. Por não fazerem essa distinção da vontade de Deus, muitos calvinistas tentam negar o que está óbvio nas Escrituras. Faz parte da natureza constitucional de Deus não ter prazer na condenação do perverso e se comprazer na conversão deles. Ninguém pode, em sã consciência, negar essas verdades que o próprio Deus diz de si, de maneira incontestável.

Todavia, esse desejo constitucional constante em Deus nem sempre é realizado. Esse desejo constitucional é distinto da sua realização ou satisfação. Por razões desconhecidas de nós, Deus *determina* não satisfazer ou realizar seu próprio desejo. Está em suas mãos salvar o pecador. É ele quem efetua a regeneração nele e o ressuscita espiritualmente. É obra da soberania de Deus salvar o pecador. Ele resolveu não salvar alguns (isso tem a ver com a sua vontade de propósito, que é igual à vontade de decreto), mas o fato de ele resolver não salvar alguém não elimina o outro, que ele tenha prazer em que o pecador se converta e não tenha prazer que ele seja condenado. Isso não é contradição em Deus (que possui uma mente infinita), pois é possível esse tipo de situação em nós próprios (que possuímos mente finita). É possível para nós termos prazer em que alguma coisa boa aconteça a alguém e, todavia, por razões suficientes a nós, resolvemos não fazer nada para que isso aconteça. Algumas vezes não fazemos por incapacidade ou impotência. Aqui está a grande diferença entre nós e Deus. Não é por incapacidade ou falta de poder que Deus resolve não salvar, mas é um ato de sua soberania que não anula a sua vontade de prazer de ver ímpios convertidos ou o seu desprazer de vê-los condenados. Afinal de contas, todos os ímpios que não são convertidos são criaturas suas, e isso explica por que ele não tem prazer na condenação deles. Deus lhes aplica a condenação porque ele é justo, mas não há qualquer sugestão de que ele se alegra na condenação deles. Pensar isso seria uma blasfêmia contra a sua natureza e uma negação de sua vontade de prazer, que lhe é constitucional.

Exemplo 2

A vontade de prazer, que é natural e espontânea em Deus para com todos os homens, é demonstrada de maneira positiva numa situação em que Jesus diz:

Lc 13.34 – "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram

> enviados! Quantas vezes *quis eu* reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes" (comparar com Lc 19.41, 42).

Este quadro apresentado por Lucas é uma situação similar à de Ezequiel, *mas o personagem, expressando a sua tristeza pela perdição do povo, é o Deus* Filho encarnado. Neste verso podemos perceber um sincero prazer na salvação dos habitantes de Jerusalém. Jesus, o Deus encarnado, inquestionavelmente revelou o seu prazer em que os habitantes de Jerusalém largassem a sua incredulidade. – *Isso mostra a vontade de prazer ou do deleite de Deus.* Nenhum de nós pode negar essa vontade no Deus homem. Seria uma injustiça a Cristo dizer que ele se alegrava na incredulidade e na perdição de Jerusalém. As suas lágrimas indicam o seu desgosto pela situação de incredulidade e, ao mesmo tempo, o seu prazer em que Jerusalém se voltasse arrependida e em fé para ele.

Todavia, por razões desconhecidas de nós, Cristo resolveu não vencer a obstinação dos judeus, pois ele poderia fazê-lo se assim *tivesse decidido*, uma vez que é "o autor e o consumador da fé" (Hb 12.2). A fé sempre vem por meio de Jesus (At 3.16); a fé é um dom de Jesus aos homens, uma graça eminentemente divina. Essa resolução de Jesus Cristo, de não conceder fé salvadora a todos os habitantes de Jerusalém, *mostra a vontade de propósito de Deus.*

É muito comum a citação do texto de 1Tm 2.4 e 2Pe 3.9 para mostrar o mesmo desejo de Deus de salvar todas as pessoas, com a devida argumentação, mas que podem ser explicados de maneira diferente, como se observa na nota de rodapé abaixo.[205]

Exemplo 3

O prazer natural e constitucional de Deus era que Faraó deixasse, em paz, o povo ir para fora do Egito. Várias vezes Deus disse a Faraó: "Deixa o meu povo

[205] O argumento formulado poderia ser assim: O desejo natural e espontâneo de Deus é que todos os homens, sem exceção, sejam salvos, chegando ao arrependimento e à fé, como está claramente expresso em 1 Timóteo 2.4 e 2 Pedro 3.9. *Isto mostra o desejo constitucional de Deus, que é a vontade de prazer ou do seu deleite.*

Contudo, Deus mesmo afirma claramente em Romanos 9.18 que ele "tem misericórdia de quem quer, e que ele endurece a quem lhe apraz". – *Isto mostra o propósito de Deus.*

Na verdade, esses textos não devem ser usados como exemplos similares aos dois anteriores. Há algumas observações a serem feitas neste assunto: As expressões de 1 Timóteo 2 "em favor de *todos os homens*" (v. 1), "o qual deseja que *todos os homens*" (v. 4), assim como "resgate por *todos*" (v. 6) podem perfeitamente se referir a classes de pessoas indistintamente (como reis, pessoas em autoridade, etc., como nos mostra o v. 1), não como se referindo a cada homem, sem exceção. Todavia, se essas expressões forem entendidas com o significado de "cada ser humano, sem exceção", então podemos aplicar com justeza o argumento acima como mais um exemplo para distinguir a vontade de prazer da vontade de propósito. Somente nesse caso pode ser aplicável o exemplo. Se o entendimento é o primeiro, então o exemplo não serve, porque todas as classes de pessoas que Deus desejou salvar ele salvou. Esta é a opinião do autor.

ir..." (Êx 7.2; 8.1, 2, 20) – O desejo de Deus era que o povo hebreu pudesse ficar livre da escravidão e que Faraó ficasse livre das pragas, deixando o povo ir. *Isso mostra o desejo de Deus*. Mas esse desejo de Deus não foi realizado porque ele decidiu não interferir no coração de Faraó. Veja que o Senhor endureceu o coração de Faraó, a fim de que ele não deixasse o povo sair, e o ameaçou com pragas interiores no coração, para mostrar que somente ele era poderoso (Êx 9.14,15,16). Estes textos que mostram o *propósito de Deus*, em distinção da sua vontade de prazer, estão expressos em Êx 7.2-4; 8.15, 19.

Deus *desejou prazerosamente* que Faraó espontaneamente concordasse em deixar o povo sair do Egito (Êx 9.1), mas *decidiu* não vencer a resistência de Faraó (Êx 9.12).

Deus enviou Moisés para persuadir Faraó. *Isto mostra o desejo de Deus*. Mas, ao mesmo tempo, informou a Moisés de que a sua persuasão falharia (Êx 7.1-4). *Isto indica o propósito divino* em não vencer a obstinação de Faraó.

Estes exemplos *não mostram contradição* em Deus, pois encontramos paralelo disso nas ações dos homens.

Exemplo: Uma decisão de um homem (que é um decreto de um homem, em um caso particular) é freqüentemente contrária à sua inclinação natural. Um homem decide sofrer dor física e emocional na amputação de sua perna, embora ele seja constitucionalmente averso à dor. Seu desejo natural seria escapar da dor física e emocional, mas por razões suficientes para ele, ele decide não escapar dela e submeter-se à cirurgia. Se isso é possível na mente humana, que é finita, muito mais o é na mente divina que é infinita. Se há razões suficientes para um homem tomar decisões dessa natureza, *o mesmo acontece com Deus*.

3. VONTADE SECRETA E VONTADE REVELADA

a. BASE BÍBLICA

Estas expressões são retiradas das Escrituras, especialmente as registradas no livro de Deuteronômio:

> Dt 29.29 – "As cousas *encobertas* pertencem ao Senhor nosso Deus, porém as *reveladas* nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei."

Os próprios termos já indicam o significado delas. Esta é a distinção mais comum na teologia, mas não é a mais completa para o entendimento desta matéria. Há algumas coisas a serem ditas a este respeito que merecem atenta consideração.

a.1. Vontade Secreta

As coisas *encobertas* têm a ver com os segredos de Deus a respeito da vida das pessoas. Enquanto a vontade decretiva e a vontade de propósito podem dizer respeito às decisões em geral sobre a vida do mundo e o destino do povo de Deus, a vontade secreta pode ser uma indicação daquilo que Deus faz na nossa vida pessoal e que é segredo, até que aconteça. Tiago escreveu aos seus leitores: "Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa" (4.14). O amanhã, isto é, as coisas que nos acontecerão em nosso futuro, está escondido de nós.

a.2. Vontade Revelada

As coisas *reveladas* têm a ver com a regra de vida das pessoas, pois o próprio texto nos aponta para isso. Ele diz que "as cousas reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos as palavras desta lei". Essas coisas reveladas devem ser obedecidas como norma de comportamento para todo o povo de Deus. Não há como fugir do dever de obedecer à vontade revelada para o nosso comportamento. Nesse sentido, a vontade revelada é igual à vontade preceptiva.

b. Base Teológica

Paulo, escrevendo aos Efésios, diz: "Procurai *compreender qual a vontade do Senhor*" (5.17). Se tomarmos este texto isoladamente, teremos um pouco de dificuldade para entender exatamente a que vontade de Deus ele está se referindo.

Qual é a vontade de Deus que nós precisamos compreender para a nossa vida?

Esta pergunta pode estar relacionada com os dois aspectos dessa vontade, mencionados em Deuteronômio 29.29 – com a vontade secreta e com a revelada. Nesse texto de Efésios 5.17 podem estar presentes os dois conceitos acima estudados. Depende de como entendemos o que Paulo estava querendo dizer por "vontade de Deus". Vejamos cada uma das possibilidades:

b.1. Vontade Revelada

Se Paulo tem em mente a compreensão da verdade revelada, ou os preceitos normativos de Deus, então:

Essa "vontade de Deus" deve estar relacionada com a MANEIRA como Deus quer que eu viva

Essa vontade está *revelada* para a nossa vida e está absolutamente clara nas

Escrituras. Por exemplo, você não precisa fazer perguntas como estas, para poder compreender qual a vontade do Senhor para a sua vida:

• "Será que é a vontade de Deus que eu ame meus irmãos na fé e meus inimigos?" – porque a vontade de Deus para que você ame ao seu próximo está claramente afirmada nas Escrituras.

• "Será que Deus quer que eu proceda corretamente no meu namoro?" – porque as Escrituras já afirmaram isso de maneira inequívoca. Paulo nos ensina o modo como devemos namorar até que tenhamos a nossa esposa, que aqui ele chama de "nosso próprio corpo". Veja o que ele diz da vontade revelada de Deus:

> 1Ts 4.3-6 – "Pois esta é *a vontade de Deus*, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o seu próprio corpo (esposa), em santificação e honra, não com desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; e que nesta matéria ninguém ofenda, nem defraude a seu irmão..."

• "É da tua vontade, Senhor, que eu me divorcie do meu cônjuge?" – As Escrituras, embora não desçam a detalhes, mostram com firmeza a posição de Jesus Cristo com respeito a esta matéria. Veja o assunto em Mateus 19.3-12. Não há dúvidas nas Escrituras sobre este assunto. A vontade de Deus está ali revelada.

Estas coisas estão óbvias. Estes mandamentos são cruciais para a nossa vida cristã. Você só precisa obedecer o que Deus quer, quando ele prescreve seus mandamentos.

b.2. Vontade Secreta

Se, todavia, Paulo em Efésios 5.17 tem em mente a compreensão da vontade secreta de Deus para a nossa vida, então:

Essa "vontade de Deus" pode estar relacionada com o PLANO de Deus para a minha vida pessoal

Essa vontade não está revelada diretamente nas Escrituras. Deus não mostrou nada do que vai acontecer na minha vida amanhã, ou aquilo que eu devo ser, pessoalmente. É, portanto, perfeitamente justo perguntar:

• "Senhor, é da tua vontade que eu me case com Fulano de Tal, com quem namoro?"
• "Senhor, como posso saber que profissão devo seguir?"
• "Senhor, é da tua vontade que eu viaje para tal lugar nas minhas férias?"

- "Senhor, é da tua vontade que eu venda a minha propriedade?"
- "Devemos pensar em ter mais um filho?"
- "Será que estou no meu ramo certo de trabalho?"

Estas perguntas pedem por *direção* divina, pois queremos saber qual é a vontade de Deus para a nossa vida. Dois fatores têm que ser considerados:

a) Essas questões levantadas acima não podem ser resolvidas por uma aplicação direta do ensinamento bíblico, porque o que acontecerá com a nossa vida pessoal não está revelado nas Escrituras.

Não tendo uma resposta definida nas Escrituras, um exame global delas pode nos fornecer as possibilidades legítimas, entre as opções que podem ser feitas.

Se Deus não revelou claramente nas Escrituras essas coisas, como posso saber qual é a sua vontade?

b) Porque as Escrituras não podem determinar diretamente uma escolha, o fator da motivação e da inclinação dadas por Deus, pelo qual uma pessoa se compromete a um tipo de responsabilidade em vez de outra, e sente-se em paz quando a toma, torna-se decisivo.

É importante ter em mente que a base do engano é presumir que toda direção de Deus para problemas tem estas duas características; e, segundo, que a vida deve ser encarada como um campo em que este tipo de direção deve ser buscado.

Este terreno pode ser escorregadio para muitos. Muitos têm se decepcionado posteriormente, ao verificarem que o que fizeram não era a vontade de Deus. Confiaram somente nas impressões que podem ser apenas expressão de sua subjetividade. A idéia de uma vida na qual a voz interior do Espírito dirige e decide tudo soa muito atraente, pois parece exaltar o ministério do Espírito e promete uma intimidade maior com Deus. O que acontece, muitas vezes, não é a voz do Espírito falando interiormente, mas o resultado dos nossos desejos mais íntimos ou simplesmente uma ardente esperança de que certas coisas aconteçam.

Todavia, não nos esqueçamos de que não conhecemos o plano de Deus, isto é, o que ele determinou para que acontecesse em nossa vida pessoal, até que o que está determinado aconteça. Há muitas coisas sobre a nossa vida pessoal que Deus deixou escondido de nós, que ele não nos revelou. Não sabemos o que nos sucederá no dia de amanhã. Não sabemos qual é o plano de Deus para a nossa vida pessoal. Isso não quer dizer que não possamos pedir a Deus algumas "informações" do que ele tem planejado para nós, ou que não possamos, em hipótese alguma, saber o que ele tem reservado para o futuro de nossa vida. É verdade que as coisas encobertas pertencem a Deus, mas ele tem dado a conhecer aos seus servos muitas coisas que dantes estavam escondidas.

c. Resumo das Três Distinções da Vontade de Deus

Fizemos três distinções neste capítulo:

(A1) Vontade Decretiva
(A2) Vontade Preceptiva

(B1) Vontade Secreta
(B2) Vontade Revelada

(C1) Vontade de Propósito
(C2) Vontade de Prazer

As três distinções que levam o número 1 podem ser equalizadas, sem nenhum problema. Elas todas têm a ver com a vontade de Deus, que nunca deixa de ser feita. Elas todas têm a ver com o que Deus decide fazer. Nesse tipo de vontade, Deus pode trabalhar imediata ou mediatamente. Ele age diretamente ou faz com que sua vontade seja cumprida através de meios ou instrumentos. Contudo, há uma observação importante a ser feita com respeito à vontade secreta (B1). Toda a vontade secreta de Deus diz respeito ao decreto de Deus, mas nem tudo o que é decreto de Deus é secreto. Deus revelou de antemão aos homens do Antigo Testamento o que iria fazer no período do Novo Testamento e aos homens do Novo Testamento o que irá fazer no final do mundo. Esses vaticínios são um exemplo de que nem sempre os decretos de Deus são secretos.

As três distinções que levam o número 2 têm em comum apenas o fato de que nem sempre elas são realizadas. Contudo, elas não são necessariamente a mesma coisa: a Vontade preceptiva (A2) diz respeito aos preceitos que Deus prescreve para que os homens cumpram. É dever do homem conhecer essa vontade e praticá-la como norma para sua vida; a Vontade revelada (B2) é similar, em alguns sentidos, à vontade preceptiva, mas não em todos eles. Acontece que Deus já revelou aos homens muitas coisas que nada têm a ver com preceitos que eles devem cumprir mas com os decretos; a Vontade de prazer (C2) não possui similaridade com as duas outras que têm o número 2. Ela tem a ver com o que Deus deseja que aconteça, mas não depende dos homens para acontecer. Essa vontade de prazer de Deus não é algo que está nas mãos dos homens realizarem, mas sim uma disposição nele, que ele pode ou não realizar.

4. Aplicação

a. Procure Conhecer a Vontade do Senhor

Cl 1.9-10 – "Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos

> de orar por vós, e de pedir que transbordeis *de pleno conhecimento da sua vontade*, em toda sabedoria e entendimento espiritual, a fim de *viverdes de modo digno do Senhor*, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra, e crescendo no pleno *conhecimento* de Deus."

Observe que o alvo final de conhecer a vontade de Deus é ter uma vida prática agradável a ele. Portanto, a vontade de Deus aqui pode estar diretamente relacionada com os preceitos que são a expressão de sua norma de vida para nós.

As Escrituras nos instam a termos um conhecimento da vontade de Deus (ver Cl 1.9, 10; 4.12), mas o problema é saber se Paulo está falando da vontade revelada nos ensinos das Escrituras, ou se ele está falando dos planos de Deus para a nossa vida que, por ora, estão escondidos de nós.

Admitindo que podemos conhecer alguma coisa dos planos de Deus para nós, e entendendo Efésios 5.17 como se referindo à possibilidade de se conhecer essa vontade, então, tente algo nesse caminho.

b. Esforce-se por Descobrir a Vontade Deus

A pergunta mais comum com respeito ao descobrimento da vontade de Deus, num caso específico, é: "Como é que eu sei se essa é a vontade de Deus para a minha vida?" – Esta é uma questão crucial, pois todos a enfrentamos em alguma medida. Mas como você pode sair dessa? Que elementos você tem para ter alguma luz? Há algumas coisas que você pode perguntar, que podem ajudá-lo bastante a ter a sua carga aliviada. Faça a si mesmo algumas perguntas:[206]

b.1. "É *Legítimo* O que Eu Quero Fazer?"

Esta é uma pergunta muito importante. Às vezes essa pergunta define a nossa situação, porque o que é contrário à lei não deve ser feito. Portanto, se existe algum preceito na lei divina contra o que você pensa fazer, então certamente você não deve fazer. Segundo Ferguson,

> "nenhuma ação que é contrária à clara palavra de Deus pode ser legítima para o cristão. Nenhum apelo à liberdade espiritual ou a circunstâncias providenciais jamais pode tornar o que é eticamente errado em qualquer coisa que não seja pecaminosa. Pois o cristão é livre somente para amar e para obedecer a lei de Deus. Aqui repousa a verdadeira liberdade".[207]

[206] Essas perguntas estão baseadas nas sugestões de Sinclair B. Ferguson, *Discovering God's Will* (Edimburgo: Banner of Truth, 1984), 66-72.

[207] Ibid., 66.

Não há nada que deva demover você da busca da verdade de Deus. Nem que um anjo do céu venha e lhe diga que você tem de fazer algo que seja contrário aos preceitos de Deus, você deve fazer. Se é contra a lei, o ponto está definido: Não!

b.2. "Traz *Edificação* para Mim O que Quero Fazer?"

Em outras palavras, você poderia perguntar-se: "O que vou fazer melhora o meu relacionamento com Jesus Cristo? Melhora o meu relacionamento com as outras pessoas? Faz-me crescer em maturidade?" Há certas coisas que não são pecaminosas em si mesmas (Rm 14.14). Algumas delas são lícitas até, mas nem todas convêm, como Paulo deixa claro, porque não trazem crescimento.

> 1Co 10.23 – "Todas as cousas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, *mas nem todas edificam*".

Paulo é sapientíssimo nesta afirmação. Os cristãos deveriam aplicar esse critério bíblico a muitas atitudes que devem tomar, quando não possuem um mandamento específico sobre determinados assuntos. Nem todas as coisas convêm porque não trazem crescimento espiritual para você.

b.3. "Será de Grande *Ajuda para os Outros* O que Quero Fazer?"

Eu não posso perguntar se será bom somente para mim, mas também para o bem-estar dos outros. Tratando dos limites da liberdade cristã, Paulo expressa o seu pensamento altruísta no trato com as pessoas:

> 1Co 10.24 – "Ninguém busque o seu próprio interesse *e sim o de outrem.*"
>
> 1Co 10.33 – "assim como também eu procuro em tudo, ser agradável a todos, *não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos*, para que sejam salvos."

A preocupação de Paulo era a de ajudar muitas pessoas, mesmo que fosse em seu próprio prejuízo. O objetivo final de Paulo era ver as pessoas sendo salvas por meio daquilo que ele fazia. Certamente, esse espírito ele aprendeu de Jesus. Quando Cristo veio ao mundo, veio para o bem dos outros, "não para ser servido, mas para servir". Paulo disse que Cristo "não agradou a si mesmo", mas o seu objetivo era fazer o bem aos outros. Se Cristo se preocupasse apenas consigo mesmo e se agradasse a si mesmo, nunca ele faria o que fez em favor de outros. Como se portou Jesus Cristo, assim devemos nos portar naquilo que fazemos.

b.4. "Há o Perigo de Me *Tornar Escravo* do que Quero Fazer?"

Há certas coisas que não são más em si mesmas, como já dissemos, mas é

possível que você comece a fazê-las e depois não consiga mais parar. Paulo deixa essa matéria bem clara:

> 1Co 6.12 – "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as cousas me *são lícitas, mas não me deixarei dominar* por nenhuma delas."

Há muitos cristãos que têm sido escravizados por coisas que não são más em si mesmas, mas que vêm, em última análise, trazer malefícios para eles mesmos e para os que convivem com eles. Se acontece com você, isso pode ser perigoso para o seu crescimento. Quando nos tornamos escravos de um hábito (como ver televisão, por exemplo), podemos deixar de fazer coisas muito mais importantes na vida, como conversar em família, ou podemos deixar de produzir coisas muito boas para o proveito nosso e dos outros. Paulo diz: "vou fazer uma coisa que é lícita, sem que eu corra o perigo de ser dominado por ela". Seja sábio ao praticar uma ação. Verifique se ela não vai tornar você escravo dela.

b.5. "Traz *Glória para Deus* O que Quero Fazer?"

Esse é um princípio genérico que norteia os demais acima.

A fim de descobrir a vontade de Deus num caso particular, quando você não tem mandamento específico, você precisa fazer a pergunta acima. Esse princípio vale tanto para as pequenas como para as grandes coisas. Veja o receituário de Paulo:

> 1Co 10.31 – "Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra cousa qualquer, *fazei tudo para a glória de Deus*".

Se fizermos alguma coisa que faça alguém tropeçar (1Co 10.32; Rm 14.13) ou que faça um irmão perecer (Rm 14.15), ou que não traga crescimento para outrem (1Co 10.24), não estamos fazendo algo que seja a vontade do Senhor. A vontade do Senhor é medida pelo que fazemos com o intuito de trazer glória a ele.

É curioso que não há nada do que fazemos que possa escapar desse princípio bíblico. Se comemos ou bebemos (coisas triviais e comuns) ou fazemos outra coisa qualquer (o que inclui tudo o mais), deve ser feito com o propósito de tornar o nome do Senhor engrandecido, admirado e amado entre os homens. Se o que você vai fazer tem esse propósito, então, certamente você deve fazer.

c. Pratique a Vontade do Senhor

Se você procurou conhecer a vontade do Senhor e se esforçou por compreendê-la, então, pratique-a. Esta prática somente tem a ver com a vontade preceptiva de Deus. Ela está claramente revelada nas Escrituras e precisa ser obe-

decida. Há muitos cristãos que conhecem a vontade do seu Senhor mas não a fazem, e isso é mau. Veja o princípio que Jesus ensinou:

> Lc 12.47 – "Aquele servo, porém, que conheceu a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites."

É óbvio que esta é uma parábola, que não pode ser entendida literalmente em todos os seus detalhes, mas o princípio ensinado é válido para todas as épocas. Recebe a disciplina de Deus aquele que, conhecendo a sua vontade revelada, não a praticou. O conhecimento dos preceitos nos torna responsabilizados diante de Deus. É seríssima a matéria da prática da vontade de Deus. Portanto, todos nós deveríamos ter em alta conta a necessidade de praticar os preceitos que nos foram revelados. Fazer a vontade preceptiva de Deus é dever de todo homem (mesmo que ele não a conheça – Lc 12.48), mas principalmente dos filhos de Deus que já possuem uma razoável noção daquilo que Deus quer que seja norma de vida para eles.

d. Espere pela Manifestação Final da Vontade do Senhor

Há uma porção de coisas que estão acontecendo na sua vida e que você fica sem entender. Você já estudou a Palavra de Deus, você perguntou a outras pessoas, e até agora você não consegue entender o que se passa. A única saída para esse caso é *esperar* até que uma combinação de circunstâncias faça você entender a vontade de Deus. Um texto sugestivo para essa matéria é o de Lamentações:

Leia Lamentações 3.25-33. Os filhos de Jerusalém estavam sob grande pressão do cerco do exército babilônico. Não havia saída humana para o problema deles. A única saída era esperar a vontade de Deus ser manifesta. Há algumas consolações para os que enfrentam grande provação: 1) O Senhor é bom para os que esperam nele e o buscam (v. 25); 2) É recomendável aguardar a salvação do Senhor silentemente (v. 26), isto é, quietinho, sem murmurar; 3) É recomendável suportar o sofrimento silentemente, pois ele nos é posto por Deus (vv. 27, 28); 4) Humilhe-se, pois pode haver esperança (v. 29); 5) No final, Deus usará de misericórdia, e tirará as suas aflições, porque ele não tem prazer nelas (vv. 30-33).

Essas são lições que você deve aprender na sua juventude (v. 27), se você quer aprender algo sobre a vontade de Deus. Aprenda a esperar silentemente pela vontade salvadora do Senhor. Davi teve essa compreensão quando disse de si para si mesmo: "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa: dele vem a minha salvação... porque dele vem a minha esperança" (Sl 62.1, 5).

Se você não aprender a esperar pelo Senhor, você amargará na *impaciência*,

o que lhe fará um mal enorme. As provações que Deus nos envia são para o nosso crescimento. Quanto mais esperamos pela vontade do Senhor, mais crescemos na compreensão dela. É parte da nossa tarefa entender que tudo o que acontece em nossa vida coopera para o nosso bem (Rm 8.28). Portanto, espere o final para que você compreenda o propósito da vontade do Senhor em sua vida. No final, José entendeu o sentido de todas as coisas más que os seus irmãos, a mulher de Potifar e outros lhe fizeram. Ele esperou o tempo próprio e compreendeu que a vontade do Senhor é perfeita, boa e agradável!

e. Aplique Algumas Regras para Compreender a Vontade do Senhor

Se as Escrituras nos instam a "procurar compreender a vontade do Senhor", então é possível, em algum sentido, conhecer o que Deus quer para nós. Mas como? Há algumas "dicas" nas Escrituras que podem nos ajudar.

e.1. A Sua Vida Tem que Estar em Íntima Harmonia com a Palavra de Deus

Jesus disse:

> Jo 15.7 – "Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito."

Se você está em Cristo e as Palavras dele permanecem em você, você pode pedir a Deus as coisas que estão no seu coração que ele as concederá. Se você pedir que ele lhe mostre o caminho certo a seguir, ele vai lhe dar a luz para que você o enxergue. De alguma forma, a sua vontade vai ser aclarada pela comunhão com Cristo e pela luz da sua palavra em você.

Deus tem um plano e dirige as nossas vidas, mas muitos cristãos não entendem de que modo Deus trabalha. O erro básico deles é pensar que a direção divina *é essencialmente uma inspiração íntima, sem a participação da Palavra Escrita.*

Perceba que duas coisas estão envolvidas neste princípio: a comunhão com Cristo através da sua Palavra e a oração. Assim, usando-as, você poderá compreender, em algum sentido, a vontade do Senhor para a sua vida.

e.2. A Sua Vida Tem que Estar Cheia do Espírito de Cristo

Paulo disse, após a ordem para "compreender a vontade do Senhor":

> Ef 5.18-21 – "...enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e lou-

> vando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo."

Se o Espírito Santo não estiver transbordando em nosso coração, dificilmente saberemos, com certeza, a vontade de Deus para a nossa vida. A esfera do subjetivismo, então, dominará as nossas decisões.

e.3. A Sua Vida Tem que Estar Envolvida Sinceramente no Reino de Deus

Como você vai saber o que Deus quer que você faça no Reino se você nem mesmo se envolve nele? Uma maneira de descobrir a vontade de Deus em sua vida é saber quais são os seus dons espirituais. Essa descoberta define muitas coisas em nossa vida.

Mas há alguns erros a serem evitados nesse assunto, ao se "compreender a vontade de Deus". J. I. Packer menciona-os em seu livro *O Conhecimento de Deus*:

> "Mesmo com as idéias corretas sobre a direção de Deus em geral, continua sendo fácil errar, particularmente em escolhas "vocacionais". Nenhuma área da vida demonstra mais claramente a fragilidade da natureza humana, mesmo a dos já regenerados. A obra de Deus nesses casos deve inclinar primeiro o nosso julgamento, depois todo o nosso ser ao curso que, entre todas as diferentes alternativas, ele determinou ser o mais adequado para nós, para a sua glória e para o benefício de outros através de nós." (p. 218)

f. EVITE ALGUNS ERROS FREQÜENTEMENTE COMETIDOS NESTA MATÉRIA[208]

f.1. Evite Ter a *Má Vontade de Pensar*

As pessoas freqüentemente têm má vontade em refletir. É a falsa piedade, um sobrenaturalismo de tipo pernicioso e prejudicial, que exige impressões interiores, sem qualquer base racional, e evita atender à freqüente recomendação bíblica para "refletir". Deus nos fez seres pensantes e ele guia nossa mente quando, em sua presença, resolvemos as coisas – e de nenhum outro modo. "Tomara fossem eles sábios! Então...*atentariam*..." (Dt 32.29).

f.2. Evite Possuir a Má Vontade de *Pensar Adiante*

Regularmente as pessoas não querem pesar as conseqüências a longo prazo das alternativas, no curso de uma ação.

---

[208] Sugestões retiradas e adaptadas para este livro da obra de J. I. Packer, *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 1980), 219, 220.

"Pensar Adiante" é parte da regra divina para a vida, tão boa quanto a regra humana para a estrada. Freqüentemente apenas vemos o que é sábio e certo (e o que é tolo e errado) quando consideramos os resultados a longo prazo. "Tomara fossem eles *sábios*!...e atentassem para o seu *fim*"!

f.3. Evite Ter a Má Vontade para *Aceitar Conselhos*

As Escrituras dão ênfase à necessidade que se tem disso. "O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos ao conselho." (Pv 12.15). É um sinal de imaturidade e de convencimento dispensar conselhos ao se tomar uma decisão importante. Há sempre alguém que conhece a Bíblia, a natureza humana e nossas próprias habilidades e limitações mais do que nós mesmos, e ainda que não possamos aceitar seu conselho, alguma coisa boa tiraremos, se pesarmos com cuidado o que nos disser.

f.4. Evite Ter a Má Vontade de *Suspeitar de Si Mesmo*

Freqüentemente as pessoas não gostam de ser realistas a respeito de si mesmas, e não se conhecem muito bem... Elas possuem "*emoções*" numa base egoísta, escapista, auto-indulgente e auto-engrandecedora. Tais emoções devem ser detectadas e desacreditadas, não devendo ser tomadas erradamente como direção... Precisamos perguntar *por que* "sentimos" que uma determinada atitude é certa, e nos obrigar a dar as razões disso – e seremos sábios se expusermos o caso diante de mais alguém, em cujo julgamento confiamos, para dar seu veredicto sobre nossas razões. Precisamos também orar: "Sonda-me ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139.23, 24).

f.5. Evite Ter a Má Vontade para *Descontar o Magnetismo Pessoal*

Aqueles que não estão profundamente conscientes do orgulho e da decepção em si mesmos nem sempre podem perceber essas coisas nos outros (é o problema de certos líderes talentosos que influenciam outras mentes pelo seu magnetismo pessoal)... E mesmo quando um homem talentoso e atraente reconhece o perigo e tenta evitá-lo, nem sempre pode impedir que os cristãos o tratem como a um anjo, ou um profeta, aceitando suas palavras como direção segura e seguindo cegamente sua liderança. Mas não é este o modo de ser guiado por Deus. Homens de destaque não estão, na realidade, necessariamente errados, mas também não estão necessariamente certos! Tanto eles como suas idéias devem ser respeitados, porém não venerados. "Julgai todas as cousas; retende o que é bom" (1Ts 5.21).

f.6. Evite a Má Vontade *para Esperar*

"Esperar no Senhor" é um refrão constante nos Salmos e é uma palavra necessária, pois Deus freqüentemente nos deixa esperando. Ele não tem tanta pressa quanto nós e não é seu costume dar mais esclarecimentos sobre o futuro do que precisamos para agir no presente, ou nos guiar em mais de um passo de cada vez. Quando em dúvida, não faça nada, continue esperando em Deus. Quando houver necessidade de ação, a luz virá."[209]

Portanto, "procurar compreender a vontade de Deus" com relação às coisas que estão escondidas de nós é algo que deve ocupar a nossa extrema atenção. É um terreno escorregadio se não estamos em plena comunhão com Deus. Assim mesmo, não é promessa das Escrituras de que nós saberemos, em plenitude, de antemão, o que Deus tem reservado para nós. É bom que saibamos também que, mesmo que façamos tudo o Deus quer, isso não nos livrará de problemas no futuro. Fazer a vontade de Deus não significa ausência de problemas.

Se atentarmos para aquilo que está revelado nas Escrituras, aquilo que diz respeito à regra de vida para nós, então, já teremos feito muita coisa para o benefício de nossa vida e para a vida dos que nos cercam.

[209] Packer, *O Conhecimento de Deus*, 219, 220.

ÍNDICE

CAPÍTULO 22 – O PODER SOBERANO DE DEUS

Definição 400

A. A Trindade e o Poder de Deus 400

B. Distinções no Poder de Deus 401
1. O Poder Absoluto de Deus 402
2. O Poder Ordenado de Deus 402
a. É um Poder Exercido Imediata e Mediatamente 403
b. É um Poder Regulado pela Natureza Divina 404
c. É um Poder Governado pela Vontade Decretiva 405
d. É um Poder não Comunicado aos Seres Humanos 406

C. Características do Poder de Deus 406
1. É um Poder Essencial e Inerente em Deus 406
2. É um Poder Infinito 407
3. É um Poder Eterno 409

D. Esferas de Ação do Poder de Deus 410
1. O Poder de Deus na Criação 410
a. Poder Exercido Imediatamente 410
b. Poder Exercido Mediatamente 411
2. O Poder de Deus na Preservação 411
3. O Poder de Deus na Propagação dos Seres Viventes 412
4. O Poder de Deus no Movimento de Todas as Criaturas 413
5. O Poder de Deus no Governo das Autoridades 414
6. O Poder de Deus no Governo Moral do Mundo 415
7. O Poder de Deus no Governo de Sua Graça Redentora 416
a. Quanto ao Redentor 416
b. Quanto aos Redimidos 416
8. O Poder de Deus no Governo Judicial do Mundo 417

E. Corolários do Poder de Deus 418
1. Você Terá Conforto nas Aflições 418
2. Você Terá Socorro nas Tentações 418
3. Você Terá as Promessas Cumpridas 419
4. Você Terá Base para a Sua Segurança 420
5. Você Haverá de Ter o Temor de Deus 420
6. Aplicação 421
a. O Poder de Deus Deveria Conduzir Você à Adoração Reverente 421
b. Medite no Poder de Deus 422
c. Confie em Deus por Causa do Seu Poder 422
d. Submeta-se e Refugie-se no Poder de Deus 423

Capítulo 22

O PODER SOBERANO DE DEUS

A soberania de Deus não somente encontra expressão na vontade divina, mas também na sua onipotência, ou no poder de executar a sua vontade. Esses dois atributos estão intimamente ligados. A vontade de Deus é soberana porque também o seu poder é soberano. Um Deus que não pode fazer o que determina, e que não pode levar a cabo o que propõe, não pode ser verdadeiramente Deus. Deus tem vontade poderosa para resolver aquilo que lhe parece bom, como também poder para a sua execução.

DEFINIÇÃO

A doutrina da onipotência divina precisa ser definida o mais corretamente possível. Quando se fala em poder de Deus, logo nos lembramos de sua autoridade. Contudo, essas duas coisas não são necessariamente iguais. Como conhecimento e sabedoria estão intimamente ligados, mas possuem diferenças, assim também acontece com poder e autoridade.

O *poder* de Deus é a sua capacidade de fazer acontecer aquilo que deseja e determina que aconteça, seja na área física, moral ou espiritual. É a capacidade de ação onipotente que esteja de acordo com a sua vontade. Contudo, poder não significa um ato, mas a capacidade de transformar uma idéia da sua mente em um ato. O poder de Deus executa o conhecimento e a sabedoria de Deus.

A *autoridade* de Deus é o seu direito de agir poderosamente em todas as coisas, como lhe apraz. A autoridade de Deus é baseada naquilo que ele é, isto é, nos seus atributos essenciais, entre os quais está o seu poder soberano.

A. A TRINDADE E O PODER DE DEUS

Fala-se muito hoje no "poder do Espírito", e o Pai e o Filho ficam colocados em segundo plano por pessoas que possuem a tendência de dizer que hoje esta-

mos "na era do Espírito". O cenário teológico contemporâneo está caminhando para um terreno perigoso, deixando de lado a noção trinitária de poder, mesmo que se faça isto sem perceber. O poder e a autoridade de Deus são compartilhados igualmente pelas três pessoas da Trindade, porque todas elas partilham da mesma essência numérica, que é a essência divina. Todavia, é curioso que o poder é, no Novo Testamento, atribuído muito mais ao Pai e ao Filho do que ao Espírito, em número de textos.

Os textos do Novo Testamento, a seguir, comprovam o que acabei de dizer:

Textos que falam do poder do *Pai*: Marcos 12.24; Lucas 1.35; 5.17; Atos 10.38; Romanos 1.20; 9.17, 22; 1 Coríntios 1.18; 2.5; 6.14; 2 Coríntios 4.7; 6.7; 13.4; Efésios 1.17-19; 3.7, 20; 6.10; Colossenses 2.12; 2 Tessalonicenses 1.11; 1 Timóteo 6.16; 2 Timóteo 1.7, 8; Hebreus 1.3; 1 Pedro 1.5; 2 Pedro 1.3; Apocalipse 5.12; 19.1.

Textos que falam do poder do *Filho:* Marcos13.26; Lucas 4.36; 6.19; 8.46; 9.1; 10.19; 21.27; Romanos 1.4; 1 Coríntios 1.24; 5.4; 2 Coríntios 12.9; Filipenses 3.20, 21; 2 Tessalonicenses 1.8, 9; 2 Pedro 1.16; Apocalipse 5.11.

Textos que falam do poder do *Espírito*: Lucas 4.14; Atos 1.8; Rm 15.13, 19.

Com esses textos mostrados, pergunta-se: Por que tem havido essa inversão de ênfase? Seria para justificar procedimentos teológicos e litúrgicos? A verdade sobre o poder de Deus deve ser ensinada de maneira justa para com as informações que as Escrituras nos dão. Devemos dar glória ao Deus Pai, Filho e *Espírito Santo, não glória a uma pessoa em detrimento das outras, coisa muito* comum hodiernamente.

A virtude não está no meio, isto é, no equilíbrio, mas no fazer justiça àquilo que o próprio Deus diz dos homens, do Filho encarnado e de si próprio como o Deus único e verdadeiramente triúno, com as pessoas iguais em poder e glória.

Esta é apenas uma matéria da Trindade econômica, que não implica qualquer diferença essencial entre elas.

B. DISTINÇÕES NO PODER DE DEUS

Costuma-se distinguir o poder de Deus de duas maneiras: Poder Absoluto e Poder Ordenado. Obviamente, o sentido pretendido aqui não é o mesmo dado pela teologia escolástica medieval, que dizia que Deus poderia, em virtude de seu poder absoluto, efetuar contradições, e que poderia mesmo pecar ou aniquilar-se.[210]

[210] Berkhof, *Teologia Sistemática*, 93.

1. O Poder Absoluto de Deus

Segundo Charnock, o *Potencia Dei Absoluta* "é aquele poder por meio do qual Deus pode fazer o que não vai fazer, mas que é possível ser feito".[211] O exemplo desse poder absoluto é dado por João Batista em Mt 3.9 – "...porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão". O poder absoluto de Deus é capaz de fazer uma coisa dessas, mas certamente ele não vai fazer. Esta é uma possibilidade mas não uma contradição. O poder absoluto

> "é o poder de Deus limitado apenas pela lei da não-contradição... As coisas que são por natureza más ou impossíveis (como fazer um círculo quadrado) caem fora da esfera do poder de Deus. O termo enfatiza a transcendência e a onipotência de Deus por colocá-lo mesmo acima e além das leis que ele tem ordenado para a operação do universo". [212]

Deus não pode fazer nada inconsistente com a sua própria natureza, ou aquilo que é absurdo, contraditório ou uma impossibilidade lógica.[213] Não existe em Deus um poder absoluto divorciado de suas perfeições divinas.

Para Charles Hodge, de modo diferente, mas não contraditório, o poder absoluto de Deus "é a sua eficiência, como é exercida, sem a intervenção das causas secundárias". [214] É o poder de Deus exercido imediatamente.

O poder absoluto de Deus é exercido na criação. "É o poder da Primeira Causa somente."[215] Não há o exercício de nenhum poder ou causa secundária.

Também podemos dizer que o poder absoluto é necessário em Deus, enquanto o poder ordenado depende do exercício da sua vontade, que tem a ver diretamente com o seu decreto.

2. O Poder Ordenado de Deus

Segundo Charnock, o *Potencia Dei Ordinata* "é aquele poder por meio do qual Deus faz o que tem decretado fazer, a saber, o que ele tem ordenado ou disposto que se faça".[216] É chamado poder ordenado por causa do decreto divino. Tudo o que está ordenado tem que ser feito porque Deus é imutável. O poder ordenado é parte do poder absoluto, "porque se ele não tivesse o poder de fazer

[211] Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, vol. 2, 12.

[212] Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*, 231.

[213] Uma impossibilidade lógica, por exemplo, é um espírito material, uma divindade corpórea, um homem irracional, um corpo sem partes ou extensão.

[214] C. Hodge, *Systematic Theology*, vol. 1, 410.

[215] W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology*, vol. 1, 361.

[216] Charnock, *The Existence and the Attributes of God*, vol. 2, 12.

cada coisa que quisesse fazer, ele não teria o poder de fazer tudo o que ele realmente faz".[217]

O seu poder é a capacidade de levar a cabo tudo o que deseja, embora nem tudo o que deseja ele realize, porque as suas realizações estão vinculadas ao cumprimento do seu decreto. O decreto de Deus é que limita o exercício do seu poder. Por essa razão, ele diz: "O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade" (Is 46.10b). Deus só exerce o seu poder quando cumpre o seu decreto. Por isso, é chamado de poder ordenado.

Exemplo: Tanto o poder absoluto como o ordenado estão claros no mesmo texto de

> Mt 26.53, 54 – "Acaso pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? [*Este é o Poder Absoluto*] Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder? [*Este é o Poder Ordenado*]."

O poder absoluto é o que ele tem em si mesmo de ser capaz de fazer qualquer coisa que deseje, mesmo aquelas que ele nunca vai realizar. O texto acima mostra uma potencialidade divina de controle sobre os anjos, a ponto de eles destruírem seus inimigos, mas ele decidiu não fazer isto. Diferentemente, o poder ordenado tem a ver com a plena realização dos decretos de Deus. Por essa razão, Cristo entregou-se às autoridades para ser preso e, posteriormente, morto por elas, porque esta era a vontade decretiva, e o poder de Deus foi mostrado quando fez com que todas as coisas fossem movidas para que culminassem na morte do Senhor, porque isso era o cumprimento do seu decreto.

a. É um Poder Exercido Imediata e Mediatamente

O poder ordenado de Deus pode ser exercido imediata ou mediatamente. Imediatamente, quando a ação de Deus é direta, que foi o caso da criação das coisas sem material preexistente. Deus não precisou de instrumento ou meio algum para agir criadoramente. Quando não havia nada, apenas Deus, não houve qualquer causa instrumental para que ele agisse através dela. As suas ações foram completamente independentes. Nesse sentido, o seu poder é totalmente incomunicável a qualquer criatura.

Deus opera mediatamente, especialmente na manutenção do universo, quando usa suas leis que ele próprio fixou para o governo do mesmo. Para Hodge, o poder ordenado de Deus "é a eficiência de Deus, exercida uniformemente na

[217] Ibid.

operação ordenada das causas secundárias".[218] É o poder de Deus exercido mediatamente. A providência de Deus é o exercício de seu poder ordenado. Na manutenção do universo Deus usa as próprias leis que criou. É o exercício do poder através de causas secundárias. Deus usa as coisas já existentes para executar a sua vontade. A Primeira Causa usa as causas secundárias para os seus propósitos.

Esses dois poderes não são distintos em Deus. O segundo depende do primeiro. Deus não poderia exercer o seu poder ordenado se não tivesse o poder absoluto.

b. É UM PODER REGULADO PELA NATUREZA DIVINA

Os adversários da sã doutrina às vezes aparecem com perguntas tolas, como estas: "Deus é poderoso o suficiente para fazer alguma coisa maior do que ele próprio?" ou "Pode Deus fazer um objeto tão grande que ele mesmo não possa carregar?" Essas pessoas se esquecem de que o poder de Deus, que é infinito, sempre é exercido de conformidade com a sua própria natureza.

Nunca Deus haverá de manifestar o seu poder contrariamente ao que ele é. Jamais coisas excludentes entre si podem existir ao mesmo tempo ou coexistir. É impossível que luz e trevas, vida e morte, verdade e mentira sejam a mesma coisa. Portanto, Deus só pode fazer o que é próprio do seu ser. Se Deus for privado da luz, ele deixa de ser Deus; se Deus for privado da vida ele deixa de ser o que é, pois ele é a vida; se Deus for privado da verdade, ele deixa de ser Deus. Deus só faz o que ele quer e o que ele deseja, porque não vai de encontro ao que é. Um ser só deseja ou quer aquilo que lhe é próprio. Como ser supremo, Deus não é diferente nesta matéria. Veja, então, algumas coisas que Deus não pode fazer:

Deus não pode morrer. É impossível para a sua natureza morrer, porque a morte significa separação. E Deus não é composto para ser separado. Ele não tem do que se separar. Acima disso, porém, Deus não pode morrer porque ele é a vida. Há outras coisas que são repugnantes à natureza santa de Deus, que ele não faz e não tem qualquer desejo de fazer porque vão de encontro ao que ele é:

Deus não pode ser enganado, porque o engano pressupõe ignorância. Se isso fosse possível, ele deixaria de ser onisciente.

Deus não pode mentir (Hb 6.18), porque isso é impossível à sua natureza verdadeira. Deus não pode enganar porque ele é bom e também não pode falar falsamente, porque ele é a verdade.

[218] C. Hodge, *Systematic Theology*, vol. 1, 410.

Deus não pode ser infiel porque, se o fosse, negaria a si mesmo (2Tm 2.13).

Deus não pode ser tentado (Tg 1.13), porque o maior não pode ser tentado pelo menor, nem este induzir aquele a fazer o que não lhe é próprio.

Deus não pode pecar, porque o pecado é uma imperfeição. Portanto, Deus não pode ser tentado porque a tentação implica querer algo que ele não tem, e Deus não pode desejar mais do que já tem. Seu entendimento é infalível e, portanto, ele não pode desejar algo que possa lhe parecer melhor do que o que já possui.

Deus não pode deixar de manifestar a sua justiça, porque, se o fizer, nega a sua própria santidade.

Estas impossibilidades em Deus não são indício de fraqueza nele, mas mostram que o seu poder é a capacidade de exercer força somente naquelas coisas que combinam com a sua natureza. É nesse sentido que a sua natureza regula a manifestação do seu poder.

c. É um Poder Governado pela Vontade Decretiva

O poder de Deus não é simplesmente regulado pela sua natureza. Há um outro fator importantíssimo que deve ser levado em conta. Deus pode fazer muitas coisas que em si mesmas não contrariam a sua natureza, mas ele não as faz. Por exemplo: Jesus pediu ao seu Pai que passasse dele o cálice, se fosse possível (Mt 26.39). Em si mesmo, isso poderia acontecer. Deus tinha o poder de retirar de Cristo esse "sofrimento". Contudo, não é a oração das pessoas que rege o poder de Deus. Cristo iria beber o cálice porque isso estava ordenado por Deus. Era uma decisão irrevogável. Entendendo isso, Jesus, então, disse: "Todavia, seja feito como tu queres". Por que Deus não fez como Jesus pediu? Porque o seu pedido não fazia parte do seu propósito na história dos homens. Deus exerce o seu poder somente quando há um decreto da sua parte para que isso aconteça. Pelo seu poder absoluto, Deus poderia ter livrado Jesus Cristo, mas por causa do seu poder ordenado, ele fez Jesus Cristo beber o cálice. O seu decreto imutável faz com que o seu poder seja manifesto no cumprimento de sua vontade soberana.

Assim como a sua natureza regula o poder de Deus, a sua vontade soberana determina o exercício do seu poder. Deus só faz o que decide fazer. As ações de Deus na história são governadas pelos seus decretos eternos.

Por exemplo, as Escrituras dizem que Deus criou todas as coisas, e atribui a origem de todas elas à sua vontade (Ap 4.11). O poder criador de Deus somente foi exercido por causa da vontade determinadora de Deus; as Escrituras também dizem que o sangue de Jesus Cristo foi "conhecido, com efeito, antes da funda-

ção do mundo [esta é a vontade decretiva de Deus], porém manifestado no fim dos tempos [este é o poder ordenado de Deus agindo na história dos homens], por amor de nós" (1Pe 1.20).

Nada acontece criadora, providencial ou redentoramente, na história do mundo, que esteja fora da vontade decretiva de Deus.

d. É UM PODER NÃO COMUNICADO AOS SERES HUMANOS

Como o conhecimento é um atributo comunicável, mas não a onisciência, assim também o poder é um atributo comunicável, mas não a onipotência. Nenhuma criatura tem o atributo da onipotência, porque ele é exclusivo da divindade. A limitação e a finitude das criaturas são inconsistentes com a onipotência. O poder absoluto e ordenado de Deus, que são um poder só, lhe pertencem intrínseca e essencialmente. O poder que os homens possuem é derivado e, portanto, finito. Não é da essência do ser humano o poder, embora seja uma das coisas que ele mais procure. Se o poder for tirado do homem, ele ainda continua a ser humano, mas de Deus não o podemos tirar ou ele não mais será Deus.

Um exemplo de que o atributo da onipotência não é comunicado aos seres humanos está no fato de eles não poderem imprimir leis morais na mente dos seus pares. Nenhuma pessoa pode inclinar o coração de outra a fazer o que a primeira quer. Porém, Deus pode fazer isso pelo seu poder. Por isso, as Escrituras dizem que o Senhor, "segundo o seu querer, inclina o coração do rei" para onde ele quer, pois o coração do rei está "nas suas mãos" (Pv 21.1). Essa atribuição poderosa é somente divina. Só ele tem poder de penetrar o íntimo dos homens e imprimir neles os seus pensamentos e as suas leis. Os seres humanos não conhecem o seu próprio coração e, por isso, não possuem poder sobre ele.

Se isso é verdadeiro do mais interior do nosso ser, imagine-se a incapacidade dos seres humanos para trazer à existência o que não existe ou, para falar em termos soteriológicos, fazer alguém ser gerado e nascido de novo! Isso é impossível para um poder limitado. É somente pela determinação da vontade soberana e pelo poder soberano que estas coisas podem acontecer.

C. CARACTERÍSTICAS DO PODER DE DEUS

1. É UM PODER ESSENCIAL E INERENTE EM DEUS

Os governantes humanos recebem o seu poder e a sua autoridade do povo ou daqueles que os colocaram no poder. A autoridade não é da pessoa de um presidente da república, mas do seu cargo. Quando ele termina o seu mandato, termi-

nam sua autoridade e o seu poder, porque ambas as coisas lhe foram delegadas temporariamente.

Com Deus é absolutamente diferente. O seu poder e a sua autoridade vêm da sua própria natureza divina. Essas coisas pertencem original e essencialmente a ele. Deus não deriva de ninguém o seu poder. Este lhe é inerente. O salmista diz essa verdade de maneira curiosa: "Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: Que *o poder pertence a Deus*" (Sl 62.11), e a ninguém mais! O homem tem poder, mas Deus é poder!

Esse poder é visto na força que Deus tem para agir sem meios, e os meios usados não possuem qualquer força se não forem manejados por Deus. As suas criaturas recebem o poder que vem de Deus e, então, agem conforme o que recebem, através da atuação miraculosa de Deus na sua vida, por canais invisíveis.

Como o poder de Deus é inerente a ele, seu poder não pode ser separado de sua essência. Como a luz não pode ser separada do sol, assim o poder não pode ser separado de Deus. O poder que Deus tem de agir é identificado com a própria natureza divina, porque lhe é essencial, embora o resultado do seu poder termine na criação. Se o poder de Deus fosse distinto da sua essência, Deus não seria simples, mas composto. Por essa razão é até melhor falar do Deus poderoso do que do poder de Deus, como se os dois fossem distintos. De fato, o poder de Deus não é distinto da sua essência. É por causa da essencialidade do seu poder que afirmamos claramente que a onipotência é incomunicável às suas criaturas. Seria uma inconsistência as criaturas possuírem a essência divina. Ser onipotente é ser essencialmente Deus. Por isso, as criaturas não podem ser onipotentes: porque elas não possuem a essência da divindade.

Todavia, o problema da essencialidade da onipotência em Deus foi de grande controvérsia no tempo da Reforma. Nesse tempo, os luteranos afirmavam categoricamente que a natureza humana de Jesus Cristo recebeu os atributos da onisciência, onipresença e onipotência de Deus. Foi a controvérsia sobre a comunicação de atributos. Os calvinistas lutaram contra a idéia luterana afirmando que a natureza humana não podia receber a onipotência, porque esta é própria unicamente da divindade. Se a onipotência fosse comunicada à natureza humana de Jesus Cristo, ela já não seria mais humana. Muito amargor veio sobre a igreja nessa época, mas uma coisa deve ficar clara: a onipotência é essencial à divindade, nunca à natureza humana.

2. É um Poder Infinito

Paulo exalta o poder de Deus, quando fala "da suprema *grandeza do seu*

poder para com os que cremos, segundo a eficácia da *força do seu poder*" (Ef 1.19). Deus é a fonte de todo poder, e o seu poder é inesgotável porque é infinito! Se Deus tivesse o poder que os homens têm, um poder finito, ele não seria Deus e não poderia ter feito o que fez. Paulo diz que o poder de Deus vai além do que podemos imaginar que ele possa fazer. Por isso, ele diz:

> Ef 3.20 – "Ora, àquele que *é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos*, conforme o seu poder que opera em nós."

O texto não está falando apenas do que pedimos em oração, mas das coisas que imaginamos. Deus é tão infinitamente poderoso que nossa imaginação não é suficiente para aquilatar aquilo de que ele é capaz. O seu poder alcança alturas inimagináveis, tão infinito que ele é.

Os seres humanos podem querer o poder e alguns deles até alcançam algum poder, que lhes é conferido, mas Deus é poder personalizado. Não é de se espantar que um de seus nomes na língua grega seja *pantokrator*, o Todo-Poderoso!

Não há nada que seja difícil para o todo-absoluto poder de Deus. Foi por esse poder que as coisas que não existiam vieram a existir ("pela palavra do seu poder" – Hb 1.3). Ninguém, exceto o Todo-Poderoso, pode fazer isso. Os seres humanos podem trabalhar com os materiais e dividir os elementos, mas não podem trazê-los à existência. Os homens podem trabalhar com a vida, mas não podem trazê-la à existência. É necessário haver um poder infinito para que essas coisas venham à existência e sejam mantidas. E a grandeza do poder de Deus não tem fim! Ela está acima da nossa concepção, compreensão e avaliação, porque é infinito esse poder. A infinidade do poder está vinculada à infinidade da própria essência divina.

A infinidade do poder de Deus consiste na sua capacidade de fazer muito mais do que ele fez. Deus poderia ter feito muito mais mundos e seres celestiais e humanos, assim como animais de toda espécie, mas ele fez somente aquilo que havia decidido fazer. Não há limite para o poder de Deus. Todavia, a execução do seu poder é, como já vimos, controlada pelos seus decretos.

Deus não pode ser mais poderoso do que é, porque ele é o poder supremo. Ele não pode ser maior porque é o maior. Não pode ser melhor porque é o melhor. Nada pode ser mais do que infinito. Os seres humanos crescem em poder porque o poder lhes é conferido, mas o poder de Deus é o máximo. Ninguém é mais poderoso do que Deus. Não há nenhum outro semelhante a ele em poder. Ele próprio pergunta:

> Is 40.25, 26 – "*A quem, pois, me compararei para que eu lhe seja igual*? diz o Santo.

> Levantai ao alto os olhos, e vede. *Quem criou estas coisas*? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; *por ser ele grande em força e forte em poder*, nem uma só vem a faltar."

O seu infinito poder é ilustrado nesta passagem que trata da criação dos maiores astros do universo, que são as estrelas, pois possuem proporções astronômicas. No entanto, obedientemente, todas elas, em número incontável, respondem "presente" ao chamado do Deus Todo-Poderoso. É inigualável e infinito o seu poder!

3. É um Poder Eterno

A infinidade do poder divino está intimamente conectada com a eternidade do próprio Deus. Se quisermos usar o sentido popular da palavra eternidade, podemos dizer que o poder de Deus dura para sempre. Em Romanos 1.20, Paulo fala dos atributos de Deus que são mostrados nas obras da natureza, incluindo o seu "*eterno poder*". Esse poder eterno está vinculado aos atos criadores de Deus, o qual foi exercido quando ainda o tempo, como o conhecemos, não existia. Foi o seu poder que criou o tempo e todas as demais coisas. Nesse sentido é que é dito que o seu poder é eterno: ele foi exercido antes de haver tempo. Por sua palavra todas as coisas vieram a existir num "tempo" quando o tempo não existia ainda.

O poder de Deus é eterno porque não sabemos nada do seu começo e nem temos idéia do seu fim. Ele é eterno também no sentido de não possuir limites, fronteiras. Nesse sentido ele se parece com a sua infinidade. O poder de Deus não cessa nunca. Deus exerce o seu poder, a sua força, e nunca é como os homens, pois ele jamais se cansa. Isaías usa a seguinte expressão: "Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga?" (Is 40.28).

Portanto, Deus vai exercer o seu poder para sempre, e os seus filhos perceberão essa característica do seu ser e serão grandemente beneficiados por ela. Em nossa fraqueza, seremos fortalecidos pelo seu poder. É promessa nesse mesmo capítulo de Isaías que "os que esperam no Senhor renovam suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam" (Is 40.31). Isso mostra a nossa força dependente daquele que possui o poder independente, que não se cansa nunca. Deus é a fonte eterna de poder e que, em alguma medida, o comunica aos seus para consolá-los e animá-los para sempre.

D. ESFERAS DE AÇÃO DO PODER DE DEUS

Não é difícil pegar uma chave-bíblica e verificar as muitas esferas de ação do poder de Deus. A seguir, são mostradas apenas algumas manifestações desse seu poder que são mais notórias entre nós. Contudo, elas não esgotam o que Deus faz poderosamente em favor das criaturas, por seu amor a elas, e contra elas, por causa dos seus pecados.

1. O PODER DE DEUS NA CRIAÇÃO

Todas as coisas que há no mundo demonstram o poder majestoso de Deus! O mundo é o teatro da glória divina (1Cr 29.11, 12). Todas as coisas do universo manifestam a glória de Deus. Todavia, a grandeza do poder de Deus vê-se de maneira extraordinária no modo e no resultado da criação. A sua onipotência se revela claramente de maneira miraculosa no *fiat* da criação. Deus apenas falou e tudo veio a existir (Gn 1.3,6,14; Hb 11.3). O firmamento é chamado de "obra do seu poder" (Sl 150.1).

Quando contemplamos os céus e vemos as estrelas, perguntamos: de que foram formadas em suas órbitas? Todas elas foram feitas sem material algum. A obra imponente da criação veio do *nada*. Que instrumentos Deus, o Arquiteto do universo, usou para ajustar as diversas partes da sua criação com tanta exatidão? Como tudo veio a ser uma estrutura maravilhosamente bem formada? Apenas uma *ordem* dele e nada mais (Sl 33.6, 9). O profeta Jeremias, depois de refletir sobre a obra da criação dos céus e da terra, diz a Deus:

> Jr 32.17 – "Ah! Senhor Deus, eis que fizeste os céus e a terra com o teu *grande poder* e com o teu braço estendido; cousa alguma te é demasiadamente maravilhosa."

O raciocínio do profeta é o seguinte: se pôde fazer os céus e a terra, que são a maior expressão já vista do poder de Deus, nada mais é difícil para Deus. Nada mais pode ser demasiadamente maravilhoso para Deus se ele já fez o universo. Nada deve espantar mais os homens, se "o mais difícil foi feito".

a. PODER EXERCIDO IMEDIATAMENTE

Para fazer alguma coisa o homem precisa de ferramentas, instrumentos ou, no mínimo, de material preexistente. É impossível para os seres humanos fazer qualquer coisa apenas por si mesmos. Deus, contudo, operou imediatamente, sem possuir material ou ajudante. Ele não precisou de meio algum, nem teve qualquer assistente na sua obra criadora. Ele disse: "Eu sou o Senhor que faço todas as cousas, que sozinho estendi os céus, e sozinho espraiei a terra" (Is 44.26b).

Sua Palavra criou todas as coisas *ex nihilo*, do nada, pois o salmista diz: "Pois ele falou e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir" (Sl 33.9). Também devemos insistir que Deus criou tudo sem ter material preexistente (Rm 4.17). Este é o poder de Deus manifestado como produto do seu decreto, sendo, portanto, o seu poder ordenado.

A onipotência de Deus na criação é sempre exercida imediatamente, isto é, ele usa o seu poder absoluto. Deus opera sozinho, sem o uso de material ou de lei preexistente. Há a operação da Primeira Causa somente, não de causas secundárias.

b. Poder Exercido Mediatamente

Outras coisas ele criou através de material já existente. Nesse caso ele usou meios, como a própria terra, de onde surgiram ervas (Gn 1.11) e animais (Gn 1.24), assim como criou a parte física do homem do pó da terra, já existente. Essa é a criação mediata de Deus.

De qualquer forma, mediata ou imediatamente, a criação toda testemunha o grande poder de Deus e sua completa independência de todas as coisas criadas (Is 44.24).

2. O Poder de Deus na Preservação

Deus não somente decretou criar as coisas mas também decretou preservá-las. Assim como Deus usou o seu poder para criar o que havia decretado, também teve que usá-lo para preservar tudo o que foi criado.

Nenhuma criatura tem o poder de preservar-se a si mesma (Jó 8.11).Todos haveriam de perecer se não houvesse a obra providencial de preservação. Sem o alimento, as ervas verdes, os homens, os animais, as plantas, tudo morreria. Se Deus não regasse a terra com as chuvas e o orvalho, as ervas verdes e todo tipo de alimento também não poderiam ser produzidos. Deus preserva "sustentando todas as coisas pelo seu poder" (Hb 1.3).

Que maravilha é observar a preservação da vida pré-natal. Durante nove meses o ser humano vive num lugar tão pequeno, sem respirar, e sem alimentação direta. Isso só pode ser explicado pelo maravilhoso poder preservador de Deus, *potencia ordinata* de Deus! (Sl 66.9). É por isso que o salmista afirma: "Tu preservas os homens e os animais" (Sl 36.6b).

A preservação da terra da violência do mar é outro exemplo claro do poder ordenado de Deus. Como esse elemento furioso se mantém encerrado nos seus limites, sem inundar a terra? (Jó 38.8-11). Que monumento mais permanente ao poder de Deus é a preservação do mundo!

Na abóbada celeste todos os astros caminham sem se chocarem, porque todos eles obedecem as leis estabelecidas por Deus. Pelo seu poder, através das eras, seguindo em suas órbitas, todos os corpos celestes caminham suavemente e em plena harmonia. Isso é produto da manutenção e preservação do Deus Todo-poderoso!

Sempre na sua obra providencial Deus usa o seu poder ordenado. Nela vemos a sua obra mediata. Todavia, as ferramentas que ele usa são criadas de modo imediato. Ele usa as leis já previamente estabelecidas para executar sua obra providencial de preservação. São as causas secundárias em exercício.

Exemplos: Deus causa o aquecimento da atmosfera pelos raios do sol, e não pelo exercício direto do seu poder absoluto; Deus governa os astros pelas leis físicas; Deus preserva alguns animais usando outros animais que ele criou; Deus preserva o solo enviando chuvas, e não pelo seu poder absoluto, etc.

3. O PODER DE DEUS NA PROPAGAÇÃO DOS SERES VIVENTES

A mesma poderosa palavra que trouxe toda matéria à existência, quando da criação inicial, também ordenou, agora para as criaturas já existentes: "Crescei e multiplicai" (Gn 1.22). Sem possuir qualquer entendimento de uma ordem verbal, todos os seres viventes (animais domésticos, répteis, selváticos), capacitados pelo próprio poder de Deus, multiplicaram-se segundo a sua espécie.

Desde a criação, de uma maneira coordenada, eles vêm sendo mantidos em equilíbrio, enchendo a terra. É tremendamente espantoso observar os milhares de espécies diferentes de animais, sem contar as muitas espécies e variações de outros seres viventes, ainda não catalogados, que estão espalhados por este mundo, e que ainda se multiplicam.

Que poderemos dizer se falarmos, então, da propagação dos seres humanos. Que maravilha! O salmista, boquiaberto, exclama:

> Sl 139.14 – "Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis!"

Ele está se referindo à propagação da raça humana dentro do ventre materno. Você já pensou se Davi conhecesse os segredos que a ciência moderna já descobriu a respeito dos *genes* humanos? É interessante observar quão maravilhosa é a maneira como recebemos os *genes* de nossos pais. O recente progresso da genética nuclear tem causado espanto em nós. Pelo "Projeto Genoma" podemos conhecer os detalhes de todos os *genes* humanos que são determinantes para a vida, desde a concepção. Essa pesquisa prova a maneira maravilhosa

como fomos formados. Isso é o poder de Deus que está sendo descoberto cientificamente, mas a grande questão é os cientistas não reconhecerem nessas coisas o poder de Deus. Por causa da sua rebeldia natural contra Deus, muitos deles admitem o poder da natureza, da mãe natureza, mas não atribuem a glória da reprodução humana ao Todo-poderoso.

Há, todavia, muitas coisas da nossa propagação que nunca terão explicação científica, porque sobrepassam aquilo que é ciência. Muito mais coisas estão envolvidas em nosso ser interior, que vão além da matéria ou do que se pode averiguar pela pesquisa do nosso intelecto ou emoções. Há uma esfera na nossa existência que não admite averiguação científica, mas que, pela fé, entendemos que é parte da nossa formação espiritual, que não é detectada através do estudo de nosso cérebro ou de quaisquer outras células. Ninguém consegue explicar o nosso espírito (ou alma). Podemos analisar o cérebro, mas este é apenas o veículo tangível por onde todas as "informações" passam, mas a nossa alma é muito mais profunda. Embora ela seja parte essencial de nosso ser, ela está muito além da averiguação exata. Ela é um grande mistério, ainda. Nós somos alma, assim como somos corpo. No entanto, conhecemos muito pouco dessa grande obra de Deus, que está toda feita e tudo já está potencialmente pronto em nós, desde que somos concebidos, no ventre de nossa mãe. A formação do ser humano é maravilhosa! É obra do Deus onipotente e os estudiosos ficam espantados com a beleza da natureza humana, sem, contudo, dar glória ao Criador.

4. O Poder de Deus no Movimento de Todas as Criaturas

Do mesmo modo maravilhoso em que as criaturas são feitas, assim também elas se movimentam. O mesmo poder criador é o poder motor de todas as coisas. Por essa razão, Paulo, expondo sobre esse único Deus verdadeiro aos politeístas gregos, disse: "Pois nele vivemos, nos *movemos* e existimos" (At 17.28). Nada acontece fora de Deus. Deus participa da vida de todos os seres viventes de tal forma que eles não fazem um só movimento que seja à parte ou separado do poder de Deus. É a sabedoria divina que organiza os movimentos, mas é o seu poder que move todas as coisas. Os seres humanos vivem sob o poder de Deus, de modo que é inescapável a atuação desse poder em suas vidas. De maneira muito correta Hoekema diz que essa é a característica do homem como criatura: "Em cada movimento que fazemos, somos dependentes dele. Não podemos levantar um dedo à parte da vontade de Deus".[219]

Não somente os seres viventes, mas todas as coisas criadas têm a sua exis-

[219] Anthony Hoekema, *Created in God's Image* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), 5.

tência e movimentos naquele que a filosofia chama de o Primeiro Motor. Deus é a causa de todo movimento.

Certamente um cardiologista incrédulo não concordará com o que vou dizer agora: os movimentos de sístole e diástole do coração humano são provas do poder mantenedor de Deus em nós. Não são apenas os impulsos elétricos que fazem os movimentos do coração, mas há algo além disso. Quando Deus retira o seu poder de nossos órgãos vitais, eles param de funcionar inexplicavelmente. Os movimentos da musculatura lisa de nossos órgãos vitais funcionam matematicamente certos, até que a vida seja retirada de nós. Esses movimentos vitais, que não dependem de um ato consciente nosso, são produto do poder de Deus em nós. Somente um médico cristão é que pode entender essas coisas. Há uma força mais do que natural que preserva os seres vivos e os torna "animados", isto é, com movimentos. Esse poder é divino. É assim que eu creio!

Todas as criaturas e os corpos celestes têm os seus movimentos gerados por Deus, mediata ou imediatamente; isto é, através do ato direto do seu poder ou através das leis fixas que são as causas secundárias, produto da sua inteligência poderosa. Onde quer que a natureza esteja funcionando, lá está Deus. A natureza é o instrumento através do qual Deus opera poderosamente, como diretor e movedor dela. O profeta Isaías compreendeu que as nossas obras, antes de serem nossas, são de Deus em nós. Por isso, disse: "Senhor concede-nos paz, *porque todas as nossas obras tu a fazes por nós*" (Is 26.12).

5. O PODER DE DEUS NO GOVERNO DAS AUTORIDADES

Deus tem o controle sobre todas as potestades deste mundo, mesmo as espirituais. Tome-se como exemplo o caso de Satanás. A Bíblia diz que ele é "como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8). Ele está cheio de ódio contra Deus e contra os que são de Deus. Se ele pudesse, trataria a todos como tratou Jó: Ele enviaria fogo sobre os frutos da terra, destruiria o gado, derrubaria as casas com o vento, cobriria os corpos dos homens com chagas malignas. Embora os homens não dêem conta disto, isto não acontece porque Deus o impede de realizar os seus propósitos. Deus atua sobre as potestades espirituais, refreando a ação delas neste mundo. Elas só agem até onde os propósitos de Deus são cumpridos. Nunca esses limites são ultrapassados. Reconhecendo esse poder de Deus, os demônios disseram a Cristo: "Se nos expeles, manda-nos para a manada dos porcos" (Mt 8.31). O poder de Deus sobre as potestades espirituais é mostrado no fato de elas serem expulsas da vida dos homens. O governo moral de Deus é soberano na existência e na atividade dos seres angelicais. Estes são governados pelo poder do Senhor dos céus e da terra.

Da mesma forma, Deus restringe a corrupção natural do homem. Ele faz com que haja a manifestação de muitos pecados para mostrar a miséria humana advinda da apostasia do homem. Mas quem poderá imaginar os horrores produzidos pela pecaminosidade humana, se Deus não a refreasse? Se Deus não segurasse a maldade humana, quem suportaria viver neste mundo? *Todos* os descendentes de Adão seriam capazes de, em toda a sua plenitude, fazer o que Paulo diz:

> Rm 3.14-16 – "a boca eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos."

Se Deus não tivesse governo poderoso sobre as autoridades, seríamos esmagados por sua maldade e violência. Se não fosse o poder de Deus "que inclina o coração do rei para onde ele quer" (Pv 21.1), todas as autoridades humanas seriam mais ímpias ainda do que Hitler ou qualquer outro ditador impiedoso que este mundo já conheceu. É o poder refreador de Deus, no governo do mundo, que torna a vida suportável e até boa no meio de tantos governantes pecadores!

6. O Poder de Deus no Governo Moral do Mundo

Deus não somente governa as autoridades espirituais e as autoridades humanas, mas pelo seu poder, ele governa a manifestação do mal moral no mundo. Este mundo não está entregue a si mesmo, perdido como se não houvesse controle sobre ele. Deus está no trono e, como rei que é, exerce poder sobre o mal moral de forma que tudo o que acontece seja o cumprimento dos seus planos para a história do mundo.

Há na igreja evangélica uma idéia de que Satanás é o rei deste mundo, exercendo domínio e senhorio sobre ele. Não há nada que esteja tão longe da verdade. O mundo não está num caos. Há um grande Rei sobre todas as coisas. Se assim não fosse, Satanás faria com todas as pessoas o que fez com Jó. Ele tentou derrubar Pedro (Lc 22.31), como tenta ainda hoje levar de roldão a igreja de Jesus Cristo, "porque ele é como leão que ruge, procurando alguém para devorar" (1Pe 5.9). Contudo, ele esbarra no poder de Deus que o controla. Satanás tem o seu poder limitado pelo Todo-poderoso e deve respeito a ele. A sua ação é delimitada pelos decretos do Altíssimo. Portanto, o mal nunca haverá de triunfar sobre o bem, porque Deus está no controle moral do universo.

O que foi dito de Satanás também é dito dos seres humanos. Eles não pecam além do cumprimento dos planos de Deus. Estes são executados pelo poder de Deus. Se os homens fossem entregues à sua própria natureza pecaminosa, eles

pecariam desenfreadamente, sem limites, pois essa natureza os obriga a fazê-lo. Contudo, graças ao poder refreador de Deus, o mal moral acontece dentro dos limites previamente planejados por Deus, a fim de que os seus propósitos sejam todos realizados. Nenhum ser humano peca além dos limites impostos pelo poder soberano de Deus. Deus está no controle moral do universo dos homens também!

7. O Poder de Deus no Governo de Sua Graça Redentora

Nosso Redentor Jesus Cristo é chamado poder de Deus e sabedoria de Deus (1Co 1.24). Tudo o que diz respeito ao Redentor e à nossa redenção é produto do maravilhoso poder de Deus.

a. Quanto ao Redentor

Deus exerceu o seu poder absoluto na concepção de Jesus Cristo, quando atuou na vida de Maria, de modo sobrenatural. As Escrituras dizem que "o poder do Altíssimo" envolveu Maria (Lc 1.35). É obra miraculosamente poderosa a concepção de Jesus Cristo. Foi pelo poder de Deus que Jesus Cristo foi gerado sem qualquer pecado, e pôde ser chamado de "ente santo".

Deus exerceu o seu poder absoluto na ressurreição de Cristo para a nossa salvação, quando operou diretamente, sem a intervenção de meios (1Co 6.14; 2Co 13.4; Ef 1.19, 20).

b. Quanto aos Redimidos

Na aplicação da salvação, Deus também exerce o seu poder absoluto, porque ele opera diretamente, sem causas secundárias, especialmente porque a regeneração tem a característica de um poder criador de Deus. Paulo fala de dois tipos de criação: a natural e a espiritual. Por isso, ele diz que "somos feitura de Deus [criação natural], criados em Cristo Jesus [criação espiritual] para as boas obras..." (Ef 2.10). Pela criação natural viemos a existir. Por meio da criação espiritual viemos a ser o que não éramos antes: vivos, em sintonia com Deus.

Nessa recriação, Deus torna o inferno em céu, a inimizade em amizade, a morte em vida, as trevas em luz. E isso tudo ele faz imediatamente, pelo poder do seu Espírito.

O poder de Deus é visto na nossa santificação (Ef 3.20; Jd 24). Não há como limpar as profundezas do ser humano sem uma atuação poderosa de Deus, através da sua Palavra e do seu Espírito.

O poder de Deus é visto em nossa ressurreição, que será efetuada no último dia (Fp 3.21; 1Co 6.14).

O poder de Deus é manifesto também para enxertar de novo os judeus na oliveira natural, salvando-os (Rm 11.23).

Todas as coisas espirituais (a serem mencionadas na *ordo salutis*) que nos são dadas por Deus, implicam a sua atuação poderosa. Por isso Pedro diz: "Visto *como pelo seu divino poder* nos têm sido *doadas todas as cousas* que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude" (2Pe 1.3). Nada do que concerne à nossa salvação escapa da manifestação poderosa de Deus.

8. O Poder de Deus no Governo Judicial do Mundo

Várias vezes Deus mostrou o seu poder enviando os seus juízos parciais sobre o mundo ímpio. O que aconteceu nos dias de Noé é uma ilustração do poder julgador de Deus, que abriu as comportas celestes para fazer descer a sua ira sobre os homens, por causa dos seus pecados. Referindo-se de passagem ao evento de Noé e, ao mesmo tempo, tratando dos juízos de Deus, o profeta Amós disse: "Deus é o que edifica as suas câmaras no céu e a sua abóbada fundou na terra; é o que chama as águas do mar e as derrama sobre a terra; Senhor é o seu nome" (Am 9.6). A abundância de água que caiu sobre a terra foi tirada certamente da evaporação do mar, para que pudesse cobrir toda a superfície da terra (Gn 7.17-20). Se aconteceu dessa maneira, o seu poder foi manifesto de maneira mediata, isto é, através do processo da evaporação, mesmo que a níveis elevadíssimos. Mas Deus fez isso com o seu poder.

O mesmo poder de juízo pode ser visto na punição de Sodoma e Gomorra. Neste caso, a chuva foi não de água, mas de fogo e enxofre. Ali também Deus exibiu o seu poder de maneira maravilhosa, quando a sua justiça foi manifesta por causa da sua santidade. O fogo e enxofre certamente Deus não retirou da própria terra. Parece-nos que a sua ação de juízo foi imediata, direta, sem o uso de leis ou processos naturais. O texto das Escrituras diz: "Então fez o Senhor chover enxofre e fogo, *da parte do Senhor*, sobre Sodoma e Gomorra" (Gn 19.24). Os elementos ardentes vieram diretamente da parte de Deus. Não foi um processo natural, mas ele o fez de uma maneira miraculosamente poderosa!

Esses dois exemplos são indicativos e típicos do seu poder de juízo que terá a sua manifestação plena no dia final. Nesse dia, o poder daquele que está assentado no Trono e do Cordeiro, será estonteante! Todos se dobrarão diante da divindade inigualavelmente poderosa! O evangelista Mateus narra que a vinda de Jesus Cristo será cheia de poder glorioso (Mt 24.30). Todos os homens vão tremer diante do seu poder de juízo.

Numa visão apocalíptica da queda da Babilônia, João narra: "Por isso, em um só dia, sobrevirão os seus flagelos: morte, pranto e fome; e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou" (Ap 18.8). Para o exercício do juízo é necessário haver poder. E o exercício do juízo é característica da realeza. É por isso que somente Deus pode ser juiz de toda terra: porque ele é o Todo-poderoso! Por isso, ninguém pode resistir aos seus juízos (Ez 22.14-16).

E. COROLÁRIOS DO PODER DE DEUS

É maravilhoso que a plenitude de poder esteja nas mãos de Deus. Não há melhor lugar para ela estar porque Deus usa o seu poder para trazer resultados benéficos na vida do seu povo. Você já pensou se o poder estivesse nas mãos dos homens pecadores e dos anjos caídos? Se eles detivessem o poder, que malefícios haveriam para todos nós! Todavia, há bênçãos indizíveis que advêm do fato de pertencermos ao Deus verdadeiro, o detentor de todo poder! Esta perfeição de Deus traz segurança para você, cristão. Deus tem todo o poder em suas mãos e ele quer lhe assegurar que esse poder seja, em alguma medida, manifesto já nesta vida e, certamente, em grande medida, na vida por vir.

1. VOCÊ TERÁ CONFORTO NAS AFLIÇÕES

Quão confortável é para você saber que Deus usa o seu poder para o seu bem! Se você está nos braços do Deus onipotente, certamente você terá conforto nas suas horas de aflições, venham elas do maligno, dos homens ou da própria providência divina. Os males que possam vir sobre nós não serão insuportáveis, porque o poderoso Deus nos consola. Ele pode até nos ferir, mas é ele mesmo quem nos sara as feridas. Ele pode dar a dor, mas dele vem a consolação! O mesmo Deus que pode causar as nossas aflições tem o poder para pôr em ordem as nossas emoções e ajustá-las devidamente. Quando os males vêm dos homens e de Satanás, eles não possuem o poder de nos trazer conforto. Essa é uma prerrogativa unicamente do poder divino! Um dos nomes de Deus é *El-Shaddai*, aquele que é Todo-poderoso. Só ele nos conforta em nossas aflições. Por essa razão, o salmista disse: "O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra" (Sl 121.2), isto é, o Deus Todo-poderoso.

2. VOCÊ TERÁ SOCORRO NAS TENTAÇÕES

Porque o nosso Deus é poderoso, você será socorrido nas horas em que você sente mais fraqueza, que é a hora da tentação e de prova. O salmista já entendia dessa matéria, quando confessou: "Deus é o nosso refúgio e fortaleza; socorro

bem presente nas tribulações" (Sl 46.1). Ele vem em seu socorro, porque é poderoso para suster aqueles que são fracos (Rm 14.4).

Para que esse socorro esteja bem presente em nossa vida, Deus preparou o nosso Salvador para essa tarefa. Por isso, o escritor aos Hebreus disse: "Pois naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, *é poderoso para socorrer* os que são tentados" (Hb 2.18).

Além de nos socorrer poderosamente em nossa tentação, Deus "não permitirá que sejamos tentados além das nossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, nos proverá livramento, de sorte que a possamos suportar" (1Co 10.13). É o poder de Deus que nos livra de tentações sobre-humanas. Com seu poder Deus nos livra das tentações e impede outras mais fortes que não podemos suportar.

3. Você Terá as Promessas Cumpridas

Não há nada mais simples para Deus do que cumprir as suas promessas. Nós prometemos muitas coisas, mas não cumprimos porque nos falta o poder. Deus não é como os homens. Ele não somente é bondoso ao fazer uma promessa de bênção, mas é poderoso o suficiente para cumprir a promessa. Ele não somente é fiel, mas tem poder para ser fiel ao que promete. A onipotência de Deus faz diferença nesse assunto. Não é somente matéria de desejo, mas de capacidade de executar os desejos. Porque ele é onipotente, não há impossíveis para Deus. O que aos homens parece impossível, não o é para Deus (ver Mt 19.26; Mc 10.27).

Felizes somos nós que temos um Deus poderoso ao fazer-nos as promessas. Nele podemos esperar o cumprimento delas. Por essa razão, o salmista exclama: "Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no Senhor, seu Deus, que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e mantém para sempre a sua fidelidade" (Sl 146.5, 6). Observe a razão da bem-aventurança daquele que tem Deus como sua esperança: ele é poderoso o suficiente, pois fez o céu, a terra, o mar, etc. Nele você e eu podemos confiar. Quem é que pode duvidar do seu poder de fidelidade, se ele foi poderoso para fazer tudo que existe? Dele certamente receberemos o cumprimento de sua promessa, pois ele "mantém para sempre a sua fidelidade". Por quê? Porque é onipotente!

Um exemplo do poder para cumprir a sua promessa, impossível para os homens, é o caso de Abraão. Ele já era de cem anos, e Sara, sua mulher, já tinha entrado na menopausa. Não mais poderiam ter filhos. Todavia, Deus lhe prometeu um filho. Então, o texto das Escrituras diz de Abraão:

Rm 4.20, 21 – "não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era *poderoso para cumprir o que prometera.*"

Abraão glorificou a Deus porque ele sabia quem Deus realmente era. Por causa da sua vontade bondosa e do seu poder, Deus não falha nas suas promessas. Portanto, você e eu podemos ficar confiantes nas promessas do Senhor, porque ele é poderoso.

4. Você Terá Base para a Sua Segurança

Deus é poderoso para nos manter salvos até o fim. O seu poder fará com que sejamos livres do mal e tornados seguros até que a nossa salvação se complete. Por isso, Judas escreveu:

"Ora, à*quele que é poderoso* para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória..." (v. 24).

Deus não somente é poderoso para impedir que caiamos nas tentações, mas também poderoso para nos apresentar sem mancha diante de sua manifestação gloriosa. Ele não somente começa em nós a obra de salvação, mas também a completa, de forma que não devemos temer qualquer obra inacabada de Deus em nós. No final, seremos introduzidos no reino eterno e glorioso, de corpo e alma, completamente limpos, isto é, sem mácula, para receber a herança. Porque Deus é poderoso, você e eu podemos ter segurança.

5. Você Haverá de Ter o Temor de Deus

O poder de Deus certamente vai levar você a ter o temor dele. Este é um fato inescapável. O profeta Jeremias tratou deste assunto de maneira inequívoca:

Jr 10.6, 7 – "Ninguém há semelhante a ti, ó Senhor; tu és grande, e *grande é o poder* do teu nome. *Quem te não temeria a ti*, ó Rei das nações? *Pois isto é a ti devido*; porquanto, entre todos os sábios das nações e em todo o seu reino, ninguém há semelhante a ti."

Há algumas coisas importantes a serem comentadas aqui: 1) o profeta fala do poder do Senhor que é grande; 2) esse poder desperta o senso de temor nos homens. Não há como escapar do temor ao Senhor. O poder de Deus é tão grande que infunde reverência e respeito no coração dos homens; 3) Deus é merecedor do culto porque ele é poderoso e o único Deus. Os homens devem a Deus esse temor, que se evidencia num culto reverente ao seu poderoso nome.

6. Aplicação

a. O Poder de Deus Deveria Conduzir Você à Adoração Reverente

A sabedoria e o poder são duas qualidades que fazem com que tenhamos respeito pelas pessoas. Ora, esses dois atributos são perfeitos e infinitos em Deus. Portanto, o respeito que devemos a Deus por eles deve expressar-se na forma como o adoramos. Todas as religiões, mesmo as primitivas, adoram os seus deuses por causa do seu poder. Se isso é natural mesmo nos homens ímpios e ignorantes, quanto mais deve ser nos cristãos que crêem no Deus verdadeiro, que é absolutamente sábio e Todo-poderoso!

Nós nos curvamos diante do Todo-poderoso numa atitude de reconhecimento pelo seu poder e força, pelo temor do seu nome, e devemos adorá-lo com santa admiração e reverência. Na esfera horizontal, admiramos os reis e todos os que estão em autoridade por causa da sua força, que é derivada da autoridade que lhes é confiada pela posição que ocupam. Uma vez que perdem a sua posição, perdem também a força. Todavia, o poder é essencial em Deus. Ele não depende de nada nem de ninguém para ser poderoso e cheio de autoridade. Em Deus a autoridade vem do poder que lhe é essencial, nos homens é o inverso. O poder vem da autoridade que a posição lhe dá. Só esta verdade deveria colocar-nos ajoelhados e humilhados na sua santa e poderosa presença. Por essa razão, um sacerdote hebreu conclamou o povo de Deus para que o adorasse de maneira própria:

> 2Rs 17.36 – "mas ao Senhor, que vos fez subir da terra do Egito *com grande poder* e com braço estendido, a ele temereis e a ele vos prostrareis, e a ele oferecereis sacrifícios".

Os samaritanos estavam tendentes a outros costumes de adoração, durante o tempo do cativeiro e pós-cativeiro, quando receberam influência religiosa e cúltica de outros povos, como o contexto o demonstra. Todavia, somente o verdadeiro e poderoso Deus deveria receber a adoração sincera e reverente da parte de todos os homens.

Nós não deveríamos ser influenciados por nada, senão pela própria verdade de Deus, que inclui os preceitos do verdadeiro culto ao Deus que é espírito. Por essa razão, o sacerdote então fala aos samaritanos: "Os estatutos e os juízos, a lei e o mandamento que ele vos escreveu, tereis cuidado de os observar todos os dias; não temereis a outros deuses. Mas ao Senhor vosso Deus temereis..." (2Rs 17.38, 39). O Todo-poderoso é somente um. Somente ele merece o culto reverente. Ex-

pressando a própria idéia bíblica, devemos dizer a ele constantemente: "Porque teu é o reino, o poder e a glória, para sempre". A ele você e eu devemos isso!

b. Medite no Poder de Deus

A crença no poder da divindade é um dos estágios mais primitivos da religião humana. Todos os deuses cultuados pelos homens tiveram a característica de poder. Nunca qualquer divindade foi destituída de poder. As pessoas crêem nela e a temem por causa do seu poder. Por essa razão, os adeptos de todas as religiões fazem orações aos seus deuses, e esperam sempre neles.

Todos nós cremos no verdadeiro poder de Deus, sabemos que ele pode todas as coisas, que nada é impossível para ele. Todavia, não gastamos tempo meditando no seu poder. A história é cheia de exemplos do poder de Deus, mas simplesmente não paramos para refletir nesse poder. Quão grande é esse poder! Você precisa analisar cada uma das atividades divinas, com as grandes e com as pequenas coisas da criação, com os grandes e com os pequenos eventos da história. Esse Deus nosso é muitíssimo poderoso. Por isso, temos que gastar algum tempo meditando no seu poder, para que o glorifiquemos mais e tenhamos um melhor senso de verdadeira adoração do seu santo Nome. Não poderemos nunca glorificar devidamente o seu Nome sem considerarmos devidamente esse seu atributo.

c. Confie em Deus por Causa do Seu Poder

Como dissemos acima, o primeiro passo da religião é a confiança num Deus que tenha poder. Esse ponto é essencial para todas as religiões. Nunca ninguém haverá de confiar num Deus fraco e sem poder algum. Os homens criam deuses para si que sejam projeção deles próprios, mas num grau maior de poder do que eles próprios possuem. Todavia, o Deus das Escrituras é chamado de Todo-poderoso, sendo inigualável. Ele próprio desafia os homens a encontrar um Deus semelhante a ele. Ele é o poder por excelência. Portanto nele, você pode confiar.

O apóstolo Paulo era um varão poderoso em obras e palavras. Isso é fato inegável. Todavia, para evitar qualquer engano da parte dos coríntios com respeito à sua pessoa, dirigindo-se a eles, disse:

> 1Co 2.4, 5 – "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana e sim no poder de Deus."

Seja como for, a nossa confiança em Deus deve estar vinculada não somente ao seu amor, sua graça, sua justiça, mas no seu poder. Este atributo qualifica os

outros. Confiamos no amor de Deus porque é um amor que é vitorioso em nós, por causa do poder desse amor; confiamos na graça de Deus porque ela é uma demonstração do seu poder. Uma graça que não é poderosa não passa do mero oferecimento de um presente que não precisa ser aceito necessariamente. Mas a sua graça entra vitoriosamente dentro de nós por causa do seu poder; confiamos na sua justiça, porque o nosso Deus a manifesta de um modo poderoso a que nada resiste. Por essas razões "a nossa fé se apóia não na sabedoria humana, mas no poder de Deus".

d. Submeta-se e Refugie-se no Poder de Deus

Há horas em que não podemos fazer mais nada a não ser ficar quietinhos debaixo da poderosa mão de Deus. O poder de Deus deveria fazer-nos humilhados. É nesse sentido que Pedro nos exorta: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte" (1Pe 5.6). A melhor coisa que fazemos diante do poder de Deus é humilhar-nos. Quem somos nós diante do seu poder? A doutrina do poder de Deus é uma pancada no nosso orgulho, por causa de nossa fraqueza. Certa feita, Deus disse, através do profeta Isaías, o seguinte:

> Is 40.23-26 – "É ele (Deus) quem reduz a nada os príncipes e torna em nulidade os juízes da terra. Mal foram plantados e semeados, mal se arraigou na terra o seu tronco, já se secam, quando um sopro passa por eles, e uma tempestade os leva como palha. A quem, pois, me compararei para que lhe seja igual? diz o Santo. Levantai ao alto os olhos, e vede. Quem criou estas cousas?..."

E o texto prossegue mostrando o poder extraordinário de Deus. A melhor coisa que fazemos é dobrar os joelhos diante de um Deus assim. É reconhecê-lo como ele, de fato, é, humilhados diante da comparação com a nossa própria pequenez e fraqueza.

Como uma criança se aquieta nos braços fortes de seu pai, assim devemos nós nos colocar nos fortes e poderosos braços de Deus. Isso é bom para a nossa própria segurança.

Portanto, fique cabisbaixo, humilde na sua condição de criatura, com poderes finitos, delimitados pelo próprio poder soberano de Deus. Ao invés de questioná-lo, refugie-se no poder de Deus para a sua própria felicidade e para a glória dele. Só ele é o seu refúgio e a sua fortaleza!

Índice Remissivo de Textos

Gênesis
1.1 (28, 85, 115, 139)
1.2 (139)
1.3, 6, 14 (410)
1.11 (411)
1.22 (412)
1.24 (411)
1.26 (116, 118)
1.31 (257)
2.7, 8 (30)
2.18 (160)
3.5 (117)
3.17, 18 (282)
3.22 (116, 117)
6.3 (283)
6.5 (51, 228, 285, 357)
6.5, 6 (197)
6.5-7 (279)
6.8 (320)
6.13 (358)
6.17 (358)
7.17-20 (417)
8.1 (285)
8.22 (250)
11.7 (117)
12.1-3 (193)
14 (86)
14.18-24 (86)
14.19, 20, 22 (86)
16.1-13 (34)
16.7-13 (118)
16.10, 13 (119)
17.1, 2 (86)
18.1-15 (174)
18.1, 2, 22 (119)
18.2, 3, 22 (121)
18.10 (121)
18.11-14 (121)
18.12-15 (226)
18.25 (349, 357)
18.25-33 (119)
19.1 (119)
19.19, 23-29 (357)
19.24 (119, 417)
20.3-8 (34)
21.33 (87, 203)
22.14 (90)
22.15,16 (119)
28.3 (86)
28.13-17 (119)
31.11-13 (119)
32.24-30 (119)
32.29 (77)
35.11 (86)
41.38 (34)
43.14 (86)
48.3 (86)

Êxodo
3.1-4 (89)
3.2-4 (174)
3.2, 3, 4, 6 (120)
3.5 (336)
3.7, 8 (14)
3.7-9 (82)
3.8, 9 (92)
3.12-15 (90)
3.13, 14 (106)
3.13-15 (179)
3.14 (188)
4.22 (99)
6.1-5 (86)
7.1-4 (386)
7.2 (385)
8.1, 2, 20 (385)
8.15, 19 (386)
9.1, 12 (386)
9.14-16 (386)
14.19 (120)
15.11 (324)
17.15, 16 (91)
20 (174)
20.2, 3 (75)
20.5 (356)
20.5, 6 (293)
20.18-21 (174)
22.23, 24 (347)
23.23 (120)
25.10-22 (334)
28.2 (323)
29.31 (323)
31.13 (90)
32.10-14 (197)
32.34 (120)
33.2 (120)
33.19 (320)
34.6 (275)
34.7 (347)

Levítico
19.35, 36 (91)
20.8 (90)
21.8, 23 (91)
22.15, 16 (91)

Números
4.1-20 (334)
6.24-26 (116)
11.1, 10, 32, 33 (347)
14.16-19 (276)
14.18 (297)
16.1-49 (357)
20.1-13 (333)
20.16 (120)
23.19 (197, 248)
27.12-14 (333)

Deuteronômio
4.8 (327, 341)
4.35, 39 (76)
5.23 (85)
6.4 (13)
7.9 (249)
7.12-14 (342)
8.15 (85)
10.12-22 (88)
10.17 (88)
29.29 (386, 387)
30.9, 10 (377)
32.4 (195, 327)
32.5, 6 (99)
32.8 (86)
32.29 (396)
32.39 (13)
32.39-43 (347)
33.16 (120)

Josué
7.1, 11 (356)
7.1-26 (225, 226)
7.24, 25 (356)

Juízes
5.3 (92)
6.24 (91)
13.18 (77)
21.25 (23)

I Samuel
2.2 (76, 324)
2.3 (242)
15.11, 29 (198)
16.7 (226)
23.10-14 (229)

2 Samuel
5.19-25 (334)
6.1-11 (334)
23.2-4 (142)
24.16 (118)

1 Reis
8.4 (323)
8.27 (71, 209)
8.60, 61 (13)
19.5-7 (118)

2 Reis
17.36 (421)
17.38, 39 (421)
19.35 (118)

1 Crônicas
21.11, 12 (295)
21.13 (295)
28.9 (226)
29.10-12 (365)
29.11, 12 (410)
29.14 (268, 345)
29.16 (345)

2 Crônicas
2.6 (173)
6.14, 15 (342)
16.9 (217)
20.6 (365)
22.1-9 (377)
27.6 (373)

Esdras
9.13 (278, 283)
9.15 (341)

Neemias
9.8 (341)
9.17 (275)

Jó
5.9 (215)
8.11 (411)
11.7 (18, 164, 207)
11.5-9 (236)
11.7-9 (215)
12.12, 13 (236)
12.13, 16 (242)
15.16 (284)
23.13 (365)
23.13, 14 (190)
26.14 (71)
28.12-28 (242)
31.4 (227)
33.5 (139)
33.13, 14 (279)
34.10 (324)
34.14, 15 (15)
34.21 (227)
35.10 (115)
36.26 (71, 205, 210, 215)
37.5 (71)
38.8-11 (211)
38.41 (257)
41.11 (343)
42.2 (190, 365)

Salmos
2.7 (134)
2.11 (336)
7.9 (228)
7.11 (347)
9.2-8 (86)
10.4 (47)
10.11, 13 (48)
14.1 (45, 49, 50)
14.3 (49)
19 (28)
19.1 (29)
19.8-10 (327)
22.28 (365)
23.1 (91)
23.6 (289)
27 (86)
27.10 (217)
33.5 (258)
33.6-9 (139)
33.6, 9 (410)
33.9 (411)
33.10, 11 (182)
33.11 (192)
33.15 (228)
36 (257)
36.5 (247, 248)
36.6 (214, 411)
36.6c (257)
36.7, 8 (257)
40.8 (373)
41.13 (204)
46.1 (419)
46.1-5 (217)
47.2 (86)
47.2, 3, 7, 8, 9 (365)
50.10-12 (365)
50.21, 22 (365)
51.1 (291, 299)
52.1 (256)
56.8 (227)
57.1 (86, 299)
58.10, 11 (342)
62.1, 5 (394)
62.11 (407)
66.9 (411)
68.7 (85)
72.8-11 (365)
73 (25, 278)
73.1-17 (291)
73.17 (25)
76.2 (213)
78 (196)
78.38 (281, 282)
84.11 (320)
86.5 (289, 293)
86.15 (297)
89.1 (300)
89.1, 2-4, 5, 8, 24, 33, 34, 49 (249)
89.2 (249)
89.7 (336)
89.8 (247)
89.20, 26, 27 (134)
89.34-36 (325)
90 (203, 207)
90.1 (203, 207)
90.2 (204)
90.3, 4 (204)
90.5, 6 (204, 208)
90.8 (226)
90.9, 10 (208)
90.15 (208)
90.17 (320)
91.1, 2 (86)
92.5 (236)
93 (152, 365)
93.2 (204)
94.11 (228)
95.3-5 (365)
99.5 (336)
100.5 (194)
102.12 (188)
102.12, 27 (204)
102.24, 25 (189)
102.25 (152)
102.25-27 (190)
102.26, 27 (188)
103.8 (275)
103.10 (194, 283, 361)
103.10, 11 (291)
103.11, 12 (294)
103.13 (99, 291)
103.17 (293)
103.19 (365)
103, 20, 21 (377)
104 (257)
104.4 (172)
104.24 (240)
104.27-30 (15)
105.8 (226)
107.8, 15, 21, 31 (257)
108.4 (294)
110 (86)
110.4 (198)
113.5-7 (21)
115.3 (110, 184, 365)
117.2 (294)
119.18 (244)
119.49 (226)
119.50 (313)
119.68 (257)
119.75 (251)
119.89 (194, 369)
119.90 (249)
119.105 (374)
119.120 (331)
119.137 (341)
119.156 (294)
121.2 (418)
136 (293, 300)
136.1-26 (293)
139.1, 2 (225)
139.1-6 (226)
139.2 (228)
139.2-4 (226)
139.7, 8 (156)
139.7-9 (214)
139.7-10 (211)

139.14 (412)
139.23, 24 (397)
143.8-10 (373)
145.3 (210)
145.5 (303)
145.7 (257)
145.8 (257, 275, 297)
145.8, 9 (290)
145.11-13 (365)
145.13 (247)
145.15-17 (257)
145.17 (341)
146.5, 6 (419)
147.5 (110, 215, 222, 225, 235)
149.2 (115)
150.1 (410)

Provérbios
2.1-4 (241)
2.6 (241)
2.7 (241)
2.10 (241)
3.1 (241)
3.5-7 (241, 245)
3.5-8 (241)
3.9-12 (241)
3.13-17 (241)
3.18 (241)
3.19 (240, 241)
5.21 (227)
8.22-24 (135)
8 22-31 (236)
8.22-36 (240)
8.23 (204)
8.24, 25 (134)
12.15 (397)
15.3 (216)
15.11 (228)
15.26 (329)
16.6b (50)
19.21 (191, 230)
20.6 (251)
21.1 (406, 415)
21.30 (365)
30.3, 4 (77)

Eclesiastes
7.29 (327)
8.11 (43, 281)
12.1 (115)
12.7 (171)

Isaías
3.10, 11 (341)
6.1-5 (21)
6.1-10 (335)
6.3 (116, 324, 337)
6.8 (117)
7.14 (146)
9.1-6 (144)
9.6 (77, 144)
11.2 (233)
11.5 (247)
14.24, 27 (191, 370)
17.6 (92)
26.12 (414)
33.22 (116, 341)
37.16 (13)
38.1-8 (196)
40.3 (148)
40.12 (75)
40.12-14 (110)
40.12-31 (215)
40.13, 14 (118, 141, 183)
40.14 (235)
40.15 (74, 75)
40.15, 17 (210)
40.18 (183)
40.18, 25 (74, 183)
40. 23-26 (423)
40.25 (163)
40.25, 26 (408)
40.26 (74)
40.28 (73, 87, 409)
40.28, 29 (87, 185)
40.31 (409)
41.21-23 (117)
41.4 (72, 185)
41.22, 23 (229)
41.26 (229)
41.26, 27 (230)
42.9 (229)
43.2 (217)
43.7-14 (140)
43.10, 11 (13)
43.13 (191)
44.6 (173)
44.6-8 (13, 75)
44.8 (76)
44.24 (411)
44.26 (410)
45.1, 2 (214)
45.18 (85)
46.5 (74)
46.8-11 (191)
46.9, 10 (230)
46.9-11 (378)
46.10 (110, 403)
47.10 (245)
48.16 (114)
53 (379)
53.5 (360)
53.10 (328, 378)
54.5 (85, 115, 139)
54.8 (293, 295)
54.10 (194, 295)
55.3 (295)
55.5 (295)
55.6 (214)
55.8, 9 (18, 72)
57.15 (21, 217, 324)
59.20, 21 (115)
61.1-3 (115)
63.8, 9 (120)
65.2, 3 (285)
66.1, 2 (210)

Jeremias
2.2 (266)
10.6, 7 (420)
10.12 (240)
11.14 (192)
12.1 (341)
15.1 (192)
17.10 (218, 226, 228)
18.8, 10 (197)
23.5 (149)
23.6 (91)
23.23, 24 (211)
23.24 (14, 174)
26.13 (197)
27.6 (214)
31.3 (193, 265)
31.9 (99)
32.17 (410)
32.27 (85)
38.17-20 (229)
51.15 (240)

Lamentações
1.18 (341)
3.22 (292, 300, 320)
3.22, 23 (248, 250, 294)
3.25-33 (394)
3.32, 33 (280)

Ezequiel
9.3, 4 (64)
11.5 (226)
16 (266)
18.23 (280, 383)
18.23-32 (292)
22.14-16 (418)
33.11 (292, 383)
34.15, 16 (145)
48.35 (92)

Daniel
1.6, 7 (84)
2.20 (242)
2.22 (225)
2.23 (242)
4 (183)
4.31-34 (371)
4.33, 34 (184)
4.35 (184, 230, 372, 378)
5.14 (233)
9.9 (299)
9.14 (341)
9.18 (300)
9.19 (116)

Oséias
2.2 (266)
2.9-12, 14-23 (282)
2.23 (270)
4.12-15, 18 (266)
5.3 (266)
6.4 (280)
6.5 (281)
6.6 (301)
6.10 (266)
7.2 (226)
7.4 (266)
9.1 (266)

11.1 (99)
11.8 (295)
11.8, 9 (281)
12.4 (120)
14 (266)

Joel
1.4 (282)
2.13 (275)

Amós
4.2 (325)
7.1-3 (197)
9.6 (417)

Jonas
3.9, 10, 42 (197)
4.2 (275)

Miquéias
5.2 (145)
6.8 (301)

Naum
1.3 (275)

Habacuque
1.13 (324)
2.20 (213)
3.2 (355)

Sofonias
1.14, 15, 18 (358)
2.3 (358)

Ageu
2.4, 5 (142)

Zacarias
7.9 (301)

Malaquias
1.2, 3 (270)
2.10 (99, 139)
3.1, 2 (120)
3.6 (194, 195, 284)

Mateus
1.20, 28 (118)
1.23 (146)
2.11 (152)
3.3 (148)
3.9 (402)
3.13-17 (112)
3.17 (133)
5.45 (258)
6.9 (213)
6.10 (378)
6.19-21 (259)
6.25-34 (258)
6.26 (257, 259)
6.30, 31, 34 (259)
6.33 (260)
7.21 (374)
8.2 (152)
8.28, 29 (98, 133)
8.31 (414)
9.6 (152)
9.18 (152)
10.29, 30 (372)
11.21 (225)
11.27 (28, 108)
12.50 (374)
14.33 (152)
16.15, 16 (133)
17.5 (133)
19.3-12 (388)
19.26 (419)
24.30 (417)
24.35 (249)
24.37 (358)
25.21 (342)
25.24-27 (343)
26.39 (405)
26.42 (379)
26.53, 54 (403)
27.46 (328)
27.54 (133)
28.16-20 (112)
28.18 (361)

Marcos
1.9-11 (112)
1.17 (172)
3.11 (133)
10.18 (255)
10.27 (419)
10.47, 48 (292)
12.24 (401)
12.26 (120)
12.28-30 (272)
12.29-32 (13)
12.31 (272)
13.26 (401)
14.61, 62 (133)
16.15-18 (112)

Lucas
1.11 (118)
1.31, 35 (133)
1.35 (401, 416)
1.50 (293)
1.54, 55 (226, 296)
1.70-72 (226)
1.72, 73 (226)
1.76-79 (296)
2.11-14 (145)
2.29 (118)
3.21-23 (112)
4.14 (401)
4.16 (115)
4.36 (401)
4.41 (133)
5.5, 6, 8 (332)
5.17 (401)
6.19 (401)
6.36 (301)
8.46 (401)
9.1 (401)
10 (98)
10.2 (96, 97)
10.3-11 (97)
10.17 (95)
10.17-20 (97)
10.19 (401)
10.21 (97)
12.47, 48 (374, 394)
13.34 (384)
15 (269)
17.10 (343)
17.32 (357)
19.41, 42 (385)
21.27 (401)
21.33 (194)
22.31 (415)
23.46 (153)
24.39 (172, 175)

João
1 (146)
1.1 (117)
1.1-3 (146)
1.1-5 (121)
1.3 (139)
1.14-18 (134)
1.17 (319)
1.18 (77, 108)
1.32-34 (112)
1.34, 49 (133)
1.51 (119)
3.5, 6 (157)
3.35 (108, 263)
4.24 (114, 171)
4.34 (138, 379)
5 (100, 101, 150)
5.17 (140, 150)
5.17, 18 (99)
5.18 (144)
5.19 (150)
5.19-22 (99)
5.21 (151)
5.22 (151)
5.22, 23 (361)
5.23 (99)
5.24, 25 (151)
5.26 (114, 151, 179)
5.26, 27 (361)
5.27, 30 (151)
5.28, 29 (150)
5.37 (175)
6.39, 40 (379)
6.40, 44 (150)
6.46 (77)
7.16, 17 (374)
7.29 (138)
8.18 (133)
8.23 (22)
8.56-58 (121)
9.31 (375)
10.11, 14 (91)
10.17 (263)
10.18 (151)
10.34 (33, 93)
10.37, 38 (114)
11.27 (133)
13.1 (193)
13.34, 35 (272)
14.16 (138, 155)
14.23 (117, 213)
14.24 (22, 138)
14.26 (138)
14.31 (138, 263)

15.7 (395)
15.9, 10 (263, 273)
15.13 (266)
15.26 (136, 155)
16.7 (136, 138, 155)
16.8-11 (155)
16.13 (155)
16.13, 14 (138)
16.15 (138)
16.32 (217)
17.2 (138)
17.3 (165)
17.5 (108, 181)
17.23, 24, 26 (263)
17.25 (341)
19.7 (133)
19.30 (172)
20.24, 25, 27 (146)
20.28 (146)

Atos
1.8 (401)
2.23 (378)
3.16 (385)
3.19, 20 (363)
4.24 (139, 150, 365)
4.27 (139)
5.3, 4 (156)
5.9 (156)
7.30, 35 (122)
7.36 (122)
7.48-50 (210)
7.60 (153)
8.37 (133)
9.20 (133)
10.25, 26 (152)
10.38 (256, 401)
10.42 (151)
12.22, 23 (282)
13.18 (283)
13.22 (375)
13.33 (134)
13.34 (250)
13.46 (283)
13.46, 47 (239)
14.3 (312)
14.14 (28)
14.16, 17 (283)
14.17 (258)
15.18 (368)
16.6, 7 (380)
16.6-10 (369)
17 (31)
17.16 (28)
17.24-28 (34)
17.24, 25, 28 (74)
17.25 (180)
17.27, 28 (211)
17.28 (214, 413)
17.30, 31 (359, 363)
17.31 (361)
18.24-28 (309)
20.24 (312)
20.32 (312, 346)
21.11, 13, 14 (379)
26.18 (313)
27.22, 25 (318)
27.23, 24 (317)
28.4 (346)

Romanos
1 (31)
1.4 (401)
1.9, 10 (380)
1.18 (28, 62, 347, 348, 356, 359)
1.18-22 (32)
1.18-32 (51)
1.19-26 (283)
1.20 (59, 401, 409)
1.20, 21 (62)
1.23 (52, 243)
1.24 (62)
1.25 (51)
1.29-31 (285)
1.32 (346)
2.4 (275, 277)
2.5-7 (341)
2.8 (346)
2.11-16 (30)
2.14, 15 (60, 62)
2.17, 18 (375)
3.3, 4 (247)
3.5, 6 (347, 356)
3.10, 11 (43)
3.14-16 (415)
3.24 (308)
4.4, 5 (303)
4.17 (411)
4.20, 21 (420)
5.1 (145, 308)
5.5 (271)
5.5-8 (264)
5.7 (255)
5.9 (308, 359, 360, 362)
5.10 (264)
5.15, 17, 21 (320)
5.16, 18 (308)
5.20 (308)
5.21 (305)
6.23 (345)
7.12 (327)
8.16 (29)
8.18 (98)
8.20-22 (290)
8.27 (380)
8.28 (199, 395)
8.32 (265)
8.37-39 (271)
8–11 (278)
9.5 (147)
9.11-13 (354)
9.11-15 (270)
9.14-18 (296)
9.17, 22 (401)
9.18 (385)
9.19 (183, 380)
9.22 (278, 284, 348)
9.23 (300)
9.25 (270)
10.8 (377)
10.9, 13 (154)
11.1-4 (307)
11.5, 6 (307)
11.6 (303)
11.23 (417)
11.28 (271)
11.29 (195)
11.33 (110, 234, 236)
11.33, 34 (72, 181)
11.34 (182, 235)
12.2 (373)
12.6 (314)
12.19 (346, 356)
14.4 (419)
14.13 (393)
14.14 (392)
14.15 (393)
15.5 (276)
15.13, 19 (401)
15.15, 16 (315)
15.30 (263)
15.33 (91)
16.26 (203)
16.27 (235)

1 Coríntios
1.1 (381)
1.18 (401)
1.18-24 (93)
1.20 (245)
1.24 (238, 242, 401, 416)
2.4, 5 (422)
2.5 (401)
2.6, 7, 12 (238)
2.10, 11 (157, 223, 224)
2.12 (224)
3.6, 7, 9 (316)
3.10 (316)
3.18-21 (245)
4.5 (228)
4.6, 8 (343)
4.7 (343)
5.4 (401)
6.12 (393)
6.14 (401, 416)
8.4, 6 (13)
10.3, 4 (122)
10.4 (121)
10.13 (251, 419)
10.23 (392)
10.24 (392, 393)
10.31 (393)
10.32 (393)
10.33 (392)
11.3 (160)
11.30 (250)
12.4-6 (113)
12.8 (233)
15 (93)
15.9 (315)
15.10 (315, 346)
15.18 (93)
15.20-28 (93, 94)
15.24 (96, 145)
15.24, 27, 28 (93)
15.25 (152)

15.28 (138)

2 Coríntios
1.3 (300)
1.12 (318)
1.19 (133)
2.18 (97)
3.17, 18 (96, 156)
3.18 (337)
4.7 (401)
4.15 (314)
5.9 (363)
6.6 (217)
6.7 (401)
8.1, 3, 4, 6, 7 (318)
12.9 (401)
12.9, 10 (154, 310)
13.4 (401, 416)
13.13 (112)

Gálatas
1.4 (381)
1.6, 15, 16 (307)
1.15, 16 (381)
2.20 (265, 346)
3.13 (328)
3.14-22 (193)
3.20 (13)
4.1-7 (100)
4.7 (101)
4.8, 9 (28)
5.16 (286)
5.22 (286)

Efésios
1.1, 5, 11 (381)
1.1-14 (143)
1.3 (99, 267, 319)
1.4, 5 (267, 271)
1.5 (264)
1.5, 6 (321)
1.5, 11 (183)
1.7-9 (237)
1.11, 14 (346)
1.17-19 (401)
1.19 (408)
1.19, 20 (416)
2.1 (267)
2.1-5, 7 (272)
2.1, 5 (305)
2.1-10 (265)
2.4, 5 (266)
2.6 (267)
2.6, 7 (304)
2.7 (306)
2.8 (303)
2.8, 9 (320)
2.10 (416)
2.11-18 (267)
2.12 (46, 48)
2.14-16 (145)
3.1, 6 (238)
3.7 (315)
3.7, 20 (401)
3.8 (313, 316)
3.8-13 (238)
3.9-11 (73)
3.10b (239)
3.11 (239)
3.17-19 (267)
3.19 (72)
3.20 (408, 416)
4.1, 2 (286)
4.4-6 (113)
4.6 (13)
4.7, 8 (314)
4.30 (155)
4.32–5.1 (276)
5.1 (276)
5.3 (363)
5.6 (363)
5.17 (387, 388, 391)
5.18-21 (395)
6.6, 7 (375)
6.10 (401)
6.12 (305)

Filipenses
1.29 (309, 382)
2 (97)
2.6-8 (344)
2.9 (95)
2.10 (95)
2.10, 11 (95, 353)
2.11 (97, 153)
2.13 (381)
3.20, 21 (401)
3.21 (416)
4.7 (72)

Colossenses
1.9, 10 (390, 391)
1.12 (313)
1.16 (139)
1.26, 27 (237)
2.1-3 (236)
2.3 (234)
2.12 (401)
2.14 (360)
3.1 (305)
3.2 (276)
3.12 (286)
3.12, 13 (301)
4.12 (391)

1 Tessalonicenses
1.4 (271)
1.10 (351, 359, 360)
4.3 (376)
4.3-6 (388)
5.14 (287)
5.18 (373, 376)
5.21 (397)
5.23 (91)

2 Tessalonicenses
1.6-9 (346)
1.8, 9 (401)
1.11 (401)
2.13 (271)
2.13, 14 (142)
2.16, 17 (316)

1 Timóteo
1.15 (313, 320)
1.16 (285, 287)
1.17 (175)
1.19 (310)
2 (385)
2.1, 4, 6 (385)
2.5 (13)
4.2 (38)
4.4 (256)
6.16 (77, 175, 401)

2 Timóteo
1.7, 8 (401)
1.9 (304)
1.16-18 (299)
2.13 (192, 247, 252, 345, 405)
3.16 (141)
4.8 (151)

Tito
1.2 (304)
1.15 (38, 50)
1.16 (47, 50)
2.13 (147)
3.4-6 (309)
3.5 (296, 300)
3.7 (308)

Hebreus
1.1, 2 (22)
1.3 (139, 141, 214, 401, 408, 411)
1.5 (134)
1.6 (134, 147, 152)
1.8 (133, 147)
1.10 (151)
1.12 (190, 205)
1.13 (349)
1.13, 14 (171)
1.14 (119, 377)
2.3 (272, 321)
2.18 (419)
3.11 (251)
4.13 (216, 225, 226)
4.14, 15 (317)
4.16 (305, 317)
5.5 (134)
6.1 (243)
6.17 (192, 369)
6.18 (251, 347, 404)
7.22 (360)
9.22 (329)
10.5-7 (373)
10.22 (330)
10.23 (248)
10.26 (28, 298, 351)
10.29 (320)
10.30, 31 (351)
10.31 (317)
11.3 (410)
11.6 (28, 29)
11.34 (310)
12.2 (362, 385)
12.6 (250)
12.9 (172)
12.23 (151)

12.28, 29 (24, 331, 351)
13.20 (91)
13.20, 21 (310)

Tiago
1.5 (242, 244, 319)
1.13 (405)
1.17 (189, 194, 344)
2.13 (298, 355)
2.19 (45)
4.12 (151, 341)
4.13-16 (380)
4.14 (208, 387)

1 Pedro
1.1, 2 (113)
1.2 (142, 157)
1.5 (401)
1.10, 11 (142)
1.11 (155)
1.13 (319)
1.15, 16 (338)
1.16 (337)
1.17 (341)
1.18-20 (304)
1.19, 20 (231)
1.20 (406)
1.23 (313)
1.23-25 (249)
1.24, 25 (370)
2.2 (313)
2.15 (376)
2.6 (140)
2.25 (91, 145)
3.7 (319)
3.17 (382)
3.20 (275, 280, 283)
4.1, 2 (376)
4.10 (314, 315)
4.19 (382)
5.4 (91, 145)
5.6 (423)
5.8 (414)
5.9 (415)
5.10 (310, 311)

2 Pedro
1.1 (147)
1.3 (401, 417)
1.4 (128)
1.11 (152)
1.16 (401)
1.21 (141, 155)
2.5 (280, 283)
3.3-7 (277)
3.4-7 (281)
3.8, 9 (281)
3.9 (277, 385)
3.15 (275, 278)

1 João
1.5 (30)
2.17 (376)
2.18-29 (148)
2.23 (28, 29)
2.29 (341)
3.1 (266)
3.3 (338)
3.7 (341)
3.9 (157)
3.16 (265)
4.8 (262)
4.10 (264)
4.16 (263)
5.7 (113, 114)
5.14 (382)
5.20 (147, 165)

Judas
3 (113)
4 (150)
4-15 (151)
6 (327)
20-22 (113)
24 (416, 420)

Apocalipse
1.4, 5 (113)
1.5-8 (149)
4.11 (179)
4.8 (116, 324)
4.9, 10 (204)
4.11 (371, 382, 405)
5.8-14 (153)
5.11, 12 (401)
6.10 (284, 361)
6.15-17 (352)
6.16, 17 (348, 359, 362)
11.15 (152)
13.8 (304)
16.5, 7 (341)
17.8 (304)
18.8 (418)
19.1 (401)
20.10 (98)
21.5, 6 (148)
21.23 (77)
22.6 (247)
22.8, 9 (152)
22.12, 13 (149)

BIBLIOGRAFIA

à Brakel, Wilhelmus. *The Christian's Reasonable Service*, vol. 1, reedição (Morgan, PA: Soli Deo Gloria Publications, 1992).

Bavinck, Herman. *The Doctrine of God,* reedição (Edimburgo: Banner of Truth, 1991).

Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática* (Grand Rapids: Eerdmans e T.E.L.L., 1981).

Best, W.E. *God is Love* (Houston, Texas: South Belt Assembly of Christ, 1985).

Booth, Abraham. *The Reign of Grace* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949).

Brunner, Emil. *The Christian Doctrine of God* (Londres, 1949).

Calvin, John. *Institutes of the Christian Religion*, editada por John T. McNeill, Library of Christian Classics, vol. XX (Filadélfia: Westminster Press, 1960).

Charnock, Stephen, *The Existence and the Attributes of God*, 2 vols., reedição (Grand Rapids: Baker, 1990).

Dagg, J. L. *Manual of Theology* (Harrisonburg, Virgínia: Gano Books, 1990).

Erickson, Millard J. *Christian Theology* (Grand Rapids: Baker, 1990).

Gill, John. *A Body of Doctrinal and Practical Divinity* (Londres: Whittingham and Rowland, republicada por Primitive Baptist Library, Streamwood, Illinois, 1977).

Grudem, Wayne. *Systematic Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1994).

Hodge, A. A. *Evangelical Theology: Lectures on* Doctrine, reedição (Edimburgo: Banner of Truth, 1990).

_____. *Outlines of Theology*, reedição (Edimburgo: Banner of Truth, 1983).

Hoeksema, Herman. *Reformed Dogmatics* (Grand Rapids: Reformed Free Publishing Association, 1985).

Macleod, Donald. *Behold Your God* (Christian Focus Publications, 1990).

Morris, Leon. *Testaments of Love* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981).

Muller, Richard A. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms* (Grand Rapids: Baker, 1986).

Packer, J. I. *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 1980).

Pieper, Francis. *Christian Dogmatics*, volume 1 (Saint Louis, Missouri: Concordia Publishing House, 1965).

Pink, Arthur W. *Los Atributos de Dios* (Lima: El Estandarte de la Verdad, 1971).

Roubiczek, Paul. *Existentialism For and Against* (Cambridge: Cambridge University Press, 1964).

Shedd, W. G. T. *Dogmatic Theology*, volume 1, reedição (Nashville: Thomas Nelson, 1980).

Sproul, R. C. *If There's a God, Why are there Atheists?* (Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, 1988).

Ware, Bruce A. "An Evangelical Reformulation of the Doctrine of the Immutability of God", *Journal of the Evangelical Theological Society, 29/4* (Dezembro 1986).

Weber, Otto. *Foundations of Dogmatics*, vol. 1, reedição (Grand Rapids: Eerdmans, 1988).